

CORNELIA FUNKE

Morte de tinta

SEGUINTE



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

CORNELIA FUNKE

MORTE
DE TINTA

Ilustrações

Cornelia Funke

Tradução

Carola Saavedra

SEGUINTE
© 2010 Jovens da Companhia das Letras



*Talvez seja a saudade a única
ligação entre as coisas.*

Para Rolf, sempre — *it was the best of things
to be married to Dustfinger.*

Para Ileen, que sabe tudo sobre a perda, e sempre
esteve presente para compreender e aliviar a dor.

Para Andrew, Angie, Antonia, Cam e James, Caroline,
Felix, Mikki e, *last, but for sure not least*, Lionel e Oliver,
que trouxeram tanta luz, calor e amizade em dias escuros.

E para a Cidade dos Anjos, que me alimentou
com beleza e paisagens naturais, e com a sensação
de haver encontrado o meu Mundo de Tinta.





Eu sou a canção que os pássaros cantam.
Eu sou a folha que transforma a terra.
Eu sou a maré que move a lua.
Eu sou a corrente que a areia detém.
Eu sou as nuvens que o vento leva.
Eu sou a terra que o sol ilumina.
Eu sou o fogo que golpeia a pedreira.
Eu sou o barro que dá forma à mão.
Eu sou a palavra que o homem pronuncia.

Charles Causley, *I am the song*



Agradecimentos



Na realidade, não tenho muito mais a acrescentar aos meus agradecimentos em *Sangue de tinta!* Continuam sendo as mesmas pessoas que ajudaram a transformar meu manuscrito num livro: Ursula Heckel, minha editora, que mais uma vez revisou cuidadosamente cada uma das minhas páginas, Martina Petersen, produtora da editora Cecilie Dressler, que costurou para o meu livro um belíssimo traje, e Anke Metz, a encadernadora, que mais uma vez cuidou para que Mo não cometesse nenhum erro crucial ao encadernar livros.

Meu agradecimento vai também para Katja Muissus, responsável pelo belíssimo material de divulgação, os revisores Jutta Kirchner e Udo Bender — e, desta vez, também para Jutta Hävecker, que assessorou a mim e a Ursula Heckel durante o trabalho de edição (e nos ajudou a encontrar e-mails perdidos!).

Um agradecimento especial vai para a Inglaterra, a Anthea Bell, minha incrível tradutora, que leu a história já na segunda versão, tornando-se assim a primeira leitora de todos (com a permissão da minha filha Anna, que estava até o pescoço de leituras para o colégio). Todas as noites eu mandava um capítulo corrigido para Cambridge, e na manhã seguinte, a reação de Anthea me aguardava na minha caixa de e-mails. Ela me acompanhou por muitas, muitas semanas, a primeira a se aventurar comigo pela história, e que esperava impaciente para saber mais. Espero poder contar com essa inestimável ajuda no próximo livro também.

Naturalmente, agradeço também a todos os encadernadores, impressores e representantes da editora Cecilie Dressler, e *last, but not least*, aos livreiros! Cada palavra dos meus agradecimentos em *Sangue de tinta* vale também para *Morte de tinta*. É necessário o trabalho de muitas pessoas para que um livro chegue às mãos do leitor, e meu trabalho é apenas o primeiro passo.

Saudações... de Los Angeles,
Cornelia Funke

Sumário

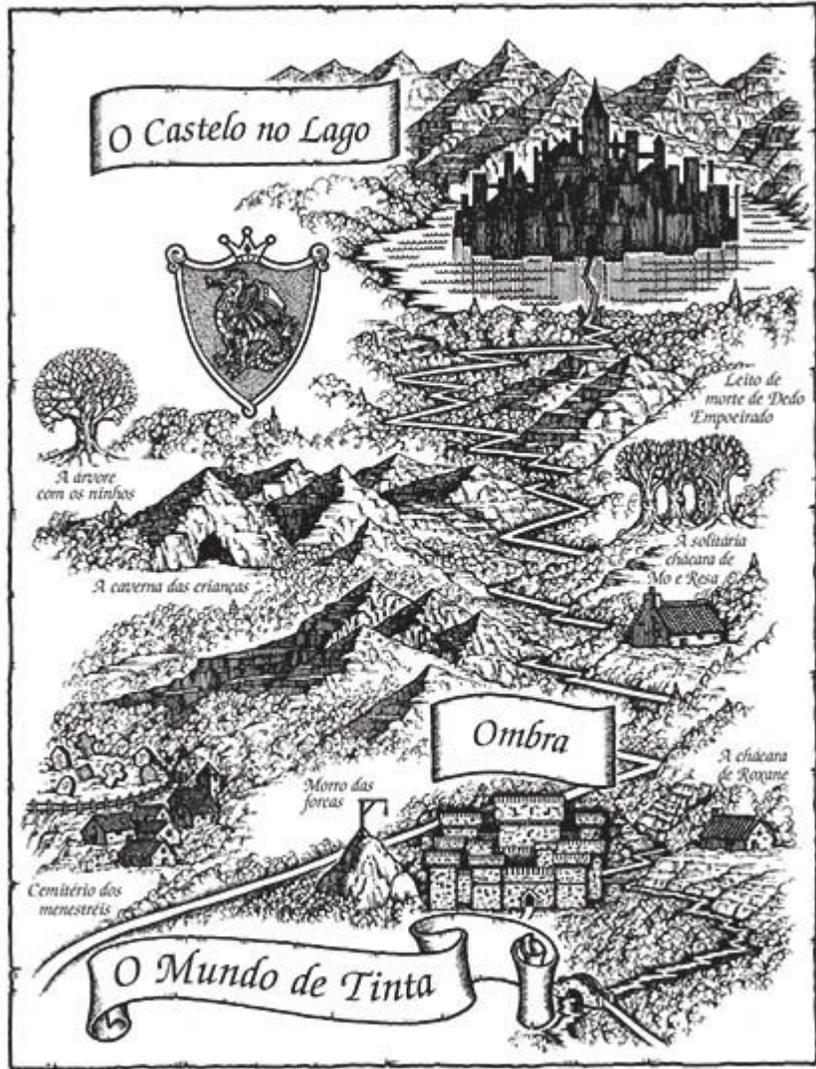


1. Nada além de um cachorro e uma folha de papel
2. Somente um vilarejo
3. Prata escrita
4. Roupas de tinta
5. Fenoglio tem pena de si mesmo
6. Triste Ombra
7. Uma visita perigosa
8. A dor de Roxane
9. Artimanha
10. Como se nada tivesse acontecido
11. Doente de saudade
12. Novamente a serviço de Orfeu
13. No meio do coração
14. Notícia de Ombra
15. Palavras em voz alta, palavras em voz baixa
16. A oferta do Pífaros
17. O falso medo
18. Um ajudante perigoso
19. Mãos de soldado
20. Uma noite insone
21. Palavras más
22. Mordendo a isca
23. O cemitério dos menestréis
24. Culpa

- [25. Fim e começo](#)
- [26. Uma voz conhecida](#)
- [27. Perdido e de volta](#)
- [28. Uma nova canção](#)
- [29. Visita no porão de Orfeu](#)
- [30. O fogo do Pássaro Tisnado](#)
- [31. A resposta do Gaio](#)
- [32. Finalmente](#)
- [33. Ervas para a Feia](#)
- [34. Queimadas](#)
- [35. A próxima estrofe](#)
- [36. A visita surpresa](#)
- [37. Apenas uma gralha](#)
- [38. Lembranças ao Pífaru](#)
- [39. Crianças roubadas](#)
- [40. Uma nova gaiola](#)
- [41. Imagens feitas de cinzas](#)
- [42. A audiência com o Cabeça de Víbora](#)
- [43. Quatro frutas vermelhas](#)
- [44. A mão da morte](#)
- [45. Escrito e não escrito](#)
- [46. O Castelo no Lago](#)
- [47. O papel das mulheres](#)
- [48. A espera](#)
- [49. Novos e antigos senhores](#)
- [50. Velho preguiçoso](#)
- [51. Os falsos ajudantes](#)
- [52. Os mortos na floresta](#)
- [53. Ninhos de humanos](#)
- [54. Um sussurro branco](#)
- [55. Na hora errada](#)
- [56. Fogo e escuridão](#)
- [57. Tarde demais?](#)
- [58. Ajuda das distantes montanhas](#)
- [59. O anjo do Gaio](#)
- [60. Mãe e filho](#)

- [61. Trocando de roupa](#)
- [62. Negro](#)
- [63. Ah, Fenoglio!](#)
- [64. Luz](#)
- [65. Visível](#)
- [66. Amor vestido de ódio](#)
- [67. O outro nome](#)
- [68. De volta](#)
- [69. Na câmara do Cabeça de Víbora](#)
- [70. Palavras em chamas](#)
- [71. O Encadernador](#)
- [72. Tantas lágrimas](#)
- [73. O íncubo](#)
- [74. A outra página](#)
- [75. O livro](#)
- [76. A noite branca](#)
- [77. Fim](#)
- [78. A carta errada](#)
- [79. Partida](#)
- [80. Ombra](#)
- [81. Mais tarde](#)

[Quem é quem](#)
[Referências bibliográficas](#)



O Castelo no Lago



A árvore com os ninfas



A caverna das crianças

Leito de morte de Deão Empoetrado



A solitária chácara de Mo e Rosa

Ombra

Morro das forcas

A chácara de Roxane

Cemitério dos menestres

O Mundo de Tinta



1. Nada além de um cachorro e uma folha de papel



*Ouçam, o passo da noite morre
no vasto silêncio;
a luz sobre a minha escrivaninha canta
baixo como um grilo.*

*Douradas sobre a estante
brilham as lombadas dos livros:
pilares para as pontes
da viagem ao país das fadas.*

Rainer Maria Rilke, "Larenopfer"/*Vigilien III*



A luz da lua se derramava pelo roupão de Elinor, pela sua camisola, seus pés descalços, e pelo cachorro deitado a seus pés. O cachorro de Orfeu. Ele a fitava com seus olhos de permanente tristeza. Como se ele se perguntasse por que, com tantos aromas inquietantes no mundo, ela estava ali no meio da noite, sentada em sua biblioteca, rodeada de livros silenciosos, olhando para o nada.

— É, por quê? — perguntava-se Elinor em meio ao silêncio.

— Porque eu não consigo dormir, seu bicho burro. — Mesmo assim deu-lhe uns tapinhas na cabeça. "A que ponto chegamos, Elinor!", pensou, enquanto se levantava com dificuldade da poltrona. "Agora você passa a noite conversando com um cachorro. Isso porque você não suporta cães, e este menos ainda, que a cada respiração arfante te faz lembrar do seu detestável dono!"

Sim, ela ficara com o cão, apesar da lembrança dolorosa que ele provocava, e também com a poltrona, apesar da Gralha ter sentado nela. Mortola... Quantas vezes ela imaginou ter ouvido a sua voz ao

entrar na biblioteca silenciosa, quantas vezes vira Mortimer e Resa parados entre as estantes, ou Meggie, sentada em frente à janela, um livro no colo, o rosto escondido por trás dos cabelos lisos e louros... Lembranças. Era tudo o que lhe restava. Nem um pouco mais concretas do que as imagens evocadas pelos livros. Mas o que restaria se ela perdesse também essas lembranças? Então, ficaria definitivamente sozinha outra vez — com o silêncio e o vazio em seu coração. E um cão feio.

Seus pés pareciam tão envelhecidos sob a pálida luz da lua. “O luar!”, pensou, enquanto mexia os dedos. Tantas histórias nas quais possuía poderes mágicos. Tudo mentira. A sua cabeça inteira estava entupida de mentiras impressas. Nem mesmo para a lua ela conseguia olhar sem que sua vista ficasse obscurecida por uma nuvem de letras. Se fosse possível apagar todas as palavras do cérebro e do coração e ver o mundo apenas com os próprios olhos, uma vez que fosse!

“Céus, Elinor, você está novamente com esse humor maravilhoso!”, pensou, enquanto tateava até a vitrine onde guardava o que Orfeu deixara para trás, além do cachorro. “Você se banha em autocomiseração da mesma forma que esse cachorro burro em cada poça d’água que encontra.”

A folha de papel por trás do vidro protetor parecia insignificante, nada além de uma folha de papel comum, pautada, e escrita com letra espremida e tinta azul-pálido. Nem comparação com os livros suntuosamente ilustrados da outra vitrine — mesmo que se percebesse em cada letra o quanto Orfeu estava convencido de si mesmo. Tomara que os elfos de fogo tenham lhe queimado aquele sorriso autocomplacente dos lábios!, pensava Elinor enquanto abria a vitrine. Tomara que os encouraçados o tenham espetado com suas lanças — ou, melhor ainda: que ele tenha morrido de fome na Floresta sem Caminhos, bem, bem lentamente. Não era a primeira vez que ela traçava o triste fim de Orfeu no Mundo de Tinta. Seu coração solitário tinha prazer com essas imagens, mais do que com qualquer outra coisa.

A folha de papel já estava ficando amarelada. Papel barato. Ainda por cima. E aquelas palavras, nem dava para imaginar que

elas haviam transportado o seu autor para outro mundo, bem diante dos olhos de Elinor. Ao lado da folha de papel havia três fotos — uma de Meggie e duas de Resa, uma de quando era criança e outra tirada havia poucos meses, na qual ela aparecia ao lado de Mortimer. Os dois tão sorridentes. Tão felizes. Não passava uma noite sem que Elinor contemplatesse aquelas fotos. Ao menos já não lhe escorriam as lágrimas pelo rosto, mas elas continuavam ali, no seu coração. Lágrimas salgadas. O coração a ponto de transbordar. Uma sensação horrível.

Perdidos.

Meggie.

Resa.

Mortimer.

Fazia quase três meses que eles haviam desaparecido. No caso de Meggie eram inclusive alguns dias a mais...

O cachorro se espreguiçou e veio trotando sonolento em sua direção. Ele enfiou o focinho no bolso do seu roupão, na certeza de que ali sempre encontraria alguns biscoitos para cães.

— Está certo, está certo — murmurou ela enquanto lhe colocava uma daquelas coisinhas malcheirosas na boca. — Onde está o seu dono, hein? — Ela aproximou a folha de papel do seu nariz e o idiota a cheirava como se realmente pudesse sentir o cheiro de Orfeu por trás das letras.

Elinor olhou fixamente para as palavras pronunciando-as: *Nas ruelas de Ombra...* Quantas vezes nas últimas semanas ela estivera assim à noite, rodeada de livros que não significavam mais nada desde que ficara novamente sozinha com eles. Eles se calavam, como se soubessem que ela os trocaria sem pensar duas vezes pelas três pessoas que havia perdido. Perdido dentro de um livro.

— Eu vou aprender, maldita seja! — Sua voz soou teimosa como a de uma criança. — Eu vou aprender a ler de modo a que os livros tenham que engolir a mim também, ah, se vou!

O cachorro olhava para ela como se acreditasse em cada uma das suas palavras, mas Elinor não acreditava em nada do que dizia. Não. Ela não era uma língua encantada. Mesmo que tentasse uma dúzia de anos mais e continuasse tentando — as palavras não

ressoavam quando ela as pronunciava. Elas não cantavam. Não como com Meggie e Mortimer — ou o três vezes amaldiçoado Orfeu. Apesar de ela tê-las amado tanto durante toda a sua vida.

A folha tremia entre os seus dedos quando ela começou a chorar. Ali estavam elas novamente, as lágrimas, apesar de tê-las segurado por tanto tempo, todas as lágrimas em seu coração. Ele simplesmente transbordara. Elinor soluçava tão alto que o cachorro se encolheu assustado. Era absurdo que escorresse água dos olhos quando o que doía era o coração. Nos livros, as heroínas trágicas costumavam ser terrivelmente lindas. Nem uma palavra sobre olhos inchados ou um nariz vermelho. “Eu sempre fico com o nariz vermelho quando choro”, pensou Elinor. “Talvez por isso eu não apareça em livro nenhum.”

— Elinor?

Ela se virou e secou rapidamente as lágrimas do rosto.

Darius estava ali junto à porta, vestindo o roupão grande demais que ela havia lhe dado de presente no seu último aniversário.

— O que foi? — falou com aspereza. Onde estava aquele lenço novamente? Fungando, ela o tirou da manga e limpou o nariz. — Três meses, faz três meses que eles desapareceram, Darius! Por acaso não é razão para chorar? É. Não me olhe assim tão compadecido com seus olhos de coruja. Não importa quantos livros nós compremos — ela apontou com um gesto amplo para a estante repleta —, tanto faz quantos nós arrematemos, troquemos, roubemos. Nenhum deles me diz o que eu quero saber! Milhares de páginas, e em nenhuma delas há uma única palavra sobre quem eu quero ouvir. Do que me interessam todos os outros? Eu quero ouvir somente a história deles! Como está Meggie? Como estão Resa e Mortimer? São felizes, Darius? Estão vivos? Será que eu vou voltar a vê-los algum dia?

Darius passou os olhos pelos livros, como se pudesse encontrar a resposta em algum deles. Mas então ele se calou, assim como todas aquelas páginas impressas.

— Vou buscar um copo de leite com mel para você — disse ele finalmente e desapareceu em direção à cozinha.

E Elinor ficou novamente só com todos aqueles livros, o luar e o cão feio de Orfeu.

2. Somente um vilarejo



*O vento era uma torrente de escuridão entre as árvores
tempestuosas,
A lua era um galeão fantasmagórico, arremessado sobre mares
nebulosos,
A estrada era uma faixa de luar sobre o pântano roxo,
E o salteador veio vindo —
Vindo — vindo —
O salteador veio vindo, até a velha porta da estalagem*
Alfred Noyce, *O salteador*



As fadas já começavam a dançar entre as árvores, enxames de pequeníssimos corpos azuis. Suas asas capturavam a luz das estrelas, e Mo notou que o Príncipe Negro olhava preocupado para o céu. O céu continuava tão negro como os morros em volta, mas as fadas nunca se enganavam. Somente a manhã que se aproximava poderia atraí-las para fora de seus ninhos numa noite tão fria como aquela, e o vilarejo, cuja colheita os ladrões queriam salvar dessa vez, ficava perigosamente perto de Ombra. Assim que amanhecesse eles teriam que partir.

Uma dúzia de cabanas miseráveis, um par de campos pobres e pedregosos, e um muro que mal poderia conter uma criança, muito menos um soldado — isso era tudo. Um vilarejo como tantos outros. Trinta mulheres, nenhum homem e três dúzias de crianças sem pai. Dois dias antes, no vilarejo vizinho, os soldados do novo governador tinham levado quase toda a colheita. Lá eles haviam chegado tarde demais. Mas ali ainda era possível salvar alguma coisa. Estavam cavando havia horas, mostrando às mulheres como esconder animais e alimentos debaixo da terra...

O Homem Forte trouxe o último saco de batatas desenterradas às pressas. Seu rosto rude estava vermelho devido ao esforço. Ele adquiria essa cor também quando lutava ou ficava bêbado. Juntos, depositaram o saco no esconderijo que haviam construído logo atrás dos campos. Nos morros em volta, os sapos coaxavam tão alto como se quisessem apressar o dia, e Mo arrastou para a entrada o emaranhado de galhos que escondia o lugar dos soldados e cobradores de impostos. Entre os casebres, os sentinelas começavam a ficar inquietos. Eles também tinham visto as fadas. Sim, já era tempo de ir embora, de voltar para a floresta, onde sempre era possível encontrar um esconderijo, apesar de o novo governador mandar cada vez mais patrulhas para os morros. O Pardal, assim o haviam batizado as viúvas de Ombra. Um nome apropriado para o cunhado fracote do Cabeça de Víbora. Mas sua fome, do pouco que seus subordinados possuíam, era insaciável.

Mo passou o braço pelos olhos. Céus, estava cansado. Havia dias que quase não dormia. Eram simplesmente demasiados os vilarejos nos quais os soldados ainda poderiam aparecer.

— Você parece esgotado — dissera-lhe Resa no dia anterior ao acordar ao seu lado, sem imaginar que ele só fora deitar quando já estava amanhecendo lá fora. E ele lhe falara de pesadelos, e que havia passado as horas de insônia trabalhando no livro que estava encadernando a partir dos desenhos dela, fadas e homens de vidro. Também naquele dia ele tinha a esperança de que Resa e Meggie estivessem dormindo quando voltasse à chácara solitária na qual o Príncipe Negro os havia acomodado, uma hora a oeste de Ombra e longe da terra onde o Cabeça de Víbora ainda governava, feito imortal por um livro que as suas próprias mãos haviam encadernado.

“Em breve”, pensou Mo. “Em breve deixará de protegê-lo.” Mas quantas vezes ele já se dissera isso. E o Cabeça de Víbora continuava imortal.

Uma menina se aproximou relutante. Quantos anos teria? Seis? Sete? Muito tempo se passara desde a época em que Meggie fora desse tamanho. Tímida, ela se deteve a um passo dele.

O Afanador saiu da escuridão e se aproximou da criança.

— Sim, olhe para ele! — murmurou para a pequena. — É ele mesmo! O Gaio. Crianças como você, ele come no jantar!

O Afanador adorava aquelas brincadeiras. Mo engoliu em seco as palavras que insistiam em sair da sua boca. A menina era loura como Meggie.

— Não acredite em uma única palavra do que ele diz! — sussurrou-lhe. — Por que você não está dormindo como os outros?

A criança olhou para ele. Depois arregaçou-lhe a manga até ser possível ver a cicatriz. A cicatriz de que falavam as canções...

Ela a olhava com olhos enormes, e uma mistura de respeito e medo que ele já vira em tantos olhos. O Gaio. A criança voltou para sua mãe e Mo se ajeitou. Sempre que o peito lhe doía, onde Mortola o ferira, parecia-lhe que havia entrado ali dentro — o ladrão a quem Fenoglio dera seu rosto e sua voz. Ou teria estado sempre ali, apenas adormecido, até que Fenoglio o despertara?

Às vezes, quando traziam carne e alguns sacos de cereal roubados dos administradores do Pardal para um dos vilarejos famintos, as mulheres vinham até ele e beijavam-lhe as mãos.

— Vão agradecer ao Príncipe — ele lhes dizia, mas o Príncipe ria da ideia. — Arranje um urso — ele disse —, aí elas vão te deixar em paz.

Em um dos casebres, uma criança começou a chorar. A noite adquiria tons avermelhados, e Mo imaginou ouvir o trotar de cavalos. Cavaleiros, no mínimo uma dúzia, talvez mais. Rapidamente os ouvidos aprendiam a ler barulhos, muito mais rápido do que os olhos a decifrar letras. As fadas se dispersavam em todas as direções. As mulheres gritavam e corriam para os casebres onde dormiam seus filhos. A mão de Mo segurou a espada como se tivesse vontade própria. Como se nunca tivesse feito outra coisa. Era a mesma espada que ele levava do Castelo da Noite, a espada que pertencera ao Raposa Vermelha.

Alvorada.

Não diziam que eles sempre apareciam na alvorada porque adoravam o vermelho do céu? Tomara que estivessem bêbados, vindo de uma das intermináveis festas do seu senhor.

O Príncipe indicou aos ladrões o muro que circundava o vilarejo, não mais do que algumas camadas de pedras. As cabanas também mal poderiam oferecer abrigo. O urso arfava e gemia, e lá vinham eles saídos da escuridão: cavaleiros, mais de uma dúzia, o novo brasão de Ombra no peito, um basilisco com fundo vermelho. Obviamente, eles não esperavam encontrar homens, mulheres chorando, crianças gritando sim, mas não homens, ainda mais homens armados. Perplexos, pararam os cavalos.

Sim, estavam bêbados. Bom. Isso os deixaria mais lentos.

Eles não hesitaram por muito tempo. Logo viram que estavam muito mais bem armados do que os ladrões maltrapilhos. E eles tinham cavalos.

Idiotas. Morreriam antes mesmo de perceber que o que contava era outra coisa.

— Todos! — murmurou o Afanador para Mo. — Temos que matar todos eles, Gaio. Espero que o seu coração mole saiba disso. Se apenas um deles voltar para Ombra, amanhã este vilarejo estará em chamas.

Mo concordou com a cabeça. Como se ele não soubesse.

Os cavalos relincharam alto quando seus cavaleiros os incitaram em direção aos ladrões, e Mo sentiu novamente, como antes, na Montanha da Víbora, quando matara Basta — o sangue frio. Frio como a geada sob seus pés. O único medo que ele sentia era o medo de si mesmo. Então vieram os gritos. Os gemidos. O sangue. O próprio coração batendo, alto e rápido demais. Bater e afundar a espada, retirá-la da carne estranha, a umidade do sangue estranho em suas roupas, rostos deformados pelo ódio (ou seria medo?). Por sorte não era possível ver muita coisa por baixo dos elmos. Muitas vezes eles eram tão jovens! Membros decepados, pessoas decepadas. Cuidado, atrás de você: Mate. Rápido. Não deve sobrar nenhum.

Gaio.

Um dos soldados murmurou o nome antes que ele o matasse. Talvez em seu último suspiro ele tivesse pensado na prata que poderia receber no Castelo de Ombra por seu cadáver, mais prata do que um soldado poderia roubar durante toda a sua vida. Mo

puxou a espada para fora do seu peito. Eles tinham vindo sem a sua armadura. Para que alguém precisaria de armadura contra mulheres e crianças? Ficava-se tão frio ao matar, apesar da ardência da pele e o sangue que fluía como numa febre.

Sim, mataram todos eles. Nas cabanas reinava o silêncio, quando jogaram os cadáveres morro abaixo. Dois pertenciam ao povoado e seus ossos se misturariam aos dos inimigos. Não eram tempos para enterros.

O Príncipe Negro tinha um corte feio no ombro. Mo lhe fez um curativo da melhor maneira possível enquanto o urso o acompanhava preocupado. Uma criança saiu de uma das cabanas, a menina que havia lhe levantado a manga. De longe parecia mesmo com Meggie. Meggie, Resa — tomara que ainda estivessem dormindo quando ele voltasse. Se não, como iria explicar todo aquele sangue? Todo aquele sangue.

“Em algum momento, as noites iriam sobrepor-se aos dias”, Mortimer, pensou. Noites sangrentas, dias de paz — dias em que Meggie lhe mostrava tudo aquilo que na torre do Castelo da Noite pudera apenas contar; ninfas, a pele coberta de escamas, em pântanos cobertos de pétalas, pegadas de gigantes há muito desaparecidos, flores que sussurram ao serem tocadas, árvores que cresciam até o céu, mulheres do musgo que surgem entre suas raízes, como se tivessem se desprendido do tronco... dias de paz. Noites sangrentas.

Eles levaram os cavalos consigo e eliminaram ao máximo os vestígios da luta. Nas palavras de agradecimento que as mulheres balbuciavam ao se despedir, misturava-se o medo. Elas tinham visto com os próprios olhos que seus salvadores entendiam tanto da morte como seus inimigos.

O Afanador voltou ao acampamento dos ladrões com os cavalos e a maioria dos homens. Eles o mudavam quase todos os dias. Momentaneamente ficava num precipício escuro, que mesmo de dia mal deixava entrar a claridade. Mandariam buscar Roxane, para que ela cuidasse dos feridos. Enquanto isso, Mo voltaria para a chácara abandonada onde dormiam Resa e Meggie, lugar que o Príncipe havia conseguido para eles porque Resa não queria viver no

acampamento dos ladrões, e também Meggie, que depois de todas aquelas semanas sem lar, tinha necessidade de uma casa.

O Príncipe Negro acompanhou Mo como fazia frequentemente.

— Claro. O Gaio nunca viaja sem sua comitiva! — zombou o Afanador antes de se separarem. Mo teve vontade de jogá-lo para fora do cavalo. O coração ainda batia acelerado demais por conta de todas aquelas mortes, mas o Príncipe o conteve.

Eles foram a pé. Dessa forma o caminho era dolorosamente longo para os seus membros cansados, mas seus passos seriam mais difíceis de seguir do que os dos cavalos. E a chácara tinha que continuar segura, já que tudo o que Mo amava estava ali.

A casa e os estábulos semidestruídos surgiram de repente por entre as árvores, como se alguém os houvesse esquecido lá. Dos campos que um dia haviam alimentado a chácara não restava nada. Também o caminho que um dia levava ao próximo vilarejo tinha desaparecido havia tempos. A floresta havia engolido tudo. Aqui já não se chamava a Floresta sem Caminhos, como ao sul de Ombra. Aqui ela tinha tantos nomes como vilarejos dentro dela: Floresta das Fadas, Floresta Escura, Floresta das Mulheres do Musgo. Ali, onde o ninho do Gaio se escondia, ela tinha o nome de Floresta da Cotovia, se fosse para acreditar no que o Homem Forte dizia. — Floresta da Cotovia? Bobagem. O Homem Forte dá nome de pássaros a tudo! Com ele, até as fadas recebiam nomes de pássaro, apesar de elas não suportarem os pássaros! — é o que dissera Meggie. — Baptista diz que ela se chama Floresta das Luzes. Combina bem mais, ou você já viu alguma vez uma floresta com tantos vaga-lumes e elfos de fogo? E também todos os pirilampus nas copas das árvores à noite...

Independentemente de como se chamasse a floresta, a paz debaixo das árvores encantava Mo todas as vezes e o lembrava de que aquilo também pertencia ao Mundo de Tinta, assim como os soldados do Pardal. Os primeiros raios de sol se esgueiravam através dos galhos e coloriam as árvores de um dourado-pálido, e as fadas dançavam como se estivessem bêbadas nos frios raios de sol de outono. Elas voejavam diante do rosto peludo do urso até ele afastá-las com a pata, e o Príncipe, com um sorriso, segurou uma

daquelas pequenas criaturas junto ao ouvido, como se pudesse compreender o que aquelas vozesinhas agudas resmungavam.

O outro mundo era assim também? Por que será que ele mal se lembrava? Tinha a vida por lá a mesma mistura apaixonante: de escuridão e luz, de horror e beleza — tanta beleza, que às vezes fazia com que ele se sentisse embriagado?

O Príncipe Negro colocara os seus homens para tomar conta da chácara dia e noite. Hoje era o Lagartixa um deles. Ele saiu do chiqueiro em ruínas com expressão de mau humor quando eles surgiram por entre as árvores. Lagartixa estava sempre em movimento, um homem baixinho com olhos levemente salientes, o que lhe dera aquele apelido. Um de seus corvos domesticados estava parado sobre seu ombro. O Príncipe usava os pássaros como mensageiros, mas na maioria das vezes eles roubavam para Lagartixa no mercado. Mo ficava sempre impressionado com tudo o que eles conseguiam carregar em seu bico.

Quando viu o sangue em suas roupas, Lagartixa ficou pálido. Mas, aparentemente, a chácara solitária continuava intocada pelas sombras do Mundo de Tinta aquela noite.

Mo quase tropeçou de cansaço sobre os próprios pés quando ia até o poço, e o Príncipe segurou-o pelo braço, mesmo cambaleando ele próprio de cansaço.

— Hoje foi por pouco — disse em tom tão baixo, como se temesse que a sua voz espantasse a paz, feito uma aparição fantasmagórica. — Se não formos mais cuidadosos, da próxima vez os soldados já estarão nos esperando no próximo vilarejo. Com a recompensa que o Víbora está oferecendo pela sua cabeça dá para comprar Ombra inteira. Eu mal confio nos meus homens ainda e nos vilarejos até mesmo as crianças te reconhecem. Talvez você devesse ficar aqui por um tempo.

Mo espantou as fadas que vojavam sobre o poço e puxou o balde de madeira para fora.

— Bobagem. Eles conhecem você também.

A água brilhava no fundo, como se a lua tivesse se escondido lá dentro antes do amanhecer. “Como no poço diante da cabana de Merlin”, pensou Mo enquanto refrescava o rosto com a água limpa e

lavava o corte no antebraço que algum dos soldados lhe fizera. “Só faltava Arquimedes vir voando até o meu ombro e Wart surgir de dentro da floresta...”

— Por que esse sorriso? — O Príncipe Negro encostou-se no poço ao seu lado enquanto o seu urso rolava resfolegante na terra coberta de orvalho.

— Por causa de uma história que eu li uma vez — Mo colocou o balde de água diante do urso. — Um dia eu te conto. É uma boa história. Mesmo com um final triste.

Mas o Príncipe fez que não com a cabeça e passou a mão sobre o rosto cansado.

— Não, se tem um final triste, eu não quero saber.

O Lagartixa não era o único que tomava conta da chácara adormecida. Mo sorriu ao ver Baptista saindo do celeiro em ruínas. Baptista não gostava muito de lutas, mas de todos os ladrões era dele e do Homem Forte de quem Mo mais gostava, e parecia-lhe mais fácil sair à noite quando um dos dois guardava o sono de Resa e Meggie. Baptista continuava se apresentando como bufão nos mercados, mesmo que os seus espectadores mal tivessem uma moeda sobrando. — Eles não devem perder totalmente a capacidade de rir! — ele dizia, quando o Afanador caçoava dele por isso. Ele gostava de esconder o seu rosto marcado pela varíola por trás das máscaras que ele mesmo confeccionava, sorridentes, chorosas, dependendo do seu humor no momento. Mas ao se aproximar de Mo no poço, ele não lhe entregou uma máscara, mas um pacote de roupas pretas.

— Saudações, Gaio — ele disse com a mesma reverência com que saudava o seu público. — Sinto por ter demorado um pouco mais com a sua encomenda. A linha tinha acabado. É um produto em falta em Ombrá, como todo o resto, mas por sorte o Lagartixa — ele se curvou em sua direção — mandou um de seus amigos de penas negras para que roubasse alguns carretéis de um desses comerciantes, que, graças ao nosso novo governador, ainda são ricos.

— Roupas pretas? — O Príncipe lançou a Mo um olhar interrogativo. — Para que isso?

— Roupas de encadernador. Esta continua sendo a minha profissão, você esqueceu? E à noite o preto é uma boa camuflagem. Isto aqui — Mo tirou a camisa manchada de sangue — eu deveria tingir de preto. De outro modo mal vou poder usar.

O Príncipe olhou para ele pensativo. — Vou dizer novamente, mesmo que você não queira ouvir. Fique alguns dias aqui. Esqueça o mundo lá fora, assim como ele esqueceu esta chácara.

A preocupação no rosto escuro comoveu Mo, e, por um momento, ele quase sentiu a tentação de devolver o pacote negro a Baptista. Mas foi somente quase.

Quando o Príncipe foi embora, Mo escondeu a camisa e a calça manchadas de sangue na antiga casa com fornalha que ele havia transformado em oficina e vestiu as roupas pretas. Elas serviram perfeitamente, e ele as estava usando quando se esgueirou de volta para a casa. Juntamente com a manhã que entrava pelas janelas sem vidros.

Meggie e Resa ainda dormiam. Uma fada havia entrado por engano no quarto de Meggie. Com algumas palavras em voz baixa, Mo a atraiu para a sua mão. — Vejam só — dizia Afanador sempre. — Até mesmo as malditas fadas adoram a sua voz. Eu sou realmente o único a quem ela não enfeitiça. Mo levou a fada até a janela e deixou-a voar para fora. Ele cobriu Meggie, como todas as noites em que houvera apenas eles dois, e observou o seu rosto. Dormindo ela parecia tão jovem. Acordada parecia bem mais adulta. Ela murmurava um nome enquanto dormia. Farid. Será que nos tornamos adultos quando nos apaixonamos pela primeira vez?

— Onde você esteve?

Mo virou-se. Resa estava parada na porta e esfregava os olhos para espantar o sono.

— Fui ver as fadas durante a sua dança matinal. As noites estão ficando cada vez mais frias. Em pouco tempo elas quase não vão mais sair dos seus ninhos.

De qualquer forma não era uma mentira. E as mangas do casaco negro eram longas o suficiente para esconder o corte em seu antebraço. — Vem, senão iremos acordar a nossa filha mais velha.

Ele a levou para o quarto onde dormiam.

— Que roupas são essas?

— Roupas de encadernador. Baptista as costurou para mim. Pretas como tinta. Combina, não? Eu pedi a ele que cortasse algo também para você e para Meggie. Em breve você vai precisar de um vestido novo.

Ele colocou a mão sobre a sua barriga. Ainda não se podia ver. Uma nova criança, trazida do antigo mundo, mas só percebida nesse. Não fazia nem uma semana que Resa lhe contara. — O que você prefere, uma filha ou um filho? — Eu posso preferir algo assim? — perguntou ele, tentando imaginar como seria ter pequenos dedos novamente em suas mãos, tão pequenos que mal conseguiriam segurar seu polegar. Na hora certa — agora que Meggie estava tão crescida que já não podia mais chamá-la de criança.

— O enjoo está piorando. Amanhã vou falar com Roxane. Ela com certeza sabe o que fazer.

— Com certeza. — Mo a abraçou.

Dias de paz. Noites sangrentas.



3. Prata escrita



*E assim ele saboreando sobretudo as coisas sombrias,
Quando, em seu aposento despido, corridas as gelosias,
O quarto alto e azul, duramente tomado de humildade,
Lia o seu romance, aí repensado com tenacidade,
Cheio de pesados céus ocre e florestas inundadas,
De pétalas de carne em lenhos siderais transmutadas,
Vertigem, desabamentos, derrotas e compaixão!*
Arthur Rimbaud, *Os poetas de sete anos*



Obviamente, não era Orfeu quem cavava. Lá estava ele, elegantemente vestido, observando como Farid suava. Ele já o fizera cavar em dois lugares, e o buraco, no qual Farid trabalhava agora, já estava tão fundo que a borda lhe chegava à altura do peito. A terra era úmida e pesada. Havia chovido muito nos últimos dias, e a pá que o Montanha de Carne lhe conseguira não servia para nada. Além disso, havia o enforcado sobre a cabeça de Farid. O vento frio o fazia balançar para lá e para cá, preso por uma corda apodrecida. E se o corpo caísse e ele acabasse enterrado debaixo daqueles ossos podres?

Nas forcas à direita balançavam outras três tristes figuras. O novo governador adorava os enforcamentos. Diziam que o Pardal mandava fazer perucas dos cabelos dos enforcados — e as viúvas de Ombra sussurravam que, por causa disso, ele já tivera que enforcar algumas mulheres também...

— De quanto tempo você ainda precisa? Já está amanhecendo! Ande logo, cave mais rápido! — comandou Orfeu e chutou-lhe um crânio para dentro da cova. Como frutas horripilantes, eles estavam ali debaixo da forca.

Realmente, já estava amanhecendo. Maldito Cabeça de Queijo. Ele o havia feito cavar quase a noite inteira! Ah, se pudesse, quebraria o seu pescoço.

— Mais rápido? Então só para variar, ponha o seu refinado guarda-costas para cavar um pouco! — gritou Farid para ele lá em cima. — Assim, ao menos os seus músculos serviriam para alguma coisa!

O Montanha de Carne cruzou os braços musculosos e lhe lançou um sorriso de desprezo. Orfeu achara o gigante no mercado. Ele trabalhava para um curandeiro, segurando os clientes enquanto este lhe arrancava algum dente inflamado.

— Que bobagens você está dizendo aí outra vez! — respondeu Orfeu indulgente, quando Farid lhe perguntou para que ele precisava de *mais um* serviço. — Até mesmo os vendedores de quinquilharias de Ombra têm um guarda-costas, por causa desse bando de delinquentes perambulando pelas ruas. E eu sou bem mais rico do que eles! — No que ele tinha razão, e como Orfeu pagava melhor que o curandeiro, e o Montanha de Carne já estava com dor de ouvido de tanta gritaria, foi embora com ele sem dizer uma palavra.

Oss era o seu nome, um nome muito curto para homem tão grande, mas combinava com alguém que falava tão raramente, que no início Farid teria jurado que não havia língua dentro daquela boca horrorosa. Em compensação, a boca comia sempre, e com frequência acontecia de o Montanha de Carne engolir inclusive a comida que a empregada de Orfeu deixava para Farid. No início Farid ainda reclamava, mas depois que Oss passou a esperá-lo na escada do porão, ele preferia ir dormir com o estômago roncando ou roubar algo no mercado. É, o Montanha de Carne havia transformado a vida a serviço de Orfeu em algo ainda mais angustiante. Ele colocava uma porção de cacos de vidro no saco de palha de Farid, esticava a perna no final da escada, agarrava-o inesperadamente com força pelos cabelos... Com Oss era necessário estar atento o tempo todo. Só à noite é que tinha descanso, quando ele dormia, submisso feito um cão em frente ao quarto de Orfeu.

— Guarda-costas não cavam! — explicou Orfeu com voz entediada, enquanto andava entre os buracos abertos. — E se você continuar reclamando desse jeito, vamos precisar de um guarda-costas com urgência. Ainda antes do meio-dia vão ser enforcados dois caçadores clandestinos!

— Está vendo! Eu sempre te digo: por que a gente simplesmente não procura os tesouros no quintal da sua casa?

Montanhas com forcas, cemitérios, sítios queimados: Orfeu adorava lugares que davam um frio na espinha de Farid. Não, decididamente o Cabeça de Queijo não tinha medo de fantasmas. Tinha que admitir. Farid secou o suor dos olhos.

— Ao menos você poderia dizer com mais exatidão debaixo de que maldita força está escondido o tesouro. E por que diabos ele tem que estar enterrado tão fundo?

— Não tão fundo! No quintal da minha casa! — Orfeu franziu com desprezo os lábios suaves como os de uma jovem. — Que original! Por acaso parece que poderia pertencer a esta história? Nem mesmo Fenoglio iria pensar tamanho disparate. Mas para que eu estou te explicando isso novamente! Você não entende mesmo.

— Ah, não? — Farid enterrou a pá tão fundo, que ela ficou presa na terra úmida. — Mas uma coisa eu entendo muito bem. Que você escreve um tesouro depois do outro, faz o papel de comerciante rico e corre atrás de todas as serventes de Ombra, enquanto Dedo Empoeirado continua lá no mundo dos mortos!

Farid sentiu as lágrimas surgirem outra vez. A dor continuava tão presente como na noite em que Dedo Empoeirado morrera em seu lugar. Se ao menos pudesse esquecer o seu rosto inerte. Se ao menos pudesse se lembrar dele como ele era enquanto estava vivo, mas sempre voltava a vê-lo caído na mina em ruínas, tão frio e mudo, o coração feito gelo.

— Estou cansado de bancar o seu serviçal! — gritou para Orfeu lá em cima. Na raiva, esqueceu até mesmo os enforcados, que com certeza não deveriam gostar que gritassem em seu descanso de morte. — Você também não cumpriu a sua parte no trato! Você se acomodou neste mundo como um pássaro no ninho, em vez de trazê-lo de volta de uma vez por todas. Você o enterrou como todos

os outros! Fenoglio tem razão: você é tão útil como uma bexiga de porco perfumada! Vou pedir a Meggie para te mandar de volta! Ela vai fazê-lo, você vai ver!

Oss olhou interrogativo para Orfeu. Seu olhar implorava pela autorização para pegar Farid e dar-lhe uma surra bem dada, mas Orfeu não lhe deu atenção.

— Ah, outra vez esse assunto! — ele disse num tom que só com muito esforço controlava. — A incrível, imbatível Meggie, filha de um pai não menos fantástico, que no momento responde pelo nome de um pássaro e se esconde com um bando de ladrões piolhentos na floresta, enquanto menestréis maltrapilhos compõem mais e mais canções sobre ele.

Orfeu ajeitou os óculos e olhou para o céu, como se quisesse reclamar das tantas honras desmerecidas. Ele adorava o apelido que os óculos lhe proporcionaram: Olho-duplo. Em Ombra murmurava-se o apelido com horror e medo, mas isso agradava ainda mais a Orfeu. Além disso, os óculos funcionavam como uma prova de que todas as mentiras que ele contara sobre a sua origem eram a mais pura verdade: que ele viera do além-mar, de uma terra distante, cujos príncipes tinham todos olhos duplos, o que lhes permitia ler os pensamentos dos seus súditos. Que ele era o filho ilegítimo do rei daquele lugar, que tivera que fugir do seu próprio irmão após a mulher deste ter caído de amor infinito por ele. — Pelo amor do Deus dos livros. Que história mais pobre! — dissera Fenoglio quando Farid a contara aos filhos de Minerva. — Esse cara é um charlatão! Não tem uma única ideia original no seu cérebro gosmento. Ele só faz é se enfeitar com as ideias dos outros.

Porém, enquanto Fenoglio passava seus dias e noites se lamentando, Orfeu trabalhava com toda a calma para colocar nessa história a sua própria marca — uma história da qual ele parecia saber mais do que o seu próprio criador.

— Sabe o que a gente deseja quando ama tanto um livro a ponto de querer lê-lo de novo e de novo? — ele perguntou para Farid, quando estiveram diante do portal de Ombra pela primeira vez. — Não, claro que não. Como você saberia? Um livro provoca em você com certeza apenas o pensamento que daria uma bela fogueira

numa noite fria. Mas eu vou te revelar a resposta mesmo assim. A gente tem vontade de fazer parte dele, o que mais seria? Porém, com certeza não como o miserável poeta da corte. Esse papel eu deixo para Fenoglio, mesmo que até para isso ele seja uma figura por demais deplorável.

Já na terceira noite Orfeu começara o seu trabalho, numa pensão imunda perto do muro da cidade. Ele mandara Farid roubar vinho e uma vela, tirara um pedaço de papel sujo e um giz de debaixo da capa — e o livro, o três vezes amaldiçoado livro. Como as gralhas, que procuram objetos que brilham, os seus dedos deslizaram pelas páginas, recolhendo palavras, mais e mais. E Farid fora tão burro a ponto de acreditar que as palavras com as quais Orfeu tão empenhosamente preenchia a folha de papel iriam curar a dor no seu coração e trazer Dedo Empoeirado de volta. Mas Orfeu tinha outros planos. Ele mandara Farid embora antes de ler em voz alta o que havia escrito, e antes mesmo que o dia amanhecesse, obrigara Farid a escavar o primeiro tesouro da terra de Ombra, no cemitério atrás do asilo de moribundos. Diante da visão das moedas, Orfeu se alegrou feito uma criança. Farid, porém, olhara fixamente para a cova e sentira o gosto das próprias lágrimas na boca.

Com a prata, Orfeu comprara roupas novas, contratara duas criadas e uma cozinheira e comprara a suntuosa casa de um comerciante de seda. O dono anterior deixara tudo para ir à procura dos seus filhos, que tinham entrado com Cosme na Floresta sem Caminhos e nunca mais haviam voltado.

Orfeu dizia que também era comerciante, um comerciante de desejos extravagantes — e rapidamente, até mesmo o Pardal ficou sabendo a notícia de que o estrangeiro de cabelos finos e louros e a pele pálida, pálida como somente os príncipes tinham, podia conseguir coisas maravilhosas: duendes malhados, fadas coloridas como borboletas, joias feitas de asas de elfos de fogo, cintos enfeitados com as escamas de ninfas do rio, cavalos com manchas douradas para as carruagens do rei e outras criaturas, que até então conhecia-se em Ombra apenas dos contos de fadas. No livro de Fenoglio havia para muitas coisas as palavras certas. Orfeu precisava apenas rearranjá-las de forma um pouco diferente. De

vez em quando morria alguma de suas criações depois de poucos segundos de vida ou se mostrava demasiado feroz (o Montanha de Carne tinha muitas vezes que enfaixar as mãos), mas Orfeu não se importava com isso. De que lhe interessava se na floresta algumas dúzias de elfos de fogo morriam de fome porque de repente lhe faltavam as asas, ou se, uma manhã, uma porção de ninfas sem as escamas apareciam mortas no rio? Fio por fio ele ia desfazendo a trama que o velho homem tecera e a refazia com estampas próprias, inserindo-as como retalhos coloridos no grande tapete tecido por Fenoglio. E ficou rico com aquilo que sua voz roubava das letras de outro.

Maldito seja. Mil vezes maldito. Já bastava.

— Não vou fazer mais nada para você! Nada! — Farid limpou a terra úmida de chuva das mãos e tentou escalar para fora do buraco, mas a um gesto de Orfeu, Oss empurrou-o de volta.

— Cave! — grunhiu ele.

— Cave você! — Farid tremia em sua camisa molhada de suor, não saberia dizer se de frio ou de raiva. — Seu elegante senhor não passa de um impostor! Já o mandaram para a cadeia por causa das suas mentiras e vão mandar de novo!

Orfeu apertou os olhos. Ele não gostava nem um pouco que falassem desse capítulo da sua vida.

— Eu aposto que você era daqueles que com mentiras arranca o dinheiro da bolsa das velhinhas. E aqui você se infla feito um sapo-boi, só porque de repente as suas mentiras começaram a virar verdade, você fica puxando o saco do cunhado do Cabeça de Víbora e se acha mais esperto que todo mundo! Afinal, o que é que você sabe fazer? Escrever fadas que mais parecem caídas de dentro de um jarro cheio de tinta, caixas cheias de joias feitas de asas de elfos para o Pardal. Mas aquilo, para o que te trouxemos para cá, você não consegue. Dedo Empoeirado está morto. Ele está morto; ainda – continua – morto!

Ali estavam elas novamente, as malditas lágrimas. Farid as secou com seus dedos sujos, enquanto o Montanha de Carne o fitava tão sem expressão, como só alguém que não entende nem uma palavra

faria. Também, como poderia? O que sabia Oss das palavras que Orfeu roubara, o que ele sabia do livro e da voz de Orfeu?

— *Ninguém* — me — *mandou* — para — cá! — Orfeu se inclinou sobre a beira da cova como se quisesse cuspir as palavras no rosto de Farid. — E com certeza não tenho nenhuma obrigação de ouvir discursos sobre Dedo Empoeirado proferidos por aquele que o conduziu à morte. Eu já conhecia o nome dele antes de você nascer, e somente eu vou trazê-lo de volta, mesmo que você o tenha apagado com tanta eficiência desta história... Mas, como e quando, é uma decisão somente minha. E agora, cave. Ou você acha o quê, personificação da sabedoria árabe — Farid imaginava poder sentir como as palavras o cortavam em finas fatias —, que eu vou escrever mais rápido se não puder mais pagar os meus serviços e tiver que lavar a minha própria roupa?

Maldito. Maldito seja. Farid abaixou a cabeça para que Orfeu não visse suas lágrimas. *Por aquele, que o conduziu à morte...*

— Diga-me, por que você acha que eu pago os menestréis com minha bela prata por suas deploráveis canções? Porque esqueci Dedo Empoeirado? Não. Porque você ainda não foi capaz de descobrir como e onde neste mundo é possível falar com as Damas Brancas! Então, eu continuo tendo que ouvir péssimas canções, ficar ao lado de mendigos à beira da morte e subornar as curandeiras nos asilos de moribundos para que elas me chamem quando alguém resolver morrer por lá. Obviamente, seria tudo muito mais fácil se você conseguisse, como o seu mestre, chamar as Damas Brancas através do fogo, mas isso a gente já tentou o suficiente sem ter sucesso algum, não? Se ao menos elas te fizessem uma visita, como aparentemente fazem com tanto gosto àqueles que já receberam sua visita uma vez. Mas não! Nem mesmo o sangue fresco de galinha, que eu coloquei diante da porta, serviu para alguma coisa, menos ainda os ossos de criança, que eu negocieei por um saco de prata com um coveiro, somente porque os guardiões do portal te disseram que isso atrairia imediatamente um bando de Damas Brancas!

Está certo. Está certo! Farid queria cobrir os ouvidos com as mãos. Orfeu tinha razão. Eles haviam tentado de tudo. Mas as

Damas Brancas simplesmente não queriam aparecer para eles, e quem mais poderia revelar a Orfeu como trazer Dedo Empoeirado de volta da morte?

Em silêncio, Farid tirou a pá da terra e voltou a cavar.

Ele já estava com bolhas nas mãos quando finalmente tocou a madeira com a pá. A arca que ele tirou da terra não era muito grande, mas como a última, repleta até a borda com moedas de prata. Farid ouvira escondido quando Orfeu lera em voz alta: *Debaixo das forcas no Morro Sombrio, bem antes que o Príncipe Porcino mandasse cortar ali os carvalhos para fazer o caixão do seu filho, um bando de salteadores enterrou uma caixa com prata. Depois, se mataram entre eles numa briga, mas a prata continuou ali, enterrada, sob os seus ossos reluzentes.*

A madeira da arca estava podre e Farid se perguntava, como no caso dos outros tesouros que ele desenterrara, se a prata já não estaria ali debaixo das forcas antes de Orfeu escrever aquelas palavras. O Cabeça de Queijo sorria cheio de certezas diante daquelas perguntas, mas Farid tinha dúvidas de que ele soubesse realmente a resposta.

— Então? O que foi que eu disse? Deve ser suficiente para o próximo mês. — O sorriso de Orfeu era tão narcisista que Farid teria adorado poder jogar-lhe uma pá de terra na cara. Para um mês! A prata com que ele e o Montanha de Carne encheram os sacos de couro era suficiente para alimentar os estômagos esfomeados de Ombra inteira por meses.

— Quanto tempo ainda vai demorar? Provavelmente o carrasco já está a caminho com carne fresca para alimentar a força. — Quando Orfeu ficava nervoso a sua voz não soava lá muito impressionante.

Farid fechou em silêncio mais um saco cheio de prata, empurrou com o pé a arca vazia de volta à cova e lançou um último olhar aos enforcados. O Morro Sombrio já havia sido uma montanha de enforcamentos, mas fora somente o Pardal que o declarara outra vez lugar principal de execuções. Das forcas diante do portão da cidade, o fedor dos cadáveres era muitas vezes levado pelo vento até o castelo, e esse aroma não combinava com os finos pratos,

com os quais o cunhado do Cabeça de Víbora se deliciava enquanto Ombra passava fome.

— Você conseguiu menestréis para hoje à tarde?

Farid assentiu com a cabeça, enquanto carregava a pesada carga para Orfeu.

— O de ontem era a personificação da feiura! — Orfeu deixou que Oss o ajudasse a subir no cavalo. — Como um espantalho que houvesse ganhado vida! E a maior parte do que saía de sua boca desdentada era o mesmo de sempre: bela princesa se apaixona por pobre menestrel, lalalalá, belo príncipe se apaixona por camponesa, lalalali... Nem uma palavra sobre as Damas Brancas.

Farid ouvia apenas pela metade. Ele não queria mais saber de menestréis desde que a maioria deles passara a cantar e dançar para o Pardal e resolvera desapossar o Príncipe Negro de seu papel, por ele lutar muito abertamente contra os invasores.

— Apesar de tudo — continuou Orfeu —, o espantalho conhecia algumas canções novas sobre o Gaio. Me custou um bocado arrancá-las dele, e ele as cantou tão baixo, como se o Pardal em pessoa estivesse debaixo da minha janela, mas uma delas eu realmente nunca tinha ouvido antes. Você tem mesmo certeza de que Fenoglio não voltou a escrever?

— Certeza absoluta. — Farid colocou a mochila nas costas e assobiou baixinho entre os dentes, como costumava fazer Dedo Empoeirado. Sorrateiro apareceu correndo de atrás de uma das forcas com um rato morto no focinho. Só a marta mais jovem ficara junto a Farid. Gwin ficara com Roxane — como se quisesse permanecer no local para onde Dedo Empoeirado voltaria em primeiro lugar, caso a morte lhe permitisse desvencilhar-se de seus dedos pálidos.

— E como você pode estar tão certo? — Orfeu fez uma careta de nojo quando Sorrateiro pulou nas costas de Farid e desapareceu em sua mochila. O Cabeça de Queijo tinha horror à marta. Mas ele a tolerava, provavelmente porque ela havia pertencido a Dedo Empoeirado.

— O homem de vidro de Fenoglio diz que ele já não escreve, e ele deve saber, não?

Quartzo Rosa não parava de reclamar de como a sua vida tinha se tornado difícil desde que Fenoglio não morava mais no castelo, e sim no sótão de Minerva, e até Farid amaldiçoava todas as vezes a íngreme escada de madeira, quando Orfeu o mandava com suas perguntas para Fenoglio: Que países ficam ao sul do mar que faz fronteira com o reino do Cabeça de Víbora? O príncipe que rege no norte de Ombra é parente da esposa do Cabeça de Víbora? Onde exatamente moram os gigantes, ou eles já estão extintos? Os peixes carnívoros nos rios comem ninfas também?

Às vezes Fenoglio nem o deixava entrar, depois de Farid haver se arrastado escada acima, mas de vez em quando ele havia bebido tanto que o recebia num humor mais falante. Em dias assim, o velho despejava sobre ele uma enxurrada de informações, que ficavam zunindo na cabeça de Farid quando voltava para casa de Orfeu e este o interrogava. Era de enlouquecer. Mas sempre que os dois tentavam conversar diretamente um com o outro, acabavam brigando depois de alguns minutos.

— Bom, muito bom! As coisas se tornariam complicadas se o velho voltasse a preferir as palavras ao vinho! Suas últimas ideias provocaram apenas uma confusão horrorosa. — Orfeu pegou as rédeas e olhou para o céu. Aparentemente, seria mais um desses dias chuvosos, cinza e triste como os rostos em Ombra. — Ladrões mascarados, livros de vida eterna, um príncipe que volta dos mortos! — Balançando a cabeça em sinal de desaprovação, atijou os cavalos para a trilha que levava a Ombra. — Quem sabe o que mais teria lhe ocorrido! Não, o melhor era Fenoglio beber até afogar o pouco de razão que ainda lhe restava. Eu vou cuidar da sua história. Eu a compreendo muito melhor do que ele.

Farid continuava não prestando atenção, enquanto puxava o seu burro para fora da moita. Que o Cabeça de Queijo falasse o que bem quisesse. Para ele tanto fazia qual dos dois escreveria as palavras que trariam Dedo Empoeirado de volta. Desde que isso finalmente acontecesse! Mesmo que para isso toda a maldita história tivesse que ir pro inferno.

Como sempre, o burro tentava morder Farid quando ele se equilibrava sobre o seu lombo ossudo. Orfeu cavalgava um dos

mais belos cavalos de Ombra — o Cabeça de Queijo era, apesar da sua figura tosca, um bom cavaleiro —, mas obviamente, avarento como era, conseguira para Farid apenas um burro que mordida, e era tão velho que tinha a cabeça pelada. Quanto ao Montanha de Carne, nem mesmo dois burros teriam conseguido carregá-lo, sendo assim, Oss trotava ao lado de Orfeu feito um cachorro grande demais, o rosto pálido e úmido do esforço, montanha acima, montanha abaixo, pelas trilhas estreitas que se estendiam pelos morros de Ombra.

— Então está certo. Fenoglio não escreve mais. — Orfeu adorava pensar em voz alta. Às vezes parecia que ele só era capaz de colocar os seus pensamentos em ordem se ouvisse a própria voz. — Mas de onde surgiram então todas aquelas histórias sobre o Gaio? Viúvas protegidas, prata no cofre dos pobres, carne de caça nos pratos dos órfãos... Seria isso realmente obra de Mortimer Folchart, sem que Fenoglio o tivesse ajudado com algumas palavras?

Uma carroça vinha na direção deles. Orfeu, praguejando, puxou o seu cavalo em direção aos espinhos e o Montanha de Carne fitou com um sorriso idiota os garotos ajoelhados na carroça, as mãos amarradas nas costas, o rosto reduzido pelo medo. Um deles tinha os olhos ainda mais claros que os de Meggie, e nenhum dos dois parecia ser mais velho que Farid. Claro que não. Se fossem mais velhos, teriam acompanhado Cosme e já estariam mortos há muito tempo. Aquela manhã, porém, isso não significava provavelmente nenhum consolo para eles. De Ombra, seria possível ver seus cadáveres, como um aviso para todos aqueles cuja fome os seduzisse à caça clandestina, o nariz do Pardal, porém, não sentiria o cheiro.

Será que na força morre-se tão rápido que as Damas Brancas nem vêm? Num gesto automático Farid colocou a mão nas costas, no lugar onde a faca de Basta havia entrado. No seu caso, elas também não haviam aparecido, ou sim? Ele não se lembrava nem da dor, apenas do rosto de Meggie, quando recobrou a consciência, e depois, quando se virou e viu Dedo Empoeirado ali estendido... — Por que você simplesmente não escreve que elas me buscam no lugar dele? — ele perguntara a Orfeu, mas este apenas riu alto. —

Você? Você acha mesmo que as Damas Brancas vão trocar o Dançarino do Fogo por um ladrãozinho vagabundo como você? Não, para isso a gente teria que oferecer uma isca maior.

Os sacos cheios de prata presos na sela de Orfeu saltaram quando ele afundou as esporas no cavalo, e a cabeça de Oss ficou tão vermelha do esforço que era como se fosse explodir em cima daquele pescoço gordo.

“Maldito Cabeça de Queijo! Sim, Meggie deveria mandá-lo de volta!”, pensou Farid, enquanto afundava os calcanhares na barriga do burro. Antes hoje do que amanhã! Mas quem escreveria as palavras para ela? E quem além de Orfeu poderia trazer Dedo Empoeirado de volta do mundo dos mortos?

“Ele nunca mais vai voltar!”, sussurrou-lhe uma voz interior. “Dedo Empoeirado está morto, Farid, morto.”

“E daí?”, ele argumentou. “O que vem a significar isso neste mundo? Até eu já voltei.”

Se ao menos ele se lembrasse do caminho.



4. Roupas de tinta



*Parece que foi ontem, quando eu costumava acreditar
que sob a minha pele somente havia luz.*

E se me cortassem, eu brilharia.

*Mas hoje, ao cair pelas trilhas da vida,
machuco os joelhos. E sangro.*

Billy Collins, *On turning ten*



A nova manhã acordou Meggie, uma luz pálida caindo sobre seu rosto e ar tão fresco como se ninguém o houvesse respirado antes dela. Diante da sua janela, as fadas gorjeavam como pássaros que houvessem aprendido a falar, e em algum momento ouviu-se um Gaio — caso fosse mesmo um Gaio. O Homem Forte imitava tão bem cada pássaro que soava como se a ave se aninhasse em seu peito. E todos respondiam: cotovias, felosas, pica-paus, rouxinóis, e o corvo de estimação de Lagartixa.

Mo já estava acordado também. Ela ouviu a sua voz vindo de fora — e a de sua mãe. Será que Farid enfim chegara? Rapidamente ela se levantou do saco de palha onde dormia (como seria a sensação de dormir numa cama? Mal conseguia se lembrar), e foi até a janela. Havia dias que esperava por Farid. Ele prometera voltar. Porém, no pátio estavam apenas seus pais e o Homem Forte, que lhe lançou um sorriso quando a viu na janela.

Mo ajudava Resa a selar um dos cavalos que já esperava num dos estábulos quando eles chegaram. Os cavalos eram tão belos, com certeza haviam pertencido a um dos amigos nobres do Pardal, mas Meggie evitava, como no caso de muitas outras coisas que o Príncipe Negro conseguia para eles, pensar muito em como eles haviam ido parar nas mãos dos ladrões. Ela amava o Príncipe

Negro, Baptista e o Homem Forte, mas alguns dos outros lhe causavam calafrios, homens como o Afanador ou o Lagartixa, mesmo sendo os mesmos homens que haviam salvado ela e seus pais na Montanha da Víbora. — Ladrões são ladrões, Meggie — dizia Farid. — O Príncipe faz o que faz pelos outros, mas os seus homens, muitos deles querem apenas encher os bolsos sem ter que trabalhar no campo ou numa oficina para isso. — Ah, Farid... ela sentia tanto a sua falta que chegava a se envergonhar disso.

Sua mãe estava pálida. Resa sentira-se mal várias vezes nos últimos dias. Talvez por isso quisesse ir ter com Roxane. Nesses casos, ninguém poderia dar melhores conselhos do que a viúva de Dedo Empoeirado, com exceção talvez do Coruja Mascarada, mas ele mesmo não se sentia muito bem desde a morte de Dedo Empoeirado — principalmente depois de saber que o Cabeça de Víbora mandara pôr fogo no asilo de moribundos do outro lado da floresta, lugar que ele gerenciara por tantos anos. O que acontecera com Bella e todos os outros curandeiros, ninguém sabia.

Um camundongo, com chifres, feito a marta de Dedo Empoeirado, saiu correndo assim que Meggie deu um passo para fora e uma fada voou em sua direção e puxou seu cabelo. Mas Meggie já tinha prática em espantá-las. Quanto mais frio ficava, mais raro que elas saíssem de seus ninhos, mas estavam sempre a caça de cabelo humano. — Nada as deixa mais aquecida! — dizia Baptista. — Com exceção de pelo de urso. Mas arrancá-lo é perigoso.

A manhã estava tão fria que Meggie, tremendo, fechava os braços em volta do corpo. As roupas que os ladrões haviam conseguido não esquentavam nada em comparação aos pulôveres que eles usavam em dias assim no outro mundo, e ela pensava quase com saudade nas meias quentes que a esperavam nos armários de Elinor.

Mo virou-se e sorriu quando ela se aproximou. Parecia cansado, mas feliz. Ele dormia pouco. Com frequência trabalhava até tarde da noite em sua oficina improvisada — com os poucos instrumentos que Fenoglio lhe conseguira. E sempre voltava a entrar na floresta, sozinho ou com o Príncipe. Achava que ela não percebia, mas Meggie já vira algumas vezes os ladrões aparecerem para buscá-lo

— quando ficava na janela esperando por Farid. Eles chamavam por Mo com o grito do Gaio. Meggie o ouvia quase todas as noites.

— Você está melhor? — Ela olhava preocupada para a mãe. — Talvez tenham sido mesmo aqueles cogumelos que a gente encontrou outro dia.

— Não, com certeza não. — Resa olhava para Mo e sorria. — Roxane deve conhecer alguma erva. Quer vir comigo? Talvez Brianna esteja lá. Ela não trabalha todos os dias na casa de Orfeu.

Brianna. Por que ela iria querer vê-la? Porque tinham quase a mesma idade? Depois da morte de Cosme, Brianna havia sido desprezada pela Feia, um castigo tardio por ter preferido a companhia do seu marido à dela. Depois disso, Brianna ajudara Roxane nos campos, mas agora trabalhava para Orfeu. Assim como Farid. Nesse meio-tempo, Orfeu já contratara quase meia dúzia de criadas. Farid caçoava de que o Cabeça de Queijo já não penteava nem mesmo os próprios fiapos de cabelo. Orfeu só contratava serventes bonitas, e Brianna era linda, tão linda que perto dela Meggie se sentia como um patinho feio ao lado de um cisne. E o que tornava as coisas ainda piores, Brianna era a filha de Dedo Empoeirado. — E daí? Eu nem falo com ela — dizia Farid quando lhe perguntavam por ela. — Ela me odeia, assim como a mãe dela. — Apesar disso... ele a via quase todos os dias, Brianna e todas as outras. As jovens mais belas de Ombra trabalhavam na casa de Orfeu. Ela, porém, ele não visitava fazia quase duas semanas.

— Então, você vai comigo? — Resa mantinha o seu olhar interrogativo, e Meggie sentia-se corar como se a mãe pudesse ouvir cada um dos seus pensamentos.

— Não — ela disse —, não, eu acho que prefiro ficar aqui. O Homem Forte vai com você, não?

— Claro. — O Homem Forte havia assumido a tarefa de proteger as duas. Meggie não tinha certeza se era um pedido de Mo ou se ele fazia aquilo apenas para mostrar sua lealdade ao Gaio.

Resa deixou que ela a ajudasse a subir no cavalo. Ela reclamava com frequência de como era desconfortável cavalgar usando um vestido, e que preferiria muito mais usar roupas masculinas naquele

mundo, mesmo que aquilo já a houvesse transformado em prisioneira de Mortola no passado.

— Eu volto antes do anoitecer — disse a Mo. — Talvez Roxane conheça algo contra as suas noites de insônia também.

Ela desapareceu com o Homem Forte por entre as árvores, e Meggie ficou ali sozinha com Mo, como antes, quando eram apenas eles dois.

— Ela realmente não está bem!

— Não se preocupe, Roxane vai saber aconselhá-la. — Mo olhava para a casa com fornalha, onde ele instalara sua oficina. Que roupas pretas eram aquelas que ele estava usando? — Eu também preciso ir, mas volto à noite. Lagartixa e Baptista estão no estábulo, e o Príncipe quer trazer o Perna de Pau para cá também, enquanto o Homem Forte estiver fora. Os três vão cuidar melhor de você do que eu.

O que era aquilo na sua voz? Uma mentira? Ele havia mudado desde que Mortola quase o matara. Ele se tornara fechado e com frequência ausente, como se uma parte dele tivesse ficado na caverna onde quase morrera, ou na masmorra do Castelo da Noite.

— Para onde você vai? Eu vou com você. — Meggie sentiu que ele se assustou quando ela colocou o braço sob o dele. — O que está acontecendo?

— Nada, não está acontecendo nada. — Ele alisou a manga negra e desviou o olhar.

— Você esteve fora com o Príncipe novamente. Eu o vi no pátio ontem à noite. O que aconteceu?

— Não é nada, Meggie. Mesmo. — Com expressão ausente, ele acariciou-lhe o rosto, virou-se e foi embora em direção à casa da fornalha.

— Nada mesmo? — Meggie foi atrás dele. A porta era tão baixa que Mo tinha que abaixar a cabeça. — Onde você arranjou essas roupas pretas?

— São roupas de encadernador. Baptista as costurou para mim.

Ele se aproximou da mesa onde trabalhava. Sobre ela havia couro, um par de rolos de pergaminho, linha de costura, uma faca e o pequeno livro que ele estava encadernando nas últimas semanas

a partir dos desenhos de Resa, imagens de fadas, elfos de fogo e homens de vidro, do Príncipe Negro e do Homem Forte, de Baptista e Roxane. Havia também uma de Farid. O livro estava amarrado com uma corda, como se Mo quisesse levá-lo numa viagem. O livro, as roupas pretas...

Ah, ela o conhecia tão bem.

— Não, Mo! — Meggie pegou o livro e o escondeu atrás de si. Talvez ele pudesse enganar Resa, mas não a ela.

— O quê? — Ele realmente se esforçava para fazer aquela expressão de quem não sabia de nada. Ele conseguia fingir melhor do que antes.

— Você está planejando ir para Ombra, falar com Balbulus. Você ficou louco? É perigoso demais!

Por alguns instantes, Mo realmente pensou em continuar mentindo para ela, mas acabou desistindo. — Está bem, eu continuo não conseguindo te enganar. Pensei que agora seria mais fácil, já que você é quase adulta. Burrice da minha parte.

Ele a enlaçou com o braço e tirou suavemente o livro de suas mãos.

— Sim, eu pretendo ir falar com Balbulus. Antes que o Pardal venda todos os livros dos quais você tanto me falou. Fenoglio vai me colocar no castelo como encadernador. Quantos galões de vinho o Pardal recebe por um livro, o que você acha? Metade da biblioteca já deve ter ido embora, para que ele possa pagar as suas festas!

— Mo! É muito perigoso! E se alguém te reconhecer?

— Quem? Ninguém em Ombra me conhece.

— Algum dos soldados pode te reconhecer do Castelo da Noite. E o Pássaro Tisnado deve estar lá também! Não vai ser um par de roupas pretas que vai enganá-lo.

— Bobagem! Quando o Pássaro Tisnado me viu pela última vez, eu estava meio morto. Além disso, é melhor que ele não queira me encontrar. — Seu rosto, familiar como nenhum outro, pareceu-lhe o de um estranho, e não pela primeira vez. Frio, tão frio.

— Não olhe para mim assim tão preocupada! — ele disse, e sorriu afastando a frieza. Porém o sorriso não durou muito.

— Sabe que as minhas próprias mãos me parecem estranhas, Meggie? — Ele as colocou diante dela como se sua filha pudesse ver a transformação. — Elas fazem coisas que eu nunca imaginei que pudessem fazer; e o fazem bem.

Mo olhava para suas mãos como se fossem de outra pessoa. Quantas vezes Meggie vira como elas cortavam papel, encadernavam páginas, esticavam couro — ou colocavam um esparadrapo sobre uma ferida em seu joelho. Mas ela sabia bem demais do que Mo estava falando. Ela já o observara o suficiente, quando ele treinava com Baptista ou com o Homem Forte atrás dos estábulos — com a espada que ele carregava consigo desde o Castelo da Noite. A espada do Raposa Vermelha. Ele a fazia dançar, como se suas mãos estivessem tão acostumadas a ela como ao cortador de papel ou uma dobradeira.

Gaio.

— Acho que eu deveria relembrar às minhas mãos o seu verdadeiro ofício, Meggie. Quero lembrar a mim mesmo. Fenoglio disse a Balbulus que encontrou um encadernador que poderia encadernar seus trabalhos como eles merecem. Mas Balbulus quer ver esse artesão antes de confiar-lhe a sua obra. Por isso eu irei até o castelo para provar que manejo a minha arte tão bem como ele a dele. Você mesma é a culpada de eu mal poder esperar para finalmente ver a sua oficina com meus próprios olhos! Se lembra como você falava, lá em cima na torre do Castelo da Noite, dos pincéis e penas de Balbulus? — Ele imitou a voz dela: — *Ele é um iluminador, Mo! No Castelo de Ombra! O melhor de todos. Você poderia ver os pincéis e as tintas...!*

— É — ela murmurou. — É, eu me lembro. — Ela sabia inclusive o que ele respondera: *Eu realmente gostaria de ver esses pincéis.* Mas ela se lembrava também do medo que sentira por ele. — Resa sabe para onde você está querendo ir? — Ela colocou a mão sobre o peito dele, ali onde estava a cicatriz, única lembrança de que ele quase morrera.

Ele nem precisava responder, o seu olhar culpado dizia claramente que não havia dito nada dos seus planos à mãe dela. Meggie olhou para as ferramentas em cima da mesa. Talvez ele

tivesse razão. Talvez fosse hora de lembrar às suas mãos. Talvez pudesse desempenhar ali também a função que ele tanto amara no outro mundo. Apesar de que, pelo que diziam, o Pardal achava os livros tão úteis como furúnculos no rosto. Mas Ombra pertencia ao Cabeça de Víbora. Seus soldados estavam em todos os lugares. O que aconteceria se um deles reconhecesse o homem que havia poucos meses era o prisioneiro do seu sombrio senhor?

— Mo. — As palavras escapavam da boca de Meggie. Ela as havia pensado nos últimos dias, mas não tinha se atrevido a pronunciá-las porque não tinha certeza se era realmente aquilo o que pensava. — Você às vezes não pensa que seria melhor se a gente voltasse? Se voltássemos para Elinor e Darius. Eu sei, eu te convenci a ficar, mas... o Cabeça de Víbora ainda está à sua procura, e à noite você sai com os ladrões. Talvez Resa não perceba, mas eu percebo sim! Já vimos tudo, as fadas e as ninfas, a Floresta sem Caminhos e os homens de vidro... — Era tão difícil encontrar as palavras corretas, palavras que explicassem também a si mesma o que estava acontecendo dentro dela. — Talvez... talvez seja hora. Eu sei que Fenoglio já não escreve, mas poderíamos perguntar a Orfeu. Ele tem ciúmes de você. Com certeza ele ficaria feliz se nós fôssemos embora e ele ficasse sendo o único leitor nesta história!

Mo olhou para ela, e Meggie soube a sua resposta. Eles tinham trocado os papéis. Agora era ele que não queria voltar. Sobre a mesa, entre o papel rústico e as facas que Fenoglio conseguira, estava a pena de um Gaio.

— Vem aqui! — Mo sentou num canto da mesa e puxou-a para perto de si, assim como fizera inúmeras vezes quando ela ainda era uma menininha. Fazia tanto tempo. Muito tempo. Como se se tratasse de uma outra história e aquela Meggie fosse uma outra Meggie. Mas quando Mo colocou o braço sobre seu ombro, foi como se ela por um momento voltasse àquela antiga história, sentiu-se acolhida, protegida, sem aquela saudade que tinha agora em seu coração, que morava ali como se tivesse estado sempre lá... A saudade de um garoto com cabelos negros e fuligem nos dedos.

— Eu sei por que você quer voltar — disse Mo em voz baixa. Talvez ele tivesse mudado, mas ainda conseguia ler tão bem os pensamentos dela como ela os seus. — Quanto tempo faz que Farid foi embora? Cinco dias, seis?

— Doze — Meggie respondeu com voz chorosa e escondeu o rosto em seu ombro.

— Doze? Devemos pedir ao Homem Forte que faça um par de nós em seus braços finos?

Meggie teve que rir. O que ela faria se algum dia Mo não estivesse mais lá para fazê-la rir?

— Eu ainda não vi tudo, Meggie — ele disse. — O mais importante eu ainda não vi: os livros de Balbulus. Livros escritos à mão, Meggie, livros ilustrados, anos intermináveis sem uma mancha de poeira, sem amarelar, a cor como se tivesse acabado de secar, a encadernação ainda flexível... quem sabe, talvez Balbulus me permita até observá-lo trabalhar. Imagine só! Tantas vezes eu desejei poder observar uma única vez como um desses minúsculos rostos é colocado no pergaminho, como os sarmentos começam a se enroscar numa inicial, e...

Meggie não podia evitar, ela tinha que rir. — Está bem, está bem — ela disse, e pôs a mão sobre a boca dele. — Está bem — ela repetiu. — Vamos até Balbulus, mas vamos juntos.

Como antes, ela acrescentou em pensamentos. Só você e eu. E quando Mo quis protestar, ela colocou novamente a mão sobre a sua boca. — Você mesmo disse! Então, na mina implodida. A mina onde Dedo Empoeirado havia morrido... — Meggie repetiu as palavras de Mo em voz baixa. Ela parecia lembrar-se de cada palavra dita naquele dia, como se alguém as houvesse escrito em seu coração: *Mostre-me as fadas, Meggie. E as ninfas. E o iluminador no castelo de Ombra. Vamos descobrir quão finos seus pincéis realmente são.*

Mo se ergueu e começou a separar as ferramentas que estavam sobre a mesa, da mesma forma como fazia em sua oficina no jardim de Elinor.

— Sim, sim, essas foram realmente as minhas palavras — ele disse sem olhar para ela. — Mas quem governa Ombra agora é o

cunhado do Cabeça de Víbora. O que você acha que a sua mãe iria dizer se eu te expusesse a um perigo desses?

A mãe. É...

— Resa não precisa saber. Por favor, Mo! Você tem que me levar com você! Ou eu peço ao Lagartixa que revele ao Príncipe Negro o que você está planejando. E você nunca vai conseguir chegar em Ombra!

Mo virou o rosto, mas Meggie percebeu que ele ria baixinho. — O que é isso? Isso é chantagem? Fui eu que te ensinei uma coisa dessas?

Ele se voltou, deu um suspiro e olhou longamente para ela. — Está bem — disse enfim. — Vamos ver juntos as penas e os pincéis. Além do mais, já estivemos juntos no Castelo da Noite. Tão sombrio o de Ombra não pode ser, certo?

Ele alisou a manga negra. — Ainda bem que os encadernadores daqui não usam um uniforme amarelo-grude — ele disse enquanto guardava o livro com as iluminuras de Resa no alforje. — Quanto à sua mãe, quero buscá-la na casa de Roxane depois da nossa visita ao castelo, mas não conte nada a ela sobre a nossa excursão. Talvez você já imagine há tempo por que ela está sempre enjoada pelas manhãs, não é?

Meggie olhou para ele sem compreender — e nesse mesmo instante sentiu-se tão idiota, tão infinitamente idiota.

— Irmão ou irmã? O que você prefere? — Mo pareceu-lhe de repente muito feliz. — Pobre Elinor. Sabe que ela espera essa notícia desde que fomos morar com ela? E agora trouxemos a criança conosco para este outro mundo.

Irmão ou irmã... Quando era pequena, por um tempo Meggie costumara fingir que tinha uma irmã invisível. Ela lhe preparava chá de margaridas e biscoitos de areia.

— Mas... desde quando você sabe?

— A criança vem da mesma história que você, caso seja o que você está pensando. Da casa de Elinor, para ser mais exato. Uma criança de carne e osso, não uma de palavras, não uma de tinta e papel. Apesar de que, quem sabe. Talvez a gente só tenha saltado de uma história para outra. O que você acha?

Meggie olhou em volta, observou a mesa, as ferramentas, as penas — e a roupa negra de Mo. Tudo aquilo era feito de palavras, não? Palavras de Fenoglio. A casa, o pátio, o céu sobre eles, as árvores, as pedras, a chuva, o sol e a lua. “É, mas e a gente?”, pensou Meggie. “Do que somos feitos? Resa, eu, Mo e a criança que está para chegar.” Ela já não sabia mais a resposta. Será que soubera alguma vez?

Pareceu-lhe que as coisas à sua volta sussurravam sobre tudo o que seria, sobre tudo o que havia sido, e quando Meggie olhou para as suas mãos, era como se pudesse ver letras nelas, letras que diziam: *Então nasceu uma nova criança.*



5. Fenoglio tem pena de si mesmo



— *Que é isso?* — perguntou Harry trêmulo.

— *Isso? Chama-se Penseira, às vezes eu acho, e tenho certeza de que você conhece a sensação, que simplesmente há pensamentos e lembranças demais enchendo minha cabeça.*

J.K. Rowling, *Harry Potter e o cálice de fogo*



Fenoglio estava deitado na cama, como tantas vezes nas últimas semanas. Ou eram meses? Tanto faz. De mau humor, olhou para os ninhos de fadas sobre sua cabeça. Quase todos haviam sido abandonados com exceção de um, que zunia e se agitava. Irradiava um brilho colorido como o de uma mancha de óleo na água. Orfeu! Naquele mundo as fadas eram azuis, que diabos! Estava ali escrito preto no branco. O que aquele Cabeça de Bezerro estava imaginando ao deixá-las coloridas como um arco-íris? E o pior: elas expulsavam as fadas azuis onde quer que se instalassem. Fadas coloridas, gnomos malhados, aparentemente andavam por aí até alguns homens de vidro com quatro braços. A cabeça de Fenoglio doía só de pensar naquilo. E não passava uma única hora sem que ele o fizesse, sem que ele não se perguntasse o que Orfeu estaria escrevendo naquele momento, em sua mansão, onde mantinha a sua corte, como se ele fosse o homem mais importante de Ombra!

Quase todas as noites mandava Quartzo Rosa até lá espionar, mas não se podia dizer que o homem de vidro tivesse demonstrado muito talento para essa tarefa. Não, realmente não. Além disso, Fenoglio tinha a suspeita de que Quartzo Rosa, em vez de seguir Orfeu, preferia perambular pela rua das costureiras, atrás das fêmeas de sua espécie. “Pois é”, Fenoglio, pensou mal-humorado, “você deveria ter escrito nos corações ignorantes desses cabeças de

vidro um pouco mais de responsabilidade. Infelizmente, esse não foi o seu único erro...”

Ele pegou a jarra de vinho tinto ao lado da sua cama para consolar-se um pouco daquela conclusão deprimente, quando apareceu uma pequena criatura quase sem ar, lá em cima na claraboia. Finalmente. Os membros de Quartzo Rosa, em geral de um rosa-pálido, estavam agora tingidos de vermelho carmesim. Os homens de vidro não suavam. Eles se manchavam quando faziam muito esforço (também essa regra havia sido inventada por ele, porém, por mais que quisesse, não sabia dizer o motivo), mas que ideia era essa daquele maluco de subir no telhado? Que imprudência, com membros que bastava com que aquelas criaturas idiotas caíssem da mesa para se estilhaçar! É, com certeza um homem de vidro não era a melhor escolha para um espião, por outro lado, devido ao seu tamanho eles eram especialmente discretos — e mesmo que seus membros fossem frágeis, a sua transparência era com certeza uma ótima qualidade para excursões secretas.

— Então? O que ele está escrevendo? Conte logo de uma vez! — Fenoglio pegou a jarra e foi descalço até onde estava o homem de vidro. Quartzo Rosa pedia um dedal de vinho tinto como pagamento pelos seus serviços de espionagem, que, como ele nunca cansava de lembrar, de forma alguma faziam parte das tarefas clássicas de um homem de vidro e por isso deveriam ter uma remuneração extra. O dedal não era um preço muito alto, Fenoglio tinha que admitir, mas também, até então Quartzo Rosa não tinha conseguido descobrir grandes coisas. Além disso, o vinho não lhe fazia bem. Apenas o tornava ainda mais insubordinado — e o fazia arrotar horas a fio.

— Será que eu poderia recuperar a respiração primeiro, antes de começar o meu relatório? — perguntou sarcástico.

Pois não. Insubordinado. Com que rapidez ele se ofendia!

— Você já está respirando. E falar, pelo jeito você consegue também! — Fenoglio tirou o homem de vidro da corda que amarrara na claraboia para que ele pudesse descer, e o levou até a mesa que acabara de comprar por um bom preço no mercado.

— Muito bem, agora novamente — disse enquanto lhe servia um dedal de vinho. — O que ele está escrevendo?

Quartzo Rosa cheirou o vinho e fez uma careta. — O vinho está cada vez pior! — declarou com voz indignada. — Eu deveria exigir um pagamento melhor!

Com raiva, Fenoglio tirou-lhe o dedal das mãos de vidro. — Por enquanto nem isso aqui você merece! — vociferou. — Pode confessar, mais uma vez você não descobriu nada, absolutamente nada!

O homem de vidro cruzou os braços. — Ah, não?

Era de enlouquecer. Não se podia nem ao menos pegá-lo com força sem temer quebrar-lhe um braço ou até mesmo a cabeça.

Com expressão sombria, Fenoglio colocou o dedal de volta sobre a mesa.

Quartzo Rosa mergulhou um dedo lá dentro e o pôs na boca. — Ele escreveu novamente um tesouro.

— Outra vez? Que diabos, ele gasta mais prata que o Pardal! — Ainda o atormentava que ele mesmo não tivesse tido aquela ideia. Por outro lado... teria precisado de um leitor que transformasse suas palavras em moedas tilintantes, e ele não estava muito certo se Meggie ou seu pai teriam lhe emprestado sua língua para objetivos tão prosaicos. — Bom, um tesouro. E o que mais?

— Ah, ele escreve bastante, mas raramente fica satisfeito. Já contei que agora trabalham dois homens de vidro para ele? Aquele com quatro braços, com quem ele se vangloriava por tudo quanto é canto — Quartzo Rosa baixou a voz, como se fosse terrível demais pronunciá-lo —, parece que, num ataque de raiva, ele o jogou contra a parede! Todo mundo em Ombra já ouviu falar disso, mas Orfeu paga bem. — Fenoglio ignorou o olhar reprovador que o homem de vidro lhe lançou ao fazer esse comentário. — Então, agora trabalham esses dois irmãos para ele, Jaspis e Brilho Gélido. O mais velho é um monstro! Ele...

— Dois? Para que o Cabeça de Bezerro precisa de dois homens de vidro? Ele se intromete com tanto entusiasmo na minha história, que um não é mais suficiente para apontar as penas? — Fenoglio sentiu o estômago arder de raiva. Mesmo que na verdade fosse

uma boa notícia que o homem de vidro de quatro braços pudesse descansar em paz agora. Talvez aos poucos estivesse ficando claro para Orfeu que os seus seres não valiam o papel onde ele os criava!

— Está bem. E o que mais?

Quartzo Rosa ficou em silêncio. Chateado, ele cruzara os braços sobre o peito. Não gostava nem um pouco quando o interrompiam.

— Pelo amor de Deus, não faça essa cara! — Fenoglio empurrou o vinho para mais perto dele. — Sobre o que ele está escrevendo agora? Nova caça exótica para o Pardal? Cachorrinhos com chifres para as damas da corte? Ou será que ele decidiu que em minha obra faltam anões com bolinhas?

Quartzo Rosa mergulhou novamente o dedo no vinho. — Você tem que comprar calças novas para mim — concluiu. — As minhas rasgaram de tanto ficar subindo e descendo por aí. Além disso, elas estão velhas. Você pode andar por aí como bem quiser, mas eu não vivo no meio dos humanos para andar mais malvestido do que os meus primos da floresta.

Ah, tinha dias em que Fenoglio teria preferido quebrá-lo ao meio. — Suas calças? E o que eu tenho a ver com as suas calças? — disse em tom ríspido para o homem de vidro.

Quartzo Rosa bebeu um grande gole do dedal — e cuspiu o vinho em seus pés de vidro. — Até vinagre é melhor do que isto! — reclamou. — Foi para isso que eu quase fui atingido por ossos? Foi para isso que eu me arrastei em meio a pombais e telhas quebradas? É, não me olhe com essa cara de surpresa! O tal Brilho Gélido jogou ossos de galinha em mim quando me pegou mexendo nos papéis de Orfeu! Ele tentou me empurrar pela janela!

Com um suspiro ele limpou o vinho dos pés. — Está bem. Havia algo sobre javalis com chifres, mas eu mal pude decifrar, depois alguma coisa sobre peixes cantores, horrível, aliás, e mais coisas sobre as Damas Brancas. O Olho Duplo continua colecionando tudo o que os menestréis cantam sobre elas...

— Sim, sim, mas isso Ombra inteira sabe! Foi para isso que você ficou tanto tempo por lá? — Fenoglio escondeu o rosto entre as mãos. Realmente, aquele vinho não era bom. Sua cabeça parecia cada dia mais pesada. Maldição.

Quartzo Rosa bebeu mais um gole, sempre fazendo uma careta. Idiota de vidro! Mais tardar amanhã ele estaria com dor de barriga novamente. — Bom, seja como for, este é o meu último relatório! — anunciou entre dois arrotos. — Não vou mais bancar o espião! Não enquanto aquele Brilho Gélido continuar trabalhando lá. Ele é forte como um trasgo e dizem que já quebrou os braços de dois homens de vidro!

— Está bem, está bem. Você é realmente uma vergonha como espião — murmurou Fenoglio enquanto cambaleava até a sua cama. — Pode confessar, você investe muito mais paixão em ir atrás das mulheres de vidro na rua das costureiras. Não pense que eu não sei!

Com um gemido, ele se esticou sobre o seu saco de palha e fixou o olhar no ninho de fadas vazio. Haveria uma existência mais triste do que a de um escritor cujas palavras se extinguiram? Haveria destino pior do que ser obrigado a ver como outro torce as nossas próprias palavras e decora o mundo que criamos com esparadrapos coloridos de mau gosto? Nada mais de quartos em castelos, nada mais de arcas cheias de finas roupas e um cavalo próprio para o poeta da corte, novamente, apenas o quarto no sótão de Minerva. E era um milagre que ela o tivesse aceitado mais uma vez — depois de suas palavras e canções terem cuidado para que ela não tivesse mais marido nem um pai para seus filhos. É, toda Ombra sabia qual papel Fenoglio tivera na guerra de Cosme. Era surpreendente que ela ainda não o houvesse puxado para fora da cama e assassinado, mas as mulheres de Ombra tinham muito trabalho em não morrer de fome. — Para onde mais você iria? — dissera Minerva assim que ele apareceu na sua porta. — No castelo já não precisam de poetas mesmo. Futuramente, estarão cantando as músicas do Pífaru por lá. — Com o que ela naturalmente tinha razão. O Pardal amava os versos sanguinolentos do Nariz de Prata. Quando não era ele mesmo que colocava no papel alguns versos malfeitos sobre as suas caçadas.

Por sorte ao menos Violante chamava Fenoglio de vez em quando. Obviamente sem imaginar que ele lhe trazia palavras roubadas de poetas de outro mundo. Mas, de qualquer forma, a

Feia não pagava excepcionalmente bem. A filha do Cabeça de Víbora era mais pobre que as damas da corte do novo governador, sendo assim, Fenoglio tinha que, além disso, trabalhar como escrevente no mercado, o que dava a Quartzo Rosa a oportunidade de contar a quem quisesse ouvir o quão baixo o seu senhor havia descido. Mas quem é que prestava atenção à voz aguda de um homem de vidro! O idiota transparente que falasse o quanto quisesse!! E mesmo que este lhe colocasse todas as noites um pergaminho em branco sobre a mesa, ele, Fenoglio, tinha desistido das palavras para todo o sempre. Não escreveria mais nenhuma — fora aquelas que ele roubava dos outros, e o discurso vazio, seco, que usava para testamentos, certificados de compra e insignificâncias parecidas. O tempo das palavras vivas acabara. Malignas e mortais é o que elas eram, monstros de tinta negra sugadores de sangue, que não traziam nada além de desgraça. Ele não os ajudaria mais nisso, ah não. Uma caminhada pelas ruas sem homens de Ombra e ele precisava de uma jarra inteira de vinho para espantar a tristeza que, desde a derrota de Cosme, lhe tirava qualquer vontade de viver.

Jovens imberbes, velhos caquéticos, aleijados e mendigos, comerciantes errantes que ainda não sabiam que em Ombra não havia moeda de cobre que tirar, ou que faziam negócios com os sanguessugas do castelo, isso era tudo o que se podia encontrar nas ruas antigamente tão coloridas. Mulheres com os olhos vermelhos de tanto chorar, crianças sem pai, homens do outro lado da floresta à procura de uma jovem viúva ou de uma oficina abandonada — e soldados. Sim. Soldados havia aos montes em Ombra. Eles pegavam o que queriam, dia após dia, noite após noite. Nenhuma casa estava segura. Eles chamavam de dívida de guerra — e não tinham razão? Afinal, fora Cosme que havia atacado, Cosme, sua mais bela criatura, a mais ingênua (ao menos era o que ele havia pensado). Agora jazia morto em um sarcófago que o Príncipe Porcino mandara fazer para o seu filho, e o morto com o rosto queimado, que jazera ali até então (talvez o verdadeiro Cosme), estava enterrado de qualquer jeito entre seus súditos no cemitério ao norte da cidade — não era um lugar ruim, achava

Fenoglio, ao menos bem menos solitário que a cripta debaixo do castelo. Mesmo que Minerva dissesse que Violante descia até lá todos os dias, oficialmente para chorar pelo marido morto, na verdade (ao menos é o que murmuravam) era para encontrar-se com seus informantes. Dizia-se que a Feia nem sequer precisava pagar os seus espiões. O ódio ao Pardal os empurrava às dezenas até ela. Óbvio. Bastava olhar para o sujeito, esse carrasco perfumado com peito de galinha, governador graças ao favor de seu cunhado. Todo ovo em que se desenhava um rosto adquiria de imediato uma surpreendente semelhança com ele. E, não, Fenoglio não o havia inventado! O Pardal, mais uma vez, era uma criação da própria história.

Como primeira ação em seu mandato mandou pregar ao lado do portal do castelo uma lista dos castigos que seriam adotados em Ombra para diversos delitos — com desenhos, para que também aqueles que não dominavam a leitura pudessem entender o que os ameaçava. Um olho para isso, uma mão para aquilo, chicotadas e humilhação pública, queimaduras, cegueira... Fenoglio virava sempre o rosto quando passava pelo cartaz, e quando tinha que ir à praça do mercado com os filhos de Minerva, onde se aplicavam a maioria dos castigos, colocava-lhes a mão sobre os olhos (mesmo que Ivo protestasse todas as vezes). Os gritos eles ouviam de qualquer forma. Por sorte não sobravam muitos que pudessem ser castigados, nessa cidade sem homens. Mesmo muitas das mulheres tinham ido embora com os seus filhos, para bem mais além da Floresta sem Caminhos que já não protegia Ombra do príncipe do outro lado, o imortal Cabeça de Víbora.

Sim, Fenoglio, aquilo era sem dúvida ideia sua. Mas aumentavam os rumores de que o Príncipe de Prata não estava muito feliz com sua imortalidade.

Bateram na porta. Quem poderia ser? Diabos, estaria ficando esclerosado? Claro! Onde estava o maldito bilhete que o tal corvo havia trazido ontem à noite? Quartzos Rosa quase morrera de susto quando ele pousou na claraboia. Mortimer planejava vir a Ombra! Hoje! Mas não queria ele encontrá-lo diante do portal do castelo? Era uma maldita imprudência aquela visita. Em todo canto havia um

aviso de procura-se com a imagem do Gaio. Por sorte, o desenho não tinha a menor semelhança com Mortimer, mas mesmo assim!

Bateram novamente.

Quartzo Rosa manteve os dedos no copo de vinho. Nem mesmo para abrir a porta aquele homem de vidro servia! Orfeu certamente não tinha que abrir a porta ele mesmo. Aparentemente, o seu novo guarda-costas era tão grande que ele mal passava pelo portal da cidade. Guarda-costas! “Se eu voltar a escrever algum dia”, pensou Fenoglio, “vou pedir a Meggie que me leia um gigante, aí quero ver o que o Cabeça de Bezerro vai dizer.”

As batidas se tornaram impacientes.

— Já vou, já vou! — Fenoglio tropeçou num jarro de vinho vazio ao procurar por suas calças. Levantou-se com dificuldade. Como lhe dóiam os ossos! Maldita velhice. Por que não escrevera uma história em que as pessoas permanecessem para sempre jovens? “Porque seria chato”, pensou enquanto pulava até a porta, uma perna na calça. “Chato de morrer.”

— Sinto muito, Mortimer! — disse. — O homem de vidro não me acordou a tempo!

Quartzo Rosa começou a reclamar atrás dele, mas a voz que respondeu do lado de fora não era a de Mortimer — mesmo que fosse quase tão bonita quanto a dele. Orfeu. Em pensar no diabo! O que ele queria ali? Reclamar que Quartzo Rosa o estava espionando? “Se alguém tinha motivos para reclamar, então era eu”, pensou Fenoglio. “Afim é a minha história que ele está saqueando e desfigurando! Maldito Cabeça de Bezerro, Cara de Leite, Sapo-boi, Moleque...” Fenoglio tinha muitos apelidos para Orfeu, e nenhum deles era elogioso.

Não bastava que ele mandasse o garoto sempre atrás dele? Agora tinha que vir pessoalmente? Com certeza queria fazer-lhe mais uma vez um monte de perguntas idiotas. Culpa sua, Fenoglio! Quantas vezes já não se amaldiçoara por ter escrito aquelas palavras por insistência de Meggie na mina: *Então chamou um outro, mais novo do que ele, de nome Orfeu — hábil com as letras, embora não soubesse compô-las de forma magistral como o próprio Fenoglio —, e decidiu iniciá-lo em sua arte, como todo mestre em*

algum momento acaba por fazer. Por um tempo, Orfeu deveria brincar com as palavras em seu lugar, mentir e seduzir com elas, criar e destruir, expulsar e resgatar — enquanto Fenoglio esperava que o cansaço se fosse, que o prazer com as palavras despertasse nele novamente. Então enviaria Orfeu de volta para o mundo de onde o chamara, para manter viva a sua história com palavras novas e ainda não usadas.

— Eu deveria escrevê-lo de volta agora mesmo — resmungou enquanto tirava o jarro de vinho do caminho. — Agora mesmo!

— Escrever? Estou ouvindo algo sobre escrever? — zombou Quartzo Rosa atrás dele. Ele realmente havia recuperado sua cor natural. Fenoglio jogou-lhe um pedaço de pão velho, mas ele caiu a mais de um palmo de distância da cabeça cor-de-rosa e o homem de vidro deu um suspiro de causar pena.

— Fenoglio? Fenoglio, eu sei que você está aí! Abra logo. — Deus, como ele odiava aquela voz. Ela plantava palavras em sua história como quem planta ervas daninhas. Suas próprias palavras!

— Não, eu não estou aqui! — resmungou Fenoglio. — Não para você, Cabeça de Bezerro.

Fenoglio, a morte é um homem ou uma mulher? As Damas Brancas já foram seres humanos alguma vez? Fenoglio, como é que eu vou trazer Dedo Empoeirado de volta se você não me explica as regras mais elementares deste mundo? Diabos, quem é que lhe pedira para trazer Dedo Empoeirado de volta? Afinal, ele deveria estar morto faz tempo de qualquer jeito, tivessem as coisas acontecido como Fenoglio as escrevera originalmente. E no que diz respeito às regras mais simples — desde quando, por favor, eram a vida e a morte uma coisa simples? Como é que, pelo amor do carrasco (algo que, infelizmente, não faltava em Ombra), ele iria saber como tudo isso funcionava seja neste, seja em qualquer outro mundo? Ele nunca pensara sobre a morte ou sobre o que viria depois dela. Para quê? Uma vez que se esteja vivo, o que isso poderia nos interessar? E se se estava morto — bom, aí é que não deveria nos interessar mesmo.

— Claro que ele está aí! Fenoglio? — Era a voz de Minerva. Maldito, o Cabeça de Bezerro havia pedido a sua ajuda. Nada bobo.

Não, bobo era algo que Orfeu realmente não era.

Fenoglio escondeu o jarro de vinho vazio debaixo da cama, enfiou a outra perna dentro da calça e destrancou a porta.

— Muito bem! — Minerva encarou-o com reprovação, da cabeça despenteada até os pés descalços. — Eu disse à sua visita que você está aqui. — Ela parecia tão triste. E esgotada. Ela trabalhava agora na cozinha do castelo. Fenoglio pedira a Violante que lhe conseguisse algo por lá. Mas como o Pardal tinha uma preferência por refeições noturnas, com frequência Minerva só voltava para casa ao amanhecer. Possivelmente, em algum momento ela cairia morta de cansaço e deixaria os filhos órfãos. Ah, quanta miséria! O que havia acontecido com a sua bela Ombra!

— Fenoglio! — Orfeu passou a frente de Minerva, nos lábios aquele insuportável sorriso inocente que ele sempre usava para se esconder. Obviamente ele havia trazido folhas de papel outra vez, folhas cheias de perguntas. Como poderia pagar as roupas que usava? Nem em seus melhores tempos como poeta da corte Fenoglio havia usado roupas assim. Você esqueceu os tesouros que ele se escreve, Fenoglio?

Minerva desceu as escadas de volta sem dizer uma palavra, e atrás de Orfeu, um homem forçava sua entrada pela porta de Fenoglio, um homem que mesmo com a cabeça baixa teria dificuldades para não ficar entalado. Ahá, seu maravilhoso guarda-costas. A modesta câmara de Fenoglio ficou ainda menor com a presença daquele bolo de carne. Farid, em comparação, continuava não ocupando muito espaço, apesar de até então ter desempenhado um papel importante nesta história. Farid, o anjo da morte... Ele seguia o seu senhor de um jeito vacilante por trás da porta, como se tivesse vergonha da sua companhia.

— Bom, Fenoglio, eu sinto muito — o sorriso arrogante de Orfeu contradizia suas palavras —, mas temo ter encontrado mais algumas inconsistências.

Inconsistências!

— Eu já havia mandado Farid aqui com as perguntas correspondentes, mas você lhe deu respostas muito estranhas. — Com expressão séria tirou o livro de debaixo do seu pesado casaco

de veludo. Sim, o Cabeça de Bezerro tinha trazido o livro de Fenoglio para o mundo que ele descreve: *Coração de tinta*, o último exemplar. Mas ele o devolveu ao seu autor? Ah, não. — Sinto muito, Fenoglio — ele dissera com aquela expressão arrogante que dominava de forma magistral (a máscara do estudante aplicado, Orfeu havia deixado de lado rapidamente). — Mas esse livro pertence a mim. Ou você realmente acha que o autor é o dono natural de cada exemplar do livro escrito por ele? — Aprendiz pretensioso, cara de leite! Como se dirigia a ele, o criador de tudo a sua volta, até mesmo o ar que ele respirava!

— Você quer que eu te fale algo sobre a morte? — Fenoglio forçava os pés para dentro de suas botas gastas. — Por quê? Para que você possa continuar enganando o pobre rapaz, dizendo que vai trazer Dedo Empoeirado de volta das Damas Brancas, apenas para que ele continue te servindo?

Farid trincou os lábios. A marta de Dedo Empoeirado olhava sonolenta pelo seu ombro — ou seria outra?

— Mas que bobagem você está dizendo novamente! — Orfeu soou claramente contrariado (era tão fácil ofendê-lo). — Por acaso eu pareço alguém que tem dificuldades para conseguir um serviço? Eu tenho seis empregadas, um guarda-costas, uma cozinheira e o garoto. E eu poderia ter mais empregados a qualquer hora, se os necessitasse. Você sabe muito bem que eu não quero trazer Dedo Empoeirado de volta por causa do garoto. Ele pertence a esta história. Ela não vale nem a metade sem ele, uma flor sem pétalas, um céu sem estrelas...

— ... uma floresta sem árvores?

Orfeu ficou vermelho como um tomate. Ah, como era engraçado ridicularizá-lo, uma das poucas alegrias que restavam a Fenoglio.

— Você está bêbado, seu velho! — rosnou Orfeu. Sua voz podia soar bem desagradável.

— Bêbado ou não, de palavras eu entendo mil vezes mais do que você. Você só lida com as usadas. Você desfaz o que encontra e costura como se fosse novo, como se uma história fosse um par de meias velhas! Então não venha me dizer qual papel Dedo Empoeirado deve ter nesta história. Talvez você se lembre que eu

já o havia matado antes de ele mesmo se decidir a acompanhar as Damas Brancas! Como você se atreve, vir aqui para me ensinar sobre a minha própria história? Em vez disso, por que você não olha pra isso aí! — Ele apontou furioso para o ninho de fadas brilhante sobre a sua cama. — Fadas coloridas! Desde que elas construíram o seu horrendo ninho sobre a minha cama, tenho os piores pesadelos todas as noites! Além do que elas roubam as reservas de inverno das azuis!

— Bom! — Orfeu encolheu os ombros. — Mesmo assim elas são bonitas, não? Eu achava muito sem graça que todas fossem azuis.

— Você achava, é? — Fenoglio falou tão alto que uma das fadas coloridas interrompeu o seu eterno cacarejar e saiu do seu ninho de mau gosto. — Então escreva o seu próprio mundo! Este aqui é meu, está entendendo? Meu! Não aguento mais ver você mexendo nele. Eu admito, eu cometi alguns erros na minha vida, mas te escrever para cá foi de longe o maior deles!

Orfeu olhava entediado para as suas unhas. Estavam roídas até o sabugo. — Eu realmente não consigo mais ouvir isso! — disse com voz ameaçadora. — Essa bobagem de “você me escreveu para cá, ela me leu para cá”. O único que atualmente lê e escreve por aqui sou eu. As palavras já não te obedecem faz tempo, velho, e você sabe disso!

— Elas vão me obedecer novamente! E a primeira coisa que eu vou escrever é uma passagem de volta para você!

— É mesmo? E quem vai ler essas maravilhosas palavras? Que eu saiba, você precisa de um leitor, ao contrário de mim.

— E daí? — Fenoglio chegou tão perto de Orfeu que ele o olhou irritado com seus olhos hipermetropes. — Vou pedir a Mortimer! Não é à toa que o chamam de Língua Encantada, mesmo que momentaneamente ele atenda por outro nome. Pergunte ao garoto! Se não fosse Mortimer ele ainda estaria no deserto limpando cocô de camelo.

— Mortimer! — Orfeu abriu, mesmo que com esforço, um sorriso de desprezo. Você está com a cabeça enfiada tão fundo na caneca de vinho que já nem sabe mais o que está acontecendo no seu

mundo? Ele já não lê. O encadernador prefere agora o papel de ladrão — o papel que você fez para ele sob medida.

O guarda-costas soltou um grunhido, provavelmente era para ser algo como um sorriso. Que tipinho mais repulsivo — teria sido ele ou Orfeu que o escrevera para cá? Fenoglio observou confuso o monte de músculos por um momento, depois virou-se novamente para Orfeu.

— Eu não o fiz sob medida para ele! — disse. — É exatamente ao contrário: Eu usei Mortimer como molde para o papel... E ele o representa bem, por tudo o que ouço dizer por aí. Mas isso não significa que o Gaio não continue tendo uma língua encantada. Isso sem falar na sua talentosa filha.

Orfeu voltou a olhar para as suas unhas enquanto o seu guarda-costas atacava os restos do café da manhã de Fenoglio. — É mesmo? E você sabe onde ele está? — ele falou quase que casualmente.

— Aliás, ele vem... — Fenoglio calou-se abruptamente quando o garoto de repente apareceu diante dele e tapou-lhe a boca com a mão. Por que sempre esquecia o seu nome? Porque você está gagá, Fenoglio...

— Ninguém sabe onde o Gaio está! — Ele o olhava cheio de reprovação com seus olhos negros. — Ninguém!

Claro. Três vezes maldito, aquele idiota bêbado de vinho! Ele tinha esquecido que Orfeu morria de ciúmes só de ouvir o nome de Mortimer, e que tinha acesso direto ao Pardal? Fenoglio deveria ter mordido a língua.

Orfeu, porém, sorria. — Não olhe assim tão assustado, velho! Quer dizer que o Encadernador está vindo para cá. Que audácia! Ele quer tornar reais as canções que falam de sua temeridade antes que o enforcem? Porque é assim que ele vai terminar. Como todos os heróis. Nós sabemos disso, não é? Não se preocupe: não tenho a intenção de mandá-lo para a forca. Outros o farão. Não, quero apenas conversar com ele sobre as Damas Brancas. Não há muitos que tenham sobrevivido a um encontro com elas, então eu realmente gostaria muito de conversar com ele sobre isso. Há rumores muito interessantes sobre aqueles que sobrevivem.

— Darei o recado, caso eu o veja — respondeu Fenoglio bruscamente. — Mas eu não posso imaginar que ele queira conversar com você. Afinal, ele não teria conhecido as Damas Brancas se você não tivesse se disposto a lê-lo até aqui para Mortola. Quartzo Rosa! — Ele caminhou até a porta o mais honradamente possível em suas botas gastas. — Eu tenho que fazer algumas compras. Despeça a nossa visita e mantenha-se longe da marta!

Fenoglio desceu as escadas até o pátio quase tão apressadamente como no dia em que Basta lhe fizera uma visita. Com certeza Mortimer já o estava esperando em frente ao portão do castelo! O que aconteceria se Orfeu o encontrasse lá, se ele fosse até o castelo contar ao Pardal o que acabara de ouvir?

O garoto o alcançou no meio da escada. Farid. Sim, esse era o seu nome. Claro. Esclerosado.

— Língua Encantada vem realmente para cá? — sussurrou-lhe quase sem ar. — Não se preocupe. Orfeu não vai entregá-lo. Ainda não! Mas Ombra é muito perigosa para ele! Meggie vem com ele?

— Farid!

Orfeu olhava para eles do alto da escada, como se ele fosse o rei daquele mundo. — Caso o velho cabeça-dura não diga a Mortimer que eu quero falar com ele, diga-lhe você. Entendeu?

“Velho idiota”, pensou Fenoglio. “Oh, Deuses das palavras, devolvam-nas para mim, para que eu finalmente possa apagar esse maldito Cabeça de Bezerro da minha história!”

Ele queria dar a Orfeu uma resposta à altura, mas nem mesmo a sua língua encontrava as palavras certas, e o garoto o levou impaciente consigo.



6. Triste Ombra



Meus cortesãos me chamavam o Príncipe Feliz, e eu era na verdade feliz, se é que o prazer é felicidade. Assim eu vivi e assim eu morri. E agora que estou morto eles me puseram aqui, tão alto que posso ver todo o mal e toda a miséria da minha cidade e, mesmo que meu coração seja feito de chumbo, não posso evitar de chorar.

Oscar Wilde, *O príncipe feliz*



Farid havia falado a Meggie das dificuldades para entrar em Ombra, e ela repetira a Mo cada uma das suas palavras: “Os guardas já não são os bobos inofensivos de antes. Se eles te perguntarem o que você vem fazer em Ombra, pense bem na resposta. Independentemente do que eles exijam, mantenha-se humilde e submisso. Eles raramente revistam alguém. Às vezes tem-se sorte e eles simplesmente deixam a gente passar!”.

Eles não tiveram sorte. Os guardas os detiveram, e Meggie teve vontade de segurar Mo quando um dos soldados mandou que ele descesse do cavalo e com voz rude exigiu que desse uma prova da sua arte. Enquanto o guarda observava o livro que Mo havia encadernado a partir dos desenhos da mãe de Meggie, ela se perguntava temerosa se já não vira aquele rosto debaixo do elmo oxidado no Castelo da Noite e se ele iria encontrar a faca que Mo escondia no cinto. A faca apenas já era suficiente para que o matassem. Ninguém em Ombra podia portar uma arma, mas Baptista a costurara tão bem ao cinto que até mesmo as mãos desconfiadas do guardião do portal não encontrariam nada suspeito.

Meggie estava contente de que Mo tivesse a faca ali com ele quando cruzaram o portão com grades de ferro, passaram pelas lanças dos guardas e entraram na cidade que agora pertencia ao Cabeça de Víbora.

Ela não voltara mais a Ombra desde que deixara o acampamento secreto dos menestréis juntamente com Dedo Empoeirado. Parecia que se passara uma eternidade desde que ela correria pelas ruas estreitas, na mão a carta de Resa, em que se informava que Mortola atirara no pai de Meggie. Por um instante apoiou o rosto nas costas de Mo, feliz de tê-lo novamente ali com ela, respirando e saudável, e por finalmente poder lhe mostrar aquilo de que tanto lhe havia falado: a oficina de Balbulus e os livros do Príncipe Porcino. Por um momento precioso ela esqueceu o medo, e pareceu-lhe que o Mundo de Tinta pertencia apenas a eles dois.

Mo gostou de Ombra. Meggie viu em seu rosto, em como ele olhava em volta, rua por rua, sempre puxando as rédeas do cavalo. Mesmo que não fosse possível ignorar os sinais dos ocupantes — aquilo que os pedreiros haviam erguido, portais, colunas e arcos, continuava pertencendo a Ombra. Não havia como levar embora a sua arte, que destruída não teria mais valor que as pedras nas ruas. Sendo assim, as flores de pedra continuavam florescendo debaixo das janelas e balcões de Ombra, trepadeiras cresciam em volta das colunas e junco, e do muro cor de areia, rostos com bocas grotescamente tortas punham a língua para fora e choravam lágrimas de pedra.

Apenas o brasão do Príncipe Porcino estava totalmente destruído, e só era possível reconhecer o leão que havia nele pelos restos da sua juba.

— A rua ali à direita vai dar na praça do mercado! — sussurrou Meggie para Mo, que concordou como um sonâmbulo. Provavelmente ele ouvia, enquanto cavalgava, as palavras que uma vez descreveram o que agora tinha à sua volta. Meggie só conhecia o Mundo de Tinta dos relatos da sua mãe, Mo, porém, havia lido o livro de Fenoglio inúmeras vezes, e em todas tentara encontrar Resa entre as palavras.

— É como você imaginava? — ela perguntou.

— Sim — sussurrou Mo. — Sim e não.

Na praça do mercado as pessoas se aglomeravam como se ainda reinasse em Ombra o pacífico Príncipe Porcino, só que agora mal se encontravam homens entre elas, e era novamente possível apreciar

os menestréis. Sim, o cunhado do Cabeça de Víbora permitia menestréis na cidade. Porém, dizem por aí que estavam autorizados a se apresentar somente aqueles dispostos a espionar para o Pardal.

Mo guiou o cavalo em direção a um grupo de crianças. Havia muitas crianças em Ombra, ainda que seus pais estivessem mortos.

Meggie avistou uma tocha acesa girando sobre as pequenas cabeças, duas, três, quatro tochas e chamas brilhando no ar gélido. “Farid?”, pensou, embora soubesse que ele não se apresentava mais desde a morte de Dedo Empoeirado, mas Mo puxou rapidamente o capuz sobre a cabeça, e então ela também viu o rosto oleoso com o eterno sorriso.

O Pássaro Tisnado.

Meggie afundou os dedos na capa de Mo, mas seu pai continuou cavalgando, como se ali não estivesse o homem que já o traíra uma vez. Havia custado a vida de mais de uma dezena de menestréis, o fato de o Pássaro Tisnado ter sabido do acampamento secreto, e Mo quase fora um dos mortos. Todos em Ombra sabiam que o Pássaro Tisnado entrava e saía do Castelo da Noite quando queria, que o Pífaru pessoalmente transformara a sua traição em prata, e que nesse meio-tempo se entendia às mil maravilhas até com o Pardal — e mesmo assim, ali estava ele, sorridente, no mercado de Ombra, sem concorrência desde que Dedo Empoeirado morrera e Farid perdera a vontade de cuspir fogo. É, realmente Ombra tinha novos donos. Nada poderia ter deixado isso mais claro para Meggie do que o rosto sorridente como uma máscara do Pássaro Tisnado. Diziam que os alquimistas do Cabeça de Víbora haviam lhe ensinado bastante sobre o fogo, e aparentemente ele trabalhava com um fogo escuro, maligno e mortal, como os pós que usava para controlá-lo, já que de outra forma não lhe obedecia. O Homem Forte dissera a Meggie que a fumaça amortecia os sentidos e assim o Pássaro Tisnado fazia com que os seus espectadores acreditassem que estavam diante do maior de todos os cuspidores de fogo.

Independentemente do que fosse verdade nisso tudo, as crianças de Ombra aplaudiam, apesar de as tochas não atingirem nem a

metade da altura que atingiam com Dedo Empoeirado ou Farid, mas elas faziam com que esquecessem por alguns momentos a mãe entristecida e o trabalho que as esperava em casa.

— Mo, por favor! — Meggie virou rapidamente o rosto quando o Pássaro Negro olhou em sua direção. — Vamos voltar! E se ele te reconhecer?

Eles fechariam o portão. Iriam caçá-los pelas ruas como ratos numa armadilha!

Mas Mo se limitou a balançar a cabeça, de modo quase imperceptível, e puxou o cavalo para trás de uma das barracas. — Não se preocupe. O Pássaro Tisnado está muito ocupado em manter o fogo distante do seu belo rosto! — murmurou ele para Meggie. — Mas é melhor descermos do cavalo, a pé é mais difícil que nos notem.

O cavalo se assustou quando Mo o guiou em meio à aglomeração de pessoas, mas ele o acalmou com voz baixa. Meggie viu entre as barracas um malabarista que já havia sido seguidor do Príncipe Negro. Muitos menestréis haviam mudado de senhor desde que o Pardal começara a encher seus bolsos. Não eram tempos ruins para eles e também os comerciantes no mercado faziam bons negócios. As mulheres de Ombra não tinham como comprar nada daquilo que estava sendo oferecido nas barracas, mas o Pardal e seus amigos faziam valiosas compras com o que haviam tirado de Ombra: joias, armas e preciosidades que nem mesmo Fenoglio deveria conhecer o nome. Até mesmo cavalos era possível comprar... E Mo caminhava pela multidão colorida, como se o Pássaro Tisnado não existisse.

Ele parecia não deixar escapar um único rosto, nenhum produto à venda, até que o seu olhar ficou preso nas torres que se destacavam por sobre os telhados, e o coração de Meggie se encolheu. Ele continuava decidido a ir até o castelo, e ela desejou nunca ter contado nada a ele sobre Balbulus e sua arte.

Ela ficou quase sem ar ao passar por um cartaz oferecendo uma recompensa pelo Gaio, mas Mo se limitou a lançar um olhar divertido para a imagem e passou os dedos pelos cabelos escuros que agora trazia curtos como os dos camponeses. Talvez ele pensasse que essa falta de preocupação pudesse tranquilizar

Meggie, mas não era o caso. Deixava-a com medo. Ao agir assim, ele era o Gaio, e parecia-lhe um estranho com o rosto do seu pai.

E se um dos soldados ali houvesse feito guarda para eles no Castelo da Noite? Não estaria olhando para eles? E a menestrel lá — não lembrava uma dessas mulheres que havia ido com eles até o portal do Castelo da Noite? Vamos embora, Mo!, ela pensava, e queria levá-lo consigo por baixo de um dos arcos da torre, por uma ruela qualquer, desde que longe de todos os olhares. Duas crianças puxavam a sua saia e pediam esmola estendendo as mãos sujas em sua direção. Meggie sorriu impotente para elas. Ela não tinha dinheiro, nem ao menos uma moeda. Elas pareciam tão esfomeadas. Um soldado abria caminho pela multidão. Empurrou bruscamente as crianças para o lado. “Se ao menos já estivessem com Balbulus!”, pensou Meggie, e tropeçou em Mo, que havia parado de repente.

Ao lado da barraca de um curandeiro, que apregoava seus remédios miraculosos com o auxílio de dois menestréis, estavam alguns garotos em volta de um cepo. A mulher ali tinha a cabeça e as mãos presas na madeira, impotente como uma boneca. Verduras podres grudavam em seu rosto e em suas mãos, esterco fresco, tudo o que as crianças encontravam entre as barracas. Meggie já havia visto aquilo com Fenoglio, mas Mo ficou ali parado, como se tivesse esquecido o seu objetivo ali em Ombra. Ele ficou quase tão pálido como a mulher em cujo rosto a sujeira e as lágrimas se misturavam, e por um instante Meggie teve medo que ele fosse puxar a faca que levava escondida no cinto.

— Mo! — Ela agarrou o seu braço e o puxou com força pela rua que levava ao castelo, longe das crianças estupefatas, que já estavam começando a olhar para ele.

— Você já tinha presenciado algo assim? — Como ele olhava para ela. Como se não pudesse acreditar que ela tivesse mantido o controle diante daquela visão.

Seu olhar fez com que Meggie sentisse vergonha. — Sim — ela disse sem jeito. — Sim, algumas vezes. O cepo já existia na época do Príncipe Porcino.

Mo continuava olhando para o cepo. — Não me diga que é possível acostumar-se com aquilo.

Meggie abaixou a cabeça. Sim. Sim, era possível.

Mo respirou fundo, como se tivesse se esquecido de respirar diante da imagem da mulher chorando. Depois continuou andando em silêncio. Ele não disse palavra até chegarem à praça diante do castelo.

Bem ao lado do portal do castelo havia mais um cepo. O garoto ali preso tinha elfos de fogo sobre a pele desprotegida. Mo entregou-lhe as rédeas do cavalo antes que Meggie pudesse detê-lo e foi em direção ao garoto. Sem prestar atenção nos guardas que o observavam do portal, ou nas mulheres que passavam e apavoradas viravam o rosto, ele espantou os elfos de fogo para longe dos braços magros. O garoto o olhava incrédulo. Não se via em seu rosto nada além de medo, medo e vergonha. E Meggie se lembrou da história que Farid lhe contara — que Dedo Empoeirado e o Príncipe Negro haviam estado uma vez em um cepo desses, lado a lado, na época apenas um pouco mais velhos do que o garoto que olhava agora tão assustado para o seu protetor.

— Mortimer!

Meggie reconheceu o homem velho que puxava Mo para longe do cepo apenas à segunda vista. O cabelo grisalho de Fenoglio chegava quase até os ombros, os olhos com olheiras arroxeadas, o rosto sem barbear. Ele parecia velho — Meggie nunca havia pensado isso de Fenoglio, mas agora era a única coisa que conseguia pensar.

— Você enlouqueceu? — ele disse ao seu pai em voz baixa. — Oi, Meggie! — completou ausente, e Meggie sentiu como o sangue lhe subia ao rosto ao ver Farid surgir por trás dele.

Farid.

“Mostre-se indiferente”, ela pensou, mas já tinha aberto um sorriso. “Fora com ele!” Mas como, se era tão bom olhar para o seu rosto? Sorratoiro estava sobre o seu ombro. Ele balançou sonolento o rabo quando a viu.

— Oi, Meggie. Tudo bom? — Farid acariciava o pelo da marta.

Doze dias, durante doze dias ele não havia lhe dado nem um sinal de vida. E ela não havia decidido não dizer uma única palavra quando o reencontrasse? Mas simplesmente não conseguia ficar chateada com ele. Ele ainda parecia triste. Nem sinal do riso que antes fizera parte do seu rosto, assim como os seus olhos negros. O sorriso que ele lhe dava agora era apenas uma triste sombra do que fora antes.

— Eu quis te visitar tantas vezes, mas Orfeu não me deixou ir!

Ele mal ouvia a própria voz, só tinha olhos para o pai dela. O Gaio.

Fenoglio havia levado Mo consigo para longe do cepo, para longe dos soldados. Meggie foi atrás. O cavalo estava inquieto, mas Farid o tranquilizou. Dedo Empoeirado lhe ensinara como falar com os animais. Ele ia bem perto ao seu lado, tão perto e ao mesmo tempo, tão longe.

— O que você pretendia com aquilo? — Fenoglio continuava segurando Mo como se tivesse medo que ele pudesse voltar ao cepo. — Você quer que os guardas coloquem a tua cabeça naquele negócio? Realmente! É provável que a espetassem diretamente numa lança!

— São elfos de fogo, Fenoglio. Eles estão queimando a pele do garoto! — A voz de Mo soava rouca de raiva.

— Por acaso você tem que explicar isso a mim? Fui eu quem criou aquelas pequenas bestas. O garoto vai sobreviver. Trata-se provavelmente de um ladrão, mais do que isso, eu não quero saber.

Mo desvencilhou-se de Fenoglio, e virou-lhe as costas de modo tão abrupto como se tivesse que se controlar para não lhe dar uma surra. Ele examinou os guardas e suas armas, o muro do castelo e o cepo como se procurasse algum jeito de fazê-los desaparecer. “Não fique olhando para os guardas, Mo!”, pensou Meggie. Aquilo havia sido a primeira coisa que Fenoglio lhe ensinara naquele mundo, nunca olhar diretamente para um soldado — para um soldado, para um nobre, para qualquer um que tivesse permissão para portar uma arma.

— Devo tirar-lhes o apetite, Língua Encantada? — Farid se colocou entre Mo e Fenoglio.

Sorrateiro rosnou para o ancião como se tivesse visto nele a razão de todos os males do mundo. Farid, porém, se dirigiu ao cepo sem esperar a resposta de Mo. Ali os elfos já haviam voltado fazia tempo para a pele do garoto. Com um estalar de dedos fez com que surgissem faíscas que lhes queimaram de leve as asas reluzentes fazendo-os voar para longe dali com um zunido furioso. Um dos guardas ergueu a lança, mas antes que ele se mexesse, Farid desenhou com o dedo um basilisco de fogo no muro do castelo, inclinou-se diante dos guardas que olhavam incrédulos para o animal heráldico de seu senhor e voltou tranquilamente para o lado de Mo.

— Deveras imprudente, meu caro! — desaprovou Fenoglio, mas Farid não lhe deu atenção.

— Por que você veio, Língua Encantada? — ele perguntou em voz baixa. — É perigoso! — Seus olhos, porém, brilhavam. Farid amava aventuras perigosas, e ele amava Mo por ser o Gaio.

— Quero dar uma olhada em alguns livros.

— Livros? — Farid olhou-o tão espantado que Mo teve que rir.

— Sim, livros. Livros especiais. — Ele olhou para a torre mais alta do castelo. Meggie havia lhe descrito exatamente onde ficava a oficina de Balbulus.

— E o que anda fazendo Orfeu? — Mo olhava para os guardas do outro lado. Eles examinavam a carga de um açougueiro sem aparentar que soubessem o que estavam procurando. — Ouvi dizer que ele está cada vez mais rico.

— Pois é! — Farid acariciou as costas de Meggie. Quando Mo estava por perto, ele preferia os carinhos que não fossem muito evidentes. Farid tinha grande respeito pelos pais. Mas Mo não deixou de perceber como Meggie ficara vermelha.

— Ele está cada vez mais rico, mas até agora não escreveu nada para Dedo Empoeirado! A única coisa que ele tem na cabeça são os seus tesouros e aquilo que pode vender ao Pardo: javalis com chifres, cachorrinhos dourados, mariposas-aranhas, homens-folhas e tudo mais que lhe vem à mente.

— Mariposas-aranhas? Homens-folhas? — Fenoglio olhou alarmado para Farid, mas este nem lhe deu atenção.

— Orfeu quer falar com você! — ele sussurrou para Mo. — Sobre as Damas Brancas. Por favor, fale com ele! Talvez você saiba de algo que o ajude a trazer Dedo Empoeirado de volta!

Meggie viu a compaixão no rosto de Mo. Ele acreditava tão pouco quanto ela que Dedo Empoeirado fosse voltar algum dia. — Bobagem — ele disse, e colocou automaticamente a mão ali onde Mortola o havia ferido. — Eu não sei de nada. Não sei de nada que todo mundo não saiba.

Os guardas haviam permitido a passagem do açougueiro e um deles voltou a olhar fixamente para Mo. No muro do castelo ainda queimava o basilisco que Farid desenhara na pedra.

Mo ficou de costas para os soldados. — Ouça bem! — sussurrou ele para Meggie. — Eu não devia ter te trazido aqui. Que tal se você ficar com Farid enquanto eu vou ver Balbulus? Ele pode te levar à casa de Roxane e eu encontro você e Resa lá.

Farid colocou a mão sobre o ombro de Meggie. — Sim, pode ir. Eu cuido dela.

Mas Meggie afastou o seu braço bruscamente. Não lhe agradava que Mo quisesse ir sozinho, mesmo que ela tivesse que reconhecer que adoraria ficar com Farid. Ela sentira tanta falta do seu rosto.

— Cuidar de mim? Você não precisa cuidar de mim! — ela disse com mais ímpeto do que tinha intenção. A gente emburrece quando está apaixonado!

— É verdade, ela tem razão. Ninguém precisa tomar conta da Meggie. — Mo tirou-lhe as rédeas do cavalo das mãos. — Pensando bem, ela tem cuidado de mim com mais frequência do que eu dela. Eu volto logo — ele disse a Meggie. — Eu juro para você. E nenhuma palavra para a sua mãe, está bem?

Meggie assentiu com a cabeça.

— Não olhe para mim tão preocupada! — sussurrou-lhe Mo em tom de conspiração. — Não dizem as canções que o Gaio não faz quase nada sem sua bela filha? Então, eu sou bem menos suspeito sem você!

— É, mas as canções mentem — sussurrou Meggie de volta. — O Gaio não tem filha nenhuma. Ele não é um pai, ele é um ladrão.

Mo olhou para ela por um longo instante. Depois a beijou na testa, como se pudesse assim apagar o que ela acabara de dizer, e foi com o já impaciente Fenoglio para o castelo.

Meggie não o perdeu de vista quando parou em frente aos guardas. Com suas roupas pretas ele mais parecia um estranho — o encadernador de um país muito, muito longínquo, que atravessou toda aquela distância para finalmente dar aos desenhos do famoso Balbulus a encadernação correta. A quem importava se no meio do longo caminho ele havia se transformado num ladrão?

Farid buscou a mão de Meggie assim que Mo virou as costas.

— O teu pai é corajoso como um leão — sussurrou-lhe — mas também um pouco maluco, se você quer saber. Se eu fosse o Gaio, eu não atravessaria aquele portal de jeito nenhum, menos ainda por causa de alguns livros!

— Você não entende — respondeu Meggie em voz baixa. — Ele não entraria lá por nada que não fossem livros.

Ali Meggie se enganava, mas isso ela saberia depois.

Os soldados deixaram o encadernador e o escritor passarem. Mo olhou mais uma vez para Meggie antes de desaparecer pelo portão, o grande portão com as grades de ferro, que apontavam suas extremidades pontiagudas para quem passasse por baixo delas. Desde que o Pardal fora morar no castelo desciam-se as grades sempre que anoitecia ou soava um alarme no castelo. Meggie ouvira o barulho uma vez, e ela esperava involuntariamente ouvi-lo mais uma vez quando Mo desapareceu através do poderoso muro: o soar dos sinos, o cair das correntes que baixavam as grades, o baque das pontas de ferro...

— Meggie? — Farid segurou-lhe o queixo com a mão e virou o seu rosto em direção a ele. — Acredite em mim! Eu já teria ido te visitar faz tempo, mas Orfeu me mata de trabalhar o dia inteiro, e à noite eu escapulo para a chácara de Roxane. Ela vai todas as noites para o lugar onde esconde Dedo Empoeirado, eu sei! Mas ela percebe a minha presença todas as vezes, antes que eu possa segui-la. Aquele ganso idiota deixa-se subornar com pão de passas, mas se Linchetto não me morde em seu estábulo, então é Gwin quem me

denuncia. Roxane o deixa inclusive entrar em sua casa, sendo que antes jogava pedras nele!

Do que ele estava falando? Ela não queria conversar sobre Dedo Empoeirado ou Gwin. Se você sentiu a minha falta, ela sempre voltava a pensar nisso, por que é que não foi me visitar uma única vez em lugar de escapulir para a chácara de Roxane? Ao menos uma única vez. Para isso só havia uma resposta. Porque ele não sentia nem de perto a falta dela como ela a dele. Ele amava Dedo Empoeirado mais do que a ela. Ele o amaria sempre, mesmo depois de morto. E mesmo assim ela deixou que ele a beijasse, enquanto, alguns passos adiante, o garoto continuava no cepo, os elfos de fogo em sua pele. *Não me diga que é possível acostumar-se com aquilo...*

Ela só avistou o Pássaro Tisnado quando ele já estava junto aos guardas.

— O que foi? — perguntou Farid ao notar que ela olhava fixamente pelo seu ombro. — Ah, o Pássaro Tisnado. Sim. Ele entra e sai do castelo. Maldito traidor! Cada vez que o vejo tenho vontade de cortar-lhe o pescoço!

— Temos que avisar Mo!

Os guardas deixaram o cuspidor de fogo passar como se fosse um velho conhecido. Meggie deu um passo em direção a ele, mas Farid a puxou de volta.

— Para onde você está indo? Ele não vai descobrir o teu pai! O castelo é grande e Língua Encantada vai falar com Balbulus. Por lá com certeza o Pássaro Negro não anda! Ele tem três amantes entre as damas da corte, vai visitá-las, se Jacopo não o encontrar no meio do caminho. Tem que fazer para ele duas apresentações diárias, e mesmo assim continua sendo um péssimo cuspidor de fogo, apesar de todas as coisas que contam sobre ele e seu fogo. Maldito espião! Eu me pergunto por que o Príncipe Negro ainda não o matou — ou o teu pai. O que é que você está me olhando desse jeito? Afinal, Língua Encantada matou Basta, ou não? Não é que eu tenha visto...

Como sempre Farid olhava para o lado quando falava das horas em que esteve morto.

Meggie olhava fixamente para o portal do castelo. Ela imaginava poder ouvir a voz de Mo. *E mesmo assim... quando ele me viu da última vez eu estava quase morto. Além disso, é melhor que ele não deseje me encontrar.*

“Gaio. Pare de chamá-lo assim!”, pensou Meggie. “Pare com isso!”

— Vem! — Farid pegou a mão dela. — Língua Encantada disse que eu devo te levar para a casa de Roxane. Ela vai ficar contente em me ver! Mas provavelmente vai fingir que está contente em me ver porque você está junto.

— Não. — Meggie tirou a mão das dele, por melhor que fosse a sensação de segurá-las finalmente. — Vou ficar aqui. Exatamente onde estou, até Mo voltar.

Farid suspirou e virou os olhos, mas ele a conhecia bem o suficiente para não contradizê-la.

— Então ótimo! — ele disse em voz baixa. — E como conheço Língua Encantada, ele vai ficar uma eternidade procurando por esses malditos livros. Bom, ao menos deixa eu te beijar, senão os guardas vão começar a se perguntar o que estamos fazendo aqui parados.



7. *Uma visita perigosa*



*A pergunta, supondo o olhar onisciente de Deus,
é: aquilo que ele prevê tem que tornar-se inquestionavelmente verdade?
Ou me é garantido o livre-arbítrio,
de fazer algo ou deixar de fazê-lo?*

Geoffrey Chaucer, *Contos da Cornuália*



Humildade. Humildade e submissão. Mo não era bom nisso. Alguma vez você notou isso no outro mundo, Mortimer? Ele se perguntou. Abaixar a cabeça, não ande muito empinado, deixe que eles te olhem de cima, mesmo que você seja maior do que eles. Comporte-se como se achasse muito natural que eles mandem e os outros trabalhem.

Era tão difícil.

— Então você é o encadernador que Balbulus está esperando — disse um dos guardas examinando as suas roupas negras. — O que foi aquilo com o garoto? Você não gosta dos nossos cepos?

Abaixar a cabeça, Mortimer! Ande. Finja que você tem medo. Esqueça a sua raiva, esqueça o garoto e o seu pranto.

— Não acontecerá novamente.

— Exato! Ele... ele vem de muito longe! — acrescentou Fenoglio com rapidez. — Ainda não se acostumou às artes regenciais do nosso novo governador. Mas, se me permitem, Balbulus pode tornar-se muito impaciente. — Ele fez uma reverência e puxou Mo consigo.

O Castelo de Ombra... era difícil não esquecer tudo ao entrar no amplo pátio. Vinham-lhe à cabeça tantas cenas do livro de Fenoglio que aconteciam naquele lugar.

— Céus, foi por pouco! — murmurou Fenoglio enquanto levavam o cavalo para o estábulo. — Eu não quero ter que te lembrar disso

novamente: você aqui é um encadernador! Tente interpretar novamente o papel de Gaio, e você é um homem morto! Maldição, Mortimer, eu nunca deveria ter aceitado te trazer até aqui. Veja todos esses soldados. É como se estivéssemos no Castelo da Noite!

Ah, não, acredite em mim, há uma grande diferença! — respondeu Mo em voz baixa, e tentou não olhar para as cabeças espetadas ao redor do muro. Duas delas pertenciam a homens do Príncipe Negro, mas ele não as teria reconhecido se o Homem Forte não lhe tivesse falado do seu destino.

— Pela sua descrição imaginei este castelo de forma bem diferente — murmurou ele para Fenoglio.

— A quem você diz isso? — respondeu ele. — Primeiro foi Cosme que mandou reformar tudo e agora é o Pardal que deixa a sua marca. Ele mandou arrancar os ninhos das felosas douradas e olhe para todas essas barracas que eles construíram, só para guardar o produto de seus roubos! Eu me pergunto se o Cabeça de Víbora já percebeu o pouco que recebe o Castelo da Noite. Se percebeu, então o seu cunhado vai ter problemas em breve.

— Sim, o Pardal é bem cara de pau. — Mo abaixou a cabeça ao ver que alguns cuidadores de estábulo se aproximavam. Até mesmo eles estavam armados. A sua faca não lhe serviria de muita coisa, caso alguém realmente o reconhecesse. — Interceptamos alguns envios destinados ao Castelo da Noite — disse em voz baixa depois que eles tinham ido embora — e todas as vezes ficamos bastante decepcionados com o que encontramos nas arcas.

Fenoglio olhou fixamente para ele.

— Então é verdade!

— O quê!?

O velho olhou nervosamente em volta, porém ninguém parecia prestar atenção neles. — Sim, todas as coisas que aparecem nas canções! — sussurrou. — Quero dizer, a maior parte das canções são mal escritas, mas o Gaio continua sendo o meu personagem, então... como é? Como é representar o seu papel?

Uma criada passou por eles levando dois gansos abatidos. O sangue pingava pelo pátio. Mo virou o rosto. — Representar? Para

— Você continua sendo apenas isso, uma representação? — Sua resposta mostrava mais irritação do que ele pretendia.

Algumas vezes ele teria dado tudo para ler os pensamentos de Fenoglio. E quem sabe talvez um dia realmente poderia lê-los, preto no papel branco, e reencontrar a si mesmo ali, rodeado de palavras como uma mosca na teia de uma velha aranha.

— Sim, eu concordo, isso se transformou numa representação perigosa, mas eu estou feliz por você ter assumido esse papel? Ou eu não tinha razão? O mundo *precisa* de um Ga...

Mo lançou-lhe um olhar de aviso. Um grupo de soldados vinha na direção deles e Fenoglio engoliu o nome que não fazia muito tempo ele escrevera pela primeira vez num pedaço de pergaminho. Mas o sorriso com que seguiu os soldados era o de um homem que colocara uma bomba na casa de seus inimigos e tinha prazer em andar entre eles sem ser reconhecido.

Velho ruim.

Mo percebeu que também a parte interna do castelo já não correspondia à descrição de Fenoglio. Em voz baixa ele repetiu as palavras que lera uma vez: *A mulher do Príncipe Porcino havia reconstruído o jardim porque estava cansada das pedras cinzentas que a rodeavam. Plantou espécies de países longínquos, flores que a faziam sonhar com mares remotos, cidades e montes afastados onde viviam os dragões. Criou pássaros de peito dourado que pousados sobre as árvores pareciam frutas aladas, e plantou uma árvore da Floresta sem Caminhos, cujas folhas podiam falar com a lua.*

Fenoglio olhou assombrado para ele.

— Sim, eu conheço seu livro de cor — disse Mo. — Você esqueceu quantas vezes eu o li em voz alta depois que as suas palavras engoliram a minha mulher?

Os pássaros de peito dourado também tinham desaparecido do pátio interno. Uma fonte de pedra refletia a estátua do Pardal, e a árvore que falava com a lua, caso ela tenha existido algum dia, havia sido derrubada. Onde antes existira um jardim, havia agora canis, e os cães de caça do novo senhor de Ombra enfiavam o focinho entre as grades prateadas. “Há muito deixou de ser a sua

história, ancião”, pensou Mo, enquanto caminhava com Fenoglio em direção ao castelo interior. Mas quem a estava contando agora? Orfeu, por acaso? Ou o Cabeça de Víbora havia assumido a narrativa, com sangue e ferro em vez de tinta e pluma?

Tullio os levou até Balbulus, Tullio, o criado de rosto peludo de quem o livro de Fenoglio contava que seu pai havia sido um duende e a sua mãe uma mulher do musgo.

— Como vai? — perguntou-lhe Fenoglio, enquanto Tullio os guiava pelos corredores. Como se alguma vez lhe houvesse interessado como se sentiam as suas criaturas.

Tullio respondeu encolhendo os ombros. — Eles me perseguem — disse ele com voz quase inaudível. — Os amigos do nosso novo senhor; e ele tem muitos amigos. Eles me perseguem pelos corredores e me trancam com os cachorros, mas Violante me protege. Ah sim, ela o faz, mesmo sendo seu filho praticamente o pior deles.

— O filho dela? — sussurrou Mo para Fenoglio.

— Sim, Meggie não te falou dele? — sussurrou de volta. — Jacopo é a própria encarnação do demônio. Seu avô em miniatura, mesmo que ele se pareça a cada dia mais com o seu pai. Não derramou nem uma lágrima por Cosme. Ao contrário. Dizem que desfigurou sua imagem de pedra na cripta com as tintas de Balbulus, e à noite ele senta ao lado do Pardal ou no colo do Pássaro Tisnado em vez de ficar junto a sua mãe. Dizem inclusive que ele a espiona para o seu avô.

Sobre a porta diante da qual Tullio se deteve ofegante depois de subir uma sucessão interminável de degraus empinados, Mo nunca lera nada no livro de Fenoglio. Num gesto automático, esticou a mão e passou os dedos pelas letras que a enfeitavam. — Elas são tão bonitas, Mo — sussurrara-lhe Meggie quando estiveram os dois presos na torre do Castelo da Noite —, elas se entrelaçam, como se alguém tivesse escrito com prata líquida na madeira.

Tullio levantou o pequeno punho peludo e bateu na porta. A voz que os mandou entrar só poderia ser a de Balbulus. Fria, narcisista, orgulhosa... Meggie não poderia ter descrito com palavras mais amáveis o melhor ilustrador de livros daquele mundo. Tullio se

colocou na ponta dos pés, segurou a maçaneta e soltou-a novamente, assustado.

— Tullio! — A voz que vinha da escada parecia muito jovem, mas acostumada a mandar. — Tullio, onde você se meteu? Você tem que segurar as tochas para o Pássaro Tisnado.

— Jacopo! — Tullio murmurou aquele nome como se ele fosse uma doença infecciosa. Ele se encolheu e procurou automaticamente proteção atrás de Mo.

Um garoto, talvez seis, sete anos, subia as escadas apressadamente. Mo nunca vira o belo Cosme. O Pardal mandara destruir todas as suas estátuas, mas Baptista tinha ainda algumas moedas com o seu retrato. Um rosto quase belo demais para ser verdadeiro, era como todos o descreviam. Aparentemente, seu filho herdara essa beleza, porém, ela só começava a se mostrar agora no rosto infantil ainda redondo. Não era um rosto agradável. Os olhos eram alertas e a boca mal-humorada como a de um velho. Sua túnica negra havia sido bordada com o animal sibilante do brasão do seu avô. Também o seu cinturão era bordado com serpentes prateadas, porém, no cordão de couro que ele trazia no pescoço pendia um nariz de prata, a marca do Pífaros.

Fenoglio lançou a Mo um olhar de alerta, e colocou-se na sua frente como se assim pudesse escondê-lo do garoto.

Você tem que segurar as tochas para o Pássaro Tisnado. E agora, Mo? Ele olhou automaticamente em direção à escada, mas Jacopo viera sozinho, e aquele castelo era grande. Mesmo assim sua mão procurou o cinto.

— Quem está aí? — Somente o tom de birra na voz aguda parecia o de uma criança. Jacopo respirava com dificuldade após subir correndo as escadas.

— Ele... ehh... ele é o novo encadernador, meu Príncipe! — respondeu Fenoglio com uma reverência. — Vossa Alteza certamente lembra quantas vezes Balbulus reclamou da incompetência dos nossos encadernadores locais!

— E esse aí é melhor? — Jacopo cruzou os pequenos braços infantis. — Ele não parece um encadernador. Encadernadores são velhos e muito pálidos porque estão sempre dentro de casa.

— Oh, de vez em quando a gente sai — respondeu Mo —, para comprar o melhor couro, carimbos novos, boas facas, ou para secar os pergaminhos ao sol, caso eles tenham ficado úmidos.

Era difícil ter medo do garoto, apesar de já ter ouvido tantas coisas ruins sobre ele. O filho de Cosme o fazia lembrar de um garoto com quem ele ia ao colégio e que tivera o azar de ser o filho do diretor da escola. Ele caminhava orgulhoso pelo pátio, como uma cópia do seu pai, e tinha medo de tudo e de todos. “Está certo, Mortimer”, pensou Mo. “Mas aquele era apenas o filho de um diretor de colégio. Este aqui é o neto do Cabeça de Víbora, é melhor você ter cuidado.”

Jacopo franziu a testa e lançou-lhe um olhar de desaprovação. Claramente ele não gostava que Mo fosse tão mais alto do que ele. — Você não se inclinou! Você tem que se inclinar diante de mim.

Mo sentiu o olhar de aviso de Fenoglio e inclinou a cabeça. — Meu Príncipe.

Foi difícil. Ele teria preferido correr atrás de Jacopo pelos corredores do castelo, assim como fizera com Meggie na casa de Elinor, apenas para ver se surgiria a criança que tão cuidadosamente se escondia por trás dos gestos do seu avô.

Jacopo recebeu a sua reverência com uma orgulhosa inclinação de cabeça. E Mo abaixou a sua para que ele não percebesse o seu sorriso.

— Meu avô esta tendo problemas com um livro — sentenciou Jacopo com voz arrogante. — Grandes problemas. Quem sabe você consegue ajudá-lo.

Problemas com um livro. Mo sentiu como seu coração por um momento parou de bater. Ele podia ver o livro diante de si, sentir o papel entre os dedos. Tantas páginas brancas.

— Meu avô já mandou enforcar muitos encadernadores por causa desse livro. — Jacopo olhou para Mo como se calculasse o tamanho do laço para o seu pescoço. — A um deles, mandou inclusive que lhe arrancassem a pele, porque prometera que o consertaria. Você quer tentar mesmo assim? Nesse caso, você teria que cavalgar comigo até o Castelo da Noite para que o meu avô visse que fui eu quem te encontrou e não o Pardal.

Mo se livrou da resposta. A porta das letras se abriu e apareceu um homem com expressão irritada.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ele para Tullio. — Primeiro batem na porta, mas não entra ninguém. Depois falam tanto que eu mal consigo segurar o pincel. Como evidentemente esta visita não é para mim, eu ficaria muito grato se todos os envolvidos fossem continuar essa conversa num outro lugar. Neste castelo há câmaras suficientes onde não se trabalha com seriedade.

Balbulus... Meggie o descrevera com exatidão. A Língua Travada, o nariz curto, as bochechas gordas, o cabelo castanho-escuro que já começava a ficar grisalho sobre a testa, apesar de ele ser ainda um homem jovem. Um iluminador de livros, e conforme o que vira Mo do seu trabalho, um dos melhores que já existira naquele ou no outro mundo. Mo esqueceu Jacopo e Fenoglio, esqueceu o cepo e o garoto ali preso, os soldados lá embaixo no pátio e o Pássaro Tisnado. Ele só queria atravessar aquela porta. A visão da oficina por cima do ombro de Balbulus fez o seu coração bater como o de um colegial. Essa mesma excitação ele sentira quando no Castelo da Noite, preso e ameaçado de morte, tivera pela primeira vez o livro de Balbulus nas mãos. O trabalho daquele homem fizera com que ele esquecesse tudo aquilo. As letras fluíam como se não houvesse ocupação mais natural para as mãos humanas que a escrita, e as iluminuras. Um pergaminho que respira, que vive!

— Eu falo com quem e quando eu quiser! Eu sou o neto do Cabeça de Víbora! — A voz de Jacopo tornara-se aguda. — Informarei agora mesmo ao meu tio da sua impertinência! Vou dizer a ele que tire todos os pincéis de você! — Ele lançou um último olhar para Balbulus e virou-se. — Vamos, Tullio! Ou vou mandar prender você com os cachorros!

O pequeno servente acompanhou Jacopo de cabeça baixa, e o neto do Cabeça de Víbora examinou mais uma vez Mo dos pés à cabeça antes de virar-se e descer correndo as escadas; súbito, apenas uma criança com pressa de ir para uma apresentação.

— Nós deveríamos sumir, Mortimer! — murmurou Fenoglio. — Você nunca deveria ter vindo! O Pássaro Tisnado está aqui! Isso não é bom, nada bom.

Mas Balbulus já chamava impaciente o novo encadernador para sua oficina. Como é que Mo poderia se preocupar com o Pássaro Tisnado? Ele só conseguia pensar naquilo que o esperava por trás da porta com as letras gravadas.

Quantas horas da sua vida ele já passara apreciando a arte dos iluminadores, inclinado sobre páginas coloridas, até que lhe doessem as costas, examinando com uma lupa cada pincelada e perguntando-se como alguém conseguia eternizar aquelas maravilhas no pergaminho, todos os diminutos rostos, todos os fantásticos seres, paisagens, flores... pequenos dragões, insetos tão perfeitos que pareciam caminhar pelas páginas, letras entrelaçadas com tanta arte, que as linhas pareciam haver crescido nas próprias páginas.

Será que tudo aquilo o esperava sobre o púlpito?

Talvez. Mas Balbulus colocava-se diante do seu trabalho como se fosse o seu guardião, e seus olhos pareciam tão inexpressivos que Mo se perguntava como era possível que um homem que olhava com tanta frieza para o mundo pudesse desenhar aquelas imagens. Imagens tão cheias de força e fogo...

— Tecelão de Tinta. — Balbulus acenou com a cabeça para Fenoglio, com um olhar que parecia ver tudo: a barba por fazer, as olheiras, o cansaço no coração do ancião. “O que será que ele vai enxergar em mim?”, pensou Mo.

— Então você é o tal encadernador? — Balbulus examinou-o tão detalhadamente como se quisesse gravar a sua imagem num pergaminho. — Fenoglio fala maravilhas da sua arte.

— É mesmo? — Mo não conseguiu evitar que a sua voz soasse ausente. Ele queria finalmente ver os desenhos, mas, mais uma vez o iluminador se colocou na sua frente. “O que era aquilo? Deixe-me enfim ver o seu trabalho!”, pensou Mo. “Você deveria ficar feliz de eu arriscar o meu pescoço para vir até aqui. Céus, aqueles pincéis eram mesmo incrivelmente finos. E ali estavam as cores...”

Fenoglio deu-lhe uma cotovelada de aviso e Mo com esforço deixou de contemplar aquelas maravilhas e fixou o olhar nos olhos inexpressivos de Balbulus.

— Perdão. Sim, eu sou o encadernador e certamente você gostaria de ver uma prova do meu trabalho. O material que eu tinha à disposição não era muito bom, mas... — Ele pôs a mão dentro da capa que Baptista havia costurado (com certeza não havia sido fácil roubar tanto tecido preto). Balbulus, porém, balançou a cabeça.

— Você não tem que me provar o que você sabe — disse ele sem tirar os olhos de Mo. — Taddeo, o bibliotecário do Castelo da Noite, me relatou em detalhes que você demonstrou ali o seu saber de forma impressionante.

Perdido.

Ele estava perdido.

Mo sentiu o olhar horrorizado de Fenoglio. “Sim, olhe para mim!”, pensou. “Está escrito idiota, irresponsável, em tinta preta em minha testa?”

Balbulus, porém, sorria. O seu sorriso era tão inexpressivo como seus olhos.

— Sim, Taddeo me descreveu vocês em detalhes. — Meggie imitara tão bem como a sua língua batia nos dentes enquanto falava. — Ele é normalmente um homem tímido mas ele cantou elogios a você inclusive por escrito. Afinal não existem muitos da sua especialidade capazes de encadernar a morte num livro, não é?

Fenoglio segurou seu braço com tanta força que Mo podia sentir o medo do velho. O que ele achava? Que simplesmente dariam meia-volta e iriam embora pela porta? Com certeza havia algum guarda diante dela e se não houvesse então os soldados os estariam esperando ao pé da escada. Muito rápido a gente se acostumava a encontrá-los a qualquer momento, armados com o poder de, impunemente, nos levar com eles, nos prender, nos matar a golpes.

Como brilhavam as cores de Balbulus! Cinábrio, siena, marrom-úmbria. Como elas eram bonitas. Uma beleza que o havia atraído para a armadilha. A maioria dos pássaros caça-se com pão e algumas sementes apetitosas, mas o Gaio, com letras e pinturas.

— Eu realmente não sei do que você está falando, honradíssimo Balbulus — gaguejou Fenoglio. Seus dedos continuavam agarrados ao braço de Mo. — O... é... bibliotecário do Castelo da Noite? Não.

Não, Mortimer nunca trabalhou do outro lado da floresta. Ele vem do...do norte, sim. Sim.

Como mentia mal o velho. Não era necessário saber mentir para criar uma história?

Fosse como fosse, Mo entendia ainda menos de mentira e sendo assim resolveu ficar calado. Calou-se e amaldiçoou a sua curiosidade, sua impaciência, sua irresponsabilidade, enquanto Balbulus continuava olhando para ele. Como podia ter acreditado que seria possível desfazer-se do papel que lhe havia sido destinado naquele mundo simplesmente vestindo umas roupas pretas? Como ele podia ter acreditado que seria possível entrar de corpo e alma naquela história e mesmo assim, no Castelo de Ombra, por algumas horas, voltar a ser Mortimer, o Encadernador?

— Ah, cale a boca, Tecelão de Tinta! — disse Balbulus para Fenoglio. — Você acha que eu sou idiota? É claro que eu soube imediatamente de quem se tratava quando você me falou dele. Um verdadeiro mestre da sua arte. Não foi assim que você se expressou? Sim, as palavras podem trair, você deveria saber disso.

Fenoglio ficou em silêncio. Mo apalpou a faca. O Príncipe Negro lhe dera de presente ao fugir da Montanha da Víbora. — A partir de agora, tenha-a sempre consigo — dissera-lhe —, mesmo quando estiver dormindo. — Ele seguiu o seu conselho, mas de que lhe serviria uma faca ali? Ele estaria morto antes mesmo de colocar um pé na escada. Quem sabe talvez até mesmo Jacopo reconheceria quem tinha diante de si, e soara o alarme. Venham rápido! O Gaio veio voando para a gaiola de livre e espontânea vontade. “Sinto muito, Meggie”, pensou Mo. “O seu pai é um idiota. Para isso você o tirou do Castelo da Noite, para que ele se deixasse prender num outro castelo! Por que ele não a ouviu quando avistaram o Pássaro Tisnado na praça do mercado?”

Será que Fenoglio alguma vez escrevera uma canção sobre o medo do Gaio? Ele não surgia quando ele tinha que lutar. Ah, não. Vinha quando ele pensava nas correntes, nas amarras e nos calabouços, e no desespero atrás de portas com grades. Assim como agora ele sentia o gosto do medo, sentia-o no estômago e nos joelhos. “Bom, fosse como fosse, era o lugar ideal para a morte

de um encadernador”, pensou. Mas o Gaio estava de volta e amaldiçoava o encadernador pela sua irresponsabilidade.

— Você sabe o que mais impressionou Taddeo? — Balbulus limpou um pouco de pó da manga, que, amarelo como pólen, grudava no veludo azul-escuro. — Suas mãos. Ele achou incrível que mãos que entendem tanto de morte pudessem ser tão cuidadosas com as páginas de um livro. Você realmente tem belas mãos. Compare só com as minhas! — Balbulus esticou os dedos e os observou horrorizado. — As mãos de um camponês. Grossas e rudes. Vocês querem ver o que, apesar disso, elas conseguem fazer?

Então, finalmente, com um gesto convidativo, ele deu um passo para o lado, como um mago que abre a cortina. Fenoglio tentou segurar Mo, mas se já havia caído na armadilha, então ele queria saborear a isca que lhe custaria o pescoço.

E lá estavam elas. Páginas iluminadas, ainda melhores que aquelas que havia visto no Castelo da Noite. Numa delas, Balbulus desenhara a sua própria inicial. O B se espalhava pelo pergaminho em dourado e verde-escuro e acolhia um ninho de elfos de fogo. Na página seguinte, folhas e flores enroscavam-se numa ilustração pouco maior do que uma carta de baralho. Mo acompanhou os arabescos com os olhos, descobriu pistilos, elfos de fogo, frutas bizarras, diminutas criaturas, para as quais não havia sido criado um nome. O desenho emoldurado tão artisticamente mostrava dois homens rodeados por fadas. Diante de um vilarejo, um exército de homens maltrapilhos atrás de si. Um deles era negro e tinha ao seu lado um urso, o outro usava uma máscara de pássaro, e a faca em sua mão era a de um encadernador.

— A mão negra e a mão branca da justiça. O Príncipe e o Gaio. — Balbulus olhava para sua obra sem esconder o orgulho. — Terei que fazer algumas modificações. Vocês são mais altos do que eu pensei, e a sua postura... Mas do que eu estou falando? Vocês com certeza não estão muito ansiosos para que este desenho fique parecido com vocês, mesmo que, naturalmente, seja destinado apenas para os olhos de Violante. O nosso novo governador jamais o verá, já que felizmente ele não tem motivo algum para se torturar subindo

todos esses degraus até a minha oficina. Para o Pardal o valor de um livro é definido pelo número de barris de vinho que é possível negociar por ele, e se Violante não esconder muito bem esta folha ele vai, assim como tudo o mais que as minhas mãos criaram, trocá-la em breve por um desses barris ou por uma nova peruca prateada. Ele pode se considerar sortudo de que eu, Balbulus, seja o iluminador de livros, e não o Gaio, senão eu faria um pergaminho da sua pele perfumada.

O ódio na voz de Balbulus era tão negro como a noite dos seus desenhos, e por um momento Mo viu em seus olhos inexpressivos o fogo que fazia do iluminador de livros um mestre da sua arte.

Ouviram-se passos vindos da escada, pesados e rítmicos como Mo já ouvira tantas outras vezes no Castelo da Noite. Passos de soldados.

— Que pena. Eu realmente teria adorado continuar nossa conversa! — Balbulus deu um suspiro de tristeza quando arrombaram a porta. — Mas temo que neste castelo há pessoas de estirpe bem mais elevada querendo falar com vocês.

Fenoglio olhou consternado enquanto os soldados prendiam as mãos de Mo.

— Você pode ir, Tecelão de Tinta — disse Balbulus.

— Mas isto, isto é um terrível mal-entendido! — Fenoglio estava realmente se esforçando para não deixar transparecer o seu medo, mas nem mesmo a Mo ele conseguia enganar.

— Bom, talvez você não devesse tê-lo descrito tão exatamente em suas canções — afirmou Balbulus com voz de tédio. — Que eu saiba, já foi desastroso para ele uma vez. Veja os meus desenhos, em comparação, eu o coloco sempre com a máscara!

Mo continuou ouvindo os protestos de Fenoglio quando os soldados o chutaram escada abaixo. Resa! Não, ele não precisava preocupar-se por ela. Por enquanto ela estava segura na casa de Roxane, e o Homem Forte estava com ela. Mas, e Meggie? Será que Farid a havia levado para o sítio de Roxane? O Príncipe Negro iria cuidar das duas. Ele já lhe prometera isso várias vezes. E quem sabe talvez elas encontrassem o caminho de volta, de volta para

Elinor, na antiga casa repleta de livros até o teto, no mundo em que o corpo não era feito de letras. Ou será que era?

Mo tentou não pensar em onde ele estaria então. Ele só tinha uma certeza: o Gaio e o Encadernador teriam a mesma morte.



8. A dor de Roxane



"Esperanças", disse Schliet com amargura, "com o passar do tempo acabei renunciando a elas."

Paul Stewart, *O caçador de tormentas*



Resa cavalgava com frequência até a casa de Roxane. Mesmo que o caminho fosse longo e que as estradas ao redor de Ombra estivessem cada dia mais inseguras. O Homem Forte era um bom protetor. E Mo a deixava ir porque sabia quantos anos ela tivera que se virar sozinha naquele mundo, sem a presença dele e do Homem Forte.

Resa ficara amiga de Roxane quando elas cuidaram dos feridos na mina ao pé da Montanha da Víbora. E o longo caminho pela Floresta sem Caminhos acompanhando um morto apenas aprofundara a amizade. Roxane nunca perguntara por que Resa chorara quase tanto quanto ela na noite em que Dedo Empoeirado selou o acordo com as Damas Brancas. A amizade das duas não surgira das palavras, mas sim daquilo que elas compartilharam e para o qual não havia palavras.

Era Resa quem abraçava e consolava Roxane quando a ouvia chorar à noite debaixo de uma árvore, longe de todo mundo, mesmo sabendo que para a dor da outra mulher não havia consolo. Ela não contou a Roxane do dia em que Mortola atirara em Mo, deixando-a sozinha com o medo de havê-lo perdido para sempre. Afinal, ela não o perdera, mesmo que por alguns momentos eternos tivesse acreditado nisso. Muitos dias e muitas noites, enquanto tentava diminuir a febre da sua testa em uma caverna escura,

imaginara como seria não voltar a vê-lo nunca mais, nunca mais tocá-lo, nunca mais ouvir sua voz. Mas o medo da dor era muito diferente da dor em si. Mo estava vivo. Ele falava com ela, dormia ao seu lado, abraçava-a. Dedo Empoeirado, porém, nunca mais abraçaria Roxane. Não nesta vida. A ela não restara nada além de lembranças. E talvez isso fosse às vezes ainda pior do que nada.

Ela sabia que Roxane estava vivendo a mesma dor pela segunda vez. Na primeira vez, assim contara o Príncipe Negro a Resa, o fogo não deixara a Roxane nem ao menos o morto. Talvez por isso ela cuidasse do corpo de Dedo Empoeirado com tanto ciúme. Ninguém sabia para onde ela o havia levado, onde ela o visitava quando a saudade não a deixava dormir. Quando Mo passou a ter febre constante e a dormir mal, Resa foi ao sítio de Roxane pela primeira vez. Ela mesma muitas vezes coletara plantas quando estivera a serviço de Mortola, mas somente as mortíferas. Roxane lhe ensinara como encontrar suas irmãs, as que curavam, mostrara-lhe que folhas serviam contra insônia, que raízes diminuían a dor de uma velha ferida — e que era importante deixar uma vasilha de leite ou um ovo quando se tirava algo de entre as raízes de uma árvore, porque só assim era possível apaziguar os elfos que ali moravam. Algumas plantas tinham um aroma tão estranho que Resa ficava enjoada. Outras ela já vira tantas vezes no jardim de Elinor sem imaginar a força que se escondia em seus ramos e folhas. Assim, o Mundo de Tinta lhe ensinara a observar com mais clareza o seu próprio mundo, e lhe lembrava de algo que Mo dissera havia muito tempo: “Você também não acha que de tempos em tempos deveríamos ler histórias nas quais tudo fosse muito diferente do nosso mundo? Nada nos ensina melhor a questionar-nos por que as árvores são verdes e não vermelhas ou por que temos cinco e não seis dedos”.

É claro que Roxane sabia o que ajudava contra o enjoo. Ela lhe explicava que ervas ajudariam depois a soltar o leite, quando Fenoglio apareceu no sítio. Sem saber, Resa perguntou-se de onde vinha aquela expressão de culpa que ele carregava em seu rosto enrugado, como uma das máscaras de mau agouro de Baptista. Em seguida, ela avistou Farid e Meggie e o medo no rosto de sua filha.

Roxane a abraçou quando Fenoglio contou com voz entrecortada o que acontecera. Mas Resa não sabia o que ela deveria sentir. Medo? Desespero? Raiva? Sim. Raiva. Era isso o que ela sentiu em primeiro lugar: raiva de que Mo houvesse sido tão irresponsável.

— Como você pôde deixá-lo ir? — repreendeu Meggie com tanta rispidez que o Homem Forte deu um passo para trás.

As palavras saíram antes que ela pudesse se arrepender. Mas a raiva permanecia, raiva de que Mo houvesse entrado no castelo mesmo sabendo muito bem do perigo, raiva de que o houvesse feito pelas suas costas. Ele não lhe dissera nem uma palavra sobre o que pretendia fazer, mas a filha ele levara consigo. Roxane acariciou o cabelo de Resa quando ela começou a soluçar. Lágrimas cheias de raiva, lágrimas de medo. Ela estava cansada de ter medo. Ter medo da dor de Roxane.

9. Artimanha



"Quer acabar com a crueldade?", perguntou ela. "E com a avareza e todas essas coisas? Não acho que você conseguiria. Você é muito esperto, mas isso você não conseguiria, não."

Mervyn Peake, *Gormenghast*



Um calabouço esperava por ele, nada além. E depois? Mo lembrava-se muito bem da morte que o Cabeça de Víbora lhe prometera. *Pode durar dias, muitos dias e noites.* O destemor que o acompanhara nas últimas semanas, a calma gelada que o ódio e as Damas Brancas haviam plantado nele, tudo isso desaparecera como se nunca houvesse existido. Ele deixara de temer a morte desde o encontro com as Damas Brancas. Parecia-lhe algo conhecido, às vezes até desejado. Mas morrer era diferente, e ele tinha muito mais medo do cárcere. Ele se lembrava bem demais do desespero que o esperava atrás das grades, e do silêncio em que até mesmo a própria respiração parecia-lhe dolorosamente ruidosa, cada pensamento o torturava, cada hora lhe trazia a tentação de bater a cabeça contra a parede, até não mais se ouvir ou sentir nada.

Desde aqueles dias na torre do Castelo da Noite, Mo não conseguia suportar janelas e portas fechadas. Meggie parecia ter deixado os tempos de prisão para trás, tal qual uma libélula a sua antiga pele, porém Resa sentia-se como Mo, e quando o medo acordava um dos dois, apenas no abraço do outro era possível voltar a dormir.

Não, por favor, o calabouço novamente não.

A opção pela luta era facilitada por ser sempre preferível optar pela morte em vez da prisão.

Talvez fosse possível arrancar a espada de um dos soldados, em um dos corredores escuros, distante dos outros guardas. Eles estavam em todos os lugares, o brasão do Pardal no peito. Ele teve que fechar as mãos com força para que seus dedos não fizessem imediatamente aquilo que estava pensando. Ainda não, Mortimer! Mais uma escada, tochas acesas de ambos os lados. Obviamente o estavam levando para baixo, para as entranhas do castelo. No mais alto ou no mais profundo era onde ficavam os calabouços. Resa lhe contara como eles eram no Castelo da Noite. Situados tão profundamente dentro da montanha, que muitas vezes pareceu-lhe impossível respirar. Ao menos, não batiam ou empurravam como faziam os soldados lá. Será que eles seriam também tão mais educados na tortura e no esquartejamento?

Cada vez mais fundo, degrau por degrau. Um na sua frente e dois atrás, a respiração na sua nuca. Agora. Mortimer! Tente! São apenas três! Seus rostos eram tão jovens, rostos de criança, imberbes, assustados por baixo da arrogância. Desde quando permitiam que crianças brincassem de soldado? Desde sempre, ele mesmo se respondeu. Eles são os melhores soldados, porque ainda se consideram imortais.

Apenas três. Mas eles gritariam e chamariam outros, mesmo que ele os matasse rapidamente.

A escada terminava diante de uma porta. O soldado que o precedia a abriu. Agora! O que você está esperando? Mo esticou os dedos, preparando-se. Seu coração bateu um pouco mais forte, como se quisesse marcar o ritmo para ele.

— Gaio. — O soldado virou-se em sua direção. Ele se inclinou e abriu-lhe passagem com expressão envergonhada. Surpreso, Mo olhou para os outros dois. Admiração, medo, temor. A mesma mistura que já encontrara tantas vezes, surgida não de seus atos, mas das palavras de Fenoglio. Inseguro, ele passou pela porta aberta, e somente então compreendeu onde o haviam trazido.

A cripta dos príncipes de Ombra. Ah, sim. Mo já lera também sobre isso. Fenoglio encontrara belas palavras para descrever esse lugar dos mortos, palavras que soavam como se o velho homem sonhasse um dia descansar ele mesmo num recinto assim. Porém, o

luxuoso sarcófago nunca existira no livro de Fenoglio. Velas queimavam aos pés de Cosme, velas altas cor de mel. Seu aroma adoçava o ambiente e a sua imagem de pedra, deitada sobre rosas de alabastro, sorria como se ele estivesse num sonho feliz.

Ao lado do sarcófago, ereta como uma vela, como se quisesse esconder a sua delicadeza, estava uma jovem mulher. Vestida de preto, o cabelo penteado para trás. Os soldados se inclinaram diante dela, murmuraram o seu nome.

Violante. A filha do Cabeça de Víbora. Eles ainda a chamavam de a Feia. Apesar de o sinal que lhe dera aquele apelido ter se tornado apenas uma sombra em sua face — aparentemente empalidecida no dia em que Cosme voltara do mundo dos mortos. Retornando, porém, rapidamente a ele.

A Feia.

Que apelido. Como se vivia com aquilo? Mas os súditos de Violante o pronunciavam com carinho. Diziam que de noite ela mandava levar os restos de comida da cozinha real para os vilarejos esfomeados, que alimentava os necessitados de Ombra vendendo os talheres de prata e os cavalos dos estábulos do castelo, mesmo que, por causa disso, o Pardal a prendesse durante dias em seus aposentos. Ela intercedia em favor dos condenados à forca ou daqueles que desapareciam nas masmorras — mesmo que as suas palavras não fossem ouvidas. Violante encontrava-se sem poder em seu castelo. Era o que explicara tantas vezes o Príncipe Negro a Mo. Nem mesmo o seu filho lhe obedecia. Mas o Pardal a temia, já que ela continuava sendo a filha do seu cunhado imortal.

Por que o haviam trazido até ela — no lugar onde dormia o seu marido morto? Será que ela queria receber a recompensa que ofereciam pela cabeça do Gaio antes que o Pardal a reclamasse?

— Ele tem a cicatriz? — Ela não tirava os olhos de seu rosto.

Um dos soldados deu um passo em direção a Mo, mas ele mesmo arregaçou a manga, da mesma forma como a criança o fizera na noite anterior. A cicatriz deixada pelos dentes dos cachorros de Basta havia muito tempo, em outra vida. Fenoglio criara uma história a partir disso e às vezes Mo tinha a impressão que o velho

homem lhe desenhara a cicatriz com as próprias mãos, tinta pálida sobre a pele.

Violante aproximou-se dele. O tecido pesado de seu vestido arrastava-se pelo chão de pedra. Ela é realmente pequena, bem menor do que Meggie. Quando ela pegou a bolsa bordada presa em seu cinto, Mo esperou ver o berilo do qual Meggie havia lhe falado, porém Violante tirou uns óculos. Vidro talhado, armação prateada — os óculos de Orfeu deveriam ter servido como modelo. Com certeza não deveria ter sido fácil encontrar um mestre capaz de talhar lentes assim.

— Realmente. A cicatriz tantas vezes cantada. Um artifício traiçoeiro. — As lentes dos óculos aumentavam os olhos de Violante. Não eram os do seu pai. — Então Balbulus tinha razão. Você sabe que meu pai aumentou novamente a recompensa por sua cabeça?

Mo escondeu novamente a cicatriz debaixo da manga. — Eu ouvi falar.

— E mesmo assim você veio até aqui para ver os desenhos de Balbulus. Eu gosto disso. Aparentemente é verdade o que dizem as canções sobre você: que você não tem medo de nada. Sim, que inclusive ama o perigo. — Ela o examinou tão detalhadamente como se o comparasse com o homem dos desenhos de Balbulus. Mas quando ele revidou o seu olhar, ela enrubesceu, Mo não soube dizer se de timidez ou de raiva por ele ter ousado olhá-la de frente. Ela se virou abruptamente, foi até o sarcófago do marido, passando os dedos pelas rosas de pedra com tanto cuidado, como se quisesse trazê-lo de volta à vida.

— No seu lugar eu teria feito exatamente o mesmo. Eu sempre achei que nós somos parecidos. Desde que ouvi os menestréis cantarem a primeira canção sobre você. A infelicidade brota neste mundo como os mosquitos num poço. Mas é possível lutar contra isso. Nós dois compreendemos isso. Eu já roubava ouro da caixa de impostos quando ninguém ainda cantava sobre você. Para um novo asilo de moribundos, um albergue para mendigos ou um lugar para os órfãos... Eu apenas cuidei para que a suspeita de haver roubado

o ouro recaísse sobre um dos administradores. Todos eles merecem a forca.

Ela levantou o queixo com rebeldia ao virar-se novamente para ele. Quase como Meggie o fazia às vezes. Ela parecia ao mesmo tempo muito velha e muito jovem. O que ela pretendia? Entregá-lo ao seu pai para dar aos pobres a recompensa pela sua cabeça ou para finalmente poder comprar suficiente pergaminho e tintas para Balbulus? Todos sabiam que até mesmo a aliança de casamento ela havia empenhado pelos pincéis. “Bom, o que seria mais adequado?”, pensou Mo. “A pele de um encadernador vendida em troca de novos livros.”

Um dos soldados continuava em pé atrás dele. Os outros dois vigiavam a porta. Aparentemente era a única saída daquela cripta. Três. Eram somente três.

— Conheço todas as canções sobre você. Eu mandei que as escrevessem. — Os olhos por trás das lentes eram cinza e estranhamente claros, como se externalizassem que não tinham muita força. Não pareciam mesmo com os olhos de lagarto do Cabeça de Víbora. Deviam ser os olhos da mãe de Violante. O livro em que mantinha a morte refém fora encadernado na câmara onde ela vivera com sua pequena e feia filha, depois de cair em desgraça. Será que Violante ainda se lembrava da câmara? Com certeza.

— As novas canções não são muito boas — continuou ela —, mas Balbulus o compensa com seus desenhos. Desde que o meu pai fez do Pardal o senhor deste castelo, ele costuma trabalhar nisso à noite, e eu mantenho os livros sempre comigo para que não sejam vendidos como todos os outros. Eu os leio enquanto Pardal festeja no grande salão. Leio em voz alta para que as palavras se sobreponham ao barulho: os gritos dos bêbados, os risos idiotas, o choro de Tullio quando voltam a persegui-lo... E cada palavra me enche o coração de esperança, a esperança de que algum dia você esteja lá embaixo no salão, o Príncipe Negro ao seu lado, e mate todos eles. Um por um. Enquanto eu observo tudo ao seu lado, o sangue deles sob meus pés.

Os soldados de Violante nem se mexeram. Eles pareciam acostumados às palavras de sua senhora.

Violante deu um passo em sua direção. — Eu mandei te procurar, desde que ouvi dos homens do meu pai que você estava se escondendo deste lado da floresta. Eu queria que eles te encontrassem, mas você sabe como se manter invisível. Provavelmente as fadas e os duendes te escondem, como dizem as canções, e as mulheres do musgo curam as suas feridas...

Mo não conseguiu evitar um sorriso. Por um momento o rosto de Violante lembrou-lhe tanto o de Meggie quando ela lhe contava uma de suas histórias preferidas.

— Por que você está sorrindo?

Violante franziu a testa e pareceu a Mo que o Cabeça de Víbora o olhava com seus olhos claros. Cuidado, Mortimer.

— Ah, eu sei. Você pensa, ela é só uma mulher, pouco mais que uma menina, sem poder, sem marido, sem soldados. Sim, a maioria dos meus soldados está morta na floresta porque o meu marido tinha muita pressa em começar a guerra contra o meu pai. Mas eu não sou tão burra assim. Balbulus, eu disse, deixe correr o rumor que você precisa de um novo encadernador. Talvez nós encontremos o Gaio desse modo. Se for assim, como Taddeo nos disse, ele virá apenas para ver os seus desenhos. E então, quando ele estiver no meu castelo e for meu prisioneiro, assim como antes fora prisioneiro no Castelo da Noite, vou propor-lhe que me ajude a matar meu pai imortal.

Violante torceu os lábios divertida quando Mo lançou um rápido olhar para os seus soldados. — Não olhe tão preocupado! Os meus soldados me são fiéis. Os homens do meu pai assassinaram os seus pais e irmãos na Floresta sem Caminhos!

— O seu pai não continuará imortal por muito tempo. — As palavras surgiram dos lábios de Mo sem que ele realmente quisesse pronunciá-las. Idiota!, recriminou-se. Você esqueceu quem está diante de você, só porque algo no rosto dela te lembrou a sua filha?

Mas Violante sorria. — Então é verdade o que me contou o bibliotecário do meu pai — ela disse em voz tão baixa como se os

mortos pudessem ouvi-la. — Quando meu pai começou a se sentir mal, ele pensou que suas criadas o estavam envenenando.

— Mortola. — Cada vez que Mo pronunciava aquele nome, a via erguendo a escopeta.

— Você a conhece?

Assim como ele, Violante aparentemente não gostava de pronunciar aquele nome. — Meu pai mandou que a torturassem para que confessasse que veneno lhe havia dado e como ela não confessou ele a jogou num dos calabouços do Castelo da Noite, porém um dia ela desapareceu. Eu espero que esteja morta. Dizem que ela envenenou a minha mãe.

Violante passou a mão pelo tecido negro do seu vestido, como se ela estivesse falando da qualidade da seda, e não da morte de sua mãe. — Seja como for. Nesse meio-tempo o meu pai compreendeu quem é o culpado de que a carne em seus ossos apodreça. Taddeo percebeu, pouco depois da sua fuga, que o livro começou a cheirar estranho. E que as páginas começaram a se ondular. Os cadeados conseguiram esconder isso por um tempo, o que deve ter sido a sua intenção. Mas agora mal conseguem manter fechada a capa de madeira. O pobre Taddeo quase morreu de susto quando descobriu o estado do livro. Taddeo era o único fora o meu pai que podia tocá-lo e sabia onde estava escondido... Ele sabe inclusive as três palavras que é necessário escrever nele! Qualquer outro o meu pai teria mandado matar por ter esse conhecimento. Mas ele confia naquele velho mais do que em qualquer outra pessoa, talvez porque Taddeo foi por muitos anos o seu professor e muitas vezes o protegeu do meu avô quando era menino. Vai saber. Obviamente Taddeo não contou nada sobre o estado do livro ao meu pai. Por causa de uma notícia tão ruim como essa, ele teria mandado enforcar até mesmo o seu velho professor. Não. Taddeo chamou em segredo todos os encadernadores entre a Floresta sem Caminhos e o Castelo da Noite, e como nenhum deles pôde ajudá-lo, ele seguiu o conselho de Balbulus e mandou encadernar um segundo livro, exatamente igual ao teu, que ele mostrava ao meu pai sempre que ele o exigia. Meu pai, porém, piora a cada dia. Todo mundo já sabe. O seu hálito tem cheiro de esgoto. E ele morre de frio como se as

Damas Brancas estivessem tão perto a ponto de ele poder sentir a respiração delas. Que vingança, Gaio! Uma vida eterna com sofrimento eterno. Não parece o ato de um anjo, mas o de um demônio muito esperto. Qual dos dois é você?

Mo não respondeu. Não confie nela!, disse uma voz dentro dele. Mas o seu coração estranhamente dizia-lhe outra coisa.

— Como eu dizia, por muito tempo meu pai suspeitou apenas de Mortola — continuou Violante —, e nisso ele esqueceu até mesmo de procurar por você. Porém, um dia, um dos encadernadores que Taddeo havia chamado para ajudá-lo contou-lhe o que estava acontecendo com o livro, provavelmente na esperança de ser recompensado com prata em troca dessa informação. Meu pai mandou matá-lo, afinal ninguém deve saber a quantas anda a sua imortalidade, porém as novidades rapidamente se espalharam. Agora já quase não restam encadernadores vivos do outro lado da floresta. A força era o castigo para todo aquele que não era capaz de curar o livro. E ele mandou jogar Taddeo em um dos calabouços nos porões do Castelo da Noite — para que a sua carne apodreça tão lentamente como a minha, foi o que disse meu pai. Eu não sei se ele ainda está vivo. Taddeo é um homem velho, e os calabouços do Castelo Noturno acabam até mesmo com os jovens.

Mo sentiu o mal-estar como daquela vez no Castelo da Noite, quando, para salvar Resa, Meggie e a si mesmo, ele encadernara o livro em branco. Já naquele momento intuía que ele poderia estar trocando a sua vida pela de muitos outros. Pobre e medroso Taddeo. Mo podia vê-lo na sua frente, preso num dos calabouços sem janela. Ele também podia ver claramente os encadernadores, as figuras perdidas balançando no ar... fechou os olhos.

— Veja só. Exatamente como dizem as canções — ele ouviu Violante dizer. — *Um coração, compassivo como nenhum outro bate em seu peito.* Você realmente sofre ao saber que outros morreram por causa do que você fez. Não seja tolo. Meu pai adora matar. Se não fosse os encadernadores, ele teria enforcado qualquer outro! E finalmente, não foi um encadernador, mas um alquimista quem arranjou um jeito de conservar o livro. Um jeito bastante desagradável, ele não conseguiu desfazer o estrago que você já

havia feito, porém, ao menos o livro deixou de apodrecer, e o meu pai agora está a sua procura, pois continua acreditando que somente você pode retirar a maldição que tão bem escondeu entre as páginas vazias. Não espere até ele te encontrar. Adiante-se a ele! Junte-se a mim. Você e eu, Gaio, a filha dele e o ladrão que já o venceu uma vez. Nós podemos ser o seu carrasco! Ajude-me a matá-lo. Juntos será fácil!

O modo como ela o olhava, esperançosa como uma criança que acabara de externalizar o seu mais profundo desejo. “Venha, Gaio, vamos matar o meu pai!” O que alguém pode fazer contra a sua filha, pensou Mo, para despertar nela esse desejo?

— Não todas as filhas amam o seu pai, Gaio — disse Violante, como se ela, assim como Meggie, tivesse lido seus pensamentos. — A sua filha deve te amar muito — e você a ela. Mas o meu pai vai matá-la, sua filha, sua mulher, todos aqueles a quem você ama, e no final a você mesmo. Ele não vai permitir que você o transforme em motivos de chacota para os seus súditos. Ele vai te encontrar mesmo que você continue se escondendo tão bem como uma raposa, já que seu próprio corpo lhe lembra a cada respiração o que você lhe fez. Sua pele dói com a luz do sol, seus membros estão tão inchados que ele não pode mais cavalgar. Até mesmo andar é difícil, e todos os dias e todas as noites ele fica maquinando o que pode fazer contra você e contra os seus. Mandou ao Pífaros que escrevesse canções sobre a sua morte, canções tão terríveis que todo mundo que as ouve não consegue mais dormir, e em breve ele vai mandar o Nariz de Prata cantá-las aqui também — e te caçar. O Pífaros espera faz tempo por essa ordem, e ele vai te encontrar. A tua compaixão pelos pobres será a sua isca. Ele vai assassinar quantos forem preciso, até que o sangue te atraia para fora da floresta. Mas se eu te ajudar...

Uma voz interrompeu Violante, uma voz de criança acostumada a ser ouvida pelos adultos. Ressoava pela escada interminável em direção da cripta.

— Ele está com ela, com certeza, você vai ver! — A voz de Jacopo soava excitada. — Balbulus é um grande mentiroso, o melhor de todos, principalmente quando mente a mando da minha mãe! Mas

ao mesmo tempo ele puxava suas mangas e olhava mais arrogante do que nunca. Meu avô me ensinou a prestar atenção nessas coisas.

Os soldados na porta olharam para sua senhora sem saber o que fazer. Mas Violante nem os notou. Ela escutava com atenção, e quando uma segunda voz soou atrás da porta, Mo viu pela primeira vez o medo em seus olhos destemidos. Ele mesmo reconheceu a voz, apesar de que até então só a havia ouvido através de uma névoa febril, e sua mão segurou a faca que escondera em seu cinto. O Pássaro Tisnado falava como se o fogo, com o qual ele tão mal trabalhava, tivesse queimado as suas cordas vocais. — Sua voz é um aviso — dissera Resa uma vez sobre ele —, um aviso do seu belo rosto e seu sorriso eterno.

— Sim, sim, você é um garoto muito esperto, Jacopo. — Será que o garoto percebia a ironia naquelas palavras? — Mas por que não vamos para a câmara da sua mãe?

— Porque ela não seria tão burra de levá-lo até lá. Minha mãe é esperta, mais esperta que todos vocês!

Violante aproximou-se de Mo e segurou o seu braço. — Guarde essa faca! — sussurrou ela. — O Gaio não vai morrer neste castelo. Essa canção eu não quero ouvir, venha comigo.

Ela acenou para o soldado atrás de Mo, um rapaz muito alto com ombros largos, que segurava sua espada como se não a tivesse usado muitas vezes, e se esgueirou entre os sarcófagos de pedra, tão decidida como se não fosse a primeira vez que ela tinha que esconder alguém do seu filho. Havia mais do que uma dúzia de sarcófagos na cripta. Na maior parte deles jaziam adormecidos de pedra, espada sobre o peito e cachorros aos seus pés, travesseiros de mármore ou granito sob a cabeça. Violante passou apressada por eles sem dedicar-lhes um único olhar, até parar diante de um sarcófago cuja tampa tinha uma rachadura bem no meio. Como se o morto tivesse batido ali alguma vez.

— Se o Gaio não estiver aqui, que tal assustarmos Balbulus um pouco? Nós voltamos lá e você faz o fogo lamber os seus livros! — Jacopo pronunciava o nome de Balbulus com tanto ciúme, como se falasse de um irmão mais velho preferido pela mãe.

O rosto jovem do soldado ficou vermelho do esforço ao empurrar a tampa do sarcófago para o lado. Mo manteve a faca em sua mão ao entrar no sarcófago. Não havia nenhum morto lá dentro, mas Mo mesmo assim ficou sem respiração ao se esticar naquele lugar estreito e frio. O sarcófago havia sido feito claramente para um homem menor. Será que Violante havia jogado fora os ossos para poder esconder ali os seus espiões? A escuridão tornou-se quase completa depois que o soldado colocou a tampa de volta em seu lugar. Apenas por alguns buracos que formavam o desenho de uma flor entrava um pouco de luz e ar. Respire, Mo, com muita calma. Ele mantinha a faca na mão. Era uma pena que nenhuma das espadas de pedra que os mortos seguravam tivesse alguma serventia. — Você acha que vale a pena arriscar o seu pescoço por alguns pedaços de pele de cabra pintados? — perguntara-lhe Baptista quando lhe pediu que costurasse a roupa e o cinto.

Ah, Mortimer, como você é louco. Será que este mundo já não te fez sentir vezes suficientes como ele é perigoso? Mas os pedaços de pele de cabra pintados eram belíssimos.

Uma batida. Abriram um ferrolho. As vozes chegavam mais claramente até ele. Passos... Mo tentou espiar através dos buracos, mas conseguiu ver apenas outro sarcófago e o veludo negro do vestido de Violante, que desapareceu quando ela se afastou. Não, seus olhos não poderiam lhe ajudar. Ele encostou a cabeça na pedra fria e ouviu atento. Como a sua respiração era ruidosa. Haveria entre os mortos algum barulho mais suspeito do que aquele?

E a aparição do Pássaro Tisnado justamente agora, seria um acaso?, sussurrou uma voz dentro de si. E se Violante estivesse esperando por ele? *Não todas as filhas amam o seu pai.* E se a Feia quisesse dar um presente muito especial ao pai dela? Veja só quem eu capturei para você. O Gaio. Ele veio fantasiado de corvo. Quem ele achava que poderia enganar dessa forma?

— Vossa Alteza! — A voz do Pássaro Tisnado troava pelas paredes como se surgisse diretamente ao lado do sarcófago onde estava Mo. — Perdoe que venhamos perturbar vosso luto. Mas vosso filho queria muito que eu me encontrasse com um visitante

que Vossa Alteza recebeu hoje. Ele acha que se trata de um velho e perigoso conhecido meu.

— Visitante?— A voz de Violante soava tão fria como a pedra sob a cabeça de Mo. — O único visitante aqui é a morte, e não adianta de muita coisa avisar da sua chegada, não é?

O Pássaro Tisnado deu uma gargalhada desagradável. — Não, com certeza não, mas Jacopo me falou de um visitante de carne e osso, um encadernador, alto, cabelo castanho...

— Balbulus recebeu hoje um encadernador — respondeu Violante. — Faz tempo que ele procura alguém que saiba mais do ofício do que os encadernadores de Ombra.

Que barulho foi aquele? Claro. Jacopo pulava pelo chão de pedra. Aparentemente, de vez em quando ele se comportava como todas as outras crianças. Os pulos se aproximaram. Era grande a tentação de se levantar simplesmente. Era difícil manter o corpo imóvel como o de um morto quando ainda se respirava. Respire, Mortimer, tão discretamente quanto possível, tão silenciosamente como fazem as fadas.

Os pulos pararam bem ao seu lado.

— Você o escondeu! — A voz de Jacopo soou para Mo como se as palavras fossem dirigidas a ele. — Você não acha que deveríamos olhar dentro dos caixões, Pássaro Tisnado?

A ideia pareceu atraí-lo bastante, mas o Pássaro Tisnado riu nervoso. — Não, não será necessário, assim que explicarmos a sua mãe com quem ela está tratando. Esse encadernador pode ser aquele que o seu pai procura tão desesperadamente.

— O Gaio? O Gaio está aqui neste castelo? — A voz de Violante soou tão incrédula que até mesmo Mo acreditou em seu assombro. — É claro! Eu sempre disse ao meu pai: um dia a própria arrogância desse ladrão o entregará! Não se atreva a dizer nada ao Pardal! *Eu* quero capturar Gaio, para que o meu pai finalmente entenda a quem pertence o trono de Ombra! Você mandou fortalecer a guarda? Você já mandou soldados para a oficina de Balbulus?

— Ehhh, não... — O Pássaro Tisnado estava claramente confuso. — Quero dizer... ele não está mais com Balbulus, ele...

— O quê? Seu idiota! — A voz de Violante tornou-se tão seca como a de seu pai. — Desçam as grades do portão. Imediatamente! Se o meu pai descobrir que o Gaio esteve neste castelo, na minha biblioteca, e simplesmente foi embora em seu cavalo... — As palavras soavam ameaçadoras no ar frio. Ah, sim, ela era esperta, o seu filho tinha razão.

— Sandro! — Deveria ser algum dos seus soldados. — Ordene aos guardas no portão principal que desçam as grades. Ninguém deve deixar o castelo, absolutamente ninguém, você ouviu? Espero que não seja tarde demais! Jacopo!

— Sim? — Percebia-se medo e teimosia na voz aguda — e certa desconfiança.

— Ao perceber que o portão está fechado, onde o Gaio poderia se esconder? Você conhece todos os esconderijos deste castelo.

— Com certeza! — agora a voz de Jacopo soava lisonjeada. — Eu posso te mostrar todos eles.

— Ótimo! Pegue três guardas lá de cima, da porta da sala do trono, e leve-os aos melhores esconderijos que você conhece. Eu vou falar com Balbulus. O Gaio! No meu castelo!

O Pássaro Tisnado gaguejou alguma coisa, Violante o interrompeu bruscamente e mandou que a acompanhasse. Os passos e as vozes se distanciaram. Mas Mo ainda achou poder ouvi-los por um bom tempo, subindo os intermináveis degraus que os levavam para longe dos mortos, de volta ao mundo dos vivos, à luz do dia, onde era possível respirar...

Mesmo depois de estar tudo em silêncio novamente, ele permaneceu ainda alguns momentos torturantes ali deitado, atento, até que imaginou poder ouvir até mesmo a respiração dos mortos. Então apoiou a mão na tampa de pedra — e segurou rapidamente a faca quando voltou a ouvir passos.

— Gaio!

Não era mais do que um sussurro.

A tampa com a rachadura foi empurrada para o lado e o soldado que o ajudara a entrar em seu esconderijo esticou a mão em sua direção.

— Temos que nos apressar! — sussurrou. — O Pardal mandou soar o alarme. Há guardas em todos os lugares, mas Violante conhece saídas deste castelo que nem mesmo Jacopo descobriu ainda. Tomara — acrescentou.

Mo mantinha a faca na mão ao sair do sarcófago, as pernas doloridas por causa do pouco espaço.

O jovem olhou fixamente para ele — Quantos você já matou? — Sua voz soou quase reverente. Como se matar fosse uma grande arte, como a de Balbulus. Quantos anos ele deveria ter? Catorze? Quinze? Parecia mais jovem que Farid.

Quantos? O que ele deveria responder? Alguns meses atrás a resposta teria sido tão fácil: talvez até tivesse dado uma gargalhada ao escutar pergunta tão absurda. Agora ele respondeu apenas: — Não tantos quanto os que jazem aqui. — Apesar de não ter certeza se isso correspondia à realidade.

O jovem olhou para os mortos e contou-os.

— É fácil?

Considerando a curiosidade em seus olhos, percebia-se que ele realmente não sabia a resposta, apesar da espada e da cota de malha em seu peito.

“Sim”, pensou Mo. “Sim, é fácil, quando começa a bater um segundo coração no seu peito, frio e afiado como a espada que você carrega. Um pouco de ódio e fúria, algumas semanas de medo e raiva desamparada, e ele já cresce em você. É ele que marca o compasso quando se trata de matar, selvagem e rápido. E somente depois você volta a sentir o seu outro coração, tão suave e quente. Ele se apavora com aquilo que você fez sob as batidas do outro. Dói e treme... mas isso vem depois.”

O jovem continuava olhando para ele.

— É muito fácil — disse Mo. — Morrer é mais difícil.

Mesmo que o sorriso de pedra de Cosme dissesse outra coisa.

— Você não disse que tínhamos pressa?

O jovem ficou vermelho debaixo do seu elmo brilhante. — Sim...sim, com certeza.

Diante de um vão atrás dos sarcófagos, fazia guarda um leão de pedra com o brasão de Ombrá no peito — provavelmente o único

exemplar que o Pardal não mandara destruir. O soldado colocou a faca entre os dentes arreganhados e a parede da cripta se abriu o suficiente para que um homem adulto pudesse passar por ali. Fenoglio não havia descrito essa passagem? Palavras voltaram à lembrança de Mo, palavras que lera havia muito tempo sobre um dos antepassados de Cosme, a quem essa passagem salvara muitas vezes de seus inimigos. E as palavras salvavam o Gaio mais uma vez, pensou. Afinal, por que não? Ele era feito delas. Porém, passou a mão pela pedra como se os seus dedos quisessem se assegurar de que as paredes da cripta não eram feitas de papel.

— A passagem termina acima do castelo — sussurrou-lhe o jovem. — Violante não conseguiu tirar o seu cavalo dos estábulos. Chamaria a atenção. Mas outro estará aguardando por você. A floresta estará repleta de soldados, então, tenha cuidado! Isto aqui eu devo entregar-lhe.

Mo colocou a mão dentro dos alforjes que ele lhe entregara.

Livros.

— Violante manda dizer que é um presente, na esperança de selar assim a aliança que ela lhe oferece.

A passagem parecia não ter fim, quase tão angustiosamente estreita como o sarcófago, e Mo alegrou-se quando finalmente viu a luz do dia. A saída não era mais do que uma brecha entre algumas rochas. O cavalo o esperava sob as árvores e ele viu o Castelo de Ombra lá embaixo, os guardas sobre o muro, os soldados saindo pelo portal da cidade feito um enxame de gafanhotos. Sim, ele teria que ter muito cuidado. Mesmo assim, procurou nos alforjes, se escondeu entre as rochas — e abriu um dos livros.



10. Como se nada tivesse acontecido



*Que cruel a terra, os salgueiros brilham,
as bétulas se inclinam e suspiram
Que cruel, que imensamente terno.*

Louise Glück, *Lament*



Farid segurou a mão de Meggie. Deixou que ela escondesse o rosto em sua camisa e sussurrou-lhe repetidas vezes que tudo ficaria bem. Mas o Príncipe Negro ainda não havia voltado e o corvo que o Lagartixa mandara retornara com a mesma informação que Doria, o irmão mais novo do Homem Forte, que espionava os ladrões desde que o Afanador salvara ele e o amigo da força: soara o alarme no castelo. Haviam mandado descer as grades e os guardas do portão bradavam que em breve a cabeça do Gaio contemplaria Ombra das ameias do castelo.

O Homem Forte trouxera Meggie e Resa para o acampamento dos ladrões, apesar de que as duas preferiam voltar para Ombra. — O Gaio iria querer assim! — Fora tudo o que ele dissera, e o Príncipe Negro partira com Baptista para o sítio que havia sido seu lar nas últimas semanas — semanas tão alegres, tão enganosamente pacíficas no mundo tempestuoso de Fenoglio. — Vamos buscar as coisas de vocês — respondera o príncipe quando Resa lhe perguntou o que ele iria fazer lá. — Vocês não podem voltar. — Nem Resa nem Meggie perguntaram por quê. Ambas sabiam a resposta — porque o Pardal iria interrogar o Gaio, e ninguém poderia ter certeza de que, em algum momento, Mo não fosse revelar onde havia se escondido nas últimas semanas.

Os ladrões também mudam seu acampamento de lugar, poucas horas depois de receber a notícia da prisão de Mo. — O Pardal tem

torturadores muito eficientes — afirmou o Afanador, e Resa sentou-se afastada, sob uma árvore, e escondeu o rosto com o braço.

Fenoglio ficara em Ombra. — Talvez eu consiga uma audiência com Violante. Minerva trabalha hoje à noite na cozinha do castelo. Quem sabe ela fica sabendo de alguma coisa. Eu vou fazer o que for possível, Meggie! — assegurou-lhe ao despedir-se.

— Até parece, ele vai se jogar na cama e beber duas jarras de vinho! — dissera Farid —, e calara arrependido logo em seguida ao ver que Meggie começara a chorar.

Por que permitira que Mo fosse até Ombra? Se ao menos tivesse entrado com ele no castelo! Mas ela quisera ficar com Farid de qualquer jeito. Nos olhos da sua mãe, ela lia a mesma acusação: você poderia tê-lo feito mudar de ideia, Meggie, só você.

Quando anoiteceu o Perna de Pau lhe trouxe algo para comer. Ele tinha esse nome por causa da sua perna endurecida. Não era o mais rápido dos ladrões, mas um bom cozinheiro, porém, nem Meggie nem Resa conseguiram engolir coisa alguma. Esfriara muito e Farid tentou convencer Meggie a sentar com ele perto do fogo, mas ela se limitou a balançar a cabeça negativamente. Queria ficar no escuro, sozinha consigo mesma. O Homem Forte lhe trouxe um cobertor. Seu irmão estava com ele, Doria. — Ele não serve como caçador, mas é um espião de primeira classe — sussurrara-lhe o Homem Forte ao apresentá-lo. Os dois irmãos quase não se pareciam, mesmo que tivessem o mesmo cabelo castanho e grosso, e Doria fosse muito forte para sua idade (o que enchia Farid de inveja). Ele não era muito grande, Doria chegava até o ombro do irmão, e seus olhos eram azuis como a pele das fadas de Fenoglio, enquanto os olhos do Homem Forte eram marrons como castanhas. — Temos pais diferentes — explicara o Homem Forte a Meggie quando ela se mostrou surpresa com tão pouca semelhança —, mas nenhum dos dois vale muita coisa.

— Você não precisa se preocupar. — A voz de Doria soava já bastante adulta.

Meggie levantou a cabeça.

Ele cobriu os ombros de Meggie com o cobertor que seu irmão lhe trouxera, e se afastou sem graça quando ela olhou na sua direção,

mas não desviou o olhar. Doria olhava todos diretamente nos olhos, até mesmo o Afanador, para quem a maioria abaixava a cabeça.

— Não vai acontecer nada com o seu pai, acredite em mim. Ele vai vencer todos eles, o Pardal, o Cabeça de Víbora e o Pífaros.

— Depois que o enforcarem? — perguntou Meggie, a voz refletindo a amargura que sentia, mas Doria se limitou a encolher os ombros.

— Bobagem. Eles também queriam me enforcar — disse. — Ele é o Gaio! Ele e o Príncipe Negro vão salvar a todos nós. Você vai ver. — Ele falava como se não pudesse ser de outra forma. Como se fosse o único que tivesse lido a história de Fenoglio até o fim.

Mas o Afanador, sentado com o Lagartixa a apenas alguns metros, debaixo de umas árvores, riu baixinho. — Teu irmão é um idiota que nem você! — gritou ele para o Homem Forte do outro lado. — Mas para azar dele, não tem os teus músculos, então, provavelmente não vai viver muito. É o fim do Gaio! E qual é a herança que ele nos deixa? O imortal Cabeça de Víbora!

O Homem Forte fechou os punhos e queria partir para cima do Afanador, mas Doria o segurou quando o Lagartixa puxou a faca. O Lagartixa levantou-se mesmo assim e deu um passo ameaçador em direção ao Homem Forte — os dois se enfrentavam com frequência —, porém, de repente ambos levantaram a cabeça e prestaram atenção. No carvalho, sobre eles, se ouviu o canto de um Gaio.

— Ele voltou! Meggie! Ele voltou! — Farid desceu tão rapidamente do seu posto de observação que quase perdeu o equilíbrio.

O fogo havia se apagado, só as estrelas brilhavam no vazio escuro onde os ladrões haviam armado o novo acampamento, e Meggie só reconheceu Mo quando o Perna de Pau se aproximou mancando, com uma tocha, na direção dele e do Príncipe Negro. Baptista os acompanhava. Todos pareciam ter saído ilesos — e Doria se virou para ela. Está vendo, filha do Gaio, disse o seu sorriso, o que foi que eu falei?

Resa levantou-se com tanta pressa que tropeçou no cobertor que o Homem Forte havia lhe trazido e abriu caminho entre os ladrões

em volta de Mo e do Príncipe. Meggie a seguiu como num sonho. Era bom demais para que não fosse um sonho.

Mo vestia ainda as roupas negras que Baptista fizera para ele. Ele parecia cansado, mas aparentemente sem ferimentos.

— Está tudo bem. Tudo bem! — Meggie o ouviu dizer, enquanto ele secava com beijos as lágrimas do rosto da sua mãe. E quando Meggie parou na sua frente, ele lhe deu um sorriso como se, feito antigamente, tivesse acabado de voltar de uma rápida viagem para curar alguns livros doentes, e não de um castelo onde queriam matá-lo.

— Eu trouxe algo para você — sussurrou para Meggie, e somente ao sentir o abraço longo e apertado é que ela soube que Mo havia sentido tanto medo quanto ela.

— Agora, deixem-no em paz! — ordenou o Príncipe Negro a seus homens, quando eles se amontoaram em volta de Mo querendo saber como o Gaio, depois do Castelo da Noite, conseguira fugir também do Castelo de Ombra. — Vocês vão saber a história em breve. E agora dupliquem a guarda.

Eles obedeceram sem muita vontade, se agacharam resmungando perto do fogo quase apagado ou desapareceram nas tendas feitas de panos e roupas velhas, que mal ofereciam abrigo das noites cada vez mais frias. Mo, porém, indicou a Meggie e Resa que se aproximassem do seu cavalo (não era o mesmo com o qual havia partido) e afundou a mão nos alforjes. Tirou dali dois livros, com tanto cuidado, como se fossem seres vivos. Deu um a Resa, o outro a Meggie — e sorriu quando sua filha o pegou com tanta pressa que o livro quase lhe escorregou das mãos.

— Faz tempo desde a última vez que tivemos um livro nas mãos, não é verdade? — sussurrou para Meggie em tom quase conspiratório. — Abra-o. Tenho certeza que você nunca viu nada mais bonito.

Resa também recebera o seu livro, mas nem olhou para ele. — Fenoglio disse que o iluminador serviu de isca para você — disse com voz apagada. — Contou que eles te prenderam ainda na sua oficina...

— Não é o que parece. Você está vendo, não aconteceu nada. Ou estaria eu aqui agora?

Mo não disse mais nada. E Resa não fez mais perguntas. Ela não disse uma única palavra quando Mo sentou-se na grama diante dos cavalos e puxou Meggie para perto de si.

— Farid? — chamou ele, e Farid largou Baptista, de quem tentava descobrir alguma coisa sobre o que acontecera em Ombra, e foi até Mo, a mesma admiração que Meggie vira também no rosto de Doria.

— Você pode acender o fogo para nós? —, perguntou Mo, e Farid se ajoelhou entre eles e deixou que o fogo dançasse em suas mãos, mesmo que Meggie visse claramente que ele não compreendia como era possível que o Gaio estivesse ali sentado e, antes de qualquer coisa, mostrasse um livro para sua filha, depois de haver fugido dos soldados do Pardal.

— Você já viu algo tão bonito, Meggie? — sussurrou-lhe Mo, enquanto ela passava o dedo sobre um dos desenhos dourados. — Sem considerar as fadas, naturalmente — acrescentou com um sorriso, quando uma delas, azul-pálido como o céu de Balbulus, pousou sonolenta sobre a página.

Mo a espantou para longe como costumava fazer Dedo Empoeirado, soprando com cuidado entre as asas cintilantes, e Meggie se inclinou com o pai sobre uma das páginas e esqueceu o medo que sentira por ele. Ela esqueceu o Afanador, sim, e até mesmo Farid, que não se interessava por aquilo do que ela mal conseguia desviar os olhos: letras, cor de sépia e tão leves como se Balbulus as tivesse soprado no pergaminho, dragões e pássaros de pescoço longo que se esticavam na parte superior da página, iniciais pesadas e folheadas a ouro como botões brilhantes entre as linhas... E as palavras dançavam com as imagens e as imagens cantavam para as palavras, cantavam a sua canção colorida.

— Essa é a Feia? — Meggie colocou o dedo sobre uma figura de mulher desenhada com delicadeza. Esbelta junto às linhas, o rosto não era nem metade da unha do dedo mínimo de Meggie, mas era possível identificar o pálido sinal em sua face.

— Sim, e Balbulus assegurou-se de que ela seja reconhecida ainda por centenas de anos. — Mo apontou o nome que o iluminador escrevera com tinta azul-escura sob a pequena cabeça: Violante. O V tinha uma fina ponta dourada. — Eu a conheci hoje. Acho que carrega um apelido injusto — continuou Mo. — Ela é excessivamente pálida, e me parece que pode ser muito rancorosa. Mas é muito corajosa.

Uma folha caiu sobre o livro aberto. Mo a empurrou para fora, mas ela se agarrou no seu dedo com seus finíssimos braços, feito patas de aranha. — Olhe só — disse ele e colocou-a diante dos olhos. — Não é um dos homens-folhas de Orfeu? Pelo jeito, suas criaturas estão se espalhando com bastante rapidez.

— E raramente elas são simpáticas — disse Farid. — Cuidado. Esses aí cospem.

— É mesmo? — Mo riu baixinho e deixou voar o homem-folha, que já contraía os lábios.

Resa acompanhou com os olhos a estranha criatura — e levantou-se de repente. — É tudo mentira! — disse ela de repente. Sua voz tremia a cada palavra. — Toda essa beleza não passa de uma mentira. Serve apenas para desviar a nossa atenção da escuridão e da infelicidade — e da morte.

Mo colocou o livro no colo de Meggie e levantou-se, mas Resa se afastou dele.

— Isto aqui não é a nossa história! — ela disse, tão alto que alguns dos ladrões se viraram para ela. — Ela te consome o coração com toda a sua magia. Eu quero voltar para casa. Eu quero esquecer todos estes fantasmas e só voltar a me lembrar deles quando estiver sentada no sofá de Elinor!

Também o Lagartixa olhava para eles com curiosidade, enquanto um dos seus corvos tentava roubar um pedaço de carne da sua mão. O Afanador também ouvia com atenção.

— Não podemos voltar — disse Mo em voz baixa. — Fenoglio já não escreve mais. Você esqueceu? E não podemos confiar em Orfeu.

— Fenoglio vai tentar nos escrever de volta se você pedir isso a ele. Ele deve isso a você! Por favor, Mo! Isto aqui não vai terminar

bem!

Mo olhou para Meggie, que continuava ajoelhada ao lado de Farid com o livro de Balbulus no colo. O que ele esperava? Que ela contradissesse a mãe?

Farid lançou para Resa um olhar não muito amigável e deixou que o fogo se extinguisse em suas mãos. — Língua Encantada?

Mo olhou para ele. Ah, sim, ele já tinha muitos nomes. Como era quando ele era apenas Mo? Meggie não conseguia se lembrar.

— Tenho que voltar. O que devo dizer a Orfeu? — Farid olhou para ele quase numa súplica. — Você vai contar a ele sobre as Damas Brancas? — Ali estava ela novamente, queimando em seu rosto — sua insensata esperança.

— Já te disse. Não há nada a dizer — respondeu Mo, e Farid abaixou a cabeça e viu as mãos sujas de fuligem, como se Mo tivesse lhe arrancado a esperança dos dedos.

Ele se levantou. Continuava andando descalço apesar de já haver friagem à noite. — Cuide-se, Meggie — murmurou, e deu-lhe um beijo rápido. Depois virou-se sem dizer mais nenhuma palavra. Meggie já sentia saudades quando ele montou em seu burro.

Sim. Talvez fosse melhor mesmo que eles voltassem...

Ela levou um susto quando Mo pousou a mão em seu ombro.

— Envolve o livro em um pano quando não for olhar mais para ele — disse. — As noites são úmidas. — Ele passou então por Resa e foi até onde estavam os ladrões, que olhavam as brasas em silêncio, como se esperassem por ele.

Resa ficou ali olhando para o livro em suas mãos como se fosse outro: o livro que a engolira havia mais de dez anos, com pele e osso. Depois olhou para Meggie.

— E você, hein? — perguntou ela. — Você também quer ficar aqui, como o seu pai? Você não sente falta das suas amigas, e de Elinor, e de Darius? Da sua cama quente e sem piolhos, do café na beira do rio, das ruas pacíficas?

Meggie queria muito dar a Resa a resposta que ela desejava ouvir, mas não conseguiu.

— Eu não sei — ela respondeu em voz baixa.

E essa era a verdade.

11. Doente de saudade



*Há pouco perdi um mundo,
Alguém o encontrou?
Podereis reconhecê-lo pela coroa de estrelas
Em torno a sua fronte.*

*Um homem rico mal a perceberia;
— mas o meu olhar singelo
Ver-se-ia recompensado com tesouros de ducados.
Oh, senhor, encontre-o para mim!*

Emily Dickinson, *Lost*



Elinor já lera muitas e muitas histórias nas quais o protagonista em algum momento adoecia porque estava infeliz. Ela sempre achou essa ideia muito romântica, mas a rejeitava como uma mera invenção do mundo dos livros. Todos esses heróis e heroínas que a vida abandonava de repente, por causa de um amor infeliz ou porque sentiam falta de algo perdido! Elinor sempre participara com grande prazer dessas paixões — como costumam fazer os leitores. Afinal, era exatamente isso o que as pessoas procuravam nos livros: grandes sentimentos nunca vividos, dor que, se se tornasse muito forte, era possível deixar para trás apenas fechando o livro. Morte e destruição que pareciam deliciosamente verdadeiras se alguém as evocava com as palavras certas, e que se podia provar e abandonar entre as páginas sem perigo algum.

Sim, Elinor provara da dor escrita em todos os seus matizes, sem nunca acreditar que na vida real, tão cinzenta e entediante como fora durante muitos anos, fosse possível sentir em seu coração uma dor parecida. Agora você está pagando o preço, Elinor! Dizia a si

mesma de vez em quando. Você está pagando o preço pela felicidade dos últimos meses. Não eram os próprios livros que diziam: há sempre um preço a pagar pela felicidade? Como ela podia ter acreditado ser possível encontrá-la e conservá-la consigo com tanta facilidade? Burrice. Burrice, Elinor.

Quando ela não quis mais levantar de manhã, quando o seu coração começou a tropeçar cada vez mais frequentemente, como se estivesse muito cansado para bater com regularidade, quando ela não tinha fome nem mesmo para o café da manhã (apesar de sempre ter apregoado que o café da manhã era a refeição mais importante), e Darius, com o seu olhar de coruja, se preocupava cada vez mais com a sua saúde, começou se questionar se ficar doente de saudade era mesmo uma invenção dos livros. Não sentia ela dentro de si que era justamente aquilo o que lhe tirava as forças e o apetite, e até mesmo a alegria pelos seus livros? A saudade.

Darius sugeriu que ela fizesse uma viagem, visitasse leilões de livros, livrarias famosas que havia muito não visitava. Ele fez listas com os livros que faltavam na sua biblioteca, listas que um ano atrás teriam provocado em Elinor um entusiasmo febril. Porém agora os seus olhos passeavam tão desinteressados pelos títulos, como se estivesse lendo uma lista de compras de produtos de limpeza. Onde havia ficado o seu amor pelas palavras impressas e belas encadernações, pelas palavras sobre pergaminhos e papel? Ela sentia falta do entusiasmo no coração que sentia antes ao olhar para seus livros, a necessidade de acariciar com ternura as lombadas, abri-los e perder-se neles. Mas era como se o seu coração de repente não pudesse mais saborear e sentir, como se a dor o tivesse deixado surdo para tudo, com exceção de uma única coisa — a saudade de Meggie e seus pais. Ah, sim, isso Elinor já havia percebido: que a falta que sentia dos livros nada era em comparação com a falta que poderia sentir das pessoas. Os livros nos falam desse sentimento. Os livros falam do amor, e era maravilhoso escutá-los, porém, eles não podiam substituir aquilo do que eles falavam. Eles não podiam beijar como Meggie, abraçar como Resa, rir como Mortimer. Pobres livros, pobre Elinor.

Ela começou a ficar dias sem sair da cama. Comia muito pouco ou então exageradamente. O seu estômago doía, a sua cabeça doía, o coração voejava em seu peito. Ela estava mal-humorada, ausente e começou a chorar lendo as histórias mais cafonas, feito um bezerro desmamado — sim, naturalmente ela não havia deixado de ler. O que mais ela poderia fazer? Ela lia e lia e lia, mas se entupia com letras como uma criança infeliz com chocolate. O gosto não era ruim, mas a infelicidade continuava. E o cachorro horroroso de Orfeu, deitado ao lado da sua cama, babava em seu tapete e a observava com olhos tristes, como se ele fosse o único ser neste mundo capaz de compreender o sofrimento dela.

Bom, talvez isso não fosse verdade, provavelmente Darius também sabia muito bem o desconsolo que ela sentia por dentro.

— Elinor! Você não quer dar uma volta? — perguntava ele ao levar-lhe mais uma vez o café na cama, porque ao meio-dia ela ainda não havia aparecido na cozinha. — Elinor, encontrei esta belíssima edição de *Ivanhoé* em um dos seus catálogos. Por que não vamos dar uma olhada nela? Não é tão longe daqui. — Ou como nos últimos dias: — Elinor, eu te peço, vá ao médico! Isto não pode continuar assim!

— Ao médico? — disse ela com fúria ao coitado. — Ah, e o que eu devo dizer a ele? Pois é, doutor, deve ser o meu coração. Ele sente essa saudade idiota de três pessoas que foram engolidas por um livro. O senhor não tem algum remédio contra isso?

Obviamente Darius não respondeu. Sem dizer uma palavra, colocou o chá que lhe trouxera — com mel e limão, como ela gostava — ao lado da cama, entre as pilhas de livros que se acumulavam sobre sua mesa de cabeceira, e voltou a descer com uma expressão tão triste, que Elinor ficou com um terrível sentimento de culpa. Porém, mesmo assim ela não se levantou.

Ela ficou ainda três dias na cama, e no quarto dia, quando apareceu em sua biblioteca, ainda de roupão e camisola, para buscar mais livros, surpreendeu Darius segurando a página que levava Orfeu para o lugar onde com certeza ainda estavam Resa, Meggie e Mortimer.

— O que você está fazendo aí? — perguntou Elinor atônita. — Ninguém toca essa folha, você entendeu? Ninguém!

Darius colocou a folha de volta em seu lugar e limpou com a manga uma mancha na vitrine. — Eu só estava dando uma olhada — disse ele com sua voz suave. — Orfeu não escreve mal, você não acha? Apesar de parecer muito com o estilo de Fenoglio.

— É por isso que mal podemos chamar isso de escrita — concluiu Elinor com desprezo. — Ele é um parasita, um piolho no pelo de outro escritor — só que ele não se alimenta do seu sangue, mas das suas palavras... até mesmo o seu nome ele roubou de outro escritor. Orfeu!

— Sim, provavelmente você tem razão — disse Darius enquanto fechava a vitrine com cuidado. — Mas talvez você devesse considerá-lo na realidade um falsário. Ele copia o estilo de Fenoglio com tanta perfeição, que numa primeira olhada quase não se percebe a diferença. Seria interessante ver como ele escreveria se não tiver a quem imitar. Será que ele sabe fazer as próprias ilustrações? Ilustrações que não se parecem as de nenhum outro?

Darius olhou para as palavras por trás do vidro como se elas pudessem dar-lhe uma resposta.

— E para que me interessa isso? Espero que ele esteja morto e pisoteado.

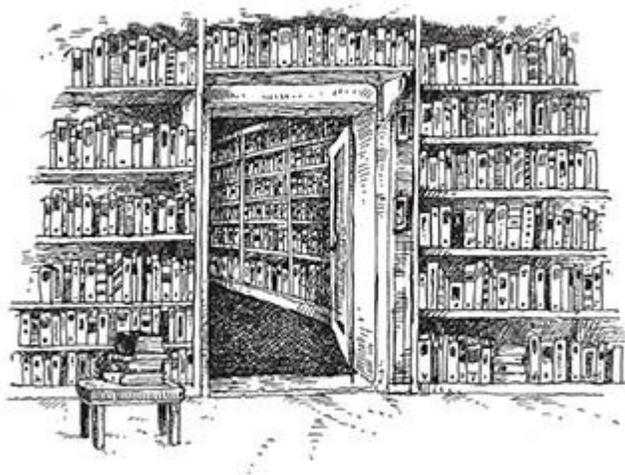
Elinor se aproximou com uma expressão furiosa da estante e tirou de lá meia dúzia de livros, reposição para mais um dia inconsolável na cama. — Sim, pisoteado! Por um gigante. Ou não, espere! Melhor ainda — espero que a sua hábil língua esteja azul e pendurada para fora da boca depois de o haverem enforcado!

Como num passe de mágica, o comentário de Elinor imprimiu um sorriso na cara de coruja de Darius.

— Elinor, Elinor! — disse ele. — Acho que você assustaria até ao próprio Cabeça de Víbora. Mesmo que Resa diga que nada é capaz de fazê-lo tremer.

— É claro que eu o faria! — respondeu Elinor. — Comparando comigo, as Damas Brancas são um bando de irmãs de caridade! Mas, pelo jeito, vou ficar até o fim da vida presa a uma história na qual o único papel reservado a mim é o de velha esquisita!

Darius não disse nada. Porém, quando à noite Elinor desceu novamente para buscar mais um livro, encontrou-o mais uma vez diante da vitrine, contemplando as letras de Orfeu.



12. Novamente a serviço de Orfeu



Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

tem mil faces secretas sob a face neutra

e te pergunta, sem interesse pela resposta,

pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade, Procura da poesia



Obviamente o portão de entrada de Ombra estava fechado quando Farid finalmente alcançou a última curva da estrada em seu burro teimoso. Uma lua minguante brilhava sobre as torres do castelo e os guardas se distraíam jogando pedras nos ossos que balançavam pendurados nas forcas diante do muro da cidade. O Pardal deixara os esqueletos pendurados mesmo depois de as forcas não terem sido mais usadas, em consideração ao seu nariz sensível. Provavelmente ele achava que uma forca totalmente vazia seria uma imagem tranquilizadora demais para os seus súditos.

— Então, quem vem aí? — grunhiu um dos guardas, um homem longo e magro que se agarrava a sua lança como se não conseguisse se manter em pé com suas próprias pernas. — Olhe só o garoto escuro! — disse ele, e segurou rudemente as rédeas de Farid. — Cavalgando sozinho pela noite! Não tem medo que o Gaio te surrupie o burro por baixo desse teu traseiro magro? Afinal, ele teve que abandonar o seu cavalo no castelo e esse burro pode lhe ser de muita serventia. E você, ele vai aproveitar como ração para o urso do Príncipe Negro!

— Ouvi falar que o urso só come encouraçados, por serem mais crocantes. — A mão de Farid deslizou preventivamente até sua faca. Ele estava cansado demais para ser submisso, e talvez o

tivesse deixado algo imprudente o fato de o Gaio realmente ter conseguido voltar são e salvo do castelo do Pardal. Sim. Ele também, cada vez mais chamava o Língua Encantada por esse nome. Apesar de Meggie ficar muito chateada todas as vezes que o surpreendia.

— Haha, ouça só o rapazinho, Rizzo! — gritou um dos guardas para o outro. — Provavelmente ele mesmo roubou o burro para vendê-lo ao fazedor de linguiça na rua do açougue — antes que a pobre besta caía morta sob o seu peso.

Rizzo se aproximou com um sorriso maldoso e levantou sua lança, até que a horrível ponta indicasse exatamente o peito de Farid. — Eu conheço o rapazinho — disse ele. Na frente faltavam-lhe dois dentes, o que fazia com que ele assobiasse como uma cobra. — Já o vi cuspir fogo algumas vezes no mercado. Você não é aquele que aprendeu o seu ofício com o Dançarino de Fogo?

— Sim. E daí? — O estômago de Farid se contraiu como todas as vezes em que alguém mencionava Dedo Empoeirado.

— E daí? — Rizzo pressionou a ponta da lança em seu peito. — Desça do seu burro raquítico e nos ofereça um pouco de diversão. Quem sabe depois deixamos você entrar na cidade.

Finalmente abriram o portão para ele, depois de, por quase uma hora, haver transformado a noite em dia e feito florescer o fogo como aprendera com o Dedo Empoeirado. Farid ainda amava as chamas mesmo que, com suas vozes crepitantes, elas lhe trouxessem lembranças dolorosas daquele que tudo lhe ensinara sobre o fogo. Mas ele não o fazia mais dançar em público, apenas para si mesmo. As chamas eram o que lhe restava de Dedo Empoeirado, e às vezes, quando sentia tanto a sua falta que o seu coração se encolhia de saudade, ele escrevia o seu nome com fogo em algum muro de Ombra e ficava olhando fixamente para as letras até que elas se apagassem, deixando-o sozinho, como fizera Dedo Empoeirado.

Desde que perdera os seus homens, à noite Ombra ficava silenciosa como uma cidade fantasma. Porém, hoje Farid deparou-se com vários grupos de soldados. O Gaio os havia dispersado, e eles ainda perambulavam furiosos como uma nuvem de vespas,

como se isso fosse fazer surgir o invasor descarado. De cabeça baixa, Farid passou por eles puxando o seu burro e ficou feliz quando enfim parou em frente à casa de Orfeu.

Era uma casa imponente, uma das mais imponentes de Ombra, e a única naquela noite inquieta onde ainda havia luz de velas a iluminar as janelas. Junto à entrada ardiavam tochas — Orfeu tinha medo de bandidos — que com sua luz vacilante davam vida às máscaras de pedra sobre o portão. Farid sempre sentia um arrepio ao perceber como elas o fitavam, com os seus olhos saltados e bocas muito abertas, as narinas levantadas como se fossem resfolegar em seu rosto. Ele tentava adormecer as tochas com um sussurro, como costumava fazer Dedo Empoeirado, mas o fogo não o ouvia. Isso acontecia cada vez mais amiúde, como se o fogo quisesse lembrar-lhe que um aprendiz cujo mestre estava morto continuaria para sempre um aprendiz.

Ele estava tão cansado. Os cães latiram quando levou o burro pelo pátio até o estábulo. Novamente. Novamente a serviço de Orfeu. Sendo que ele teria preferido mil vezes deitar a cabeça no colo de Meggie, ou sentar com o seu pai e o Príncipe Negro junto ao fogo. Mas por Dedo Empoeirado ele sempre voltava ali. Sempre voltava.

Farid deixou que Sorrateiro saísse da sua mochila e subisse em seu ombro, e olhou para as estrelas, como se pudesse encontrar lá em cima o rosto cheio de cicatrizes de Dedo Empoeirado. Por que ele não lhe aparecia em seus sonhos e lhe dizia como trazê-lo de volta? Os mortos não faziam isso de vez em quando com aqueles que amavam? Ou será que Dedo Empoeirado apareceria somente para Roxane, assim como prometera, e para a sua filha? Não, se Brianna fosse receber a visita de um morto, seria a de Cosme. As outras criadas diziam que ela murmurava o seu nome enquanto dormia, e que às vezes esticava a mão como se ele estivesse ao seu lado.

“Talvez ele não apareça para mim em sonhos porque sabe que eu tenho medo de fantasmas!”, pensou Farid, enquanto subia as escadas em direção à porta dos fundos. A entrada principal da casa que dava direto ao lugar onde ela se erguia, estava destinada, é

claro, somente ao próprio Orfeu e seus finos clientes. Empregados, menestréis e entregadores tinham que abrir caminho pelo pátio cheio de esterco e tocar a campainha ao lado da modesta porta que se escondia no fundo da casa.

Farid chamou três vezes, mas nada aconteceu. Por todos os demônios do deserto, onde estava o Montanha de Carne? Ele não tinha muito mais a fazer do que abrir a porta de vez em quando. Ou será que estava novamente roncando feito um cão em frente à câmara de Orfeu?

Quando finalmente levantaram o ferrolho, não era Oss, mas Brianna. Fazia duas semanas que a filha de Dedo Empoeirado trabalhava para Orfeu, porém, provavelmente o Cabeça de Queijo não fazia a menor ideia de quem era filha a moça que lavava a sua roupa e esfregava as suas panelas. Orfeu era tão cego.

Brianna abriu a porta em silêncio e Farid se esgueirou por ela também sem dizer palavra. Não havia palavras entre eles, somente aquelas que não haviam sido pronunciadas: *Meu pai morreu por sua causa. Por sua causa ele nos deixou sozinhos, apenas por sua causa.* Brianna culpava-o por cada lágrima de sua mãe, sussurrara-lhe ela no primeiro dia que passaram juntos a serviço de Orfeu. — Por cada lágrima! — E também agora, ao virar as costas para ela, ele sentia seu olhar em sua nuca, como uma maldição.

— Onde você esteve este tempo todo? — Oss o segurou com força quando ele se dirigia furtivamente ao seu leito no porão. Sorrateiro rosnou e pulou para longe. Com o seu último passo Oss quase quebrara as costelas da marta. — Ele já perguntou mil vezes por você! Me fez procurar por você em cada maldita rua. Por sua causa não pude dormir a noite toda!

— E daí? Você já dorme o suficiente!

O Montanha de Carne deu-lhe uma bofetada. — Deixe de folga. Anda, teu senhor está esperando por você.

Ao subir as escadas deparou-se com uma das criadas. Ela enrubesceu ao passar por Farid. Como era o nome dela mesmo? Dana? Ela era simpática, já fizera com que recebesse um delicioso pedaço de carne depois de Oss haver roubado mais uma vez a sua

comida, e Farid, em troca, a havia beijado algumas vezes na cozinha, mas ela não era tão bonita como Meggie. Ou Brianna.

— Espero que ele me permita bater um pouco em você! — sussurrou-lhe Oss antes de ele bater à porta do escritório de Orfeu.

Orfeu batizara assim a câmara, mesmo que na verdade a usasse muito mais frequentemente para passar a mão por baixo das saias das criadas ou se entupir com as fartas comidas que a cozinheira lhe preparava a qualquer hora do dia ou da noite. Porém, nessa noite ele realmente estava sentado na sua escrivaninha, a cabeça inclinada sobre uma folha de papel, enquanto dois homens de vidro discutiam em voz baixa se era melhor segurar a tinta do lado direito ou do esquerdo. Os dois eram irmãos, Jaspis e Brilho de Ferro, e tão diferentes quanto o dia e a noite. Brilho de Ferro, o mais velho, adorava mandar e dizer o que fazer ao seu irmão mais novo. Por causa disso, Farid muitas vezes tivera vontade de torcer o seu pescoço de vidro. Ele mesmo tinha dois irmãos mais velhos, e haviam sido um dos motivos para ele querer fugir de casa e se juntar aos ladrões.

— Fiquem quietos! — ordenou Orfeu aos homens de vidro que brigavam. — Que criaturas mais ridículas vocês são! À direita, à esquerda! É melhor vocês prestarem atenção para não salpicar de tinta novamente toda a escrivaninha.

Brilho de Ferro lançou um olhar acusador para Jaspis. — É claro! Se alguém espirrava tinta na escrivaninha de Orfeu, só poderia ser o seu irmão menor. — E caiu num silêncio furioso, enquanto Orfeu colocava novamente a pluma sobre o papel.

— Farid, você tem que aprender a ler! — Quantas vezes Meggie já lhe dissera isso. E com esforço ela lhe ensinara algumas letras, u de urso, r de Resa (“Veja só, Farid, essa letra está no seu nome também!”), m de Meggie, f de fogo. Não era maravilhoso que o seu nome começasse com essa mesma letra!— e d... d de Dedo Empoeirado. O resto ele confundia sempre, como é que ele poderia guardar em sua memória todas aquelas estranhas coisinhas com suas garras que se estendiam em todas as direções? AOUIKTNP... ele ficava com dor de cabeça só de olhar para elas, mas ele tinha que aprender a decifrá-las! Como então poderia descobrir se Orfeu

realmente está tentando escrever para trazer Dedo Empoeirado de volta?

— Recortes, nada além de recortes! — Praguejando, Orfeu empurrou Jaspis para o lado, quando o pequeno homem de vidro se aproximou para jogar areia na tinta fresca. Com uma careta ele rasgou a página que havia escrito em pequenos pedaços.

Farid estava acostumado com aquela cena. Raramente Orfeu ficava satisfeito com aquilo que colocava no papel. Ele amassava, rasgava, jogava no fogo o que havia escrito, ameaçava os homens de vidro e bebia demais. Porém, se conseguia alguma coisa, ficava insuportável. Estufava-se feito um sapo-boi, passeava por Ombra cheio de orgulho como um rei recém-coroadado, beijava as criadas com seus lábios úmidos, apaixonados por si mesmo, e anunciava que não havia ninguém como ele. — Podem continuar chamando o velho de Tecelão de Tinta! — gritava ele pela casa. — Sim, combina com ele. Ele não passa de um artesão. Mas eu, eu sou um mago. Um mago da tinta, sim, é como devem me chamar. Assim é como vão me chamar um dia!

Aquela noite, porém, a magia parecia não funcionar. Lengalengas de sapo! Cacarejos de ganso! Palavras de lata! — xingava ele, sem levantar a cabeça. — Mingau de palavras, sim, é isso o que você está jogando hoje no papel, o aguado, e sem sal, e sem gosto, e grudento mingau de palavras de Orfeu!

Os dois homens de vidro desceram rapidamente pelas pernas da escrivaninha e começaram a recolher as páginas rasgadas.

— Senhor! O garoto voltou. — Ninguém poderia soar mais submisso do que Oss. A sua voz se inclinava da mesma forma que o seu corpo massudo, enquanto os seus dedos continuavam segurando o pescoço de Farid como um pedaço de carne.

Orfeu virou-se para Farid com expressão sombria e o fitou, como se enfim houvesse descoberto o motivo do seu fracasso. — Onde diabos você estava? Você esteve este tempo todo com Fenoglio? Ou você foi ajudar o pai da sua amada a entrar e depois se esgueirar para fora do castelo? Sim, eu já soube da sua mais nova aventura. Provavelmente, amanhã estarão cantando as primeiras e detestáveis canções a respeito. O idiota desse encadernador

interpreta o ridículo papel que o velho escreveu para ele realmente com uma paixão comovedora. — Inveja e desprezo se misturavam na voz de Orfeu, como era frequente quando ele falava do Língua Encantada.

— Ele não está interpretando, ele é o Gaio. — Farid pisou com tanta força no pé de Oss, que ele soltou o seu pescoço e o empurrou novamente quando este tentou pegá-lo mais uma vez. Com um grunhido, o Montanha de Carne levantou o punho, mas Orfeu o deteve com o olhar.

— É mesmo? Você já se juntou ao enxame dos seus admiradores? — Ele colocou uma nova folha de papel sobre a mesa e olhou fixamente para ela como se pudesse assim preenchê-la com as palavras certas. — Jaspis, o que você está fazendo aí embaixo? — disse enfurecido ao homem de vidro. — Quantas vezes eu vou ter que dizer isso a vocês? As criadas que varram os pedaços de papel. Aponte para mim mais uma pluma!

Farid levantou Jaspis, colocou-o sobre a escrivaninha e recebeu um sorriso agradecido. O homem de vidro mais jovem tinha que fazer todo o trabalho desagradável, é o que dissera o seu irmão. Apontar as plumas era o pior de todos, já que as minúsculas lâminas que eles usavam escorregavam muito facilmente. Havia poucos dias ela entrara profundamente no braço fino como um fósforo de Jaspis, e Farid descobrira que os homens de vidro também sangram. O sangue de Jaspis era transparente, é claro. Pingou feito vidro líquido na folha de papel de Orfeu, e Brilho de Ferro deu uns tapas em seu irmão menor chamando-o de idiota e desastrado. Para vingar-se, Farid colocou cerveja na areia que ele comia. Desde então os membros de Brilho de Ferro, antes claros como água (o que o deixava muito orgulhoso), haviam ficado amarelos como xixi de cavalo.

Orfeu foi até a janela. — Da próxima vez que você desaparecer por tanto tempo — disse ele para Farid —, mandarei Oss surrar você feito um cão.

O Montanha de Carne sorriu e Farid dedicou a ambos, em silêncio, as maiores maldições. Orfeu, porém, continuava olhando mal-humorado para o céu negro-noite. — Veja só! — disse ele. —

Fenoglio, esse velho idiota, nem se deu ao trabalho de colocar nome nas estrelas deste mundo. Não me impressiona que me faltem sempre as palavras! Qual é o nome da lua aqui? Podia-se pensar que ao menos para isso ele tivesse colocado a sua velha cabeça para funcionar, mas não! Ele simplesmente a chamou lua, como se fosse a mesma que vemos da nossa janela no outro mundo.

— Talvez seja a mesma lua. Na minha história também não tinha outro nome — disse Farid.

— Que imbecilidade, é claro que era outra lua! — Orfeu foi novamente até a janela, como se tivesse que explicar a todos o malfeito que era aquele mundo lá fora. — Fenoglio, perguntei a ele — continuou com sua voz egocêntrica, Brilho de Ferro ouvia com uma expressão tão concentrada como se proferisse sabedorias nunca antes reveladas —, a morte neste mundo é um homem ou uma mulher? Ou talvez ela seja apenas uma porta que nos leva para outra história, que você infelizmente se esqueceu de escrever? Eu sei lá, disse ele. Eu sei lá! Quem mais vai saber se não ele! Em seu livro, ao menos, não está escrito.

Em seu livro. Brilho de Ferro, que havia subido no parapeito da janela ao lado de Orfeu, lançou um olhar de profundo respeito para a escrivanhinha, onde o último exemplar de *Coração de tinta* estava ao lado da folha de papel na qual Orfeu escrevia. Farid não tinha muita certeza se o homem de vidro realmente compreendia que justamente daquele livro havia surgido todo o seu mundo, inclusive ele mesmo. Ele ficava quase sempre ali aberto, já que Orfeu o folheava o tempo todo com dedos inquietos enquanto escrevia à procura das palavras certas. Ele não usava uma única palavra que não constasse no *Coração de tinta*, pois Orfeu estava convencido que somente as palavras do livro de Fenoglio podiam aprender a respirar naquele mundo. Todas as outras não passavam de tinta sobre o papel.

— Fenoglio — perguntei a ele —, as Damas Brancas são apenas serviçais? — Orfeu prosseguiu, enquanto Brilho de Ferro olhava fixamente para os seus lábios. — Os mortos ficam com elas, ou elas os levam para outro lugar? — Provavelmente — respondeu o velho

idiota. — Uma vez, eu contei aos filhos de Minerva sobre um castelo de ossos para consolá-los pela morte do Dançarino das Nuvens, mas foi só uma ideia...só uma ideia! Rá!

— Velho idiota! — repetiu Brilho de Ferro feito eco, um eco nem um pouco impressionante, aliás, considerando sua voz fina de homem de vidro.

Orfeu se virou e voltou para a sua escrivantina. — Nessas suas andanças, ao menos você não esqueceu de dizer a Mortimer que eu quero falar com ele? Ou ele estava muito ocupado fazendo papel de herói?

— Ele disse que não há nada a dizer. Disse que não sabe nada sobre as Damas Brancas que todo mundo já não saiba.

— Ah, que maravilha! — Orfeu pegou a pluma que Jaspis tivera tanto trabalho em apontar e a quebrou no ar. — Ao menos você perguntou se ele as vê de vez em quando?

— Com certeza. — A voz de Jaspis soou tão delicada como os seus membros. — As Damas Brancas nunca abandonam àqueles que elas já tocaram uma vez. Ao menos é o que dizem as mulheres do musgo.

— Sim, eu sei! — interrompeu Orfeu impaciente. — Eu já tentei perguntar a uma dessas mulherzinhas sobre isso, mas a horrorosa criatura se negou a falar comigo. Ela apenas me olhou com seus olhos de rato e anunciou que eu como muita gordura e bebo demais!

— Com as fadas elas falam — disse Jaspis. — E as fadas falam com os homens de vidro. Porém, não com todos — acrescentou ele com um olhar de esguelha para o irmão. — Eu já ouvi falar que as mulheres do musgo contam mais uma coisa sobre as Damas Brancas. Dizem que atendem ao chamado de qualquer um cujo coração elas já tenham tocado com seus dedos frios!

— É mesmo? — Orfeu olhou pensativo para o homem de vidro. — Eu nunca ouvi falar disso.

— Não é verdade! Eu já tentei chamá-las! — disse Farid. — Inúmeras vezes!

— Você! Quantas vezes eu vou ter que dizer que você morreu rápido demais? — disse-lhe Orfeu com desprezo. — Você estava

com tanta pressa para morrer como para voltar. Além disso, você é uma isca tão insignificante que elas provavelmente nem se lembram mais de você! Não. Você não é a pessoa certa. — Ele foi novamente até a janela. — Vá buscar um chá para mim! — ordenou a Farid sem se virar. — Eu tenho que refletir.

— Chá? Chá de quê?

Farid colocou Jaspis sobre o ombro. Sempre que podia o levava consigo para colocá-lo a salvo do seu irmão maior. Os membros de Jaspis eram tão finos que Farid sempre temia que Brilho de Ferro pudesse quebrar alguma coisa numa briga. Mesmo Quartzo Rosa, o homem de vidro de Fenoglio, era mais de uma cabeça mais alto que Jaspis. Às vezes, quando Orfeu não precisava deles porque estava se divertindo com uma das criadas ou com seu alfaiate horas a fio experimentando novas roupas, Farid levava Jaspis consigo para a rua das costureiras, onde as mulheres de vidro ajudavam as humanas a enfiar a linha em agulhas afiadas, alisar bainhas com seus pequenos pés e costurar rendas em seda valiosa. Afinal, Farid havia aprendido: os homens de vidro não somente sangravam, eles se apaixonavam também, e Jaspis estava muito apaixonado por uma moça com membros amarelo-pálido, que ele observava em segredo através da janela do atelier da sua mestra.

— Chá de quê? E eu lá vou saber? Um para dor de estômago! — respondeu Orfeu mal-humorado. — Passo o dia inteiro sentindo fisgadas pelo corpo, como se estivesse repleto de escaravelhos dentro dele. Como é que alguém pode escrever algo decente desse jeito?

É claro. Orfeu sempre reclamava do estômago ou da sua dor de cabeça quando não conseguia escrever.

“Espero que fisque a noite inteira”, pensou Farid ao fechar a porta atrás de si. “Espero que fisque dentro dele por tanto tempo, até que finalmente ele escreva alguma coisa para Dedo Empoeirado.”



13. No meio do coração



No que a ele se referia, nunca houvera, até então, algo como uma única partícula de tristeza na superfície alegre e suave do mundo brilhando como o orvalho.

T. H. White, *The once and future king*, livro II



— Ao menos ele não exigiu que você fosse buscar o curandeiro!
— Jaspis fazia mesmo de tudo para alegrar Farid enquanto desciam a íngreme escada até a cozinha.

Ah, sim, o curandeiro atrás do muro da cidade. Orfeu mandara chamá-lo não fazia nem dois dias. Quando iam buscá-lo à noite, jogava pedaços de madeira ou aparecia à porta com o alicate que usava para arrancar dentes.

— Dor de cabeça! Dor de estômago! — praguejou Farid. — O Cabeça de Queijo comeu demais novamente, isso é tudo!

— Três felosas douradas assadas no mel, recheadas com chocolate e nozes de fadas, e meio leitão recheado com castanhas — disse Jaspis, e se encolheu assustado ao ver Sorrateiro ao lado da porta da cozinha. A marta deixava Jaspis nervoso, mesmo que Farid lhe assegurasse todas as vezes que, apesar das martas gostarem de caçar os homens de vidro, com certeza não os comiam.

Apenas uma criada ainda estava na cozinha. Farid parou indeciso na porta ao ver que se tratava de Brianna. Mais essa. Ela esfregava as panelas do jantar, o belo rosto cinza de cansaço. Para as criadas de Orfeu o dia de trabalho começava antes do sol nascer, e muitas vezes só acabava quando a lua já ia alta no céu. Todas as manhãs Orfeu inspecionava a casa inteira à procura de teias de aranha e pó, uma mancha em um dos tantos espelhos nas paredes, uma colher de prata mal polida, ou uma camisa, que, mesmo depois de ter sido

lavada, ainda apresentasse alguma mancha. Se ele encontrasse alguma coisa, descontava imediatamente do magro salário das criadas. E Orfeu quase sempre encontrava.

— O que você quer? — Brianna se virou e secou as mãos no avental.

— Orfeu está com dor de estômago — murmurou Farid sem olhar para ela. — É para você fazer um chá para ele.

Brianna foi até o armário e tirou um recipiente de barro lá de cima. Farid não sabia para onde olhar enquanto ela fazia o chá. O seu cabelo tinha a mesma cor que o do seu pai, mas era ondulado e brilhava à luz da vela como o ouro vermelho que o governador tanto gostava de usar de enfeite em seus dedos magros. Os menestréis cantavam canções sobre a beleza da filha de Dedo Empoeirado e o seu coração despedaçado.

— O que você está olhando? — Ela deu um passo até ele. Sua voz soava tão rude que Farid automaticamente se afastou. — Eu me pareço com ele, não é?

Era como se ela houvesse afiado aquelas palavras com o silêncio das últimas semanas, até que elas se transformassem em lâminas com as quais pudesse cortar o seu coração.

— Já você não se parece nem um pouco com ele! Eu sempre digo a minha mãe: ele é apenas um vagabundo morto de fome que fingiu por tanto tempo para o meu pai ser o seu filho, até ele acreditar que deveria morrer por sua causa!

Cada palavra era como uma facada, e Farid sentia como ela cortava o seu coração em fatias.

Os olhos de Brianna não eram como os de seu pai. Ela tinha os olhos da mãe, e fitavam Farid com tanta hostilidade como os de Roxane. Ele tinha vontade de bater nela ou calar com a mão a sua bela boca. Mas ela era parecida demais com Dedo Empoeirado.

— Você é um demônio, um espírito do mal, que não traz nada além de desgraças. — Ela estendeu-lhe a xícara de chá. — Aqui, leve para Orfeu. E diga a ele que se comer menos, o seu estômago melhora.

As mãos de Farid tremiam ao receber a xícara.

— Você não sabe de nada! — disse ele com voz rouca. — Absolutamente nada! Eu não queria que ele me trouxesse de volta. Era muito melhor estar morto.

Mas Brianna olhou para ele com os olhos da sua mãe. E o rosto do seu pai.

E Farid subiu com a xícara quente para a câmara de Orfeu. Enquanto Jaspis, cheio de compaixão, acariciava seu cabelo com sua pequena mão de vidro.



14. *Notícia de Ombra*



*E às vezes em um velho livro
Está marcado algo de inconcebível escuridão.
Ali, onde estivestes um dia.
Para onde você escapou?
Reiner Maria Rilke, *Improvisationen*
aus dem Capreser Winter III*



Meggie gostava de ficar no acampamento dos ladrões. Às vezes parecia a Resa que a sua filha sempre sonhara em viver no meio de tendas molambentas. Ela observava Baptista costurar uma nova máscara, deixava o Homem Forte lhe ensinar como falar com uma cotovia e recebia com um sorriso as flores silvestres que o irmão mais novo dele lhe trazia. Era bom ver Meggie sorrir com frequência novamente, apesar de Farid continuar com Orfeu.

Mas Resa sentia falta do sítio abandonado. Ela sentia falta do silêncio e do isolamento, e da sensação de estar sozinha com Mo e Meggie, depois de todas aquelas semanas separados. Semanas, meses, anos...

Às vezes, quando os via sentados com os ladrões perto do fogo, tinha a impressão de observá-los num jogo que os dois haviam jogado durante todos aqueles anos em que ela estivera longe. *Vem, Mo, vamos jogar o jogo dos ladrões.*

O Príncipe Negro aconselhou Mo a ficar no acampamento, e por alguns dias ele seguiu o seu conselho. Mas já na terceira noite ele voltou a sumir na floresta, sozinho, como se quisesse ir ao encontro de si mesmo. E na quarta noite ele voltou a acompanhar os ladrões.

Baptista havia cantado para ela as canções que se ouviam em Ombra desde a visita de Mo. O Gaio escapou voando, diziam, fugiu no melhor cavalo do Pardal. Aparentemente, ele havia derrotado

dez guardas, trancado o Pássaro Tisnado na cripta e roubado os livros mais belos de Balbulus. — O que é verdade nisso tudo? — perguntara ela a Mo. Ele rira. — Isso de sair voando infelizmente não foi bem assim! — sussurrara acariciando a sua barriga quase imperceptível, onde crescia o bebê. E fora embora com o Príncipe Negro. E ela ficou, e todas as noites ouvia as canções que Baptista cantava em frente à tenda, e tinha medo pelo seu marido.

O Príncipe Negro mandara armar duas tendas para eles, bem ao lado da sua, costuradas com retalhos de roupas que os ladrões haviam tingido com casca de árvore para que elas não se destacassem demais das árvores ao redor, uma para Meggie e outra para o Gaio e sua mulher. As esteiras de musgo seco onde eles dormiam eram úmidas, e quando Mo saía à noite, Resa dormia com sua filha, para que elas aquecessem uma a outra. — Vai ser um inverno ruim — dissera o Homem Forte não pela primeira vez, quando numa manhã a grama amanheceu tão branca de orvalho, que era possível ver as pegadas dos homens de vidro.

No vale onde estava o acampamento ainda se viam pegadas de gigantes. A chuva da semana anterior as havia transformado em charcos nos quais nadavam sapos dourados. As árvores na subida do vale se estendiam quase tão altas no céu como na Floresta sem Caminhos. Suas folhas secas cobriam o chão fresco de outono com tons dourado e vermelho flamejante, e nos ramos, como frutas maduras, pendiam ninhos de fadas. Olhando em direção ao sul avistava-se ao longe um vilarejo, os muros claros como cogumelos entre as árvores quase sem folhas, mas era um vilarejo pobre, tão pobre que até mesmo os cobradores de imposto do Pardal não desviavam do seu caminho para ir até lá. Lobos uivavam à noite nas florestas em volta. Sobre as tendas pobres, voavam corujas branco-acinzentadas, como pequenos espíritos, e esquilos com chifres roubavam o que ainda havia para comer entre as fogueiras.

Cinquenta homens com certeza moravam no acampamento. Às vezes eram mais. Os mais jovens eram os dois garotos que o Afanador salvara da força e trabalhavam agora como espiões para o Príncipe: Doria, o irmão do Homem Forte, que havia trazido flores silvestres para Meggie e seu amigo órfão, Luc, que ajudava o

Lagartixa a domesticar os seus corvos. Seis mulheres cozinhavam e costuravam para os ladrões, mas nenhuma delas ia junto quando os homens saíam à noite. Resa desenhara quase todos eles — os garotos, os homens e as mulheres (Baptista conseguira-lhe papel e giz, onde, ele não dissera) — e se perguntava a cada rosto se realmente haviam sido apenas as palavras de Fenoglio a traçar aquelas linhas ou se naquele mundo não existia um destino que se desenrolava independentemente do ancião.

Raramente as mulheres estavam com eles, quando os homens sentavam para conversar. Resa sentia todas as vezes os olhares de reprovação quando ela e Meggie se sentavam com naturalidade ao lado de Mo e do Príncipe Negro. Às vezes ela revidava os olhares, olhava fixamente para o Afanador, para o Lagartixa e todos os outros que só aceitavam mulheres no acampamento para cozinhar ou remendar roupas — e amaldiçoava o enjoo que sempre voltava e que a impedia de acompanhar Mo ao menos quando ele saía com o Príncipe pelos morros em volta para procurar um esconderijo mais seguro para o inverno. Eles já estavam havia cinco dias e cinco noites no acampamento, e Meggie batizara o lugar de “o acampamento dos gigantes desaparecidos”, quando Doria e Luc voltaram ao meio-dia com uma notícia de Ombra, aparentemente tão ruim que Doria não disse nada a ninguém, nem mesmo a seu irmão, e seguiu direto para a tenda do Príncipe Negro. Pouco depois o Príncipe chamou Mo e Baptista juntou os homens.

Doria olhou para o seu irmão forte antes de se aproximar dos ladrões, como se ele pudesse lhe dar a coragem para dizer o que tinha que dizer. Mas quando ele começou a falar, sua voz soou clara e segura. Ele parecia bem mais velho do que era.

— O Pífaró deixou ontem a Floresta sem Caminhos — começou ele — pela estrada que leva a Ombra pelo lado oeste. Ele pôs fogo e saqueou e mandou avisar em todos os lugares que veio para receber os impostos, já que o Pardal enviou muito pouco para o Castelo da Noite.

— Quantos encouraçados estão com eles? — O Afanador soou rude como sempre. Resa não gostava da sua voz. Ela não gostava de nada nele.

Doria, assim como ela, parecia não gostar do homem que lhe salvara a vida, ao menos de acordo com o olhar que lhe lançou. — São muitos. Mais do que nós. Muitos mais — acrescentou ele. — O número exato eu não sei. Os camponeses, que tiveram suas casas queimadas pelo Pífaros, não tiveram tempo para contar.

— Bom, se eles houvessem tido tempo não teria adiantado muito, não é? — respondeu o Afanador. — Todo mundo sabe que os camponeses não sabem contar.

O Lagartixa riu, e com ele alguns outros que sempre rodeavam o Afanador, o Enganador, o Garra, o Carvoeiro, o Espanta-elfos e alguns outros.

Doria trincou os lábios. Ele e o Homem Forte eram filhos de camponeses, e o Afanador sabia disso. Aparentemente o pai dele havia sido um mercenário.

— Diga a eles o que você ouviu, Doria. — A voz do Príncipe Negro soou tão cansada como Resa raramente ouvira.

O jovem olhou novamente para o seu irmão. — Eles contam as crianças — disse ele. — O Pífaros manda registrar todos com mais de seis anos e que não seja maior do que um metro e meio.

Um murmúrio surgiu entre os ladrões e Resa viu Mo se inclinar em direção ao Príncipe e sussurrar-lhe alguma coisa. Parecia haver tanta confiança entre os dois, e Mo se movia entre os ladrões maltrapilhos com tanta naturalidade, como se pertencesse ao grupo da mesma forma que a ela e Meggie.

O Príncipe Negro se levantou. O seu cabelo já não estava longo como no dia em que Resa o viu pela primeira vez. Três dias depois da morte de Dedo Empoeirado ele raspou a cabeça como era costume naquele mundo depois da morte de um amigo. Pois dizia-se que no terceiro dia a alma do morto chegava ao reino de onde não havia mais volta.

— Sabíamos que o Pífaros apareceria em algum momento — disse o Príncipe Negro. — Era impossível que o Víbora não percebesse que o seu cunhado fica com a maior parte dos impostos que arrecada. Mas como vocês ouviram, ele não vem apenas pelos impostos. Todos sabemos muito bem para que eles precisam das crianças do outro lado da floresta.

— Para quê? — a voz de Meggie soou tão clara entre todas aquelas vozes masculinas. Não se percebia naquela voz que ela algumas vezes já transformara aquele mundo com algumas de suas frases.

— Para quê? Os túneis nas minas de prata são estreitos, filha do Gaio — respondeu o Afanador. — Alegre-se. Você já é grande demais para ser útil por lá.

As minas. A mão de Resa dirigiu-se automaticamente para onde crescia a criança que ainda não nascera, e Mo olhou para ela como se houvesse tido o mesmo pensamento.

— É claro. O Cabeça de Víbora já mandou crianças demais para as minas. Seus camponeses começam a se defender. Dizem que o Pífaró acaba de reprimir uma rebelião. — A voz de Baptista soava tão cansada como a do Príncipe, eles eram muito poucos contra tanta injustiça. — As crianças morrem rapidamente lá embaixo — continuou Baptista. — É um milagre que o Víbora não tenha tido antes a ideia de buscar as nossas, crianças sem pai, apenas mães indefesas e desarmadas.

— Então vocês devem escondê-las! — Doria soou tão destemido como somente aos quinze anos é possível ser. — Assim como fizeram com a colheita!

Resa viu o sorriso nos lábios de Meggie.

— Esconder, mas com certeza! — O Afanador riu sarcástico. — Que ideia genial. Lagartixa, diga ao rosto de bebê quantas crianças há em Ombra. Você sabe, ele é filho de camponês e não sabe contar.

Homem Forte quis se levantar, mas Doria lançou um olhar de aviso e seu irmão sentou-se novamente. — Eu posso levantar o garoto com uma mão — dizia sempre o Homem Forte. — Mas ele é mil vezes mais esperto do que eu.

O Lagartixa, é claro, não tinha a menor ideia de quantas crianças havia em Ombra, sem falar que também não entendia muito de cálculos. — Bom, são muitos! — gaguejou, enquanto o corvo em seu ombro bicava entre os seus cabelos, provavelmente na esperança de encontrar algum piolho. — Crianças e moscas — os únicos produtos que não faltam em Ombra.

Ninguém riu.

O Príncipe Negro calou-se, e todos se calaram com ele. Se o Pífaró queria as crianças, ele iria atrás delas.

Um elfo de fogo sentou-se no braço de Resa; ela o espantou para longe e sentiu tanta falta da casa de Elinor, que o coração doeu como se o elfo o houvesse queimado. Ela tinha saudades da cozinha sempre habitada pelo zumbido da enorme geladeira, da oficina de Mo no jardim, e da poltrona na biblioteca, onde era possível sentar-se e visitar mundos desconhecidos sem perder-se neles.

— Talvez seja apenas uma armadilha! — disse Baptista cortando o silêncio. — Vocês sabem que o Pardal gosta de colocar armadilhas, e ele sabe muito bem que nós não vamos permitir que ele leve as crianças. Talvez — ele olhou para Mo —, talvez ele espere assim prender o Gaio finalmente!

Resa percebeu que Meggie automaticamente se aproximou mais de Mo. O seu rosto, porém, manteve-se imóvel, como se o Gaio fosse uma outra pessoa. — Violante já tinha me avisado que em breve o Pífaró apareceria por aqui — disse Mo. — Mas não disse nada sobre as crianças.

A voz do Gaio — a voz que enganara o Cabeça de Víbora e fascinava as fadas. Com o Afanador ela não tinha o mesmo efeito. Apenas lhe lembrava que um dia ele sentara ali onde agora estava o Gaio — ao lado do Príncipe Negro.

— Você falou com a Feia? Que maravilha. Foi isso então o que você fez no castelo de Ombra. O Gaio conversa com a filha do Cabeça de Víbora. — O Afanador fez uma careta de desaprovação. — Obviamente ela não te disse nada sobre as crianças! Por que diria? Sem falar que ela provavelmente não sabe nada sobre isso! A Feia tem menos poder naquele castelo do que uma cozinheira. Foi sempre assim, e assim vai continuar.

— Estou cansado de repetir, Afanador — a voz do Príncipe Negro soou mais incisiva do que o normal —, Violante tem mais poder do que você pensa. E mais homens — mesmo que eles sejam muito jovens. — Ele acenou para Mo. — Conte a eles o que aconteceu no castelo. Já é hora de eles saberem.

Resa olhou para Mo. O que sabia o Príncipe Negro que ela não sabia?

— Isso, Gaio, conte-nos finalmente como você conseguiu sair ileso de lá! — Desta vez a voz do Afanador soou tão claramente hostil, que alguns dos ladrões se entreolharam preocupados. — Parece feitiçaria! Primeiro te deixam sair são e salvo do Castelo da Noite e agora de Ombra, apesar de que sob as ordens do Pardal não sopram bons ventos por lá. Não diga que para sair de lá você o tornou imortal também!

Alguns ladrões riram, porém um riso incômodo. Resa sabia que muitos deles realmente achavam que Mo era uma espécie de feiticeiro, um desses homens cujo nome era melhor apenas sussurrar, porque diziam que ele conhecia as artes da magia negra e era capaz de enfeitiçar um mortal apenas com o olhar. De que outro jeito seria possível explicar que um homem surgido praticamente do nada pudesse manejar a espada melhor do que a maioria deles? E além disso, soubesse ler e escrever.

— Dizem que o Cabeça de Víbora não está tendo muitas alegrias com a sua imortalidade! — comentou o Homem Forte.

Doria sentou-se ao seu lado, o olhar sombrio dirigido ao Afanador. Não, o garoto realmente não gostava do seu salvador. Já o seu amigo Luc seguia o Afanador e o Lagartixa feito um cão.

— E daí? De que nos serve isso? O Pífaros saqueia e mata mais do que nunca. — O Afanador cuspiu. — O Víbora é imortal. Seu cunhado enforca quase todos os dias ao menos um de nós. E o Gaio cavalga até Ombra e volta ileso.

Ficaram em silêncio, em grande silêncio. Para muitos dos ladrões o acordo que o Gaio fizera com o Cabeça de Víbora no Castelo da Noite era muito inquietante, mesmo que tivesse sido Mo quem enganara o Príncipe de Prata. Apesar disso, o Cabeça de Víbora continuava imortal. Com frequência ele se divertia colocando uma espada nas mãos de algum homem que o Pardal houvesse capturado, e pedia ao escolhido que a enterrasse em seu corpo — apenas para então ferir o agressor com a mesma espada, de modo a que este demorasse tempo suficiente para morrer, e assim chamar as Damas Brancas. Esse era o jeito de o Cabeça de Víbora

anunciar que já não tinha medo das filhas da morte. Apesar de que, diziam, ele continuava evitando aproximar-se demais dela. *A morte serve ao Víbora*, mandara escrever sobre a torre do Castelo da Noite em letras de prata.

— Não. Não tive que tornar o Pardal imortal.— A voz de Mo soou fria ao responder ao Afanador, tão fria. — Foi Violante que me tirou do castelo. Depois de ter pedido minha ajuda para matar o seu pai.

Resa colocou a mão sobre a barriga, como se pudesse afastar as palavras do seu filho ainda não nascido. Mas em sua cabeça havia um único pensamento: ao Príncipe Negro ele contou o que acontecera no Castelo, mas a mim não. Ela se lembrou de como a voz de Meggie soara magoada quando Mo finalmente lhes contou o que fizera com o livro em branco antes de entregá-lo ao Cabeça de Víbora. — Você umedeceu o livro a cada dez páginas? Não pode ser! Eu estive o tempo todo com você! Por que você não disse nada? — Apesar de Mo ter lhe ocultado o paradeiro de sua mãe durante todos aqueles anos, Meggie continuava achando que não havia segredos entre eles. Resa nunca acreditara de fato. Mesmo assim doía perceber que ele confiava mais no Príncipe Negro do que nela. Doía muito.

— A Feia quer matar o seu pai? — A voz de Baptista soou incrédula.

— O que há de tão incrível nisso? — O Afanador falou tão alto como se tivesse que ser ouvido por todos. — Ela é um filhote de Víbora. O que você respondeu, Gaio? Que você ainda tem que esperar até o seu maldito livro não o proteger mais da morte?

“Ele odeia Mo!”, pensou Resa. “Sim, ele o odeia!” Porém, o olhar que Mo lançou ao Afanador não era menos hostil, e Resa se perguntou, não pela primeira vez, se havia ignorado anteriormente aquela raiva nele, ou se ela era tão nova como a cicatriz em seu peito.

— O livro vai proteger o pai de Violante ainda por muito tempo. — A voz de Mo soou amarga. — O Cabeça de Víbora encontrou um jeito de salvá-lo.

Novamente surgiu um murmúrio entre os ladrões. Apenas o Príncipe Negro não parecia surpreso. Mo contara isso também a ele.

A ele e não a ela. Ele estava se tornando outro!, pensou Resa. As palavras o estão transformando, esta vida o está transformando. Mesmo que seja apenas um jogo. Caso isto seja um jogo...

— Mas isso é impossível. Se você o umedeceu, então está mofando, e você sempre disse: o mofo mata os livros com a mesma eficiência do fogo.

A voz de Meggie soava acusadora. Segredos... nada acaba com o amor tão rapidamente.

Mo olhou para sua filha. Isso foi em outro mundo, Meggie, disse o seu olhar. Mas a sua boca disse outra coisa. — Bom. O Cabeça de Víbora me ensinou algo mais importante. O livro vai continuar protegendo-o da morte — caso as suas páginas continuem em branco...

“Não!”, pensou Resa. Ela sabia o que viria a seguir e tinha vontade de tampar os ouvidos com as mãos, apesar de que não havia nada neste mundo que ela amasse mais do que a voz de Mo. Ela quase chegara a esquecer o seu rosto em todos aqueles anos a serviço de Mortola, mas a sua voz estivera sempre em sua lembrança. Agora, porém, ela não soava mais como a de seu marido, mas como a do Gaio.

— O Cabeça de Víbora ainda acha que somente eu posso salvar o livro. — Mo não falava alto, mas todo o mundo de tinta parecia tomado com a sua voz. Como se tivesse estado sempre ali, entre as árvores infinitamente altas, os homens maltrapilhos, as fadas adormecidas em seus ninhos. — Ele me daria o livro se eu fosse até ele e promettesse curá-lo. E então, um pouco de tinta, uma pluma, não leva mais do que alguns segundos para escrever três palavras! E se a filha dele conseguir para mim esses segundos?

A sua voz desenhava a cena no ar, e os ladrões ouviam como se vissem tudo acontecendo diante deles. Até que o Afanador os interrompeu.

— Você está louco! Totalmente louco! — disse ele com voz rouca. — Pelo jeito até você acredita no que as canções dizem sobre si, que é inatingível, o invencível Gaio. A Feia vai te vender, e o pai dela vai arrancar a tua pele se colocar novamente as mãos em você. Sim, é o que ele vai fazer e para isso vai dedicar mais do que

alguns segundos! E a nós também vai custar nossos pescoços você querer bancar o herói!

Resa viu como os dedos de Mo se fechavam sobre a empunhadura da sua espada, mas o Príncipe Negro colocou a mão sobre o seu braço.

— Talvez ele não precisasse bancar o herói com tanta frequência se você e os seus homens o fizessem mais vezes — disse ele.

O Afanador levantou-se devagar e ameaçadoramente, porém, antes que pudesse dizer alguma coisa, o Homem Forte levantou a voz, decidido como uma criança que quer evitar uma briga entre os pais. — E se o Gaio tiver razão? Talvez a Feia queira realmente nos ajudar! Ela foi sempre boa com os menestréis! Antigamente ela inclusive nos visitava no acampamento! E ela dá comida aos pobres e leva o Coruja Mascarada ao castelo, sempre que o Pardal resolve mandar cortar a mão ou o pé de algum pobre-diabo!

— Que generoso da parte dela! — O Lagartixa fez uma careta de sarcasmo como costumava fazer quando o Homem Forte dizia algo, e o corvo em seu ombro soltou um grasnido de desprezo. — O que há de tão generoso em distribuir restos de comida e roupas que ninguém quer usar? A Feia por acaso se veste com trapos como a minha mãe e minhas irmãs? Não! Provavelmente Balbulus usou todo o pergaminho, e ela quer comprar mais com a recompensa pela cabeça do Gaio!

Novamente alguns dos ladrões riram. O Homem Forte, porém, olhou inseguro para o Príncipe Negro. Seu irmão sussurrou-lhe alguma coisa e lançou um olhar hostil para o Lagartixa. “Por favor, Príncipe!”, pensou Resa. “Diga a Mo para esquecer o que Violante lhe disse. A você ele vai ouvir! E ajude-o também a esquecer o livro que ele encadernou para o pai dela! Por favor!”

O Príncipe Negro olhou para ela como se tivesse ouvido o seu pedido silencioso. Porém, o seu rosto moreno permaneceu ilegível — tão ilegível como muitas vezes era o rosto de Mo para ela.

— Doria! — disse ele. — Você acha que consegue passar pelos guardas do castelo e tentar descobrir algo com os soldados de Violante? Talvez algum deles saiba o que exatamente é a tarefa do Pífaru.

O Homem Forte abriu a boca como se quisesse protestar. Ele amava o seu irmão e fazia de tudo para protegê-lo. Mas Doria estava numa idade em que não se queria mais ser protegido.

— Claro. Isso é fácil — disse ele com um sorriso que mostrava o prazer em realizar a tarefa que o Príncipe lhe dera. — Alguns deles eu conheço desde que me entendo por gente. A maioria deles é pouco mais velha do que eu.

— Ótimo. — O Príncipe Negro se levantou. As palavras seguintes eram dirigidas a Mo mesmo que não olhasse diretamente para ele. — No que diz respeito à oferta de Violante, eu concordo com o Lagartixa e o Afanador. Mesmo que Violante tenha uma queda por menestréis e compaixão pelos seus súditos, ela continua sendo a filha de quem é, e não devemos confiar nela.

Todos os olhares se dirigiam ao Gaio.

Mo, porém, ficou em silêncio.

Para Resa, aquele silêncio dizia mais do que qualquer palavra. Ela conhecia esse silêncio tão bem como Meggie. Resa viu o medo no rosto de sua filha, quando esta começou a tentar convencer Mo. Sim. Até mesmo Meggie sentia agora o quanto aquela história havia envolvido o seu pai, apesar de ele mesmo já haver lhe prevenido disso. As letras o puxavam cada vez mais para o fundo como um redemoinho de tinta, e mais uma vez apoderou-se de Resa o terrível pensamento que surgia cada vez com mais frequência nas últimas semanas: no dia em que Mo estivera no forte incendiado de Capricórnio, ferido de morte, as Damas Brancas realmente haviam levado consigo um pedaço dele, para o mesmo lugar onde Dedo Empoeirado desaparecera, e que somente naquele lugar poderia reaver essa parte dele. Naquele lugar onde todas as histórias terminavam.

15. *Palavras em voz alta, palavras em voz baixa*



*Se fores embora, o lugar atrás de ti se fecha como água,
Não olhes para trás: ao teu redor estás só,
Espaço é apenas o tempo que se faz visível de outra forma,
Nunca conseguimos abandonar os lugares que amamos.*

Ivan V. Lalić, *Places we love*



— Por favor, Mo! Pergunta a ele! — Primeiro Meggie pensou ter ouvido a voz de sua mãe somente em seu sonho, um dos mais sinistros que às vezes o passado lhe enviava. Resa parecia tão desesperada. Porém, quando Meggie abriu os olhos, continuou ouvindo a sua voz. E quando espiou para fora da tenda, viu os seus pais parados entre as árvores a apenas alguns passos de distância, não mais do que duas sombras na noite. O carvalho, em cujo tronco Mo se apoiava, era tão grande como Meggie só vira no Mundo de Tinta, e Resa segurava o seu braço como se tivesse que obrigá-lo a ouvi-la.

— Não foi sempre assim que fizemos? Quando um de nós não gostava mais da história, simplesmente fechávamos o livro! Mo, você esqueceu quantos livros existem? Vamos procurar outro que nos conte a sua história, uma história cujas palavras permaneçam palavras e não façam de nós carne da sua carne!

Meggie olhou em direção aos ladrões a poucos metros dali, debaixo das árvores. Muitos deles dormiam a céu aberto, apesar das noites já estarem muito frias, mas a voz desesperada da sua mãe parecia não haver acordado nenhum deles.

— Se bem me recordo, era eu quem há muito tempo queria fechar este livro. — A voz de Mo soava fria como o ar que chegava até Meggie através do tecido em retalhos. — Mas você e Meggie, vocês não queriam nem saber.

— Como eu poderia saber o que esta história iria fazer com você? — Resa mal conseguia conter as lágrimas.

“Vá dormir!”, pensou Meggie. “Deixe os dois sozinhos.” Mas ela permaneceu ali sentada, congelando no ar frio da noite.

Mo falou tão baixo, como se não quisesse perturbar o silêncio da noite, mas Resa parecia haver esquecido onde ela estava.

— O que ela fez com você? — Ela aumentava a voz a cada palavra. — Você carrega uma espada presa ao cinto! Você mal dorme e passa noites inteiras longe. Você acha que eu não sei diferenciar o grito de um Gaio verdadeiro do de uma pessoa? Eu sei com que frequência Baptista ou o Homem Forte iam te buscar quando ainda estávamos no sítio... e o pior, eu sei o quanto você gosta de acompanhá-los. Você descobriu o gosto pelo perigo! Você foi até Ombra apesar de o Príncipe ter te avisado do perigo. E ao voltar, depois deles quase terem te pegado, você se comporta como se tudo isso fosse um jogo!

— E o que mais deveria ser? — Mo continuou falando tão baixo que Meggie mal conseguia ouvi-lo. — Você se esqueceu do que este mundo é feito?

— Não me importa do que ele é feito. Você pode morrer nele, Mo. Você sabe melhor do que eu. Ou você esqueceu as Damas Brancas? Não. Até mesmo dormindo você fala nelas. Às vezes eu quase chego a pensar que você sente falta delas...

Mo calou-se, mas Meggie sabia que Resa tinha razão. Mo falara-lhe uma única vez das Damas Brancas. — Elas são feitas de nostalgia, Meggie — dissera ele. — Elas enchem de nostalgia o seu coração, até você querer acompanhá-las para qualquer lugar que elas te levem.

— Por favor, Mo! — A voz de Resa tremia. — Peça a Fenoglio para nos escrever de volta! Por você ele vai tentar. Ele te deve isso!

Um dos ladrões tossiu enquanto dormia, outro aproximou-se do fogo — e Mo ficou em silêncio. Quando ele finalmente respondeu,

parecia que estava falando com uma criança. Nem mesmo com Meggie ele ainda falava daquele jeito. — Fenoglio já não escreve mais, Resa. Eu não tenho a certeza se ele ainda consegue!

— Então fale com Orfeu! Você ouviu o que Farid disse. Ele escreveu fadas coloridas, unicórnios...

— E daí? Orfeu talvez consiga inserir um ou outro verso na história de Fenoglio. Mas para mandar-nos de volta para casa de Elinor, ele teria que escrever algo próprio. Eu duvido que ele consiga, e mesmo se conseguisse! Pelo que Farid contou, o seu único interesse é tornar-se o homem mais rico de Ombra. Você tem dinheiro para pagar pelas suas palavras?

Desta vez foi Resa quem ficou em silêncio — durante tanto tempo como se tivesse ficado muda novamente, como antes, quando perdera a sua voz neste mundo. Foi Mo quem finalmente quebrou o silêncio. — Resa! — disse ele. — Se voltarmos agora eu vou ficar sentado na casa de Elinor, e dia após dia não vou pensar em nada além da continuação desta história. Mas nenhum livro neste mundo vai poder me dizer como ela continua!

— Você não quer apenas saber como ela continua. — Agora era a voz de Resa que soava fria. — Você quer determinar o que acontece. Você quer participar! Mas quem te disse que você vai conseguir achar a saída para fora destas letras se está cada vez mais preso a elas?

— Cada vez mais? Como assim? Aqui eu estive cara a cara com a morte, Resa — e ganhei uma nova vida.

— Se você não quer fazer por mim — Meggie percebeu como era difícil para sua mãe continuar falando —, então faça-o por Meggie e pelo nosso segundo filho. Eu quero que ele tenha um pai! Eu quero que este pai esteja vivo quando ele nascer, e quero que ele ainda seja o mesmo homem que criou a sua irmã.

Novamente Resa teve que esperar um longo tempo pela resposta de Mo. Uma coruja piou. Os corvos do Lagartixa grasnaram sonolentos na árvore em que passavam a noite. O mundo de Fenoglio parecia tão pacífico. E Mo acariciou a árvore na qual ele se apoiava tão delicadamente como costumava fazer com a capa de um livro.

— Como você sabe que Meggie não quer ficar aqui? Ela já é quase adulta. Ela está apaixonada. Você acha que ela quer voltar e deixar Farid aqui? E ele vai ficar aqui.

Apaixonada. O rosto de Meggie começou a queimar. Ela não queria que Mo pronunciasse aquilo que ela nunca quisera colocar em palavras. Apaixonada — soava como uma doença para a qual não havia cura. E por acaso não era assim como se sentia? Sim, Farid ficaria. Quantas vezes ela não dissera a si mesma sempre que sentia o desejo de voltar: Farid vai ficar, mesmo que Dedo Empoeirado continue no mundo dos mortos. Ele vai continuar procurando por ele e sentindo saudade, muito mais do que de você, Meggie. Mas como seria não vê-lo nunca mais? Deixaria ali o seu coração, carregando no futuro um buraco em seu peito? Ficaria ela sozinha, assim como Elinor, que da paixão conhecera apenas a dos livros?

— Ela vai superar isso! — ele ouviu Resa dizer. — Vai se apaixonar por algum outro rapaz.

“O que a sua mãe estava falando? Ela não me conhece!”, pensou Meggie. “Ela nunca soube quem eu sou. Também como poderia? Ela nunca estava presente.”

— E este segundo filho? — disse Resa. — Você quer que ele nasça neste mundo?

Mo olhou em volta, e Meggie sentiu mais uma vez o que ela já sabia havia tempo: o seu pai começava a gostar deste mundo tanto quanto ela e Resa gostaram uma vez. Talvez ele goste ainda mais.

— E por que não? — perguntou ele. — Você quer que ele nasça num mundo onde aquilo que deseja só pode ser encontrado nos livros?

A voz de Resa tremia quando ela respondeu, mas o que se ouvia era raiva. — Como você pode dizer isso? Tudo o que existe aqui nasceu em nosso mundo. De onde mais Fenoglio poderia tirar?

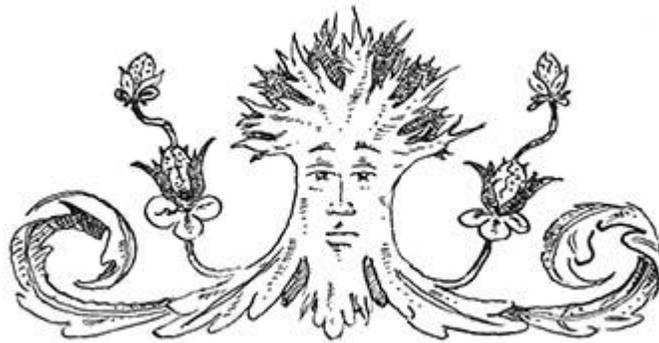
— Eu sei lá? Você realmente ainda acha que só existe um mundo verdadeiro e que os outros não são nada além de pálidas cópias?

Em algum lugar uivou um lobo e outros dois responderam. Um dos guardas apareceu por entre as árvores e jogou um pedaço de madeira no fogo que morria. Vagabundo, era como gostava que o

chamassem. Nenhum dos ladrões usava o seu nome verdadeiro. Ele lançou um olhar de curiosidade para Mo e Resa, e desapareceu novamente entre as árvores.

— Eu não quero voltar, Resa. Não agora!— A voz de Mo soou decidida, e ao mesmo tempo era um pedido, como se esperasse convencê-la de que estavam no lugar certo. — Ainda faltam muitos meses até essa criança nascer e talvez até então já estejamos todos novamente na casa de Elinor. Mas agora este é o lugar onde eu quero estar.

Ele beijou Resa na testa. Depois afastou-se em direção aos guardas sob as árvores na outra extremidade do acampamento. E Resa ficou ali, deixou-se cair na grama e escondeu o rosto entre as mãos. Meggie queria ir até ela e consolá-la, mas o que poderia dizer? Eu quero ficar com Farid, Resa. Eu não quero encontrar outro. Não, aquilo não consolaria a sua mãe. E Mo também não voltou.



16. A oferta do Pífaru



Chega um momento em que o personagem faz ou diz algo que você não previu. Nesse instante ele está vivo, e você deve deixar que ele faça o resto.

Graham Greene, *Advice to writers*



Até que enfim. Lá vinham eles. As fanfarras ressoavam desde o portal da cidade, metálicas e arrogantes. Fenoglio achou que soavam assim como o homem a quem anunciavam. O Pardal — o povo sempre achava o apelido apropriado. Nem mesmo ele poderia ter pensado em algo melhor, mas bom, não fora ele quem criara esse pálido novo-rico! Nem mesmo o Cabeça de Víbora se fazia anunciar todas as vezes por longas trombetas, mas bastava que o seu cunhado de peito estreito cavalgasse pelo castelo para que elas começassem a soar.

Fenoglio puxou Despina e Ivo para mais perto de si. Despina não se opôs, mas o seu irmão esquivou-se de Fenoglio e pulou ágil como um esquilo sobre uma saliência do muro na intenção de ver a rua por onde eles passariam em breve: o Pardal e seus asseclas, também conhecidos como a Matilha. Já teriam avisado ao cunhado do Víbora que quase todas as mulheres de Ombra esperavam por ele em frente ao portal do castelo? Com certeza.

Por que o Pardal está contando nossas crianças? Elas tinham vindo por causa dessa pergunta. E já haviam feito a pergunta aos guardas, mas estes, com seus rostos inexpressivos, se limitaram a apontar as lanças para as mulheres indignadas. Elas, porém, continuavam ali.

Era sexta-feira, dia de caça, e havia horas elas esperavam pela volta do novo senhor, que desde o dia de sua chegada se esmerava

em dizimar a população da Floresta sem Caminhos. Seus empregados carregavam dúzias de perdizes ensanguentadas pela cidade faminta, javalis, veados e coelhos passavam pelas mulheres que mal sabiam de onde tirariam a refeição do dia seguinte. Por isso mesmo Fenoglio raramente saía de casa às sextas, mas hoje o impulsionara a curiosidade. Curiosidade, que sentimento incômodo...

Fenoglio — dissera Minerva —, você pode cuidar de Despina e Ivo? Eu tenho que ir até o castelo. Todas vão para lá. Queremos obrigá-lo a nos dizer por que o Pífaró está contando as nossas crianças.

Vocês sabem a resposta!, Fenoglio teve vontade de responder. Mas o desespero no rosto de Minerva fez com que ele se calasse. Ela que mantivesse a esperança de que os seus filhos não iriam para as minas de prata. Deixe que sejam o Pardal e o Pífaró a lhes tirar a esperança, Fenoglio.

Ah, ele estava tão cansado daquilo tudo! Ontem tentara escrever novamente, depois de ter se enfurecido com o sorriso arrogante no rosto do Pífaró ao entrar em Ombra. Ele pegara a pluma apontada que o homem de vidro lhe entregara, sentara-se diante de uma folha de papel em branco e, depois de fazer Quartzó Rosa esperar por uma hora em vão, insultara-o por haver comprado papel que era claramente feito de calças velhas.

Ah, Fenoglio, quantas desculpas esfarrapadas você ainda vai inventar para não dizer que se transformou num velho sem palavras?

Sim, ele confessava, queria ser o dono dessa história, mesmo que o negasse em voz alta desde a morte de Cosme. Cada vez com mais frequência, munido de pluma e tinta, ele procurava a velha mágica, na maioria das vezes enquanto o homem de vidro roncava no ninho de fadas, já que tinha vergonha de que Quartzó Rosa testemunhasse o seu fracasso! Tentava quando Minerva dava às crianças aquela sopa que não era melhor do que água suja, quando as horríveis fadas coloridas roncavam tão alto em seus ninhos a ponto de não deixá-lo dormir, ou quando uma de suas criaturas,

como ontem o Pífaru, o lembrava do tempo em que ele, embriagado pela própria arte, tecera com palavras aquele mundo.

Mas o papel continuava em branco, como se todas as palavras houvessem sido roubadas por Orfeu apenas porque ele as tinha na ponta da língua e as lambia. Teria a vida em algum momento tido um gosto tão amargo?

Em sua melancolia chegara a pensar em voltar para a pequena cidade no outro mundo, tão pacífica e rica, tão maravilhosamente carente de acontecimentos e fadas, voltar para os seus netos, que certamente sentiam falta das suas histórias (e que histórias fantásticas ele iria trazer para eles!). Mas de onde iria tirar as palavras para poder voltar? Com certeza não da sua cabeça vazia, e não queria pedir a Orfeu que as escrevesse para ele. Ah, não, tão baixo ele ainda não descera.

Despina puxava a sua manga. Cosme lhe dera a túnica de presente, mas até ela estava agora comida pelas traças e tão cheia de pó como o seu cérebro, que se recusava a pensar. O que ele estava fazendo ali diante do maldito castelo cuja visão o deprimia ainda mais? Por que não estava em sua cama?

— Fenoglio? É verdade que a gente cospe sangue sobre a prata que a gente tira da terra? — A voz de Despina lembrava-lhe a de um passarinho. — Ivo disse que eu tenho o tamanho ideal para as galerias onde está a maior parte da prata.

Maldito moleque! Por que ele contava aquelas histórias para a sua irmãzinha? — Quantas vezes eu já te disse para não acreditar em nenhuma palavra que o seu irmão diz! — Fenoglio acariciou o pesado cabelo negro atrás das orelhas e lançou um olhar de aviso a Ivo. Pobre criança sem pai.

— Por que eu deveria esconder isso dela? Ela me perguntou! — Ivo estava naquela idade em que se desprezavam até mesmo as mentiras de consolo. — Você provavelmente eles não vão levar — disse ele inclinando-se para sua irmã. — As meninas morrem rápido demais, mas a mim, Beppo e Lino, e até mesmo Mungus, apesar de ele mancar. O Pífaru vai buscar a todos nós. E aí eles nos trarão mortos de volta, como nosso...

Despina colocou a mão sobre a boca dele com tanta força como se pudesse trazer seu pai de volta à vida ao evitar que seu irmão pronunciasse a terrível palavra.

Fenoglio tinha vontade de pegar e sacudir o garoto com força. Teria bastado que Despina começasse a chorar naquele momento. Será que todas as irmãs adoravam seu irmão mais velho?

— Agora acabou! Pare de perturbar a sua irmã! — disse ele a Ivo. O Pífaró está aqui para pegar o Gaio, nada além disso. E para saber do Párdal por que ele não manda mais prata para o Castelo da Noite.

— Ah, é? E por que eles estão contando a gente? — O garoto tinha se tornado adulto naquelas últimas semanas. Como se o sofrimento houvesse lhe apagado a infância do rosto. Ivo agora era o homem da família, e mal cumprira dez anos — mesmo que Fenoglio às vezes tentasse tirar-lhe o peso desse papel dos seus pequenos ombros. O garoto trabalhava com os tintureiros, ajudava a tirar o tecido molhado das bacias fedorentas, dia após dia, e à noite trazia com ele aquele cheiro para casa. Mas daquele jeito ele ganhava mais do que Fenoglio com sua escrevinhação no mercado.

— Eles vão nos matar a todos! — continuou ele impávido, o olhar fixo nos guardas que continuavam a apontar suas lanças para as mulheres que esperavam. — E o Gaio, eles vão cortá-lo em pedaços, como fizeram semana passada com o menestrel que jogou verduras podres no governador. Com os pedaços eles alimentaram os cachorros.

— Ivo! — Aquilo já era demais. Fenoglio tentou pegá-lo pelas orelhas, mas o garoto era mais rápido e se afastou antes que ele pudesse agarrá-lo. Sua irmã, porém, ficou ali e segurou a mão de Fenoglio com tanta força como se não houvesse nada mais capaz de dar-lhe amparo naquele mundo destruído.

— Eles não vão pegá-lo, não é? — a vizinha de Despina soou tão reticente que Fenoglio teve que se inclinar em sua direção para poder compreendê-la. — O urso vai proteger o Gaio assim como protege o Príncipe Negro, não é?

— É claro! — Fenoglio acariciou mais uma vez o seu cabelo negro como a noite. As ferraduras dos cavalos ressoavam pelas ruas, e

vozes surgiam tão exuberantes entre as casas como se zombassem da mudez das mulheres que esperavam, enquanto o sol se punha por trás dos morros em volta, dando aos telhados de Ombra um tom avermelhado. Os nobres senhores voltavam hoje mais tarde da sua caçada, as vestimentas bordadas de prata salpicadas de sangue, os corações entediados excitados pela morte. Sim, a morte podia ser um incrível entretenimento — quando se tratava da morte dos outros.

As mulheres se amontoavam cada vez mais. Os guardas as empurravam para longe do portão, mas elas continuavam diante do muro do castelo, mulheres velhas, jovens, mães, filha, avós. Minerva era uma das primeiras. Ela diminuía de tamanho nas últimas semanas. Sua história a estava devorando, essa coisa canibalesca! Entretanto, ela sorria ao saber que o Gaio folheara alguns livros no castelo, saindo impune de lá.

— Ele vai nos salvar! — ela murmurara, e à noite cantava em voz baixa as péssimas canções que circulavam por Ombra. Sobre a mão branca e a mão negra da justiça, o Gaio e o Príncipe... um encadernador e um atirador de facas contra o Pífaros e o seu exército de incendiários encorajados. E por que não? Afinal, não parecia ser uma boa história?

Fenoglio pegou Despina no colo quando os soldados que acompanhavam os caçadores se aproximaram. Menestréis os seguiam pelas ruas, flautistas, percussionistas, malabaristas, adestradores de duendes, e obviamente o Pássaro Tisnado, que nunca perdia um espetáculo (apesar de que diziam que ele passava mal ao ver as pessoas sendo cegadas ou esquartejadas). E por último seguiam os cães, malhados como a luz da Floresta sem Caminhos, com os criados que cuidavam para que estivessem famintos em dias de caça e, finalmente, os caçadores, o Pardal na frente, um rapazola magrela sobre um cavalo grande demais, tão feio em oposição ao que diziam da beleza de sua irmã, um nariz pontudo que parecia pequeno demais para o rosto e uma boca larga e murcha. Ninguém sabia por que o Cabeça de Víbora o transformara no senhor de Ombra, justamente a ele. Talvez fosse atendendo a um pedido de sua esposa, que afinal dera ao príncipe

de prata o seu primeiro filho. Fenoglio, porém, achava que o Cabeça de Víbora escolhera o seu cunhado fracote porque tinha certeza que ele jamais o enfrentaria.

“Mas que figura mais pálida!”, pensou Fenoglio com desprezo enquanto o Pardal passou por ele cavalgando com o nariz empinado. Aparentemente, aquela história empregava atores baratos até mesmo para os papéis principais.

O butim dos elegantes senhores era, como esperado, abundante: perdizes, como frutas recém-caídas balançando dos galhos, onde os criados as haviam pendurado, meia dúzia de veados que ele inventara especialmente para esse mundo, o pelo marrom-avermelhado malhado como o de um animal jovem (não que eles alcançassem uma idade muito adiantada!), coelhos, alces, javalis...

As mulheres de Ombra olhavam para a caça com o rosto imóvel. Algumas colocavam a mão delatora sobre o estômago vazio ou olhavam para os seus filhos sempre famintos, que esperavam pelas mães no batente das portas.

E então eles trouxeram o unicórnio.

“Maldito Cabeça de Queijo.”

Não havia unicórnio no mundo de Fenoglio, mas Orfeu escrevera um ali para que o Pardal o pudesse abater. Fenoglio colocou as mãos sobre os olhos de Despina quando passou por eles, o pelo branco ferido e coberto de sangue. Quartzoso Rosa lhe contara uma semana atrás a encomenda do Pardal. O pagamento fora alto, e Ombra inteira ficara imaginando de que país distante o Olho-duplo teria trazido aquela criatura fantástica.

Um unicórnio! Que histórias se poderia contar sobre ele! Mas o Pardal não pagava pelas histórias. Sem falar que Orfeu não seria capaz de escrevê-las. “Ele o criou com as minhas palavras”, pensou Fenoglio. “Com as minhas palavras!” E sentiu como a raiva crescia nele como uma pedra no estômago. Se ao menos tivesse dinheiro para pagar alguns ladrões para que roubassem o livro que fornecia as palavras àquele parasita! O seu próprio livro! Se ao menos pudesse escrever para si mesmo alguns tesouros. Mas nem mesmo isso ele conseguia, ele, Fenoglio, outrora poeta de Cosme, o belo, e criador deste mundo antes tão maravilhoso! Lágrimas de

autocomiseração surgiam em seus olhos, e imaginou que traziam Orfeu tão ferido e sangrento como unicórnio. Sim!

— Por que vocês estão contando nossas crianças? Parem com isso! A voz de Minerva arrancou Fenoglio dos seus sonhos de vingança.

Ao ver a sua mãe surgir entre os cavalos, Despina agarrou-se ao pescoço de Fenoglio com tanta força em seus bracinhos que quase o deixou sem ar. Teria Minerva enlouquecido? Queria ela deixar os seus filhos totalmente órfãos?

Uma mulher que cavalgava logo atrás do Pardal apontou com o dedo enluvado para Minerva, para os seus pés descalços e suas roupas pobres. Os guardas aproximaram-se dela com suas lanças.

Minerva, que diabos! O coração de Fenoglio foi até a boca. Despina começou a chorar, mas não foram os seus soluços o que fez Minerva retroceder. O Pífaru aparecera de repente entre as ameias sobre o portal.

— Por que estamos contando suas crianças? — gritou ele para as mulheres lá embaixo.

Ele estava como sempre ricamente vestido. Até mesmo o Pardal parecia um criado perto dele. Estava lá em cima, entre as ameias, reluzente como um pavão, quatro homens armados com balestras ao seu lado. Talvez ele já estivesse lá em cima fazia tempo, observando como o cunhado do seu senhor lidava com as mulheres à espera. Sua voz se estendeu pelo silêncio que jazia de repente sobre Ombra.

— Contamos tudo o que nos pertence! — gritou ele. — Ovelhas, vacas, galinhas, mulheres, crianças, homens, mesmo que destes não nos restem muitos. Campos, granjas, estábulos, casas, cada árvore em sua floresta nós contamos. Afinal, o Cabeça de Víbora quer saber sobre o que ele reina.

O nariz de prata em seu rosto parecia um bico de pássaro. Havia histórias segundo as quais o Cabeça de Víbora mandara fabricar um coração de prata para seu heraldo, mas Fenoglio tinha certeza de que no peito do Pífaru batia um coração humano. Nada era mais terrível do que um coração de carne e sangue, porque ele sabia o que causava dor.

— Vocês não as querem para as minas? — a mulher que elevara a voz desta vez não dera um passo à frente como Minerva, mas se escondera entre as outras.

O Pífaros não respondeu imediatamente. Olhou para as suas unhas. O Pífaros tinha orgulho de suas unhas cor-de-rosa. Elas eram cuidadas como as de uma mulher, segundo a descrição de Fenoglio. Ah, era sempre emocionante quando eles se comportavam exatamente da forma como ele imaginara.

“Você as lava à noite com água de rosas, seu cretino!”, pensou Fenoglio enquanto Despina olhava fixamente para o Pífaros, como um pássaro para o gato que quer devorá-lo. E você as usa compridas como as mulheres que servem de acompanhante para o Pardal.

— Para as minas? Que ideia interessante!

O silêncio tornou-se tão completo que o nariz de prata nem precisou elevar o tom de voz. O sol poente lançou suas sombras longas e negras sobre as mulheres. “Muito eficiente”, pensou Fenoglio. E o Pardal ficava ali olhando com cara de idiota. O Pífaros o fazia esperar diante do seu próprio portal como um criado. Que cena. Mas não havia sido criada por ele...

— Eu entendo! Vocês acham que o Cabeça de Víbora me enviou aqui para isso! — O Pífaros apoiou as mãos sobre o muro e olhou das ameias como um predador que se pergunta quem seria mais saboroso: o Pardal ou alguma das mulheres. — Mas, não. Eu estou aqui para prender um pássaro, e vocês todos sabem qual é a cor da sua plumagem. Apesar de que ele, segundo ouvi falar, na sua última ousadia estava preto como um corvo. Assim que agarrar esse pássaro, eu voltarei para o outro lado da floresta. Não é verdade, governador?

O Pardal olhou para ele e ajeitou a espada ensanguentada. — Se você o diz! — falou ele com voz controlada e lançou para as mulheres em frente ao portal um olhar tão irritado como se nunca houvesse visto uma delas.

— Sim, eu o digo. — O Pífaros sorriu com ares de superioridade para o Pardal. — Porém — ele olhou mais uma vez para as mulheres lá embaixo, e a pausa que fez parecia não ter fim —, caso

este pássaro não se deixe engaiolar — novamente fez uma pausa, tão longa como se quisesse observar cada uma daquelas mulheres —, caso alguém aqui dos presentes o esconda ou lhe dê abrigo, lhe avise das nossas patrulhas e crie canções nas quais ele nos faz de idiota... — Ele deu um suspiro profundo. — Bom, nesse caso, no lugar dele eu teria que levar comigo as suas crianças, afinal eu não posso voltar de mãos vazias para o Castelo da Noite, não é?

Ah, maldito bastardo de nariz de prata.

Por que você não o fez menos inteligente, Fenoglio? Porque os vilões burros são chatos demais, respondeu a si mesmo, e se envergonhou disso ao ver o desespero das mulheres.

— Como podem ver, depende unicamente de vocês! — A voz abafada ainda entregava algo da doçura gosmenta que tanto havia agradado a Capricórnio. — Me ajudem a pegar o pássaro que o Cabeça de Víbora tanto quer ouvir cantar em seu castelo, e vocês podem manter as suas crianças. Caso contrário — entediado ele deu um sinal aos guardas e o Pardal cavalgou com expressão furiosa pelos portões abertos —, caso contrário eu infelizmente serei obrigado a me lembrar que em nossas minas de prata realmente há uma necessidade constante de pequenas mãos.

As mulheres o fitavam com uma expressão tão vazia como se nelas não mais coubesse desespero.

— O que vocês estão fazendo ainda aí? — gritou o Pífaru enquanto lá embaixo os serviçais carregavam a caça do Pardal pelo portão. — Sumam! Ou eu vou mandar jogarem água fervendo em vocês. O que com certeza não seria uma má ideia, vocês estão mesmo precisando de um banho.

As mulheres se afastaram como se anestesiadas, olhando para as ameias, como se ali já estivessem aquecendo os caldeirões.

A última vez que o coração de Fenoglio batera tão forte fora quando os soldados entraram na oficina de Balbulus e prenderam Mortimer. Ele observou o rosto das mulheres, os mendigos sentados ao lado do cepo em frente ao muro do castelo, as crianças assustadas, e o medo tomou conta dele. Todas as recompensas que haviam oferecido pela cabeça de Mortimer não haviam conseguido

comprar um único delator em Ombra. Mas o que aconteceria agora, que mãe não entregaria o Gaio para salvar o seu filho?

Um mendigo abriu caminho por entre as mulheres e, ao passar mancando por Fenoglio, este o reconheceu como um dos espiões do Príncipe Negro. "Ótimo!", pensou. Então Mortimer saberá em breve o acordo que o Pífaru ofereceu às mulheres de Ombra, mas depois, o que aconteceria então?

A comitiva de caça do Pardal seguiu pelo portão do castelo, e as mulheres puseram-se a caminho de casa, as cabeças baixas, como se já se envergonhassem da traição que o Pífaru lhes pedia.

— Fenoglio! — Uma mulher parou diante dele. Ele a reconheceu somente quando ela puxou o lenço que usava, como uma camponesa, cobrindo os cabelos presos.

— Resa? O que você está fazendo aqui? — Fenoglio olhou em volta preocupado, mas aparentemente a mulher de Mortimer viera sem o marido.

— Procurei por você em todos os lugares!

Despina soltou-se do pescoço de Fenoglio e olhou curiosa para a mulher. — Ela parece com Meggie — sussurrou para ele.

— Sim, é a mãe dela. — Fenoglio colocou Despina no chão quando Minerva se aproximou. Ela andava tão devagar como se estivesse tonta, e Ivo foi até ela e abraçou-a protetoramente.

— Fenoglio! — Resa segurou o seu braço. — Eu tenho que falar com você!

Sobre o quê? Não poderia ser nada bom.

— Minerva, vá na frente! — disse. — Você vai ver, vai dar tudo certo — acrescentou ele, mas Minerva continuava a olhar para ele como se fosse mais um dos seus filhos. Pegou a mão da menina e seguiu o garoto que ia na frente, os passos tão inseguros como se as palavras do Pífaru fossem cacos de vidro sob seus pés.

— Diz para mim que o seu marido se esconde bem longe, no mais profundo da floresta, e que não tem em mente nenhuma outra bobagem como a visita a Balbulus! — sussurrou Fenoglio para Resa enquanto a puxava consigo pela rua dos padeiros. Ali ainda sentia-se o aroma de pão fresco e bolo, um aroma torturante para maior

parte dos moradores de Ombra, que não podiam mais ter acesso àquelas delícias.

Resa colocou novamente o lenço sobre os cabelos e olhou em volta como se temesse que o Pífaru tivesse descido das ameias e os estivesse seguindo, porém apenas um gato faminto passou por eles. Antes havia também muitos porcos pelas ruas, porém eles tinham sido devorados havia tempo, a maior parte deles lá em cima no castelo.

— Eu preciso da sua ajuda! — Meu Deus, como ela parecia desesperada! — Você tem que nos escrever de volta! Você nos deve isso! Se Mo está em perigo, é somente por causa das suas canções, e a cada dia fica pior! Você ouviu o que o Pífaru disse.

— Alto lá, alto lá, alto lá! — Mesmo que fizesse a si mesmo acusações frequentes, Fenoglio não gostava quando vinham de outros. E essa era realmente injusta. — Foi Orfeu que trouxe Mortimer para cá, não eu! Eu realmente não podia adivinhar que o meu modelo para o Gaio apareceria aqui de repente em carne e osso!

— Mas aconteceu!

Um dos guardas noturnos que acendia as lâmpadas desceu pela rua. A escuridão chegava rapidamente a Ombra, em breve começariam com as festanças no castelo e o fogo do Pássaro Tisnado elevaria o seu mau cheiro até o céu.

— Se você não quer fazê-lo por mim — Resa se esforçava para parecer controlada, mas Fenoglio via as lágrimas em seus olhos —, então faça-o por Meggie... e pelo irmão ou irmã que ela terá em breve.

Mais um filho? Fenoglio olhou automaticamente para a barriga de Resa, como se pudesse ver ali o novo ator. Será que aquelas confusões não acabariam nunca?

— Fenoglio, por favor!

O que ele deveria responder-lhe? Deveria falar da folha de papel que continuava vazia sobre a sua escrivaninha? Ou então confessar que gostava da forma como o seu marido assumira o papel que escrevera para ele, que o Gaio era o seu único consolo nesses

tempos sombrios, a única das suas ideias que realmente funcionava? Não, melhor não.

— Foi Mortimer que te mandou até aqui!

Ela evitou seu olhar.

— Resa, ele também que ir embora? — Ir embora do meu mundo?, acrescentou ele em pensamentos. Meu mundo fantástico, mesmo que no momento as coisas estejam um pouco fora de controle? Sim, Fenoglio sabia bem demais, ele ainda o amava, apesar da sua escuridão. Talvez até mesmo por causa disso. Não. Não, não por causa disso... ou sim?

— Ele tem que ir embora! Será que você não percebe? — A última luz do dia desapareceu nas ruas. Fazia frio entre as casas amontoadas e o silêncio era tão grande, que era como se Ombra inteira pensasse sobre a ameaça do Pífaru. Resa, tremendo de frio, fechou a capa que usava. — As tuas palavras... elas o estão transformando!

— Ah, que bobagem! As palavras não mudam as pessoas! — A voz de Fenoglio soou mais alta do que pretendia. — Talvez o seu marido tenha descoberto através das minhas palavras coisas sobre si mesmo que antes ele desconhecia, mas elas estavam lá, e se ele se viu refletido nelas, não é culpa minha! Então, volte e conte a ele o que o Pífaru disse, que é melhor ele desistir nos próximos tempos de visitas como a que fez a Balbulus, e pelo amor de Deus, não se preocupe. Ele sabe interpretar muito bem o seu papel! Muito melhor do que os personagens que eu criei anteriormente, com exceção talvez do Príncipe Negro. O seu marido é um herói neste mundo! Que homem não deseja isso?

Resa olhava para ele como se ele fosse um velho louco que não sabia do que estava falando. — Você sabe muito bem como terminam os heróis — disse ela, com grande esforço para controlar-se. — Eles não têm mulher ou filhos, e nunca envelhecem. Procure outro que queira fazer o papel de herói na sua história, mas não o meu marido! Você tem que nos escrever de volta! Hoje à noite ainda.

Ele não sabia para onde desviar a vista. O olhar dela era tão direto — exatamente como o de sua filha. Meggie também sempre

o olhara daquele jeito. Na janela acima deles havia uma vela acesa. O seu mundo desapareceria na escuridão. Anoitecia — fecham-se as cortinas, amanhã continua.

— Sinto muito, mas não posso ajudá-la. Eu nunca mais vou voltar a escrever. Não traz mais do que infelicidade, e disso já temos bastante por aqui.

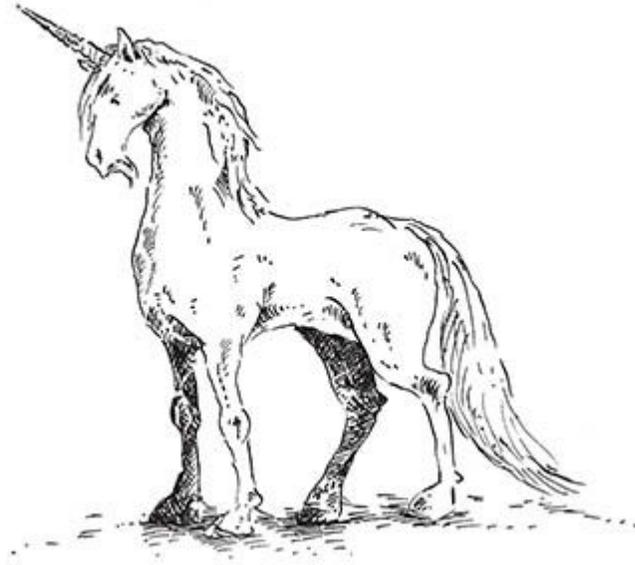
Ele era um covarde. Covarde demais para a verdade. Por que não dizia a ela que as palavras o haviam abandonado, que ela estava pedindo à pessoa errada? Mas Resa parecia saber disso. Eram tantos sentimentos misturando-se em seu rosto branco: raiva, decepção, medo — e teimosia. Como sua filha, pensou Fenoglio novamente. Tão incansável, tão forte. As mulheres eram diferentes. Sim, sem dúvida. Os homens desmontavam muito mais rapidamente. A dor não desmontava as mulheres. Ela as gastava, as esvaziava, vagarosamente, como a Minerva.

— Então está certo! — A voz de Resa parecia controlada, mesmo que ela tremesse. — Então vou falar com Orfeu. Ele consegue escrever unicórnios para este mundo, ele nos trouxe a todos para cá. Por que ele não poderia mandar-nos para casa?

“Se você puder pagá-lo”, pensou Fenoglio, mas não disse nada. Orfeu a mandaria embora. Ele economizava as suas palavras para os senhores do castelo, que pagavam suas roupas caras e suas criadas. Não, ela seria obrigada a ficar, com Mortimer e com Meggie — e era bom que fosse assim, afinal quem mais iria ler as suas palavras quando elas algum dia voltassem a obedecer-lhe? E quem iria matar o Cabeça de Víbora, senão o Gaio.

Sim, eles teriam que ficar. Era melhor assim.

— Ótimo, vá falar com Orfeu — disse ele. — Boa sorte. — Ele virou-lhe as costas para não ter que continuar vendo o desespero em seus olhos. Não percebera em seu olhar inclusive certo desprezo? — Mas não é bom voltar agora cavalgando na escuridão — acrescentou ele. — As estradas estão cada dia mais perigosas. — Ele foi então embora. Minerva com certeza já o aguardava com o jantar. Não se virou uma única vez. Sabia bem demais que Resa o acompanhava com o olhar. Exatamente como a sua filha.



17. O falso medo



Você deseja algo diferente daquilo que você quer, disse o sonho.

Sonho ruim. Castigue-o. Expulse-o de casa.

Amarre-o aos cavalos, deixe-o correr atrás deles.

Enforque-o. Ele merece.

Alimente-o com cogumelos, venenosos.

Paavo Haavikko, *A leve respiração das árvores*



Durante dois dias e duas noites inteiras, Mo, juntamente com Baptista e o Príncipe Negro, procurou por um lugar onde fosse possível esconder cem ou mais crianças. Com a ajuda do urso eles finalmente encontraram uma caverna. Mas era um longo caminho até lá. O flanco da montanha onde a caverna se escondia era íngreme e de difícil acesso, especialmente para pés infantis, e no próximo vale vivia uma alcateia, mas havia uma esperança real de que nem os cães do Pardal nem o Pífaros as encontrassem ali. Mesmo que não fosse uma esperança muito grande.

Pela primeira vez depois de muitos dias o coração de Mo parecia mais leve. Esperança. Nada o embriagava tanto, e quase nenhuma esperança parecia tão doce como a de fazer uma surpresa ruim para o Pífaros e o humilhar diante do seu senhor imortal.

Eles não conseguiriam esconder todas as crianças, claro que não, porém muitas, muitas delas. Se tudo seguisse conforme seus planos, em breve Ombra não estaria vazia apenas de homens, mas também de crianças, e para roubá-las o Pífaros teria que recorrer a sítios distantes, na esperança de que os homens do Príncipe Negro não houvessem passado por lá antes dele e ajudado as mulheres a esconder os seus filhos. Sim. Se eles conseguissem pôr a salvo as crianças de Ombra, seria uma grande vitória, e Mo, ao voltar para o acampamento, mal cabia em si de entusiasmo. Porém, quando

Meggie se aproximou dele com expressão preocupada, aquele sentimento se desfez imediatamente. Pelo visto havia novamente más notícias.

A voz de Meggie tremia quando ela lhe contou da oferta do Pífaru às mulheres de Ombra, *o Gaio em troca dos seus filhos...* O Príncipe não precisou explicar a Mo o que isso significava. Em vez de ajudar as crianças, era ele quem teria que se esconder, de cada mulher que tivesse um filho na idade apropriada.

— É melhor a partir de agora você começar a viver em cima das árvores! — balbuciou o Lagartixa para ele. Ele estava bêbado, provavelmente com o vinho que haviam roubado a semana passada de alguns amigos do Pífaru que andavam caçando. — Você pode simplesmente voar lá pra cima. Não dizem que foi assim que você fugiu da oficina do Balbulus?

Mo tinha vontade de dar um soco naquela boca bêbada, mas Meggie segurou na sua mão e a raiva que ultimamente se apoderava dele com muita rapidez se desfez quando viu o medo no rosto da filha.

— O que você vai fazer agora, Mo? — sussurrou ela.

Sim, o quê? Ele não sabia a resposta. Sabia apenas que preferia cavalgar até o Castelo da Noite a se esconder. Virou o rosto rapidamente para que Meggie não lesse os pensamentos na sua testa, mas ela os conhecia tão bem. Bem demais.

— Talvez Resa tenha razão! — ela sussurrou-lhe, enquanto o Lagartixa o olhava ameaçadoramente e até mesmo o Príncipe Negro não conseguia esconder a sua preocupação. — Talvez — ela acrescentou com voz quase inaudível — seja melhor voltarmos, Mo!

Ela ouvira a briga entre ele e Resa.

Ele procurou Resa com olhar, mas não conseguiu encontrá-la em lugar nenhum.

O que você vai fazer, Mo?

Sim, o quê? Diria a última canção sobre o Gaio: *Porém, eles nunca encontraram o Gaio, por mais que o procurassem. Ele desapareceu sem deixar rastros, como se nunca houvesse existido. O livro, porém, ele deixou para trás, o livro em branco que encadernara para o Cabeça de Víbora, o tirano imortal.* Não, aquela

não poderia ser a última canção. Ah não, Mortimer? Então, qual seria? *Um dia, porém, temendo pela vida dos seus filhos, uma mãe entregou o Gaio, e o Gaio padeceu a pior das mortes que o Castelo da Noite já vira.* Aquele era um final melhor? Havia um final melhor?

— Venha! — Baptista colocou o braço sobre seu ombro. — Diante da notícia, eu sugiro que, em primeiro lugar, bebamos até cair. Caso os outros tenham deixado alguma sobra do vinho do Pardal. Esqueça o Pífaró, esqueça o Cabeça de Víbora, esqueça as crianças de Ombra, afoque tudo em vinho tinto.

Mas Mo não tinha vontade de beber, apesar de que o vinho talvez conseguisse finalmente silenciar a voz que ouvia o tempo todo dentro dele desde a briga com Resa: eu não quero voltar! Não. Ainda não...

O Lagartixa voltou para perto do fogo e sentou-se entre o Afanador e o Espanta-elfos. Em breve eles voltariam a brigar, como faziam sempre que estavam bêbados.

— Eu vou dormir, é melhor para a cabeça do que o vinho — disse o Príncipe Negro. — Conversamos amanhã.

O urso se deitou na frente da tenda na qual desaparecera o seu dono, e olhou para Mo.

Amanhã.

E agora, Mortimer?

A cada dia ficava mais frio. A respiração se transformava numa nuvem branca diante da boca, quando mais uma vez olhou em volta à procura de Resa. Onde ela estava? Ele lhe trouxera uma flor, plana e azul-celeste, uma das poucas que ela ainda não desenhara. Espelho de fada, era como a chamavam, porque pela manhã se acumulava tanto orvalho entre as delicadas pétalas, que as fadas a usavam como espelho.

— Meggie, você viu a sua mãe? — perguntou ele.

Mas Meggie não respondeu. Doria lhe trouxera um pouco do javali que assava sobre o fogo. Parecia um bom pedaço. O jovem sussurrava-lhe alguma coisa e — era imaginação dele ou a sua filha enrubescera? De qualquer forma, ela não ouvira a sua pergunta.

— Meggie... você sabe onde Resa está? — repetiu Mo, e teve que se esforçar para não sorrir quando Doria lhe lançou um olhar rápido e preocupado. Era um belo rapaz, um pouco menor, mas mais forte que Farid. Provavelmente ele se perguntava se era verdade o que cantavam sobre o Gaio. Que protegia a sua filha como os seus próprios olhos. “Não, mais exatamente, como o mais belo de todos os livros”, pensou Mo, “e eu espero que você não lhe cause tantas preocupações como Farid, caso contrário o Gaio não pensará duas vezes antes de te dar ao urso do Príncipe como refeição!”

Por sorte dessa vez Meggie não lera os seus pensamentos. — Resa? — Ela comia a carne assada e agradecia a Doria com um sorriso. — Ela foi para a casa de Roxane.

— Para a casa de Roxane? Mas ela está aqui. — Mo lançou um olhar para a tenda dos doentes. Um dos ladrões que estava ali dentro se encolhia de dor, provavelmente havia comido cogumelos venenosos, e Roxane estava diante da tenda conversando com as duas mulheres que cuidavam dele.

Meggie olhou para lá confusa. — Mas Resa disse que tinha um encontro com Roxane.

Mo colocou em seu vestido a flor que trazia para a sua mãe. — Há quanto tempo ela saiu? — Ele se esforçava para soar despreocupado, mas Meggie não se deixou enganar. Não por ele.

— Ela saiu por volta do meio-dia! Se não está com Roxane, onde ela pode estar?

Ela o olhava sem saber o que fazer. Ela realmente não sabia a resposta. Mo sempre esquecia que Meggie conhecia muito menos a Resa do que a ele. Um ano não era lá muito tempo para conhecer a própria mãe.

Você esqueceu a nossa briga?, ele quis responder. Ela foi falar com Fenoglio. Mas ele engoliu as palavras. O medo fazia com que o seu peito encolhesse, e ele gostaria de acreditar que o medo era por causa de Resa. Mas ele era péssimo em mentir para si mesmo, assim como em mentir para os outros. Não, o medo não era por causa de sua mulher, mesmo que ele tivesse todos os motivos para isso. Ele tinha medo que em algum lugar em Ombra estivessem sendo lidas as palavras que o levariam de volta ao seu antigo

mundo, como um peixe que tiram do rio para depois jogá-lo de volta ao açude de onde viera... “Não seja ridículo, Mortimer!”, pensou ele com raiva. Quem iria ler as palavras, mesmo que Fenoglio as houvesse escrito para Resa? “Sim, quem?”, sussurrou uma voz dentro dele.

Orfeu.

Meggie continuou olhando para ele preocupada, enquanto Doria continuava indeciso ao lado dela e não tirava os olhos do seu rosto. Mo virou-se. — Eu volto logo — disse ele.

— Para onde você vai? Mo!

Meggie foi atrás dele ao perceber que se dirigia ao estábulo, mas ele não se virou.

Por que tanta pressa, Mortimer?, disse uma voz zombeteira dentro dele. Por acaso você acha que pode ser mais rápido cavalgando do que Orfeu pronunciando as palavras com sua língua oleosa? A escuridão caiu como um pano do céu, um pano escuro que tudo asfixiava, as cores, o cantar dos pássaros... Resa. Onde estava ela? Ainda em Ombra ou já no caminho de volta? E de repente veio o outro medo — tão ruim como o medo das palavras. Medo. Medo dos assaltantes de estradas, dos incubos, a lembrança de mulheres que haviam encontrado mortas no meio do mato. Teria ela ao menos levado o Homem Forte junto? Mo proferiu maldições em voz baixa. Não, obviamente não. Ele estava sentado com Baptista e o Vagabundo perto do fogo, e de tão bêbado começara a cantar.

Ele deveria ter imaginado. Resa estava muito quieta desde aquela briga. Como poderia ter esquecido o que isso significa? Ele conhecia aquele silêncio. Mas ele saíra com o Príncipe Negro em vez de conversar com ela mais sobre aquilo que uma vez a deixara muda — quase tão muda como quando ela perdera a voz.

— Mo! O que você está fazendo? — a voz de Meggie soou frágil de medo. Doria os seguia. Meggie sussurrou-lhe alguma coisa e ele foi embora, para a barraca do Príncipe.

— Maldição, Meggie. O que você quer? — Mo ajustou a cela. Se ao menos seus dedos não tremessem tanto.

— Onde você pretende procurá-la? Você não pode sair daqui! Você esqueceu o Pífaros?

Ela o segurou. E Doria voltou com o Príncipe. Mo, praguejando, passou as rédeas sobre a cabeça do cavalo.

— O que você está fazendo aí? — O Príncipe Negro ficou parado atrás dele, acompanhado pelo urso.

— Eu tenho que ir para Ombra.

— Para Ombra? — O Príncipe afastou Meggie para o lado e pegou as rédeas.

O que deveria dizer a ele? Príncipe, minha mulher quer pedir a Fenoglio que escreva palavras que me farão desaparecer diante dos seus olhos, palavras que farão com que o Gaio volte a ser o que ele foi um dia — nada além do que um jogo de palavras de um velho, desaparecido tão repentinamente como apareceu?

— Isso é suicídio. Você não é imortal como dizem as canções. Isto é a vida real. Você está esquecendo?

A vida real. O que é isso, Príncipe?

— Resa foi para Ombra. Já faz horas. Ela está sozinha e está anoitecendo. Eu tenho que encontrá-la.

... e descobrir se as palavras já foram escritas, escritas e lidas.

— Mas o Pífaros está lá! Você quer se entregar a ele feito um presente? Deixe que eu mande alguns homens procurá-la.

— Quem? Eles estão todos bêbados.

Mo ouviu a noite. Ele imaginava poder ouvir as palavras que o mandariam de volta — tão poderosas como aquelas que o protegeram das Damas Brancas aquela vez. Acima dele o vento murmurava entre as folhas secas, e da fogueira chegavam as vozes bêbadas dos ladrões. O ar tinha cheiro de resina, de folhas de outono e do musgo que crescia na floresta de Fenoglio. Mesmo no outono ela continuava coberta de pequenas flores brancas que tinham gosto de mel quando as apertávamos entre os dedos. Eu não quero voltar, Resa.

Nas montanhas uivou um lobo. Meggie virou a cabeça assustada. Ela tinha medo de lobos, assim como a sua mãe. “Tomara que tenha ficado em Ombra”, pensou Mo, mesmo que isso significasse que ele teria que passar pelos guardas. *Vamos voltar, Mo. Por favor!*

Ele montou no cavalo. Meggie subiu na garupa antes que ele pudesse evitar. Decidida como sua mãe... ela o abraçou com tanta força que ele nem tentou convencê-la a ficar.

— Você está vendo isso, urso? — perguntou o Príncipe. — Você sabe o que isso significa? Que em breve haverá uma nova canção, sobre a teimosia do Gaio e sobre a necessidade de o Príncipe Negro defendê-lo de si mesmo de vez em quando.

Havia ainda dois homens que estavam lúcidos o suficiente para cavalgar. Doria também foi junto. Sem falar uma palavra, subiu no cavalo atrás do Príncipe. Ele trazia uma espada grande demais para si, mas sabia utilizá-la muito bem, e era corajoso como Farid. Eles chegariam a Ombra antes do amanhecer, mesmo que a lua já estivesse alta.

Mas as palavras eram muito mais rápidas que um cavalo.

18. Um ajudante perigoso



*O dia inteiro ele elaborou um suor de submissão; muito
Inteligente; só que algumas inquietações sombrias, certas
características
Pareciam revelar nele hipocrisias pungentes...
Especialmente no verão, abatido,
Num estupor, ele se trancava teimoso
No frescor das latrinas;
Ali pensava, em paz, preenchendo as narinas...
Arthur Rimbaud, Os poetas de sete anos*



Quando Resa chegou, Farid acabara de levar a segunda garrafa de vinho para Orfeu. O Cabeça de Queijo estava comemorando. Ele celebrava a si mesmo e a sua genialidade, como ele dizia. — Um unicórnio. Um unicórnio perfeito, resfolegando e escarvando com as patas, pronto para colocar a qualquer momento a sua cabeça idiota no colo de alguma virgem! Por que você acha que neste mundo eles não existem, Oss? Porque Fenoglio não conseguiu escrevê-los! Fadas voadoras, duendes peludos, homens de vidro, sim. Mas nem sombra de unicórnios.

Farid teve vontade de jogar-lhe o vinho sobre a camisa branca para que ela se manchasse de vermelho como a pelagem do unicórnio que Orfeu trouxera a este mundo apenas para que o Pardal tivesse o gosto de matá-lo. Ah, sim, Farid vira tudo. Ele estava a caminho do alfaiate de Orfeu que daria um jeito nas calças que mais uma vez haviam ficado apertadas demais no Cabeça de Queijo. Tivera que se apoiar na ombreira de uma porta ao ver como traziam o unicórnio, tão mal se sentiu ao contemplar aqueles olhos embaçados. Assassino.

Farid ouvira com atenção quando Orfeu lera o unicórnio, com palavras tão bonitas que ele ficara paralisado diante da porta do escritório. — *... ele apareceu por entre as árvores, branco como as pétalas do jasmim silvestre. E as fadas vojavam em grandes enxames ao seu redor, como se houvessem esperado com grande desejo a sua chegada...*

A voz de Orfeu fizera com que Farid visse o chifre, a crina ondulada, fez com que ele ouvisse como o unicórnio resfolegava e escarvava com os cascos na grama congelada. Durante três dias ele achou que, afinal, talvez houvesse sido uma boa ideia trazer Orfeu para esse mundo. Três dias, se ele contara bem — era o tempo de vida que tivera o unicórnio, antes que os cachorros do Pardal o houvessem acossado, levando-o até as lanças. Ou teria sido como contara Brianna lá embaixo na cozinha: que uma amante do Pássaro Tisnado o havia atraído com um sorriso?

Oss abriu a porta para Resa. Quando Farid passou por ele curioso para ver quem batia à porta aquela hora, primeiro imaginou que aquele rosto pálido que surgia da escuridão fosse Meggie, tão parecida ela era com sua mãe.

— Orfeu está em casa?

Resa falava tão baixo como se se envergonhasse de cada palavra que dizia, e ao ver Farid atrás do Montanha de Carne, ela baixou a cabeça como uma criança que é pega fazendo algo proibido.

O que ela queria com o Cabeça de Queijo?

— Por favor, diga-lhe que a mulher do Língua Encantada quer falar com ele. — Quando Oss lhe apontou o saguão de entrada, Resa lançou um rápido sorriso para Farid, evitando, porém, olhar para ele. O Montanha de Carne deu a entender que ela deveria esperar e subiu as escadas. O rosto distante de Resa mostrava a Farid que ele não saberia por ela a razão de sua visita, ele então seguiu Oss na esperança de ouvir alguma coisa na câmara de Orfeu.

O Cabeça de Queijo não estava sozinho quando o seu guarda-costas anunciou a visita noturna. Três jovens estavam com Orfeu, nenhuma delas muito mais velha que Meggie, e diziam-lhe havia horas como ele era inteligente, importante e irresistível. A mais

jovem delas estava sentada em seus joelhos gordos, e Orfeu a beijava e a agarrava tão detalhadamente que Farid teve vontade de dar um tapa em seus dedos. Ele sempre o mandava procurar pelas moças mais bonitas de Ombra e trazê-las até ele. — Que timidez repentina é essa? — ele dissera a Farid quando ele a princípio se negara a servi-lo dessa forma. — Elas são a minha inspiração. Você nunca ouviu falar das musas? Então, anda logo ou eu jamais vou encontrar as palavras pelas quais você tanto espera! — E Farid obedecia e trazia para a casa de Orfeu as moças que olhavam para ele no mercado e nas ruas. E muitas olhavam para ele. Afinal, quase todos os rapazes de Ombra ou estavam mortos ou serviam a Violante. A maior parte delas vinha apenas por algumas moedas. Todas elas tinham irmãos famintos e mães que precisavam de dinheiro. Algumas só queriam poder finalmente comprar um vestido novo.

— A mulher do Língua Encantada? — na voz de Orfeu era possível perceber que ele já bebera uma garrafa inteira de vinho, porém os seus olhos pareciam surpreendentemente lúcidos por trás das lentes redondas dos óculos. Uma das jovens tocou os vidros com tal cuidado que era como se tivesse medo de, por isso, ser transformada ela também em vidro.

— Interessante. Traga-a até aqui. E vocês três, sumam.

Orfeu tirou a moça de cima de seu joelho e ajeitou as próprias roupas. “Sapo-boi vaidoso!”, pensou Farid, e fingiu que tinha dificuldades em pôr a rolha na garrafa de vinho, para que Orfeu não o mandasse embora da câmara.

Quando Oss apareceu com Resa, as três jovens passaram tão rápido por ela como se a própria mãe as houvesse pego sentadas no colo de Orfeu.

— Veja só, isso é o que eu chamo uma surpresa! Sente-se! — Orfeu apontou para uma cadeira com suas iniciais que ele mandara fazer, e ergueu as sobrancelhas para dar mais força a sua expressão de surpresa. Ele costumava treinar esse gesto — e não somente esse. Farid muitas vezes pegara Orfeu a treinar expressões faciais diante do espelho.

Oss fechou a porta e Resa sentou-se indecisa, como se não soubesse ao certo se realmente queria ficar ali.

— Espero que você não tenha vindo sozinha! — Orfeu sentou-se atrás da sua escrivaninha e contemplou sua visita como uma aranha a mosca. — Ombra não é no momento um lugar seguro à noite, principalmente para uma mulher.

— Eu tenho que falar com você. — Resa continuava falando em voz baixa. — A sós — acrescentou ela lançando um olhar para Farid.

— Farid! — disse Orfeu sem olhar para ele. — Suma. E leve Jaspis com você. Ele se sujou de tinta novamente, lave-o.

Farid engoliu a raiva que tinha na ponta da língua, colocou o homem de vidro no ombro e foi em direção à porta. Resa baixou a cabeça quando Farid passou por ela e ele viu como seus dedos tremiam ao alisar o tecido da saia. O que ela queria ali?

Oss tentou fazê-lo tropeçar quando ele passou pela porta, mas Farid já conhecia aquelas brincadeiras. Ele inclusive encontrara um jeito de se vingar. Um sorriso seu e as criadas na cozinha cuidavam para que a próxima refeição do Montanha de Carne não lhe caísse bem. E o sorriso de Farid era bem mais atraente que o de Oss.

A esperança de ouvir atrás da porta, ele podia esquecer. Oss colocou-se diante dela. Porém Farid conhecia outro lugar onde era possível ouvir o que acontecia na câmara de Orfeu. (As criadas diziam que a mulher do proprietário anterior espionava dali o seu marido.)

Jaspis lançou a Farid um olhar assustado ao perceber que em vez de ir com ele para a cozinha ele se dirigiu à escada que levava ao andar de cima. Oss, porém, não desconfiou de nada, já que Farid tinha que subir com frequência para buscar uma camisa limpa para Orfeu ou para limpar suas botas. As roupas de Orfeu tinham no sótão um quarto só para elas, ao lado da sua câmara de dormir, e o buraco que lhe permitia espionar ficava justamente debaixo dos cabides nos quais ficavam penduradas as camisas de Orfeu. Elas tinham um cheiro tão forte de rosas e violetas que Farid ficava enjoado ao se ajoelhar entre elas. Uma das criadas mostrara-lhe o buraco no chão quando o atraíra até lá para beijá-lo. O buraco não era maior do que uma moeda, mas se se encostasse o ouvido nele

era possível ouvir cada palavra que se dizia no escritório e ao colocar o olho, via-se a escrivanhinha de Orfeu.

— Se eu posso? — Orfeu riu como se nunca houvesse respondido a pergunta tão absurda. — Não há a menor dúvida! Mas as minhas palavras têm um preço, e ele não é barato.

— Eu sei. — A voz de Resa continuava soando tão reticente como se odiasse cada palavra que dizia. — Eu não tenho prata como o Pardal, mas posso trabalhar para você!

— Trabalhar? Ah, não, muito obrigado, eu não preciso de mais criadas.

— Você quer a minha aliança? Deve ser valiosa. Ouro é raro em Ombra.

— Não. Fique com ela. Também não tenho necessidade de mais ouro ou prata. Mas há outra coisa... — Orfeu riu. Farid conhecia aquele riso. Um riso que não prenunciava nada bom.

— É realmente surpreendente como às vezes as coisas se dão! — continuou Orfeu. — Sim, é verdade. Poderia se dizer que você veio na hora certa.

— Eu não estou entendendo.

— É claro que não. Perdoe-me. Eu vou esclarecer agora mesmo. O seu marido — eu não sei muito bem como devo chamá-lo, ele tem tantos nomes, bom, seja como for — Orfeu riu novamente como se tivesse feito uma piada que só ele seria capaz de entender —, não faz muito tempo, e confesso, não sem a minha participação, as Damas Brancas apareceram para o seu marido. Dizem que ele chegou a sentir os dedos delas em seu coração, mas infelizmente ele se nega a conversar comigo sobre esse evento tão especial.

— E o que isso tem a ver com o meu pedido?

Farid percebeu pela primeira vez como a voz de Meggie era parecida com a de sua mãe. O mesmo orgulho, a mesma fragilidade cuidadosamente escondida por trás do orgulho.

— Bom, você com certeza lembra que não faz nem dois meses eu jurei na Montanha da Víbora que resgataria da morte um amigo nosso em comum.

O coração de Farid começou a bater com tanta força que ele teve medo que Orfeu pudesse ouvi-lo.

— Eu continuo decidido a manter meu juramento, porém, infelizmente, fui obrigado a constatar que a morte neste mundo é tão difícil de prever como no nosso. Ninguém sabe de nada, ninguém diz nada, e as Damas Brancas, não injustamente chamadas de Filhas da Morte, não se mostram a mim, independentemente de onde eu as procure. Claramente elas não falam com mortais de saúde relativamente boa, mesmo que eles possuam qualidades tão incomuns como eu! Você com certeza ouviu falar do unicórnio, não?

— Ah, sim, eu inclusive cheguei a vê-lo. — Será que Orfeu ouviu o horror na voz de Resa? Se ouviu, provavelmente até mesmo aquilo o envaidecia.

Farid sentiu como Jaspis, nervoso, enterrava os seus dedos de vidro em seu ombro. Ele quase esquecera o Homem de Vidro. Jaspis tinha um medo terrível de Orfeu, mais ainda do que do seu irmão mais velho. Farid colocou-o ao seu lado sobre o chão cheio de pó e pôs os dedos sobre os lábios em aviso.

— Sim, foi impecável — continuou Orfeu com sua voz egocêntrica —, absolutamente impecável... enfim, seja como for, voltemos às Filhas da Morte. Dizem que elas não aceitam bem quando alguém lhes foge entre os dedos, que seguem esse mortal até mesmo em seus sonhos, que o acordam do seu sono com seus murmúrios, sim e que inclusive aparecem quando ele está acordado. E Mortimer, ele dorme mal desde que fugiu das Damas Brancas?

— O que você quer com todas essas perguntas? — A voz de Resa soou irritada; e assustada.

— Ele dorme mal? — repetiu Orfeu.

— Sim. — Mal se ouvia a resposta de Resa.

— Bom! muito bom! O que é que eu digo... perfeito! — a voz de Orfeu tornou-se tão alta que Farid tirou o ouvido do buraco. Depois voltou a encostá-lo novamente. — Nesse caso, talvez seja verdade o que eu ouvi sobre as pálidas Damas — e podemos então falar do meu pagamento!

Sim, Orfeu parecia muito ansioso, mas dessa vez realmente parecia não ter nada a ver com prata.

— Existe o rumor, e rumores, como você bem sabe, costumam trazer, neste tanto como no outro mundo, a verdade escondida em seu cerne — Orfeu falava com uma voz tão suave, como se quisesse tornar cada palavra agradável para Resa —, que uma pessoa cujo coração as Damas Brancas tenham tocado — ele fez uma pequena e efetiva pausa — pode chamá-las quando quiser. Nada de fogo, como fez Dedo Empoeirado, nenhum medo da morte é necessário, apenas a voz familiar, as batidas do coração que elas conhecem... e lá estão elas! Imagino que você já sabe de que pagamento estou falando. Eu quero que em troca das palavras que vou escrever para você, o seu marido chame as Damas Brancas. Para que eu possa perguntar-lhes por Dedo Empoeirado.

Farid segurou a respiração. Sentia como se tivesse ouvido o próprio diabo negociar. Ele não sabia o que deveria pensar ou sentir. Indignação, esperança, medo, alegria... ele sentia tudo ao mesmo tempo. Porém, no final um pensamento apagou os outros: Orfeu quer trazer Dedo Empoeirado de volta! Ele realmente quer trazê-lo de volta!

Lá embaixo na câmara havia um silêncio mortal, e Farid em vez de ouvir olhou pelo buraco. Porém, tudo que viu foi a divisão nos cabelos louros de Orfeu. Jaspis ajoelhou-se ao seu lado com expressão preocupada.

— O melhor é que ele tente num cemitério. — Orfeu parecia tão seguro como se o acordo já estivesse decidido. — Ali as Damas Brancas chamam menos a atenção, caso elas realmente apareçam, e os menestréis poderiam escrever uma bela canção sobre a mais nova aventura do Gaio.

— Você é repulsivo, tão repulsivo como diz Mo!

A voz de Resa tremia.

— Ah, ele diz isso? Vou aceitar como um elogio. E sabe o que mais? Eu acho que ele vai ficar contente em chamá-las! Como disse, pode-se escrever uma bela canção heroica! Uma que fale coisas maravilhosas sobre a sua coragem e conte da magia de sua voz.

— Chame-as você mesmo, se quer falar com elas.

— Infelizmente, eu não posso, pensei que tivesse deixado isso claro...!

Farid ouviu a porta bater. Resa foi embora! Ele pegou Jaspis, abriu caminho entre as roupas de Orfeu e desceu a escada aos pulos. Oss ficou tão surpreso quando passou por ele que até se esqueceu de fazê-lo tropeçar. Resa já estava no saguão de entrada. Brianna estava devolvendo-lhe sua capa.

— Por favor! — Farid colocou-se entre Resa e a porta. Ele ignorou o olhar reprovador de Brianna e o grito assustado de Jaspis quando quase escorregou do seu ombro. — Por favor! Talvez Língua Encantada possa mesmo chamá-las. Ele só precisa chamá-las, e Orfeu lhes perguntará, então, como podemos trazer Dedo Empoeirado de volta! Você também quer que ele volte, ou não? Ele te protegeu de Capricórnio. Por sua causa ele se esgueirou até os calabouços do Castelo da Noite. Seu fogo salvou a vocês todos, quando Basta os espreitava na Montanha da Víbora!

Basta... na Montanha da Víbora... Por um momento a lembrança fez com que Farid emudecesse como se houvesse visto a morte novamente.

Mas ele continuou gaguejando, mesmo que o rosto de Resa se mantivesse tão ausente. — Por favor! Não é como antes, quando Língua Encantada estava ferido... e nem mesmo assim elas puderam fazer alguma coisa com ele! Ele é o Gaio!

Brianna olhava fixamente para Farid, como se ele houvesse perdido a razão, ela achava, assim como todos os outros, que Dedo Empoeirado nunca voltaria, e Farid tinha vontade de bater em todos eles por pensarem isso!

— Foi um erro vir até aqui! — Resa tentou empurrá-lo para o lado, porém Farid afastou as suas mãos.

— Ele só tem que chamá-las! — gritou ele. — Pergunte a ele!

Mas Resa o empurrou novamente, desta vez com tão pouca delicadeza que ele tropeçou em direção à parede, e o homem de vidro se agarrou no seu jaleco. — Se você contar a Mo que eu estive aqui — disse ela —, eu vou jurar que você está mentindo!

Ela já estava diante da porta quando a voz de Orfeu a deteve. Provavelmente ele já estava há um bom tempo lá em cima, na escada, esperando para ver como se desenrolaria a discussão. Oss atrás dele, com a expressão solene que adotava sempre que não entendia o que estava acontecendo.

— Deixe-a ir! Está claro que ela não quer ser ajudada. — Orfeu bebia cada palavra com desprezo.

— O seu marido vai morrer nesta história. Você sabe disso, se não, não teria vindo aqui. Talvez o próprio Fenoglio já tenha escrito a canção adequada antes que as palavras o abandonassem, *A morte do Gaio*, emocionante e muito dramática, heroica, como se espera de um personagem assim, mas o final com certeza não diz *e viveram felizes para sempre*. Seja como for, o Pífaru entoou hoje a primeira estrofe. E esperto como ele é, trancou um laço de amor materno para o tão nobre ladrão. Existe um material mais mortífero? Com certeza o seu marido vai tropeçar heroicamente nesse laço, com a mesma paixão com que interpreta o papel que Fenoglio escreveu para ele, e a sua morte fornecerá material para mais uma emocionante canção. Mas quando a sua cabeça estiver espetada numa lança sobre o portão do castelo você vai se lembrar, espero, que eu poderia ter salvado a sua vida.

A voz de Orfeu evocou tão detalhadamente a imagem que ele descrevia, que Farid imaginou ver o sangue de Língua Encantada escorrendo pelos muros do castelo, e Resa ficou na porta com a cabeça baixa, como se as palavras de Orfeu lhe houvessem quebrado o pescoço.

Por um momento a história de Fenoglio pareceu prender-lhe a respiração.

Depois Resa levantou a cabeça e olhou para Orfeu.

— Maldito seja você — disse ela. — Eu gostaria de ser capaz de chamar eu mesma as Damas Brancas para que elas te levassem embora agora mesmo.

Ao descer os degraus, seus passos estavam tão inseguros como se os seus joelhos tremessem, mas ela não olhou para trás uma única vez.

— Feche a porta, faz frio! — mandou Orfeu e Brianna obedeceu. Orfeu, porém, continuou lá em cima na escada, os olhos fixos na porta fechada.

Farid olhou inseguro para ele. — Você acha mesmo que Língua Encantada pode chamar as Damas Brancas?

— Ah, você estava ouvindo. Muito bem.

Muito bem? O que isso significava agora?

Orfeu passou os dedos sobre os seus cabelos claros. — Você sabe com certeza onde Mortimer se esconde agora, não sabe?

— Claro que não! Ninguém...

— Economize suas mentiras! — disse-lhe Orfeu. — Vá até ele, conte-lhe por que a sua mulher veio até mim, e pergunte-lhe se ele está disposto a pagar o preço que eu exijo pelas minhas palavras. Caso você queira voltar a ver Dedo Empoeirado, é melhor trazer-me um sim como resposta. Entendeu?

— O Dançarino de Fogo está morto! — a voz de Brianna não denunciava que falava do seu pai.

Orfeu riu. — Sim, Farid também estava, minha bela, mas as Damas Brancas permitiram negociar. Por que elas não iriam fazê-lo mais uma vez? É necessário apenas tornar a negociação interessante para elas, e eu acho que já sei como. É como numa pescaria. Você precisa apenas ter a isca certa.

Que isca seria aquela? O que poderia ser mais valioso para as Damas Brancas do que o Dançarino de Fogo? Farid não queria saber a resposta. Ele só queria pensar numa coisa: que talvez tudo poderia ficar bem novamente. Que foi a decisão certa trazer Orfeu para cá...

— Bom, o que você ainda está fazendo aí? Mexa-se! — vociferou Orfeu para ele. — E você? — gritou para Brianna. — Traga-me algo para comer. Eu acho que já é tempo para uma nova canção do Gaio e, desta vez, é Orfeu quem vai escrever!

Farid o ouviu cantarolar ao voltar para o seu escritório.



19. Mãos de soldado



O caminhante escolhe a trilha, ou é a trilha que escolhe o caminhante?

Garth Nix, *Sabriel*



Ombra parecia mais do que nunca uma cidade de mortos quando Resa voltou para o estábulo onde deixara o seu cavalo, e no silêncio entre as casas voltou a ouvir a voz de Orfeu, repetindo as mesmas palavras tão claramente como se andasse atrás dela: *Mas quando a sua cabeça estiver espetada numa lança sobre o portão do castelo você vai se lembrar, espero, que eu poderia ter salvado a sua vida.* As lágrimas a deixavam quase cega, e ela caminhava aos tropeções pela noite. O que deveria fazer? O que deveria fazer? Voltar? Não. Jamais.

Ela parou.

Onde estava? Ombra era um labirinto de pedra, e os anos em que ela soubera se orientar pelas estreitas ruelas já iam longe.

Continuou andando, os próprios passos soavam em seus ouvidos. Ela ainda usava as mesmas botas do dia em que Orfeu lera a ela e Mo para aquela história. Ele quase o havia matado uma vez. Será que ela esquecera?

Um sussurro por cima de sua cabeça fez com que se estremecesse. Seguiu-se um crepitar abafado e a noite se tingiu de vermelho escarlata sobre o castelo, como se o céu houvesse pegado fogo. O Pássaro Tisnado entretinha o Pardal e seus convidados, alimentando as chamas com veneno de alquimista e

maldade, até que elas se contorcessem em vez de dançar, como faziam com Dedo Empoeirado.

Dedo Empoeirado. Sim, ela também queria que ele voltasse, e o seu coração congelava ao pensar que ele jazia entre os mortos. Porém, ele congelava mais ainda ao pensar que as Damas Brancas poderiam estender as mãos para Mo uma segunda vez. Entretanto, não o buscariam elas ainda com mais razão se ele ficasse neste mundo? *O seu marido vai morrer nesta história...*

O que ela deveria fazer?

O céu sobre ela tingia-se de verde sulfúrico. O fogo do Pássaro Tisnado era multicolor e a rua que Resa descia com passos cada vez mais apressados terminava numa praça que ela nunca havia visto. As casas eram pobres. Na soleira da porta havia um gato morto. Sem saber o que fazer, ela foi até a fonte no meio da praça, e virou-se ao ouvir passos às suas costas. Três homens se destacavam das sombras entre as casas. Soldados com as cores do Cabeça de Víbora.

— Vejam só quem está passeando a esta hora da noite! — disse um deles, enquanto os outros dois, com alguns passos, fechavam o seu caminho. — Eu não disse a vocês? Em Ombra é possível encontrar coisas muito mais interessantes que a cusparada de fogo do Pássaro Tisnado.

E agora, Resa? Ela trazia uma faca consigo, mas de que lhe serviria contra três espadas, e além disso um deles tinha uma balista. Ela já vira muitas vezes o que suas flechas podiam fazer. “Você deveria ter usado roupas de homem, Resa! Quantas vezes Roxane já te disse que mulher nenhuma em Ombra sai de casa depois que escurece por medo dos homens do Pardal?”

— E aí? Com certeza o seu marido está tão morto como todos os outros, não é? — O soldado à sua frente não era muito maior do que ela, mas os outros dois a ultrapassavam em mais de uma cabeça.

Resa olhou em direção às casas, mas quem iria ajudá-la? Fenoglio morava do outro lado de Ombra e Orfeu — mesmo que ele pudesse ouvi-la, iriam ele e seu empregado gigante ajudá-la depois de ter recusado a sua proposta? “Tente, Resa. Grite! Quem sabe ao

menos Farid vem em teu auxílio.” Mas a voz não lhe obedecia como antes, quando se perdeu naquele mundo pela primeira vez...

Nas casas em volta havia uma única janela com a luz acesa. Uma mulher velha colocou a cabeça para fora e escondeu-se novamente no mesmo instante em que viu os soldados. “Você esqueceu do que é feito este mundo?” Resa imaginava poder ouvir a voz de Mo. Porém, se ele realmente fosse feito apenas de palavras, então o que diziam estas palavras sobre ela? *Mas havia uma mulher que se perdeu duas vezes no mundo por trás das letras, e na segunda vez não encontrou o caminho de volta...*

Dois dos soldados estavam agora bem atrás dela. Um deles colocou a mão sobre seu quadril. Pareceu a Resa que aquilo que estava acontecendo ela já lera em algum lugar, em algum momento... “Pare de tremer! Bata nele, enfie o dedo em seu olho.” Havia pouco não ensinara a Meggie como defender-se caso lhe acontecesse algo assim? O mais baixo dos três aproximou-se dela com um sorriso sujo e esperançoso nos lábios finos. Como seria ter prazer no medo dos outros?

— Deixe-me em paz! — ao menos a sua voz voltara a lhe obedecer. Mas vozes assim deveriam ser frequentes na noite de Ombra...

— E por que deveríamos? — O soldado atrás dela tinha o cheiro do fogo do Pássaro Tisnado. Suas mãos deslizaram até os seus seios. Os outros riam, o riso era quase pior do que os dedos que a apalpavam. Mas entre os risos, Resa ouviu alguma outra coisa. Passos, passos rápidos e leves. Farid?

— Tire as suas mãos de mim! — desta vez ela gritou com tanta força quanto podia, mas não foi a sua voz que deteve os homens.

— Larguem ela. Imediatamente.

A voz de Meggie soou tão adulta que Resa não percebeu imediatamente que se tratava da sua filha. Meggie apareceu tão segura entre as casas como fizera na festa de Capricórnio. Só que desta vez ela não usava a horrível vestimenta branca que Mortola lhe impusera.

O soldado que segurava Resa tirou as mãos dela como um garoto pego em flagrante, porém, ao ver que era uma garota quem saía da

escuridão, voltou a segurá-la com mais força ainda.

— Mais uma? — O menor de todos virou-se e lançou a Meggie um olhar de apreciação. — Bom, melhor ainda. Vocês estão vendo? É verdade o que lhes disse sobre Ombra. É um ninho cheio de mulheres.

Foram suas últimas palavras imbecis. O Príncipe Negro atirou-lhe uma faca nas costas. Como sombras que ganharam vida, apareceram ele e Mo saídos da noite. O soldado que agarrava Resa empurrou-a para longe e desembainhou sua espada. Ele gritou um aviso para o outro, porém, Mo matou os dois tão rápido que pareceu a Resa não haver tido tempo nem para respirar. Os seus joelhos enfraqueceram e ela teve que se apoiar na parede da casa mais próxima. Meggie foi até ela e perguntou-lhe preocupada se estava ferida. Mo, porém, se limitou a olhá-la.

— Então? Fenoglio já começou a escrever? — foi tudo o que ele disse.

Ele sabia por que ela havia ido até lá. É claro.

— Não! — sussurrou ela. — Não, e ele não vai escrever nada. Nem ele, nem Orfeu.

Como ele a olhava. Como se não soubesse se deveria acreditar nela. Ele nunca a olhara daquele jeito. Então, ele se virou sem dizer uma palavra e foi ajudar o Príncipe a arrastar os mortos para as ruas adjacentes.

— Iremos pelo riacho dos tintureiros! — sussurrou Meggie para ela. — Mo e o Príncipe mataram os guardas de lá.

Tantos mortos, Resa, somente porque você quer voltar para casa. As pedras do chão estavam cobertas de sangue, e quando Mo arrastou o soldado que a segurara, os seus olhos pareciam ainda olhar para ela. Teria ela pena dele? Não. Mas dava-lhe um arrepio ver como a sua filha falava com tanta naturalidade sobre matar alguém. E Mo? O que sentia ele? Nada mais? Ela viu como ele limpava com a capa de um dos mortos a sua espada, e olhava para ela. Por que ela não conseguia mais ler os seus olhos como antes?

Porque era o Gaio que ela tinha diante de si. Desta vez ela mesma o havia chamado.

O caminho até os tintureiros parecia não acabar nunca. No céu sobre eles ainda queimava o fogo do Pássaro Tisnado, e duas vezes tiveram que esconder-se de um tropel de soldados bêbados, mas finalmente chegou até eles o cheiro acre das tintas. Resa colocou a manga sobre a boca e o nariz quando chegaram ao riacho que levava os resíduos até o rio passando por uma grade no muro da cidade, e ao acompanhar Mo pela água fedorenta, sentiu um enjoo tão forte que mal conseguiu prender ar suficiente para mergulhar entre as grades.

Quando o Príncipe Negro a ajudou na beira do rio, ela viu um dos guardas mortos entre os arbustos. O sangue em seu peito parecia tinta numa noite sem estrelas, e Resa começou a chorar. Ela não conseguia parar, nem mesmo quando finalmente alcançaram o rio e puderam lavar o cabelo e as roupas fedorentas.

Dois ladrões esperavam lá embaixo na margem com dois cavalos, ali onde as ninfas nadavam e as mulheres de Ombra secavam suas roupas nas pedras planas do rio. Doria também estava lá. Sem o seu irmão forte. Ele colocou a sua capa rasgada sobre os ombros de Meggie ao ver como ela estava molhada. Mo ajudou Resa a subir na cela mas continuou não dizendo uma palavra. Seu silêncio fazia com que ela tremesse mais do que as roupas molhadas, e não fora ele, mas o Príncipe Negro que lhe trouxera um cobertor. Teria dito Mo a ele o que ela pretendia em Ombra? Não, certamente não. Como ele iria explicar-lhe sem dizer-lhe a força que as palavras tinham naquele mundo?

Meggie também sabia por que sua mãe havia ido até Ombra. Resa podia ver em seus olhos. Eles estavam alertas; como se a sua filha se perguntasse inquieta qual seria o seu próximo passo. E se Meggie descobrisse que ela fora falar com Orfeu também? Será que ela compreenderia que fora apenas por causa do medo que tinha pelo seu pai?

Começou a chover quando eles se puseram a caminho, o vento lhes jogava gotas geladas no rosto, e sobre o castelo reluzia um céu vermelho-escuro como se o Pássaro Tisnado lhes mandasse um aviso. Doria ficou atrás, conforme indicação do Príncipe para apagar

qualquer pista, e Mo ia na frente em silêncio. Quando ele olhou em volta novamente, o seu olhar era para Meggie, não para ela, e Resa agradeceu pela chuva em seu rosto porque assim ninguém veria as suas lágrimas.



20. Uma noite insone



*Sempre que o mundo me desespera
E acordo de noite ao menor ruído
Temeroso pela minha vida e a dos meus filhos,
Acudo até onde o pato silvestre
Repousa, belo, sobre as águas
E onde pesca a garça real.
Encontro então a paz dos seres selvagens,
Que não desperdiçam a própria vida com preocupações.
E em presença das águas plácidas
Sinto sobre mim as estrelas, cegas durante o dia,
Quietas em sua luz. Por um momento
Eu descanso na grandeza do mundo, e sou livre.
Wendell Berry, *The peace of wild things**



— Eu sinto muito. — Resa realmente pensava o que dizia.

Eu sinto muito. Três palavras. Ela as sussurrava repetidas vezes, mas Mo sentia por trás das palavras o que ela realmente pensava: que estava prisioneira mais uma vez. A fortaleza de Capricórnio, seu vilarejo nas montanhas, os calabouços do Castelo da Noite — tantas prisões. Agora era um livro que a mantinha encarcerada, o mesmo livro que já a aprisionara uma vez. E quando ela tentara fugir dele, ele a trouxera de volta.

— Eu também sinto muito — Mo respondeu. Ele dizia isso com a mesma frequência que Resa, mas sabia que ela esperava palavras muito diferentes. *Está bem, vamos voltar, Resa. Nós vamos achar um jeito!* Mas ele não as dizia, e as palavras não pronunciadas provocavam um silêncio que eles não conheceram nem mesmo quando Resa ficara sem voz.

Finalmente eles foram dormir, apesar de lá fora já estar começando a amanhecer, desgastados do medo que ambos sentiram e daquilo que não disseram um ao outro. Resa adormeceu rapidamente, e enquanto ele contemplava o seu rosto adormecido lembrava-se de todos os anos em que sentira falta exatamente disso. Porém nem mesmo aquele pensamento o tranquilizava, e acabou por deixar Resa sozinha com os seus sonhos.

Ele saiu pela noite, passou pelos sentinelas que fizeram piadas com o seu cheiro de tintureiro, que continuava impregnado em suas roupas, e caminhou pelo vale onde estava o acampamento, como se o Mundo de Tinta pudesse sussurrar-lhe o que deveria fazer, bastando apenas que ouvisse com atenção.

O que ele pretendia fazer, isso ele sabia bem demais...

Finalmente sentou-se junto a um dos charcos que haviam sido um dia as pegadas de um gigante e observou as moscas-dragão que vojavam sobre as águas paradas. Naquele mundo elas realmente pareciam pequenos dragões alados e Mo adorava sentar ali e acompanhar com os olhos suas figuras bizarras e imaginar o tamanho do gigante que havia deixado uma pegada daquelas. Havia poucos dias ele atravessara com Meggie um dos charcos para descobrir a profundidade das pegadas. A lembrança fez com que ele sorrisse, mesmo que não estivesse com muita vontade de sorrir. Ele ainda sentia dentro de si o arrepio que a morte deixava. Será que o Príncipe Negro ainda o sentia, depois de todos aqueles anos?

A manhã chegou indecisa como uma mistura de tinta e leite, e Mo não saberia dizer quanto tempo ficara ali sentado, esperando que o mundo de Fenoglio lhe dissesse o que fazer, quando uma voz conhecida chamou baixinho o seu nome.

— Você não deveria ficar aqui sozinho! — disse Meggie sentando-se ao seu lado na grama branca de orvalho. — É perigoso, tão longe dos sentinelas.

— E você? Eu deveria ser um pai mais autoritário e te proibir de dar um único passo sem mim para fora do acampamento.

Ela sorriu para ele, compreensiva, e colocou os braços em volta do joelho. — Bobagem. Eu sempre carrego uma faca comigo. Farid me ensinou a utilizá-la.

Ela parecia tão adulta. Ele era um tolo de ainda querer protegê-la.

— Você fez as pazes com Resa?

O seu olhar preocupado o deixou sem graça. Às vezes era tão mais fácil estar sozinho com ela.

— Sim, claro. — Ele esticou o dedo para fora e uma das moscas-dragão pousou nele. Ela parecia ser feita de vidro verde-azulado.

— Então? — Meggie olhou para ele indagadora. — Ela pediu aos dois, não é mesmo? Fenoglio e Orfeu.

— Sim. Mas ela diz que não chegou a um acordo com nenhum dos dois. — A mosca-dragão curvou o corpo esbelto. Ele era coberto de pequenas escamas.

— Claro que não. O que ela achava? Fenoglio não escreve, mas Orfeu é caro. — Meggie franziu a testa em desprezo.

Com um sorriso ele acariciou-lhe a testa. — Cuidado, senão você vai ficar com rugas, ainda é um pouco cedo para isso, não acha? — Como ele amava aquele rosto. Ele o amava tanto. E queria que fosse sempre alegre. Não havia nada neste mundo que ele desejasse mais. — Me diz uma coisa, Meggie. Me diz com toda sinceridade. — Ela sabia mentir muito melhor do que ele. — Você também quer voltar?

Ela baixou a cabeça, arrumou o cabelo atrás da orelha.

— Meggie?

Ela continuou sem olhar para ele.

— Eu não sei! — disse ela finalmente em voz baixa. — Talvez. É cansativo sentir medo o tempo todo, medo por você, por Farid, medo pelo Príncipe Negro, por Baptista, pelo Homem Forte. — Ela ergueu a cabeça e olhou para ele. — Você sabe que Fenoglio gosta de histórias tristes. Talvez toda a infelicidade venha daí. É simplesmente o tipo de história...

Uma história. Sim. Mas quem a contava? Fenoglio é que não era. Mo olhou para o orvalho em seus dedos. Frio e branco. Como as Damas Brancas... Às vezes ele fugia do sono porque imaginava ouvi-las sussurrar. Às vezes ainda sentia os seus dedos frios em seu coração, e às vezes, sim, às vezes ele quase desejava voltar a vê-las.

Olhou para as árvores longe de toda a brancura. O sol aparecia através da névoa da manhã, e nos galhos quase nus reluziam as últimas folhas como ouro-pálido. “E Farid? Ele não é um motivo para ficar?”

Meggie abaixou a cabeça. Ela se esforçava para parecer indiferente. “Para Farid tanto faz se eu estou aqui. Ele só pensa em Dedo Empoeirado. Desde que ele morreu, ficou ainda pior.”

Pobre Meggie. Ela se apaixonara pelo garoto errado. Mas desde quando o amor questionava essas coisas?

Ela se esforçou para esconder sua tristeza ao olhar para ele novamente. — O que você acha, Mo? Você acha que Elinor sente a nossa falta?

— A sua e a da sua mãe com certeza. Quanto a mim, não estou muito certo. — Ele imitou a voz de Elinor. — *Mortimer! Você colocou o Dickens no lugar errado. E como é possível que eu tenha que explicar a um encadernador que não se deve comer pão com geleia numa biblioteca?*

Meggie riu. Bom, ao menos isso. A cada dia era mais difícil fazê-la sorrir.

Mas no instante seguinte o seu rosto tornara-se sério novamente. — Eu sinto muita falta de Elinor. Sinto falta da sua casa e da biblioteca, e do café no lago, onde ela sempre me levava para tomar sorvete. Sinto falta da tua oficina e de você me levar de manhã ao colégio e imitar Elinor e Darius brigando, e das minhas amigas querendo sempre me visitar porque você as faz rir... Eu gostaria muito de contar a elas tudo o que aconteceu com a gente, mesmo que, logicamente, elas não acreditassem em uma única palavra. Apesar de que talvez eu pudesse levar um homem de vidro como prova.

Por um momento ela pareceu ter ido longe, muito longe, não com as palavras de Fenoglio ou Orfeu, mas com as próprias palavras. Mas eles continuavam sentados junto a um charco nos morros de Ombra, e uma fada vojava pelo cabelo de Meggie, puxando-o com tanta força que ela gritou, e Mo rapidamente espantou a pequena criatura para longe. Era uma fada colorida, criação de Orfeu, e Mo achou poder ver no pequeno rosto algo da maldade do seu criador.

Com um alegre cacarejar ela levou a caça loura para o seu ninho que brilhava colorido igualzinho a ela. Ao contrário das fadas azuis, aparentemente o inverno que se aproximava não tornava sonolentas as criaturas de Orfeu. O Homem Forte inclusive afirmava que elas roubavam seus congêneres azuis enquanto dormiam em seus ninhos.

No cílio de Meggie ficara presa uma lágrima. Talvez fosse culpa da fada, talvez não. Mo secou-a rapidamente.

— Então sim. Você quer voltar.

— Não! Estou dizendo que eu não sei! — Ela o olhava tão infeliz. — O que vai ser de Fenoglio se nós formos embora? E o que vão pensar o Príncipe Negro e o Homem Forte, e Baptista? O que vai ser deles? De Minerva e seus filhos, de Roxane... e Farid?

— Sim, o quê? — disse Mo. — Como vai continuar a história sem o Gaio? O Pífaros vai pegar as crianças, já que nem mesmo as mães desesperadas serão capazes de encontrar o Gaio. Obviamente, o Príncipe Negro vai tentar salvá-las, ele será o verdadeiro herói desta história e vai desempenhar bem o seu papel. Mas ele já fez o papel de herói por tempo demais, ele está cansado e não tem homens suficientes. Ou seja, os encouraçados vão matá-lo, a ele e a todos que o seguirem, um depois do outro: o Príncipe, Baptista, o Homem Forte e Doria, o Lagartixa e o Afanador — bom, no caso desses dois últimos, certamente não será uma grande perda. Depois o Pífaros vai provavelmente mandar o Pardal para o inferno e por um tempo reinar ele mesmo em Ombra. Orfeu vai ler unicórnios para ele, ou algumas máquinas de guerra... Sim, com certeza o Pífaros vai preferi-las. Fenoglio vai afogar suas mágoas na bebida. E o Cabeça de Víbora será imortal e em algum momento reinará sobre uma nação de mortos. Acho que esse seria o final da história. Não acha?

Meggie olhou para ele. O seu cabelo parecia ouro filigranado na luz da manhã. O cabelo de Resa tinha a mesma cor quando ele a viu pela primeira vez na casa de Elinor.

— Sim. Talvez — disse Meggie baixinho. — Mas será que a história seria realmente outra se o Gaio ficasse? Como poderia ele sozinho dar-lhe um final feliz?

— Gaio? — Algumas rãs pularam assustadas na água quando o Homem Forte abriu caminho pelo mato.

Mo levantou-se. — Talvez você não devesse chamar esse nome em voz alta pela floresta — disse ele em voz baixa.

O Homem Forte olhou em volta assustado, como se os encouraçados já estivessem entre as árvores. — Perdão — murmurou. — Tão cedo de manhã a minha cabeça ainda não começou a funcionar, e depois de todo aquele vinho de ontem... Trata-se do garoto. Você sabe, aquele que trabalha para Orfeu, e que Meggie — ele emudeceu ao sentir o olhar de Meggie. — Ah, são apenas bobagens! — gemeu, colocando a mão diante do seu rosto redondo. — Pura bobagem. Mas as palavras saem desse jeito da minha boca. Eu não consigo controlá-las!

— Farid. O nome dele é Farid. Onde ele está? — O rosto de Meggie se iluminou, a despeito do grande esforço que ela fez para aparentar indiferença.

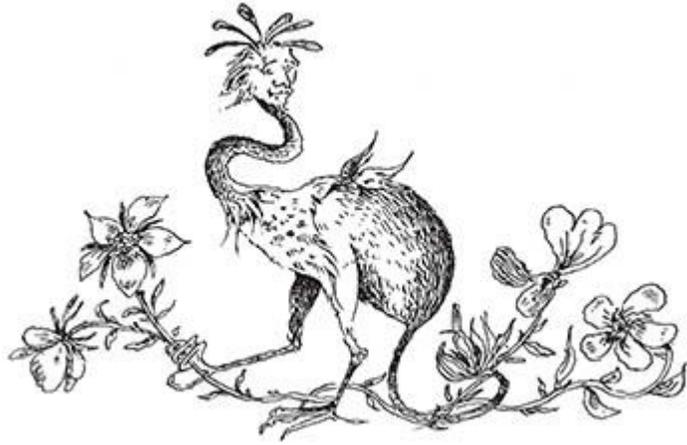
— Farid, é claro, nome estranho. Parece saído de uma canção, não é? Ele está no acampamento. Mas quer falar com o teu pai.

O sorriso de Meggie desapareceu tão rapidamente como surgira. Mo colocou a mão em seu ombro, mas o abraço de um pai não curava males de amor. Maldito garoto.

— Ele está muito nervoso. Seu burro mal consegue ficar em pé de tanto que correu até chegar aqui. Ele acordou o acampamento inteiro. “Onde está o Gaio? Eu tenho que falar com ele!” Não foi possível arrancar-lhe mais nada!

— O Gaio! — Mo nunca ouvira a voz de Meggie assim tão amarga. — Eu já lhe disse mil vezes para não te chamar assim. Ele é um idiota!

A pessoa errada. Mas por acaso o coração se importava com isso?



21. *Palavras más*



Oh, por favor! Sentiu o seu coração dizer a si mesmo. Oh, por favor, deixe-me ir embora!

John Irving, *The Cider House Rules*



— Darius!— Elinor já não suportava a própria voz. Ela soava horrível — mal-humorada, irritada, impaciente... Ela não soava assim antes, ou sim?

Darius quase deixou cair os livros que carregava e o cachorro levantou a cabeça do tapete que ela havia-lhe comprado especialmente para que ele não arruinasse completamente o piso de madeira com sua baba grudenta. Sem falar que ficava sempre escorregadio. — Onde está o Dickens que compramos semana passada? Que inferno, quanto tempo você precisa para colocar um livro no lugar certo? Por acaso eu te pago para ficar sentado na minha poltrona lendo? Pode confessar, é o que você faz quando eu não estou aqui.

Elinor. Como ela odiava as palavras que saíam da sua boca, tão amargas e venenosas, saliva do seu coração infeliz.

Darius abaixou a cabeça como fazia sempre que não queria que ela percebesse o quanto o havia magoado. — Ele está exatamente onde deveria estar, Elinor — respondeu ele com voz suave, o que a deixava ainda mais louca. Com Mortimer era possível ter grandes brigas, e Meggie era uma verdadeira guerreira. Mas Darius! Até mesmo Resa se importava mais, apesar de não poder falar.

Covarde cara de coruja. Por que ele não a xingava? Por que ele não jogava no chão diante dela os livros que tão dedicadamente

apertava contra seu peito de frango, como se tivesse que protegê-los dela?

— Onde deveria estar? — repetiu ela. — Você acha que eu já não sei nem ao menos ler?

O cachorro idiota a olhava preocupado. Depois afundou novamente a cabeça gorda no tapete.

Darius, porém, colocou a pilha de livros que trazia na vitrine mais próxima, foi até a estante onde Dickens se estendia entre Defoe e Dumas (o homem simplesmente escrevera livros demais) e com um movimento seguro tirou o exemplar que ela pedira.

Sem dizer uma palavra, entregou-o a Elinor. Depois começou a arrumar os livros com os quais entrara na biblioteca.

Tão burra. Ela se sentia tão burra, e Elinor odiava sentir-se assim. Era quase pior do que a tristeza.

— Ele está sujo!

Pare com isso. Mas ela não conseguia. As palavras simplesmente saíam da sua boca. — Quando foi a última vez que você tirou o pó dos livros? Ou vou ter que cuidar eu mesma disso?

Darius continuava com as costas estreitas viradas para ela. Ele aceitava as palavras impávido, como se recebesse uma surra injusta.

— O que foi? A sua língua de gago deixou finalmente de funcionar? Às vezes eu me pergunto para que afinal serve a sua língua! Mortola deveria ter levado você no lugar de Resa. Mesmo muda ela era mais falante do que você.

Darius colocou o último livro na estante, ajeitou outro e foi andando com passos decididos em direção à porta.

— Darius! Volte aqui!

Ele nem ao menos se virou.

Maldição. Elinor foi atrás dele, na mão o Dickens que, como ela tinha que reconhecer, não estava realmente tão empoeirado assim. Para ser totalmente sincera, não estava nem um pouco empoeirado. “É claro que não, Elinor!”, pensou ela. “Como se você não soubesse com que dedicação, todas terças e sextas, Darius limpa cada mínima sujeirinha dos livros! A sua empregada ria dos finos pincéis que ele usava para isso.”

— Darius! Pelo amor de Deus não fique assim!

Nenhuma resposta.

Cérbero adiantou-se a ela na escada e do último degrau a olhava com a língua para fora.

— Darius!

Pela baba do cachorro idiota, onde estava ele?!

O seu quarto ficava ao lado do antigo escritório de Mortimer. A porta estava aberta e em cima da cama a mala aberta que ela lhe comprara para a primeira viagem que fizeram juntos. Era sempre bom comprar livros junto com Darius (e ela tinha que reconhecer, ele a impedira de fazer algumas burradas).

— Que...? — a sua língua ferina ficara de repente tão pesada. — Que diabos você está fazendo aí?

O que seria? Muito claramente ele estava arrumando na mala as poucas peças de roupa que possuía.

— Darius!

Ele colocou sobre a cama o desenho de Meggie que Resa lhe dera, o bloco de anotações que Mortimer encadernara para ele, e o marcador de livros que Meggie fizera com as penas de um Gaio.

— O roupão — disse ele com voz gaguejante enquanto colocava na mala a foto dos seus pais, que sempre estivera ao lado da sua cama. — Você se importa que eu o leve comigo?

— Não pergunte bobagens! É claro que não! Foi um presente, que inferno. Mas para onde você está indo?

Cérbero entrou trotando no quarto até a mesa de cabeceira ao lado da cama, em cuja gaveta Darius guardava alguns biscoitos.

— Eu ainda não sei.

Ele dobrou o roupão tão cuidadosamente como fizera com as outras peças de roupa (era grande demais para ele, mas como ela ia saber o seu tamanho?), colocou o desenho, o bloco de anotações e o marcador de livros dentro da mala e a fechou. É claro que ele não conseguiu fechar o cadeado. Às vezes era tão desajeitado!

— Desfaça a mala! Agora mesmo! Isso é ridículo.

Mas Darius fez que não com a cabeça.

— Céus, você não pode me abandonar também! — Elinor se assustou com o desespero na própria voz.

— Você está sozinha comigo aqui também, Elinor — respondeu Darius com voz abafada. — Você está tão infeliz! Eu já não aguento mais!

O cachorro idiota desistiu de cheirar a mesa de cabeceira e ficou parado diante dela com olhar triste. Ele tem razão, diziam os seus profundos olhos de cão.

Como se ela não soubesse! Ela mesma já não se aguentava mais. Será que ela também era assim antes? Antes de Meggie, Mortimer e Resa terem ido morar com ela? Talvez. Mas então havia apenas os livros, e eles não reclamavam. Apesar de que, se ela fosse sincera, com os livros ela nunca fora tão rude como com Darius.

— Está bem, pode ir! — A sua voz começou a tremer da forma mais ridícula possível. — Me abandone você também. Você tem razão. Por que você ficaria aqui como eu fico, presenciando cada dia mais insuportável e esperando que por algum milagre eles apareçam de volta? Talvez, em vez de ir me destruindo aos poucos e da pior forma, eu devesse me dar um tiro ou me afogar num lago. Os escritores fazem isso de vez em quando, e nas histórias também é um ótimo recurso.

Ele a olhava com seus olhos míopes (ela realmente deveria ter-lhe comprado outros óculos faz tempo. Esses eram ridículos demais). Ele então abriu a mala e olhou fixamente para as suas posses. Tirou o marcador de livros que Meggie fizera para ele e passou os dedos pela pluma azul. Pena de Gaio. Meggie a colara sobre uma tira de cartolina amarelo-claro. Ficara muito bonito...

Darius pigarreou. Pigarreou três vezes.

— Está bem! — disse finalmente, controlando a voz com dificuldade. — Você venceu, Elinor. Eu vou tentar. Traga-me a folha de papel. Senão é possível que você realmente se mate um dia.

O que ele estava dizendo? O coração de Elinor começou a bater forte, como se ele quisesse adiantar-se a ela, para o Mundo de Tinta, as fadas e os homens de vidro, e aqueles que ela amava muito mais do que a qualquer livro.

— Você está dizendo...?

Darius balançou a cabeça, tão resignado como um guerreiro depois de muitas batalhas. — Sim — disse ele. — Sim, Elinor.

— Eu vou buscar! — Elinor se virou. Tudo aquilo que nas últimas semanas deixara o seu coração pesado como chumbo e transformara os seus membros no de uma velha havia desaparecido! Desaparecido sem deixar pistas.

Mas Darius a chamou de volta. — Elinor! Deveríamos levar alguns dos cadernos de Meggie com a gente, e algumas coisas práticas, como... um isqueiro por exemplo.

—E uma faca! — acrescentou Elinor. Afinal Basta estava lá, onde eles queriam ir, e ela jurara a si mesma que da próxima vez que o encontrasse teria ela também uma faca na mão.

Ela quase rolou pela escada, tanta era a pressa de voltar à biblioteca. Cérbero foi atrás dela, ofegante de entusiasmo. Será que em algum canto do seu coração canino havia a suspeita de que se tratava do lugar onde o seu antigo dono havia desaparecido?

Ele vai tentar! Ele vai tentar! Elinor não conseguia pensar em mais nada. Não pensou na voz perdida de Resa, na perna de pau de Cockerell, ou no rosto deformado de Nariz Chato. Tudo vai ficar bem!, era seu único pensamento ao tirar as palavras de Orfeu com os dedos trêmulos da vitrine. — Desta vez não há nenhum Capricórnio para pôr medo em Darius. Desta vez ele não terá problemas para ler. Oh Deus, Elinor, você vai voltar a vê-los!

22. Mordendo a isca



Se Jim soubesse ler, talvez já tivesse reparado num fato estranho... mas Jim não sabia ler.

Michael Ende, *Jim Knopf e os treze piratas*



Um anão, mais ou menos o dobro do tamanho de um homem de vidro, e de jeito nenhum peludo como Tullio, não, ele deve ter a pele cor de alabastro, uma cabeça grande demais e pernas tortas. Bom, ao menos o Párdal sempre sabia exatamente o que queria, mesmo que as suas encomendas fossem cada vez mais raras desde que o Pífaru chegara na cidade. Orfeu estava pensando se deveria dar ao anão cabelo vermelho-raposa ou branco-albino, quando Oss bateu na porta e, ao ouvir o “entre”, colocou a cabeça para dentro. Oss tinha péssimas maneiras à mesa e não gostava de se lavar, mas nunca esquecia de bater antes de entrar.

— Chegou novamente uma carta para o senhor, patrão!

Ah. Não era bom ser chamado assim? Patrão...

Oss entrou, inclinou a cabeça pelada (às vezes ele exagerava com a subserviência) e entregou a Orfeu um papel selado. Papel? Aquilo era raro. Normalmente os senhores de alta estirpe mandavam as suas encomendas em pergaminhos; e o selo também não lhe parecia conhecido. Bom, seja como for. Já era a terceira encomenda daquele dia, os negócios iam bem. Isso a chegada do Pífaru não havia mudado. Aquele mundo havia sido feito para ele! Não o soubera sempre, desde quando era um colegial e abria pela primeira vez o livro de Fenoglio, os dedos suados de garoto? Aqui as suas mentiras magistras não o colocavam na cadeia como

falsário ou vigarista, aqui, apreciava-se o seu talento, e Ombra inteira se curvava diante dele ao vê-lo passear finamente vestido pelo mercado. Maravilhoso.

— De quem é a carta?

Oss encolheu os ombros ridiculamente largos. — Eu não sei, patrão. Foi Farid quem a entregou.

— Farid? — Orfeu se levantou. — Por que você não disse isso logo?

Impaciente, ele arrancou a carta dos dedos fortes de Oss.

Orfeu (claro, ele não escrevia “caro” ou “prezado”, o Gaio não mentia nem no tratamento ao destinatário!), Farid me informou sobre o pagamento que você exige pelas palavras que a minha mulher te pediu. Eu aceito o acordo.

Orfeu leu as palavras três, quatro, cinco vezes. Sim, lá estava, preto no branco:

Eu aceito o acordo.

O encadernador mordera a isca! Poderia realmente ser assim tão fácil?

Sim! Por que não? Os heróis são cabeças-duras. Não dissera sempre isso? O Gaio caíra na armadilha e ele tinha apenas que agarrá-lo. Com uma pluma, um pouco de tinta... e sua língua.

— Vá embora! Quero ficar sozinho! — vociferou para Oss que estava ali entediado jogando nozes nos dois homens de vidro. — E leve Jaspis com você!

Orfeu sabia o quanto gostava de pensar em voz alta quando desenvolvia suas ideias. Por isso era necessário que o homem de vidro saísse do recinto. Jaspis passava tempo demais no ombro de Farid e o garoto não deveria saber nada daquilo que Orfeu pretendia escrever. É verdade que o garoto idiota queria muito ter de volta Dedo Empoeirado, mas não tinha certeza se para isso ele estaria disposto a sacrificar o pai da sua amada. Não. Farid admirava o Gaio tanto quanto todos os outros.

Brilho de Ferro lançou um olhar maldoso para o irmão quando Oss tirou Jaspis de cima da escrivaninha com seus dedos carnudos.

— Pergaminho! — ordenou Orfeu assim que a porta se fechou atrás dos dois, e Brilho de Ferro começou rapidamente a estender o

melhor rolo sobre a escrivadinha.

Orfeu, porém, foi até a janela e olhou para as montanhas de onde provavelmente viera a carta do Gaio. Língua Encantada, Gaio..., haviam lhe dado belos nomes, e, sim, Mortimer era com certeza muito mais honrado e corajoso que ele mesmo, mas esse modelo de virtudes não podia competir com ele em esperteza, pois a virtude emburrece.

“Agradeça a mulher dele, Orfeu!”, pensou enquanto caminhava de um lado para o outro (nada o ajudava mais a pensar). “Se a sua mulher não tivesse tanto medo de perdê-lo, talvez você nunca tivesse conseguido a isca de que precisa!”

Ah, seria fantástico. Seu maior triunfo! Unicórnios, anões, fadas coloridas... nada daquilo era ruim, mas não era nada perto do que ele pretendia fazer! Ele traria o Dançarino de Fogo de volta da morte. Orfeu. Nunca o nome que ele se dera havia sido mais adequado. Porém, ele seria muito mais esperto que o cantor de quem roubara o nome. Mandaria para o mundo dos mortos outra pessoa em seu lugar, e cuidaria para que ela não voltasse.

— Dedo Empoeirado, você me ouve desse mundo gélido onde você está? — sussurrou Orfeu enquanto Brilho de Ferro misturava a tinta concentrada. — Eu consegui a isca que vai comprar a sua liberdade, a mais maravilhosa de todas as iscas, enfeitada com as mais esplêndidas penas azul-pálido!

Ele começou a cantarolar como fazia sempre que ficava feliz consigo mesmo e pegou novamente a carta de Mortimer. O que mais escreveu o Gaio?

Dar-se-á como você pede (pela ferradura do diabo, ele já está escrevendo no estilo dos acordos públicos, assim como os ladrões dos velhos tempos): tentarei chamar as Damas Brancas, e em troca você escreverá as palavras que levem a minha mulher e a minha filha de volta para a casa de Elinor. Quanto a mim, basta que esteja escrito que eu as seguirei depois.

Então. O que significava aquilo?

Orfeu abaixou a folha surpreso. Mortimer queria ficar? Por quê? Por que o seu honrado coração de herói não lhe permitia fugir das

ameaças do Pífaros? Ou será que ele estava gostando do seu papel de ladrão?

— Bom, seja como for, honrado Gaio — disse Orfeu em voz baixa (ah, ele amava o som da sua voz!) —, as coisas vão acontecer de forma bem diferente do que você imagina. Porque Orfeu tem outros planos para você!

Idiota virtuoso! Será que ele nunca lera uma história de ladrões até o fim? Nada de final feliz para Robin Hood, para Angelo Duca, para Schinderhannes e que outros nomes mais eles tenham. Por que deveria haver um para o Gaio? Não. Ele teria apenas mais um papel: o de isca num anzol, deliciosa — e condenada à morte certa.

“Eu escreverei para ele sua última canção!”, pensou Orfeu enquanto caminhava animadíssimo de um lado para o outro, como se já sentisse as palavras certas em seus pés. Gente, ouçam a maravilhosa história do Gaio que trouxe o Dançarino de Fogo de volta da morte, e morreu ele mesmo nesse intento. De cortar o coração. Como a morte de Robin Wood pelas mãos da freira traidora ou o fim de Duca na forca ao lado do amigo morto e sobre os ombros do carrasco que cavalgava levando-o para a morte. Sim. Todo herói precisa de um final assim. E mesmo Fenoglio não o escreveria de outra forma.

— Oh, aquela carta ainda não havia acabado! O que escrevera ainda o mais nobre de todos os ladrões? *Pendure um pedaço de tecido azul na janela quando você tiver escrito as palavras* (Que romântico! Uma verdadeira ideia de ladrão. Aparentemente ele se transformava cada vez mais naquilo que Fenoglio criara para ele!), *e na noite seguinte te encontrarei no cemitério dos menestréis. Farid sabe onde fica. Venha sozinho, leve no máximo um criado com você. Eu sei das boas ligações que você tem com o novo governador, e só vou aparecer quando tiver certeza que não há nenhum dos seus homens te acompanhando, Mortimer.* (Veja só, ele realmente ainda assina com o seu antigo nome. A quem ele queria enganar?)

Venha sozinho! Oh sim. Eu irei sozinho, pensou Orfeu. Você não poderá ver as palavras que eu terei enviado antecipadamente!

Ele enrolou a carta novamente e a colocou debaixo da sua escrivaninha. — Brilho de Ferro, está tudo pronto? Uma dúzia de plumas apontadas, a tinta misturada durante sessenta e cinco respirações, uma folha do melhor pergaminho?

— Uma dúzia. Sessenta e cinco. Do melhor — confirmou o homem de vidro.

— E a lista?— Orfeu olhou para as suas unhas roídas. Ultimamente as colocava todas as manhãs em água de rosas, mas isso, infelizmente, só as fazia mais apetitosas. — O seu irmão imprestável deixou as suas pegadas nas palavras da letra B.

A lista. O índice alfabético com todas as palavras que Fenoglio usara em *Coração de tinta*. Ele mandara Jaspis fazê-la havia pouco tempo (seu irmão tinha uma letra horrível). Porém, infelizmente o homem de vidro estava ainda na letra D. Por isso, Orfeu ainda precisava pesquisar no livro de Fenoglio quando queria ter certeza de que as palavras que ele utilizava também se encontravam em *Coração de tinta*. Muito trabalhoso, mas possível de manejar, e até o momento o método estava dando ótimos resultados.

— Tudo pronto! — Brilho de Ferro assentiu solícito.

Ótimo! As palavras viriam. Orfeu as sentia como um formigar debaixo do couro cabeludo. Assim que pegou a pluma mal conseguia afundá-la com rapidez suficiente na tinta. Dedo Empoeirado. As lágrimas ainda brotavam em seus olhos quando se lembrava do momento em que o vira morto na mina. Sem dúvida um dos piores momentos da sua vida.

E como o perseguira a promessa que fizera a Roxane, o morto a seus pés (mesmo que ela não houvesse acreditado em uma única palavra): *Encontrarei palavras tão sublimes e encantadoras como o perfume de um lírio, palavras que entorpeçam a morte e abram os dedos frios que agarraram seu tépido coração*. Desde que chegara naquele mundo que ele procurava por elas, mesmo que Farid e Fenoglio achassem que ele só escrevia unicórnios e fadas coloridas. Mas logo depois das primeiras tentativas sem resultado, teve a amarga revelação, o som harmonioso neste caso não seria suficiente, palavras de lírio nunca trariam Dedo Empoeirado de

volta, e a morte exigia um preço muito mais alto: um preço de carne e osso.

Incrível que ele não tivesse pensado em Mortimer antes, o homem que com um livro em branco transformara a morte num serviçal dos vivos!

Sim, fora com ele! O mundo precisava de apenas uma língua encantada, e essa era a sua. Quando Mortimer tivesse sido devorado pela morte e o cérebro de Fenoglio despedaçado pelo álcool, então somente ele continuaria a contar aquela história, mais e mais, com um papel especial para Dedo Empoeirado e outro não menos importante para si mesmo.

— Sim, chame as Damas Brancas para mim, Mortimer! — sussurrou Orfeu enquanto enchia o pergaminho palavra a palavra com sua letra bem desenhada. — Você nunca vai saber o que eu lhes sussurrei antes em seus pálidos ouvidos. Vejam quem eu trouxe para vocês! O Gaio. Levem-no para o seu gélido senhor com as saudações de Orfeu e me deem em troca o Cuspidor de Fogo. Ah, Orfeu, Orfeu, podem dizer muitas coisas sobre você, mas não que você é burro.

Ele riu baixinho, afundou a pluma na tinta e se voltou sobressaltado quando a porta se abriu atrás dele. Farid entrou. Maldição, onde estava Oss?

— O que você quer? — gritou para o garoto. — Quantas vezes eu vou ter que te dizer para bater antes de entrar? Da próxima vez vou jogar o vidro de tinta na sua cabeça idiota. Traga-me vinho! O melhor que tivermos.

O garoto olhava para ele enquanto fechava a porta atrás de si. “Ele me odeia!”, pensou Orfeu.

Ele gostava da ideia. Segundo a sua experiência, só os poderosos eram odiados, e era isso o que ele pretendia se tornar naquele mundo.

Poderoso.



23. O cemitério dos menestréis



No topo da colina, ele se senta e canta. São canções mágicas, capazes de ressuscitar os mortos. Seu canto começa leve e cauteloso, depois se torna mais alto e exigente, até que o chão de turfa se abre e a terra fria mostra suas rachaduras.

Tor Age Bringsværd, *Os deuses selvagens*



O cemitério dos menestréis ficava logo acima de um vilarejo abandonado. Carandrella. Ainda conservava o seu nome, mesmo que os moradores tivessem desaparecido havia muito tempo. Por que e para onde ninguém mais sabia; uma praga, diziam alguns, fome, diziam outros, e havia aqueles que contavam das duas famílias inimigas que se mataram e expulsaram mutuamente. Qual das histórias era verdadeira, não constava no livro de Fenoglio, assim como o cemitério onde os moradores desaparecidos haviam enterrado seus mortos entre o povo dos menestréis de modo a que eles repousassem um ao lado do outro para todo o sempre.

Uma trilha estreita e pedregosa saía das casas abandonadas e seguia em uma subida coberta de arbustos terminando numa projeção de onde era possível enxergar por cima das árvores da Floresta sem Caminhos em direção ao sul, ali onde em algum lugar atrás dos morros estava o mar. Os mortos de Carandrella, diziam em Ombra, tinham a mais bela das vistas.

Um muro caindo aos pedaços contornava os túmulos. As lápides eram as mesmas usadas para construir as casas ali. Pedras para os vivos, pedras para os mortos. Em algumas delas havia nomes talhados toscamente, como se o escrivão tivesse colocado ali as letras apenas para tirar o nome da pessoa amada do silêncio que a morte trazia.

Meggie tinha a impressão de que as pedras lhe sussurravam os nomes enquanto passava pelos túmulos — Farina, Osa, Lucio, Renzo... As pedras sem nomes pareciam bocas fechadas, bocas tristes que haviam esquecido a fala. Mas talvez não importasse aos mortos o nome que eles haviam usado em vida.

Mo continuava conversando com Orfeu. O Homem Forte examinava o guarda-costas dele como se quisesse medir quem dos dois tinha o peito mais largo.

“Não faça, Mo. Por favor!”

Meggie olhava para a sua mãe do outro lado — e virou rapidamente o rosto quando Resa devolveu o olhar. Ela estava com tanta raiva da mãe. Por causa das lágrimas de Resa é que Mo estava ali agora, e por ela ter ido falar com Orfeu.

Não apenas o Homem Forte, o Príncipe Negro também os acompanhava; e Doria, apesar de o irmão ter lhe proibido. Ele, assim como Meggie, estava parado entre os túmulos e olhava em volta observando as coisas que haviam sido colocadas diante das lápides, flores murchas, um brinquedo de madeira, um sapato, uma flauta. Em um dos túmulos havia uma flor fresca. Doria a pegou. A flor era branca como as mulheres pelas quais eles esperavam. Ao perceber que Meggie o observava, aproximou-se dela. Ele realmente não parecia com o irmão. O Homem Forte tinha o cabelo castanho curto, já Doria usava o cabelo ondulado até o ombro, e às vezes Meggie tinha a impressão de que ele havia surgido de um velho livro de contos de fadas que Mo lhe dera assim que ela aprendera a ler. As ilustrações estavam amareladas, mas Meggie as observara durante horas, na certeza de que as fadas sobre as quais os contos narravam as haviam desenhado com suas pequenas mãos.

— Você consegue ler as letras na pedra? — Doria ainda tinha a flor branca na mão, quando parou diante dela. Dois dedos de sua mão esquerda estavam rígidos. Seu pai alcoólatra os havia quebrado quando Doria tentara proteger a irmã. Ao menos, era o que contara o Homem Forte.

— Sim, com certeza. — Meggie olhou novamente em direção a Mo. Fenoglio mandara-lhe uma mensagem por Baptista. “Você não

deve confiar em Orfeu, Mortimer!” Tudo em vão.

“Não faça, Mo. Por favor!”

— Eu estou procurando um nome. — A voz de Doria soou mais tímida do que normalmente. — Mas eu não... Eu não sei ler. É o nome da minha irmã.

— Como ela se chama?

Se o Homem Forte estava certo, Doria fizera quinze anos justamente no dia em que o Pardal o mandara enforcar. Meggie achou que ele parecia mais velho. — Pois é — dissera o Homem Forte —, pode ser que ele seja mais velho. Minha mãe não é muito boa com números! Quanto ao meu aniversário, ela não se lembra de absolutamente nada.

— Ela se chamava Susa — Doria olhou para os túmulos como se o nome apenas fosse capaz de conjurar aquela a quem se referia. — Meu irmão diz que ela deve estar enterrada aqui. Ele, porém, não consegue se lembrar onde.

Eles acharam a pedra. Estava coberta de hera, mas ainda era possível ler claramente o nome. Doria se curvou e empurrou as folhas para o lado. — Ela tinha o cabelo claro, assim como você — disse ele. — Lázaro diz que a minha mãe a expulsou, porque ela queria viver com os menestréis. Ele nunca a perdoou por isso.

— Lázaro?

— Meu irmão. O Homem Forte, como vocês o chamam. — Doria acompanhou as letras com os dedos. Parecia como se alguém as houvesse talhado na pedra com uma faca. O primeiro “S” estava coberto de musgo.

Mo continuava falando com Orfeu. Orfeu entregou-lhe uma folha de papel: as palavras que Resa lhe entregara. Será que Mo as leria ainda naquela noite, caso as Damas Brancas aparecessem realmente? Será que já estariam com Elinor antes do amanhecer? Meggie não sabia se aquele pensamento a enchia de tristeza ou alívio. Mas ela não queria pensar sobre aquilo. Ela queria apenas uma coisa: que Mo subisse em seu cavalo e fosse embora; que as lágrimas de sua mãe não o tivessem trazido até ali.

Farid estava parado um pouco distante, Sorrateiro sobre o ombro. Ao vê-lo, o coração de Meggie tornava-se tão frio quanto com Resa.

Farid trouxera o pedido de Orfeu até Mo, sabendo do perigo que isso significava para seu pai, sem falar que talvez, por causa desse acordo, eles nunca mais voltassem a se ver. Mas tudo aquilo não tinha importância para Farid. Ele só se importava com uma pessoa, e esta era Dedo Empoeirado.

— Dizem que vocês vêm de muito longe, você e o Gaio. — Doria tirara a sua faca do cinto e afastava o musgo que cobria o nome de sua irmã. — É muito diferente lá?

O que ela deveria responder? — Sim — murmurou ela finalmente. — Muito diferente.

— É mesmo? Farid diz que lá há carruagens que andam sem cavalos e música que sai de pequenas caixas pretas. —

Meggie sorriu. — Sim, é verdade — disse ela em voz baixa.

Doria colocou a flor branca sobre o túmulo de sua irmã e se levantou. — É verdade que nesse país há inclusive máquinas que voam? — Ele parecia tão curioso. — Uma vez tentei construir asas para mim. Cheguei até a voar um pouco, mas não muito longe.

— Sim... Lá há também máquinas que voam — respondeu Meggie com voz ausente. — Resa pode desenhá-las pra você.

Mo dobrara a folha de papel que Orfeu lhe entregara. Sua mãe se aproximou dele e começou a falar alguma coisa. Para quê? Ele não a ouviria. “Não há outro caminho, Meggie”, dissera ele quando ela lhe implorara para não aceitar a oferta de Orfeu. “Sua mãe tem razão. É hora de voltar. A cada dia fica mais perigoso.” O que ela poderia dizer? Nos últimos dias os ladrões haviam tido que mudar três vezes o acampamento de lugar, por causa das patrulhas do Pífaró, e no Castelo de Ombra, aparentemente, a cada hora apareciam mulheres dizendo que haviam visto o Gaio, na esperança de salvar os seus filhos.

Ah, Mo.

— Não vai acontecer nada com ele — disse Doria atrás dela. — Você vai ver, até mesmo as Damas Brancas amam a voz do Gaio.

Bobagem. Nada além de bobagens em versos!

Quando Meggie caminhou em direção a Mo, suas botas deixaram pegadas no orvalho, como se um fantasma houvesse atravessado o cemitério. O rosto de Mo estava tão sério. Será que ele tinha medo?

Bom, o que você acha, Meggie? Ele quer chamar as Damas Brancas! *Elas são feitas de saudade, Meggie.*

Farid olhou sem graça para o lado quando ela passou por ele.

— Por favor! Você não tem que fazê-lo! — a voz de Resa soava alta demais entre os mortos, e Mo colocou a mão sobre os seus lábios.

— Eu quero fazê-lo — ele disse. — Você não precisa ter medo. Eu conheço as Damas Brancas melhor do que você pensa. — Ele colocou a folha dobrada no cinto dela. — Aqui. Guarde-a bem. Se por algum motivo eu não puder ler, Meggie o fará.

Se por algum motivo eu não puder ler... Caso elas me matem, assim como a Dedo Empoeirado com suas mãos frias e brancas. Meggie abriu a boca — e voltou a fechá-la quando Mo olhou para ela. Ele conhecia aquele olhar. Não quero discutir. Esqueça, Meggie.

— Bom. Enfim. A minha parte do trato está cumprida. Eu... Ahn, eu acho que não deveríamos esperar mais tempo! — Orfeu estava claramente impaciente. Ele pulava de um pé para o outro e tinha um sorriso grudento nos lábios. — Dizem que elas gostam quando a lua aparece, e antes que ela volte a desaparecer atrás das nuvens...

Mo acenou com a cabeça para o Homem Forte, e ele puxou suavemente Resa e Meggie para longe dos túmulos, para debaixo dos carvalhos que cresciam na beira do cemitério. Doria acompanhou-as atendendo a um aceno de seu irmão. Até mesmo Orfeu deu alguns passos para trás, como se já fosse perigoso ficar perto de Mo.

Mo trocou um olhar com o Príncipe Negro. O que ele lhe contara? Que ele queria chamar as Damas Brancas somente por causa de Dedo Empoeirado? Ou será que o Príncipe sabia das palavras que o Gaio queria comprar com aquele ato? Não, com certeza não. Lado a lado, eles caminhavam entre os túmulos. O urso ia atrás deles. Orfeu, porém, foi acompanhado do seu guarda-costas até as árvores onde estavam Meggie e Resa. Apenas Farid permaneceu onde estava. Como se houvesse criado raízes, no rosto o medo daquelas a quem Mo pretendia chamar, e a saudade daquele que elas haviam levado consigo.

Um vento leve soprava no cemitério, frio como a respiração daquelas por quem esperavam, e Resa deu automaticamente um passo para a frente, mas o Homem Forte a puxou de volta.

— Não — disse ele em voz baixa, e Resa ficou parada sob a sombra dos galhos olhando fixamente, assim como Meggie, para os dois homens que estavam ali no meio dos túmulos.

— Mostrem-se, filhas da morte!

A voz de Mo soou tão desinteressada, como se ele já as houvesse chamado inúmeras vezes. — Vocês se lembram de mim, não lembram? Vocês se lembram da Fortaleza de Capricórnio, na caverna onde vocês me seguiram e de como o meu coração batia fraco em seus alvos dedos. O Gaio quer notícias de um amigo. Onde vocês estão?

Resa colocou a mão sobre o coração. Provavelmente ele batia tão rápido quanto o de Meggie.

A primeira Dama Branca apareceu ao lado do túmulo atrás de Mo. Bastava que ela esticasse o braço para tocá-lo, e ela o fez, com a mesma suavidade como se cumprimentasse um amigo.

O urso gemeu e baixou a cabeça. Ele então se afastou e passo a passo fez algo que nunca havia feito antes: abandonou seu dono. O Príncipe Negro, porém, continuou ali parado ao lado de Mo, apesar de seu rosto escuro mostrar um medo que Meggie nunca antes havia visto.

O rosto de Mo, porém, não demonstrou nada quando os dedos pálidos passaram sobre o seu braço. A segunda Dama Branca apareceu à sua direita. Ela colocou a mão sobre o seu peito, ali onde batia seu coração. Resa gritou e mais uma vez deu um passo para a frente, mas o Homem Forte a puxou de volta. — Elas não vão lhe fazer nada. Veja só! — murmurou para ela.

Apareceu mais uma Dama Branca, depois uma quarta, uma quinta. Elas se colocaram em volta de Mo e do Príncipe Negro até que Meggie visse os dois apenas como sombras entre os seres nebulosos. Elas eram tão bonitas — e tão terríveis, e por um momento Meggie desejou que Fenoglio pudesse vê-las. Ela sabia que ele ficaria orgulhoso diante daquela visão, orgulhoso dos anjos sem asas que criara.

Apareciam cada vez mais delas. Elas pareciam ser feitas da respiração que saía dos lábios de Mo e do Príncipe. Por que vieram tantas? Meggie percebeu também no rosto de Resa o feitiço que ela sentia, e até mesmo no rosto de Farid, que tanto temia os espíritos. Mas então começou um murmúrio de vozes que pareciam tão incorpóreas como as pálidas mulheres. O murmúrio tornou-se cada vez mais alto e o feitiço tornou-se medo. A silhueta de Mo perdia seus contornos, como se ela desaparecesse em toda aquela brancura. Doria lançou a seu irmão um olhar de alarme. Resa chamou o nome de Mo. O Homem Forte tentou mais uma vez segurá-la, mas ela se soltou e começou a correr.

Meggie correu atrás dela e mergulhou na névoa dos corpos transparentes. Rostos se dirigiam a ela, pálidos como pedra, e ela tropeçava neles. Onde estava o seu pai?

Ela tentava empurrar os seres brancos para o lado, mas tocava o nada todas as vezes. Até que encontrou o Príncipe Negro. Ele estava lá, com o rosto acinzentado, a espada na mão trêmula, olhando em volta como se tivesse esquecido quem ele era. Porém as Damas Brancas não sussurraram mais por muito tempo. Elas desapareceram como fumaça soprada pelo vento. A noite pareceu ainda mais escura depois que elas foram embora. Tão escura. E tão terrivelmente fria.

Resa gritou várias vezes o nome de Mo e o Príncipe olhou desesperado em volta, a espada inútil na mão, mas Mo havia desaparecido.



24. Culpa



*Tempo, faça-me desaparecer. Então se unirá o que sempre
separamos, enquanto vivemos.*

Audrey Niffenegger, *A mulher do viajante do tempo*



Resa esperou entre os túmulos até que amanhecesse, mas Mo não voltou.

Ela sentia a mesma dor que Roxane. Só que no seu caso não ficara nem mesmo o morto por quem pudesse chorar. Mo havia desaparecido como se nunca houvesse existido. A história o engolira e a culpa era dela.

Meggie chorava. O Homem Forte a abraçava enquanto corriam lágrimas também pelo seu rosto largo. — A culpa é de vocês! — Meggie gritara inúmeras vezes, expulsara Resa e Farid, e nem mesmo ao Príncipe permitira que a tranquilizasse. — Vocês o convenceram! Para que eu o salvei daquela vez, se agora elas o conseguiram de volta?

— Eu sinto tanto. De verdade. Eu sinto muitíssimo!

A voz de Orfeu continuava grudada na pele de Resa como um veneno adocicado. Quando as Damas Brancas desapareceram, ele ficara lá, como se esperasse por alguma coisa, escondendo com esforço o sorriso que teimava em surgir em seus lábios. Resa, porém, o vira. Ah, sim... E Farid também. — O que você fez? — Ele agarrara Orfeu pelas suas finas roupas e dera-lhe um soco no peito. O guarda-costas de Orfeu tentou segurar Farid, mas o Homem Forte o impediu. — Seu mentiroso imundo! — gritava Farid aos soluços. — Sua cobra de língua bífida! Por que você não lhes perguntou

nada? Você não queria perguntar-lhes nada, não é? Você queria apenas que elas levassem o Língua Encantada! Perguntem a ele! Perguntem a ele o que mais ele escreveu. Eu vi! Ele não escreveu apenas as palavras que prometera ao Língua Encantada. Havia uma segunda folha! Ele acha que eu não sei o que ele faz porque não sei ler, mas eu sei contar. Eram duas folhas — e seu homem de vidro disse que ele leu ontem em voz alta.

Ele tem razão! Resa ouviu sussurrar dentro dela. Meu Deus, Farid tem razão! Orfeu, porém, esforçou-se para olhar verdadeiramente indignado. — Que conversa idiota! — dissera ele. — Vocês acham que não estou decepcionado? O que posso fazer se elas o levaram? Fiz a minha parte do acordo! Eu escrevi exatamente aquilo que Mortimer me pediu! Eu por acaso tive oportunidade de perguntar por Dedo Empoeirado? Não! Porém, não vou exigir minhas palavras de volta. Mas espero que cada um dos presentes tenha claro — e nisso ele olhou para o Príncipe Negro, que continuava com a espada na mão — que sou eu que sai desse acordo com as mãos vazias!

Suas palavras continuavam presas no cinto de Resa. Ela pensou em jogá-las fora quando ele se afastou, mas colocou-as novamente no cinto. As palavras que deveriam levá-las de volta... Ela sequer as havia lido. Havia pagado caro por elas. Mo desaparecera e Meggie jamais a perdoaria. Ela perdera os dois novamente.

Apoiou a testa no túmulo ao seu lado. Era o de uma criança, havia uma camisa minúscula sobre o túmulo. Eu sinto tanto. Ela podia ouvir novamente a voz macia e negra de Orfeu, misturada com os soluços de sua filha. Sim, Farid estava certo. Orfeu estava mentindo. Ele escrevera o que acontecera e tornara aquilo verdade com a sua voz, tirara Mo do seu caminho por inveja, como Meggie sempre dissera — e ela o ajudara nisso.

Com os dedos trêmulos, ela desdobrou o papel que Mo colocara em seu cinto. Estava úmido do orvalho e o brasão de Orfeu se estendia sobre as palavras. Farid lhes contara como encomendara a um desenhista de brasões em Ombra a tarefa de criar este brasão — o coroamento para a mentira de que ele era de família real, palmeiras representando o país distante de onde dizia vir e o unicórnio com o chifre negro de tinta.

O emblema de Mo também era um unicórnio. Resa sentiu as lágrimas voltarem. As palavras desapareciam diante de seus olhos quando ela começava a lê-las. A descrição da casa de Elinor soava um pouco inábil, porém para sua saudade Orfeu encontrara as palavras certas, e também para o medo de que a história pudesse transformar o seu marido... Como ele sabia tão bem o que se passava em seu coração? Você mesma lhe disse, Resa, pensou com amargura. Todo o seu desespero você levou até ele. Ela continuou a leitura — perplexa: *E mãe e filha voltaram para a casa cheia de livros, o Gaio, porém, ficou — e prometeu ir atrás delas quando chegasse a hora e ele tivesse terminado de interpretar o seu papel...*

Eu escrevi exatamente o que Mortimer me pediu!, ela podia ouvir Orfeu dizendo, a voz cheia de inocência magoada.

Não. Não podia ser. Mo queria voltar com elas! Ou não?

Você nunca vai saber a resposta, Resa, pensou ela e se encolheu sobre o pequeno túmulo, tanta era a dor no seu coração. Ela imaginou ouvir o choro da criança dentro dela.

— Vamos embora, Resa. — O Príncipe Negro estava ao seu lado. Ele estendeu-lhe a mão. Em seu rosto não havia censura, mas estava triste, tão triste. Ele também não perguntou pelas palavras que Orfeu escrevera. Talvez achasse que na verdade o Gaio fosse mesmo um feiticeiro. O Príncipe Negro e o Gaio, as duas mãos da Justiça, uma negra e a outra branca. E agora havia apenas o Príncipe.

Resa segurou a sua mão e levantou-se com esforço. Ir? Para onde?, ela quis perguntar. De volta para o acampamento, onde me esperava uma tenda vazia, e para seus homens que me olhariam com mais raiva ainda?

Doria trouxe o seu cavalo. O Homem Forte continuava ao lado de Meggie, o rosto de quem havia chorado como o de sua filha. Ele evitou o seu olhar. Também a culpava pelo que havia acontecido.

Para onde? De volta?

Resa mantinha o papel com as palavras de Orfeu em sua mão. A casa de Elinor. Como seria voltar para lá sem Mo? Caso Meggie quisesse ler as palavras. Elinor, eu perdi Mo. Eu queria protegê-lo,

mas... Não, ela não queria ter que contar aquela história. Não havia volta. Não havia nada mais.

— Meggie, venha. — O Príncipe acenava na direção de Meggie. Ele queria colocá-la no cavalo de Resa, mas Meggie se recusou.

— Não. Eu vou com Doria — disse ela.

Doria levou o seu cavalo até ela. Farid lançou ao outro rapaz um olhar pouco amistoso, quando ele puxou Meggie para seu cavalo.

— E por que você continua aqui? — disse-lhe Meggie. — Ainda espera que Dedo Empoeirado apareça de repente? Ele não vai voltar, assim como o meu pai, mas Orfeu com certeza vai te aceitar de volta, depois de tudo o que você fez por ele!

A cada palavra Farid se encolhia como um cachorro. Então, ele se virou sem dizer uma palavra e foi até o seu burro. Ele chamou a marta, mas Sorrateiro não veio e Farid foi embora sem ela.

Meggie não se virou para vê-lo.

Ela se aproximou de Resa. — Não pense que eu vou voltar com você — disse ela. — Se você precisar de um leitor para as suas maravilhosas palavras, então vá pedir a Orfeu. Afinal, você já o fez uma vez!

Também desta vez, o Príncipe Negro não perguntou do que Meggie estava falando, apesar de Resa perceber a pergunta em seu rosto cansado. Ele permaneceu ao lado de Resa, enquanto cavalgavam de volta durante todo o longo caminho. O sol se apoderava de um morro após o outro, mas Resa sabia que para ela a noite não teria fim. De agora em diante ela moraria em seu coração. Sempre e sem fim, a mesma noite. Preto e branco ao mesmo tempo, como as mulheres que haviam levado Mo consigo.

25. Fim e começo



EIS UM PEQUENO FATO

Você vai morrer

Markus Zusak, *A menina que roubava livros*



Elas trouxeram tudo novamente: a lembrança da dor e do medo, da queimação da febre e da frieza de suas mãos no coração. Porém, desta vez tudo era diferente. As Damas Brancas tocaram Mo sem que ele se assustasse. Elas sussurraram o nome que consideravam ser o seu, o que soou como palavras de boas-vindas. Sim, elas lhe davam as boas-vindas com suas vozes suaves, cheias de saudades, que ele tantas vezes ouvira em seus sonhos — como se ele fosse um amigo de quem por tanto tempo sentiram falta e que finalmente havia voltado.

Eram tantas, tantas. Seus rostos pálidos o envolviam como névoa, atrás dos quais tudo desaparecia — Orfeu, Resa, Meggie e o Príncipe Negro, que havia pouco estivera ao seu lado. Até mesmo as estrelas haviam desaparecido e o chão sob seus pés. De repente ele estava parado sobre folhas apodrecidas. Seu aroma sentia-se pesado e doce no ar frio. Entre elas havia ossos, alvos e pálidos. Crânios. Membros. Onde estava ele?

Elas te levaram junto, Mortimer, pensou ele. Assim como a Dedo Empoeirado.

Por que será que aquele pensamento não lhe causava medo?

Ouvia os pássaros por cima da sua cabeça, muitos pássaros, e quando as Damas Brancas se afastaram, viu raízes aéreas sobre ele, penduradas de uma altura escura como teias de aranha. Era o

interior de uma árvore, oca como um tubo de um órgão, alta como as torres do Castelo de Ombra. Cogumelos cresciam das paredes de madeira, iluminados por uma luz verde-clara, que caía também sobre os ninhos de pássaros e de fadas. Mo esticou a mão em direção às raízes para assegurar-se que seus dedos ainda sentiam alguma coisa. Sim, eles sentiam. Passou os dedos sobre o próprio rosto, sentiu a pele exatamente como antes, quente. O que significava aquilo? Seria a morte?

Se não era, era o que então? Um sonho?

Ele olhou em volta, ainda como num sonho, e viu os leitos de musgo. Mulheres do musgo dormiam ali, os rostos enrugados sem idade, tanto na morte como na vida. No último leito, porém, havia alguém conhecido, o rosto tão imóvel como da última vez em que o vira. Dedo Empoeirado.

Roxane mantivera a promessa que fizera na mina abandonada: *E ele parecerá estar dormindo quando meus cabelos já estiverem brancos, pois Urtiga me ensinou a preservar o corpo mesmo quando a alma já partiu.*

Reticente, Mo se aproximou daquele ser imóvel. As Damas Brancas, em silêncio, deram-lhe passagem.

Onde você está, Mortimer? Será este ainda o mundo dos vivos, mesmo que os mortos durmam aqui? Dedo Empoeirado realmente parecia dormir. Tranquilo, sem sonhos. Será que Roxane o visitava naquele lugar? Provavelmente. Porém, como ele havia chegado até ali?

— Este é o amigo do qual você queria notícias, não é? — A voz vinha lá de cima, e quando Mo olhou para a escuridão acima dele, viu um pássaro entre as raízes, dourado, com uma mancha vermelha no peito. Com os seus olhos redondos de pássaro, olhava-o fixamente. Porém, a voz que saía de seu bico era a voz de uma mulher.

— Seu amigo é um hóspede muito querido entre nós. Ele nos trouxe o fogo, o único elemento que não me obedece. As minhas filhas gostariam muito de levar você também com elas, porque amam a sua voz, mas elas sabem que essa voz precisa da respiração da carne. E quando, apesar de tudo, lhes ordenei que te

buscassem, como punição por haver encadernado o livro em branco, elas me convenceram a te poupar, e me explicaram que você tinha um plano que me apaziguaria.

— E que plano seria esse? — Mo sentiu a própria voz como a de um estranho ao ouvi-la naquele lugar.

— Você não sabe? Apesar de estar disposto a se separar de tudo que ama por causa disso? Você vai me trazer aquele que você me tirou. Traga-me o Cabeça de Víbora, Gaio.

— Quem é você? — Mo olhou para as Damas Brancas. Olhou para o rosto plácido de Dedo Empoeirado.

— Adivinhe.

O pássaro abriu as penas douradas e Mo percebeu que a mancha em seu peito era sangue.

— Você é a morte. — Mo sentiu a palavra pesar em sua boca. Haveria alguma palavra mais difícil?

— Sim, é como me chamam, apesar de que eu mereceria muitos outros nomes! — O pássaro se sacudiu e penas douradas caíram sobre as folhas aos pés de Mo. Caíram sobre o seu cabelo e seus ombros, e quando ele olhou novamente para cima, viu apenas o esqueleto de um pássaro entre as raízes. — Eu sou o início e o fim, isso sou eu. — Pele surgiu sobre os ossos, orelhas pontudas nasceram do crânio sem pelos. Um esquilo olhava para Mo lá de cima. Com suas mãozinhas, ele se segurou nas raízes, e da pequena boca surgiu a mesma voz com a qual havia falado o pássaro.

— A grande mutação. Esse é o nome que eu mais gosto! — Então, também o esquilo se sacudiu, perdeu o pelo, o rabo e as orelhas e transformou-se numa borboleta, uma lagarta a seus pés, um gato, malhado pela luz na Floresta sem Caminhos — e finalmente, numa marta, que pulou sobre o leito de musgo, onde estava Dedo Empoeirado, e deitou-se aos pés do morto. — Eu sou o início de todas as histórias, e seu fim — disse a marta com a voz do pássaro, com a voz do esquilo. — Passado e renovação. Sem mim, nada nasce, porque nada morre sem mim. Você, porém, perturbou meu trabalho, Gaio, ao encadernar aquele livro que me deixa de

mãos atadas. Por isso eu estava muito furiosa com você, terrivelmente furiosa.

A marta mostrou os dentes, e Mo sentiu como as Damas Brancas se aproximavam dele. Viria ela, enfim, a morte? Sentiu o peito encolher. Tornou-se difícil respirar, como na vez em que as sentiu perto a primeira vez.

— Sim, eu estava furiosa — sussurrou a marta. A voz com que ela falava continuava sendo a de uma mulher, mas agora repentinamente envelhecida. — Porém, as minhas filhas me apaziguaram. Elas amam o teu coração, assim como a tua voz. Elas dizem, ele é grande, muito grande, seria uma pena quebrá-lo agora.

A marta calou. E de repente surgiu novamente um murmúrio que Mo nunca havia esquecido, que o envolvia, estava em todos os lugares. — Proteja-se! Proteja-se, Gaio!

De quem? Os rostos pálidos olhavam para ele. Eles eram belos, porém desapareciam assim que ele tentava observá-los mais detalhadamente.

— De Orfeu! — sussurraram os lábios pálidos.

E de repente Mo ouviu a voz de Orfeu. Sua voz enchia as árvores ocas com um aroma adocicado. *“Ouça-me, mestre do frio”, dissera o escritor. “Ouça-me, mestre do silêncio. Eu te ofereço um acordo. Eu te mando o Gaio, que fez troça de ti. Ele vai acreditar que precisa apenas chamar as tuas pálidas filhas, porém, eu o ofereço a você em troca do Dançarino de Fogo. Leve-o e, em troca, devolva Dedo Empoeirado aos vivos, pois a sua história ainda não acabou de ser contada. Já a do Gaio tem apenas mais um capítulo, e ele deve ser escrito pelas tuas Damas Brancas.” Assim leu e escreveu o escritor, e as suas palavras se tornaram realidade como sempre. O Gaio, presunçoso como era, invocou as Damas Brancas e a Morte não o deixou voltar. O Dançarino de Fogo, porém, voltou, e a sua história teve um novo início.*

Proteja-se...

Foram necessários alguns instantes até que Mo compreendesse. Até que ele amaldiçoasse a sua burrice, que o fizera confiar no homem que quase o havia matado uma vez. Ele tentava

desesperadamente se lembrar das palavras que Orfeu escrevera para Resa. E se ele quiser levar Meggie e Resa pelo mesmo caminho? Lembre-se, Mo! O que foi que ele escreveu?

— Sim, foi realmente uma burrice — zombou a voz de mulher. — Porém, ele foi ainda mais burro que você. Acreditou que poderia me prender com palavras, a mim, que rejeito o país onde não há palavras e de onde todas as palavras vêm. Nada pode me prender, somente o livro em branco, porque você encheu as suas páginas com silêncio branco. Aquele a quem ele protege, me manda quase todos os dias um homem que ele assassinou como mensageiro do seu deboche. Isso faz com que eu queira derreter a carne dos seus ossos! Mas as minhas filhas leem o seu coração como um livro, desde que o tocaram, e me asseguraram que você não vai descansar até que aquele a quem teu livro protege volte a me pertencer. Não é assim, Gaio?

A marta se deitou sobre o peito imóvel de Dedo Empoeirado. — Sim! — sussurrou Mo.

— Bom. Então volte e retire do mundo aquele livro. Preencha-o com palavras antes que chegue a primavera, ou então o inverno jamais terminará para você. Em troca da vida do Cabeça de Víbora eu não exigirei somente a sua, mas também a da sua filha, pois ela te ajudou a encadernar o livro. Você entendeu, Gaio?

— Como assim, duas? — perguntou Mo com voz rouca. — Como você pode exigir duas vidas em troca de uma? Leve a minha, é suficiente.

A marta o olhava fixamente. — Quem decide o preço sou eu — disse a Morte. — Você tem apenas que pagar.

Meggie. Não. Não. “Volte, Resa!”, pensou Mo. “Deixe que Meggie leia as palavras de Orfeu. Tudo é melhor do que isto aqui. Volte! Rápido!”

Mas a marta riu. E novamente a sua voz soou como a de uma mulher velha. — Todas as histórias terminam comigo, Gaio — disse ela. — Você vai me encontrar em todos os lugares. — E como uma prova, ela se transformou no gato de uma só orelha que passeava tão a gosto no jardim de Elinor caçando pássaros. Suave, ele pulou

do peito de Dedo Empoeirado e foi até a perna de Mo. — Então, o que você diz, Gaio? Aceita as minhas condições?

E vou exigir não somente a sua vida em troca da do Cabeça de Víbora, mas também a da sua filha.

Mo olhou para Dedo Empoeirado. Na morte, o seu rosto parecia bem mais pacífico do que em vida. Teria ele encontrado a sua jovem filha do outro lado, e Cosme, e o primeiro marido de Roxane? Estariam os mortos todos no mesmo lugar?

O gato sentou-se diante dele e o encarou.

— Eu imagino — disse Mo, com voz tão rouca que mal entendia as suas próprias palavras —, porém, também tenho uma condição: dê-me o Dançarino de Fogo. A minha voz roubou-lhe dez anos de sua vida. Deixe-me devolvê-los a ele. Além do mais... Não dizem as canções que a morte do Cabeça de Víbora se dará pelo fogo?

O gato se espreguiçou. O pelo caiu vermelho sobre as folhas apodrecidas. Os ossos se cobriram novamente de carne e penas e o pássaro dourado com o peito ensanguentado voou até o ombro de Mo.

— Você gosta de transformar em realidade aquilo que as canções dizem, não é verdade? — sussurrou-lhe. — Muito bem. Eu o darei a você, o Dançarino de Fogo voltará à vida. Porém, quando chegar a primavera, se o Cabeça de Víbora ainda for imortal, o coração dele vai parar de bater juntamente com o seu — e o da sua filha.

Mo ficou sem chão. E teve vontade de pegar o pássaro e torcer o seu pescoço dourado para não ter mais que ouvir aquela voz tão antiga e imóvel, sarcasmo em cada palavra. Meggie. Ele quase tropeçou ao se aproximar mais uma vez de Dedo Empoeirado.

Desta vez as Damas Brancas foram reticentes ao deixá-lo passar.

— Você vê, minhas filhas não querem que ele vá — disse a voz de anciã —, apesar de elas saberem que ele voltará.

Mo olhou para o corpo imóvel. O rosto parecia realmente muito mais tranquilo do que havia sido em vida, e por um momento Mo não teve certeza se realmente estaria fazendo um favor a Dedo Empoeirado ao chamá-lo de volta.

O pássaro continuava sobre o seu ombro, tão leve, as garras tão afiadas.

— O que você está esperando? — perguntou a morte. — Chame-o!
E Mo obedeceu.



26. Uma voz conhecida



O que será que lhe resta?, pergunta-se Langschatten. Que pensamentos e aromas, que nomes? Ou povoarão sua mente apenas vagas sensações e um monte de palavras desconexas?

Barbara Gowdy, *O osso branco*



Eles tinham ido embora. E o haviam deixado sozinho com todo o azul que tão mal combinava com o vermelho do fogo. Azul como o céu da tarde, azul como gerânios, azul como os lábios dos afogados, azul como o coração de uma chama que queima quente demais. Sim, às vezes também fazia calor naquele mundo. Quente e frio, claro e escuro, horrível e belo, tudo ao mesmo tempo. Era mentira que não se sentia nada no mundo dos mortos. Sentia-se e ouvia-se e cheirava-se e via-se, porém, o coração permanecia estranhamente tranquilo — como se descansasse do lado de fora antes que a dança começasse novamente.

Paz. Seria aquela a palavra? Sentiriam-na as guardiãs desse mundo também, ou será que tinham saudade do outro? A dor que elas não conheciam, a carne que elas não habitavam. Talvez. Talvez não. Ele não conseguia ler isso em seus rostos. Percebia nelas ambas as coisas: paz e saudade, alegria e dor. Como se elas, que eram feitas de todas as cores ao mesmo tempo, todas as cores misturadas numa luz branca, soubessem de tudo deste e do outro mundo. Elas lhe contaram que o mundo dos mortos conhecia também outros lugares, mais escuros que aquele para o qual o haviam levado, e que ninguém ficava muito tempo por lá, com exceção dele, porque chamava o fogo para elas...

As Damas Brancas temiam e amavam o fogo. Elas aqueciam suas mãos pálidas nele e riam como crianças quando ele o fazia dançar. Eram crianças jovens e velhas ao mesmo tempo, tão velhas.

Pediam-lhe que fizesse com o fogo árvores e flores, o sol e a lua, ele, porém, criava rostos com as chamas, rostos que via quando as Damas Brancas o levavam consigo para o rio onde lavavam o coração dos mortos. “Olhe lá dentro!”, sussurravam elas. Olhe lá dentro, e aqueles que te amam vão te ver em seus sonhos. E ele se inclinou sobre a água clara e celeste e viu o garoto e a mulher e a menina cujos nomes ele esquecera, e viu como eles sorriam durante o sono.

— Por que eu não me lembro dos seus nomes? — perguntou ele.

— Porque nós lavamos o seu coração — disseram elas. — Porque o lavamos na água azul que separa este mundo do outro. Ela faz com que você esqueça.

Sim. Era assim mesmo. Pois sempre que tentava se lembrar surgia apenas o azul acariciante e frio. Somente quando ele chamava o fogo e o vermelho se estendia, surgiam novamente as imagens, as mesmas imagens que ele via na água. Porém, a saudade adormecia antes que ela despertasse totalmente.

— Como era o meu nome? — perguntava ele às vezes e então elas riam. — Dançarino de Fogo — sussurravam elas. Esse era o seu nome e continuará sendo sempre, pois você ficará conosco por toda a eternidade, você não irá embora como todos os outros, embora para outra vida...

Às vezes elas lhe traziam uma menina, uma menininha. Ele acariciava o seu rosto e sorria, como a mulher que vira na água e nas chamas. — Quem é? — perguntou. — Ela esteve aqui e já foi embora — disseram as Damas Brancas. Ela era a sua filha.

Filha... a palavra parecia dolorosa, porém era apenas uma lembrança do seu coração, ele não a sentia. Ele sentia apenas amor, nada além de amor. Não havia nada além disso.

Onde elas estavam? Elas nunca o haviam deixado sozinho desde que chegara ali, ali... seja onde fosse.

Ele já tinha se acostumado aos seus rostos pálidos, à sua beleza e às vozes sussurrantes.

Porém, de repente ele ouviu outra voz, tão diferente das delas. Ele a conhecia. Conhecia também o nome pelo qual ela chamava.

Dedo Empoeirado.

Ele odiava aquela voz... Ou será que a amava? Não sabia. Sabia apenas uma coisa: que ela trouxera de volta tudo o que ele havia esquecido, como uma dor aguda que fizera o seu coração imóvel bater novamente. Aquela voz não tinha lhe trazido dor alguma vez, tanta, que quase partiu o seu coração? Sim, ele se lembrava! Ele colocou a mão sobre os ouvidos, porém no mundo dos mortos não se ouve apenas com os ouvidos, e a voz penetrou nele até a parte mais profunda, como sangue fresco voltando a correr nas veias havia muito coaguladas.

— Acorde, Dedo Empoeirado! — disse ele. — Volte. A história ainda não acabou.

A história... ele sentiu como o azul o agarrava, como a carne firme o envolvia outra vez, e novamente um coração começou a bater em seu peito estreito.

Língua Encantada, pensou ele. É a voz de Língua Encantada. E de repente todos os nomes voltaram — Roxane, Brianna, Farid — e a dor estava novamente ali, e o tempo, e a falta.

27. Perdido e de volta



Porque eu não consegui me convencer por um momento que os mortos estão definitivamente mortos.

Saul Bellow, Henderson, o rei da chuva



Ainda estava escuro quando Gwin acordou Roxane. Ela continuava não gostando da marta, mas não tinha coragem de mandá-la embora. Vira-a tantas vezes sentada no ombro de Dedo Empoeirado, que por vezes imaginava poder sentir o calor das mãos dele no pelo marrom. A marta deixava que Roxane a acariciasse desde que seu senhor havia morrido. Antes ela nunca o permitira. Mas antes ela havia devorado as suas galinhas. Agora ela as poupava como se fosse parte de um acordo silencioso, seu agradecimento por Brianna permitir que a seguisse quando ia visitar o seu dono. Somente Gwin conhecia o seu segredo, quem lhe fazia companhia enquanto ela ficava sentada entre os mortos durante uma hora, às vezes, duas horas, e se perdia entre os rostos silenciosos.

— Ele voltou! — disse o pelo arrepiado de Gwin, ao pular sobre seu peito, mas Roxane não compreendeu. Empurrou a marta para longe ao ver que lá fora ainda estava escuro, mas ela não a deixou em paz, rosnou e arranhou a porta. É claro que ela teve que pensar imediatamente nas patrulhas que o pardal gostava de mandar de noite para os sítios solitários. Com o coração batendo pegou a faca que estava debaixo do seu travesseiro e colocou o vestido enquanto a marta continuava arranhando a porta impaciente. Por sorte ela

ainda não acordara Jehan. Seu filho dormia profundamente. Os gansos também não se manifestaram... o que era estranho.

Com os pés descalços ela foi até a porta, a faca na mão, e prestou atenção, porém não se ouvia nada vindo de fora, e quando cuidadosamente ela saiu, sentiu como se ouvisse a noite respirar, profunda e regularmente como uma pessoa adormecida. As estrelas brilhavam sobre ela como flores de luz, e a sua beleza fazia com que seu coração cansado doesse.

— Roxane...

A marta passou correndo por ela.

Não podia ser. Os mortos não voltam mesmo que eles prometam. Mas a silhueta que surgia entre as sombras ao lado do estábulo era tão conhecida.

Gwin rosnou ao ver a outra marta no ombro do seu dono.

— Roxane. — Ele falou seu nome como se quisesse senti-lo na boca, feito algo cujo sabor não sentira havia muito tempo.

Era um sonho, um daqueles sonhos que ela tinha quase todas as noites, no qual via um rosto tão detalhadamente que poderia tocá-lo durante o sono, e seus dedos se lembrariam daquela pele no dia seguinte. Mesmo quando ele a abraçou com tanto cuidado, como se não tivesse certeza se ainda sabia abraçá-la, ela não se mexeu — porque suas mãos não acreditavam que poderiam senti-lo realmente, porque os seus braços não acreditavam que poderiam abraçá-lo novamente. Mas os seus olhos podiam vê-lo. Seus ouvidos percebiam a sua respiração. Sua pele sentia a dele, tão quente como se o fogo estivesse em seu corpo, depois de haver estado tão frio, tão terrivelmente frio.

Ele mantivera a sua promessa. E mesmo que tivesse vindo somente em sonho, era melhor do que nada, muito melhor.

— Roxane! Olhe para mim. Olhe bem para mim. — Ele segurou seu rosto entre as mãos, acariciou-lhe a face, secou-lhe as lágrimas que ela tantas vezes sentira na pele ao acordar. E só então ela o puxou para si e deixou que suas mãos comprovassem que não estava abraçando apenas um fantasma. Não podia ser. Ela chorava, enquanto pressionava o seu rosto no dele. Queria bater nele por tê-la abandonado por causa do garoto, por toda a dor que sentira por

sua causa, tanta dor, mas o seu coração a entregou como da primeira vez que ele voltara. Ele a entregava todas as vezes.

— O que foi? — Ele a beijou novamente.

As cicatrizes. Elas haviam desaparecido, como se as Damas Brancas as houvessem lavado antes de mandá-lo de volta à vida.

Ela pegou as mãos dele e colocou-as em sua face.

— Veja só! — disse ele e passou os dedos pela própria pele como se fosse a de um estranho. — Elas realmente desapareceram. Basta não gostaria nada disso.

Por que elas o haviam deixado ir? Quem pagara por ele o preço, assim como ele fizera pelo garoto?

Por que ela se perguntava isso? Ele estava de volta. Era tudo o que importava, voltara do lugar sem retorno. Onde estavam todos os outros. Sua filha, Jehan, o pai do seu filho, Cosme... tantos mortos. Mas ele estava de volta. Mesmo que visse em seus olhos que desta vez estivera tão longe que algo dele ficara por lá.

— Quanto tempo você vai ficar desta vez? — sussurrou ela.

Ele não respondeu imediatamente. Gwin encostou a cabeça em seu pescoço e olhou para ele como se também quisesse saber a resposta.

— Enquanto a morte o permitir — respondeu ele finalmente e colocou a mão dela sobre o seu coração que batia.

— O que isso quer dizer? — murmurou ela.

Mas ele fechou a sua boca com um beijo.



28. Uma nova canção



*Da escura floresta vem a esperança certa,
os príncipes já estão abalados.*

*Seu cabelo é preto como o pelo da toupeira,
ele deixa os tiranos irados.*

Fenoglio, *As canções do Gaio*



— O Gaio voltou da morte. — Era Doria quem trazia a notícia para o Príncipe Negro. Pouco antes do amanhecer o garoto entrara aos tropeções em sua tenda, tão sem ar que mal conseguia pronunciar as palavras. — Uma mulher do musgo o viu. Nas árvores ocas, ali onde as curandeiras enterram seus mortos. Disse que ele trouxe o Dançarino de Fogo com ele. Por favor! Posso contar a Meggie?

Palavras abstratas. Maravilhosas demais para serem verdade. Mas o Príncipe Negro foi imediatamente até as árvores ocas — depois de fazer prometer a Doria que não contaria a ninguém o que acabara de lhe dizer: nem a Meggie nem à mãe dela, nem ao Afanador, ou a qualquer um dos ladrões, nem mesmo ao seu próprio irmão, que dormia feito pedra lá fora perto do fogo.

— Mas o Pífaro já deve estar sabendo! — gaguejou o garoto.

— Pior ainda — respondeu o Príncipe. — Então espero encontrá-lo antes dele.

Ele cavalgou rápido, tão rápido que logo o urso estaria arfando de mau humor ao seu lado. Por que a pressa? Por causa de uma esperança teimosa? Porque o seu coração tinha que continuar acreditando.

Por que o seu coração queria continuar acreditando na luz em meio àquela escuridão? Por que ele criava sempre novas esperanças, apesar de haver se decepcionado tantas vezes? “Você

tem o coração de uma criança, Príncipe”, não havia dito tantas vezes Dedo Empoeirado? E ele trouxera consigo o Dançarino de Fogo. Não podia ser. Nas canções é que aconteciam essas coisas, nas canções e nas histórias que as mães contam aos seus filhos de noite para que eles não a temam...

A esperança nos torna inconsequentes, ele deveria saber disso também. O Príncipe Negro só viu os soldados quando apareceram diante dele entre as árvores. Eram muitos. Ele contou dez. Carregavam uma mulher do musgo com eles. Seu pescoço já estava ferido, por causa da corda que usavam para arrastá-la. Provavelmente eles a haviam capturado para que os guiasse até as árvores ocas. Quase ninguém conhecia o lugar onde as curandeiras enterravam os seus mortos. Isso significava que elas mesmas cuidavam para que o mato escondesse todos os caminhos até lá, mas o Príncipe Negro conhecia o caminho desde que ajudara Roxane a levar Dedo Empoeirado para lá.

Era um lugar sagrado, mas em seu medo a mulher do musgo havia realmente guiado os encouraçados na direção certa. Viam-se as copas mortas das árvores já ao longe. Elas se espalhavam cinzentas entre as árvores ainda amarelo-outonais, como se a manhã as tivesse consumido, e o Príncipe rezou para que o Gaio não estivesse lá. Era melhor estar nas mãos das Damas Brancas do que nas do Pífaros.

Os encouraçados o alcançaram por trás, as espadas nas mãos. A mulher do musgo caiu de joelhos quando seus guardiães tiraram também a espada e se voltaram para a nova presa. O urso se levantou e mostrou os dentes. Os cavalos relincharam e dois dos soldados retrocederam, mas ainda assim eram muitos, muitos para uma faca e um par de garras.

— Vejam só, aparentemente não somente o Pífaros é idiota o suficiente para acreditar na conversa das mulheres do musgo! — O chefe deles era quase tão pálido como as Damas Brancas, o rosto coberto de sardas. — O Príncipe Negro! Eu aqui amaldiçoando o meu destino de ter que cavalgar pela maldita floresta para prender um fantasma, e quem aparece no meu caminho? Seu irmão negro!

A recompensa não é tão alta como para o Gaio, mas fará de todos nós homens ricos!

— Você se engana. Se vocês o tocarem serão homens mortos.

E a sua voz desperta os mortos e faz o lobo deitar ao lado da ovelha... O Gaio surgiu tão naturalmente por trás da árvore, como se estivesse esperando ali pelos soldados. *Não me chamem assim, esse nome é para as canções!* Quantas vezes ele não dissera isso ao Príncipe, mas então como deveria chamá-lo?

Gaio. Eles sussurravam o seu nome, as vozes roucas de medo. Quem era ele? Quantas vezes o Príncipe já se perguntara. Vinha ele realmente do país onde Dedo Empoeirado estivera por tantos anos? E que país era aquele? O país onde as canções se tornavam realidade?

Gaio.

O urso deu um urro de boas-vindas, o que fez com que os cavalos se inquietassem, e o Gaio puxou a sua espada tão lentamente como sempre fazia, a espada que antes havia pertencido ao Raposa Vermelha e que matara tantos homens do Príncipe Negro. O rosto sob o cabelo escuro parecia mais pálido do que normalmente, mas o Príncipe não viu medo nenhum nele. Quando se visitava a morte, provavelmente esquecia-se o que era o medo.

— Sim, como vocês veem, eu realmente voltei da morte. Mesmo que ainda sinta as suas garras. — Ele falava de forma tão ausente, como se parte dele houvesse ficado com as Damas Brancas. — Será um prazer mostrar-lhes o caminho, se vocês quiserem. — o Gaio movimentou a espada pelo ar, como se escrevesse os seus nomes — então deixe-os ir. Ele e urso.

Eles se limitavam a olhar fixamente para ele enquanto seguravam com mãos trêmulas a espada, como se segurassem a própria morte. Nada causava mais medo do que a ausência de medo, e o Príncipe Negro, ao se aproximar do Gaio, sentiu as palavras como um escudo, as palavras que se ouviam de norte a sul, cantadas em voz baixa: a mão branca e a mão negra da justiça.

A partir de hoje será uma nova canção, pensou o Príncipe ao desembainhar sua espada, e sentiu seu coração tão loucamente jovem como se fosse capaz de lutar contra mil homens. Os homens

do Pífaros, porém, deram meia-volta com seus cavalos e fugiram — de dois homens... e as palavras.

Quando eles foram embora, o Gaio se aproximou da mulher do musgo que continuava ajoelhada sobre a grama, as mãos sobre o rosto marrom, e desamarrou a corda que cingia o seu pescoço.

— Alguns meses atrás uma de vocês curou uma ferida bastante profunda que eu tinha — disse ele. — Foi você, não foi?

A mulher do musgo deixou que ele a ajudasse, mas o olhava com certa hostilidade. — O que você quer dizer com isso? Que aos olhos dos humanos nós somos todas iguais? — perguntou ela rudemente. — Bem, conosco é a mesma coisa. Como posso saber se eu já vi você alguma vez? — E foi embora mancando sem lançar um único olhar ao seu salvador que ficou ali, seguindo-a com a vista como se tivesse esquecido onde estava.

— Quanto tempo eu fiquei fora? — perguntou ele quando o Príncipe Negro se aproximou.

Mais de três dias.

— Tanto assim? — Sim, ele estivera longe, muito longe. — Claro. O tempo passa de outra forma quando nos deparamos com a morte. Não é assim que dizem?

— Sobre isso você sabe melhor do que eu — respondeu o Príncipe.

O Gaio não disse nada.

— Você já soube quem eu trouxe comigo? — perguntou ele finalmente.

— É difícil acreditar em tão boa notícia — disse o Príncipe Negro com voz rouca, mas o Gaio sorriu e passou os dedos pelos seus cabelos recém-tosados.

— Você pode deixar crescer novamente — disse ele. — Aquele por quem você raspou a cabeça respira novamente. Somente a cicatriz ele deixou entre os mortos.

Não podia ser.

— Onde ele está? — O seu coração ainda tinha a ferida da noite em que juntamente com Roxane velara Dedo Empoeirado.

— Provavelmente com Roxane. Eu não lhe perguntei para onde ele iria. Nenhum de nós dois tinha vontade de conversar. As Damas

Branças nos deixam o silêncio, Príncipe, e não palavras.

— Silêncio? — O Príncipe Negro riu e puxou-o para perto. — O que você está falando? Elas nos deixaram a alegria, nada além da alegria! E a esperança, enfim, novamente a esperança! Eu me sinto jovem como há muitos anos não me sentia! Como se eu pudesse arrancar uma árvore com as mãos, aquelas ali talvez não, mas muitas outras. Hoje à noite vamos todos cantar, que o Gaio teme tão pouco a morte, que lhe faz visitas, e o Pífaro vai arrancar seu nariz de prata de tanta raiva...

O Gaio sorriu novamente, mas o seu olhar era sério, sério demais para alguém que havia voltado são e salvo da morte. E o Príncipe Negro percebeu que por trás das boas notícias havia algo ruim, uma sombra por trás da luz. Mas eles não falaram sobre isso. Não ainda.

— Como estão a minha mulher e a minha filha? — perguntou o Gaio. — Elas já foram... embora?

— Embora? — O Príncipe Negro olhou para ele surpreso. — Não. Para onde elas deveriam ter ido?

Alívio e preocupação misturaram-se no rosto de ambos ao mesmo tempo. — Em algum momento eu vou te explicar isso também — disse ele. — Em algum momento. Mas é uma longa história.



29. Visita no porão de Orfeu



*Tantas vidas,
Tanto para recordar!
Eu fui uma pedra no Tibete.
Um pedaço de casca
No mais profundo coração da África,
Cada vez mais negro...
Derek Mahon, *Lives**



Enquanto apertava o pescoço de Farid, Oss disse a ele que Orfeu queria vê-lo imediatamente em seu escritório. Farid tratou então de levar duas garrafas de vinho com ele. O Cabeça de Queijo bebia feito uma esponja desde que haviam voltado dos cemitérios dos menestréis, o vinho porém não fazia com que Orfeu ficasse mais falante, como era o caso de Fenoglio, mas o tornava ainda mais malvado e imprevisível.

Quando Farid entrou no escritório, ele estava perto da janela, como de costume, um pouco cambaleante, na mão a folha de papel que nos últimos dias tantas vezes contemplara, amaldiçoara, amassara e novamente esticara.

— Aqui está, preto no branco, cada letra linda como um quadro, e soa bem também, diabolicamente bem! — disse ele com a língua pesada, enquanto os seus dedos apontavam para as letras. — Por que então, por todos os demônios, esse encadernador está de volta?

Do que o Cabeça de Queijo estava falando? Farid colocou as garrafas de vinho sobre a mesa e ficou ali esperando. — Oss disse que você quer falar comigo? — perguntou ele.

Jaspis estava sentado ao lado da caneca com as plumas e lhe acenava nervosamente, mas Farid não entendeu.

— Ah, sim. O anjo da morte de Dedo Empoeirado. — Orfeu colocou o papel sobre a escrivaninha e virou-se para ele com um sorriso maldoso.

“Por que você voltou para ele?”, pensou Farid, mas bastava lembrar do rosto cheio de ódio de Meggie no cemitério para dar a si mesmo a resposta. Porque você não sabia para onde mais poderia ir, Farid!

— Sim, eu mandei que te chamassem. — Orfeu olhou para a porta. Oss havia entrado na câmara atrás de Farid, num silêncio surpreendente para alguém do seu tamanho, e antes que Farid compreendesse por que Jaspis continuava a acenar nervosamente para ele, as mãos musculosas já o haviam agarrado.

— Quer dizer então que você ainda não sabe da novidade! — disse Orfeu. — Claro que não. Se não você já teria ido correndo atrás dele na mesma hora.

Atrás de quem? Farid tentava se soltar, mas Oss o puxava tão rudemente pelos cabelos, que a dor fez com que surgissem lágrimas em seus olhos.

— Ele realmente ainda não sabe. Que emocionante. — Orfeu aproximou-se tanto que Farid ficou enjoado com o seu bafo de vinho.

— Dedo Empoeirado — disse ele com voz doce. — Dedo Empoeirado voltou.

Farid esqueceu os dedos rudes de Oss e o sorriso maldoso de Orfeu.

Ele sentia apenas a felicidade, como uma dor pungente, demais para o seu coração.

— Sim, ele está de volta — continuou Orfeu —, graças às minhas palavras, mas a plebe lá fora — ele apontou a janela com um gesto de desprezo — diz que foi o Gaio quem o trouxe de volta! Malditos sejam. O Pífaros deveria fazer carne de minhoca com eles todos!

Farid não ouviu. O seu sangue corria forte pelas orelhas. Dedo Empoeirado estava de volta! Ele estava de volta!

— Me solta, Montanha de Carne! — Farid enfiou o cotovelo na barriga de Oss e se esquivou de suas mãos. — Dedo Empoeirado vai mandar o fogo para cima de vocês dois! — gritou ele. — Sim,

ele o fará, assim que souber que vocês não me deixaram ir vê-lo imediatamente!

— Ah, é mesmo? — Orfeu soprou novamente o bafo de vinho em seu rosto. — Pelo contrário, eu acho que ele vai me ser muito grato, ou você pensa que ele quer que você lhe traga a morte novamente, seu pé frio! Eu já lhe avisei que tomasse cuidado contigo. Na época ele não quis ouvir, mas agora ele será mais esperto, acredite em mim. Se eu tivesse aqui comigo o livro de onde você veio, eu já teria te mandado de volta para a sua antiga história há muito tempo. Porém, infelizmente, ele está esgotado neste mundo.

Orfeu riu. Ele gostava de rir das próprias piadas. — Tranque-o no porão! — ordenou ao Montanha de Carne. — E assim que anoitecer, leve-o à montanha das forcas e torça o seu pescoço. Alguns ossos a mais ou a menos lá em cima não farão diferença.

Jaspis colocou as mãos sobre os olhos quando Oss pegou Farid e jogou-o sobre o ombro. Farid gritou e deu pontapés, mas o Montanha de Carne lhe deu um soco tão forte no rosto que ele quase desmaiou.

— Gaio! Gaio! Fui eu quem o mandou para as Damas Brancas. Fui eu! — A voz de Orfeu ressoava pelas escadas. — Por que, pelo rabo do demônio, a morte o mandou de volta? Será que eu, com as mais belas palavras, não tornei o nobre idiota apetitoso o suficiente?

Ao pé da escada, Farid tentava se libertar novamente, mas Oss voltou a bater nele, desta vez com tanta força que o sangue escorreu pelo seu nariz, e o jogou sobre o outro ombro. Uma criada, a pequena de cabelos castanhos que sempre lhe murmurava juras de amor, esticou assustada a cabeça para fora da porta quando Farid passou pela cozinha, mas não o ajudou. E como poderia?

— Suma! — rosnou Oss para ela, antes de arrastar Farid para o porão. Após amarrá-lo num dos pilares que sustentava a casa de Orfeu, enfiou um pedaço de pano imundo em sua boca e o deixou ali sozinho, não sem antes dar-lhe um forte chute.

— A gente se vê quando escurecer! — rosnou para ele antes de subir novamente a escada, e Farid ficou ali, a pedra fria em suas costas e o gosto das próprias lágrimas na boca.

Doía tanto saber que Dedo Empoeirado estava de volta e que mesmo assim ele não o voltaria a ver. “Mas é assim que vai ser, Farid!”, pensou ele, “e quem sabe, talvez o Cabeça de Queijo tenha até razão. Talvez você apenas provocasse a sua morte novamente!”

As lágrimas queimavam em seu rosto, tão fortes haviam sido os golpes de Oss. Se ao menos ele pudesse invocar o fogo para que consumisse Orfeu, junto com a sua casa e o Montanha de Carne, mesmo que ele tivesse que queimar junto! Mas ele não podia mover as mãos, e a sua boca não tinha como pronunciar uma única palavra de fogo, sendo assim, ficou lá encolhido soluçando, como na noite da morte de Dedo Empoeirado, esperando que a noite chegasse e Oss aparecesse para torcer-lhe o pescoço sob as forcas onde ele havia cavado para Orfeu em busca da prata.

Por sorte a marta tinha ido embora. Com certeza Oss a teria matado também. Mas Sorrteiro devia estar havia tempo com Dedo Empoeirado. A marta sentiu que ele estava de volta. Por que você não sentiu também, Farid? Dá no mesmo. Ao menos Sorrteiro estava a salvo. Mas o que seria de Jaspis quando ele não estivesse mais lá para protegê-lo? Quantas vezes Orfeu não havia trancado o homem de vidro sem luz e sem areia dentro de uma gaveta, só porque ele fora inábil ao cortar o papel ou espirrara a sua manga com tinta!

— Dedo Empoeirado! — Era tão bom poder sussurrar o seu nome sabendo que ele estava vivo. Quantas vezes Farid imaginou como seria voltar a vê-lo. A saudade que sentia o fazia tremer como se fosse tomado por uma febre. Quem teria pulado primeiro em seu ombro para lambe as cicatrizes do seu rosto? Gwin ou Sorrteiro?

As horas passavam, em algum momento Farid conseguiu cuspir o pedaço de pano. Ele tentou morder a corda com a qual Oss o havia amarrado, mas até mesmo um rato teria feito melhor. Será que procurariam por ele quando estivesse morto e desmembrado na montanha das forcas? Dedo Empoeirado, Língua Encantada, Meggie... Ah, Meggie. Ele nunca mais a beijaria. Bom, nos últimos tempos ele não o havia feito muitas vezes. Mas mesmo assim... Cabeça de Queijo traidor! Farid lançava-lhe todas as maldições de que podia lembrar, deste mundo, do seu antigo mundo e daquele

onde encontrara Dedo Empoeirado. Ele as pronunciou todas em voz alta porque só assim elas funcionariam — e calou-se assustado ao ouvir que a porta do porão se abria.

Já era de noite? Provavelmente. Não era possível saber, naquele buraco cheio de mofo. Será que Oss iria quebrar o seu pescoço como a uma lebre, ou pressionaria as suas mãos enormes em sua boca até que não pudesse mais respirar? Não pense nisso, Farid, você o saberá em breve! Ele pressionou as costas contra a coluna. Talvez ao menos ele pudesse dar-lhe um chute no nariz. Um chute bem dado em seu rosto idiota quando o desamarrasse, e ele se partiria como um galho seco.

Desesperado, tentou livrar-se da corda áspera, mas infelizmente Oss sabia amarrar muito bem. Meggie! Você não pode me mandar algumas palavras salvadoras, como a seu pai? Ah, como o medo enfraquecia os seus membros. Ele ouviu passos que vinham pela escada. Eles eram surpreendentemente suaves para o Montanha de Carne, e de repente surgiram as duas martas, correndo em sua direção.

— Por todas as fadas, o Cara de Lua conseguiu realmente ganhar dinheiro! — sussurrou uma voz da escuridão. — Que casa mais elegante! — Uma chama começou a dançar, uma segunda, terceira, quarta, quinta... cinco chamas, claras o suficiente para iluminar o rosto de Dedo Empoeirado — e Jaspis, sentado em seu ombro com um sorriso tímido. Dedo Empoeirado.

O coração de Farid ficou tão leve que ele não teria se espantado se simplesmente saísse flutuando. Mas o que havia acontecido com o rosto de Dedo Empoeirado? Ele estava diferente. Como se todos aqueles anos tivessem desaparecido, todos os anos ruins, os anos solitários e...

— As suas cicatrizes... desapareceram!

Farid mal conseguia falar. A felicidade caía como algodão sobre suas palavras. Sorrateiro pulou sobre ele e lambeu as suas mãos amarradas.

— Sim, imagine! Eu acho que Roxane sente falta delas. — Dedo Empoeirado desceu as escadas e ajoelhou-se ao seu lado. Vozes nervosas chegavam até eles.

Dedo Empoeirado tirou a faca do cinto e cortou-lhe as amarras. — Você está ouvindo? Temo que em breve Orfeu vai descobrir que ele tem visitas.

Farid esfregou os pulsos sem sensibilidade. Ele não conseguia tirar os olhos de Dedo Empoeirado. E se ele fosse apenas um fantasma, ou — pior ainda — apenas um sonho? Mas se fosse, teria ele sentido o seu calor e as batidas do seu coração quando ele se aproximou? Não mais o terrível silêncio que envolvera Dedo Empoeirado na mina. E ele cheirava a fogo.

O Gaio o trouxera de volta. Sim, com certeza fora ele. Fosse lá o que Orfeu quisesse contar.

Oh, ele escreveria o seu nome com fogo nos muros de Ombra, Língua Encantada, Gaio, fosse lá quem fosse! Farid esticou a mão e tocou aquele rosto ao mesmo tempo tão conhecido e tão distante.

Dedo Empoeirado riu baixinho e o ajudou a levantar-se. — O que foi? Você quer ter certeza que eu não sou um fantasma? Você ainda tem medo deles, não é? E se eu fosse um fantasma? — Como resposta Farid o abraçou tão forte que Jaspis escorregou com um grito agudo do ombro de Dedo Empoeirado. Por sorte ele segurou o homem de vidro antes que Gwin o fizesse.

— Cuidado, cuidado! — sussurrou Dedo Empoeirado e colocou Jaspis no ombro de Farid. — Você continua sendo tão intempestivo como um jovem bezerro. Você tem que agradecer ao seu amigo de vidro o fato de eu estar aqui. Ele contou a Brianna o que Orfeu queria fazer com você, e ela foi avisar Roxane.

— Brianna? — O homem de vidro enrubesceu quando Farid o colocou sob seu ombro. — Obrigada, Jaspis!

Ele olhou em volta. A voz de Orfeu ressoava pela escada do porão. — Um desconhecido? Do que você está falando? Como é que ele passou por você?

— A culpa é da criada! — Farid ouviu Oss protestar. — A criada ruiva simplesmente deixou que ele entrasse pela porta de trás!

Dedo Empoeirado ouvia com atenção, o velho sorriso sarcástico nos lábios, de que tanto Farid sentira falta. Faíscas dançavam em seus ombros e sobre seus cabelos. Até mesmo sob a sua pele elas

pareciam brilhar, e a pele do próprio Farid estava quente como se desde que tocara Dedo Empoeirado o fogo a houvesse lambido.

— O fogo — sussurrou ele. — Ele está dentro de você?

— Talvez — respondeu Dedo Empoeirado num sussurro. — Eu já não sou o mesmo de antes, mas tenho alguns truques novos bem interessantes.

— Truques?

Farid olhou para ele, mas lá de cima veio novamente a voz de Orfeu. — Ele tem cheiro de fogo? Deixe-me passar, seu rinoceronte humano! Ele tem cicatrizes no rosto?

— Não! Como assim? — a voz de Oss soou magoada.

Novamente os passos subiam as escadas, pesados e inseguros desta vez. Orfeu odiava ter que subir ou descer escadas, e Farid o ouviu reclamar.

— Meggie leu Orfeu para cá! — sussurrou ele enquanto se aproximava de Dedo Empoeirado. — Eu pedi que ela o fizesse porque pensei que ele poderia te trazer de volta!

— Orfeu? — Dedo Empoeirado riu novamente. — Não. Eu ouvi apenas a voz de Língua Encantada.

— A sua voz talvez, mas foram as minhas palavras que te trouxeram de volta! — Orfeu tropeçou nos últimos degraus, o rosto vermelho por causa do vinho. — Dedo Empoeirado. É você realmente! — A sua voz parecia realmente feliz.

Oss apareceu por trás de Orfeu, medo e raiva em seu rosto rude. — Olhe para ele, senhor! — disse. — Ele não é humano. Ele é um demônio ou um íncubo. Veja as faíscas de fogo em seu cabelo. Quando tentei segurá-lo, quase queimei os dedos, como se ele tivesse colocado carvão queimando em minhas mãos!

— Sim, sim — se limitou a dizer Orfeu. — Ele vem de longe, de muito longe. Uma viagem dessas pode transformar-nos. — Ele olhava fixamente para Dedo Empoeirado como se temesse que este fosse sumir no ar a qualquer momento, ou, mais provavelmente, em algumas palavras sem vida num rolo de papel.

— Ah, estou tão contente em ter você de volta! — ele gaguejou, a voz insegura de saudade. — E as tuas cicatrizes desapareceram! Que impressionante. Eu não escrevi nada sobre isso. Bom, seja

como for... você está de volta! Este mundo não tem nem metade do seu valor sem você, mas agora tudo vai voltar a ser tão maravilhoso como antes, como da primeira vez em que eu li sobre você. Foi sempre a melhor de todas as histórias, mas a partir de agora você será o herói dela, só você, graças a minha arte que te trouxe para casa e agora até te arrancou da morte!

— A sua arte? Foi muito mais a coragem de Língua Encantada. — Dedo Empoeirado fez com que uma chama dançasse em sua mão. Ela assumiu a forma de uma Dama Branca, com tantos detalhes, que Oss se encostou assustado contra a parede.

— Bobagens! — Por um momento a voz de Orfeu soou como a de um garoto magoado, mas rapidamente ele voltou a se controlar. — Bobagens! — repetiu, desta vez controlado, mesmo que a sua língua ainda se enrolasse um pouco do vinho.

— Seja lá o que ele te contou, não é verdade. Fui eu.

— Ele não me contou nada. Não precisava. Ele estava lá, ele e a sua voz.

— Mas fui eu quem teve a ideia — e quem escreveu as palavras! Ele foi apenas um instrumento. — Orfeu pronunciou a última palavra com tanta raiva como se a cuspiu no rosto de Língua Encantada.

— Ah sim... suas palavras! Palavras traidoras pelo que eu ouvi falar. — Na mão de Dedo Empoeirado ainda queimava a imagem da Dama Branca. — Talvez eu devesse levar essas palavras para Língua Encantada, para que ele possa ler novamente que papel você lhe destinou nisso tudo.

Orfeu se endireitou, reto como uma vela. — Eu as escrevi só para você! — disse ele com voz magoada. — Para mim a única coisa importante era que você voltasse. De que me interessa esse encadernador? E afinal eu tinha que oferecer alguma coisa à morte!

Dedo Empoeirado soprou diretamente na chama, que queimava em sua mão. — Oh sim, eu entendo muito bem — disse ele em voz baixa, enquanto o fogo formava a imagem de um pássaro dourado com uma mancha vermelha no peito. — Eu entendo muitas coisas desde que estive do outro lado, e de duas coisas tenho certeza: que

a morte não se deixa levar pelas palavras, e que não foi você, e sim Língua Encantada quem foi até as Damas Brancas.

— Só ele podia chamá-las. O que eu poderia fazer? — disse Orfeu. — E ele só o fez por causa de sua esposa! Não foi por você!

— Bom, esse é um bom motivo. — O pássaro de fogo se desfez na mão de Dedo Empoeirado. — E quanto às palavras — para dizer a verdade... Gosto muito mais da voz dele do que da sua, mesmo que nem sempre ela tenha me feito feliz. A voz de Língua Encantada está cheia de amor. A sua fala apenas de você mesmo. Sem comentar que você adora ler palavras das quais ninguém sabe nada, ou esquece algumas que havia prometido ler. Não é verdade, Farid?

Farid se limitava a olhar fixamente para Orfeu, o rosto paralisado de ódio.

— Bom, seja como for — continuou Dedo Empoeirado, enquanto em sua mão surgia das cinzas novamente a chama trêmula. — Vou levar as palavras comigo e o livro também.

— O livro? — Orfeu deu um passo para trás como se o fogo na mão de Dedo Empoeirado tivesse se transformado em uma serpente. — Sim, você o roubou de Farid, não se lembra? O que significa que ele não lhe pertence, mesmo que você o tenha usado com frequência, pelo que já ouvi falar. Fadas coloridas, duendes malhados, unicórnios... Dizem que há até anões agora no castelo. O que significa isso? As fadas azuis não eram bonitas o suficiente para você? O Pardal dá pontapés nos anões, e o unicórnio você o traz aqui apenas para morrer.

— Não, não! — Orfeu levantou as mãos na defensiva. — Você não entende! Eu tenho grandes planos para esta história. Estou trabalhando nisso ainda, mas acredite em mim, será fantástico! Fenoglio deixou tantas coisas sem uso, tantas coisas que ele não descreveu... Eu quero mudar tudo isso, melhorar.

Dedo Empoeirado virou sua mão para baixo e deixou que as cinzas caíssem sobre o chão de Orfeu. — Você fala como Fenoglio, mas você provavelmente é muito pior do que ele. Este mundo tece suas próprias tramas. O que vocês fazem é apenas perturbá-lo,

dividi-lo, juntar o que não combina, em vez de deixar as melhoras a cargo daqueles que vivem nele.

— Ah é, de quem, por exemplo? — A voz de Orfeu soou cheia de ódio. — Do Gaio? Desde quando ele faz parte disto aqui?

Dedo Empoeirado encolheu os ombros. — Quem sabe? Talvez todos nós façamos parte apenas de uma única história. E agora traga-me o livro. Ou devo pedir a Farid que vá buscá-lo?

Orfeu olhou para ele com tanta amargura, como um amante rejeitado.

— Não! — disse ele finalmente. — Eu preciso dele. O livro fica aqui. Você não pode tirá-lo de mim. Eu estou te avisando. Não apenas Fenoglio é capaz de escrever palavras que te causem dor! Eu posso te...

— Eu não tenho mais medo das palavras — interrompeu Dedo Empoeirado impaciente. — Nem das tuas, nem das de Fenoglio. Elas também não puderam decidir a minha morte. Você esqueceu? — Ele estendeu a mão no ar e uma chama surgiu dela. — Vá buscar o livro — disse ele para Farid. — Traga tudo o que ele escreveu. Cada palavra.

Farid concordou.

Ele estava de volta. Dedo Empoeirado estava de volta.

— Vocês têm que levar a lista também. — A voz de Jaspis soou tão fina quanto seus membros. — A lista que ele me obrigou a fazer com todas as palavras que Fenoglio já escreveu! Eu cheguei até a letra F.

— Ah, nada bobo! Uma lista. Eu te agradeço, homem de vidro.

Dedo Empoeirado sorriu. Não, realmente o seu sorriso não havia mudado. Farid estava tão feliz que ele não o houvesse deixado com as Damas Brancas.

Ele colocou Jaspis sobre o ombro e foi em direção à escada. Sorrateiro pulou atrás dele.

Orfeu tentou se colocar em seu caminho, mas recuou quando a tocha fez com que o vidro de seus óculos embaçasse e a chama queimou a sua camisa de seda. Oss era mais corajoso do que o seu senhor, porém, com o sussurro de Dedo Empoeirado, a tocha o segurou com suas mãos de fogo e, antes que Oss pudesse se

recuperar do susto, Farid já havia passado por ele. Ágil como uma gazela, subiu as escadas com o coração alegre e na boca o doce gosto da vingança.

— Jaspis! — gritou Orfeu atrás dele. — Eu vou te quebrar em tantos pedacinhos que não vai ser possível reconhecer nem mesmo a sua cor!

O homem de vidro enterrou os dedos nos ombros de Farid, mas não olhou para trás.

— E você, seu pequeno tratador de camelos mentiroso — a voz de Orfeu tornou-se mais alta —, eu vou fazer com que desapareça em uma história cheia de fantasmas feitos sob medida para você!

A ameaça paralisou Farid por um momento, porém, em seguida, ele ouviu a voz de Dedo Empoeirado.

— Cuidado com as suas ameaças, Orfeu. Se acontecer qualquer coisa com o garoto, ou se ele desaparecer de repente, como você planejava fazer com ele agora, eu te farei uma visita, e não venho nunca sem o fogo, como você sabe.

— Foi por você! — Farid ouviu os gritos de Orfeu. — Tudo o que eu fiz foi por você, e é assim que você me agradece?

Brilho de Ferro cobriu Farid e seu irmão mais novo com os piores insultos, assim que percebeu o que os dois procuravam no escritório de seu senhor. Mas Jaspis, impávido, ajudou Farid, primeiro a encontrar o livro, depois a recolher cada pedaço de papel que Orfeu houvesse escrito. Brilho de Ferro jogou areia nos dois, plumas apontadas, desejou a Jaspis todas as doenças que um homem de vidro poderia ter e pulou heroicamente sobre a última folha que Jaspis tirou da escrivania de Orfeu, porém Farid o empurrou rudemente para o lado.

— Traidor! — gritou Brilho de Ferro para o seu irmão, quando Farid fechou a porta do escritório atrás de si. — Espero que você se parta em pedaços, em mil pedaços! — Mas Jaspis deu tão pouca atenção como às ameaças de Orfeu.

Dedo Empoeirado estava esperando na porta da casa.

— Onde estão eles? — perguntou Farid preocupado ao aproximar-se. Não se via nem sombra de Orfeu ou Oss, mas ele ouvia as suas vozes furiosas.

— No porão — disse Dedo Empoeirado. — Eu perdi um pouco de fogo na escada. Nós estaremos bem dentro da floresta quando ele se apagar.

Farid concordou com a cabeça e virou-se quando uma das criadas apareceu lá em cima na escada. Mas não era Brianna.

— A minha filha não está aqui — disse Dedo Empoeirado como se tivesse lido seus pensamentos. — E eu não posso imaginar que ela volte algum dia a esta casa. Ela está com Roxane.

— Ela me odeia! — gaguejou Farid. — Por que será que ela me ajudou?

Dedo Empoeirado abriu a porta e as martas correram para fora. — Talvez ela goste de Orfeu ainda menos do que de você — disse ele.



30. O fogo do Pássaro Tisnado



*A vida é uma sombra errante;
um pobre comediante, que se pavoneia
no breve instante que lhe reserva a cena,
para depois não ser mais ouvido.
É um conto de fadas, que nada significa,
narrado por um idiota, cheio de voz e fúria.
William Shakespeare, Macbeth*



Fenoglio estava feliz. Ah, sim, ele estava feliz mesmo que Ivo e Despina tivessem inventado de levá-lo até o mercado onde o Pássaro Tisnado se apresentava novamente. Fazia dias que vinham anunciando aquela apresentação e, é claro, Minerva não queria que as crianças fossem sozinhas. O Pardal havia mandado construir um palco para que cada idiotice do seu nobre cuspidor de fogo pudesse ser vista por todos. Será que dessa forma eles achavam que o povo esqueceria que o Dançarino de Fogo estava de volta? Fosse como fosse, nem mesmo o Pássaro Tisnado poderia estragar o bom humor de Fenoglio. Não sentia o seu coração tão leve desde a vez em que partira com Cosme para o Castelo da Noite. No que acontecera depois, ele preferira não pensar, não, o capítulo estava terminado. Sua história havia entoado uma nova canção, e a quem deveriam agradecer? A ele mesmo! Quem mais havia colocado o Gaio no jogo, o homem que fazia o Pífaros e o Pardal de bobos e trouxera o Dançarino de Fogo de volta da morte? Mas que personagem! Como eram grotescas as criações de Orfeu em comparação: fadas coloridas, unicórnios mortos, anões com o cabelo azul. Sim. Aquelas criaturas eram o máximo que o Cabeça de Bezerro conseguia criar, porém, somente ele, Fenoglio, podia dar vida a homens como o Príncipe Negro e o Gaio. Bom, ele tinha que

confessar que fora Mortimer quem tornara o Gaio alguém de carne e osso. Mas no início era ainda apenas a palavra, e quem as escreveu fora ele, cada uma delas!

— Ivo! Despina! — Maldição, onde é que eles estavam? Era mais fácil segurar as fadas coloridas de Orfeu do que aquelas crianças! Não lhes dissera para não ir muito longe? A rua inteira estava cheia de crianças. Elas saíam de todas as casas para esquecer, ao menos por uma, duas horas, o que o mundo colocara sobre os seus pequenos ombros. Não era brincadeira ser criança naqueles tempos sombrios. Muito cedo os meninos se transformavam em homens, e as meninas carregavam o peso da infelicidade de suas mães.

A princípio, Minerva não queria deixar que Ivo e Despina saíssem. Havia soldados demais na cidade. Esperava por eles ainda muito trabalho em casa, mas Fenoglio a convencera, mesmo que agora o incomodasse o mau cheiro que o Pássaro Tisnado espalhava a sua volta. No dia em que ele estava tão feliz, as crianças também deveriam sê-lo, e enquanto o Pássaro Tisnado estivesse ali, fazendo malabarismos, ele sonharia que em breve Dedo Empoeirado estaria no mercado de Ombra cuspiendo fogo. Ou ficaria imaginando como o Gaio entraria em Ombra e expulsaria o Pardal de lá como um cachorro vira-lata, como ele socaria o nariz de prata do Pífaros e, juntamente com o Príncipe Negro, criaria um reino de justiça, um governo do povo... Bom, talvez não totalmente. Provavelmente, esse mundo não estava preparado para isso, mas enfim. Seria grandioso, emocionante, e ele, Fenoglio, foi quem dera o primeiro passo salvador no dia em que escrevera a primeira canção sobre o Gaio. Afinal, ele havia feito tudo certo! Talvez Cosme tivesse sido um erro, mas de onde surgiria a emoção de uma história, se não houvesse, de vez em quando, alguns tons bem sombrios?

— Tecelão de tinta, onde você está? — Ivo acenava para ele inquieto. O que é que o garoto estava pensando? Que um homem velho nadaria por um mar de crianças feito uma enguia. Despina se virou e sorriu aliviada quando Fenoglio acenou de volta para ela. Porém, logo em seguida, a sua cabecinha desapareceu novamente entre as outras.

— Ivo! — gritou Fenoglio. — Ivo, cuide de sua irmã, que diabos! — Pelo amor de Deus, ele não imaginava que havia tantas crianças em Ombra! Muitas arrastavam consigo seus irmãos menores pelo mercado. Fenoglio era aparentemente o único homem e até mesmo mães eram poucas por lá. A maior parte das crianças havia fugido das oficinas e lojas, do trabalho de casa, ou do estábulo. Até mesmo dos sítios ao redor elas haviam vindo, vestidas com seus pobres trapos. Suas vozes agudas se entrelaçavam entre as casas, como o barulho de um bando de pássaros. Provavelmente o Pássaro Tisnado nunca havia tido um público tão entusiasmado.

Ele já estava no palco. Com a indumentária preta e vermelha do cuspidor de fogo, porém, as suas roupas não eram feitas de trapos como a dos seus patrícios, mas do mais fino veludo, como era comum aos nobres. O seu rosto, com um sorriso eterno, brilhava por causa da gordura que ele usava para se proteger das chamas, porém, àquela altura o fogo já o havia lambido tantas vezes que ele mais se parecia com uma das sorridentes máscaras de couro que Baptista confeccionava. Sim, o Pássaro Tisnado continuava sorrindo enquanto olhava para o mar de pequenos rostos que se apinhavam ávidos em volta do palco, como se ele pudesse afastá-los de todos os problemas, da fome e da tristeza de suas mães, e da saudade de seus pais mortos.

Fenoglio viu Ivo lá na frente, mas onde estava Despina? Ah, lá estava ela, bem ao lado de seu irmão mais velho. Ela acenou para ele entusiasmada, e ele acenou de volta, enquanto caminhava até as mães que esperavam em frente às casas. Ouviu que elas sussurravam sobre o Gaio e de como ele iria proteger os seus filhos, agora que ele havia trazido o Dançarino de Fogo de volta da morte. Sim. O sol voltava a brilhar em Ombra. A esperança estava de volta e ele, Fenoglio, dera-lhe um nome: Gaio...

O Pássaro Tisnado tirou a capa, tão pesada e cara, que pelo seu valor com certeza seria possível alimentar todas as crianças que se amontoavam na praça do mercado. Um duende subiu no palco carregando bolsas cheias de pó de alquimista, com que o impostor alimentava as chamas para que elas lhe obedecessem. O Pássaro Tisnado continuava temendo o fogo. Isso era claro. Talvez ele o

temesse até mais do que antes, e Fenoglio observou com mal-estar ele iniciar o seu jogo. As chamas cresciam e sussurravam, exalando uma fumaça verde tóxica que fazia com que as crianças tossissem e se fechando em punhos ameaçadores, garras e bocas que imitavam mordidas. Sim, o Pássaro Tisnado havia aprendido. Já não equilibrava algumas tochas, nem cuspiam as chamas a uma altura ridícula, fazendo com que todos sussurrassem o nome de Dedo Empoeirado. O fogo com o qual ele jogava parecia ser outro. Era o seu irmão escuro, um pesadelo de chamas, mas as crianças admiravam esse espetáculo de cores e maldade. Fascinadas e temerosas ao mesmo tempo, distanciavam-se quando ele se aproximava com suas garras vermelhas e suspiravam aliviadas quando se transformava em simples fumaça, mesmo que suas nuvens corrosivas continuassem suspensas no ar e em seus olhos corressem lágrimas. Era verdade o que sussurravam? Que essa fumaça enevoava os sentidos de tal forma que víamos mais do que realmente havia? “Bom, se for assim, então não funciona no meu caso!”, pensou Fenoglio enquanto esfregava os olhos ardidamente. “Abracadabra da pior qualidade, isso é tudo o que eu vejo!”

As lágrimas desciam pelo seu nariz, e quando se virou para limpar a fuligem e a fumaça dos seus olhos, viu um garoto que corria aos tropeções pela rua que levava até o castelo, mais velho que as crianças na praça, com idade suficiente para ser um dos soldados imberbes de Violante. Porém, ele não usava uniforme. O seu rosto não pareceu estranho a Fenoglio. Onde é que ele o vira antes?

— Luc! — gritou ele. — Luc! Corram! Corram todos!

Ele tropeçou, caiu e levantou-se a tempo de correr para a entrada de uma casa antes que o cavaleiro que o perseguia passasse com seu cavalo por cima dele.

Era o Pífaros. Ele chicoteava o seu cavalo enquanto uma dúzia de encouraçados ia atrás dele pela rua que levava até o castelo. Eles vinham de todos os lados, da rua dos ferreiros e da dos açougueiros, de todas as ruas que davam no mercado, quase sem pressa, em seus grandes cavalos tão encouraçados quanto os seus senhores.

As crianças, porém, continuavam olhando para o Pássaro Tisnado sem perceber o que acontecia. Elas não ouviram o aviso do garoto. Também não perceberam os soldados. Elas olhavam para o fogo somente, enquanto suas mães gritavam os seus nomes. Quando as primeiras se viraram, já era tarde. Os encouraçados afastaram as mulheres em pranto enquanto cada vez mais soldados apareciam pelas ruas, criando um círculo de ferro em torno das crianças.

As crianças olhavam em volta apavoradas. De repente o entusiasmo transformou-se em horror, e como elas choravam! Fenoglio nunca mais esqueceria aquele choro! Ele ficou lá sem poder fazer nada, as costas contra o muro, enquanto cinco encouraçados apontavam suas lanças para ele e as mulheres. Não era necessário mais. Cinco lanças para controlar esse pequeno grupo. Uma das mulheres saiu correndo mesmo assim, mas um dos soldados a derrubou com o cavalo. E então eles fecharam o cerco de espadas, e o Pássaro Tisnado apagou a sua chama, obedecendo a um aceno do Pífaró, e se inclinou com um sorriso diante das crianças em pranto.

Eles as levaram até o castelo como a um rebanho de ovelhas. Alguns dos pequenos ficaram com tanto medo que correram entre as patas dos cavalos. Ficaram caídos sobre o chão de pedras como brinquedos quebrados. Fenoglio gritou o nome de Ivo e de Despina, mas a sua voz desapareceu no meio de todas as outras, de todos os outros gritos, de todo o pranto. Quando os encouraçados deixaram as mães livres, ele correu aos tropeções junto com elas até as crianças ensanguentadas que haviam sido largadas para trás, olhou fixamente para seus rostos brancos cheios de medo, tentando reconhecer em algum deles o rosto de Despina ou de Ivo. Eles não estavam lá, mas pareceu a Fenoglio que ele conhecia aqueles rostos, tão pequenos. Tão jovens para a morte, jovens demais para a dor e para o desespero. Duas Damas Brancas apareceram, seus anjos da morte. E as mulheres se curvaram sobre as crianças e tamparam os seus ouvidos para protegê-las do sussurro branco. Três crianças estavam mortas, dois meninos e uma menina. Elas não precisavam mais das Damas Brancas para passar para o outro lado.

Junto a um dos meninos mortos se ajoelhava aquele que havia aparecido gritando pela rua com seu aviso inútil. Olhava fixamente para o palco, o jovem rosto cheio de ódio. Mas o Pássaro Tisnado havia desaparecido, como se tivesse se desfeito na fumaça venenosa que ainda se mantinha em pesadas nuvens sobre a praça do mercado. Apenas o duende ainda estava lá e olhava anestesiado para as mulheres que se inclinavam sobre as crianças. Então ele começou, tão devagar como se não pertencesse ao tempo, a recolher as bolsas vazias que o Pássaro Tisnado havia largado.

Algumas mulheres haviam ido atrás dos soldados e das crianças sequestradas. As restantes ficaram ali ajoelhadas, limpando o sangue da testa dos feridos e examinando seus pequenos membros.

Fenoglio não suportou mais. Ele se virou e foi cambaleante pela rua que levava até a casa de Minerva. Mulheres vinham em sua direção, avisadas pelos gritos. Passavam por ele com pressa. Era suficiente! Suficiente! Minerva veio correndo em sua direção. Ele gaguejou algumas palavras incompreensíveis, apontou na direção do castelo. Ela foi embora atrás das outras mulheres.

Havia sido um dia tão bonito. O sol esquentava como se o inverno estivesse distante.

Como poderia ele esquecer alguma vez o choro?

Fenoglio ficou impressionado de que as suas pernas ainda conseguissem carregar seu coração pesado de lágrimas escada acima.

— Quartzo Rosa!

Ele se sentou na sua escrivaninha, procurou pergaminho, papel, qualquer coisa na qual fosse possível escrever. — Quartzo Rosa! Maldição, onde você se meteu? — O homem de vidro saiu do ninho onde moravam as fadas coloridas de Orfeu. Que diabos ele estava fazendo lá em cima? Deveria torcer o seu pescoço idiota?

— Caso você queira me mandar espionar novamente na casa de Orfeu, pode esquecer! — gritou ele lá de cima. — Esse Brilho de Ferro jogou pela janela o homem de vidro que Orfeu havia arranjado para substituir o seu irmão! Ele ficou tão despedaçado que poderia se pensar que eram os restos de uma garrafa de vinho!

— Eu não preciso que você espione ninguém! — disse Fenoglio com a voz embargada pelas lágrimas. — Aponte as plumas! Misture a tinta, vá logo de uma vez!

Ah, o choro.

Ele se afundou na cadeira e escondeu a cabeça entre as mãos. As lágrimas corriam pelos seus dedos e pingavam sobre a escrivaninha. Fenoglio não conseguia se lembrar de haver chorado daquela forma alguma vez. Até mesmo na ocasião da morte de Cosme os seus olhos haviam permanecido secos. Ivo! Despina!

Ouviu o homem de vidro pular em sua cama. Ele já não o havia proibido de pular do ninho de fadas para o saco de palha? Enfim, dava no mesmo. Ele que quebrasse o seu pescoço de vidro.

Ah, toda aquela infelicidade. Aquilo tinha que ter um fim ou realmente o seu velho coração iria se partir!

Ele ouviu como o Quartzo Rosa subia com esforço na escrivaninha.

— Aqui! — disse o homem de vidro em voz baixa e mostrou-lhe uma pena recém-apontada.

Fenoglio secou as lágrimas com a manga. Os seus dedos tremiam quando pegou a pena.

O homem de vidro empurrou-lhe uma folha de papel e começou a misturar a tinta com força. — Onde estão as crianças? — perguntou. — Você não queria ir com elas ao mercado?

Novamente uma lágrima. Ela caiu sobre a folha em branco, e o papel a absorveu com avidez. “Sim, sim, assim é esta maldita história!”, pensou Fenoglio. Ela se alimenta de lágrimas! E se Orfeu houvesse escrito o que aconteceu no mercado? Dizia-se que ele mal saía de casa desde a visita de Dedo Empoeirado, e que jogava garrafas pela janela. Será que em sua raiva ele escrevera palavras capazes de matar crianças?

Acabou, Fenoglio, não pense mais em Orfeu! Escreva você mesmo! Se ao menos a folha não estivesse tão vazia. — Vá, vá logo! — sussurrou ele. — Andem logo, suas malditas palavras. São crianças. Crianças! Salvem-nas!

— Fenoglio? — Quartzo Rosa olhou preocupado para ele. — Onde estão Ivo e Despina? O que foi que aconteceu?

Mas Fenoglio só conseguia esconder o rosto entre as mãos. Onde estavam as palavras que abririam novamente o maldito portão do castelo, quebrariam as lanças e torrariam o Pássaro Tisnado em seu próprio fogo?

Quartzo Rosa soube por Minerva o que acontecera, quando ela voltou do castelo sem as crianças. Mais uma vez o Pífaru havia proferido um discurso.

— Ele disse que está cansado de esperar — contou Minerva com voz distante. — Ele nos deu uma semana para trazer-lhe o Gaio. Ou então ele mandará nossas crianças para as minas.

E então ela desceu até a cozinha vazia, onde certamente estariam sobre a mesa as tigelas do café da manhã de Ivo e Despina.

E Fenoglio olhou novamente para a folha em branco onde não havia nada além das marcas das suas lágrimas. Por horas e horas. Até tarde da noite.



31. A resposta do Gaio



"Eu quero ser útil", Homer começou a dizer, mas Larch não queria ouvir.

"Então você está proibido de se esconder", disse Larch.

"Ou espiar."

John Irving, *As regras da Casa de Sidra*



Resa escrevia com seu rosto pálido e sua bela caligrafia. Como na época em que sentada no mercado de Ombra, vestida de homem, conseguia seu ganha-pão com a escrita. O antigo homem de vidro de Orfeu misturava a tinta para ela. Dedo Empoeirado levava Jaspis consigo para o acampamento dos ladrões. E Farid.

Esta é a resposta do Gaio, escreveu Resa com Mo ao seu lado.

Em três dias ele vai se entregar a Violante, viúva de Cosme e mãe do autêntico herdeiro de Ombra. Em troca, o Pífaros deverá libertar as crianças de Ombra, das quais se apoderou de forma pérfida, e, com o selo do seu senhor, assegurará a liberdade delas para sempre.

Somente quando essas condições tiverem sido cumpridas, o Gaio estará disposto a restaurar o livro em branco que encadernou para o Cabeça de Víbora no Castelo da Noite.

Meggie via como a mão de sua mãe vacilava ao escrever. Os ladrões estavam parados em volta e observavam. Uma mulher que sabia escrever... Nenhum deles conhecia essa arte, com exceção de Baptista, nem mesmo o Príncipe Negro. Todos tentaram fazer Mo desistir da sua decisão, até mesmo Doria, que tentara avisar as crianças de Ombra e depois tivera que olhar como o Pífaros as prendia e como Luc, o seu amigo, fora assassinado. Em vão.

Somente uma pessoa não tentara fazer Mo mudar de ideia. Dedo Empoeirado.

Parecia como se ele nunca tivesse estado longe, mesmo que agora o seu rosto não tivesse mais cicatrizes. O mesmo sorriso, enigmático como sempre, a mesma inconstância. Às vezes ele estava lá, depois desaparecia novamente. Como um fantasma. Meggie sempre se surpreendia com esses pensamentos — e sentia ao mesmo tempo que Dedo Empoeirado estava mais vivo do que nunca, mais vivo do que todos os outros.

Mo olhou em sua direção, mas Meggie não tinha certeza se ele realmente a via. Desde que voltara das Damas Brancas parecia ter se tornado, mais do que nunca, o Gaio.

Como ele podia querer se entregar? O Pífaros o mataria!

Resa terminara de escrever a carta. Ela olhou para Mo como se esperasse por um momento que ele fosse pegar o pergaminho e jogá-lo no fogo. Mas ele se limitou a pegar a pluma de sua mão e riscou o seu sinal debaixo das palavras mortais, uma pena e uma espada formando uma cruz, como os camponeses escreviam no lugar do próprio nome porque não compreendiam as letras.

Não.

Não!

Resa baixou a cabeça. Por que ela não dizia nada? Por que desta vez não derramava lágrimas que o fizessem mudar de ideia? Teriam elas secado nas intermináveis noites entre os túmulos, nas quais esperara em vão a sua volta? Saberá a sua mãe o que Mo prometera às Damas Brancas para que permitissem que Dedo Empoeirado voltasse? “Pode ser que eu tenha que partir em breve.” Isso fora tudo o que ele havia dito a Meggie, e quando ela lhe perguntou apavorada: “Partir? Para onde?”, ele respondera apenas: “Não se preocupe tanto! Não importa para onde. Eu visitei a morte e voltei são e salvo. Mais perigoso do que isso é quase impossível, não é?”.

Ela deveria ter feito mais perguntas, mas Meggie estava tão feliz por não tê-lo perdido para sempre, tão indescritivelmente feliz...

— Você está louco, eu digo novamente! — O Afanador estava bêbado, o rosto vermelho. Cortou o silêncio tão abruptamente com sua voz rude, que de susto o homem de vidro deixou cair as penas que Mo havia lhe dado.

— Entregar-se nas mãos do filhote de Víbora, na esperança de que ela te proteja do Nariz de Prata? Ele vai te dar uma lição e, mesmo que o Pífaros te deixe viver, você ainda acredita que a filha do seu senhor vai te ajudar a escrever no maldito livro? A morte deve ter se apoderado do teu discernimento! A Feia vai te vender em troca do trono de Ombrá. E o Pífaros vai mandar as crianças para as minas de qualquer jeito!

Muitos ladrões murmuraram concordando, mas silenciaram quando o Príncipe Negro surgiu ao lado de Mo.

— Como você pretende tirar as crianças do castelo, Afanador? — perguntou ele com voz serena. — A mim também não agrada que o Gaio atravessasse por vontade própria o portão do Castelo de Ombrá, mas se ele não se entregar, o que vai acontecer? Eu não soube dar uma resposta para essa pergunta, e acredite em mim, não penso em nenhuma outra coisa desde que o Pássaro Tisnado fez a sua apresentação. Deveríamos atacar o castelo com os poucos homens que temos? Você quer armar-lhes uma emboscada quando trouxerem as crianças pela Floresta sem Caminhos? Quantos encouraçados estarão tomando conta delas? Cinquenta? Cem? Quantas crianças mortas você imagina que teremos se tentarmos libertá-las desse modo?

O Príncipe Negro olhou para os homens maltrapilhos à sua volta. Muitos deles abaixaram a cabeça. O Afanador, porém, manteve o queixo erguido. A cicatriz em seu pescoço era vermelha como um corte fresco.

— Eu te pergunto novamente, Afanador — disse o Príncipe Negro em voz baixa —, quantas crianças morrerão se as libertarmos dessa forma? Será que conseguiremos salvar uma só?

O Afanador não respondeu. Ele se limitou a olhar fixamente para Mo. Depois cuspiu, virou-se e foi embora sem falar uma palavra, acompanhado do Lagartixa e de alguns outros. Resa pegou em silêncio o pergaminho escrito e o dobrou para que Jaspis pudesse selá-lo. O seu rosto estava tão inexpressivo como se fosse de pedra, como Cosme, O Belo, na cripta de Ombrá, mas as suas mãos tremiam, tanto que Baptista aproximou-se e dobrou o pergaminho para ela.

Três dias. Era o tempo que Mo ficara com as Damas Brancas. Três dias eternos que haviam feito com que Meggie pensasse que seu pai estava morto, desta vez sem retorno, por culpa de sua mãe e de Farid. Ela não falara nenhuma palavra com os dois durante aqueles três dias. Afastara Resa com um empurrão quando ela se aproximara, gritara com ela.

“Meggie, por que você olha assim para sua mãe?”, perguntara Mo logo no primeiro dia depois de sua volta. Por quê? As Damas Brancas te levaram por causa dela, quis responder, mas não disse nada. Ela sabia que estava sendo injusta, mas a estranheza entre ela e Resa havia permanecido. E a Farid ela perdoava menos ainda.

Ele estava ao lado de Dedo Empoeirado e era o único que não parecia preocupado. Claro. Por que iria interessar a Farid o fato de seu pai pretender se entregar ao Pífaros em breve? Dedo Empoeirado estava de volta. Nada mais importava. Ele tentara fazer as pazes. — Meggie, deixe disso. Não aconteceu nada com seu pai, e ele trouxe Dedo Empoeirado com ele. — É, aquilo era tudo o que lhe interessava e seria sempre assim.

Jaspis pingara o lacre sobre o pergaminho, e Mo pressionou o carimbo que havia talhado para o livro que encadernara com os desenhos de Resa. A cabeça de unicórnio. O selo do encadernador para a promessa dos ladrões. Mo entregou a carta a Dedo Empoeirado, trocou algumas palavras com Resa e com o Príncipe Negro — e foi até Meggie.

Quando ela era tão pequena que mal chegava ao seu cotovelo, costumava colocar a cabeça debaixo de seu braço quando tinha medo de alguma coisa. Mas fazia muito tempo.

“Como é a morte, Mo?”, ela lhe perguntara quando voltou. “Você a viu de verdade?”

A lembrança parecia não lhe causar medo, mas o seu olhar havia ido longe, muito longe... “Ela tem várias formas, mas a voz é de uma mulher.”

“Uma mulher?”, perguntou Meggie surpresa. “Mas Fenoglio nunca daria a uma mulher um papel tão importante!”

E Mo rira e respondera: “Eu não acho que Fenoglio tenha escrito um papel para a morte, Meggie”.

Ela olhou para ele diante de si. — Meggie? — Ele colocou a mão em seu queixo e fez com que olhasse para ele. — Não olhe assim tão triste, por favor!

Atrás dele o Príncipe Negro se afastou com Baptista e Doria. Ela podia imaginar que indicações estaria dando aos dois. Ele os mandaria até Ombra para que ali espalhassem a notícia, entre as mães desesperadas, de que o Gaio não deixaria os seus filhos desamparados. “Mas a filha dele sim!”, pensou Meggie, e teve certeza de que Mo via reprovação em seus olhos.

Sem dizer nada, ele pegou a sua mão e a puxou consigo para longe das tendas, longe dos ladrões, longe também de Resa, que continuava sentada perto do fogo. Sua mãe limpava a tinta dos dedos, limpava e limpava, enquanto Jaspis a olhava com compaixão — como se ela pudesse limpar assim também as palavras que acabara de escrever.

Mo parou debaixo de uma árvore cujos galhos se estendiam sobre o acampamento como um céu de madeira e folhas amareladas. Ele segurou a mão de Meggie e mostrou com o indicador como estava espantado que ela tivesse crescido tanto, mas as suas mãos ainda eram muito menores do que as dele. Mãos de moça.

— O Pífaró vai te matar.

— Não, ele não vai. Mas se ele tentar, então vou demonstrar-lhe como é afiada a faca de um encadernador. Baptista vai costurar para mim novamente um esconderijo, e acredite em mim, será uma alegria se esses assassinos de criança me derem a oportunidade de usá-la. — O ódio se apoderou de seu rosto como uma sombra. Gaio.

— A faca não vai te ajudar. Ele vai te matar de qualquer jeito. — Ela se sentia tão idiota como uma criança birrenta. Mas tinha tanto medo por ele.

— Três crianças estão mortas, Meggie. Vá falar com Doria e deixe ele te contar como elas foram esmagadas. Eles vão matar todas elas se o Gaio não se entregar.

O Gaio. Parecia que ele estava falando de outra pessoa. Será que ele achava que ela era assim tão boba?

— Não é a sua história, Mo. Deixe que o Príncipe Negro salve as crianças.

— Como? O Pífaró vai matar todas elas se ele tentar. — Em seus olhos havia tanta fúria. E Meggie percebeu, pela primeira vez, que Mo não iria cavalgar até o castelo apenas pelas crianças vivas, mas também para vingar as mortas. O pensamento fez com que ela sentisse ainda mais medo.

— Bom. Talvez você tenha razão. Talvez não haja mesmo outra forma — disse ela. — Mas então deixe ao menos que eu vá com você! Para que eu possa te ajudar. Como no Castelo da Noite! — Parecia que havia sido ontem que o Raposa Vermelha a havia prendido junto na cela onde ele estava. Teria Mo esquecido como havia sido bom ela estar ao seu lado? Que ela o havia salvado com a ajuda de Fenoglio? Não, com certeza não. Mas bastava que Meggie olhasse para ele para saber que desta vez ele iria sozinho. Totalmente só.

— Você se lembra das histórias de ladrões que eu te contava antigamente? — perguntou ele.

— Claro. Elas sempre acabam mal.

— E por quê? É sempre a mesma coisa. Porque o ladrão quer proteger alguém que ele ama e por isso o matam. Não é assim?

Oh, muito esperto da parte dele. Teria dito ele a mesma coisa à sua mãe? Mas eu o conheço melhor do que Resa, e eu conheço muito mais histórias do que ela. — E o poema do *Highwayman*? — perguntou ela. Elinor o havia lido para ela inúmeras vezes. — Ah, Meggie, por que não lê você agora para variar? — Ela a ouvia suspirar sempre. — Não precisamos dizer nada ao seu pai, mas eu adoraria ver esse ladrão cavalgando pela minha casa!

Mo afastou uma mecha de cabelo de sua testa. — O que você quer dizer com isso?

— A sua amada o avisa sobre os soldados e ele foge! Filhas também conseguem fazer isso.

— Ah, sim! Filhas são muito boas em salvar o seu pai. Ninguém sabe melhor disso do que eu. — Ele sorriu. Ela amava o seu sorriso. E se ela nunca mais voltasse a vê-lo? — Mas você também deve se lembrar o que acontece com a amada no poema, não?

Claro que Meggie se lembrava. *Sua escopeta atingiu a luz da lua, atingiu o peito dela sob a luz da lua.* E o ladrão acabou sendo morto pelos soldados mesmo assim. *E ele ficou caído numa poça de sangue no meio da rua, a marca em seu pescoço.*

— Meggie...

Ela virou as costas para ele. Ela não queria mais vê-lo. Não queria mais sentir medo por ele. Queria apenas ter raiva dele. Raiva como tinha de Farid. Raiva como de Resa. Amar alguém nos trazia apenas dor. Nada além de dor.

— Meggie! — Mo segurou o seu ombro e a virou para ele. — Digamos que eu não vá — você gostaria da canção que eles cantariam então? *E uma manhã o Gaio desapareceu e nunca mais foi visto. As crianças de Ombra, porém, morreram, como seus pais do outro lado da floresta, e o Cabeça de Víbora reinou por toda a eternidade com a ajuda do livro em branco que o Gaio encadernara para ele.*

Sim, ele tinha razão. Era uma canção horrível. Mas Meggie conhecia uma pior ainda: *O Gaio, porém, cavalgou pelo castelo para salvar as crianças de Ombra, e morreu lá. E apesar de o Dançarino de Fogo ter escrito seu nome com letras incandescentes no céu, e de que as estrelas o sussurrem todas as noites, a sua filha nunca mais o viu.*

Sim. É o que aconteceria. Mas Mo ouvia outra canção.

— Fenoglio não vai nos escrever um final feliz desta vez, Meggie! — disse ele. — Eu tenho que escrevê-lo, com atos em vez de palavras. Somente o Gaio pode salvar as crianças. Só ele pode escrever as três palavras no livro em branco.

Ela continuava sem olhar para ele. Não queria ouvir o que ele dizia, mas Mo continuou falando, com a voz que ela tanto amava, a voz que cantara para ela adormecer, que a consolara quando estivera doente e lhe contara histórias sobre sua mãe desaparecida.

— Você tem que me prometer uma coisa — disse ele —, você e sua mãe, vocês têm que cuidar uma da outra enquanto eu estiver fora. Vocês não podem voltar. Vocês não podem confiar nas palavras de Orfeu! Mas o Príncipe vai protegê-las, e o Homem Forte. Ele me prometeu pela vida de seu irmão e ele é com certeza

um protetor muito melhor do que eu. Você está ouvindo, Meggie? Não importa o que acontecer, fique com os ladrões. Não vá até Ombra nem me siga até o Castelo da Noite, caso eu seja levado para lá! Eu não poderia mais pensar de medo se soubesse que vocês estão em perigo. Prometa isso para mim!

Meggie abaixou a cabeça para que ele não lesse a resposta em seus olhos. Não. Não, ela não iria prometer-lhe nada e Resa certamente também não o faria. Ou sim? Meggie olhou em direção a sua mãe do outro lado. Ela parecia terrivelmente triste. O Homem Forte estava ao seu lado. Ao contrário de Meggie, ele havia perdoado Resa desde que Mo voltara sã e salvo.

— Meggie, por favor, escute! — Normalmente Mo fazia brincadeiras quando as coisas ficavam sérias demais, mas era claro que ele havia mudado nesse aspecto também. Sua voz soou séria e direta, como se conversasse com ela sobre uma excursão de escola. — Se eu não voltar — disse ele —, convença Fenoglio a escrever vocês de volta. Afinal, ele não pode ter desaprendido isso totalmente. Então você deve ler os três de volta, você e Resa — e o seu irmão.

— Irmão? Eu quero uma irmã!

— Ah, é mesmo? — Ao menos ele riu. — Isso é bom. Eu também quero mais uma filha. A primeira já está muito grande para pegar no colo.

Eles se entreolharam e havia tantas palavras que Meggie gostaria de dizer, mas nenhuma delas expressaria o que realmente estava sentindo.

— Quem vai levar a carta até o castelo? — perguntou ela em voz baixa.

— Ainda não sabemos — respondeu Mo. — Não vai ser fácil encontrar alguém que tenha acesso a Violante.

Três dias. Meggie o abraçou com tanta força como fazia quando era criança. — Por favor, Mo — disse baixinho. — Não vá! Por favor! Vamos embora. Resa tinha razão!

— Embora? Mas Meggie. Justo agora que está ficando emocionante? — sussurrou para ela. Afinal, tanto assim ele não

mudara. Ele ainda fazia brincadeiras quando as coisas ficavam sérias. Ela o amava tanto.

Mo segurou o seu rosto entre as mãos. Olhou para ela como se quisesse dizer alguma coisa, e por um momento Meggie imaginou ler em seus olhos que ele tinha tanto medo por ela como ela por ele.

— acredite em mim, Meggie — disse ele. — Eu estou indo até esse castelo para proteger você também. Algum dia você vai entender! Nós dois não sabíamos no Castelo da Noite que eu só encadernei o livro em branco para o Cabeça de Víbora para em algum momento escrever ali as três palavras?

Meg balançou a cabeça com tanta força que Mo a abraçou novamente.

— Sim, Meggie! — disse ele em voz baixa. — Sim, nós o fizemos para isso.



32. Finalmente



*Ali, na noite, onde ninguém pode entrar,
Deitado em meu leito de caçador,
E leio livros lidos tempos atrás
Até que chegue a hora de ir para cama.*

*Essas são as colinas, as florestas,
As minhas solidões cobertas de estrelas
E ali, o rio em cujas ribeiras
Leões rugentes se reúnem para beber*
Robert Louis Stevenson, *The land of story books*



Darius era um leitor maravilhoso. Mesmo que suas palavras soassem bem diferente das de Mortimer (e, claro, diferente das do profanador de livros chamado Orfeu). Talvez a arte de Darius se parecesse mais com a de Meggie. Ele lia com a ingenuidade de uma criança, e para Elinor era como se ela visse pela primeira vez o jovem que ele havia sido, um garoto magro e de óculos, que amava os livros com a mesma intensidade que ela, só que no seu caso as páginas adquiriam vida.

A voz de Darius não era tão forte e bela como a de Mortimer. Ela não tinha o entusiasmo e a força da voz de Orfeu, Darius pronunciava as palavras com extremo cuidado, como se elas pudessem se quebrar, como se pudessem perder o sentido se fossem pronunciadas com voz alta demais. Na voz de Darius ouvia-se toda a tristeza do mundo, a mágica dos fracos, dos calados e cuidadosos, e o seu saber sobre a crueldade dos fortes...

A leitura das palavras de Orfeu deixou Elinor impressionada como no dia em que ela o ouviu pela primeira vez. As palavras não pareciam vindas do idiota vaidoso que jogara seus livros contra a

parede. Claro, ele havia roubado cada uma dessas palavras de outra pessoa, Elinor!, pensou ela. E depois ela não pensou em mais nada.

Darius não gaguejou uma única vez, talvez porque agora não fosse o medo, mas o amor que o fazia ler. Darius abriu a porta entre as letras tão suavemente que pareceu a Elinor como se ambos deslizassem para o mundo de Fenoglio, como duas crianças num quarto proibido.

Ao perceber de repente um muro atrás de si, ela mal acreditou no que sentiam os seus dedos. Primeiro você pensa que é um sonho. Não foi assim a descrição de Resa? Bom, se isto for um sonho, pensou Elinor, então eu não tenho a mínima intenção de acordar novamente! Seus olhos beberam ávidos todas as imagens que surgiam: uma praça, um chafariz, casas que se apoiavam umas nas outras como se fossem muito velhas para ficar em pé sozinhas, mulheres usando longos vestidos (a maioria bastante pobre), um bando de pardais, pombos, dois gatos magros, uma carroça onde um homem velho amontoava um monte de lixo... Oh, céus, o fedor era quase insuportável, mas mesmo assim Elinor o respirou profundamente.

Ombra! Ela estava em Ombra! O que mais deveria ser tudo aquilo à sua volta? Uma mulher que tirava água do poço virou-se para ela e examinou desconfiada o vestido de veludo vermelho e pesado que Elinor usava. Maldição! Ela o havia comprado numa loja de fantasias, assim como o blusão que Darius estava usando. "Idade Média", ela exigira, mas ali ela chamava a atenção como um pavão no meio de um bando de corvos!

Não importa. Elinor, você está aqui! Quando algo começou a puxar com força os seus cabelos, sentiu as lágrimas de felicidade em seus olhos. Com um gesto estudado ela pegou a fada que tentava ir embora com uma mecha grisalha. Oh, como ela sentira falta daqueles negócios voadores! Mas não eram elas azuis? Ela brilhava tão colorida como uma bolha de sabão. Fascinada, Elinor segurou a presa em sua mão e examinou a fada através dos seus dedos. A criatura parecia bastante sonolenta. Ah, que maravilha! Quando ela conseguiu fugir enfiando seus pequenos dentes em seu

polegar, Elinor riu tão alto que duas mulheres colocaram a cabeça para fora da janela.

Elinor!

Ela colocou a mão sobre a boca, mas continuou sentindo o riso como um pó efervescente na língua. Oh, ela estava tão feliz, tão idiotamente feliz. A última vez em que se sentira assim fora aos seis anos, ao entrar na biblioteca do seu pai para ler os livros que ele lhe proibira. “Talvez você devesse cair morta simplesmente, Elinor!”, pensou ela. “Exatamente neste instante. Como poderia ficar melhor?”

Dois homens com roupas coloridas atravessaram a praça. Menestréis! Na realidade a visão não era tão romântica como Elinor havia imaginado, mas não importava... Um duende carregava os instrumentos atrás deles. Seu rosto peludo olhou tão perplexo ao ver Elinor, que ela automaticamente colocou a mão sobre o nariz. Teria acontecido alguma coisa com o seu rosto? Não, o seu nariz sempre fora grande daquele jeito, não fora?

— Elinor?

Ela olhou em volta. Darius! Deus do céu. Ela o esquecera totalmente. Mas como ele fora parar debaixo da carroça de estrume?

Com um olhar perturbado ele se arrastou entre as rodas e ao levantar-se tirou alguns restos de palha não muito limpa do seu blusão. Oh, Darius. Era tão o seu jeito, de todos os lugares no Mundo de Tinta ele tinha que aterrissar justamente debaixo de um monte de estrume. Ele era mesmo um azarado! E como ele olhava em volta. Como se houvesse caído no meio dos ladrões. Pobre Darius. Maravilhoso Darius. A folha com as palavras de Orfeu ainda estava em sua mão, mas onde estava a bolsa com tudo aquilo que eles queriam trazer com eles?

Um momento, Elinor, você é que deveria tê-la trazido. Ela olhou em volta procurando-a, e em vez da bolsa viu Cérbero, que ao seu lado cheirava os paralelepípedos estranhos com muito interesse. — Ele... ele... ele teria morrido de fome se o houvéssemos deixado lá — gaguejou Darius, que continuava tirando a palha do seu blusão.

— A... além disso, ele provavelmente pode nos levar até o seu dono, e ele deve saber onde os outros estão.

Boa ideia, pensou Elinor, ela nunca teria pensado nisso. Mas por que ele estava gaguejando novamente?

— Darius! Você conseguiu! — Ela o abraçou com tanta força que seus óculos escorregaram. — Eu te agradeço! Eu te agradeço tanto!

— Ei, vocês aí, de onde veio esse cachorro?

Cérbero se escondeu rosnando entre as pernas de Elinor. Dois soldados estavam diante dele. *Os soldados são piores do que os salteadores*, Resa não havia dito isto também? *A maioria deles em algum momento começa a ter prazer em matar.*

Elinor deu um passo para trás, mas ela bateu no muro às suas costas.

— Então, vocês perderam a língua? — Um deles deu um soco na barriga de Darius com tanta força que ele se curvou.

— O que significa isso? Deixe-o em paz! — A voz de Elinor não pareceu nem de perto tão destemida como ela havia imaginado. — É o meu cachorro.

— Seu? — O soldado que se aproximou dela tinha apenas um olho. Elinor olhou fascinada para o lugar onde em algum momento estivera o segundo olho. — As princesas podem ter cães. Você quer me convencer que é uma princesa?

Ele tirou a sua espada e passou a lâmina sobre o vestido de Elinor. — Que roupas são essas? Por acaso acha que assim você parece uma mulher elegante? Onde vive a costureira que fez isso para você? Deveríamos colocá-la no cepo.

O outro soldado riu. — Os atores usam roupas assim! — disse ele. — Ela é uma atriz meio velhota!

— Uma atriz? Para isso ela é feia demais. — O Caolho examinou o vestido de Elinor como se quisesse arrancá-lo.

Ela teria adorado poder dizer-lhe o que achava da sua aparência, mas Darius lhe lançou um olhar implorando e a ponta da espada pressionou tão ameaçadoramente a sua barriga, como se o Caolho quisesse fazer-lhe um segundo umbigo. Baixe os olhos, Elinor! Pense naquilo que Resa disse. As mulheres baixam os olhos neste mundo.

— Por favor! — Darius mal conseguia manter-se em pé. — Nós... nós somos estrangeiros aqui! Nós... nós viemos de muito longe...

— E vocês decidiram vir para Ombra? — Os soldados riram. — Quem, pela prata do Víbora, vem aqui por livre e espontânea vontade?

O Caolho olhou fixamente para Darius. — Olhe só isso! — disse ele e arrancou-lhe os óculos. — Ele tem a mesma armação que a do Olho Duplo, o que arranjou um unicórnio para o Pardal.

Sem muito jeito, ele colocou os óculos sobre o nariz.

— Ei, tire isso. — O outro deu um passo para trás. O Caolho olhou para ele através dos vidros espessos e sorriu. — Estou vendo todas as suas mentiras. Todas as suas malditas mentiras!

Rindo ele jogou os óculos aos pés de Darius. — Seja lá de onde vocês vêm — disse ele e esticou a mão em direção da coleira de Cérbero. — Vocês vão voltar sem o cachorro. Cachorros pertencem aos príncipes. Este aqui é uma besta horrorosa, mas o Pardal vai querê-lo assim mesmo.

Cérbero mordeu com tanta força a mão enluvada que o soldado caiu de joelhos gritando. O outro desembainhou sua espada, mas o cachorro de Orfeu, apesar de ser muito feio, não era burro. Ele se virou, a luva do soldado ainda no focinho, e correu para salvar a sua vida.

— Rápido, Elinor! — Darius ajeitou os seus óculos tortos e a puxou com ele enquanto os soldados corriam atrás do cachorro do inferno gritando maldições. Elinor não conseguia se lembrar quando havia sido a última vez que correria tão rápido e, enquanto o seu coração havia se sentido como o de uma garota, suas pernas, porém, ainda eram as de uma velha gorda demais.

Elinor, você não imaginou que a sua primeira hora em Ombra seria assim!, pensou ela enquanto corria com Darius por uma rua tão estreita que teve medo de ficar presa entre as casas. Mas mesmo que os seus pés doessem e ela ainda sentisse na barriga a ponta da espada daquele bronco caolho — de que importava? Ela estava em Ombra! Ela estava finalmente atrás das letras! Era a única coisa que importava. E não se deveria esperar que as coisas ali fossem tão pacíficas como na sua casa, sem falar que nos

últimos tempos até lá haviam ocorrido algumas perturbações... Bom, seja como for... ela estava ali. Ela estava finalmente ali! Na única história cujo final ela queria saber, porque todos aqueles que ela amava faziam parte dela.

A única coisa ruim era que o cachorro havia ido embora!, pensou ela quando Darius, sem saber o que fazer, ficou parado no final da rua. O focinho horrível de Cérbero teria sido de grande ajuda naquele labirinto, sem falar que provavelmente ela iria sentir a sua falta. Resa, Meggie, Mortimer — ela teria gostado de poder chamar os seus nomes pelas ruas. Onde vocês estão? Eu estou aqui, eu estou finalmente aqui!

Mas talvez eles não estejam mais aqui, Elinor!, sussurrou uma voz dentro dela enquanto o céu desconhecido tornava-se cada vez mais escuro sobre eles. Talvez eles estejam mortos há muito tempo. Calma, pensou. Calma, Elinor. Aquele pensamento não era permitido. Simplesmente, não era permitido.



33. *Ervas para a Feia*



A alma silencia

E se alguma vez ela volta a falar

O faz em sonhos.

Louise Glück, *Child crying out*



Violante descia várias vezes ao dia até os calabouços onde o Pardal havia mandado prender as crianças, ela se fazia acompanhar por duas criadas que lhe eram fiéis e um dos rapazes que servia a ela como soldado. O Pífaros o chamava de crianças-soldados, mas o seu pai havia providenciado para que esses jovens não fossem mais crianças, ao mandar matar seus pais e irmãos na Floresta sem Caminhos. Em breve as crianças nos calabouços abandonariam sua infância também. O medo fazia amadurecer rapidamente.

Todas as manhãs, as mães iam para a entrada do castelo e imploravam aos guardas que as deixassem ver ao menos os mais jovens. Elas traziam roupas, bonecas, um pouco de comida, na esperança que ao menos algo daquilo fosse parar nas mãos de seus filhos e filhas. Mas os guardas jogavam quase tudo fora, mesmo que Violante mandasse todas as vezes as suas criadas até eles, para recolher o que havia sido entregue.

Por sorte, o Pífaros a deixava ao menos fazer isso. Enganar o Pardal era fácil. Ele era mais burro do que a sua irmã com corpo de boneca, e nunca percebera como Violante manejava as coisas pelas suas costas. Mas o Pífaros era esperto, e havia apenas duas coisas que o tornavam controlável: o medo do seu pai e a sua vaidade. Violante tecia elogios ao Pífaros desde o primeiro dia em que ele pusera os pés em Ombra. Ela fingia que estava contente com a sua chegada e que tinha pena da fraqueza e da burrice do Pardal, falava da sua mania em desperdiçar e dera a Balbulus a tarefa de

ilustrar as mais sombrias canções do Pífaros em seu melhor pergaminho (mesmo que a raiva por ter que cumprir essa tarefa o tivesse feito quebrar diante dos seus olhos três dos seus mais caros pincéis).

Depois que o Pássaro Tisnado, seguindo ordens do Pífaros, atraía as crianças para a armadilha, Violante havia elogiado o Nariz de Prata por sua esperteza — e vomitara depois em seu aposento. Não deixava também que ele percebesse que ela não conseguia mais dormir à noite porque imaginava ouvir o choro vindo dos calabouços. Ah, não.

Ela acabara de fazer quatro anos quando o seu pai prendeu a ela e a sua mãe na velha câmara, mas a mãe lhe ensinara a manter a cabeça erguida. — Você tem o coração de um homem, Violante — dissera-lhe uma vez o seu sogro. Velho burro e triste. Ela nunca soube se com isso ele quisera lhe fazer um elogio ou expressar a sua reprovação. Ela só sabia de uma coisa. Que tudo aquilo que desejava pertencia aos homens: liberdade, conhecimento, força, esperteza, poder...

Não pertenciam aos homens também o desejo de vingança, a vontade de dominar, a impaciência com os outros? Tudo isso era herdado do seu pai.

A Feia.

O sinal que a deformava havia desaparecido, mas o nome ficara. Ele lhe pertencia como um rosto pálido em seu pequeno e delicado corpo. “A esperta, deveriam chamá-la”, dizia Balbulus às vezes. Ninguém a conhecia melhor do que Balbulus. Ninguém conseguia olhar através dela melhor do que ele, e Violante sabia que todas as raposas que Balbulus escondia em seus desenhos eram referências a ela.

A esperta. Sim, é o que ela era. A visão do Pífaros causava-lhe enjoos, mas ela sorria para ele assim como o fazia com o seu pai: com desprezo e uma pitada de crueldade. Ela usava sapatos que a faziam parecer mais alta (Violante sempre amaldiçoara o fato de ser tão pequena), e não fazia nada para embelezar seu rosto por achar que as mulheres belas poderiam ser talvez desejadas, mas jamais respeitadas, e muito menos temidas. Sem falar que ela teria

se sentido ridícula se tivesse pintado os lábios de vermelho ou afinado as sobrancelhas.

Algumas das crianças presas estavam feridas. O Pífaros havia permitido a Violante chamar o Coruja Mascarada para cuidar delas, mas não se deixou convencer a soltá-las. — Só quando tivermos prendido o pássaro para as quais elas estão servindo de isca! — ele respondera ao seu pedido.

E Violante podia ver diante dela como arrastavam o Gaio para o castelo, ensanguentado como o unicórnio que o Pardal caçara na floresta, entregue pelas mãos que choravam lá embaixo junto ao portão. A imagem permaneceu ainda mais real do que os desenhos que Balbulus fazia para ela, mas em seus sonhos a imagem era outra. Nela o Gaio venciam o seu pai e colocava a coroa sobre o seu cabelo, o seu cabelo marrom como o de um rato...

— O Gaio será em breve um homem morto — dissera Balbulus ainda ontem para ela. — Eu espero apenas que ele cuide para que a sua morte dê um bom quadro.

Violante teve vontade de dar-lhe um soco na cara, mas Balbulus nunca se deixara impressionar pela sua raiva. — Tenha cuidado, vossa feiosidade — dissera para ela. — Sempre vos apaixonais pelos homens errados. O último ao menos tinha sangue azul.

Por essa insolência ela deveria ter arrancado fora a sua língua — o seu pai o teria feito na mesma hora —, mas quem então iria lhe dizer a verdade, mesmo que doesse? Antes era Brianna que o fazia. Mas Brianna havia ido embora.

Lá fora surgia a terceira noite para as crianças no calabouço, e Violante acabara de pedir a uma de suas criadas para trazer-lhe um pouco de vinho quente, na esperança de que pudesse ao menos por algumas horas esquecer todas as pequenas mãozinhas que se agarravam em sua saia, quando Vito entrou em seus aposentos.

— Vossa Alteza! — O garoto acabara de fazer quinze anos, filho de um soldado morto, é claro, e o mais velho dos seus soldados. — A sua antiga criada está na torre, Brianna, a filha da curandeira.

Tullio olhou para Violante inseguro. Ele havia chorado quando ela mandara Brianna embora. Por causa disso, ela o proibira durante dois dias de entrar em sua câmara.

Brianna. Teriam os seus pensamentos a chamado até ali? O nome parecia-lhe ainda tão familiar. Provavelmente ela o havia pronunciado mais vezes do que o do seu filho. Por que será que o seu coração horrível batia mais rápido? Teria ele esquecido a dor que essa visita o fizera sentir? O seu pai tinha razão. O coração era uma coisa frágil, mutável, interessado apenas no amor, e nada era mais fatal do que transformá-lo em seu mestre. A razão deveria ser o mestre. Ela a consolava das loucuras do coração, inventava canções sarcásticas sobre o amor, o transformava num capricho da natureza, efêmero como as flores. Por que então ela continuava seguindo o seu coração?

Era o seu coração que se alegrava ao ouvir o nome de Brianna, mas a sua razão se perguntava: o que ela quer aqui? Sente falta da boa vida? Está cansada de trabalhar como criada do Olho Duplo, limpando o chão, de inclinar-se tanto diante do Pardal a ponto de bater com o queixo em seus joelhos toscos, ou ela pretende me implorar que lhe permita a entrada na cripta para que ela possa beijar a boca do meu marido morto?

— Brianna diz que está trazendo ervas da sua mãe Roxane para as crianças no calabouço. Mas ela quer entregá-las pessoalmente.

Tullio olhou para ela implorando. Ele não tinha orgulho, mas seu coração era fiel, fiel demais. No dia anterior alguns amigos do Pardal o haviam prendido novamente com os cachorros. O seu próprio filho estava com ele também.

— Bom, vá buscá-la, Tullio! — A voz podia entregá-la, mas Violante sabia como fazer com que ela soasse desinteressada. Apenas uma vez ela mostrara o que sentia: quando Cosme voltou — para depois envergonhar-se ainda mais, quando ele preferiu a sua criada.

Brianna.

Tullio saiu apressado e Violante passou a mão sobre os cabelos presos e examinou insegura o vestido e as joias que usava. Brianna tinha esse efeito. Ela era tão bonita que qualquer um em sua presença se sentia desengonçado e sem graça. Antigamente Violante gostava disso. Ela se escondia atrás da beleza de Brianna, sentia prazer de que por causa da sua criada os outros se sentissem

da mesma forma como ela sempre se sentia — feia. Ela gostava que tanta beleza a servisse, admirasse e, talvez, até a amasse.

Tullio sorria feito bobo sob os pelos do seu rosto, ao voltar com Brianna. Ela entrou insegura na câmara onde passara tantas horas. Diziam que carregava pendurada no pescoço uma moeda com a imagem de Cosme, que a beijava tantas vezes que o rosto era quase impossível de reconhecer, mas o sofrimento só a tornara mais bela. Como podia ser? Como poderia haver justiça num mundo onde nem mesmo a beleza era distribuída com igualdade.

Brianna curvou-se numa profunda reverência — ninguém o fazia com tanta altivez como ela — e entregou a Violante a cesta com as ervas medicinais. — Minha mãe soube pelo Coruja Mascarada que algumas das crianças estão feridas e que muitas não querem comer. Estas ervas talvez ajudem. Ela anotou para Vossa Alteza, o efeito que elas têm e como devem ser preparadas. — Brianna tirou uma carta selada debaixo das folhas e a entregou a Violante com uma nova reverência. Um selo para as indicações de uma curandeira?

Violante mandou embora a criada que estava abrindo a sua cama — não confiava nela — e pegou suas novas lentes. O mesmo mestre que fizera os vidros para o Olho Duplo — com armação de ouro, subentende-se — fizera os seus. Ela o pagara com o seu último anel. O vidro não lhe mostrava as mentiras, como diziam que fazia aquele que o Olho Duplo usava. Nem mesmo as letras de Balbulus ficaram mais nítidas do que com o berilo que ela costumava usar, mas o mundo já não era vermelho e ela podia enfim enxergar melhor com os dois olhos, mesmo que não pudesse usar os vidros por muito tempo sem cansar a vista. — Vossa Alteza lê demais! — dizia Balbulus sempre, mas o que mais ela poderia fazer? Sem as palavras ela morreria, simplesmente morreria mais rápido do que sua mãe.

No selo da carta, estava gravada a cabeça de um unicórnio. De quem era aquele selo?

Violante o abriu — e olhou automaticamente para a porta ao perceber quem havia lhe escrito. Brianna seguiu o seu olhar. Ela vivera tempo suficiente naquele castelo para saber que os muros e

portas tinham ouvidos, mas as palavras escritas eram, por sorte, silenciosas. Violante, porém, sentia ouvir a voz do Gaio enquanto lia — e compreendia muito bem o que ele estava lhe dizendo, mesmo que ele houvesse escondido suas reais palavras nas entrelinhas.

As palavras escritas falavam das crianças e que o Gaio se entregaria em troca da liberdade delas. Prometiam a seu pai curar o livro em branco se o Pífaró libertasse as crianças. As palavras escondidas, porém, diziam outra coisa, algo que somente ela era capaz de ler nas entrelinhas. Elas diziam que finalmente o Gaio havia concordado com o acordo que ela lhe oferecera ao pé do túmulo de Cosme.

Ele a ajudaria a matar seu pai.

Juntos será muito fácil.

Seria realmente? Ela abaixou a carta. O que ela pretendia ao fazer essa promessa ao Gaio?

Sentiu o olhar de Brianna e deu-lhe as costas abruptamente. Pense, Violante! Ela imaginou o que aconteceria, passo a passo, imagem a imagem como se folheasse um dos livros de Balbulus.

O seu pai iria para Ombra assim que o Gaio se entregasse. Isso era certo. Talvez ele ainda tivesse a esperança de que o homem que encadernara o livro em branco também pudesse curá-lo. E como ele não confiava o livro a ninguém mais, teria que levá-lo ele mesmo até o Gaio. É claro que o seu pai viria com a intenção de matar o Gaio. Ele estava desesperado, meio louco por causa daquilo que as páginas apodrecidas estavam fazendo com ele, e já no caminho iria imaginando as formas mais terríveis de matar o seu inimigo. Mas antes ele teria que confiar o livro a esse inimigo. E assim que o Gaio tivesse o livro em branco nas mãos tudo dependeria dela. Quanto tempo leva-se para escrever três palavras? Ela teria que conseguir. Apenas três palavras, alguns segundos de desatenção, uma pluma e um pouco de tinta, e quem morreria não seria o Gaio, mas seu pai — e Ombra seria sua.

Violante sentia que a respiração se acelerava, e como o sangue rugia em seus ouvidos. Sim, assim podia funcionar. Mas era um plano perigoso, para o Gaio bem mais perigoso do que para ela. Bobagem, vai funcionar!, dizia a sua razão, sua razão fria, mas seu

coração batia tão rápido que sentiu tonturas e gritava apenas uma coisa: como você quer protegê-lo quando estiver no castelo? O que vai fazer com o Pífaros e o Pardal?

— Vossa Alteza?

A voz de Brianna soava diferente de antes. Como se houvesse nela algo quebrado. “Bom. Espero que ela não consiga dormir!”, pensou Violante. “Espero que sua beleza murche enquanto limpa o chão de joelhos.” Mas quando se virou e olhou para Brianna teve vontade de abraçá-la e rir com ela como antigamente.

— Eu tenho que dizer mais uma coisa. — Brianna não baixou os olhos ao olhar para Violante. Ela era tão orgulhosa, continuava sendo. — Estas ervas têm um gosto muito amargo. Elas só funcionam se forem usadas da forma correta. Nos piores casos podem chegar a ser mortais. Tudo depende da Vossa Alteza.

Como se ela tivesse que lhe explicar isso! Mas Brianna continuava olhando para ela. Proteja-o!, diziam seus olhos. Caso contrário estará tudo perdido.

Violante se endireitou.

— Eu entendo muito bem! — disse ela rude. — E tenho certeza que em três dias as crianças vão se sentir muito melhor. Todo o mal terá um fim, e eu administrarei as ervas com todo o cuidado necessário. Dê essa mensagem. E agora vá. Tullio vai te acompanhar até o portão.

Brianna fez uma nova reverência. — Eu agradeço. Sei que com Vossa Alteza elas estão nas melhores mãos.

Ela se ergueu, reticente. — Sei que Vossa Alteza tem muitas criadas — acrescentou em voz baixa —, mas se desejar novamente a minha companhia, por favor, mande me chamar! Eu sinto a vossa falta. — Ela disse aquelas palavras em voz tão baixa que Violante mal as compreendeu.

Eu também sinto a sua falta, queria dizer as palavras na boca de Violante, mas ela não as pronunciou. Fique quieto, coração, criatura idiota e com péssima memória.

— Eu lhe agradeço — disse ela. — Mas por enquanto não tenho vontade de ouvir canções.

— Não. É claro que não. — Brianna ficou quase tão pálida como da vez em que ela a esbofeteara... depois de haver estado com Cosme e haver mentido para ela. — Mas quem lê para Vossa Alteza? Quem brinca com Jacopo?

— Eu mesma leio. — Violante tinha orgulho da frieza e distância da sua voz, apesar de que seu coração sentia diferente. — E no que diz respeito a Jacopo, eu quase não o vejo. Ele anda por aí com um nariz de lata que o ferreiro fez para ele, senta no colo do Pífaros e diz para todo mundo que nunca teria sido tão burro de deixar-se atrair pelo Pássaro Tisnado à praça do mercado.

— Sim. Isso é bem ele. — Brianna passou os dedos pelos cabelos ao lembrar-se as vezes em que os dedos de Jacopo os haviam puxado. Por alguns longos momentos as duas ficaram em silêncio, entre elas o morto que quando vivo as havia separado.

Brianna colocou a mão sob o seu pescoço. Ela realmente trazia uma moeda.

— Vossa Alteza o vê de vez em quando?

— Quem?

— Cosme. Eu o vejo todas as noites, em meus sonhos. E às vezes ele me aparece também durante o dia como se estivesse atrás de mim.

Idiota. Apaixonada por um morto. O que ela podia amar ainda nele? Sua beleza havia sido devorada pelos vermes, e o que mais havia para amar? Não, Violante enterrara o seu amor junto com ele. Dissipara-se como a embriaguez causada por uma jarra de vinho.

— Você quer descer até a cripta? — Violante não conseguia acreditar que aquelas palavras haviam saído da sua boca.

Brianna olhou para ela incrédula.

— Tullio vai te levar até lá. Mas não espere muito, você só vai encontrar os mortos lá embaixo. Diga-me uma coisa, Brianna — acrescentou ela (Violante, a Feia, Violante, a Terrível) —, você ficou decepcionada de o Gaio ter trazido o seu pai e não Cosme de volta do mundo dos mortos?

Brianna baixou a cabeça. Brianna nunca conseguiu descobrir se ela amava ou não o seu pai. — Eu gostaria muito de descer até a cripta — disse em voz baixa. — Se Vossa Alteza permitir.

Violante acenou para Tullio com a cabeça, e ele pegou a mão de Brianna.

— Apenas três dias e tudo ficará bem — disse Violante quando Brianna já estava na porta. — A injustiça não é imortal. Não pode ser!

Brianna concordou com a cabeça, tão ausente como se não houvesse ouvido.

— Mande me chamar — repetiu ela.

E ela foi embora. E Violante já sentia a sua falta ao fechar a porta. “E agora?”, pensou. “Há algum sentimento que você conheça melhor? Perder e sentir falta, a sua vida é feita disso.”

Ela dobrou a carta do Gaio e foi até a tapeçaria que já estava naquela câmara quando, aos sete anos, ela dormira ali pela primeira vez. Mostrava uma caçada a um unicórnio, tecida numa época em que unicórnios eram criaturas de fantasia e não animais de caça carregados pela cidade. Mas até mesmo o unicórnio da fantasia tinha que morrer. A inocência não sobrevivia por muito tempo em mundo nenhum. Desde que Violante encontrara o Gaio, o unicórnio a fazia pensar nele. Ela vira em seu rosto a mesma inocência.

Como você pretende protegê-lo, Violante? Como?

Não era em todas as histórias a mesma coisa? As mulheres não protegiam os unicórnios. Elas lhes traziam a morte.

Os dois guardas diante da porta pareciam cansados, mas eles se endireitaram rapidamente quando ela saiu. Crianças-soldados. Ambos tinham irmãos lá embaixo no calabouço.

— Acordem o Pífaros! — mandou ela. — Digam-lhe que eu tenho importantes notícias para meu pai.

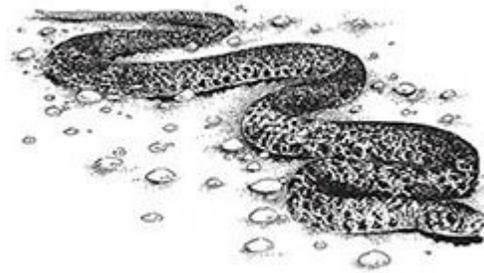
Meu pai. A palavra nunca perdera o seu efeito, mas palavra nenhuma tinha um gosto mais horrível. Apenas três letras, e ela se sentia tão pequena e fraca e tão feia que evitava que os outros a vissem. Lembrava-se bem demais do seu sétimo aniversário, o único dia em que seu pai estivera visivelmente feliz em ter uma filha tão pouco agraciada pela natureza. — É uma forma de vingança — dissera à sua mãe. — Entregar a mais feia das suas filhas como esposa ao belo filho de seu inimigo.

Pai.

Quando finalmente não haveria mais ninguém a quem chamar assim?

Ela pressionou a carta do Gaio sobre o coração.

Em breve.



34. Queimadas



Gostaria de ter mais tempo para pensar, antes que ela desaparecesse, pelo longo caminho abaixo; minha razão não conseguia mais respirar, tantos eram os pensamentos que ela ainda tinha por pensar.

Margo Lanagan, *Black juice*



Assim que o dia amanhecesse eles partiriam. O Pífaró aceitara as condições de Mo: as crianças de Ombra estariam livres assim que o Gaio cumprisse a sua promessa e se entregasse à filha do Cabeça de Víbora. Alguns dos ladrões, vestidos de mulher, planejavam esperar junto às mães em frente ao castelo, e Dedo Empoeirado acompanharia Mo até Ombra, como um aviso de fogo para o Pífaró. Mas no castelo o Gaio entraria sozinho.

Não o chame assim, Meggie!

Faltavam poucas horas até o amanhecer. O Príncipe Negro estava sentado insone junto ao fogo com Baptista e Dedo Empoeirado, que parecia não precisar dormir desde que voltara da morte. Farid estava ao seu lado, claro, e Roxane. A filha de Dedo Empoeirado, porém, havia se mudado para o castelo de Ombra. Violante recebera Brianna de volta na mesma manhã em que o Pífaró anunciara o seu acordo com o Gaio.

Mo não estava com eles junto ao fogo. Ele fora dormir, e Resa estava com ele. Como ele podia dormir naquela noite? O Homem Forte estava sentado diante da tenda como se tivesse que cuidar do Gaio ao menos agora.

— Vá dormir você também, Meggie — dissera-lhe Mo ao vê-la longe de todos os outros, sentada debaixo de uma árvore, mas Meggie apenas balançara a cabeça numa recusa. Chovia e as suas roupas estavam molhadas assim como o seu cabelo, mas dentro da

tenda não era muito melhor, e ela não queria ficar lá dentro deitada ouvindo a chuva lhe dizer como o Pífaró iria receber o seu pai.

— Meggie? — Doria sentou-se ao seu lado na grama molhada. O seu cabelo se ondulava por causa da chuva. — Você vai junto para Ombra?

Ela balançou a cabeça. Farid olhou para ela do outro lado.

— Eu vou entrar no castelo assim que o seu pai tiver atravessado o portão. Prometo isso a você. E Dedo Empoeirado também vai ficar perto do castelo. Nós vamos protegê-lo!

— O que você está me dizendo? — a voz de Meggie soou mais dura do que pretendia. — Vocês não podem protegê-lo sozinhos! O Pífaró vai matá-lo. Você está pensando: ela é só uma garota, conte-lhe qualquer mentira para consolá-la? Eu estive com meu pai no Castelo da Noite. Eu estive diante do Cabeça de Víbora. Eles vão matá-lo!

Doria ficou em silêncio. Ele ficou em silêncio por um longo tempo, e ela sentia muito ter falado com ele daquele jeito. Ela sentia muito, mas ficou em silêncio assim como ele, a cabeça baixa, para que ele não visse as lágrimas que ela prendia havia horas, e que suas palavras haviam feito brotar. É claro! Ele pensaria. Ela é uma garota. Ela chora.

Sentiu a mão de Doria em seus cabelos. Ele os acariciou como se quisesse espantar a chuva. — Ele não vai matá-lo — sussurrou-lhe. — O Pífaró tem muito medo do Cabeça de Víbora!

— Mas ele odeia o meu pai! Às vezes o ódio é mais forte que o medo! E se o Pífaró não o matar, então o Pardal o fará, ou o próprio Cabeça de Víbora! Ele nunca mais vai sair daquele castelo, nunca mais!

As suas mãos tremiam, como se o medo se escondesse em seus dedos. Mas Doria os envolveu com tanta segurança em suas mãos que eles pararam de tremer. Ele tinha mãos fortes mesmo que os seus dedos não fossem muito mais longos que os dela. Os dedos de Farid eram tão finos em comparação.

— Farid diz que você curou o seu pai da vez em que ele foi ferido. Ele disse que você o fez apenas com palavras.

Sim, mas desta vez ela não tinha palavra alguma.

Palavras...

— O que foi? — Doria soltou suas mãos e olhou para ela interrogativo. Farid continuava olhando para eles, mas Meggie não lhe dava atenção. Ela deu um beijo no rosto de Doria. — Obrigada! — disse ela e levantou-se com pressa.

É claro que ele não entendeu por que ela estava agradecendo. Palavras. As palavras de Orfeu! Como ela podia haver se esquecido disso?

Ela caminhou pela grama molhada até a tenda onde seus pais dormiam. “Mo vai ficar furioso!”, pensou. Mas ele vai viver! Ela já não havia contado aquela história mais de uma vez? Era hora de voltar a fazê-lo, mesmo que assim ela não tivesse o final que Mo queria. O Príncipe Negro teria que contá-la. Ele encontraria um jeito e tudo ficaria bem, mesmo sem o Gaio. Pois o Gaio tinha que ir embora — antes que o seu pai morresse com ele.

O Homem Forte estava encurvado. Sua cabeça pendia sobre o peito e ouvia-se um leve ronco quando Meggie passou por ele.

Sua mãe estava acordada. Ela havia chorado.

— Eu tenho que falar com você! — sussurrou Meggie para ela. — Por favor!

Mo dormia profundamente. Resa lançou um olhar para o seu rosto adormecido e seguiu Meggie para fora. Elas continuavam não falando muito uma com a outra. E agora ela tinha a intenção de fazer exatamente aquilo pelo que a sua mãe cavalgara até Ombra.

— Se for por causa de amanhã — Resa segurou a sua mão —, não diga a ninguém, mas eu irei até Ombra, mesmo que o seu pai não queira. Quero ao menos estar perto quando ele entrar no castelo...

— Ele não vai entrar no castelo.

A chuva caía pelas folhas onduladas como se as árvores chorassem e Meggie sentiu falta do jardim de Elinor. Lá a chuva parecia tão pacífica. Aqui ela sussurrava apenas sobre a morte e o perigo. — Eu vou ler as palavras.

Dedo Empoeirado se virou e por um momento Meggie temeu que ele pudesse ler em seu rosto o que ela pretendia e contar a Mo,

porém, Dedo Empoeirado virou-se novamente e beijou os cabelos negros de Roxane.

— Que palavras? — Resa olhava para ela sem compreender.

— As palavras que Orfeu escreveu para você! — As palavras pelas quais Mo quase morreu, ela quis completar. Agora elas iriam salvá-lhe a vida.

Resa olhou para a tenda onde Mo dormia. — Elas não estão mais comigo — disse ela. — Eu as queimei quando o seu pai não voltou.

Não.

— De qualquer forma elas não teriam podido protegê-lo!

Entre as urtigas molhadas surgiu um homem de vidro, verde-claro como muitos homens de vidro que ainda viviam na floresta. Ele espirrou assustado ao ver Meggie e Resa.

Sua mãe colocou a mão sobre seu ombro. — Ele não queria ir junto, Meggie! Ele pediu a Orfeu que escrevesse apenas para nós. O seu pai quer ficar, inclusive agora, e nem você nem eu podemos obrigá-lo a ir embora. Ele nunca nos perdoaria.

Resa teve vontade de acariciar os cabelos que caíam sobre a testa da filha, mas Meggie afastou a sua mão. Não podia ser. Ela estava mentindo. Mo nunca ficaria ali sem a sua mulher e sem a sua filha. Ou sim?

— Talvez ele tenha razão. Talvez vá ficar tudo bem — disse sua mãe em voz baixa. — E algum dia nós vamos contar a Elinor como seu pai salvou as crianças de Ombra. — Mas a voz de Resa não chegou nem perto de soar tão esperançosa como as suas palavras.

— Gaio... — sussurrou ela enquanto olhava em direção aos homens sentados perto do fogo. — Esse foi o primeiro presente que o seu pai me deu. Um marcador de livros feito das penas de um Gaio. Não é estranho?

Meggie não respondeu. E Resa acariciou novamente o seu rosto molhado e voltou para a tenda.

Queimadas.

Ainda estava escuro, mas algumas fadas mortas de frio já haviam começado a dançar. Mo partiria em breve e não havia nada que pudesse detê-lo. Nada.

Baptista estava sentado sozinho entre as raízes da grande árvore, na qual os guardas subiam à noite porque nos galhos mais altos era possível enxergar quase até Ombra. Ele costurava uma nova máscara. Meggie viu as penas azuis em seu colo e soube quem a usaria em breve.

— Baptista? — Meggie se ajoelhou ao seu lado. A terra estava fria e úmida, mas o musgo entre as raízes era macio como as almofadas na casa de Elinor.

Ele sorriu para ela, os olhos cheios de compaixão. O seu olhar consolava ainda mais do que as mãos de Doria. — Ah! A filha do Gaio — disse ele com a voz que o Homem Forte chamava de a voz de mercado de Baptista. — Que bela visão numa hora tão escura. Eu costurei um bom esconderijo para a faca do seu pai. Será que um pobre ator pode tornar o seu coração mais leve de alguma forma?

Meggie tentou sorrir. Ela sentia tanto pelas lágrimas. — Você pode cantar uma canção para mim? Uma dessas que o Tecelão de Tinta escreveu sobre o Gaio? Tem que ser sobre ele! A mais bonita que você conhece. Uma cheia de força e...

— ...esperança? — Baptista sorriu. — Com certeza. Eu também tenho vontade de ouvir uma canção assim. Mesmo que — acrescentou em voz baixa em tom de conspiração — o seu pai não goste quando a cantamos em sua presença. Mas eu vou cantá-la tão baixo que a minha voz não vai tirá-lo do seu sono. Vamos ver, qual será a canção adequada para esta noite sombria? — Pensativo, ele passou os dedos pela máscara quase pronta em seu colo. — Sim — sussurrou finalmente. — Eu sei! — e em voz baixa, começou a cantar:

*“Cuide-se, Pífaros, o seu fim está próximo.
Veja como a Víbora se contorce,
Como a sua força desaparece lentamente.
O Gaio a tirou dele
O Gaio que nenhuma espada pode ferir,
Que nenhum de seus cães pode atacar,
Que nunca está onde o procuram,*

*E que levanta voo,
Enquanto vocês o amaldiçoam."*

Sim. Aquelas eram as palavras certas. Meggie deixou que Baptista cantasse aquela canção até que pudesse reproduzir cada linha. E então ela foi para longe e sentou-se debaixo de uma árvore, ali onde o brilho do fogo ainda espantava a noite, e escreveu a canção no caderno de anotações que Mo encadernara havia muito tempo, numa outra vida, depois de uma briga que agora parecia tão estranha. Meggie, você ainda vai se perder nesse Mundo de Tinta. Não é o que ele dissera então? E agora era ele quem não queria ir embora desse mundo, queria permanecer sozinho, sem ela.

Preto no branco. Há tempos que ela não lia em voz alta, tanto tempo. Quando é que ela o fizera pela última vez? Ao trazer Orfeu para lá? Não pense nisso, Meggie. Pense nas outras vezes, no Castelo da Noite, nas palavras que o ajudaram quando ele estava ferido...

Tenha cuidado, Pífaros, o seu fim está próximo.

Sim, ela ainda conseguia. Meggie sentiu como as palavras ganhavam corpo em sua boca, como elas se misturavam com o que havia ao seu redor...

*Veja como a Víbora se contorce,
Como a sua força desaparece lentamente.
O Gaio a tirou dele*

Ela enviou as palavras para Mo em seu sono, colocou-as ao seu redor como uma proteção, impenetrável até mesmo para o Pífaros e seu senhor sombrio...

*O Gaio que nenhuma espada pode ferir,
Que nenhum de seus cães pode atacar,
Que nunca está onde o procuram,
E que levanta voo,*

Enquanto vocês o amaldiçoam.

Meggie leu a canção de Fenoglio muitas vezes. Até que o sol nasceu.



35. A próxima estrofe



*Este mundo cheio de pesadas tarefas
Eu o atravesso apenas uma vez;
Por isso se posso fazer uma boa ação para alguém
Se alguém se lamenta, seja mulher, seja homem,
Quero fazê-lo enquanto puder,
Sem demoras, pois este vale
Não atravessarei uma segunda vez
Anônimo, I shall not pass this way again*



Era um dia frio nublado e sem cor, como se Ombra estivesse usando um traje cinza. Logo de manhã as mulheres haviam ido até o castelo, silenciosas como o próprio dia, e agora elas estavam ali e esperavam sem dizer uma palavra.

Não se ouvia nenhum sinal de alegria, nenhum riso e nenhum choro. Havia apenas silêncio. Resa estava entre as mães como se ela também esperasse pelo seu filho e não o momento em que perderia o seu marido. Será que a criança que ela carregava no ventre, tão próxima ao seu coração dolorido, podia sentir o desespero da mãe naquela manhã? E se ela nunca chegasse a conhecer o pai? Teria Mo considerado essa hipótese alguma vez? Ela não lhe perguntara.

Meggie estava ao seu lado, o rosto tão controlado que deixava Resa mais amedrontada do que se tivesse chorado. Doria estava com ela. Ele usava as vestimentas de uma criada e um lenço cobrindo o cabelo castanho, porque os jovens da sua idade já começavam a chamar atenção em Ombra. O seu irmão não viera com eles. Mesmo as artes do disfarce de Baptista não teriam conseguido transformar o Homem Forte numa mulher, mas conseguira colocar diante do portão da cidade mais de dúzia de

ladrões, o rosto barbeado, roupas e lenços roubados cobrindo o cabelo. Nem mesmo Resa os percebia entre as mulheres. O Príncipe Negro dera instruções a seus homens para que juntassem as mães assim que as crianças fossem postas em liberdade, e convencê-las a levar suas filhas e filhos para a floresta já no dia seguinte, para que os ladrões as pudessem esconder antes que o Píforo quebrasse a sua palavra e as mandasse para as minas. Afinal, quem as resgataria quando o Gaio estivesse preso?

O Príncipe Negro não fora para Ombra com eles. O seu rosto escuro teria chamado demais a atenção. Também o Afanador, que havia criticado Mo por seus planos até o último instante, ficara no acampamento, assim como Farid e Roxane. Farid, é claro, quisera ir junto com eles, mas Dedo Empoeirado lhe havia proibido, e desde o que acontecera na Montanha da Víbora, Farid não se atrevia mais a desobedecer suas ordens.

Resa olhou novamente para Meggie. Ela sabia, se havia alguém capaz de consolá-la naquele dia, esta seria somente a sua filha. Meggie tornara-se adulta. Resa compreendeu isso naquela manhã. Eu não preciso de ninguém, dizia seu rosto, dizia para Doria, que estava ao seu lado, para sua mãe, e talvez principalmente para seu pai.

Um murmúrio surgiu na multidão que esperava. Nos muros do castelo aumentaram o número de guardas, e por trás das ameias sobre o portão, apareceu Violante, tão pálida que parecia verdade o que diziam os rumores sobre ela: que a filha do Cabeça de Víbora quase nunca deixava o castelo do seu marido morto.

Resa nunca havia visto a Feia. Mas é claro que já ouvira falar do sinal que marcara seu rosto feito uma queimadura e que se apagara com a volta de Cosme. Realmente, mal se percebia, mas Resa deu-se conta que Violante colocou a mão sobre a face ao ver as mulheres que olhavam para ela. A Feia. Teriam chamado-a por aquele nome antigamente, assim que ela surgia nas ameias? Mesmo agora algumas mulheres o sussurravam. Resa achou que Violante não era nem feia nem bonita. Ela se mantinha muito ereta, como se quisesse compensar sua pequena estatura, porém, entre os dois homens que a acompanhavam, ela parecia tão jovem e

frágil que o medo se apoderou do coração de Resa como uma garra. O Pífaros e o Pardal. Violante parecia uma criança entre os dois.

Como é que essa menina poderia proteger Mo?

Um garoto apareceu ao lado do Nariz de Prata. Ele também usava um nariz de metal no rosto só que por baixo dele se escondia um nariz de verdade. Deveria ser Jacopo, o filho de Violante. Mo lhe contara sobre ele. Aparentemente, preferia a companhia do Pífaros à da sua mãe, era o que dava a entender o olhar de admiração que ele lançava ao heraldo de seu avô.

Resa sentiu uma tontura ao ver o Nariz de Prata lá em cima tão orgulhoso, Violante não poderia proteger Mo daquele homem. Ele era o senhor de Ombra agora, não ela ou o Pardal, que olhava com expressão arrogante para seus súditos como se a mera visão deles lhe causasse enjoos. O Pífaros, em compensação, parecia tão à vontade como se aquele dia pertencesse apenas a ele. Eu não disse a vocês?, dizia o seu olhar com sarcasmo. Eu vou pegar o Gaio, e mesmo assim continuarei com suas crianças.

Por que ela viera? Por que fazia aquilo com ela mesma? Para se convencer que tudo aquilo estava acontecendo realmente, que não era apenas algo que ela lera?

A mulher ao seu lado segurou o seu braço. — Ele está vindo! — sussurrou ela para Resa. Ouviam-se sussurros de todos os lados: — Ele está vindo! Ele está vindo realmente! — E Resa viu que os guardas nas torres ao lado do portão davam ao Pífaros um sinal.

É claro que ele vinha. O que elas haviam pensado? Que ele não manteria sua promessa?

O Pardal ajeitou a peruca e sorriu para o Pífaros triunfalmente, como se afinal houvesse conseguido, com suas próprias mãos, trazer até ali a presa por tanto tempo perseguida, mas o Pífaros não lhe deu atenção. Ele olhava fixamente para a rua que levava para o portão da cidade, os olhos tão cinzas como o céu sobre eles, e também tão frios. Resa se lembrava bem demais daqueles olhos. Ela se lembrava também do sorriso que surgia daqueles lábios finos. Era o mesmo sorriso que ela vira na Fortaleza de Capricórnio, sempre que havia alguma execução.

Então ela viu Mo.

De repente ele estava lá, no final da rua, montado no cavalo negro que o Príncipe Ihe dera de presente depois que fora obrigado a deixar o seu no Castelo de Ombra. A máscara que Baptista fizera para ele estava pendurada em seu pescoço. Ele não precisava mais da máscara para se transformar no Gaio. O Encadernador e o ladrão tinham agora o mesmo rosto.

Dedo Empoeirado vinha atrás dele. Montava o cavalo que levara Roxane até o Castelo da Noite, a ela e as palavras salvadoras de Fenoglio. Mas para aquilo que estava para acontecer, não havia palavras. Ou será que havia? Não era o terrível silêncio que pairava sobre todos também feito de palavras?

Não, Resa, pensou ela. Esta história já não tem mais autor. O que acontece agora é escrito pelo Gaio, com sua carne e seu sangue, e por um instante, ao vê-lo cavalgar pela rua, nem mesmo ela teria conseguido dar a Mo um outro nome. Gaio. As mulheres Ihe davam passagem, nervosas, como se de repente lhes parecesse alto demais o preço que teriam que pagar para ter os seus filhos de volta. Mas finalmente a rua tornou-se mais ampla, ampla o suficiente para os dois cavaleiros, e cada galope fazia com que os dedos de Resa apertassem com força o tecido de sua roupa.

“O que foi? Você não gostava de ler exatamente esse tipo de história?”, pensou ela, o coração batendo na boca. “Você também não amaria essa história? O ladrão que liberta as crianças, entregando-se ele mesmo nas mãos dos seus inimigos... Diga a verdade. Você amaria cada palavra!” Só que na maioria das vezes os heróis dessas histórias não tinham esposas. Nem filha.

Meggie continuava ali como se nada daquilo Ihe dissesse respeito, mas os seus olhos fixavam-se em seu pai como se o olhar pudesse protegê-lo. Mo passou tão perto dela que Resa poderia tocar seu cavalo. Ela sentiu as pernas bambas. Segurou-se no braço da mulher ao lado, ela mal conseguia se manter em pé de náuseas e fraqueza. Olhe para ele, Resa!, pensou. Para isso você está aqui. Para vê-lo mais uma vez. Ou não? Estaria ele com medo? O mesmo medo que tantas noites Ihe tirara o sono, o medo das grades e das correntes? Resa, deixe a porta aberta...

Dedo Empoeirado estava com ele. Ela tentava se consolar. Estava bem atrás dele e deixara todo o medo com a morte. Mas Dedo Empoeirado o acompanharia somente até o portão, e do outro lado o esperava o Pífarol, sussurrava-lhe o seu coração, e as pernas perderam novamente a força até que ela de repente sentiu o braço de Meggie debaixo do seu, tão forte como se a filha fosse das duas a mais velha. Resa encostou o rosto no ombro de Meggie, enquanto ao redor as mulheres olhavam fixamente para o portão do castelo ainda fechado.

Mo puxou as rédeas do seu cavalo. Dedo Empoeirado ia bem perto dele, o rosto tão inexpressivo como só ele era capaz. Ela ainda não conseguia se acostumar a vê-lo sem cicatriz. Ele parecia tão mais jovem. Muitos olhares se dirigiam a ele, o Dançarino de Fogo, que o Gaio havia resgatado da morte.

— O Pífarol não pode lhe fazer mal! — sussurrou a mulher ao seu lado. E soava como um feitiço. — Não! Como pode ele prender o Gaio, se nem mesmo a morte o conseguiu?

Talvez o Pífarol seja mais mortífero que a morte, quis responder Resa, mas calou-se, calou-se e dirigiu o olhar para o Nariz de Prata.

— Realmente! É o Gaio em pessoa! — a sua voz ressoou pelo silêncio que se abatera sobre Ombra. — Ou você ainda afirma ser outra pessoa como então no Castelo da Noite? Você parece tão maltrapilho, um verdadeiro vagabundo. Na realidade eu pensei que você fosse mandar um substituto, na esperança de que nós não o reconhecêssemos logo atrás da máscara.

— Oh não. Eu não acho que você seja assim tão burro, Pífarol. — O rosto de Mo estava cheio de desprezo quando olhou para o Nariz de Prata. — Ou será que devemos te chamar pelo seu novo ofício? O Matador de Crianças. Que tal, hein?

Resa nunca sentira tanto ódio na voz dele. A voz capaz de resgatar os mortos, como todos murmuravam. Mas apesar de todo o ódio e toda raiva que havia nela, ainda sim soava suave e quente em comparação ao Pífarol.

— Chame-me como bem quiser, Encadernador! — O Pífarol apoiava o punho enluvado nas ameias. — Pelo que dizem você também entende muito de assassinatos. Mas por que você trouxe o

comedor de fogo? Eu não me lembro de tê-lo convidado! Onde estão as suas cicatrizes? Deixou-as com os mortos?

A ameia onde o Pífaros se apoiava pegou fogo e as chamas sussurravam palavras que só Dedo Empoeirado entendia. O Nariz de Prata se afastou praguejando e tentando abafar as faíscas em sua elegante roupa, enquanto o filho de Violante procurava se proteger atrás dele e olhava fascinado para o murmúrio do fogo.

— Algumas coisas eu deixei com a morte, Pífaros. Outras eu trouxe comigo. — Dedo Empoeirado não falou alto, mas as chamas se extinguíram como se se escondessem novamente na pedra, para ali esperar por novas palavras de fogo. — Estou aqui para te avisar, nem pense em maltratar o seu hóspede. O fogo é agora amigo dele também, e eu não preciso te explicar que amigo poderoso ele é.

Pífaros limpou a fuligem das roupas com o rosto pálido de raiva, mas antes que pudesse responder, o Pardal se inclinou sobre as ameias.

— Hóspede? — disse ele. — Seria essa palavra adequada para um ladrão que está sendo aguardado pelo carrasco do Castelo da Noite? — sua voz fez com que Resa se lembrasse dos gansos de Roxane.

Violante o empurrou para o lado, como se ele fosse um de seus serviçais. Ela era tão pequena. — O Gaio é o meu prisioneiro, governador! Este é o acordo. E ele está sob minha proteção até o meu pai chegar. — A sua voz soou cortante e clara, surpreendentemente forte para um corpo tão delicado, e por um momento Resa recobrou a esperança. “Talvez ela possa protegê-lo!”, pensou, e viu essa mesma esperança no rosto de Meggie.

Mo e o Pífaros continuavam se encarando. O ódio parecia tecer uma teia entre eles, e Resa teve que pensar na faca que Baptista havia costurado com tanto cuidado na roupa de Mo. Ela não sabia se o fato de ele tê-la consigo a assustava ou a deixava mais calma.

— Bom! Digamos que é o nosso hóspede! — disse o Pífaros. — O que significa que devemos demonstrar-lhe nossa tão especial hospitalidade! Afinal, faz tempo que esperamos por ele.

Ele levantou a mão ainda negra do fogo de Dedo Empoeirado, e os guardas do portão apontaram suas lanças em direção a Mo.

Algumas mulheres gritam. Resa achou ter ouvido também a voz de Meggie, mas ela mesma estava muda de medo. Os guardas nas torres apontaram suas balistas.

Violante empurrou seu filho para o lado e deu um passo em direção ao Pífaros. Dedo Empoeirado, porém, deixou que o fogo lambesse seus dedos como um animal domesticado, e Mo desembainhou a espada que o Pífaros sabia muito bem a quem havia pertencido.

— O que significa isso? Solte as crianças, Pífaros! — disse ele, e dessa vez a sua voz soou tão fria que Resa mal a reconheceu. — Solte-as, ou você prefere comunicar ao seu senhor que sua carne vai continuar apodrecendo em seus ossos porque você só conseguiu trazer-lhe o Gaio morto?

Uma das mulheres começou a soluçar. Outra colocou a mão sobre a boca. Resa descobriu Minerva bem atrás das duas, a senhoria da casa de Fenoglio. É claro, eles haviam capturado os seus filhos também. Mas Resa não queria pensar nos filhos de Minerva ou das outras mulheres. Ela enxergava apenas as lanças direcionadas para o peito desprotegido de Mo e as balistas que apontavam para ele de cima do muro. — Pífaros! Eu estou te avisando. — Era mais uma vez a voz de Violante, que fez com que Resa voltasse a respirar. — Solte as crianças.

O Pardal lançou um olhar ansioso para as balistas. Por um momento Resa temeu que ele fosse ordenar que atirassem, somente para colocar aos pés do Cabeça de Víbora o Gaio, como uma presa muito especial. Porém, em vez disso, o Pífaros se inclinou e deu um sinal para os guardas.

— Abram o portão! — disse ele com voz entediada. — Soltem as crianças e que entre o Gaio!

Novamente Resa escondeu o rosto no ombro de sua filha. Meggie parecia ainda tão controlada quanto seu pai, mas continuava olhando fixamente para ele como se temesse perdê-lo no momento em que seus olhos o abandonassem.

O portão se abriu lentamente. Chiou, emperrou e os guardas tiveram que abri-lo aos empurrões.

Então elas apareceram. As crianças. Tantas. Elas correram para fora como se esperassem havia dias atrás do pesado portão. Os pequenos tropeçavam, tamanha a pressa que tinham em deixar os muros, mas os grandes os colocavam novamente em pé. O medo estava escrito no rosto de todos eles, um medo imenso. Os mais novos começaram a correr assim que viram suas mães, se jogaram nos braços que os esperavam e se aninharam entre as mulheres como num esconderijo protegido. Os mais velhos, porém, retornavam devagar, quase indecisos, para a liberdade. Examinavam os guardas cheios de desconfiança ao passar por eles, e se detiveram ao reconhecer os dois homens que esperavam em seus cavalos diante do portão.

— Gaio! — Era apenas um sussurro, mas vinha de muitas bocas, cada vez mais alto, até que o nome parecesse estar escrito no céu. — Gaio. Gaio. — As crianças se amontoavam, apontavam com o dedo para Mo e olhavam pensativas para as faíscas que envolviam Dedo Empoeirado como um enxame de pequenas fadas. — Dançarino de fogo.

Cada vez mais crianças paravam diante dos dois cavalos, rodeavam os dois homens, os tocavam como se quisessem ter certeza se eram de carne e osso, os homens que conheciam apenas as canções que suas mães lhes cantavam em segredo na cama.

Mo se inclinou do cavalo. Ele chamou as crianças para o lado e disse para elas algo em voz baixa. Depois olhou uma última vez para Dedo Empoeirado e dirigiu seu cavalo para o portão aberto.

Elas não o deixaram partir.

Três crianças se colocaram em seu caminho, dois garotos e uma menina. Eles seguraram suas rédeas e não queriam permitir que ele entrasse ali, o lugar onde elas haviam estado, ele iria se perder atrás do muro, assim como elas. Cada vez mais elas o envolviam, o prendiam, protegendo-o das lanças dos guardas, enquanto suas mães chamavam por elas.

— Gaio!

A voz do Pífaru fez com que as crianças se afastassem. — Atravesse o portão ou vamos pegar todo mundo de volta e

pendurar uma dúzia deles em jaulas sobre o portão para que os corvos os devorem!

As crianças não se mexiam. Elas apenas olhavam para cima — para o Nariz de Prata e o garoto ao seu lado, mais novo do que elas. Mo, porém, pegou as rédeas e abriu um caminho entre as crianças com tanto cuidado como se cada uma delas fosse seu filho, e as crianças ficaram ali enquanto as mães as chamavam, olhando para ele, quando atravessou o enorme portão. Completamente só.

Mo olhou mais uma vez para trás antes de passar pelos guardas, como se soubesse que sua mulher e sua filha o haviam seguido, e Resa viu o medo em seu rosto. Com certeza, Meggie também o havia visto.

O portão já começava a se fechar quando ele retomou a marcha. — Desarmem-no! — Resa ouviu o Pardal gritar, e a última coisa que viu foram os soldados que tiravam Mo do cavalo.



36. A visita surpresa



Deus respirou profundamente. Uma nova reclamação! Por acaso alguma vez alguém havia aparecido sem reclamações diante dele? Ele se limitou a erguer as sobrancelhas, sorrir e perguntar: "Homem, como vai o desenvolvimento das cenouras?"

Ted Hughes, The secret of man's wife



Ah, Despina! Como era bom ver seu pequeno rosto novamente! Mesmo que o seu olhar fosse cansado e triste, assustado como um pássaro que caiu do ninho. E Ivo — era ele já tão alto antes que o cretino do Pássaro Tisnado decidisse se dedicar ao rapto de crianças? Como estava magro... e o que era aquele sangue em sua roupa? — As ratazanas nos morderam — disse ele e mostrou-se adulto e destemido como tantas vezes desde a morte de seu pai. Mas Fenoglio viu medo em seus olhos de criança. Ratazanas!

Ah, ele não conseguia parar de beijar e abraçar os dois, tão aliviado estava. Sim, era verdade. Ele se perdoava muita coisa, ele se perdoava facilmente, mas se a sua história tivesse matado os filhos de Minerva também, ele não tinha certeza de como teria superado isso. Mas estavam vivos e fora ele que dera a vida àquele que os salvara.

— O que iriam fazer com ele agora? — Despina se libertou do seu abraço, os olhos grandes escuros de preocupação. Maldição, era realmente incômodo nas crianças que elas sempre fizessem as perguntas que com tanto cuidado evitávamos. E elas davam também as respostas que não queríamos ouvir!

— Eles vão matá-lo! — afirmou Ivo, e os olhos de sua pequena irmã se encheram de lágrimas.

Como podia ser que ela chorasse por causa de um estranho? Eles haviam visto Mortimer aquele dia pela primeira vez. Porque as tuas

canções lhes ensinaram a amá-lo, Fenoglio. Todos eles o amam, e o dia de hoje vai escrever esse amor em seus corações para sempre. Independentemente do que o Pífaros fizer com ele, a partir de agora o Gaio era tão imortal como o Cabeça de Víbora. Ele, inclusive, de uma forma muito mais definitiva, já que no caso do Cabeça de Víbora havia as três palavras que podiam matá-lo. As palavras, porém, manteriam Mortimer vivo, mesmo que ele morresse atrás dos muros do castelo, todas as palavras que desde agora sussurravam-se e cantavam-se pelas ruas.

Despina secou as lágrimas dos olhos e olhou para Fenoglio na esperança de que ele contradissesse o seu irmão, e ele o fez, naturalmente, por ela e por ele mesmo. — Ivo! — disse ele, sério. — Que bobagens você está dizendo? — Por acaso você acha que o Gaio não tinha nenhum plano ao se entregar? Você acha que ele simplesmente vai até o Pífaros como um coelho para a armadilha?

Um sorriso de alívio surgiu nos lábios de Despina, e no rosto de Ivo apareceu a sombra da dúvida.

— Não, é claro que não! — disse Minerva, que estivera em silêncio desde que levara as crianças para o quarto. — Ele é uma raposa, não um coelho! Ele vai passar a perna em todos eles. — E Fenoglio ouviu em sua voz germinar a semente que suas canções haviam plantado. Esperança: o Gaio ainda a representava, no meio de toda aquela escuridão.

Minerva levou os filhos com ela. Claro. Primeiro ela iria alimentá-los com tudo o que encontrasse na casa e no quintal. Fenoglio ficou sozinho com Quartzos Rosa, que ficara misturando as tintas em silêncio enquanto Fenoglio cobria Despina e Ivo de beijos.

— Ele vai passar a perna em todos eles? — disse com sua voz fina assim que Minerva fechou a porta atrás de si. — Como? Sabe o que eu acho? Eu acho que o seu fantástico ladrão está no fim! E ele vai ser executado de uma forma nada agradável. Oh sim! Espero apenas que seja no Castelo da Noite. Ninguém imagina o que todos aqueles gritos de dor fazem com a cabeça de um homem de vidro.

Moleque de vidro sem coração! Fenoglio jogou uma rolha em sua direção, mas Quartzos Rosa estava acostumado com aqueles ataques e se esquivou a tempo. Por que justamente ele tinha que

ter um homem de vidro tão pessimista? Quartzo Rosa tinha o braço esquerdo numa tipoia. Depois da apresentação do Pássaro Tisnado, Fenoglio o havia convencido a espionar Orfeu novamente e o seu terrível homem de vidro havia realmente empurrado o coitado pela janela. Por sorte Quartzo Rosa aterrissara no toldo, mas Fenoglio continuava sem saber se fora Orfeu quem criara a cena da prisão das crianças! É impossível que ele a houvesse escrito. Orfeu não conseguia criar nada sem o livro, e este, ao menos isso Quartzo Rosa descobrira, havia realmente sido roubado por Dedo Empoeirado. Sem falar de que a cena era boa demais para aquele Cabeça de Bezerro, ou não?

Ele vai passar a perna em todos eles...

Fenoglio foi até a janela enquanto o homem de vidro ajeitava a tipoia com um suspiro cheio de censura. Teria Mortimer realmente um plano? Maldição, como ele poderia saber? Mortimer não era um personagem seu mesmo que interpretasse um deles. “É realmente muito desagradável!”, pensou Fenoglio. Se fosse um dos seus, ele provavelmente poderia dizer o que estava acontecendo atrás daquele três vezes maldito muro.

Sombrio, ele olhava para o castelo do outro lado. Pobre Meggie. E provavelmente, mais uma vez ela o culparia por tudo aquilo. A sua mãe o fazia com certeza. Fenoglio se lembrava muito bem do olhar implorante de Resa. Você tem que nos escrever de volta! Você nos deve isso! Sim, talvez ele devesse realmente ter tentado. E se eles matassem Mortimer? Não teria sido melhor para todos ir embora? O que ele estava fazendo ali então? Ver como a sua história passaria a ser contada pelo Víbora Imortal e pelo Nariz de Prata?

— É claro que é aqui! Você não ouviu o que ela disse? Subindo a escada. Você está vendo aqui alguma outra escada? Por Deus, Darius!

Quartzo Rosa esqueceu seu braço quebrado e olhou para a porta. De quem era aquela voz de mulher?

Bateram na porta, mas antes que Fenoglio pudesse dizer “entre”, ela se abriu, e uma mulher bastante forte surgiu tão intempestivamente em sua câmara que ele deu automaticamente um passo para trás e bateu com a cabeça numa das vigas do teto.

O vestido que ela estava usando parecia ter sido tirado diretamente de uma produção teatral barata.

— Por favor. É ele! — anunciou ela e o examinou com tanto desprezo que Fenoglio teve consciência de cada buraco em sua roupa. “Eu conheço essa mulher!”, pensou. Mas de onde?

— O que está acontecendo aqui, hein?— Ela afundou o seu dedo com tanta força no peito de Fenoglio como se quisesse atingir diretamente o seu velho coração.

Ele também já havia visto o rapaz magro atrás dela, claro, em...

— Por que hastearam em Ombra a bandeira do Cabeça de Víbora? E quem é esse horrível rapaz com o Nariz de Prata? Por que eles ameaçaram Mortimer com as suas lanças, e desde quando, que inferno, ele carrega uma espada?

A Devoradora de Livros. Claro! Elinor Loredan. Meggie já lhe falara muitas vezes nela. Ele mesmo a vira a última vez através de uma grade num dos canis na Fortaleza de Capricórnio. E o rapaz tímido com olhar de coruja era o leitor gago de Capricórnio! O seu nome, por mais que se esforçasse, ele não lembrava. O que aqueles dois estavam fazendo ali? Havia agora passeios turísticos para a sua história?

— Eu confesso que fiquei aliviada ao ver Mortimer com vida — continuou a visita inesperada (será que ela teria que respirar em algum momento?). — Sim, realmente, graças a Deus ele parece são e salvo, apesar de eu não ter gostado nada de vê-lo entrar sozinho naquele castelo. Mas onde estão Resa e Meggie? E o que aconteceu com Mortola, Basta e Orfeu, aquele Cara de Lua inflado?

Por Deus, essa criatura era exatamente tão horrível como ele imaginara! E o seu acompanhante — Darius! Sim, exatamente, esse era o seu nome — olhava tão fascinado para Quartzos Rosa, que este, envaidecido, ajeitou os cabelos de vidro cor-de-rosa.

— Silêncio! — trovejou Fenoglio. — Pelo amor de Deus, cale a boca.

Nenhum efeito. Nem o mais mínimo. — Aconteceu alguma coisa com eles! Confesse! Por que Mortimer estava sozinho? — Novamente ela enterrava o dedo em seu peito. — Sim, aconteceu

algo terrível com Meggie e Resa... Um gigante pisou nelas, elas foram traspassadas por uma lança...

— Foram coisa nenhuma! — interrompeu Fenoglio. — Elas estão com o Príncipe Negro!

— Com o Príncipe Negro? — Seus olhos ficaram quase tão grandes quanto os de seu acompanhante de óculos. — Oh!

— Sim! Se acontecer algo terrível com alguém aqui, então será com Mortimer! E por isso — Fenoglio pegou rudemente o seu braço e puxou-a em direção à porta — eu quero que me deixe sozinho, que diabos, tenho que pensar!

Isso fez com que ela realmente se calasse. Mas não funcionou por muito tempo.

— Algo terrível? — perguntou ela.

Quartzo Rosa tirou as mãos dos ouvidos.

— O que você quer dizer com isso? Quem é que escreve o que acontece aqui? É você, não é?

Ah, maravilha! Agora ela enfiava os seus dedos toscos na sua pior ferida!

— Não, de jeito nenhum! — continuou ele. — Esta história se conta agora sozinha, e hoje Mortimer evitou que ela tomasse um caminho extremamente desagradável! Infelizmente, porém, é provável que isto vá lhe custar o pescoço, e a única coisa que posso fazer neste caso é aconselhá-la a pegar a esposa e a filha dele e voltar com elas o mais rápido possível para o lugar de onde vocês vieram! Já que, pelo que parece, você encontrou um portal, não é verdade?

Com essas palavras ele abriu a sua porta, mas a senhora Loredan a fechou novamente.

— Custar-lhe o pescoço? O que isso significa? — Com um puxão ela libertou o seu braço (céus, a mulher era forte como um hipopótamo).

— Isso significa que infelizmente vão enforcá-lo ou decepá-lo ou esquartejá-lo ou o que mais o Cabeça de Víbora inventar como forma de execução para o homem que é o seu maior inimigo!

— O seu maior inimigo? Mortimer? — Ela franzira a testa incrédula, como se ele fosse um velho maluco que não soubesse do

que estava falando!

— Ele o transformou num ladrão!

Quartzo Rosa. Aquele maldito traidor. Seu dedo de vidro apontava tão sem compaixão para Fenoglio, que ele tinha vontade de pegar o homem de vidro da escrivaninha e parti-lo ao meio.

— Ele adora canções sobre ladrões — disse Quartzo Rosa para as duas visitas, com tanta confiança, como se as conhecesse desde sempre. — Ele está possuído por elas, e o pobre pai de Meggie deixou-se enredar por suas belas palavras como uma mosca numa teia de aranha!

Era demais. Fenoglio marchou em direção a Quartzo Rosa, mas a Devoradora de Livros se colocou no seu caminho.

— Não se atreva a colocar um dedo neste homem de vidro indefeso! — Ela o olhava como um buldogue. Credo, que mulher horrorosa! — Mortimer, um ladrão? Ele é a pessoa mais pacífica que eu conheço.

— Ah, é? — a voz de Fenoglio ficou tão alta que Quartzo Rosa colocou novamente as mãos sobre seus ouvidos ridiculamente pequenos. — Bom, talvez a pessoa mais pacífica torne-se belicosa ao quase ser assassinada, ver-se separado de sua esposa e preso por semanas num calabouço? E tudo isso não foi obra minha, por mais que esse homem de vidro mentiroso o diga! Pelo contrário, sem minhas palavras Mortimer estaria provavelmente morto há muito tempo!

— Assassinado? Calabouço?

A senhora Loredan lançou ao gago um olhar de espanto.

— Esta parece ser uma longa história, Elinor — disse ele com voz macia. — Talvez você devesse ouvi-la.

Mas antes que Fenoglio pudesse dizer alguma coisa, Minerva colocou a cabeça pela porta. — Fenoglio — disse ela, lançando um rápido olhar para os visitantes. — Despina está muito inquieta. Ela está preocupada com o Gaio e quer que você lhe diga como ele vai se salvar.

Mais isso ainda. Fenoglio deu um longo suspiro e tentou não ouvir Quartzo Rosa resfolegar sarcasticamente. Poderia abandoná-lo na Floresta sem Caminhos, sim, é o que devia fazer.

— Mande-a para mim — disse, mesmo não tendo a menor ideia do que iria contar à pequena. Ah, onde haviam ficado os dias em que a sua cabeça está repleta de ideias? Elas haviam desaparecido em meio àquela tristeza, era isso!

— O Gaio? Não era assim que o Nariz de Prata chamava Mortimer?

Que inferno, por um momento esquecera totalmente a visita.

— Fora daqui! — ordenou. — Fora da minha câmara, fora da minha história! Ela já tem visitantes demais.

Mas a mulher insuportável sentou-se na cadeira diante da sua escrivaninha, cruzou os braços e plantou os pés no seu chão como se quisesse criar raízes. — Ah não! Eu quero ouvir a história — disse ela. — A história completa.

Estava ficando cada vez melhor. Que dia mais infeliz, e ele ainda não havia acabado.

— Tecelão de Tinta? — Despina estava na porta, o rosto de quem havia chorado. Ao ver os dois estranhos ela automaticamente deu um passo para trás, mas Fenoglio foi em sua direção e pegou a sua mãozinha.

— Minerva me disse que você quer que eu te conte sobre o Gaio.

Despina balançou a cabeça sem tirar os olhos dos visitantes.

— Bom, isso vem na hora certa. — Fenoglio sentou-se na cama e colocou-a em seu colo. — Minhas duas visitas também querem ouvir algo sobre o Gaio. Que tal se nós dois lhes contássemos toda a história?

Despina concordou. — Como ele enganou o Cabeça de Víbora e resgatou da morte o Dançarino de Fogo? — sussurrou ela.

— Exatamente — disse Fenoglio. — Então nós dois vamos descobrir como ela continua. Nós vamos simplesmente tecer a canção adiante. Afinal eu sou o Tecelão de Tinta, não sou?

Despina concordou e olhou para ele tão esperançosa que o seu velho coração ficou terrivelmente pesado. Um tecelão sem fios para tecer, pensou ele. Mas não, os fios estavam ali, estavam todos ali, ele apenas não conseguia mais trabalhá-los.

A senhora Loredan ficou em silêncio de repente. Ela o olhava tão cheia de esperança como Despina. Até o Cara de Coruja olhava

para ele como se mal pudesse esperar para ouvir as palavras saírem de sua boca.

Só Quartzo Rosa virou-se de costas para ele e continuou misturando a tinta, como se quisesse lembrar-lhe com isso há quanto tempo ele não mais a utilizava.

— Fenoglio! — Despina passou a mão em seu rosto enrugado. — Comece logo!

— Sim, comece logo! — disse a Devoradora de Livros. Elinor Loredan. Ainda não lhe perguntara como havia chegado até ali. Como se já não houvesse mulheres suficientes naquela história. E o gago também não seria nenhum tipo de enriquecimento para ela!

Despina puxou a sua manga. De onde vinha toda aquela esperança em seus olhos chorosos? Como é que a esperança havia sobrevivido à maldade do Pássaro Tisnado e ao medo no calabouço escuro? Crianças, pensou Fenoglio enquanto Despina apertava sua mão com sua mãozinha. Se alguém pudesse trazer as palavras de volta, provavelmente seria ela.



37. Apenas uma gralha



*E no tempo que se seguiu, o mais sutil, que aventuras ela viveu?
Oh, ela foi um pássaro e uma maga e senhora da água e do fogo.
Franz Werfel, *Beschwörungen**



A casa onde Fenoglio morava lembra a Orfeu aquelas onde ele próprio havia morado não muito tempo atrás: um lugar pobre, torto e mal construído, com mofo nas paredes e janelas, através das quais a única vista eram outras casas tão pobres quanto — e ainda por cima chovia lá dentro, porque as janelas bem fechadas eram coisas de rico naquele mundo! Pobreza. Como ele odiava ter que se esconder no canto mais escuro do quintal interno, onde as aranhas subiam pela sua manga e a sujeira das galinhas arruinava as suas botas caras, só porque a senhoria de Fenoglio atacava com um forcado de esterco a quem aparecesse em seu pátio desde que Basta havia matado um menestrel ali mesmo, diante dos seus olhos. Mas que outra opção para ele? Ele tinha que saber. Tinha que saber se Fenoglio ainda escrevia.

Se ao menos esse homem de vidro inútil voltasse antes que o barro chegasse até os seus joelhos! Um frango magricela ciscou em volta, e Cérbero rosou do seu lado. Rapidamente Orfeu segurou o seu focinho. Cérbero. É claro que ele havia se alegrado quando o cão de repente arranhara a sua porta, mas o pensamento seguinte acabou definitivamente com a alegria... Como é que o cachorro havia chegado ali? Escreveria Fenoglio novamente? Será que Dedo Empoeirado havia levado o livro até ele? Nada fazia muito sentido, mas ele tinha que saber. Quem mais além de Fenoglio poderia ter criado a emocionante cena que havia sido o Gaio diante do castelo? Ah, como todos o amavam por isso! Mesmo que o Pífaros já devesse ter batido nele até deixá-lo meio morto — o Encadernador havia se

transformado num Deus ao passar pelo maldito portão do castelo. O Gaio como um valioso cordeiro a ser sacrificado! Se não havia sido Fenoglio, que uma maldição caísse sobre sua cabeça!

É claro que primeiro Orfeu mandara Oss junto com o homem de vidro, mas a senhoria de Fenoglio o descobrira. Não havia nenhum canto escuro onde aquela massa enorme pudesse se esconder, e Brilho de Ferro nem sequer havia chegado até a escada de Fenoglio. Uma galinha o havia caçado pela lama e um gato quase comera a sua cabeça de vidro, não se podia dizer que os homens de vidro fossem os espiões ideais, mas o seu tamanho era realmente muito prático! As fadas serviriam também, mas elas esqueciam a tarefa antes mesmo de voejar até a janela, e afinal, Fenoglio também usava o seu homem de vidro para espionar, mesmo que ele fosse péssimo naquilo.

Não, Brilho de Ferro era bem mais inteligente. Porém, ao contrário do homem de vidro de Fenoglio, ele tinha vertigens, o que excluía o caminho pelos telhados, e pelo chão ele tinha tanta dificuldade que era mais fácil colocá-lo diretamente diante da escada de Fenoglio, se se queria ter certeza que ele não se perderia por aí. Onde estava ele agora, que diabos? Levando em consideração que a escada deveria ser para o homem de vidro como uma montanha, mas mesmo assim... No alpendre atrás de Orfeu baliu uma cabra — provavelmente sentia o cheiro do cachorro — e através do couro de suas botas se infiltrava um líquido cujo cheiro suspeito agradava enormemente a Cérbero. Ele cheirava com vontade tudo o que havia na lama e Orfeu precisou puxá-lo de volta várias vezes.

Ali! Ali vinha finalmente Brilho de Ferro! Rápido como um rato ele pulava de degrau em degrau. Fantástico. Sim, para um homem de vidro ele era um pequeno rapaz bastante forte. Tomara que o que ele tivesse descoberto lhe valesse ter arruinado as botas tão caras.

Orfeu soltou a corrente da coleira de Cérbero, que na falta de algo melhor tivera que mandar fazer na rua dos ferreiros, e Cérbero correu em direção à escada tirando o homem de vidro do último degrau. Brilho de Ferro dizia que a baba do cachorro dava alergia em sua pele de vidro, mas como é que ele queria atravessar a lama

com seus membros torpes? Uma velha olhou pela janela quando o cachorro voltou correndo para Orfeu, mas por sorte não era a senhoria de Fenoglio.

— Então? — Cérbero deixou que o homem de vidro caísse em sua mão estendida. Eca, baba de cachorro era mesmo um negócio nojento.

— Ele não está escrevendo! Nem uma linha! — Brilho de Ferro passava os braços pelo rosto úmido. — Eu lhe disse, mestre! Ele bebeu até perder a razão! Seus dedos tremem só de ver uma pluma!

Orfeu olhou para a câmara de Fenoglio. Via-se luz sob a porta. Brilho de Ferro se arrastava sempre por baixo daquela abertura, rápido como uma enguia.

— Você tem certeza? — Ele prendeu novamente a corrente na coleira de Cérbero.

— Absoluta! E o livro também não está com ele! Mas ele tem visitas.

A velha jogou um balde d'água pela janela. Caso fosse realmente água.

Cérbero farejava novamente cheiro de interesse.

— Visitantes? E eu com isso? Que diabos também! Tenho certeza que ele voltou a escrever!

Orfeu olhou para as casas miseráveis. Em cada janela queimava uma vela. Elas queimavam por toda a Ombra. Por causa do Gaio. Maldito seja ele! Malditos sejam todos eles: Fenoglio e Mortimer, sua filha idiota — e Dedo Empoeirado. Sim, a ele amaldiçoava mais do que a todos. Ele o traíra, o roubara, a ele, Orfeu, que por tantos anos colocara o seu coração a seus pés, que o lera de volta para sua história e o arrancara da morte! Como o chamavam mesmo? A sombra incandescente do Gaio. Sua sombra! Benfeito. Ele, Orfeu, o teria transformado em bem mais do que uma sombra nessa história, mas agora estava tudo acabado. Ele declarara guerra a todos eles. Escreveria para eles uma história conforme o seu gosto — precisava apenas recuperar o livro!

Uma criança saiu de dentro da casa. Descalça, ela atravessou o quintal enlameado e desapareceu em um dos estábulos. Hora de

desaparecer. Orfeu limpou a baba de cachorro dos membros de Brilho de Ferro com um lenço, colocou-o sobre o ombro e saiu dali antes que a criança voltasse do estábulo. Antes de tudo para longe daquela sujeira, mesmo que nas ruas não fosse muito melhor.

— Páginas em branco, nada além de páginas em branco, mestre! — disse Brilho de Ferro para ele, enquanto atravessavam a noite de volta à casa de Orfeu. — Nada mais do que algumas frases riscadas... Isso é tudo, eu juro! O seu homem de vidro quase me viu hoje, mas eu pude me esconder a tempo na bota do seu senhor. Você não imagina o fedor lá dentro!

Ah sim, ele imaginava. — Vou mandar que as criadas te lavem com sabão.

— Oh, não, melhor não. Da última vez, por causa da água com sabão eu fiquei arrotando por mais de uma hora e os meus pés ficaram brancos feito leite!

— E daí? Por acaso você acha que eu vou permitir um homem de vidro cheirando a chulé sobre os meus pergaminhos?

Um guarda-noturno veio cambaleante na direção deles. Por que será que eles estavam sempre bêbados? Orfeu colocou-lhe algumas moedas de cobre na mão antes que lhe chamasse alguma das patrulhas que passavam por Ombra dia e noite desde que o Gaio estava preso no castelo.

— E o livro? Você o procurou direito?

Na rua dos açougueiros havia dois cartazes oferecendo carne fresca de Unicórnio. Ridículo. De onde iria vir aquilo? Orfeu entrou na rua dos vidros, mesmo que Brilho de Ferro odiasse aquele caminho.

— Bom, não foi fácil. — Brilho de Ferro olhou nervoso para as placas que ofereciam membros artificiais para homens de vidro quebrados. — Como eu lhe disse, ele tem visitas, e com todos aqueles olhos não foi fácil me esgueirar pela sua câmara! Mesmo assim eu olhei até mesmo entre suas roupas. Ele quase me prendeu na arca! Mas nada! Ele não está com o livro, mestre, eu juro!

— Que inferno! — Orfeu sentia uma vontade quase incontrollável de jogar ou quebrar alguma coisa. Brilho de Ferro já conhecia esse humor e segurava-se cuidadosamente em sua manga.

Quem mais além do velho poderia estar com o livro? Mesmo que Dedo Empoeirado o tivesse dado a Mortimer — este com certeza não o havia levado para o calabouço, Dedo Empoeirado deveria estar com ele. Orfeu sentiu uma queimação no estômago, tão forte como se uma das martas de Dedo Empoeirado estivesse lá dentro e mordesse com força em suas entranhas. Ele conhecia esse sintoma, que se apresentava sempre quando alguma coisa não funcionava como planejara. Úlcera, sim, era isso. Com certeza. “E daí?”, disse para si mesmo. “Não torne as coisas piores, ou você quer acabar num desses curandeiros que se limitam a fazer sangrias em deus e o mundo?”

Brilho de Ferro ia sentado, preocupado e em silêncio em seu ombro. Provavelmente pensava no banho de sabão que lhe esperava. Cérbero, porém, cheirava cada muro pelo qual passava. Claro, é lógico que o cachorro gostava daquele mundo, ele fedia até não poder mais. “Eu mudaria isso também!”, pensou Orfeu, “e escreveria para mim um espião mais eficiente, um que fosse diminuto como uma aranha e que com certeza não fosse feito de vidro. Mas você não vai escrever mais nada”, Orfeu, sussurrou para si mesmo, “porque você não tem mais o livro!”

Resmungando, acelerou o passo, impaciente, puxou Cérbero consigo, e pisou num cocô de gato. Lama, titica de galinha, cocô de gato... As suas botas estavam arruinadas, mas onde ia encontrar prata para comprar novas? Sua última tentativa de escrever uma caixa no Morro das Forças havia sido um total fracasso. As moedas eram finas como papel-alumínio.

Finalmente. Lá na frente, em todo seu esplendor. Sua casa. A mais bela casa de Ombra. O coração ainda batia acelerado quando via os degraus branco-alabastro e o brasão na entrada que convencia até a ele mesmo da sua ascendência nobre. É, afinal, as coisas até agora não haviam sido nada ruins para ele. Era bom que se lembrasse disso sempre que tivesse vontade de quebrar homens de vidro ou desejar a peste bubônica a rapazes árabes e magros. Sem falar de cuspidores de fogo mal-agraçados!

Orfeu parou de repente. Um pássaro estava sentado na escada. Parado ali como se pretendesse fazer seu ninho num dos degraus. E

nem mesmo foi embora quando Orfeu se aproximou, apenas o olhava fixamente com seus olhos de botão preto.

Besta emplumada horrorosa. Eles deixavam sua sujeira por toda parte. E esse voejar eterno, seus bicos pontudos, as plumas cheias de piolhos e lêndeas...

Orfeu soltou a corrente da coleira de Cérbero.

— Vai, pegue-o! — Cérbero adorava caçar pássaros e de vez em quando realmente pegava algum. Porém, desta vez ele colocou o rabo entre as pernas e se afastou, como se fosse uma cobra o que estava na escada de Orfeu. Mas que diabos...

O pássaro balançou a cabeça e pulou um degrau para baixo.

Cérbero encolheu a cabeça e o homem de vidro se agarrou nervoso na gola de Orfeu. — É uma gralha, mestre! — murmurou ele em seu ouvido. Elas es... — sua voz quase não saía — elas estraçalham os homens de vidro e colocam os cacos coloridos em seus ninhos! Por favor, mestre, mande-a embora!

A gralha aproximou-se mais ainda e os encarou. Era um pássaro estranho, definitivamente estranho.

Orfeu se agachou e jogou uma pedra nela. A gralha abriu as asas e soltou um grasnido.

— Oh, mestre, mestre, ela quer me estilhaçar! — gaguejou Brilho de Ferro e se agarrou em sua orelha. — Homens de vidro com membros cinza são algo raro!

O grasnido que a gralha soltou desta vez parecia uma gargalhada.

— Você continua com uma aparência bem idiota, Orfeu.

Ele reconheceu a voz imediatamente. A gralha esticou o pescoço. Ela tossiu como se se engasgasse por ter comido uma semente com muita pressa. Depois ela cuspiu uma, duas, três sementes na sua escada branco-alabastro e começou a crescer.

Cérbero se escondeu tremendo atrás das pernas de Orfeu e Brilho de Ferro tremia tão vergonhosamente, que os seus membros pareciam talheres batendo dentro de uma cesta de piquenique.

A gralha, porém, continuou a crescer. As penas se transformaram em roupas negras, o cabelo grisalho, penteado para trás, dedos que contavam rapidamente as sementes que o bico de pássaro havia

cuspidado sobre a escada. Mortola parecia mais velha do que Orfeu se lembrava, bem mais velha. Seus ombros permaneciam encurvados mesmo depois de ela se levantar. Os dedos se dobravam como garras de pássaro, o seu rosto parecia afundado sob os ossos salientes das faces, a pele tinha cor de pergaminho amarelado. Os olhos, porém, continuavam penetrantes e faziam com que a cabeça de Orfeu se encolhesse como um garoto de escola.

— Como... como isso é possível! — gaguejou ele. — No livro de Fenoglio não há nada sobre transformações! Somente sobre imitação...

— Fenoglio! Ele não sabe de nada! — Mortola tirou uma pena do seu vestido negro. — Tudo se transforma neste mundo. Alguns, porém, precisam primeiro morrer para isso. Mas há meios — e com essas palavras colocou as sementes que juntara cuidadosamente numa bolsa de couro — de libertar-se do próprio corpo sem precisar das Damas Brancas para isso.

— É mesmo? — Orfeu começou no mesmo instante a pensar nas possibilidades que essa história apresentava, mas Mortola não o deixou continuar com seus pensamentos.

— Você se ajeitou muito bem neste mundo, não é verdade? — grunhiu ela enquanto olhava para sua casa. — Olho Duplo, o negociante imberbe do outro lado do mar, que negocia unicórnios e anões e realiza cada desejo dos novos senhores de Ombra — bom, se não é o meu caro Orfeu, pensei, aparentemente ele conseguiu ler a si mesmo para cá. E até mesmo esse bicho horroroso você trouxe consigo!

Cérbero mostrou os dentes, mas Brilho de Ferro continuava tremendo. Homens de vidro eram mesmo criaturas absurdas. E Fenoglio ainda tinha orgulho deles!

— O que você quer de mim? — Orfeu se esforçou para parecer superior e frio e não como um garoto assustado em quem ele rapidamente se transformava na presença de Mortola. Ela ainda o assustava, ele tinha que confessar.

Ouviram-se passos na noite. Provavelmente uma das patrulhas que o Pífaró mandara deslizar por Ombra, preocupado de que o

Príncipe Negro pudesse encontrar um jeito de libertar o seu nobre colega de luta.

— Você recebe as suas visitas sempre diante da porta? — sussurrou Mortola.

— Vamos, vamos entrar de uma vez!

Orfeu teve que bater três vezes a aldraba de bronze contra a madeira antes que Oss abrisse a porta. Sonolento, ele olhou para Mortola.

— Esse armário aí é do outro mundo ou é um novo? — perguntou Mortola enquanto passava por Oss com um rumor de suas roupas.

— É um novo — murmurou Orfeu, enquanto em sua cabeça continuava pensando se era bom ou ruim ela estar de volta. Não diziam que ela era a morte? Mas naquele mundo não se podia confiar na morte como muitas vezes ficara provado. Era algo que o acalmava e deixava nervoso ao mesmo tempo.

Ele não levou Mortola até o escritório, mas somente até a sala de visitas. A velha olhou em volta como se todos os objetos ali lhe pertencessem. Não, provavelmente não era nada bom que ela estivesse de volta.

E o que ela queria dele? Ele podia imaginar. Mortimer. Provavelmente ela ainda queria matá-lo. Mortola não desistia facilmente desse tipo de objetivo — principalmente no que diz respeito ao assassino de seu filho. Mas nesse caso, certamente outros chegariam antes dela.

— Então ele é realmente o Gaió! — disse ela como se Orfeu tivesse pronunciado os seus pensamentos em voz alta. — Quantas canções ridículas eles ainda querem cantar sobre ele? Celebram-no como um salvador... como se não fôssemos nós quem o trouxemos para este mundo! E o Cabeça de Víbora, em vez de mandar caçá-lo depois de ele haver matado seus melhores homens na Montanha da Víbora, põe a culpa em Mortola pela sua fuga e por sua carne apodrecer em seus ossos. Eu soube imediatamente que devia ser por causa do livro em branco. Sim, o Língua Encantada é esperto, mas o seu rosto ingênuo engana todo mundo, e o Víbora em vez de pôr a culpa nele pôs a culpa em mim, para que me arrancassem por meio de tortura o nome do veneno. Sinto as dores até agora, mas

eu os enganei, pedi que me trouxessem sementes e ervas para fazer um antídoto para o seu senhor, mas em vez disso criei asas para fugir dali. Eu ouvi o vento para poder encontrar o Encadernador, e pelo burburinho no mercado soube que ele realmente assumiu o papel de ladrão e que o Príncipe Negro procurou um esconderijo para ele. Era um bom esconderijo, mas eu consegui encontrá-lo.

Mortola contraía os lábios enquanto falava, como se ainda tivesse um bico de pássaro. — Eu tive que me controlar para não arrancar-lhe os olhos quando o vi novamente! Não tenha pressa, Mortola, disse a mim mesma. A pressa já estragou uma vez a sua bela vingança. Jogue algumas frutas venenosas em sua comida para que ele se contorça como um verme e morra bem devagar para que você possa aproveitar bem a sua vingança. Mas um corvo idiota comeu as frutas do seu prato e na tentativa seguinte o urso foi atrás de mim e me arrancou duas penas com o seu focinho fedorento. Eu tentei novamente no acampamento para onde o Príncipe Negro levava a ele, sua filha e a criada traidora, mas o homem errado pegou a tigela. — Cogumelos venenosos! — balbuciaram. — Comeu cogumelos venenosos!

Mortola riu e Orfeu sentiu um frio na espinha ao ver que seus dedos se encurvavam como se ainda segurassem num galho. — Parece um feitiço! Nada pode matá-lo, nem veneno nem bala, como se tudo no mundo o protegesse, cada pedra, cada animal, até mesmo a sombra entre as árvores! Gaio! Até mesmo a morte o deixou ir e permitiu que levasse o Dançarino de Fogo com ele. Ah sim, muito impressionante! Mas a que preço? Ele não contou nem mesmo para sua mulher, só Mortola sabe! Ninguém presta atenção na gralha sobre a árvore, mas ela ouve tudo — os sussurros das árvores à noite e o que as aranhas escrevem com fios prateados nos galhos úmidos: que a morte virá buscar o Gaio e sua filha se ele não lhe entregar o Cabeça de Víbora até o fim do inverno. E que a sua própria filha pretende ajudar o Gaio a escrever as três palavras no livro em branco.

— O quê? — Orfeu estivera ouvindo sem prestar muita atenção. Ele conhecia o discurso cheio de ódio de Mortola, eterno e

autoenaltecedor, mas ouviu com atenção a sua última frase. Violante tinha um acordo com o Gaio? Sim, aquilo fazia sentido. Claro! Por isso Mortimer fizera questão de se entregar em suas mãos! Ele deveria saber. Aquele monte de virtude não teria se entregado por pura nobreza. Ele estava acostumado com a morte, o nobre ladrão!

Orfeu começou a andar de um lado para o outro enquanto Mortola continuava proferindo maldições com voz tão rouca que as palavras quase não pareciam humanas.

Violante... Assim que chegara em Ombra, Orfeu lhe oferecera seus serviços, mas ela os recusara com a informação de que já tinha um poeta... Nada muito simpático.

— Sim, sim, ele quer matar o Víbora! Esgueirou-se no castelo como um verme em um galinheiro. Até mesmo as fadas cantam sobre isso durante suas danças idiotas, mas só a gralha as ouve! — Mortola se agachou. Até mesmo quando tossia parecia um grasnido.

Ela estava louca! O jeito como olhava para ele, as pupilas tão negras e imóveis que ela mais parecia um pássaro do que um ser humano. Orfeu sentiu um arrepio na espinha.

— Sim, eu sei o que ele pretende! — sussurrou ela. — E o digo para mim mesma: Mortola, deixe-o viver, mesmo que isso seja difícil para você. Mate a sua mulher, ou melhor, sua amada filha e pouse sobre o seu ombro quando ele receber a notícia para que você possa ouvir o seu coração se despedaçando. Mas deixe-o viver até que o Cabeça de Víbora lhe entregue o livro em branco, já que o Víbora deve morrer também, por toda a dor que ele causou à mãe de Capricórnio. E se o Príncipe de Prata for realmente tão burro a ponto de entregar o livro que pode matar o seu pior inimigo, então melhor ainda! A gralha estará lá, e não será o Gaio, mas Mortola quem escreverá as três palavras! Oh sim, eu também sei quais são. E a morte vai buscar o Gaio e o Cabeça de Víbora e me dar em agradecimento por tão rica presa o que o maldito Encadernador com sua língua encantada me tirou — meu filho!

Diabos! Orfeu engasgou com o vinho que acabara de colocar nos lábios. A velha bruxa ainda sonhava com a volta de Capricórnio! Bom, também por que não? Após Cosme e também Dedo

Empoeirado haverem voltado da morte? Se bem que ele poderia imaginar caminhos muito mais interessantes para essa história do que a volta do filho de Mortola.

— Você realmente acha que o Cabeça de Víbora vai trazer o livro em branco para Ombra? — Oh, ele sentia que grandes acontecimentos se aproximavam, acontecimentos importantíssimos. Talvez não estivesse tudo perdido, mesmo que Dedo Empoeirado tivesse roubado dele o livro de Fenoglio. Havia outras formas de conseguir um papel importante naquela história. O Cabeça de Víbora em Ombra! Aquilo abria novas possibilidades...

— É claro que ele virá! O Víbora é mais burro do que a maioria pensa. — Mortola sentou-se numa cadeira que Orfeu destinara a seus elegantes fregueses. O vento entrava pela janela sem vidros e fazia tremer as chamas das velas, que a criada trouxera apressada. As sombras dançavam como pássaros negros sobre a parede branca.

— Então o Príncipe de Prata vai deixar que o Encadernador o faça de idiota pela segunda vez? — Orfeu se surpreendeu com o ódio que vinha de sua voz. Surpreso, percebeu que ele desejava a morte de Mortimer com paixão equivalente à de Mortola.

— Até mesmo Dedo Empoeirado anda atrás dele agora! — disse ele. — Aparentemente a morte fez com que ele esquecesse o que esse nobre herói fez com ele anteriormente! — Ele tirou os óculos e esfregou os olhos como se pudesse dessa forma fazer desaparecer a lembrança do rosto ausente de Dedo Empoeirado. Sim, só por isso se voltara contra ele! Porque Mortimer o enfeitiçara com sua maldita voz. Ele enfeitiçara todo mundo. Tomara que o Pífaros lhe corte a língua antes de esquartejá-lo. Adoraria estar presente quando os cães do Párdal o destroçassem e quando Pífaros cortasse em fatias sua pele e seu nobre coração... Ah, se ao menos pudesse escrever essa canção sobre o Gaio!

A voz de Mortola arrancou Orfeu de seus sonhos sanguinolentos.

— É muito fácil eu engolir essas sementes! — confessou ela enquanto se curvava, as mãos feitas garras sobre o apoio da cadeira. — Você tem que colocá-las sob a língua, mas elas são

pequenas e escorregadias, e se muitas forem parar no seu estômago, o pássaro volta sem ser chamado.

Ela colocou a cabeça para trás, como fazia a gralha, abriu a boca como se fosse um bico e colocou os dedos nos lábios sem cor.

— Ouça bem! — continuou ela enquanto tornava a agitar-se. — Eu quero que você vá até o castelo assim que o Cabeça de Víbora chegar em Ombra, e o avise sobre a sua filha! Peça a ele que pergunte a Balbulus, o Ilustrador, quantos livros sobre o Gaio Violante já lhe encomendou. Convença-o de que sua filha está obcecada pelo seu pior inimigo e fará de tudo para salvá-lo. Diga-lhe com as melhores palavras que você encontrar. Use sua voz, assim como fará Língua Encantada. Você vive dizendo por aí que a sua voz é muito mais impressionante que a dele. Então prove!

Mortola deu um arquejo — e cuspiu mais uma semente em sua mão estendida.

Oh sim, ela era esperta, mesmo que estivesse totalmente louca, e era com certeza melhor deixá-la acreditar que poderia continuar fazendo o papel de sua senhora mesmo que sentisse tanto nojo que quase cuspiu o vinho diante dos seus pés. Orfeu limpou a poeira da sua manga finamente bordada. Suas roupas, sua casa, todas as criadas... Como a velha podia ser tão cega para acreditar que ele voltaria a ser seu empregado? Como se ele tivesse ido até aquele mundo para realizar os planos de outros! Ah não, aqui ele servia apenas a si mesmo. Isso ele se prometera.

— Não parece uma má ideia! — Orfeu se esforçou para que sua voz soasse submissa como antes. — Mas todos os nobres amigos do Gaio? Com certeza ele não espera apenas o apoio de Violante. E o Príncipe Negro... — “e Dedo Empoeirado”, continuou ele em pensamentos, mas não pronunciou aquele nome. Ele se vingaria pessoalmente de Dedo Empoeirado.

— O Príncipe Negro, ah sim, mais um nobre idiota. O meu filho já teve problemas com ele.— Mortola colocou a semente que havia cuspidado junto com as outras. — Eu cuidarei dele. Dele e da filha do Língua Encantada. A garota é quase tão perigosa quanto seu pai.

— Bobagens! — Orfeu serviu-se mais uma caneca de vinho. O vinho lhe dava coragem.

Mortola observou-o com desprezo. Sim, ela continuava vendo nele um idiota submisso. Melhor assim. Ela esfregou os seus braços magros e estremeceu como se as penas quisessem brotar novamente de sua pele.

— E como está o velho? Aquele que aparentemente escreveu para a filha do Língua Encantada as palavras que eu lhe arranquei no Castelo da Noite? É ele quem escreve o destemor no coração do Encadernador?

— Não, Fenoglio já não escreve. Mas eu não teria nada contra se você o matasse. Muito pelo contrário — ele é um sabe-tudo insuportável.

Mortola concordou com a cabeça, mas ela não parecia mais ouvir realmente.

— Eu tenho que ir! — disse, e levantou-se insegura da sua cadeira. — A sua casa é abafada como uma masmorra.

Oss estava deitado diante da porta quando Mortola a abriu. Ele rosnou dormindo quando ela passou por cima dele.

— Esse é o seu guarda-costas? — perguntou ela. — Você não parece ter muitos inimigos.

Orfeu dormiu mal aquela noite. Sonhou com pássaros, muitos pássaros, mas quando amanheceu e Ombra surgiu como uma pálida fruta destacada nas sombras, ele se levantou e foi até a janela do seu quarto com novas certezas.

— Bom dia, Gaio! — disse ele em voz baixa, o olhar em direção às torres do castelo. — Espero que você tenha tido uma noite insone! Com certeza você ainda acredita que os papéis desta história já foram distribuídos, mas agora acabou o seu tempo de herói. Abre-se a cortina, segundo ato: Orfeu surge no palco. Em que papel? No do malvado, naturalmente. Não é esse sempre o melhor papel?



38. Lembranças ao Pífaro



Hoje à noite havia um cheiro de tempo no ar. [...] Que cheiro tinha o tempo, afinal? Cheiro de pó e relógios e pessoas. E ao perguntar-se que barulho o tempo fazia, então ele soava como água fluindo numa caverna escura, e como vozes chorosas e pedaços de terra caindo sobre as tampas ocas das sepulturas, e como a chuva.

Ray Bradbury, *As crônicas marcianas*



Farid não estava lá quando o Gaio entrou no Castelo de Ombra. — Você fica no acampamento.— Dedo Empoeirado não precisou dizer mais nada, e Farid já sentiu o medo como uma mão em seu pescoço, a possibilidade de trazer-lhe a morte mais uma vez. O Homem Forte esperava com ele entre as tendas vazias porque o Príncipe Negro não quisera acreditar que ele podia se transformar numa mulher. Eles ficaram ali muitas horas, mas quando Meggie e os outros finalmente voltaram, não só o Gaio, mas Dedo Empoeirado também não estava com eles.

— Onde ele está? — O Príncipe Negro era o único a quem Farid tinha coragem de perguntar, mesmo estando o rosto escuro tão sério que até mesmo o urso não se atrevia a se aproximar.

— Lá, onde está o Gaio — respondeu o Príncipe, e ao ver o rosto consternado de Farid, acrescentou: — Não, ele não está no calabouço, está apenas por perto. A morte prendeu um ao outro e somente ela vai separá-los novamente.

Por perto.

Farid olhou para a tenda onde Meggie dormia. Imaginou tê-la ouvido chorar, mas não teve coragem de ir até lá. Meggie ainda não o perdoara por ter convencido o seu pai a aceitar o acordo com Orfeu, e Doria estava diante da sua tenda. Para o gosto de Farid,

ele andava perto demais de Meggie, mas por sorte ele entendia tão pouco de garotas como seu irmão mais forte.

Os recém-chegados se sentaram cabisbaixos perto do fogo. Alguns nem mesmo tiraram as roupas de mulher, mas o Príncipe Negro não lhes deixou tempo de afogar no vinho o medo daquilo que estava por vir. Ele os mandou à caça. Afinal, eles precisavam de mantimentos se quisessem esconder as crianças de Ombra do Pífaró, carne seca e peles para aquecer.

Mas o que isso poderia interessar a Farid? Ele tinha tão pouco a ver com os ladrões como com Orfeu. Nem mesmo a Meggie ele pertencia. Ele pertencia apenas a uma pessoa, e dele tinha que manter distância, por medo de trazer-lhe a morte...

Começava a escurecer — os ladrões continuavam defumando a carne e esticando as peles entre as árvores — quando Gwin veio correndo da floresta. Farid primeiramente pensou que a marta fosse Sorrateiro, até perceber o focinho acinzentado. Sim, era Gwin. Desde a morte de Dedo Empoeirado ela olhava para Farid como um inimigo, mas nessa noite ela o mordiscou na batata da perna, como fazia antigamente quando queria brincar com ele, e ganiu até que ele a seguisse.

A marta era muito rápida, rápida demais até mesmo para os pés de Farid, que era mais rápido que todo mundo, mas Gwin o esperava sempre, balançando o rabo impaciente, e Farid foi atrás dela tão rápido quanto permitia a escuridão. Ele sabia quem havia mandado a marta.

Encontraram Dedo Empoeirado onde o muro do castelo limitava Ombra e a montanha, junto a qual se estendia a cidade, tão íngreme que casa nenhuma mais conseguia se fixar. Somente arbustos espinhosos cobriam a subida, e o muro do castelo, sem janelas, surgia hostil como um punho de pedra, interrompido apenas por alguns buracos com grades que permitiam que o ar chegasse até as masmorras, apenas o suficiente para que os condenados não morressem asfixiados antes da execução. Ninguém permanecia muito tempo nos calabouços dos castelos de Ombra. As sentenças eram pronunciadas rapidamente, as execuções logo realizadas. Para que continuar alimentando alguém que seria

enforcado de qualquer jeito? Apenas no caso do Gaio, o juiz viria pessoalmente do outro lado da floresta. Cinco dias, sussurravam, cinco dias precisaria o Cabeça de Víbora para chegar até Ombra em sua carruagem negra — e ninguém sabia se o Gaio sobreviveria um único dia depois da sua chegada.

Dedo Empoeirado estava lá, os ombros encostados no muro, a cabeça baixa, como se prestasse atenção em alguma coisa. As sombras que o castelo provocava o deixavam invisível para os olhos dos guardas que caminhavam para lá e para cá nas ameias.

Dedo Empoeirado só se virou quando Gwin pulou em sua direção. Farid olhou preocupado para os guardas antes de aproximar-se, mas eles não prestariam atenção num garoto ou num homem sozinho. Um único homem não conseguiria libertar o Gaio. Não. Os soldados do Pardal esperavam muitos homens, homens que sairiam da floresta ou que pulariam, presos por cordas, da encosta acima do castelo — apesar de que o Pífaros provavelmente sabia que nem mesmo o Príncipe Negro se atreveria a invadir o Castelo de Ombra.

Sobre as torres o céu brilhava num verde enegrecido do fogo do Pássaro Tisnado. O Pardal mandara festejar. O Pífaros, para essa ocasião, encomendara aos menestréis canções sobre a sua esperteza e a derrota do Gaio, mas só alguns poucos obedeceram à ordem. A maior parte deles ficou em silêncio cantando com esse silêncio uma outra canção, sobre a tristeza em Ombra, e as lágrimas das mulheres que embora tivessem recuperado seus filhos haviam perdido a esperança.

— Bom, o que você acha do fogo do Pássaro Tisnado? — sussurrou Dedo Empoeirado quando Farid se encontrou num muro do castelo ao seu lado. — O nosso amigo aprendeu bastante desde então, você não acha?

— Ele continua sendo um charlatão! — sussurrou Farid de volta, e Dedo Empoeirado sorriu, mas seu rosto tornou-se sério novamente quando olhou para o muro sem janelas.

— Em breve será meia-noite — disse em voz baixa. — A essa hora, o Pífaros costuma demonstrar aos presos a sua hospitalidade. Com socos, pedaços de paus e chutes. — Ele passou as mãos pelo muro como se as pedras pudessem lhe dizer o que estava

acontecendo ali atrás nas celas. — Mas ele ainda não está lá — sussurrou ele. — No entanto, não vai demorar muito.

— Como você sabe? — Às vezes Farid tinha impressão que aquele que voltara da morte era um homem muito diferente do que ele conhecia.

— Língua Encantada, Gaio, como você quiser chamá-lo — sussurrou ele —, desde que sua voz me trouxe de volta eu sei o que ele sente como se a morte houvesse plantado seu coração em meu peito. E agora, traga-me uma fada. Senão o Pífaros vai bater nele até deixá-lo quase morto antes que o sol nasça. Mas me traga uma das coloridas. Por razões práticas, Orfeu lhe dera algo da sua própria vaidade, e por alguns elogios era fácil convencê-la a fazer qualquer coisa.

A fada foi rapidamente encontrada. As fadas de Orfeu estavam por todos os lados, também porque o inverno não as deixava tão sonolentas quanto acontecia com as fadas azuis de Fenoglio, e a essa hora era quase uma brincadeira de criança tirar uma delas do seu ninho. Ela mordeu Farid, mas ele soprou-lhe no rosto como Dedo Empoeirado lhe ensinara, até que ela se interessasse pelo ar e esquecesse as mordidas. Dedo Empoeirado sussurrou-lhe alguma coisa e a diminuta criatura voejou imediatamente na direção das grades e desapareceu lá dentro.

— O que você disse a ela? — Sobre eles o fogo do Pássaro Tisnado continuava a engolir a noite com seu verde venenoso. Engolia o céu, as estrelas e a lua, e no ar ficava uma fumaça tão forte que os olhos de Farid ficavam cheios d'água.

— Oh, apenas que eu prometi ao Gaio mandar a mais bela de todas as fadas para a sua cela escura. Como agradecimento ela vai sussurrar-lhe que o Cabeça de Víbora chegará a Ombra em cinco dias mesmo que as mulheres do musgo encham seu caminho com maldições e nós tentemos distrair o Pífaros para que ele não tenha muito tempo para bater no seu prisioneiro.

Dedo Empoeirado fechou a mão esquerda. — Você ainda não perguntou por que eu te chamei aqui — disse ele enquanto soprava o punho suavemente. — Eu achei que você gostaria de ver isto aqui...

Ele colocou o punho contra o muro do castelo e aranhas de fogo saíram entre os seus dedos. Elas subiam pelas pedras, cada vez mais e mais delas, tantas como se tivessem nascido no punho de Dedo Empoeirado.

— O Pífaros tem medo de aranhas — sussurrou ele. — Ele tem mais medo delas do que de espadas e facas e se estas aqui subirem por suas finas roupas, talvez por um momento ele esqueça o desejo de surrar os seus presos à noite.

Farid fechou os punhos também. — Como você faz isso?

— Eu não sei, o que infelizmente significa que não tenho como te ensinar. Da mesma forma que isto aqui. — Dedo Empoeirado pressionou uma mão contra a outra. Farid o ouviu sussurrar, mas não entendeu uma palavra. A inveja o atingiu como uma vespa, quando um gaio de fogo voou das mãos de Dedo Empoeirado e desapareceu pela noite com suas penas de fogo branco-azulado.

— Mostre-me! — sussurrou ele novamente. — Por favor! Deixe-me ao menos tentar!

Dedo Empoeirado olhou para ele pensativo. Sobre eles um dos guardas soou o alarme. As aranhas de fogo haviam alcançado as ameias do castelo. — A morte me ensinou, Farid — disse em voz baixa.

— E daí? Eu estive tão morto quanto você, mesmo que não por muito tempo!

Dedo Empoeirado riu. Ele riu tão alto que um dos guardas olhou para baixo e ele se escondeu com Farid rapidamente na sombra mais escura.

— Você tem razão. Eu esqueci completamente! — sussurrou ele, enquanto os guardas sobre o muro gritavam nervosos e atiravam no Gaio de Fogo lanças que queimavam entre suas penas. — Está bem, repita o que eu faço!

Farid dobrou os dedos com pressa, entusiasmado como todas as vezes em que estava para aprender algo novo sobre o fogo. Não era fácil imitar as estranhas palavras que Dedo Empoeirado sussurrava, e o coração de Farid sobressaltou-se quando sentiu realmente um formigamento de fogo entre os dedos. No momento seguinte começaram a sair também da sua mão seres

incandescentes que subiam pela pedra como um exército de fogo. Orgulhoso ele sorriu para Dedo Empoeirado. Mas quando tentou o truque do Gaio, saíram apenas algumas moscas das suas mãos.

— Não olhe tão decepcionado! — sussurrou Dedo Empoeirado enquanto enviava mais dois outros Gaios para a noite. — Há muitas outras coisas para aprender. Mas agora temos que nos esconder do Nariz de Prata.

Uma pele de fogo se estendia pelo castelo de Ombra quando os dois se afastaram, esgueirando-se pelas árvores, e o fogo do Pássaro Tisnado havia se extinguido. O céu pertencia ao fogo de Dedo Empoeirado. O Pífaru mandou patrulhas, mas Dedo Empoeirado fez com que nascessem das chamas gatos e lobos, cobras que se contorciam entre os galhos, insetos de fogo que voavam no rosto dos encouraçados. A floresta ao pé do castelo parecia estar em chamas, mas o fogo não queimava, e Farid e seu mestre eram sombras em toda aquela vermelhidão, intocados pelo medo que semeavam.

Finalmente, o Pífaru mandou que jogassem água das ameias, que congelou nos galhos das árvores, porém, o fogo de Dedo Empoeirado continuou queimando, formando sempre novas criaturas, e só adormeceu ao amanhecer, como um espectro da noite. Apenas os Gaios de Fogo continuavam voando sobre Ombra, e quando o Pardal mandou os seus cães para a floresta, coelhos de fogo os desviavam de quaisquer pistas que encontrassem. Farid, porém, estava sentado com Dedo Empoeirado num arbusto de estramônio e espinhos de duende, e sentia o seu coração cálido e alegre. Era tão bom estar junto a Dedo Empoeirado novamente, assim como antes, em todas as noites em que ele o havia velado e protegido de sonhos ruins. Porém, agora parecia não haver mais nada do que tivesse que protegê-lo. Só de você mesmo, Farid, pensou, e a alegria se extinguiu como uma das criaturas de fogo com as quais Dedo Empoeirado havia protegido o Gaio.

— O que foi? — Dedo Empoeirado olhou para ele como se não fossem apenas os pensamentos de Língua Encantada que ele podia ler.

Então ele pegou a mão de Farid e soprou dentro dela até que entre os seus dedos surgisse uma mulher de fogo branco. — Elas não são tão ruins quanto você pensa — murmurou Dedo Empoeirado para ele —, e se elas vierem me buscar novamente não será por sua causa, entendido?

— Como assim? — O coração de Farid parou. Ele simplesmente parou. — Elas vêm te buscar? Como assim? Em breve? — A Dama Branca em sua mão transformou-se em uma pequena mariposa que voou para longe e se desfez na luz cinza da manhã.

— Depende do Gaio.

— O quê?

Dedo Empoeirado colocou a mão sobre sua boca num gesto de advertência e afastou os ramos espinhosos. Debaixo das janelas dos calabouços haviam posto soldados. Com olhos enormes de medo eles perscrutavam a floresta. O Pássaro Tisnado estava entre eles. Ele examinava o muro do castelo como se pudesse ler nas pedras como Dedo Empoeirado incendiara a noite. — Olhe só aquilo! — sussurrou Dedo Empoeirado. — Ele odeia o fogo, e o fogo o odeia.

Mas Farid não queria falar sobre o Pássaro Tisnado. Ele segurou o braço de Dedo Empoeirado. — Elas não podem te buscar novamente! Por favor.

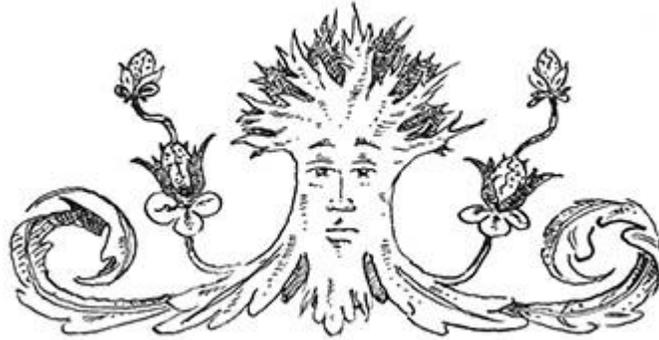
Dedo Empoeirado olhou para ele. O seu olhar estava tão diferente desde que ele voltara. Não havia mais medo nele, apenas a velha precaução. — E te digo novamente. Tudo depende do Gaio. Por isso me ajude a protegê-lo. Ele vai precisar dessa proteção. Cinco dias e cinco noites sob o jugo do Pífaros são um longo tempo. Tenho a impressão de que vamos dar graças a Deus quando o Cabeça de Víbora finalmente chegar.

Farid queria fazer mais perguntas, mas ele percebeu que Dedo Empoeirado não lhe daria mais respostas. — E a Feia? Você acredita que ela pode protegê-lo?

— Você acredita? — perguntou Dedo Empoeirado.

Uma fada se esgueirou pelos arbustos, ela quase teve as asas rasgadas nos espinhos, mas finalmente pousou exausta no joelho de Dedo Empoeirado. Era a fada que Dedo Empoeirado havia

mandado para procurar o Gaio. Ela o encontrara e lhe dissera o seu agradecimento. Não sem acrescentar que ele concordara que ela era a mais bela fada que ele já vira em toda a sua vida.



39. Crianças roubadas



*Quando eu era criança
Eu era um esquilo e um gaio azul e uma raposa
E falava com eles em sua língua
Subia em suas árvores, cavava em suas grutas
E conhecia o gosto
De cada planta e cada pedra
E o significado do sol
E a mensagem da noite*
Norman H. Russell, *The message of the rain*



Caíam diminutos flocos de neve, e Meggie se perguntava se seu pai também estava vendo a neve cair, ali onde o mantinham preso. Não, respondeu para si mesma, os calabouços de Ombra ficavam bem embaixo do castelo e a ideia de que Mo estava perdendo a primeira neve do Mundo de Tinta a deixava quase tão triste como o fato de que ele estava prisioneiro.

Dedo Empoeirado vai protegê-lo. Quantas vezes o Príncipe Negro já lhe assegurara aquilo. Também Baptista e Roxane repetiam sempre.

Dedo Empoeirado vai protegê-lo. Mas Meggie só conseguia pensar no Pífaru e em como a Feia lhe parecera tão frágil e jovem ao seu lado.

O Cabeça de Víbora estava a apenas dois dias de viagem de distância. Fora o que dissera Urtiga no dia anterior. Dois dias, e tudo se resolveria.

Dois dias.

O Homem Forte puxou Meggie para seu lado e apontou para duas mulheres entre as árvores. Duas mulheres abriam caminho pela brancura da neve.

Levavam com elas dois garotos e uma menina. Desde que o Gaio se entregara, as crianças de Ombra começavam a desaparecer uma depois da outra. Suas mães as levavam para os campos, para lavar roupa lá embaixo no rio, para procurar lenha na floresta... e voltavam sem elas. Havia quatro lugares onde os homens do Príncipe Negro esperavam pelas crianças, quatro lugares, informações dadas de boca a boca e ouvido a ouvido, e em cada um desses lugares esperava não apenas um ladrão, mas também uma mulher para que não fosse tão difícil para as crianças soltar a mão de sua mãe.

Resa as recebia com Baptista e o Lagartixa no Asilo de Moribundos, administrado pelo Coruja Mascarado. Roxane esperava com o Espanta-elfos, lá onde as curandeiras juntavam casca de carvalho. Outras duas mulheres recebiam as crianças no rio, e Meggie esperava com Doria e o Homem Forte em uma cabana de carvoeiros abandonada, não muito longe da estrada que levava até Ombra.

As crianças vacilaram ao ver o Homem Forte, mas as mães as empurraram, e quando Doria apanhou alguns flocos de neve com a língua, o mais novo de todos, uma menina de talvez cinco anos, começou a rir.

— E se com isso, permitindo que vocês as escondam, deixarmos o Pífaros ainda mais furioso? — perguntou a mãe da criança. — E se não estiver em seus planos pegar as crianças novamente, agora que ele tem o Gaio em seu poder? Para ele foi sempre o que importava!

Meggie teve vontade de bater nela ao sentir a frieza em sua voz.

— Sim, e esta aqui é a filha dele! — disse o Homem Forte colocando o braço protetoramente no ombro de Meggie. — Então, não fale como se não se importasse com o que vai acontecer com ele! Sem o pai dela você jamais teria recebido os seus filhos de volta, já esqueceu? Mas o Cabeça de Víbora precisa de mais crianças para as minas e as de vocês são uma presa fácil.

— Essa aí é a filha dele? A bruxa?

Uma outra mulher puxou seus filhos para perto de si, mas a menina olhou curiosa para Meggie.

— Você fala como um dos homens do Víbora! — O Homem Forte abraçou Meggie com mais força, como se pudesse assim protegê-la das palavras. — Mas afinal? Vocês querem que os seus filhos fiquem seguros ou não? Vocês também podem levá-los de volta para Ombra e torcer para que o Pífaró não apareça na sua porta.

— Mas onde vocês vão levá-las? — A mulher mais jovem tinha lágrimas nos olhos.

— Se eu disser isso a vocês, vocês podem nos trair. — O Homem Forte colocou o pequeno garoto em seu ombro com tal facilidade que era como se ele pesasse menos que uma fada.

— Nós podemos ir junto?

— Não. Não podemos alimentar todo mundo. Vai ser difícil o bastante conseguir comida para as crianças.

— E por quanto tempo vocês pretendem escondê-las? — Cada palavra soava desesperada.

— Até que o Gaio tenha matado o Cabeça de Víbora.

As mulheres olhavam para Meggie.

— E como isso vai ser possível? — sussurrou uma delas.

— Ele vai matá-lo, vocês vão ver — respondeu o Homem Forte, e a sua voz soou tão segura que até mesmo Meggie por um maravilhoso momento esqueceu todo o medo que sentia por Mo. Mas o momento acabou, e ela sentiu novamente a neve em sua pele, tão fria como o fim de todas as coisas.

Doria levantou a menina, colocou-a em suas costas e sorriu para Meggie. Ele era incansável em suas tentativas de animá-la, trouxera-lhe as últimas frutas silvestres, congeladas do frio, flores cobertas de orvalho — as últimas flores deste ano —, e fez com que ela esquecesse a sua preocupação ao lhe perguntar sobre o mundo do qual ela vinha. E Meggie começou a sentir falta quando ele não estava por perto.

A menina começou a chorar quando as mulheres foram embora, mas Meggie passou a mão em sua cabeça e lhe contou o que Baptista lhe contara sobre a neve: que alguns flocos eram minúsculos elfos que nos beijavam o rosto com seus lábios de gelo antes de derreter sobre a pele quente. A criança olhou para a neve e Meggie continuou, deixando que as palavras a consolassem

também, enquanto o mundo a sua volta se tornava branco e a levava de volta para os dias em que Mo lhe contara histórias, antes que ele mesmo se tornasse parte de uma história, da qual Meggie havia muito tempo já não saberia dizer se não era também a sua.

A neve não caiu por muito tempo. Só uma fina cobertura clara ficou sobre a terra fria.

Mais doze mulheres trouxeram os seus filhos para a cabana dos carvoeiros abandonada, os rostos cheios de medo e preocupação, cheias de dúvida se estavam fazendo a coisa certa.

Algumas crianças nem olhavam para a mãe quando elas foram embora. Outras foram atrás delas, e duas delas choraram tanto que as mães tiveram que levá-las consigo de volta para Ombra, onde o Pífaros as esperava com sua teia prateada. Quando escureceu, havia dezenove crianças entre as árvores ainda cobertas de neve, todas juntas feito um bando de gansos recém-nascidos. O Homem Forte parecia um gigante perto delas, e fez sinal para que o seguissem. Doria tirava castanhas de seus narizes e moedas de seus cabelos quando uma delas começava a chorar. O Homem Forte lhes mostrou como conversar com os pássaros e deixou três crianças montarem em suas costas ao mesmo tempo.

Meggie, porém, contou histórias enquanto a escuridão se aproximava, histórias que Mo tantas vezes lhe contara, e a cada palavra que pronunciava parecia-lhe ouvir sua voz. Todas estavam exaustas quando chegaram ao acampamento dos ladrões. Estava cheio de crianças entre as tendas. Meggie tentou contá-las, mas desistiu facilmente, como é que os ladrões iam alimentar tantas bocas se o Príncipe Negro mal conseguia com que seus homens se alimentassem?

Os rostos do Afanador e do Lagartixa revelaram claramente o que eles achavam de tudo aquilo. — Babás! — sussurravam pelo acampamento. Para isso viemos para a floresta? O Afanador, o Lagartixa, o Espanta-elfos e o Perna de Pau, o Vagabundo, o Barba Preta... eram muitos os que reclamavam. Mas quem era o homem ao lado do Afanador, magro e com rosto suave, que olhava em volta como se nunca tivesse visto aquilo que o rodeava? Ele parecia... Não! Não, não podia ser. Meggie esfregou os olhos com as mãos.

Aparentemente já estava vendo fantasmas de cansaço. Mas de repente dois braços fortes a abraçaram e a apertaram com tanta força que ela mal conseguia respirar.

— Olhe só para você! Você já é quase tão grande quanto eu, sua insolente! — Meggie se virou.

Elinor.

O que estava acontecendo? Teria enlouquecido? Havia tudo sido um sonho e agora acordara? Será que as árvores iriam desaparecer no momento seguinte e tudo iria desaparecer, os ladrões, as crianças, e Mo estaria ao lado da sua cama perguntando se ela realmente pretendia continuar dormindo e perder o café da manhã?

Meggie encostou o rosto no vestido de Elinor. Era feito de veludo e parecia uma fantasia de teatro. Sim, ela estava sonhando. Com toda certeza. Mas então o que era a realidade? “Acorde, Meggie!”, pensou ela... “Anda, anda logo. Acorde!”

O magro desconhecido ao lado do Afanador sorria timidamente para ela enquanto segurava seus óculos quebrados diante dos olhos, sim, era mesmo Darius!

Elinor abraçou-a novamente e Meggie começou a chorar. Ela chorou no estranho vestido de Elinor todas as lágrimas que segurara desde que Mo entrara no castelo de Ombra.

— Sim, sim. Eu sei! É terrível — disse Elinor enquanto acariciava os seus cabelos sem jeito. — Coitadinha. Eu já disse o que penso daquele escritorzinho. Ele é um velho idiota e vaidoso! Mas você vai ver, o seu pai vai mostrar o que é bom a esse violeiro de nariz de prata!

— É o Pífaró. — Meggie teve que rir apesar de as lágrimas correrem pelo seu rosto. — O Pífaró, Elinor!

— Bom, seja como for! Como é que alguém pode se lembrar de um nome tão estranho? — Elinor olhou em volta. — Esse Fenoglio deveria ser esquartejado pelo que está acontecendo aqui, mas ele obviamente vê as coisas de outra forma. Ao menos agora o temos debaixo dos nossos olhos. Ele não queria deixar Minerva vir sozinha, provavelmente por não suportar a ideia de ficar um único instante sem alguém que cozinhe para ele ou remende as suas meias!

— Fenoglio está aqui também? — Meggie limpou as lágrimas do rosto.

— Sim. Mas onde está a sua mãe? Eu não consegui encontrá-la em lugar nenhum!

O rosto de Meggie pareceu demonstrar que as coisas com Resa não andavam muito bem, mas antes que Elinor pudesse perguntar alguma coisa Baptista surgiu entre elas.

— Filha do Gaio, você não vai me apresentar a sua amiga tão ricamente vestida? — Ele se inclinou diante de Elinor. — A que grupo de menestrelis pertenceis, digníssima senhora? Deixe-me adivinhar, sois uma comediante. Vossa voz com certeza preenche a praça de qualquer mercado!

Elinor olhou para ele tão perplexa, que Meggie imediatamente veio em sua ajuda.

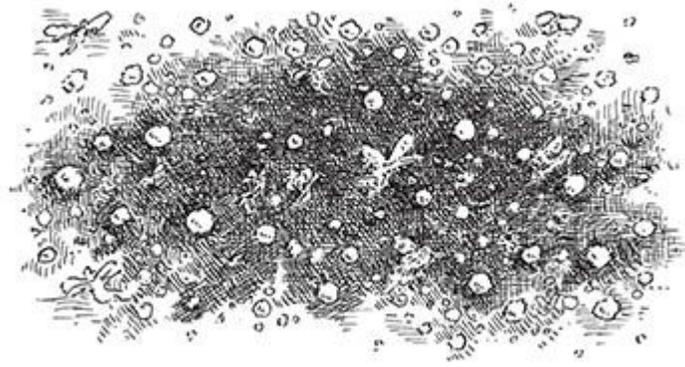
— Esta é Elinor, Baptista, a tia da minha mãe...

— Ah, um parente do Gaio! — Baptista se inclinou ainda mais. — Essa informação certamente vai evitar que o Afanador desista de torcer o pescoço de vocês. Ele está tentando convencer o Príncipe Negro de que vós e esse estrangeiro — ele apontou para Darius, que respondeu com um sorriso tímido — são espiões do Pífaros.

Elinor se virou tão abruptamente que enterrou o cotovelo no estômago de Darius. — O Príncipe Negro?

Ela enrubesceu como uma garota ao vê-lo com seu urso ao lado do Afanador. — Oh, como ele é forte! — suspirou ela. — E também o seu urso, é exatamente como imaginei! Oh, é tudo tão maravilhoso, tão incrivelmente maravilhoso.

Meggie sentiu como as lágrimas apareciam novamente. Ela estava tão feliz em ter Elinor ao seu lado. Tão feliz.



40. *Uma nova gaiola*



Westley fechou os olhos. As dores se aproximavam e ele tinha que estar preparado. Tinha que adaptar o seu cérebro, dominar seu espírito, de modo a ficar a salvo de seus esforços, pois de outra forma, eles o quebrariam.

William Goldman, A princesa prometida



Dessa vez eles vieram mais cedo do que das noites anteriores. Lá fora acabara de escurecer. Não que em algum momento ficasse claro na cela de Mo, mas a noite trazia outro tipo de escuridão, e com ela vinha o Pífaru. Mo se levantou da melhor forma possível levando em conta as correntes e se preparou para os socos e pontapés. Se ao menos ele não se sentisse tão estúpido, tão infinitamente estúpido, um idiota que por livre e espontânea vontade havia tropeçado na teia do seu inimigo. Ele não era mais um ladrão, não era mais um encadernador. Era apenas uma coisa, um idiota.

As celas nos calabouços de Ombra não eram nem um pouco mais agradáveis do que as da torre do Castelo da Noite. Naquele buraco escuro onde mal dava para ficar em pé, o esperava o mesmo medo que em todos os calabouços. Sim, o medo havia voltado. Ele já o esperava no portão e quase o sufocara quando os homens do Pardal amarraram as suas mãos.

Preso. Frágil...

Pense nas crianças, Mortimer! Somente a lembrança dos seus rostos conseguia acalmá-lo quando ele mesmo se amaldiçoava por aquilo que fizera, e suportava os pontapés e as surras que a noite lhe trazia. O fogo de Dedo Empoeirado ao menos lhe trazia de vez em quando o descanso do Pífaru, mas também fazia com que o Nariz de Prata ficasse cada vez mais furioso. Mo ainda tinha em seu

ouvido a voz da fada que voara na primeira noite sobre o seu ombro. Ele ainda via as aranhas de fogo que subiam pelas roupas de veludo do Pífaró. Mo rira ao ver o pânico em seu rosto — e teve que pagar várias vezes por isso.

Dois dias ainda, Mortimer. Dois dias e duas noites. E então chegará o Cabeça de Víbora. E daí? O que acontecerá? Sim, realmente ele era um idiota por ainda esperar entregar à morte e suas pálidas filhas o que elas exigiam.

Quando as Damas Brancas fossem buscar Meggie, compreenderia Resa que ao entrar no castelo ele o fizera pela filha também? Compreenderia Resa que ele não lhe contou nada para que o medo por Meggie não devorasse o coração dela também?

Os dois soldados que entraram na cela tinham fuligem no rosto e nas mãos. Eles vinham sempre em duplas; mas onde estava o seu senhor de nariz de prata? Sem dizer nada, arrastaram-no e o colocaram de pé; as correntes eram pesadas e cortavam-lhe a pele.

— O Pífaró vai te visitar hoje em outra cela! — sussurraram para ele. — Em uma onde o fogo do seu amigo não pode te encontrar. — Eles desceram cada vez mais para baixo, passando por buracos de onde vinha um fedor de carne podre.

Por um momento Mo imaginou ter visto uma cobra de fogo passar pela escuridão, mas um dos guardas bateu nele antes que pudesse se virar.

O buraco onde entraram não era muito maior do que aquele onde estava anteriormente. Nas paredes havia sangue seco e o ar era ao mesmo tempo frio e abafado.

O Pífaró o fez esperar, e quando finalmente entrou na cela com mais dois outros soldados tinha também o rosto cheio de fuligem. Os dois que haviam levado Mo até ali deram lugar ao seu senhor respeitosamente, mas Mo viu a preocupação em seus rostos, como se esperassem a qualquer momento que as aranhas de fogo de Dedo Empoeirado fossem subir pelas paredes. Mo sentia que Dedo Empoeirado procurava por ele. Era como se os seus pensamentos os seguissem, mas os calabouços em Ombra eram quase tão profundos como no Castelo da Noite.

Talvez hoje à noite ele precisasse da faca que Baptista costurara em sua camisa, apesar de as suas mãos doerem tanto que provavelmente ele mal conseguiria segurá-la, que dirá brigar com ela. Mas era bom tê-la consigo quando o medo se tornara insuportável. O medo e o ódio.

— O seu amigo comedor de fogo está cada vez mais insolente, mas hoje à noite isto não vai te ajudar, Gaio. Sinto muito! — O rosto do Pífaru era branco por baixo da fuligem que enegrecia até mesmo o seu nariz de prata. Um dos soldados deu um soco no rosto de Mo. Ainda faltavam dois dias...

O Pífaru olhava com nojo as suas luvas sujas de fuligem. — Ombra inteira está rindo de mim. — Olhem para o Pífaru, sussurrou ele. O Dançarino de Fogo faz os seus homens de idiota e o Príncipe Negro esconde as crianças dele! O Gaio vai nos salvar sim. Vou acabar com isso! — Quando eu acabar com você hoje à noite eles não vão mais acreditar nisso.

Ele chegou tão perto de Mo que o Nariz de Prata quase furou o seu rosto. — O que foi? Você quer pedir ajuda com a sua voz mágica? Todos os seus amigos maltrapilhos, o Príncipe e seu urso, o Dançarino de Fogo... ou você prefere Violante? O seu criado peludo anda o tempo todo atrás de mim e não passa uma hora sem que ela não me explique que você só tem valor para o seu pai se estiver vivo. Mas o pai dela não tem mais o poder de antes. Para isso você mesmo contribuiu.

Violante. Mo a vira apenas uma vez quando o haviam tirado do cavalo no pátio. Como ele podia ter sido tão burro de acreditar que ela poderia protegê-lo? Ele estava perdido. E Meggie junto com ele. O desespero ficou tão forte, tão negro que ele sentiu náuseas e o Pífaru riu.

— Ah. Você está com medo. Eu gosto disso. Eu deveria escrever uma canção sobre isso. Mas de agora em diante serão escritas canções apenas sobre mim, canções sombrias, como eu gosto. Muito sombrias.

Com um sorriso idiota, um dos soldados se aproximou de Mo, um pedaço de ferro nas mãos.

— “Ele vai fugir novamente!”, dizem eles! — O Pífaru deu um passo para trás. — Mas você não vai fugir nunca mais. De agora em diante você vai se arrastar, Gaio. Vai se arrastar na minha frente. — Os dois que o haviam trazido até ali seguraram Mo. O empurraram contra o muro ensanguentado enquanto o terceiro levantou a barra de ferro. O Pífaru passou os dedos sobre o seu nariz de prata.

— Você precisa das mãos para o livro, Gaio. Mas o que o Víbora poderia ter contra se eu quebrasse as suas pernas? E mesmo que... como eu já disse, o Cabeça de Víbora já não é mais o de antigamente...

Perdido.

Meu Deus, Meggie. Teria ele lhe contado alguma vez uma história tão horrível como essa? — Não, Mo, nada de lendas! — ela dizia sempre quando ainda era pequena. — Elas são muito tristes. — Não tão tristes como esta.

— Pena que meu pai não tenha escutado com seus próprios ouvidos o seu pequeno discurso, Pífaru. — Violante não falou muito alto, mas o Pífaru se virou como se ela tivesse gritado.

O soldado com sorriso idiota abaixou a barra de ferro, e os outros se afastaram como se quisessem dar lugar para a filha do Cabeça de Víbora. Violante quase desaparecia dentro do vestido negro que usava. Como podiam chamá-la a Feia? Naquele momento pareceu a Mo como se jamais tivesse visto um rosto mais bonito. Tomara que o Pífaru não tivesse percebido o quanto as suas pernas tremiam. Esse triunfo ele não daria ao Nariz de Prata.

Um pequeno rosto peludo apareceu ao lado de Violante. Tullio. Teria sido ele quem a chamara? A Feia trouxera consigo meia dúzia dos seus soldados imberbes. Eles pareciam tão jovens e frágeis comparados com os homens do Pífaru, porém, suas jovens mãos seguravam escudos e armas que imporiam respeito até mesmo aos encouraçados.

Mas só Pífaru se recuperou rapidamente.

— O que Vossa Alteza está fazendo aqui? — disse a Violante. — Eu só quero estar seguro de que vosso valioso prisioneiro não vai fugir novamente, já basta que o seu amigo de fogo nos tenha feito de idiotas. Seu pai não vai gostar nada disso.

— E você não vai gostar nada do que eu vou fazer agora. — A voz de Violante soou totalmente inexpressiva. — Prendam-nos! — ordenou aos seus soldados. — E tirem as correntes do Gaio e amarrem-no de modo a que ele possa cavalgar.

O Pífaros pegou a sua espada, mas três dos jovens de Violante o jogaram no chão. Mo sentiu o ódio que eles tinham do Nariz de Prata em sua pele. Eles o teriam matado com vontade, ele via em seus jovens rostos, e os homens do Pífaros viam também, já que se deixaram amarrar sem resistir.

— Sua pequena cobra horrorosa! — a voz sem nariz do Pífaros soava ainda mais estranha quando ele falava alto. — Então o Pardal estava certo! Você e o bando de ladrões são farinha do mesmo saco. O que você quer? O trono de Ombra e talvez o do seu pai também?

O rosto de Violante permaneceu imóvel como o de Baubulus. — Eu só quero uma coisa — respondeu ela. — Quero entregar o Gaio intacto ao meu pai para que ele possa servi-lo. E por esse trabalho eu irei realmente pedir o trono de Ombra. E por que não? Ele me pertence mil vezes mais do que ao Pardal.

O soldado que tirou as correntes de Mo era o mesmo que abrira para ele o sarcófago na cripta de Cosme. — Perdoe-me! — murmurou ele ao amarrar suas mãos.

Ele não amarrou a corda com muita força, mas os braços feridos doeram mesmo assim, e Mo não tirava os olhos de Violante em nenhum momento. Ele ainda ouvia nitidamente a voz rouca do Afanador. *Ela vai te vender em troca do trono de Ombra.*

— Onde você pretende levá-lo? — Pífaros cuspiu no rosto do soldado que o amarrara. — E mesmo que você o esconda com os gigantes, eu o encontrarei!

— Oh, eu não pretendo escondê-lo — respondeu Violante com voz tranquila. — Eu vou levá-lo para o castelo da minha mãe. Meu pai conhece o caminho. Se ele aceitar as minhas condições ele irá até lá. Eu tenho certeza que você lhe dará o recado.

Ela vai te vender.

O olhar de Violante passava tão desinteressadamente por Mo, como se não o conhecesse. O Pífaros o chutou com suas pernas

amarradas quando os soldados de Violante passaram com Mo para fora da cela, mas o que era um chute em comparação com a barra de ferro que ele tinha em mente?

— Você está morto, Gaio! — gritou para ele antes que um dos soldados de Violante o amordaçasse. — Morto! — Ainda não, quis responder Mo. Ainda não.

Uma criada esperava diante da porta com grades. Somente depois de passar por ela Mo reconheceu quem era, Brianna. Então Violante realmente a havia recebido de volta. Ela lhe fez um aceno com a cabeça antes de ir atrás da sua senhora. Havia três guardas desmaiados no meio do caminho. Violante passou por cima deles e seguiu pelo corredor através do qual haviam descido com Mo até um túnel estreito que virava à esquerda. Tullio ia na frente e seus soldados seguiam em silêncio, Mo entre eles.

O castelo da sua mãe...

Seja lá o que Violante estivesse planejando, ele lhe estava muito grato de ainda poder utilizar as suas pernas.

O túnel não acabava nunca. Como é que a filha do Cabeça de Víbora sabia tanto sobre os caminhos secretos daquele castelo?

— Eu li sobre esse túnel. — Violante se virou para ele como se tivesse lido os seus pensamentos. Mas talvez ele estivesse falando consigo mesmo em voz alta, depois de todas aquelas horas sozinho na escuridão?

— Por sorte eu sou a única que usa a biblioteca deste castelo — continuou Violante. Ela olhava para ele como se quisesse descobrir se ainda confiava nela. Oh sim, ela parecia com seu pai. Ela amava o jogo com o medo e o poder assim como ele, esse constante medir de forças até a morte. Por que ele continuava confiando nela apesar das mãos amarradas?

Dois túneis se bifurcavam na escuridão, tão estreitos como o primeiro. Violante pegou o da esquerda sem relutar quando Tullio a olhou inseguro. Ela era uma mulher estranha, parecia muito mais velha do que era na realidade, tão fria, tão controlada. Não esqueça de quem ela é filha. Quantas vezes o Príncipe Negro lhe dissera isso, e Mo compreendia cada vez melhor do que ele o estava avisando. Violante estava envolta por aquela mesma crueldade que

ele sentira ao aproximar-se do seu pai, a mesma impaciência com os outros, a mesma certeza de ser mais esperta que todos, melhor... mais importante.

— Vossa Alteza? — o soldado atrás de Mo perguntou. Todos tratavam a sua senhora com temor. — O que acontecerá com o vosso filho?

Violante não se virou ao responder. — Jacopo ficará aqui. Ele nos entregaria. — Sua voz soou fria. Seria necessário aprender dos próprios pais a amar o seu filho? Caso fosse, então não era de se surpreender que a filha do Cabeça de Víbora não entendesse muito do assunto.

Mo sentiu o vento no rosto, ar que não cheirava a terra.

O túnel começou a se abrir. Ele ouviu água correndo e quando chegaram ao ar livre viu Ombra bem acima sobre eles. A neve caía do céu negro e o rio brilhava por trás dos arbustos sem folhas. Cavalos esperavam na beira do rio, vigiados por um soldado, mas um garoto pressionava uma faca em seu pescoço, Farid. Dedo Empoeirado estava junto a ele, chispas saindo dos cabelos cheios de neve, as duas martas a seus pés.

Quando os soldados de Violante apontaram suas balistas em sua direção, ele se limitou a sorrir.

— Para onde vocês pretendem ir com o prisioneiro, filha do Víbora? — perguntou ele. — Eu sou a sombra que ele trouxe consigo da morte, e a sombra o segue para onde ele for.

Tullio se escondeu atrás da saia negra de Violante como se temesse que Dedo Empoeirado colocasse fogo nele a qualquer momento. Violante, porém, deu aos seus soldados o sinal para que abaixassem as balistas. Brianna só tinha olhos para o seu pai.

— Ele é o meu prisioneiro — disse Violante. — Mas eu não quero que o meu pai o descubra por meio de um de seus vários espiões. Por isso as amarras. Devo te desamarrar mesmo assim, Gaio?

Ela tirou uma faca de debaixo da sua capa.

Mo trocou um olhar com Dedo Empoeirado. Ele estava feliz em vê-lo, mas seu coração ainda tinha que se acostumar a essa sensação. Por muitos anos a visão de Dedo Empoeirado lhe causara sentimentos muito diferentes. Mas desde que ambos haviam sido

tocados pela morte, pareciam ser feitos da mesma carne. Da mesma história. Talvez houvesse apenas uma única história?

Não confie nela!, disse o olhar de Dedo Empoeirado. E Mo soube que ele poderia ler a resposta em sua testa sem que precisasse pronunciá-la. *Eu preciso.*

— Prefiro manter as amarras — disse ele, e Violante escondeu novamente a faca entre as dobras de seu vestido. Flocos de neve caíam sobre o tecido negro como pequenas plumas.

— Estou levando o Gaio para o castelo onde cresceu a minha mãe — disse ela. — Ali eu posso protegê-lo. Aqui não.

— O Castelo no Lago? — Dedo Empoeirado desamarrou uma bolsa do seu cinto e a entregou a Farid. — É um longo caminho até lá. Com certeza quatro dias a cavalo.

— Você já ouviu falar do castelo?

— Quem não ouviu? Mas ele está abandonado há muitos anos. Você já esteve lá alguma vez?

Violante levantou o queixo de uma forma tão obstinada, que Mo se lembrou novamente de Meggie. — Não, eu nunca estive lá, mas a minha mãe me falou dele e eu li tudo o que foi escrito sobre esse castelo. Eu o conheço melhor do que se tivesse estado lá.

Dedo Empoeirado olhava para ela. Então levantou os ombros. — Se é o que você quer. O Pífaros não estar lá já é algo positivo. E dizem que é fácil defendê-lo. — Ele examinou os jovens soldados de Violante como se contasse a sua idade. — Sim, provavelmente o Gaio estará mais seguro lá.

Os flocos de neve que caíam sobre as mãos amarradas de Mo anestesiavam sua pele ferida. Em breve ele não poderia mais utilizar as mãos se ao menos à noite não pudesse movimentá-las livremente. — E Vossa Alteza tem certeza que o vosso pai nos seguirá até esse castelo? — perguntou ele para Violante. A sua voz soava como se a escuridão do calabouço estivesse colada nela.

Violante sorriu. — Ah, sim, ele vai. Ele vai te seguir para qualquer lugar, e ele vai trazer o livro em branco.

O livro em branco. A neve caía como se quisesse embranquecer o mundo inteiro como uma página não escrita. O inverno havia chegado. As batidas do seu coração estão contadas, de Mortimer e

do de Meggie. O de Meggie... como podia ser que apesar de tudo ele continuasse amando aquele mundo? Como podia ser que os seus olhos não se cansassem de olhar para as árvores distantes, tão maiores do que aquelas nas quais ele subira quando garoto, à procura de fadas e homens de vidro, como se tivessem sido sempre parte do seu mundo... “Lembre-se, Mortimer! Houve uma vez um mundo muito diferente”, sussurrou uma voz dentro dele. Mas seja o que fosse que sussurrava, o fazia em vão. Até mesmo o seu próprio nome soava estranho e irreal, e ele sabia que se houvesse uma mão que quisesse fechar o livro de Fenoglio para todo o sempre, ele não lhe permitiria.

— Nós não temos cavalo para você, Dançarino de Fogo — a voz de Violante soou hostil. Ela não gostava de Dedo Empoeirado. Bom, no seu caso, por muito tempo também não havia sido diferente, não é?

Dedo Empoeirado sorriu com tanto sarcasmo que Violante olhou para ele ainda mais ausente. — Podem ir. Eu encontrarei vocês.

Quando Mo subiu no cavalo, ele havia desaparecido, assim como Farid. Ali onde ele estivera brilhavam ainda algumas chispas na neve. Mo viu a timidez no rosto dos soldados de Violante — como se tivessem visto um fantasma. E talvez aquela não fosse uma denominação errada para um homem que havia retornado dos mortos.

No castelo continuava tudo em silêncio. Nenhum guarda soou o alarme quando o primeiro soldado entrou com seu cavalo no rio. Ninguém gritou das ameias que o Gaio havia fugido novamente. Ombra dormia, e a neve a cobria como um cobertor branco, enquanto sobre os telhados os gaios de fogo de Dedo Empoeirado ainda voavam em círculos.

41. *Imagens feitas de cinzas*



— *Me desculpe* — murmurou Harry.

Dumbledore balançou a cabeça.

— *A curiosidade não é um pecado* — disse ele. — *Mas devemos ser cautelosos com a nossa curiosidade... Sem dúvida...*

J. K. Rowling, *Harry Potter e o cálice sagrado*



A caverna que Mo e o Príncipe Negro haviam encontrado, muito antes do Pássaro Tisnado fazer sua apresentação, ficava a duas horas a pé ao norte de Ombra. Era um longo caminho para os pés das crianças, e no Mundo de Tinta havia chegado o inverno, com chuva que se transformava em neve cada vez com mais frequência. Mariposas brancas pendiam de repente como folhas de gelo dos galhos nus e corujas de penas acinzentadas caçavam as fadas.

— Bom, minhas fadas dormem nesta época! — defendera-se Fenoglio quando Despina começou a chorar porque uma coruja havia devorado duas daquelas pequenas criaturas diante dos seus olhos. — Mas esses seres idiotas que Orfeu criou voam por aí como se nunca tivessem ouvido falar no inverno!

Montanha acima, montanha abaixo, o Príncipe Negro os guiava pelo mato e pelas rochas, por trilhas tão fechadas que muitas vezes tinham que carregar as crianças menores. Meggie sentia as costas doerem, mas Elinor caminhava na frente como se quisesse ver o mais rápido possível o mais que pudesse daquele fantástico novo mundo que descobria — apesar de que se controlasse para não demonstrar a sua fascinação diante do seu criador.

Fenoglio ia quase o tempo todo atrás deles, com Resa e Darius. A menina que Resa carregava quase o tempo todo parecia tanto com Meggie que todas as vezes em que ela se virava para olhar para sua mãe, parecia olhar para um passado que nunca existira. Era Mo

quem a carregara quando era pequena, sempre, apenas Mo. Porém, todas as vezes em que via Resa encostar o rosto no cabelo da pequena, Meggie desejava que tivesse sido diferente. Talvez então não doeria tanto o fato de Mo não estar mais ali.

Quando no meio do caminho Resa começou a passar mal, Roxane a proibiu de carregar qualquer criança. — Tenha cuidado! — Meggie a ouviu dizer. — Você não vai querer ter que contar ao seu marido quando ele voltar que você perdeu a criança, não é?

Já era possível ver que Resa estava grávida, e às vezes Meggie tinha vontade de colocar a mão ali onde a outra criança crescia, mas ela não o fez. Os olhos de Darius ficaram úmidos quando soube da gravidez. E Elinor gritou: — Então, agora tudo tem que dar certo! — E abraçou Resa com tanta força, que provavelmente quase amassou a criança em sua barriga. Meggie, porém, tinha sempre o mesmo pensamento: eu não preciso de uma irmã. Eu também não preciso de um irmão. Eu só quero o meu pai de volta! Mas quando o garoto que ela carregava nas costas agora, em agradecimento, lhe deu um beijo no rosto, surgiu nela algo inesperado, uma espécie de alegria, e ela começou a imaginar como seria quando tivesse os pequenos dedos do seu irmão ou irmã em sua mão.

Todos estavam contentes de ter a companhia de Roxane. Seu filho não estava entre as crianças que Pífaros e o Pássaro Tisnado haviam roubado, mas mesmo assim ela havia trazido Jehan.

Roxane estava usando o cabelo negro e longo solto novamente, como as menestrais. Ela também sorria mais do que antes, e quando algumas das crianças começaram a chorar durante o longo caminho Meggie a ouviu cantar pela primeira vez, bem baixinho apenas, mas o suficiente para entender o que Baptista havia dito uma vez: *Quando Roxane canta, ela tira do seu coração toda a tristeza e a transforma em música.*

Como é que Roxane estava tão feliz se Dedo Empoeirado não estava com ela? — Porque agora ela sabe que ele sempre voltará para ela — dissera Baptista. Será que Resa pensava o mesmo de Mo?

Meggie viu a entrada da caverna somente quando já estava a pouco menos de um metro de distância dela. Altos pinheiros a

escondiam, estramônios e arbustos de cujos ramos pendia uma pelagem branca, longa e macia como cabelo de gente. Meggie sentiu a pele coçar por horas ainda depois de haver seguido Doria pelo mato.

A abertura que os levava ao interior da caverna era tão estreita que o Homem Forte teve que entrar de lado, mas a caverna mesmo era alta como uma igreja e as vozes das crianças ecoavam pelas paredes de pedra tão alto que a Meggie pareceu ser possível ouvi-las até Ombra.

O Príncipe Negro colocou seis guardas do lado de fora. Eles subiram no alto das copas das árvores em volta. Outros quatro homens ele mandou de volta para apagarem os rastros. Doria foi com eles, Jaspis em seu ombro. O homem de vidro havia se aproximado dele desde que Farid havia ido embora. Seria quase impossível apagar as pegadas de tantos pequenos pés, e Meggie viu no rosto do Príncipe Negro o desejo de levar as crianças ainda mais longe, o mais longe possível do Pífaró e dos cães do Pardal.

O Príncipe Negro havia permitido a meia dúzia de mães que acompanhassem seus filhos. Ele conhecia os seus homens bem o suficiente para saber que não serviriam muito bem como um substituto materno.

Roxane, Resa e Minerva os ajudaram para que a caverna ficasse mais habitável. Elas estenderam cobertores e panos entre as paredes rochosas, colocaram folhas secas lá dentro para que se pudesse dormir melhor no chão rochoso, estenderam peles em cima e amontoaram pedras criando assim leitos para as crianças menores. Arrumaram lugar para cozinhar, cuidaram das provisões que os ladrões haviam trazido — e sempre prestavam atenção aos barulhos que vinham de fora, temerosas de ouvir de súbito latido de cães ou vozes de soldados.

— Vejam só com que vontade eles enchem as pequenas bocas!
— murmurou o Afanador quando o Príncipe Negro deu a primeira refeição às crianças. — Nossas provisões não vão durar nem uma semana, e o que será depois?

— Até lá o Cabeça de Víbora já estará morto — respondeu o Homem Forte em tom obstinado, mas o Afanador se limitou a rir

com desprezo.

— Ah é? E o Gaio vai matar o Pífaros também? Para isso ele vai precisar de mais de três palavras, e o que acontecerá com o Pardal e os encouraçados?

Sim, e daí? Ninguém sabia uma resposta para isso.

— Violante vai expulsá-los a todos assim que seu pai estiver morto! — disse Minerva, mas Meggie ainda tinha dificuldade em confiar na Feia.

— Ele está bem, Meggie! — dizia Elinor todas as vezes. — Agora, não faça essa cara tão triste. Se eu entendi bem toda a história (o que não é tão fácil já que o nosso senhor poeta gosta de complicá-la um pouco) — ela lançava todas as vezes um olhar de reprovação em direção a Fenoglio —, eles não vão encostar num único cabelo de seu pai, porque ele deve curar aquele livro para o Cabeça de Víbora. O que ele provavelmente não tem como fazer, mas isso é um outro problema. Seja como for, você vai ver. Tudo vai ficar bem!

Se Meggie ao menos conseguisse acreditar nela, assim como acreditava em Mo antes. — Tudo vai ficar bem, Meggie! — ele não precisava falar nada mais, e ela encostava a cabeça em seu ombro com a certeza de que ele iria dar um jeito em tudo. Fazia tanto tempo. Tanto tempo...

O Príncipe Negro mandara os corvos amestrados do Lagartixa para Ombra, para o Coruja Mascarado e para o hospital que ele tinha no castelo, e Resa ficava horas diante da caverna procurando por penas negras no céu. Porém, o único pássaro que o Lagartixa trouxe no segundo dia para a caverna foi uma gralha desmilinguida, e, finalmente, quem trouxe notícias do Gaio não foi um dos seus corvos e sim Farid.

Ele tremia de frio quando um dos guardas o levou até o Príncipe Negro e o seu rosto tinha a expressão perdida que só acontecia quando Dedo Empoeirado o mandava embora. Meggie segurou a mão de Elinor quando ele começou a gaguejar as novidades: Violante levou Mo embora para o castelo de sua mãe. Dedo Empoeirado os seguiria. O Pífaros batera em Mo, o ameaçara, Violante tivera medo que ele o matasse. Resa escondeu o rosto entre as mãos e Roxane colocou o braço em torno dela.

— O castelo de sua mãe? Mas a mãe de Violante está morta! — Elinor já conhecia melhor a história de Fenoglio do que seu próprio criador. Ela circulava entre os ladrões como se houvesse pertencido a eles desde sempre, pedia aos menestréis de Baptista para ouvir suas canções, ao Homem Forte que lhe mostrasse como falar com os pássaros e a Jaspis que lhe esclarecesse quantos tipos de homens de vidro havia. Muitas vezes ela tropeçava no veludo do seu estranho vestido, tinha sujeira na testa e aranhas no cabelo, mas Elinor parecia tão feliz como antes diante de um livro muito valioso — ou na época em que fadas e homens de vidro haviam vivido em seu jardim.

— É o castelo onde sua mãe cresceu. Dedo Empoeirado o conhece. — Farid tirou uma bolsa do seu cinto e limpou restos de fuligem do couro. Depois olhou para Meggie.

— Nós fizemos aranhas e lobos de fogo para proteger o teu pai!
— Era impossível não perceber o orgulho em sua voz.

— E mesmo assim Violante achou que eles não estariam seguros no castelo!— a voz de Resa soou como uma acusação, como se dissesse: vocês não podem protegê-lo, disse ela. Nenhum de vocês. Ele está sozinho.

— O Castelo no Lago — o Príncipe Negro pronunciou aquele nome como se não gostasse muito da ideia de Violante. — Há muitas canções sobre esse castelo.

— Canções sombrias — acrescentou o Lagartixa.

A gralha que havia voado até ele pousou sobre o seu ombro.

Era um bicho magro, e olhava para Meggie como se quisesse arrancar-lhe os olhos.

— Que tipo de canção? — a voz de Resa soou sombria de medo.

— Histórias de fantasmas, apenas isso. Bobagens em rimas! — Fenoglio se aproximou de Resa. Despina se agarrava em sua mão.
— O Castelo no Lago está abandonado há muito tempo. Por isso as pessoas inventam histórias para ele, mas são apenas histórias.

— Que tranquilizador! — O olhar que Elinor lhe lançou fez com que Fenoglio enrubescesse.

Ele estava de péssimo humor. Desde que vieram para a caverna ele reclamava sem pausa do frio, do choro das crianças ou do mau

cheiro do urso. A maior parte do tempo ele passava sentado atrás do muro de pedras que havia construído no canto mais escuro da caverna, brigando com Quartzo Rosa. Os únicos que conseguiam arrancar dele um sorriso eram Ivo e Despina — e Darius. Desde a sua chegada ele se aproximara do ancião e, enquanto o ajudava a construir o muro, começou a perguntar com voz tímida ao velho sobre o mundo que ele havia criado: “Onde moram os gigantes?”, “As ninfas vivem mais tempo que os homens?”, “Que país fica atrás das montanhas?”. Claramente Darius fazia as perguntas certas, já que Fenoglio não se impacientava com elas como acontecia com Orfeu.

O Castelo no Lago.

Fenoglio balançou a cabeça quando Meggie foi até ele para saber mais sobre o lugar para onde a Feia havia levado o seu pai.

— Era um lugar secundário, Meggie — disse ele mal-humorado. — Um de muitos outros lugares. Decoração! Leia o meu livro se você quiser saber mais, caso Dedo Empoeirado alguma vez resolva devolvê-lo, claro! Eu acho que ele deveria ter dado o livro a mim, mesmo que a nossa relação não seja muito boa, mais afinal eu sou o autor, mas bom, enfim. Ao menos Orfeu não está mais com ele!

O livro. Dedo Empoeirado havia passado o *Coração de tinta* adiante havia tempo, mas Meggie não disse a ninguém, ela mesma não sabia por que a sua mãe estava com o livro.

Farid o havia entregado a Resa tão rapidamente como se Basta pudesse aparecer novamente antes dele e roubá-lo, como então no outro mundo. — Dedo Empoeirado diz que ele estará seguro com você, porque você sabe como as palavras ali dentro são poderosas — murmurou ele. — O Príncipe Negro não entende nada disso. Mas mantenha-o escondido, Orfeu não deve consegui-lo novamente. Apesar de que Dedo Empoeirado tem bastante certeza de que ele não vai procurá-lo com você.

Sua mãe havia aceitado o livro com relutância e o escondera finalmente em seu leito. O coração de Meggie bateu mais rápido quando o tirou de debaixo do cobertor de Resa. Ela não tivera mais o livro de Fenoglio nas mãos desde que Mortola o entregara a ela na Fortaleza de Capricórnio para que lesse as sombras para fora

dele. Era uma sensação estranha abri-lo dentro do mundo sobre o qual ele narrava, e por um momento Meggie teve medo que as páginas pudessem engolir tudo o que havia em volta. O chão rochoso onde ela estava sentada, o cobertor sob o qual sua mãe dormia, a branca mariposa de gelo que se perdera dentro da caverna, e as crianças que corriam rindo atrás dela...

Havia tudo realmente nascido entre essas duas capas de livro? O livro parecia tão desinteressante em comparação com as maravilhas que ele descrevia, nada mais do que algumas centenas de páginas impressas, uma dúzia de ilustrações, nem de perto tão boas como as que Balbulus fazia, uma capa de linho verde-prateado. Mas não seria uma surpresa para Meggie se encontrasse o seu próprio nome nas páginas ou o de sua mãe ou de Farid ou de Mo, apesar de que... Não, seu pai tinha um outro nome naquele mundo.

Meggie nunca tivera oportunidade de ler a história de Fenoglio. Onde ela poderia começar agora? Haveria talvez um desenho do Castelo no Lago? Ela folheou rapidamente as páginas, mas de repente ouviu a voz de Farid atrás de si.

— Meggie?

Ela fechou o livro rapidamente como se cada palavra lá dentro fosse um segredo. Que bobagem dela. Aquele livro não sabia nada de tudo aquilo que lhe causava medo, nada sobre o Gaio, nada nem mesmo sobre Farid...

Ela já não pensava tanto nele como antes. Era quase como se com a volta de Dedo Empoeirado aquele capítulo tivesse chegado ao fim, o que falava sobre eles, como se a história começasse novamente do início e apagasse com cada nova palavra o que contara anteriormente.

— Dedo Empoeirado me deu mais uma coisa. — Farid olhou para o livro em seu colo como se fosse uma cobra. Então ele se ajoelhou ao seu lado e tirou do cinto a bolsa negra de fuligem, que mantinha entre os dedos enquanto fizera ao Príncipe o seu relato.

— Ele mandou para Roxane — disse ele em voz baixa enquanto fazia um fino círculo com as cinzas sobre o chão rochoso. — Mas você parecia tão preocupada, que...

Ele não terminou a frase. Em vez disso, sussurrou uma palavra que somente ele e Dedo Empoeirado entendiam — e o fogo surgiu de repente das cinzas como se estivesse adormecido ali dentro. Farid o prendeu, ele o elogiava e o seduzia até que queimasse tão forte que o coração das chamas se tornasse branco como um papel, e apareceu uma imagem, no início difícil de distinguir, mas depois cada vez mais clara.

Morros, floresta fechada... soldados por uma trilha estreita, muitos soldados... duas mulheres cavalgavam no meio. Meggie reconheceu Brianna imediatamente pelo seu cabelo. A mulher diante dela deveria ser a Feia e ali — Dedo Empoeirado ao seu lado — cavalgava Mo. Meggie estendeu a mão automaticamente na direção dele, mas Farid segurou seu dedo.

— Tem sangue no seu rosto — sussurrou ela.

— O Pífaró. — Farid falou novamente com as chamas e a imagem aumentou, mostrando como a trilha levava por montanhas que Meggie nunca vira muito mais altas do que os morros em volta de Ombra. Sobre a trilha havia neve assim como as encostas distantes, e Meggie viu como Mo assoprava em suas mãos frias. Ele parecia um estranho com a capa de pele que usava — como um personagem dos contos de fadas. Ele é um personagem num conto de fadas, Meggie, sussurrou uma voz dentro dela. Gaio... Será que ele continuava sendo seu pai? Teria visto em Mo alguma vez aquele olhar tão sério? A Feia se dirigiu a ele. Era a Feia, claro, quem mais? Eles falavam, mas o fogo só mostrava imagem sem som.

— Você está vendo? Ele está bem. Graças a Dedo Empoeirado. — Farid olhava com tanta saudade para as chamas, como se assim pudesse se transportar para perto de Dedo Empoeirado. Então ele suspirou e soprou com suavidade até que as chamas escureceram como se enrubescessem dos apelidos que ele lhes dera.

— Você vai atrás dele?

Farid negou com a cabeça. — Dedo Empoeirado quer que eu cuide de Roxane. — Meggie sentiu um gosto amargo na boca.

— O que você vai fazer? — ele olhou para ela indagativo.

— O que eu poderia fazer?

Sussurrar palavras. É a única coisa que eu posso fazer — acrescentou ela em pensamentos. Todas as palavras que os menestréis cantam sobre o Gaio: que ele apazigua os lobos com sua voz, que ele é inatingível e rápido como o vento, que as fadas o protegem e as Damas Brancas velam o seu sono. Palavras. Era a única forma que ela tinha de proteger Mo, e ela as sussurrava dia e noite em cada minuto em que não a observavam, ela as mandava como os corvos que o Príncipe Negro havia enviado a Ombra.

As chamas haviam se apagado. E Farid juntava as cinzas quentes em suas mãos quando uma sombra surgiu sobre ele. Doria estava atrás dele segurando a mão de duas crianças. — Meggie, a mulher com voz alta está procurando você.

Os ladrões tinham muitos nomes para Elinor. Meggie sorriu, mas Farid lançou a Doria um olhar nada amistoso. Ele colocou as cinzas com cuidado dentro da bolsa novamente e se levantou. — Eu estarei com Roxane — disse ele, e deu um beijo na boca de Meggie. Havia semanas que ele não o fazia. Depois passou por Doria e se afastou sem virar-se novamente.

— Ele a beijou! — sussurrou uma das crianças para Doria, alto o suficiente para que Meggie pudesse ouvir. Era uma menina, e enrubesceu quando Meggie olhou para ela. Rapidamente escondeu o rosto atrás de Doria.

— Sim, ele o fez — sussurrou Doria em resposta. — Mas ela o beijou de volta?

— Não! — afirmou o garoto a sua direita e examinou Meggie como se se perguntasse como seria beijá-la.



42. A audiência com o Cabeça de Víbora



Não é possível ler de verdade um livro sem estar só. Mas é justamente por causa dessa solidão que acabamos nos relacionando intimamente com pessoas que talvez jamais houvéssemos conhecido, seja porque estão mortas há séculos, ou porque falam idiomas que você não entende. Porém, elas se transformam nos teus mais íntimos amigos, nos teus mais sábios conselheiros, nos magos que te hipnotizam, nas amantes com quem você sempre sonhou.

Antonio Muñoz Molina, "El poder de la pluma"



A tropa do Cabeça de Víbora chegou a Ombra pouco depois da meia-noite. Orfeu ficou sabendo disso quase ao mesmo tempo em que o Pardal, já que deixara Oss durante três noites esperando debaixo das forcas junto ao portal da cidade.

Tudo estava preparado para o Príncipe de Prata. O Pífaru mandara colocar panos pretos em cada abertura do castelo, transformando assim o dia em noite para o seu senhor, e no pátio estavam as árvores cortadas que Pardal pretendia queimar nas chaminés do castelo, apesar de todos saberem que não havia fogo capaz de espantar o frio da carne e dos ossos do Cabeça de Víbora. O único homem que talvez pudesse consegui-lo havia fugido dos calabouços do castelo, e toda Ombra se perguntava como o Príncipe de Prata iria receber essa notícia.

Orfeu mandou Oss até o castelo antes que amanhecesse. Afinal, todos sabiam que o Cabeça de Víbora mal dormia.

— Diga-lhe que tenho informações de grande importância para ele. Diga-lhe que se trata do Gaio e de sua filha. — Ele repetiu as palavras meia dúzia de vezes, já que não confiava muito nas capacidades intelectuais de seu guarda-costas, mas Oss cumpriu

bem a sua tarefa. Depois de um pouco mais de três horas em que Orfeu passou andando de um lado para o outro em seu escritório, ele voltou com a notícia de que a audiência lhe seria concedida, porém com a condição de que Orfeu se apresentasse no castelo sem demora, já que o Cabeça de Víbora teria que descansar antes de partir novamente.

Partir novamente? “Ah! Então ele está entrando no jogo da sua filha!”, pensou Orfeu enquanto caminhava apressadamente para o castelo. “Bom, então agora depende de você fazê-lo compreender que só poderá ganhar esse jogo com a sua ajuda!” Ele lambeu os lábios num gesto automático, preparando-se para sua importante tarefa. Nunca tivera em suas mãos presa tão esplêndida. “Abram-se as cortinas!”, sussurrou para si mesmo. “Abram-se as cortinas!”

O empregado que o guiou pelos corredores enegrecidos até a sala do trono não disse uma única palavra. “Estava quente e escuro no castelo como no inferno!”, pensou Orfeu. E não era adequadíssimo? Não comparavam sempre o Cabeça de Víbora com o diabo? Sim, era necessário reconhecer a eficiência de Fenoglio. Esse vilão tinha consistência. Em comparação com o Cabeça de Víbora, Capricórnio não passava de um comediante maltrapilho, uma figura de segunda classe, mesmo que Mortola pensasse diferente. (Mas quem se importava com o que ela pensava?)

Um arrepio agradável passou pelos ombros de Orfeu. O Cabeça de Víbora! Filho de um clã que vem cultivando o mal há gerações. Não havia nenhum tipo de maldade que ao menos um de seus ancestrais já não tivesse realizado. Hipocrisia, desejo de poder, falta de escrúpulos, essas eram as principais virtudes da família. Mas que combinação! Sim, Orfeu estava entusiasmado. Ele tinha as mãos suadas como um jovem em seu primeiro encontro. O tempo todo ele umedecia a boca e os dentes, como se assim pudesse se preparar para as palavras certas. — acredite em mim! — ouvia-se dizer. — Eu posso colocar este mundo a seus pés, eu posso cortá-lo sob medida para Vossa Alteza, mas para isso teríeis que encontrar o livro para mim. Ele é ainda mais poderoso do que o livro que tornou Vossa Alteza imortal, muito mais poderoso!

O livro... Não, ele não queria pensar agora na noite em que o perdera e menos ainda em Dedo Empoeirado!

Na sala do trono não estava mais claro que nos corredores. Algumas poucas velas ardiavam entre as colunas e ao redor do trono. Na última visita de Orfeu (caso não se enganasse, quando trouxera o anão para o Pardal), o caminho até o trono estava entupido de animais empalhados, ursos, lobos, gatos malhados e, claro, o unicórnio que ele escrevera para o Pardal, mas eles haviam desaparecido. Até mesmo o Pardal era esperto o suficiente para compreender que todas aquelas caças não impressionariam o Cabeça de Víbora, considerando os escassos tributos que o seu cunhado mandava para o Castelo da Noite. Agora nada além da escuridão enchia a sala. Ela fazia com que os guardas vestidos de preto se tornassem invisíveis entre as colunas. Apenas as suas armas brilhavam com o movimento do fogo que queimava atrás do trono. Orfeu se esforçou para passar por eles sem parecer impressionado, porém tropeçou duas vezes em seu casaco de veludo e quando finalmente chegou diante do trono, quem estava lá era o Pardal, e não o seu cunhado sombrio.

Cortante como uma faca, a decepção se apoderou de Orfeu. Rapidamente ele abaixou a cabeça para ocultá-la e procurou as palavras certas para não parecer submisso nem bajulador demais. Era uma arte muito especial falar com um poderoso, mas ele tinha experiência nisso. Em sua vida, sempre houve pessoas que tinham mais poder do que ele. Seu pai fora o primeiro, sempre descontente com o seu filho desengonçado, que amava mais os livros do que o trabalho na loja familiar, as horas sem fim entre as prateleiras empoeiradas, o eterno sorriso simpático quando tinha que atender os turistas que ali entravam em vez de folhear um livro com seus dedos inquietos, procurando com vontade a linha onde tivera que abandonar o mundo impresso da última vez. Orfeu não teria como contar as bofetadas que recebera por causa do prazer proibido da leitura. A cada dez páginas recebia uma bofetada, mais ou menos isso, mas o preço nunca lhe pareceu alto demais. O que era uma bofetada em troca de dez páginas de ajuda para fugir, dez páginas

longe de tudo aquilo que o fazia infeliz, dez páginas de vida real em vez do tédio que era o que os outros chamavam realidade?

— Excelência! — Orfeu inclinou o pescoço um pouco mais. O Pardal parecia tão ridículo com a sua peruca prateada, seu pescoço magro demais que dançava na pesada gola de veludo. O rosto pálido era insípido como sempre — como se o seu criador tivesse esquecido de desenhar as sobrancelhas e tivesse apenas riscado rapidamente os olhos e a boca.

— Você quer falar com o Cabeça de Víbora? — Nem mesmo a voz do Pardal impressionava. As más línguas diziam que ele não precisa fazer grandes esforços para usá-la como chamariz para os patos que ele tanto gosta de atirar no céu.

Como ele suava, o idiota fracote!, pensou Orfeu enquanto sorria para ele submisso. Bom, eu também suaria se estivesse em seu lugar. O Cabeça de Víbora viera para Ombra para matar o seu pior inimigo e em vez disso ficara sabendo que seu heraldo e seu cunhado haviam deixado seu precioso prisioneiro fugir. Era mesmo um milagre que os dois ainda estivessem vivos.

— Sim, Excelência. Quando o Príncipe de Prata quiser! — Orfeu percebeu embevecido que sua voz soava mais impressionante ainda no salão vazio. — Eu tenho informações para ele que lhe podem ser de muita importância.

— Sobre sua filha e o Gaio... — O Pardal puxou sua manga com expressão entediada. Cabeça oca perfumada.

— Assim é. — Orfeu pigarreou. — Vossa Excelência sabe, eu tenho clientes importantes, amigos influentes. Chegam aos meus ouvidos coisas que não alcançam um castelo, coisas preocupantes, e eu quero ter certeza que o vosso cunhado esteja informado sobre elas.

— E que coisas seriam essas?

Cuidado, Orfeu!

— Isso, Vossa Excelência — ele realmente fazia um grande esforço para soar entristecido —, eu gostaria de dizer pessoalmente ao Cabeça de Víbora. Afinal trata-se de sua filha.

— Sobre quem ele no momento se recusa a falar! — O Pardal ajeitou a peruca. — Maldita criatura horrorosa! — continuou ele. —

Sequestrou o meu prisioneiro para roubar-me o trono de Ombra! Ameaça matá-lo se o pai não a seguir como um cachorro pelas montanhas! Como se não tivesse sido difícil o suficiente agarrar esse Gaio emplumado! Mas para que eu estou te dizendo essas coisas? Talvez porque você me conseguiu o unicórnio. A melhor caça da minha vida. — Ele olhou melancolicamente para Orfeu, com olhos tão desbotados como o seu rosto. — Quanto mais bonita a caça, maior é o prazer ao matá-la, não é?

— Sábias palavras, Vossa Excelência, sábias palavras! — Orfeu se inclinou novamente. O Pardal amava reverências.

Com o olhar nervoso para os guardas ele se aproximou de Orfeu. — Eu gostaria de mais um unicórnio daquele — murmurou ele. — Foi um grande sucesso com todos os meus amigos. Você acha que poderia me conseguir mais um? Talvez um que fosse um pouco maior?

Orfeu lançou ao Pardal um sorriso otimista. Mas que fracote falastrão ele era, mas bom, afinal, toda história precisa de personagens assim. Na maioria das vezes eles morrem rápido. Pode-se apenas esperar que essa regra sirva também para o cunhado do Cabeça de Víbora.

— Mas é claro, Excelência! Isso não será problema algum — murmurou Orfeu, escolhendo cuidadosamente cada palavra. Mesmo que o idiota principesco não merecesse o seu esforço. — Mas antes eu tenho que falar com o Príncipe de Prata. Esteja seguro que as minhas informações são realmente da maior importância. E Vossa Excelência — ele lançou ao Pardal um sorriso de astúcia — continuará com o trono de Ombra. Consiga essa audiência com vosso cunhado imortal e o Gaio vai finalmente ter o seu fim merecido. Violante será punida por sua traição e para festejar o vosso triunfo eu vos conseguirei um pégaso, que impressionará mais vossos amigos do que o unicórnio. Vossa Excelência pode caçá-lo com balistas e com falcões.

Os olhos pálidos do Pardal se abriram de entusiasmo.

— Um pégaso! — suspirou ele enquanto chamava impaciente um guarda. — Oh, isso é realmente fantástico. — Eu conseguirei a audiência para você, mas lhe dou um conselho — ele abaixou a voz

quase num sussurro. — Não chegue muito perto do meu cunhado. O cheiro que ele exala já matou dois dos meus cães!

O Cabeça de Víbora fez com que ele esperasse mais uma hora. Ela passou tão torturantemente devagar como poucas horas na vida de Orfeu. O Pardal pediu-lhe mais alguns outros animais de caça, e ele lhe prometeu basiliscos e leões de seis pernas enquanto pensava nas palavras certas para o Príncipe de Prata. Nenhuma podia estar incorreta. Afinal, o senhor do Castelo da Noite era tão conhecido por sua esperteza como por sua maldade. Sim, Orfeu havia pensado muito depois da visita de Mortola, e chegara sempre à mesma conclusão: somente ao lado do Cabeça de Víbora ele poderia realizar seus sonhos de influência e riqueza. O Príncipe de Prata continuava sendo o jogador mais importante naquele mundo, mesmo que estivesse apodrecendo em vida. Com a sua ajuda talvez fosse possível reaver o livro que transformava aquele mundo num maravilhoso brinquedo, antes que Dedo Empoeirado o roubasse. Sem falar do outro livro, que permitia a quem o possuísse jogar com esse mundo por toda a eternidade...

— Como você é modesto, Orfeu! — sussurrou quando o pensamento tomou forma em sua mente pela primeira vez. — Dois livros, isso é tudo o que você deseja! Apenas dois livros! E em um deles há inclusive apenas páginas em branco, todas em péssimo estado!

Oh, que vida poderia ser aquela. Orfeu, o todo-poderoso, Orfeu, o imortal, herói do mundo que ele amava desde criança!

— Ele está vindo! Incline-se! — O Pardal pulou tão nervosamente que a sua peruca escorregou sobre a testa e tirou Orfeu dos seus belos sonhos.

Um leitor não vê realmente os personagens de uma história. Ele os sente. Orfeu percebeu isso pela primeira vez quando não tinha ainda onze anos e tentou descrever os personagens de seus livros preferidos, ou desenhá-los. Quando o Cabeça de Víbora surgiu da escuridão em sua direção, ele sentiu o mesmo que no dia em que o encontrou pela primeira vez no livro de Fenoglio: medo, admiração, a maldade que envolvia o Príncipe de Prata como uma luz negra, o poder que fazia com que fosse difícil respirar. Mas Orfeu havia

imaginado o Príncipe de Prata muito mais alto. E é claro, as palavras de Fenoglio não haviam dito nada sobre o rosto devastado, a carne branca e inchada e as mãos estufadas. Cada passo parecia causar dor ao Cabeça de Víbora. Os olhos com pesadas pálpebras e olheiras. Até mesmo a pouca luz das velas fazia com que lacrimejassem, e o cheiro que emanava do seu corpo inchado fez com que Orfeu tivesse o desejo desesperado de colocar a mão sobre a boca e o nariz.

O Cabeça de Víbora não lhe concedeu nem mesmo um olhar ao passar por ele com a respiração entrecortada. Somente ao sentar-se no trono os olhos avermelhados se dirigiram a ele. Olhos de lagarto, assim os havia descrito Fenoglio. Agora eram sulcos infeccionados sob as pálpebras inchadas, e as joias vermelhas que o Cabeça de Víbora usava em ambas as narinas pareciam pregos enfiados na carne branca.

— Você quer me dizer algo sobre a minha filha e o Gaio? — Ele arfava a cada duas palavras, mas isso não fazia com que sua voz soasse menos ameaçadora. — O quê? Que Violante ama o poder tanto quanto eu e por isso ela o roubou de mim? Você quer contar isso a mim? Então despeça-se da sua língua, que vou mandar arrancá-la porque eu não gosto nada quando me fazem perder meu tempo — mesmo que agora eu disponha de toda a eternidade.

Arrancar-lhe a língua... Orfeu engoliu em seco, não era um pensamento agradável, mas ele ainda a tinha. Mesmo que o fedor que saía do trono o deixasse quase sem palavras.

— A minha língua pode ser muito útil para Vossa Alteza — respondeu, reprimindo com esforço as ânsias de vômito. — Mas claro, Vossa Alteza tem a liberdade de mandar arrancá-la quando bem quiser.

Cabeça de Víbora torceu a boca num sorriso malvado. A dor fazia com que surgissem finas linhas em torno dos seus lábios. — Mas que oferta interessante. Vejo que você leva as minhas palavras a sério. Bom, o que você tem a me dizer?

A cortina se abre, Orfeu! Vá, comece a sua apresentação!

— Vossa filha Violante — Orfeu esperou que o nome ecoasse antes de continuar falando —, ela não quer apenas o trono de

Ombra, mas também o vosso trono. É por isso que ela planeja matar Vossa Alteza.

O Pardal colocou a mão sobre o peito como se quisesse espantar as mentiras que diziam que no lugar do coração ele tinha uma perdiz morta. O Cabeça de Víbora, porém, olhava fixamente para Orfeu com seus olhos inchados.

— A sua língua está em perigo — disse ele. — Violante não pode me matar. Você esqueceu?

Orfeu sentia o suor escorrendo pelo seu nariz. Atrás do Cabeça de Víbora, o fogo vibrava como se chamasse por Dedo Empoeirado. Diabos, ele sentia tanto medo, mas não sentia sempre? Olhe-o diretamente nos olhos, Orfeu, e confie na sua voz!

Aqueles olhos eram assustadores. Eles lhe arrancavam a pele do rosto. E os dedos inchados pareciam carne morta sobre o braço da cadeira.

— Oh sim, ela pode. Se o Gaio lhe disser quais são as três palavras. — A sua voz soou surpreendentemente tranquila. Bom, muito bom, Orfeu.

— Ah, as três palavras... Então você também já ouviu falar delas. Bom, você tem razão. Através da tortura é possível que ela as descubra. Mesmo que eu acredite que ele é capaz de calar-se por muito tempo... e ele pode dizer-lhe as palavras falsas.

— Vossa filha não precisa torturar o Gaio. Ela tem um acordo com ele.

Sim!

Orfeu viu no rosto surpreso que o Príncipe de Prata realmente não havia pensado naquilo. Oh, ele gostava daquele jogo. Era exatamente o papel que ele queria interpretar. Como moscas na cola, em breve todos eles iriam grudar na sua ardilosa língua.

O Cabeça de Víbora calou-se por um tempo torturantemente longo.

— Que interessante — disse ele finalmente. — A mãe de Violante tem uma queda por menestréis. O ladrão também seria do seu gosto. Mas Violante não é como a sua mãe. Ela é como eu. Mesmo que ela não goste disso.

— Oh, eu não duvido, Vossa Alteza! — Orfeu fez com que sua voz soasse submissa o suficiente. — Mas por que o ilustrador de livros deste castelo estaria há mais de um ano ilustrando nada além de canções sobre o Gaio? A vossa filha vendeu suas joias para comprar-lhe tintas. Ela está obcecada por esse ladrão, ele domina todos os seus pensamentos! Pergunte a Balbulus! Pergunte a ele com que frequência ela fica na biblioteca olhando os desenhos que ele faz do Gaio! E pergunte a si mesmo como é possível que o Gaio tenha fugido deste castelo pela segunda vez nas últimas semanas!

— Eu não posso perguntar nada a Balbulus. — A voz do Cabeça de Víbora parecia feita sob medida para o salão escurecido. — O Pífaru mandou expulsá-lo da cidade. Depois de haver lhe cortado a mão direita.

Aquilo fez com que Orfeu realmente ficasse sem voz por um momento. A mão direita. Ele segurou num gesto automático a própria mão. — Por que... hã... isso, se me permite perguntar, Vossa Alteza? — disse ele num tom menos altivo.

— Por quê? Porque a minha filha gostava muito da sua arte, e amputar a sua mão vai fazê-la perceber o tamanho da minha fúria. Já que Balbulus vai obviamente ir atrás dela, para onde mais?

— É verdade. Muito inteligente da vossa parte. — Orfeu movimentava sem querer os dedos, como se quisesse se assegurar que eles ainda estavam lá. As palavras haviam fugido, seu cérebro era um papel em branco, sua língua, uma pena ressecada.

— Posso confessar uma coisa? — Cabeça de Víbora lambeu os lábios feridos. — Me agrada o que a minha filha fez! Não posso aceitá-lo, mas me agrada. Ela não gosta que mandem nela. Nem o Pífaru, nem o meu cunhado matador de galinhas — ele lançou ao Pardal um olhar de nojo — se deram conta disso. No que diz respeito ao Gaio — pode ser até bom que Violante finja ser sua protetora. Ela é esperta. Ela sabe, assim como eu, que é fácil enganar os heróis. Basta dar-lhes a sensação de que estamos ao lado da justiça e eles vêm atrás de nós como cordeiros para o sacrifício. Mas Violante vai vender a mim o nobre ladrão. Em troca do trono de Ombrá. E, quem sabe...? Talvez eu realmente lhe dê o trono.

O Pardal olhava imóvel para a frente, como se não tivesse ouvido as últimas palavras do seu senhor o cunhado. O Cabeça de Víbora, porém, inclinando-se para a frente, passou as mãos por suas coxas inchadas. — Tenho a impressão de que sua língua me pertence, Olho Duplo — disse ele. — Alguma última palavra antes que você fique mudo como um peixe?

O Pardal sorriu maldosamente, e os lábios de Orfeu começaram a tremer como se já sentissem o alicate. Não. Não, não podia ser. Ele não achara o caminho dessa história para acabar feito um mendigo sem língua pelas ruas de Ombra.

Dirigiu ao Cabeça de Víbora um sorriso, que esperava fosse enigmático, e cruzou as mãos atrás das costas. Orfeu sabia que essa posição o fazia parecer mais imponente, treinara-a vezes o suficiente diante do espelho, mas agora precisava de palavras, palavras que criassem círculos nessa história, como pedras jogadas na água parada.

Ele baixou a voz ao começar a falar novamente. As palavras pesam mais se as falamos em voz baixa.

— Está certo, então são estas as minhas últimas palavras, Vossa Alteza, mas esteja certo serão também as últimas das quais Vossa Alteza irá se lembrar quando as Damas Brancas vierem buscá-lo. Eu juro pela minha língua que a vossa filha planeja assassiná-lo. Ela o odeia e Vossa Alteza está subestimando a sua fraqueza romântica pelo Gaio. Ela quer o trono para si e também para ele. Só por isso ela o libertou. Ladrões e filhas de príncipes têm sido sempre uma mistura perigosa.

As palavras cresciam no salão escuro como se tivessem sombra própria. E o olhar velado do Cabeça de Víbora fixava-se em Orfeu como se quisesse envenená-lo com sua maldade.

— Mas isso é ridículo! — a voz do Pardal soava como a de uma criança magoada. — Violante não é muito mais do que uma garota, e feia além de tudo. Ela nunca se atreveria a se voltar contra vós!

— É claro que ela o faria! — pela primeira vez, o Cabeça de Víbora elevou a voz, e o Pardal, assustado, cerrou com força seus lábios finos. — Violante é destemida, ao contrário de minhas outras

filhas. Feia, mas destemida, e muito esperta... assim como esse aí.
— Novamente o olhar velado dirigiu-se a Orfeu.

— Você é uma víbora assim como eu, não é verdade? Em vez de sangue corre veneno em nossas veias. Ele nos devora, mas é mortal apenas para os outros. Nas veias de Violante corre também esse veneno, e é por isso que ela vai trair o Gaio, independentemente do que ela esteja planejando... — O Cabeça de Víbora riu, mas o riso se transformou em tosse. Ele se esforçou para respirar e arfou, como se tivesse os pulmões cheios de água, mas quando o Pardal se aproximou preocupado, ele o empurrou rudemente de volta. — O que você quer? — disse a ele. — Eu sou imortal. Esqueceu? — E novamente ele riu, gemendo e arfando, então os olhos de lagarto se fixaram novamente em Orfeu.

— Eu gosto de você, sua víbora cara de leite. Você parece ser muito mais aparentado comigo do que esse aí. — Com um movimento impaciente ele empurrou o Pardal para o lado. — Mas ele tem uma bela irmã, então é necessário aceitar o irmão junto. Você tem uma irmã também? Ou quem sabe você possa me servir de alguma outra forma?

Oh, as coisas estão indo bem, Orfeu. Estão indo muito bem! Em breve você vai controlar os fios da trama desta história. Que cor você vai escolher? Dourado? Preto? Ou talvez vermelho-sangue?

— Oh, eu. — Ele olhou entediado as próprias unhas, esse gesto também impressionava, o espelho lhe ensinara. — Eu posso servi-lo de muitas formas, pergunte ao seu cunhado. Eu transformo os sonhos em realidade. Eu costuro as coisas de acordo com a vossa vontade.

Cuidado, Orfeu, você ainda não tem o livro de volta. O que você está prometendo aí?

— Sei. Então você é um mágico? — O desprezo na voz de Cabeça de Víbora era um aviso.

— Não, eu não chamaria assim — respondeu Orfeu rapidamente.
— Mas digamos... Minha arte é negra. Negra como a tinta.

Tintas! É claro, Orfeu!

Por que ele não pensara nisso antes? Dedo Empoeirado lhe roubara o livro, mas Fenoglio havia escrito outro! Por que as

palavras do velho só funcionariam se viessem do *Coração de tinta*? Onde estavam as canções do Gaio que Violante havia tão cuidadosamente colecionado? Não diziam que havia feito Balbulus encher muitos livros com elas?

— Negra? Eu gosto dessa cor. — Cabeça de Víbora se levantou gemendo de sua cadeira. — Cunhado, dê um cavalo à pequena víbora. Vou levá-lo comigo. É um longo caminho até o Castelo no Lago e talvez ele me ajude a passar o tempo.

Orfeu se inclinou tão profundamente que ele quase caiu.

— É uma honra! — gaguejou. — Era importante dar aos poderosos sempre a sensação de que em sua presença a língua ficava mais pesada. — Neste caso, me permitiria Vossa Alteza suplicar-lhe humildemente um favor?

O Pardal lançou-lhe um olhar desconfiado. E se o idiota já tivesse trocado os livros com as canções de ladrões de Fenoglio por alguns barris de vinho? Mandaria-lhe a peste.

— Eu sou um grande admirador da arte dos livros — continuou Orfeu, sem tirar os olhos do Pardal. — E já ouvi maravilhas sobre a biblioteca deste castelo. Gostaria muito de poder dar uma olhada nos livros e talvez levar um ou outro comigo na viagem. Talvez eu possa até entreter Vossa Alteza com o seu conteúdo!

O Cabeça de Víbora levantou os ombros entediado. — Por que não? Desde que você calcule quanta prata valem os livros que o meu cunhado ainda não negociou em troca de vinho.

O Pardal abaixou a cabeça, mas Orfeu viu o seu olhar cheio de ódio.

— Mas é claro. — Orfeu se inclinou tanto quanto pôde.

Cabeça de Víbora desceu os degraus do trono e se deteve diante dele. — Você deve considerar em seus cálculos que os livros que Balbulus ilustrou valem mais agora! — disse ele. — Afinal, sem a sua mão, ele não poderá fazer novos trabalhos, o que sem dúvida valoriza os existentes, não é?

Orfeu controlou novamente as náuseas quando o hálito podre passou novamente pelo seu rosto, mas mesmo assim conseguiu forçar um sorriso de admiração.

— Que astúcia, Vossa Alteza! — respondeu ele. — A punição perfeita. Posso perguntar que punição Vossa Alteza planeja para o Gaio? Talvez seja indicado, em primeiro lugar, livrá-lo da sua língua, já que todos adoram a sua voz.

Mas o Cabeça de Víbora balançou a cabeça. — Oh não. Para o Gaio eu tenho planos melhores. Arrancarei a sua pele ainda vivo e mandarei fazer pergaminho dela. E quando isso acontecer é importante que ele possa gritar, não?

— Naturalmente! — suspirou Orfeu. — E a punição é feita sob medida para o encadernador! Posso fazer uma sugestão? Vossa Alteza poderia mandar escrever nesse pergaminho tão especial um aviso a seus inimigos, pregando-o no mercado. Será um prazer fornecer-lhe as palavras para isso. Para a minha arte é necessário saber lidar com as palavras.

— Vejo que você é um homem com muitos talentos. — Cabeça de Víbora olhava para ele quase divertido.

Agora, Orfeu. Mesmo que você encontre as canções de Fenoglio na biblioteca, o outro livro é insubstituível. Fale a ele do *Coração de tinta!*

— Eu lhe asseguro, todos os meus talentos lhe pertencem, Alteza! — gaguejou ele. — Porém, para realizá-los com maior eficácia, preciso ter de volta algo que me foi roubado.

— É mesmo? E o que seria isso?

— Um livro, Vossa Alteza, o Dançarino de Fogo o roubou de mim e eu acho que foi a mando do Gaio. Ele com certeza sabe onde o livro está agora. Se Vossa Alteza o interrogasse assim que ele estiver sob vosso domínio...

— Um livro? O Gaio encadernou um para você também?

— Oh não. Não! — Orfeu fez um gesto de desprezo. — Ele não tem participação nesse livro. O seu poder não foi criado por um encadernador. São as palavras dentro dele que o tornam poderoso. Com suas palavras, Alteza, é possível recriar este mundo e dominar cada criatura dentro dele.

— É mesmo? As árvores dariam frutos prateados? Poderia ser sempre noite, se eu assim o quisesse?

O modo como ele o observava... Como uma cobra observa o rato. Nenhuma palavra errada, Orfeu!

— Oh sim. — Orfeu concordou rapidamente. — Com esse livro eu consegui um unicórnio para o seu cunhado. E um anão.

Cabeça de Víbora lançou um olhar sarcástico para o Pardal. — Sim, parecem mesmo os desejos do meu digníssimo cunhado. Os meus seriam bem diferentes.

Ele examinou Orfeu com indulgência, aparentemente, o Cabeça de Víbora havia percebido que eles tinham no peito o mesmo coração, escuro de vingança e vaidade, apaixonado pela própria maldade e cheio de desprezo por aqueles cujos corações eram regidos por outro tipo de sentimento. Oh sim, Orfeu sabia como estava o seu coração, e ele temia apenas uma coisa: que os olhos infeccionados descobrissem também o que ele escondia até de si mesmo: a inveja da inocência dos outros, a nostalgia de um coração imaculado.

— E a minha carne apodrecida? — O Cabeça de Víbora passou os dedos inchados pelo rosto. — Você pode curar isso também com o seu livro, ou eu ainda preciso do Gaio?

Orfeu vacilou.

— Ah, estou vendo... você não tem certeza. — O Cabeça de Víbora torceu a boca com um gesto, os olhos escuros de lagarto quase amassados pela sua carne. — E é esperto o bastante para não prometer algo que não pode cumprir. Bom, eu vou cobrar as suas outras promessas e te darei a oportunidade de perguntar ao Gaio sobre o livro que te foi roubado.

Orfeu baixou a cabeça. — Eu lhe agradeço, Vossa Alteza! — Oh, estava indo tudo muito bem. Maravilhosamente bem...

— Alteza! — O Pardal descia rapidamente as escadas. Sua voz realmente parecia a de um pato e Orfeu imaginava como seria se em vez de um javali ou do seu fantástico unicórnio fosse o Pardal a ser levado como presa de caça pelas ruas de Ombra, a peruca prateada cheia de sangue e pó. Comparado com o unicórnio ele ofereceria uma cena ridícula.

Orfeu trocou um rápido olhar com o Cabeça de Víbora, e por um momento pareceu-lhe que ambos viam a mesma imagem.

— Vossa Alteza deveria descansar agora — disse o Pardal com cuidado claramente exagerado. — Foi uma longa viagem e Vossa Alteza tem outra longa viagem pela frente.

— Descansar? Como eu vou descansar depois de você e o Pífaros terem deixado fugir o homem que me transformou em um pedaço de carne podre? A minha pele está em chamas. Meus ossos são de gelo. Os meus olhos doem como se cada raio de luz enfiasse uma agulha neles. Eu só vou descansar quando o maldito livro não mais me envenenar, e aquele que o encadernou estiver morto. Todas as noites, cunhado, eu fico imaginando, pergunte a sua irmã, todas as noites eu caminho insone de um lado para o outro e imagino como ele sofre e grita e me implora por uma morte rápida, mas eu vou torturá-lo tanto quanto o número de páginas desse livro assassino. Ele vai amaldiçoá-lo mais vezes do que eu. E em breve vai perceber que a saia da minha filha não é uma proteção contra o Cabeça de Víbora!

Novamente ele foi tomado por uma tosse estertorante, e por um momento as mãos inchadas se seguraram no braço de Orfeu. A sua carne era pálida como a carne de um peixe morto. E tinha um cheiro parecido também, pensou Orfeu. Mas mesmo assim ele ainda é o senhor dessa história.

— Avô! — O garoto apareceu tão de repente da escuridão como se houvesse estado nas sombras o tempo todo. Havia uma pilha de livros em seus pequenos braços.

— Jacopo! — O Cabeça de Víbora se virou tão abruptamente que o seu neto ficou imóvel como se tivesse criado raízes. — Quantas vezes eu vou ter que te dizer que até mesmo um príncipe não deve aparecer na sala do trono sem se anunciar?

— Eu venho aqui com mais frequência que você! — Jacopo ergueu o queixo e pressionou os livros contra o peito, como se eles pudessem protegê-lo da fúria do seu avô. — Eu costumo ler aqui, ali, atrás da estátua do meu tataravô. — Ele indicou a estátua de um homem muito gordo entre as colunas.

— Na escuridão?

— Enxerga-se melhor os desenhos na escuridão, os desenhos que as palavras criam em nossa cabeça. Além disso, o Pássaro Tisnado

me deu isto. — Ele estendeu a mão e mostrou ao seu avô alguns palitos de fogo.

O Cabeça de Víbora franziu a testa e se inclinou em direção ao neto. — Enquanto eu estiver aqui você não vai ler na sala do trono. Você não vai nem sequer esticar a cabeça pela porta. Fique no seu quarto ou eu mando te trancar junto com Tullio, com os cachorros, você entendeu? Pelo brasão da minha casa, você está cada vez mais parecido com o seu pai. Você não pode ao menos cortar o cabelo?

Jacopo encarou por longo tempo o olhar daqueles olhos vermelhos, até que finalmente abaixou a cabeça, virou-se sem dizer uma palavra e foi embora, os livros sobre o peito como um escudo.

— Ele realmente está cada dia mais parecido com Cosme! — concluiu o Pardal. — Mas o orgulho ele herdou da sua mãe.

— Não, ele o herdou de mim — disse o Cabeça de Víbora —, uma qualidade muito prática quando ele estiver no trono.

O Pardal lançou a Jacopo um olhar de preocupação. Mas o Cabeça de Víbora colocou o punho inchado em seu peito. — Junte os seus homens! — mandou ele. — Tenho um trabalho para eles.

— Trabalho? — O Pardal ergueu inquieto as sobrancelhas. Ele as usava prateadas assim como a peruca.

— Sim. Para variar, desta vez você não vai caçar unicórnios, mas crianças. Ou você vai permitir que o Príncipe Negro esconda os garotos na floresta, enquanto você e o Píforo gastam o seu tempo permitindo que a minha filha os faça de idiotas?

O Pardal torceu a boca pálida. — Nós tivemos que nos preparar para a vossa chegada, caro cunhado, e tentar prender novamente o Gaio...

— Nisso vocês não tiveram muito sucesso — interrompeu-o o Cabeça de Víbora rudemente. — Por sorte, a minha filha nos disse onde podemos encontrá-lo, e enquanto eu vou prender o pássaro que vocês permitiram fugir, traga as crianças para cá — e também esse atirador de facas que se autodenomina Príncipe, para que possa presenciar como arranco a pele do Gaio. A sua própria pele é infelizmente negra demais para pergaminho, por isso em seu caso

terei que pensar em outra coisa. Por sorte, nessas oportunidades eu sou muito criativo. Aliás, dizem que você também é, não é verdade?

O Pardal enrubesceu, claramente envaidecido, mesmo que a ideia de caçar crianças pela floresta nem de longe o entusiasmasse tanto como uma caçada a um unicórnio, talvez porque no caso das crianças não poderia comer depois sua presa.

— Bom. — Cabeça de Víbora virou-se e dirigiu-se com passos inseguros para a porta do salão. — Mande o Pássaro Tisnado e o Pífaró virem falar comigo! — gritou ele por cima do ombro. — Já deveria ter terminado de cortar mãos, e diga à criada que Jacopo irá comigo até o Castelo no Lago. Ninguém espiona a sua mãe melhor do que ele, mesmo que ela não goste muito do filho.

O Pardal o olhava inexpressivo. — Como Vossa Alteza mandar — murmurou ele com sua voz fina.

O Cabeça de Víbora se virou novamente quando o serviçal lhe abriu a pesada porta. — No que concerne a você, cara de leite — Orfeu não conseguiu evitar um sobressalto —, eu vou partir ao amanhecer. Meu cunhado lhe dirá onde esperar por mim. Você deve levar um criado e uma tenda com você. Mas cuidado, não se atreva a me entediar. Com a sua pele posso fazer pergaminho também.

— Vossa Alteza! — Orfeu se inclinou novamente mesmo que seus joelhos tremessem. Teria ele jogado um jogo tão perigoso alguma vez? Não importa. Tudo dará certo, pensou. Você vai ver, Orfeu. Esta história me pertence. Ela foi escrita apenas para você. Ninguém a ama mais, ninguém a entende melhor, nem mesmo o velho idiota que a criou!

O Cabeça de Víbora já havia ido embora fazia tempo e Orfeu ainda estava lá, embriagado pelo que o futuro lhe reservava.

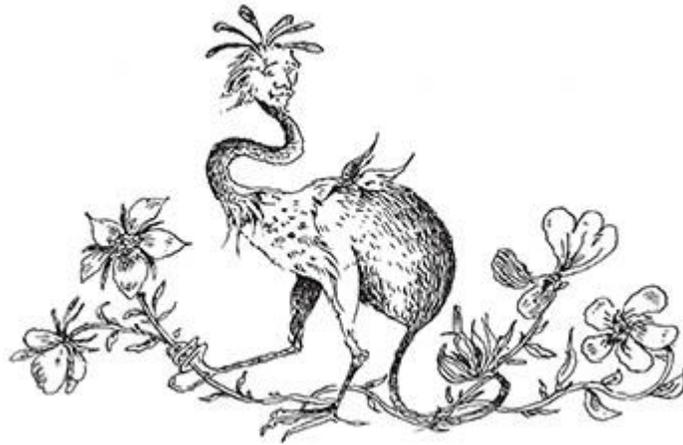
— Então você é um mágico, veja só. — O Pardal o examinou como se ele fosse uma larva que se transformara em mariposa diante dos seus olhos. — Por isso foi tão fácil caçar um unicórnio? Por que ele não era de verdade?

— Oh, ele era extremamente real — respondeu Orfeu com um sorriso condescendente. Ele foi feito do mesmo material que você, acrescentou em pensamentos. Esse Pardal era mesmo um personagem ridículo. Assim que as palavras voltassem a ter vida

para ele, lhe escreveria uma morte bem ridícula. Que tal se ele fosse devorado pelos próprios cães? Não. Melhor. Ele poderia sufocar com um osso de galinha durante um de seus banquetes, e cair morto com seu rosto prateado em um grande pote de pudim. Sim. Orfeu não pôde conter um sorriso.

— Você vai perder rapidamente esse sorriso! — disse o Pardal. — O meu cunhado não gosta nem um pouco quando decepcionam suas expectativas.

— Oh, eu tenho certeza que ninguém sabe disso melhor do que você — respondeu Orfeu. — E agora, por favor, mostre-me a biblioteca.



43. Quatro frutas vermelhas



*Junto à minha parede há uma escultura de madeira japonesa
Máscara de um terrível demônio, coberta de esmalte dourado.
Compreensivo observo
As veias dilatadas da fronte, indicando
Como é cansativo ser mau.*

Bertolt Brecht, *A máscara do mal*



A marta era pior do que o urso. Ela o observava, sussurrava o seu nome ao ouvido do garoto (que por sorte não entendia) e o perseguia. Mas em algum momento a marta foi atrás do garoto, até lá fora, e o urso se limitou a levantar a pesada cabeça quando ela se aproximou do prato de sopa que uma das mulheres havia servido ao seu senhor. Nada era mais fácil de envenenar do que uma sopa. Mais uma vez o Príncipe Negro discutira com o Afanador e virara as costas para Mortola, que jogara as frutas vermelho-escuras na tigela. Cinco frutinhas, não era necessário mais que isso para mandar o rei dos ladrões para outro reino, um para o qual seu urso não poderia segui-lo. Mas quando acabara de deixar cair a quinta fruta do seu bico, a marta veio correndo para cima dela como se lá de fora tivesse sentido o que ela tinha em mente. A fruta rolou para fora da tigela e Mortola implorou a todos os demônios que bastassem apenas quatro para matar.

O Príncipe Negro. Mais um nobre idiota. Seu coração provavelmente doía a cada aleijado que ele via. Ele nunca a ajudaria a conseguir o livro com o qual era possível negociar com a morte. Não, não ele. Mas por sorte, homens como ele eram mais raros até que corvos brancos, e a maior parte deles morria jovem. Esses homens não desejavam nada daquilo que fazia com que o coração dos outros batesse mais forte: riquezas, poder, fama... Não,

o Príncipe Negro não se interessava por nada disso. Era a justiça o que fazia com que seu coração batesse mais rápido. Compaixão. Amor. Como se a vida não o tivesse tratado tão mal como aos outros! Pontapés e socos, dores e fome. Ele vivera tudo aquilo ao extremo. De onde vinha então a compaixão que o movia? De onde vinha o calor do seu coração idiota, o sorriso em seu rosto escuro? Ele simplesmente não via o mundo como ele era, essa era a explicação, nem o mundo nem as pessoas pelas quais ele tinha tanta compaixão. Porque se as visse assim como eram, o que poderia incentivá-lo a lutar por elas ou até mesmo morrer?

Não. Se havia alguém que poderia ajudá-la a conseguir o livro branco antes que o Gaio escrevesse nele e se libertasse da morte, esse era o Afanador. Ele era bem do gosto de Mortola. O Afanador via as pessoas como elas eram: avarentas e covardes, egoístas, traidoras. Havia apenas um tipo de injustiça que o transformara num ladrão: a injustiça contra si mesmo. Mortola sabia tudo sobre ele. Um administrador do Príncipe Porcino havia se apoderado do seu sítio, como faziam os senhores com aquilo que desejavam. Aquilo o havia empurrado para a floresta, nada além. Sim, com o Afanador era possível conversar.

Mortola sabia exatamente como usá-lo para seus propósitos, assim que o Príncipe Negro estivesse fora do caminho. — O que vocês estão fazendo aqui, Afanador — ela iria sussurrar para ele. — Há coisas mais importantes do que cuidar de meia dúzia de crianças com o nariz escorrendo. O Gaio sabe muito bem por que ele as entregou a vocês! Ele quer vender vocês todos! Vocês têm que matá-lo antes que ele cumpra o acordo com a filha do Cabeça de Víbora. O que foi que ele disse a vocês? Que ele somente quer escrever no livro em branco e matar o Cabeça de Víbora? Bobagem! Ele quer se tornar ele mesmo imortal! E tem mais uma coisa que ele com certeza não contou a vocês. O livro em branco não mantém apenas a morte afastada. Ele torna o seu dono incrivelmente rico!

Ah sim. Mortola sabia desde agora como os olhos do Afanador brilhariam ao ouvir essas palavras. Ele não entendia o que o Gaio fazia. Ele também não entenderia que ela só queria o livro para resgatar da morte o seu filho. Mas com a promessa de ouro e prata

ele iria se mexer rapidamente. Assim que o Príncipe Negro não pudesse mais detê-lo. Por sorte as frutas vermelhas tinham o efeito rápido.

O Lagartixa a chamou. Ele pegara um punhado de migalhas de pão e estendia a mão como se não houvesse nada mais delicioso no mundo. Que imbecil. Ele achava que entendia de pássaros. Bom, talvez entendesse realmente. Afinal, ela não era um pássaro comum. Mortola soltou um riso rouco. Soou estranho do seu bico pontudo, e o Homem Forte levantou a cabeça e olhou para as pedras onde ela estava. Sim, ele entendia de pássaros e do que eles diziam. Com ele teria que tomar cuidado. “Que seja, cré cré, crá, crá!”, disse a gralha dentro dela, a gralha que não pensava em nada mais além de minhocas e coisas brilhantes, e no brilho de suas penas negras. “Eles são todos burros, burros, tão burros. Mas eu sou esperta. Venha, mulher velha, vamos voar atrás do Gaio e arrancar seus olhos fora! Vai ser divertido.”

A cada dia que passava era mais difícil manter as asas quietas quando a gralha queria abri-las, e Mortola tinha que balançar a cabeça cada vez com mais força para voltar a ter pensamentos humanos. Às vezes já não sabia muito bem que pensamentos seriam eles.

Agora as penas surgiam da sua pele mesmo sem as sementes. Ela já engolira sementes demais e o veneno corria pelo seu corpo e alimentava o pássaro em seu sangue. Deixa pra lá. Você vai achar um jeito de espantá-lo novamente, Mortola. Mas primeiro o Encadernador tem que estar morto, e o seu filho vivo novamente! Seu rosto... como era? Ela mal conseguia se lembrar.

O Príncipe Negro discutia com o Afanador, algo frequente nos últimos tempos. Coma! Coma finalmente, seu idiota! Dois outros ladrões se juntaram a eles, o ator com rosto marcado de varíola que estava sempre ao lado do Príncipe, e o Lagartixa, que via o mundo do mesmo jeito que o Afanador. Uma das mulheres foi até eles, levando uma tigela de sopa para o ator também e apontou para aquele que havia servido para o Príncipe.

Sim, ouça o que ela diz! Sente-se! Coma! Mortola colocou a cabeça para a frente. Ela sentia que o seu corpo humano queria se

livrar das penas, se esticar e crescer. Ontem algumas crianças quase a haviam pegado enquanto se transformava. Bando de pirralhos barulhentos! Ela nunca havia gostado de crianças — com exceção do seu próprio filho, e mesmo a ele nunca demonstrara o quanto o amava. O amor estraga. Torna as pessoas moles, confiáveis...

Pronto. Ele estava comendo. Finalmente. Sim, bom apetite, Príncipe! O urso aproximou-se de seu senhor e cheirou o prato. Suma, sua besta gorda. Deixe-o comer. Quatro frutas vermelhas. Cinco teriam sido melhor, mas quatro provavelmente seriam bastante. Era muito prático, já que as árvores onde elas cresciam não eram nada raras por ali, a apenas alguns metros abaixo da caverna havia duas delas. Resa avisara as crianças várias vezes sobre suas frutas vermelhas, ela tivera que colhê-las muitas vezes para Mortola quando o inverno matara todas as outras ervas venenosas. O Príncipe colocou a tigela na boca e a esvaziou totalmente. Muito bem. Em breve ele sentiria a morte agarrando seus intestinos.

Mortola deu um grito triunfal e abriu as asas. O Lagartixa levantou novamente a mão com as migalhas quando ela voou sobre a sua cabeça. Idiota. Sim, o Pássaro estava certo. Eles eram tão burros, tão infinitamente burros. Mas era bom que fosse assim.

As mulheres começaram a servir a sopa para as crianças e a filha do Língua Encantada estava lá atrás na longa fila. Tempo suficiente para colher algumas frutas vermelhas para ela também. Mais do que suficiente.



44. A mão da morte



*A morte é grande.
Nós, sua presa,
vamos sem receio.
Quando rimos, indo, em meio à correnteza,
chora de surpresa
em nosso meio.*
Rainer Maria Rilke, *Schlussstück*



Minerva fazia uma sopa ótima. Meggie a tomara muitas vezes na época em que morara com Fenoglio, e o aroma que vinha da tigela era tão delicioso que por um instante a grande e fria caverna pareceu ser realmente um lar. — Por favor, Meggie, coma alguma coisa finalmente! — dissera Resa para ela. — Eu tenho tão pouca fome como você, mas com certeza não vai ajudar o seu pai se morrermos de fome por causa da nossa preocupação.

Não, provavelmente não. Quando no início da manhã ela pedira a Farid para criar imagens de fogo novamente, as chamas se mantiveram cegas. — Não se pode obrigá-las! — murmurara Farid chateado enquanto colocava as cinzas novamente na bolsa. — As chamas querem brincar, então é preciso fingir que não se quer nada delas. Mas como eu vou conseguir isso se você as observa como se fosse algo de vida ou morte?

De que mais seria? Até mesmo o Príncipe Negro estava preocupado com Mo. Ele decidira seguir Violante com alguns homens até o castelo no lago, pois queria partir no dia seguinte, mas não levaria Resa e Meggie consigo. — É claro que não — sussurrara sua mãe em tom amargo. — Este mundo pertence aos homens.

Meggie pegou a colher de madeira que Doria talhara para ela — era uma ótima colher — e mexeu a sopa sem vontade. Jaspis olhava para ela com avidez, claro. Os homens de vidro adoram comida de humanos, mesmo não lhes caindo bem. Apesar da volta de Farid, Jaspis passava cada vez mais tempo com Doria. Meggie não se espantava. Farid não estava para muita conversa desde que Dedo Empoeirado o mandara de volta novamente. A maior parte do tempo ele caminhava inquieto pelas montanhas ao redor ou tentava chamar as imagens do fogo.

Roxane olhara apenas uma vez nas chamas. — Eu te agradeço — havia dito ela depois com voz fria para Farid. — Mas prefiro continuar ouvindo o meu coração. Normalmente ele me diz se está bem ou não.

— Então! Eu não disse a Dedo Empoeirado? — reclamara Farid. — Por que ele me mandou ficar com ela? Ela não precisa de mim. Ela me escorraçaria se pudesse!

Doria estendeu a sua colher para Jaspis.

— Não lhe dê nada! — disse Meggie. — Não lhe faz bem. Pergunte a ele! — Ela gostava muito de Jaspis. Ele era muito mais simpático do que Quartzo Rosa que passava o tempo inteiro reclamando e brigando com Fenoglio.

— Ela tem razão — murmurou Jaspis com pesar, mas o seu nariz pontudo sentiu o aroma como se quisesse encher o corpo de vidro ao menos com um pouco daquele cheiro proibido. As crianças sentadas ao redor de Meggie riam. Elas adoravam o homem de vidro. Doria muitas vezes tinha que protegê-lo de suas mãozinhas. Elas também adoravam a marta, mas Sorrasteiro rosnava e mostrava os dentes quando o amor infantil se tornava demais. Já o homem de vidro mal conseguia se defender dos dedos humanos.

A sopa tinha realmente um cheiro bom. Meggie afundou a colher na tigela e respingou quando a gralha que estava com o Lagartixa pousou em seu ombro. O pássaro parecia pertencer àquela caverna, assim como Fugitivo e o urso, mas Resa não gostava dele.

— Fora daqui! — gritou ela para a gralha e a espantou para longe do ombro de Meggie. O pássaro grasnou furioso e atacou com o

bico a sua mãe. Meggie se assustou tanto que derrubou a sopa em suas mãos.

— Perdão. — Resa limpou a sopa dos seus dedos com o pano do vestido. — Eu não suporto esse pássaro. Talvez porque ele me lembre Mortola.

A gralha, é claro. Fazia tempo que Meggie não se lembrava da mãe de Capricórnio, mas ela, assim como Resa, estivera presente quando Mortola atirara em Mo.

“É só um pássaro”, disse ela em pensamentos, novamente bem longe, atrás do seu pai. Ela encontrara apenas algumas palavras sobre o Castelo no Lago no livro de Fenoglio, escondido entre as montanhas, no meio de um lago... Uma ponte sem fim sobre a água escura. Estaria Mo passando por ela? E se ela e Resa fossem atrás do Príncipe Negro? Você está ouvindo, Meggie? Não importa o que aconteça, vocês não devem ir atrás de mim! Prometa-me!

Resa apontou para a tigela em seu colo. — Meggie, por favor! Coma.

Mas Meggie virou-se em direção a Roxane que passava rapidamente pelas crianças que comiam. Seu belo rosto estava tão pálido como Meggie não via desde a volta de Dedo Empoeirado.

Resa levantou preocupada. — O que aconteceu? — Ela segurou o braço de Roxane. — Alguma novidade? Vocês sabem alguma coisa de Mo? Você tem que me dizer!

Mas Roxane negou com a cabeça. — O Príncipe — era impossível não perceber o medo em sua voz. — Ele não está bem, e eu não sei o que ele tem. Ele está com cólicas horríveis. Eu tenho algumas raízes que talvez ajudem. — Ela quis ir embora, mas Resa a segurou.

— Cólicas? Onde ele está?

Meggie ouviu os gritos do urso de longe. O Homem Forte olhava como uma criança desesperada quando ela se aproximou. Baptista estava lá também, o Perna de Pau, o Espanta-elfos... O Príncipe Negro estava deitado no chão. Minerva estava ajoelhada ao seu lado e tentava fazê-lo beber alguma coisa, mas ele se contorcia de dor, pressionava as mãos sobre a barriga e tinha dificuldade em respirar. Havia suor em sua testa.

— Urso, fique quieto! — balbuciou ele. As palavras mal saíam da sua boca. Ele mordera os lábios de dor até sair sangue. Mas o urso continuou gemendo e arfando como se se tratasse da própria vida.

— Deixem-me passar — disse ela. — Por favor, olhe para mim!

Ela limpou-lhe o suor do rosto, olhou em seus olhos.

Roxane voltou com algumas raízes nas mãos e a gralha voou para o ombro do Lagartixa.

Resa olhou para ela.

— Homem Forte! — ela disse em voz tão baixa que só Meggie a ouviu. — Peguem aquele pássaro.

A gralha se afastou com a cabeça enquanto o Príncipe se contorcia nos braços de Minerva.

O Homem Forte olhou para Resa com olhos cheios de lágrimas — e concordou. Mas quando ele deu um passo em direção ao Lagartixa, a gralha voou para debaixo do teto da caverna.

Roxane se ajoelhou ao lado de Resa.

— Ele está inconsciente — disse Minerva. — E veja, sua respiração é fraca!

— Eu já vi essas cãibras. As frutas que as causam são vermelho-escuras e pouco maior que a cabeça de um alfinete. Mortola gostava de utilizá-las porque era fácil de as misturar na comida e por causarem uma morte muito dolorosa. Há duas árvores onde elas crescem na parte inferior da caverna! Eu avisei imediatamente as crianças sobre essas frutas. — Novamente ela olhou para a gralha.

— Há um antídoto? — Roxane se levantou. O Príncipe Negro parecia morto, e o urso colocara o focinho ao seu lado e gemia como uma pessoa.

— Sim. Uma flor com pequenas pétalas brancas que tem cheiro de carniça. — Resa continuava olhando para o pássaro. — A raiz diminui o efeito das frutas.

— O que está acontecendo com ele? — Fenoglio se aproximou das mulheres com um olhar preocupado. Elinor estava com ele. Os dois haviam passado a manhã inteira discutindo sobre o que era bom e o que era menos bom naquela história. Sempre que alguém se aproximava, eles abaixavam o tom de voz como dois

conspiradores. Como se uma das crianças ou dos ladrões pudessem entender do que eles estavam falando.

Elinor colocou as mãos sobre a boca ao ver o Príncipe Negro ali imóvel. Ela olhava tão incrédula como se tivesse encontrado no livro uma página falsa.

— Envenenado. — O Homem Forte se levantou com os punhos fechados. Seu rosto adquirira um tom vermelho-escuro como só acontecia quando ele estava bêbado. Ele segurou o Lagartixa pelo seu pescoço magro e o sacudiu como a um boneco. — Foi você? — gritou ele. — Ou foi o Afanador? Diz logo. Eu vou arrancar isso de você aos socos! Eu vou quebrar cada um dos seus ossos até você se contorcer como ele!

— Deixe-o! — disse Roxane. — Isso não vai ajudar o Príncipe agora!

O Homem Forte largou o Lagartixa e começou a soluçar. Minerva o abraçou. Mas Resa continuou olhando para a gralha.

— A planta que você descreve parece ser o botão da morte — disse Roxane enquanto o Lagartixa tossia com as mãos no pescoço e xingava interiormente o Homem Forte. — Ela é muito rara. E mesmo se crescesse por aqui, o frio a teria matado faz tempo. Não há alguma outra coisa?

O Príncipe Negro recobrou a consciência. Ele tentou se levantar, mas caiu novamente. Baptista se ajoelhou ao seu lado e olhou para Roxane em busca de ajuda. Também o Homem Forte dirigiu para ela os seus olhos chorosos como um cão pedinte.

— Não olhe para mim desse jeito! — disse ela, e Meggie ouviu o desespero em sua voz. — Eu não posso ajudá-lo. Tentem dar a raiz de ipecacuanha — disse ela para Minerva. — E eu procurarei por raízes de botão da morte, mesmo que seja quase impossível achá-la.

— Raiz de ipecacuanha só vai piorar o seu estado — advertiu Resa com voz inexpressiva. — Acredite em mim. Eu já vi isso muitas vezes.

O Príncipe Negro se curvou de dor e escondeu o rosto ao lado de Baptista. E de repente o seu corpo se esticou como se tivesse perdido a luta contra a dor. Roxane se ajoelhou rapidamente ao seu

lado, colocou o ouvido em seu peito e os dedos em sua boca. E Meggie sentiu as próprias lágrimas nos lábios, e o Homem Forte começou a soluçar como uma criança.

— Ele ainda está vivo! — disse Roxane. — Mas não há mais muita vida.

O Lagartixa saiu despercebido, provavelmente para relatar o acontecido ao Afanador. Elinor, porém, sussurrou algo para Fenoglio. Ele quis se afastar curioso, mas Elinor o deteve e continuou falando com insistência. — Não fique assim! — Meggie a ouviu sussurrar. — É claro que você pode! Por acaso você vai deixá-lo morrer?

Não somente Meggie havia entendido as últimas palavras. O Homem Forte secou confuso as lágrimas do rosto. O urso gemeu novamente e escondeu o focinho ao lado do seu dono. Fenoglio, porém, continuou ali em pé olhando para o Príncipe desmaiado. Então deu um passo inseguro em direção a Roxane.

— Essa... Ahhh... flor, Roxane...

Elinor se aproximou dele como se quisesse se assegurar de que ele diria a coisa certa. Fenoglio lhe lançou um olhar de raiva.

— O quê? — Roxane olhou para ele.

— Conte-me mais sobre ela. Onde ela cresce? Até que altura chega?

— Ela gosta de lugares úmidos e com sombra, mas por que você está perguntando isso? Eu já disse, ela congelou faz tempo.

— Flores brancas, diminutas. Sombra e umidade. — Fenoglio colocou a mão sobre o rosto cansado. Depois se virou de repente e pegou o braço de Meggie.

— Venha comigo! — disse para ela. — Temos que nos apressar.

— Umidade e sombra — murmurava ele enquanto puxava Meggie consigo. — Está certo, elas poderiam crescer na entrada de uma caverna de duendes, protegidas pelo calor que sai de lá, porque alguns duendes estão hibernando... Sim, faz sentido. Sim!

A caverna estava quase vazia. As mulheres haviam levado as crianças para fora, para que elas não ouvissem os gritos de dor do Príncipe. Apenas os ladrões continuavam ali mudos, em pequenos grupos, olhando uns para os outros como se se perguntassem qual

deles havia tentado matar o seu líder. O Afanador sentou-se com o Lagartixa bem na entrada e respondeu ao olhar de Meggie com uma expressão tão sombria que ela rapidamente desviou o olhar.

Mas Fenoglio não desviou o olhar. — Eu me pergunto se não foi o Afanador! — sussurrou ele para Meggie. — Sim, eu me pergunto realmente.

— Se alguém deveria saber disso, então é você! — disse Elinor que os acompanhava. — Quem mais criou esse horrível rapaz?

Fenoglio se virou subitamente como se algo o houvesse atingido. — Ouça bem, Loredan! Até agora eu tive muita paciência com você, porque você é a tia de Meggie...

— Tia-avó — corrigiu Elinor inatingível.

— Seja como for. Eu não te convidei para essa história, então me poupe dos seus comentários sobre os meus personagens!

— Ah é? — a voz de Elinor ficou tão alta que ressoou por toda a caverna. — E como teria sido se há pouco eu tivesse te poupado dos meus comentários? O seu cérebro enevoado pelo vinho nunca teria tido a ideia de ler...

Fenoglio colocou a mão em sua boca. — Quantas vezes eu vou ter que te dizer? — rosnou ele. — Nem uma palavra sobre a escrita, entendeu? Eu não tenho a menor vontade de me deixar esquartejar acusado de bruxaria por causa de uma solteirona idiota.

— Fenoglio! — Meggie o puxou com força para longe de Elinor. — O Príncipe Negro! Ele está morrendo!

Fenoglio olhou para ela por um curto instante como se considerasse aquela interrupção algo imprudente, mas então, sem dizer uma palavra ele a puxou até o seu canto de dormir. Com o rosto imutável afastou uma jarra de vinho para o lado e tirou de debaixo de um monte de roupas algumas folhas de papel, que para a surpresa de Meggie já estavam quase todas escritas.

— Maldição! Onde está Quartzo Rosa? — murmurou ele enquanto tirava uma folha em branco de entre as escritas. — Provavelmente ele está com Jaspis. Basta que dois deles se juntem para que esqueçam o trabalho e vão atrás das mulheres de vidro selvagens. Como se elas fossem gastar o seu tempo com um inútil tingido de rosa!

Sem cuidado, ele empurrou as folhas de papel para o lado. Tantas palavras. Há quanto tempo ele começara a escrever novamente? Meggie tentou ler as primeiras palavras.

— São apenas algumas ideias — disse Fenoglio ao perceber o seu olhar. — Como tudo isto pode ter um final feliz? O papel que o teu pai tem aqui...

O coração de Meggie se virou do avesso, mas Elinor se adiantou a ela.

— Aha! Então foi você que escreveu tudo aquilo sobre Mortimer: que ele se entregou, que ele agora cavalga em direção a esse castelo e que minha sobrinha chora todas as noites até não poder mais.

— Não, não fui eu! — disse Fenoglio irritado, enquanto escondia as folhas escritas debaixo da sua roupa. — Eu também não o coloquei para conversar com a morte, apesar de que eu gosto muito dessa parte da história. Estou dizendo, não é nada além de algumas ideias! Rascunhos inúteis que não levam a nada! E provavelmente com isso que eu estou tentando agora não vai ser muito diferente. Mas eu vou tentar. Se vocês finalmente fizerem silêncio! Ou vocês querem matar o Príncipe Negro com a sua fala?

Quando Fenoglio colocou a pena dentro da tinta, Meggie ouviu um leve barulho atrás de si. Quartzo Rosa apareceu com expressão tímida por trás da pedra onde estavam os utensílios de Fenoglio. Atrás dele apareceu o rosto verde-claro de uma mulher de vidro selvagem. Sem dizer uma palavra ele passou por Fenoglio e Meggie.

— Eu não acredito! — trovejou o velho em voz tão alta que Quartzo Rosa colocou a mão sobre os ouvidos. — O Príncipe Negro está à beira da morte e você se divertindo com uma mulher de vidro selvagem?

— O Príncipe? — Quartzo Rosa olhou tão consternado para Fenoglio que ele se acalmou na mesma hora. — Mas, mas...

— Pare com esse balbúcio e misture a tinta! — disse Fenoglio para ele. — E caso você esteja pensando em gaguejar algo como: mas o Príncipe era um bom homem, bom, isso nunca protegeu ninguém da morte em mundo nenhum, não é? — Ele afundou a

pena com tanta força na tinta que sujou o rosto rosa de Quartzo Rosa, mas Meggie percebeu que os dedos do ancião tremiam. — Vai, anda logo, Fenoglio! — sussurrou ele. — É apenas uma flor. Você consegue!

Quartzo Rosa o observava com expressão preocupada, mas Fenoglio olhava fixamente para a página em branco diante de si. Ele a olhava como um toureiro para o touro.

— A caverna do duende, em cuja entrada elas crescem, fica ali, onde o Espanta-elfos coloca os seus laços! — murmurou ele. — E elas fedem terrivelmente, tanto que as fadas fazem um longo desvio. Mas as pequenas mariposas adoram, essas mariposas cinzas, de asas malhadas como se um homem de vidro tivesse pintado nelas pequenas caveiras. Você as vê, Fenoglio? Sim!

Ele preparou a pena, relutou — e começou a escrever.

Palavras novas. Palavras frescas. Meggie imaginou poder respirar a história. Finalmente alimento, depois de todo aquele tempo em que Orfeu a alimentara somente com as velhas palavras de Fenoglio.

— Está vendo! É necessário apenas pressioná-lo. Ele é um velho preguiçoso! — sussurrou Elinor para ela. — Mas é claro que ele ainda consegue, mesmo que não queira acreditar nisso. Algo assim não se desaprende. Você desaprendeu a ler por acaso?

Eu não sei, quis responder Meggie. Mas ela se calou. Sua língua esperava pelas palavras de Fenoglio. Palavras curativas como na ocasião que ela as lera para Mo.

— Por que o urso está chorando assim? — Meggie sentiu as mãos de Farid em seu ombro. Provavelmente ele estava em algum lugar onde as crianças não podiam encontrá-lo, para chamar o fogo. Porém, considerando o seu rosto preocupado, mais uma vez as chamas haviam permanecido cegas.

— Ah não. Ele também agora! — disse Fenoglio irritado. — Para que é que Darius e eu colocamos todas essas pedras aqui? Apenas para que todo mundo invada o meu quarto de dormir? Eu preciso de silêncio! Afinal, trata-se de vida ou morte!

— Vida ou morte? — Farid olhou preocupado para Meggie.

— O Príncipe Negro... ele... ele... — Elinor tentou parecer tranquila, mas a sua voz tremia.

— Nem mais uma palavra! — disse Fenoglio sem olhar para eles.
— Quartzo Rosa, areia!

— Areia? Onde eu vou arranjar areia? — a voz de Quartzo Rosa se tornou aguda.

— Ah, você é realmente um inútil! Por que você acha que eu te trouxe aqui para a floresta? Para você fazer uma viagem de férias e correr atrás de mulheres de vidro verdes? — Fenoglio assoprou a tinta ainda úmida e entregou a folha recém-escrita com um olhar inseguro para Meggie.

— Faça-as crescer, Meggie! — disse ele. — Algumas últimas folhas curativas, aquecidas pela respiração de um duende adormecido, colhidas antes que o inverno as congelasse.

Meggie olhou fixamente para o papel. Ali estava ela novamente, a melodia que ela ouvira pela última vez ao trazer Orfeu para lá.

Sim. As palavras obedeciam novamente a Fenoglio. E ela lhes ensinaria a respirar.

45. Escrito e não escrito



Os personagens têm sua própria vida e sua própria lógica, é necessário agir de acordo com isso.

Isaac Bashevis Singer, *Advice to writers*



Roxane encontrou as plantas exatamente ali onde Fenoglio havia indicado: na entrada de uma caverna de duendes, ali, onde o Espanta-elfos estendia os seus laços. E Meggie, levando Despina pela mão, viu mais uma vez que as palavras que ela acabara de ler haviam se tornado realidade:

As folhas e flores permaneciam ali apesar do vento frio, como se as fadas as houvessem plantado para, ao contemplá-las, poderem sonhar com o verão. Porém, o aroma que vinha das flores era um cheiro de podridão e morte, por isso o seu nome: Botões da Morte. Costumava-se colocá-los sobre os túmulos para agradar às Damas Brancas.

Roxane afastou as mariposas que estavam sobre as folhas, tirou duas plantas e deixou as outras duas para não irritar os duendes. Depois voltou rapidamente para a caverna onde as Damas Brancas já se encontravam ao lado do Príncipe Negro, raspou as raízes, cozinhou-as como Resa lhe descrevera e deu o caldo quente para o Príncipe. Ele estava fraco, muito fraco, e por isso eles quase não se atreviam a ter esperança de que o caldo acalmasse o veneno, o fizesse dormir e trouxesse a força da vida de volta.

E as Damas Brancas desapareceram como se a morte as chamasse de um outro lugar.

As últimas frases haviam sido muito fáceis de ler, mas haviam passado muitas horas ruins até que elas se tornassem realidade. O veneno não era fácil de vencer, e as Damas Brancas iam e vinham. Roxane espalhou ervas que as espantavam, como lhe ensinara Urtiga, porém, os rostos pálidos voltavam sempre a aparecer, quase invisíveis diante das paredes cinza da caverna, e por um momento Meggie teve a sensação de que elas não olhavam somente para o Príncipe mas para ela mesma.

“A gente se conhece?”, pareciam perguntar seus olhos. Não foi a sua voz que protegeu o homem que já foi nosso por duas vezes? Meggie as encarou por pouco menos de um segundo, mas imediatamente sentiu a saudade da qual Mo havia lhe falado: saudade de um lugar que fica além de todas as palavras. Ela deu um passo em direção às Damas Brancas, queria sentir as suas mãos frias em seu coração pulsante, que elas retirassem dele todo o medo e toda a dor, mas foram outras mãos que a seguraram, mãos quentes e firmes.

— Meggie, não olhe para elas, pelo amor de Deus! — sussurrou Elinor para ela. — Vamos tomar um pouco de ar fresco. Você está quase tão pálida quanto essas criaturas.

E sem aceitar recusas, ela puxou Meggie para fora onde os ladrões andavam cabisbaixos e as crianças brincavam debaixo das árvores como se tivessem esquecido o que acontecera na caverna. A grama estava branca de orvalho, como as mulheres que esperavam pelo Príncipe Negro, mas o seu feitiço se quebrou assim que Meggie ouviu o riso das crianças. Elas jogavam pinhas umas nas outras, e gritavam quando a marta corria atrás delas. A vida parecia tão mais forte do que a morte, a morte tão mais forte do que a vida. Como as marés...

Também Resa estava em frente à caverna, os braços cruzados de frio apesar de o Homem Forte ter colocado a sua capa de pele de coelho sobre seus ombros. — Vocês viram o Afanador? — perguntou ela para Elinor. — Ou o Lagartixa e sua gralha?

Baptista aproximou-se deles. Ele parecia terrivelmente cansado. Era a primeira vez que saía do lado do Príncipe. — Eles foram embora — disse ele. — O Afanador, o Lagartixa e outros dez. Eles

foram atrás do Gaio... assim que perceberam que o Príncipe não poderia ir atrás dele!

— Mas o Afanador odeia Mo! — a voz de Resa ficou tão alta que alguns dos ladrões se viraram para ela e até mesmo as crianças interromperam suas brincadeiras. — Por que ele iria querer ajudá-lo?

— Temo que ele não esteja planejando ajudá-lo — respondeu Baptista em voz baixa. — Ele disse aos outros que estava indo porque o Gaio quer nos trair e fazer seu próprio negócio com Violante. Além disso, ele afirma que o seu marido não nos disse toda a verdade sobre o livro em branco.

— Que verdade? — a voz de Resa perdeu toda força.

— O Afanador — disse Baptista — afirma que o livro não torna as pessoas apenas imortais, mas também incrivelmente ricas. Para a maioria dos nossos homens isso soa bem mais atraente do que a imortalidade. Por um livro desses, eles seriam capazes de entregar a própria mãe. Por que, ele se pergunta, o Gaio não faria o mesmo conosco?

— Mas isso é uma mentira! O livro torna a pessoa imortal, nada além disso. — Meggie não se preocupou de a sua voz ter soado alta. Ela queria que todos ouvissem, todos aqueles que com a cabeça baixa sussurravam sobre o seu pai.

O Espanta-elfos virou-se para ela com um sorriso maldoso em seu pequeno rosto. — Ah é? E como você pode saber, pequena bruxa? O seu pai não escondeu de você também que o livro estava fazendo com que a carne do Cabeça de Víbora apodrecesse em seus ossos?

— E daí? — disse Elinor para o Espanta-elfos enquanto colocava o braço em volta de Meggie num gesto protetor. — Por isso ela ainda sabe uma coisa: ela pode confiar muito mais no seu pai do que num assassino envenenador. Pois quem mais iria querer envenenar o Príncipe além do seu admirado Afanador?

Entre os ladrões surgiu um murmúrio pouco amistoso e Baptista puxou Elinor para o lado. — Cuidado com o que você diz! — sussurrou ele. — Nem todos os amigos do Afanador foram com ele. E se você quer saber a minha opinião, veneno não é algo típico do Afanador. Uma faca sim, mas veneno...

— Ah não. E quem mais seria então? — retrucou Elinor.

Resa olhou para o céu cinza como se a resposta estivesse lá. — O Lagartixa levou a sua gralha com ele? — perguntou ela.

Baptista balançou a cabeça afirmativamente. — Ainda bem. As crianças tinham medo dela.

— Com razão. — Resa olhou novamente para o céu, depois para Baptista. — O que o Afanador está planejando? — perguntou ela. — Diga-me!

Baptista ergueu os ombros cansado. — Eu não sei. Talvez ele tente roubar o livro do Cabeça de Víbora antes que ele chegue ao Castelo no Lago. Talvez vá direto até lá para apoderar-se dele depois de o Gaio ter escrito as três palavras. Seja o que for o que estiverem planejando, nós não podemos fazer nada. As crianças precisam de nós e enquanto o Príncipe não se recuperar, vai precisar de nós também. Não se esqueça que Dedo Empoeirado está com o Gaio. O Afanador vai ter bastante trabalho com os dois. E agora me perdoe, eu tenho que ver como está o Príncipe.

O Afanador vai ter bastante trabalho com os dois. Mas e se ele realmente roubar o livro em branco do Cabeça de Víbora durante o caminho, e este chegar ao Castelo no Lago com a certeza de que o Gaio não pode mais ajudá-lo? Ele não mataria Mo na mesma hora? E mesmo que Mo tivesse a oportunidade de escrever as três palavras na página em branco — não tentaria o Afanador, para conseguir o livro, envenená-lo da mesma forma como aparentemente fez com o Príncipe?

E se, e se? As perguntas deixavam Meggie acordada mesmo quando todos em volta dela já dormiam, então ela se levantou para ver como estava o Príncipe Negro.

Ele dormia. As Damas Brancas haviam ido embora, mas o rosto dele continuava tão cinza como se suas mãos lhe houvessem alvejado a pele. Minerva e Roxane se revezavam ao seu lado e junto a elas estava Fenoglio como se tivesse que cuidar das suas palavras para que elas não perdessem o efeito.

Fenoglio... Fenoglio podia escrever novamente.

O que havia nas páginas que ele escondia debaixo das suas roupas?

— Por que você criou o Gaio para as suas canções dos ladrões e não escreveu simplesmente sobre o Príncipe Negro? — perguntara-lhe Meggie havia algum tempo. — Porque o Príncipe estava cansado — respondera Fenoglio. — O Príncipe Negro precisava do Gaio tanto como os pobres que à noite sussurravam o seu nome cheio de esperança. E, além disso, o Príncipe já fazia parte deste mundo tempo demais para acreditar que era possível mudá-lo. E os seus homens nunca duvidaram de que ele é feito de carne e osso como eles. No caso do seu pai, porém, eles não têm muita certeza. Você entende?

Oh sim, Meggie entendia bem demais. Mas Mo era de carne e osso, e o Afanador com certeza não tinha nenhuma dúvida sobre isso. Ao voltar para perto dos que dormiam, viu Darius, que tinha duas crianças em seu colo e lhes contava uma história com voz suave. Muitas vezes os pequenos o acordavam no meio da noite porque ele sabia muito bem como espantar os sonhos ruins com uma história, e Darius havia aceitado pacientemente o seu destino. Ele gostava do mundo de Fenoglio, mesmo que provavelmente o temesse mais do que a Elinor, mas será que ele também o transformaria com a sua voz se Fenoglio assim o pedisse? Leria ele aquilo que Meggie talvez não quisesse ler?

O que havia nas folhas que Fenoglio escondera tão rapidamente dela e de Elinor?

O quê?

Vá olhar, Meggie. Você não consegue dormir mesmo.

Quando chegou atrás do muro onde Fenoglio tinha o seu lugar de dormir, encontrou-se com o ronco agudo de Quartzo Rosa. O seu senhor estava com o Príncipe Negro, mas o homem de vidro estava exatamente em cima das roupas sob as quais Fenoglio havia escondido as folhas escritas. Com cuidado Meggie o ergueu, como sempre espantada com a frieza de seus membros transparentes, e o colocou sobre a almofada que Fenoglio havia trazido de Ombrá. Sim. As folhas estavam exatamente ali onde ele as escondera dela e de Elinor. Havia mais de uma dúzia delas, cobertas com palavras rapidamente escritas, pedaços de frases, perguntas, pensamentos que provavelmente não faziam sentido para ninguém além do seu

autor: *A espada ou a pena? Por quem Violante está apaixonada? Cuidado, o Píforo... quem escreve as três palavras?* Meggie não conseguiu decifrar tudo, porém na primeira página, em letras grandes estavam as palavras que fizeram com que seu coração batesse mais rápido: *A canção do Gaio*.

— Nada além de ideias, Meggie, como eu te disse. Nada além de perguntas e ideias. — A voz de Fenoglio a pegou tão de surpresa que ela quase deixou cair as folhas sobre o Quartzo Rosa adormecido.

— O Príncipe está melhor — disse Fenoglio como se ela tivesse ido até ele para ouvir aquilo. — Realmente parece que para variar as minhas palavras mantiveram alguém com vida, em vez de matá-lo. Mas talvez ele esteja vivo ainda porque esta história acredita que ele pode ser necessário. Como eu vou saber? — Com um suspiro ele se sentou ao lado de Meggie e tirou-lhe suavemente das mãos aquilo que ele havia escrito.

— As tuas palavras já salvaram Mo também — disse ela.

— Sim, talvez. — Fenoglio passou a mão sobre a tinta seca, como se dessa forma pudesse livrar as palavras de qualquer mal. — Mas então você confia nelas quase tão pouco quanto eu, não é?

Ele tinha razão. Ela tinha aprendido a amar e temer as palavras ao mesmo tempo.

— Por que *A canção do Gaio*? — perguntou ela em voz baixa. — Você não pode escrever mais canções sobre ele! Ele é o meu pai. Encontre um outro herói. Com certeza você vai inventar um. Mas deixe que Mo volte a ser Mo, simplesmente Mo.

Fenoglio olhou pensativo para ela. — Você tem certeza que o seu pai também quer isso? Ou você não se importa?

— É claro que não! — a voz de Meggie ficou tão forte, que tirou Quartzo Rosa do seu sono. Com expressão confusa ele olhou em redor, e voltou a dormir. — Mas Mo com certeza não quer que você continue tecendo as suas palavras em volta dele como uma aranha. Você o está transformando!

— Bobagem! Foi o seu pai mesmo quem decidiu transformar-se no Gaio! Eu só escrevi algumas canções e você nunca leu nenhuma delas em voz alta! Como é que elas poderiam tê-lo transformado?

Meggie baixou a cabeça. — Oh não! — Fenoglio olhou para ela preocupado. — Você as leu?

— Depois que Mo foi para o castelo. Para protegê-lo, para torná-lo mais forte, inatingível! Eu as leio todos os dias.

— Veja só! Sendo assim, só nos resta esperar que as palavras sejam tão eficientes como aquelas que eu escrevi para o Príncipe Negro.

Fenoglio colocou o braço sobre o seu ombro, como ele fizera tantas vezes quando os dois haviam sido prisioneiros de Capricórnio — em um outro mundo, em uma outra história. Ou teria sido a mesma?

— Meggie! — disse ele em voz baixa. — Mesmo que você continue lendo as minhas canções todos os dias uma dúzia de vezes — nós dois sabemos que não é por causa delas que o seu pai é o Gaio. Se eu o tivesse escolhido como modelo para o Pífaró, você acha que ele teria se transformado num assassino? É claro que não! O seu pai é como o Príncipe Negro! Ele tem compaixão pelos mais fracos. Eu não escrevi isso em seu coração, isso sempre esteve ali! Não é por causa das minhas palavras que o seu pai foi até o castelo de Ombra, mas por causa das crianças que dormem lá fora. Talvez você tenha razão. Talvez esta história o transforme, mas talvez ele também transforme esta história! Ele a continua contando, Meggie, através daquilo que ele faz, não através do que eu escrevo. Mesmo que as palavras certas talvez pudessem ajudá-lo nessa tarefa...!

— Proteja-o, Fenoglio! — sussurrou Meggie. — O Afanador está atrás dele, e ele odeia Mo.

Fenoglio olhou para ela com surpresa. — O que isso quer dizer? Você por acaso quer que eu escreva alguma coisa sobre ele? Céus, já era confuso o suficiente quando eu tinha que me ocupar apenas dos meus próprios personagens.

Que você deixou morrer sem relutar, pensou Meggie, mas não disse nada. Afinal, Fenoglio havia salvado o Príncipe Negro hoje — e realmente temera por ele. O que teria dito Dedo Empoeirado sobre esse repentino ataque de compaixão?

Quartzo Rosa começou a roncar.

— Você está ouvindo? — perguntou Fenoglio. — Você pode me dizer como é possível que uma criatura tão ridiculamente pequena ronque tão alto? Às vezes, à noite, eu tenho vontade de colocá-lo dentro de um vidro de tinta para voltar a ter tranquilidade!

— Você é um velho terrível! — Meggie pegou as folhas escritas e indicou com o dedo as palavras escritas com pressa. — O que significa isso? Pena ou espada? Quem escreve as três palavras? Por quem Violante está apaixonada?

— Bom, são apenas algumas questões cujas respostas o desenrolar desta história nos dará. Toda boa história se esconde atrás de uma teia de perguntas, e não é fácil desembaraçar os seus segredos. Acrescente-se a isso que esta aqui tem vontade própria, mas — Fenoglio abaixou a voz como se a história pudesse ouvi-lo — se fizermos as perguntas certas, ela nos sussurrará todos os seus segredos. Uma história assim é bastante falastrona.

Fenoglio leu o que havia escrito: — Pena ou espada? Uma pergunta muito importante. Mas eu ainda não sei a resposta. Talvez sejam as duas coisas. Seja como for... quem vai escrever as três palavras? Bom, quem? O seu pai deixou que o prendessem para fazê-lo, mas quem sabe... será que o Cabeça de Víbora vai realmente permitir que a sua filha o engane? Será que Violante é tão esperta como pensam? E por quem a Feia está apaixonada? Bom, temo que ela esteja apaixonada pelo seu pai. Já há muito tempo. Muito antes de ela encontrá-lo.

— O quê? — Meggie olhou para ele assustada. — Do que você está falando? Violante é pouco mais velha do que eu ou Brianna!

— Bobagem! Talvez não no número de anos, mas ela já viveu tanto que é ao menos três vezes mais velha do que você. Além disso, como muitas filhas de príncipes, ela tem uma ideia muito romântica dos ladrões. Por que você acha que ela mandou que Balbulus ilustrasse todas as minhas canções do Gaio? E agora ele cavalga em carne e osso ao seu lado. Não deixa de ser romântico, você não acha?

— Você me dá nojo! — A voz indignada de Meggie tirou Quartzo Rosa novamente de seu sono.

— Por quê? Eu estou apenas te explicando tudo o que devemos levar em consideração caso eu realmente tente encaminhar essa história para um final feliz, apesar de que talvez ela mesma já tenha colocado na cabeça um outro final há muito tempo. E se eu estiver certo? E se Violante estiver apaixonada pelo Gaio e o seu pai a rejeitar? Será que ela vai protegê-lo do Cabeça de Víbora mesmo assim? Qual será o papel de Dedo Empoeirado? Será que o Pífaró vai perceber qual é o jogo de Violante? Perguntas, nada além de perguntas! acredite em mim: esta história é um labirinto! Ela parece ter muitos caminhos, mas apenas um é o correto, e a cada passo em falso somos punidos com uma surpresa ruim. Mas desta vez eu estarei preparado. Desta vez eu vou perceber as voltas que ela está me dando, Meggie, e encontrarei a saída correta. Mas para isso eu tenho que perguntar! Por exemplo: por onde anda Mortola? Uma pergunta que não me deixa descansar. E o que, pelo diabo da tinta, está fazendo Orfeu? Perguntas e mais perguntas... Mas Fenoglio está novamente no jogo! E ele salvou o Príncipe Negro!

Cada ruga do seu velho rosto se encheu de contentamento.

Oh, ele era realmente um velho terrível!



46. O Castelo no Lago



Há algo nela que foge às palavras.

John Steinbeck, *Travels with
Charley: In search of America*



Eles cavalgavam para o norte. Cada vez mais para o norte. Na manhã do segundo dia Violante mandou que desamarrassem as mãos de Mo, depois de um dos soldados ter lhe sussurrado que se não o fizessem em breve o Gaio não poderia mais utilizá-las. Mais de cinquenta soldados esperavam por eles a pouco menos de uma milha de Ombra. Quase nenhum deles parecia mais velho que Farid, e todos tinham um olhar tão decidido como se estivessem dispostos a seguir Violante até o fim do mundo.

A cada milha que eles percorriam, a floresta se tornava mais escura e o vale mais profundo. Os morros se transformaram em montanhas, e em algumas passagens havia tanta neve que eles eram obrigados a descer do cavalo e ir andando. As montanhas pelas quais cavalgavam pareciam desabitadas. Apenas raramente, Mo descobria um vilarejo ao longe, um sítio solitário ou a cabana de um carvoeiro. Era como se Fenoglio tivesse esquecido de povoar essa parte de seu mundo.

Dedo Empoeirado se juntara a eles na primeira vez que pararam para descansar — com tanta naturalidade como se não houvesse nada mais fácil do que seguir as pistas que os soldados de Violante apagavam com tanto cuidado. Eles o observavam com a mesma temerosa admiração que a Mo. Gaio... Dançarino de Fogo... É claro

que eles conheciam as canções, e seus olhos se perguntavam: serão vocês feitos da mesma carne que nós?

Para si mesmo, Mo sabia a resposta, mesmo que às vezes se perguntasse se em vez de sangue não corria agora tinta em suas veias, mas no caso de Dedo Empoeirado ele não tinha tanta certeza. Os cavalos se assustavam ao vê-lo, mesmo que ele pudesse tranquilizá-los com um sussurro. Ele mal dormia ou comia, e tocava o fogo como se fosse água. Mas quando falava de Roxane ou Farid, ouvia-se um amor humano em suas palavras, e quando ele olhava para a sua filha tão discretamente como se tivesse vergonha disso, o seu olhar era o de um pai mortal.

Era bom cavalgar, cavalgar apenas, enquanto o Mundo de Tinta se desdobrava diante deles como um papel cuidadosamente fechado. E a cada milha Mo duvidava ainda mais de que tudo aquilo tivesse sido criado realmente pelas palavras de Fenoglio. Não era muito mais provável que esse homem velho fosse apenas um narrador que falasse apenas de uma pequena parte desse mundo, uma passagem a qual já haviam abandonado fazia tempo? Montanhas desconhecidas apareciam no horizonte e Ombra ficara para trás. A Floresta sem Caminhos parecia tão longe como o jardim de Elinor, o Castelo da Noite nada além de um sonho sombrio...

— Você já esteve alguma vez nestas montanhas? — perguntou ele a Dedo Empoeirado. A maior parte do tempo ele cavalgava em silêncio ao seu lado. Às vezes Mo achava poder ler seus pensamentos. Roxane, eles murmuravam. E os olhos de Dedo Empoeirado se dirigiam todas as vezes para sua filha, que cavalgava ao lado de Violante e não destinava nem mesmo um olhar ao seu pai.

— Não, eu acho que não — respondeu Dedo Empoeirado quando Mo falou com ele, parecia que o tinha chamado de volta do lugar onde não havia palavras. Dedo Empoeirado não falava de lá, e Mo não perguntava nada. Ele sabia o que o outro sentia. As Damas Brancas haviam tocado ambos e semeado em seus corações a saudade desse lugar, uma saudade sem palavras, doce e amarga ao mesmo tempo.

Dedo Empoeirado olhou para trás como se procurasse com os olhos algum lugar conhecido. — Eu nunca vim para o norte antes. As montanhas me dão medo — disse ele e sorriu, como se risse do seu eu antigo, que sabia tão pouco do mundo que algumas montanhas lhe davam medo. — Eu sempre me senti atraído pelo mar, pelo mar e pelo sul.

Depois se calou novamente. Dedo Empoeirado nunca fora de falar muito e a sua viagem para a morte não mudara nada nesse sentido. Mo então o deixou com seu silêncio e perguntou-se pela milésima vez se o Príncipe Negro já recebera de Farid a notícia que ele não estava mais em Ombra, e como Meggie e Resa teriam reagido a ela. Era difícil para ele distanciar-se cada vez mais delas, cada vez mais, a cada passo do seu cavalo, mesmo que o fizesse na certeza de que somente longe de si elas estariam em segurança. “Não pense nelas!”, ordenou a si mesmo. Não fique se perguntando quando e como você vai voltar a vê-las. Tente se convencer que o Gaio nunca teve mulher ou filha. Apenas por um instante...

Violante se virou na sela como se quisesse ter certeza que o Gaio não tinha sumido. Brianna sussurrou algo para ela e Violante sorriu. A Feia tinha um belo sorriso, mesmo que fosse raro presenciá-lo. Ele mostrava o quanto ela ainda era jovem.

Eles cavalgaram pela floresta fechada. A luz do sol passava pelas árvores quase sem folhas, e apesar da neve que cobria o musgo e as raízes, ainda sentia-se o cheiro de outono, folhas apodrecidas e as últimas flores que murchavam. As fadas vojavam pela grama amarela coberta de gelo, sonolentas por causa do inverno que se aproximava, pegadas de duendes cruzavam o caminho, e sob os arbustos que cresciam na encosta, Mo teve a impressão de ouvir as vozes de homens de vidro selvagens. Um dos soldados de Violante começou a cantar baixinho, e o som daquela voz jovem deu a Mo a sensação de que tudo que ele deixara para trás empalidecia, a preocupação com Resa e Meggie, o Príncipe Negro, as crianças ameaçadas, até mesmo o seu acordo com a morte. Havia apenas a trilha, a trilha sem fim que os levava pelas montanhas desconhecidas e aumentava a vontade indomável em seu coração de continuar cavalgando, cada vez mais para dentro daquele mundo

desconcertante. Como seria o castelo para onde Violante os guiava? Haveria realmente gigantes nas montanhas? Onde acabava aquela trilha? Teria ela um fim? Não para o Gaio, sussurrou uma voz dentro dele, e por um momento o seu coração voltou a bater tão destemido e tão fresco como o de um garoto de dez anos...

Ele sentiu o olhar de Dedo Empoeirado. — O meu mundo te agrada.

— Sim. Sim, ele me agrada. — Mo percebeu que havia culpa em sua voz.

Dedo Empoeirado riu tão alto como Mo raramente ouvira. Ele parecia tão diferente sem as cicatrizes — como se as Damas Brancas houvessem curado não somente o seu rosto mas também seu coração. — Você se envergonha por causa disso! — disse ele. — Por quê? Por que você ainda acha que tudo isto é feito apenas de palavras? É estranho. Quem te vê aqui poderia realmente pensar que você pertence a este lugar assim como eu. Você tem certeza de que alguém simplesmente não leu você para aquele outro mundo?

Mo não sabia dizer se aquela ideia lhe agradava ou não.

— Tenho certeza.

O vento soprou uma folha em seu peito. Membros diminutos saíram dela, um rosto com expressão assustada, marrom como a própria folha. Aparentemente os homens-folha de Orfeu haviam se reproduzido rapidamente. A estranha criatura mordeu o dedo de Mo quando ele tentou pegá-la, e a rajada de vento seguinte a fez voar para longe.

— Você também as viu ontem à noite? — Dedo Empoeirado virou-se na sela. O soldado atrás dele desviou o olhar. Não há país mais estranho que o da morte.

— Quem?

Dedo Empoeirado respondeu-lhe com um olhar de sarcasmo.

Eram duas. Duas Damas Brancas. Pouco antes do amanhecer, elas estavam entre as árvores.

— Por que você acha que elas estão nos seguindo? Para nos lembrar que ainda lhes pertencemos?

Dedo Empoeirado se limitou a levantar os ombros, como se a resposta não fosse importante e a pergunta fosse a pergunta

errada. — Eu as vejo todas as vezes que fecho os olhos. Dedo Empoeirado! — sussurram elas. — Nós sentimos sua falta. O seu coração está doendo novamente? Você está sentindo o peso do tempo? Devemos tirá-lo de você? Devemos fazer com que você esqueça novamente? “Não!”, eu digo a elas. Deixem-me sentir tudo isso mais um pouco. Quem sabe talvez vocês venham me buscar em breve. A mim — ele olhou para Mo — e ao Gaio.

Nuvens escuras se aproximaram como se houvessem estado esperando atrás das montanhas, e os cavalos ficaram inquietos, mas Dedo Empoeirado os tranquilizou com algumas palavras em voz baixa.

— O que elas sussurram para você? — perguntou a Mo, e olhou para ele como se já soubesse a resposta.

— Oh!— Era difícil falar sobre as Damas Brancas. Tão difícil como se elas lhe segurassem a língua sempre que tentava. — Muitas vezes elas estão apenas por perto, como se esperassem por mim. E quando elas dizem alguma coisa, é sempre o mesmo: “Só a morte pode te tornar imortal, Gaio”.

Ele nunca contara isso a ninguém, nem ao Príncipe Negro, nem a Resa ou a Meggie. Para quê? Essas palavras os teriam deixado com medo.

Mas Dedo Empoeirado conhecia as Damas Brancas — e aquela a quem elas serviam. — Imortal — repetiu ele. — Oh sim, elas gostam de dizer essas coisas, e provavelmente é verdade. Mas o que você acha? Você tem pressa com a imortalidade?

Mo não chegou a responder-lhe.

Violante aproximou-se deles. A trilha os levava para o cume de uma montanha. Lá embaixo havia um lago em cujas águas se espelhava um castelo. Como uma fruta de pedra flutuando entre as ondas, distante da margem... Seus muros eram mais escuros do que os pinheiros que cresciam nas encostas ao redor, e uma ponte estreita e sem fim, sustentada por inúmeros pilares, levava até a terra onde duas torres de vigilância destruídas se erguiam entre as cabanas abandonadas. — A ponte inconquistável! — sussurrou um dos soldados, e em seu sussurro soaram todas as histórias que ele já ouvira sobre aquele lugar.

Começou a nevar novamente, pequenos flocos úmidos que desapareciam no lago escuro como se ele os engolisse, e os jovens soldados de Violante olhavam em silêncio para o pouco convidativo objetivo de sua viagem. O rosto de sua senhora, porém, iluminou-se como o de uma garota.

— O que você diz, Gaio? — ela perguntou a Mo enquanto colocava os óculos de armação dourada sobre o nariz. — Olhe para isso. Minha mãe me descreveu esse castelo tantas vezes que tenho a impressão de haver crescido nele! Eu apenas gostaria que estes vidros fossem melhores — acrescentou ela impaciente. — Mas a sua beleza posso vê-la até mesmo daqui!

Beleza? Mo chamaria o castelo de sombrio, mas talvez para a filha do Cabeça de Víbora fosse a mesma coisa.

— Está vendo agora por que eu te trouxe para cá? — perguntou Violante. — Ninguém pode invadir esse castelo. Nem mesmo os gigantes conseguiram quando ainda vinham para este vale. O lago é muito profundo, e a ponte é larga o suficiente para um cavaleiro.

A trilha que os levava até a margem era tão íngreme que tiveram que descer dos cavalos. Sob os pinheiros espessos era tão escuro como se seus galhos engolissem a luz do dia, e Mo sentiu como seu coração ficava cada vez mais pesado. Violante, porém, caminhava com tanta paciência na frente que eles mal conseguiam segui-la por entre as árvores cerradas.

— Íncubos! — sussurrou Dedo Empoeirado quando o silêncio entre as árvores se tornou tão escuro como os ramos que cobriam o chão. — Elfos negros, barretes vermelhos... Aqui há tudo o que faria Farid tremer. Vamos esperar que o castelo esteja realmente desabitado.

Quando finalmente chegaram na margem, havia névoa sobre a água, e o castelo e a ponte se elevavam sobre a névoa branca como se tivesse acabado de surgir dali — uma construção de pedra saída das profundidades da água. As cabanas na margem pareciam bem mais reais mesmo que fosse possível perceber que elas não eram habitadas fazia tempo. Mo levou seu cavalo até uma das torres de guarda. A porta estava queimada, o interior enegrecido pela fuligem.

Violante aproximou-se dele. — Um sobrinho do meu avô foi o último que tentou conquistar este castelo. Ele nunca conseguiu atravessar o lago. Meu avô criava peixes ferozes ali dentro. Dizem que eles são maiores que um cavalo e que gostam muito de carne humana. O lago guarda este castelo melhor do que qualquer exército conseguiria. Nunca houve muitos soldados aqui, mas o meu avô sempre cuidou para que houvesse alimento suficiente para resistir a um ataque. Havia gado, e em alguns dos pátios interiores ele mandou plantar verduras e árvores frutíferas. Mas minha mãe me contou que apesar disso ela tinha que comer peixe com muita frequência.

Violante riu. Mas Mo olhou tomado por um mal-estar para a água escura. Pareceu-lhe ver todos os soldados mortos flutuando no meio da névoa, todos aqueles que tentaram atravessar a ponte inconquistável. O lago parecia feito à imagem e semelhança do Mundo de Tinta, belo e assustador ao mesmo tempo. A superfície era lisa como vidro, mas a margem era pantanosa, e nuvens de insetos, aos quais o inverno claramente não incomodava, voavam sobre a vegetação branca da geada.

— Por que o vosso avô vivia num lugar tão afastado?

— Porque ele estava cansado das pessoas. É de se espantar? — Violante continuava olhando enfeitiçada, como se não pudesse acreditar que finalmente os seus olhos viam aquilo que até então ela conhecia somente por intermédio das palavras. Tantas vezes as palavras ou imagens nos contavam primeiro aquilo que desejávamos.

— Os aposentos da minha mãe ficavam na torre da esquerda. Quando meu avô mandou construir o castelo, os gigantes ainda vinham aqui. — A voz de Violante soava como se ela estivesse sonâmbula. — Este lago era naquela época o único lugar fora da cidade onde se estava protegido deles, porque até mesmo eles não conseguiam atravessá-lo. Mas adoravam se olhar em suas águas, por isso o chamamos de o Espelho do Gigante. Minha mãe tinha medo deles. Ela se escondia debaixo da cama quando os ouvia, mas mesmo assim, ela sempre se perguntava qual seria o seu tamanho real, se eles não estivessem na longínqua margem e sim,

ali ao seu lado, e uma vez, quando ela tinha uns cinco anos e apareceu um gigante com o seu filho na margem, ela quis ir até eles, porém a sua governanta a segurou ainda no início da ponte, e como punição o meu avô mandou prendê-la na torre durante três dias e três noites. — Violante indicou uma torre que se erguia entre as outras como uma agulha. — Essa torre era o único lugar do castelo sobre o qual a minha mãe não gostava de falar. Ela tinha quadros nas paredes, com íncubos e monstros do lago, com lobos e serpentes, com ladrões que atacavam os viajantes... Meu avô mandou que pintassem um quadro para mostrar à sua filha como era perigoso o mundo do outro lado do lago. Muitas vezes os gigantes pegavam as pessoas como brinquedo. Principalmente crianças. Você já ouviu falar disso?

— Eu li sobre isso — respondeu Mo.

A felicidade na voz dela o tocava e ele se perguntou, não pela primeira vez, como podia ser que o mesmo livro que lhe falara tanto de elfos de fogo e gigantes contasse tão pouco sobre a filha do Cabeça de Víbora. Para Fenoglio, Violante era apenas uma figurante, uma garota feia e infeliz, nada mais. Talvez fosse possível aprender com ela. Que era possível transformar pequenos papéis em grandes, simplesmente interpretando-os do seu jeito.

Violante pareceu ter esquecido que ele estava ao seu lado. Ela parecia ter esquecido tudo, até mesmo que viera até ali para matar o seu pai. Olhava com tanta nostalgia para o castelo, como se esperasse ver sua mãe aparecer entre as ameias no momento seguinte. Mas finalmente ela se virou de modo abrupto.

— Quatro de vocês ficam nas torres da guarda! — ordenou aos seus soldados. — O resto vem comigo. Mas cavalguem devagar se não quiserem que as ferraduras dos seus cavalos atraíam os peixes. Minha mãe me contou que eles já arrancaram muitos homens da ponte.

Entre os seus soldados surgiu um murmúrio inquieto. Eles eram realmente quase crianças apenas.

Mas Violante não lhes deu atenção. Ela segurou o seu vestido, negro como tudo que Mo a vira usar, e deixou que Brianna a ajudasse a subir no cavalo. — Vocês vão ver — disse ela. — Eu

conheço este castelo melhor do que se tivesse vivido aqui. Estudei todos os livros que existem sobre ele. Eu conheço a sua planta e todos os seus segredos.

— O vosso pai já esteve aqui alguma vez? — Dedo Empoeirado fez a pergunta assim que Mo a pensou.

Violante segurou as rédeas. — Apenas uma única vez! — disse ela sem olhar para Dedo Empoeirado. — Quando ele veio pedir a mão da minha mãe em casamento. Mas isso já faz muito tempo. Mesmo assim ele vai com certeza se lembrar que é impossível invadir este castelo.

Ela virou o seu cavalo. — Venha, Brianna! — disse, e cavalgou em direção à ponte. Mas o seu cavalo se assustou ao ver o caminho de pedras sobre a água.

Sem dizer uma palavra, Dedo Empoeirado dirigiu o seu cavalo para o lado de Violante, pegou as rédeas de sua mão e guiou o cavalo atrás do seu pela ponte. O ruído das ferraduras ecoava sobre a água quando os homens de Violante o seguiram.

Mo foi o último a cruzar a ponte. De repente o mundo inteiro pareceu-lhe feito de água. A neblina diante do seu rosto fazia com que o castelo se erguesse diante dele sobre o lago como um sonho escuro: torres, ameias, pontes, bastilhas, muros sem janelas, corroídos pelo vento e pela água. A ponte não tinha fim, e o portal aonde ela levava parecia inatingível, mas finalmente ele começou a aumentar a cada passo que o seu cavalo dava. As torres e os muros encheram o céu como uma canção ameaçadora, e Mo viu sombras escuras deslizando pela água como cães de guarda que avisassem da sua chegada.

“Como era o castelo, Mo?”, ele podia ouvir Meggie perguntar. “Descreva-o para mim!”

O que ele poderia responder! Ele olhou para as torres, tão incontáveis como se a cada ano crescesse uma nova, olhou para o labirinto de bastilhas e pontes, e para o grifo de pedra sobre o portal. — Não lembra um final feliz, Meggie — ouviu-se responder. — Parecia um lugar de onde não se volta mais.

47. O papel das mulheres



*De que me importa um livro?
Nas árvores folheia o vento;
E eu sei que palavras há ali,
E às vezes as repito em voz baixa.
E a morte, que quebra os olhos como flores,
Não encontra os meus...*
Rainer Maria Rilke, *Die Blinde*



Roupas de homem. Resa roubara do Espanta-elfos adormecido um par de calças e uma camisa longa e quente. Provavelmente eram o seu maior orgulho. Poucos ladrões possuíam mais do que a roupa do corpo, mas nos próximos dias ela precisaria mais das roupas do que o Espanta-elfos.

Fazia tempo a época em que o Mundo de Tinta obrigara Resa a usar roupas de homem, mas as lembranças voltaram assim que ela vestiu as ásperas calças, tão vivas como se tivesse sido ontem. Ela se lembrou quantas vezes a faca arranhara o seu couro cabeludo ao tosar o cabelo, e de como a garganta havia doído da frequente tentativa de fazer com que sua voz soasse mais grave. Desta vez ela usaria o cabelo preso somente, e provavelmente não teria que fingir ser um homem, e calças eram muito mais práticas do que vestidos por caminhos selvagens, e ela teria que andar por caminhos selvagens se quisesse ir atrás de Mo.

— Prometa-me! — Ele nunca lhe pedira algo com tanta insistência. — Prometa-me que vocês vão ficar escondidas independentemente do que acontecer, independentemente do que vocês ouvirem. E se tudo der errado (o que significava: se eu morrer), então Meggie deve tentar ler vocês de volta.

De volta. Para onde? Para a casa de Elinor, onde cada canto a fazia lembrar dele, e onde no jardim ficava a sua oficina? Sem falar que Elinor agora também estava deste lado das palavras. Mas sobre isso Mo nada sabia, assim como também não tinha ideia que ela queimara as palavras de Orfeu.

Não. Sem ele não haveria para onde voltar. Se Mo tivesse que morrer no Mundo de Tinta, então ela também morreria nele — esperando que as Damas Brancas a levassem para o mesmo lugar.

“Pensamentos sombrios, Resa!”, pensou ela e colocou a mão sobre sua barriga. Fazia tanto tempo desde que Meggie crescera ali dentro, mas seus dedos ainda se lembravam de todos os dias em que ela havia acariciado o ventre em vão e do momento em que sentira o pequeno corpo debaixo da sua pele. Nenhum outro momento fora como esse, e ela mal podia esperar para sentir novamente os pequenos pés chutando debaixo de suas costelas e como a criança se viraria e se esticaria dentro dela. Não demoraria muito. Se ao menos ela não tivesse que ter tanto medo pelo seu pai.

— Vamos. Vamos procurá-lo e avisá-lo sobre a gralha e o Afanador! — sussurrou ela para seu filho que ainda não nascera. — Por muito tempo nós ficamos apenas olhando. Mas de agora em diante vamos atuar também, mesmo que Fenoglio não tenha escrito papel nenhum para nós.

Somente Roxane sabia o que ela planejava, mais ninguém. Nem Elinor, nem Meggie. As duas teriam querido ir junto. Mas ela tinha que ir sozinha, mesmo que isso fizesse com que Meggie sentisse raiva dela novamente. Ela ainda não lhe perdoara a visita a Orfeu e a noite no cemitério. Meggie não perdoa facilmente quando se trata do seu pai. Somente a ele ela perdoa sempre.

Resa tirou o livro de Fenoglio de debaixo do cobertor sob o qual dormia. Ela pedira a Baptista que costurasse uma bolsa de couro para o livro, obviamente sem dizer que ele mesmo provavelmente havia nascido das páginas daquele livro. — É um livro estranho! — dissera ele. — Que escritor escreve letras tão feias? E que encadernação é essa? Acabara o couro do encadernador?

Ela não tinha certeza do que Dedo Empoeirado lhe dissera. Ainda a emocionava o fato de ele ter lhe entregado o livro. Mas agora ela tinha que fazer com ele o que achava certo.

Ela olhou para a filha, do outro lado. Meggie dormia ao lado de Farid. Mas a nem um metro de distância dormia Doria, o rosto virado para Meggie. O antigo homem de vidro de Orfeu estava ao seu lado, a mão do jovem sobre si como um cobertor. Meggie parecia tão jovem dormindo! Teve vontade de se inclinar sobre ela e acariciar-lhe o cabelo na testa. Ainda doía pensar em todos aqueles anos em que estivera longe, doía tanto. Apresse-se, Resa! Lá fora já está amanhecendo. Em breve todos eles acordariam e não a deixariam ir.

Quando passou por Elinor, esta murmurou algo no sono, e o sentinela que cuidava da entrada da caverna olhou em sua direção quando Resa passou por trás do muro que Fenoglio construía na intenção talvez de manter distante o mundo que ele mesmo havia criado. Ele e o homem de vidro roncavam até não poder mais, como um urso e um grilo. Os pequenos dedos de Quartzo Rosa estavam negros de tinta e a folha ao seu lado estava coberta de palavras frescas, mas elas haviam sido todas riscadas.

Resa colocou a bolsa com o livro bem ao lado do odre de vinho, ao qual Fenoglio sempre gostava de recorrer, mesmo que Elinor não lhe desse oportunidade. Colocou entre as páginas a carta que ela lhe escrevera de modo a que saísse para fora da bolsa, impossível de ignorar, como uma mão branca.

Fenoglio — Ela precisara de muito tempo para encontrar as palavras certas, e ainda não estava segura de tê-las encontrado —, *estou devolvendo o Coração de tinta àquele que o escreveu. Talvez o seu próprio livro possa te dizer como esta história acaba, e te sussurrar as palavras capazes de proteger o pai de Meggie. Enquanto isso, vou tentar ajudar do meu jeito, para que a canção do Gaio não tenha um final triste. Resa.*

O céu adquiria um tom avermelhado quando ela saiu da caverna, e fazia muito frio. Debaixo das árvores, o Perna de Pau fazia guarda. Ele olhou desconfiado ao vê-la ir para o norte. Talvez ele nem sequer a houvesse reconhecido com aquelas roupas de

homem. Um pouco de pão e um odre de água, uma faca e um compasso que Elinor havia trazido com ela para este mundo — era tudo que ela levava consigo. Não era a primeira vez que ela tinha que se virar sozinha naquele mundo. Mas não havia ido muito longe quando ouviu passos pesados atrás de si.

— Resa! — o Homem Forte soou magoado como uma criança que tivesse percebido que a sua irmã pretendia fugir. — Para onde você vai?

Como se ela tivesse que lhe explicar.

— Você não pode ir atrás dele! Eu lhe prometi cuidar de você, de você e de sua filha. — Ele a segurava com força, e aquilo que o Homem Forte segurava não tinha como fugir.

— Deixe-me ir! — respondeu ela furiosa. — Ele não sabe nada do Afanador. Eu tenho que ir atrás dele! Você pode cuidar de Meggie.

— Doria vai cuidar dela. Ele nunca se preocupou tanto com uma garota. E Baptista também está lá. — Ele continuava segurando-a. — É um longo caminho até o Castelo no Lago. Muito longo e muito perigoso.

— Roxane me explicou como chegar lá.

— E daí? Ela também te falou dos incubos, dos barretes vermelhos e dos elfos negros?

— Isso também havia na Fortaleza de Capricórnio. Cada um dos seus homens era pior. Então pode voltar. Eu sei cuidar muito bem de mim mesma.

— Com certeza. Você também pode dar conta do Afanador e do Pífaró. — Sem dizer mais nenhuma palavra ele tirou dela a bolsa. — O Gaio vai me matar quando ele te ver!

O Gaio. E se ela não encontrar o seu marido, mas apenas ele no castelo? Talvez Mo conseguisse entender que ela foi atrás dele e não do Gaio...

— Podemos ir.

O Homem Forte se afastou a passos longos. Ele era tão cabeçadura quanto forte. Nem mesmo o Príncipe Negro conseguia fazê-lo mudar de ideia quando colocava alguma coisa na cabeça. E Resa nem tentou. Faria-lhe bem ter a sua companhia, muito bem. Poucas

vezes ela atravessara as Florestas de Tinta sozinha, e ela não gostava de se lembrar disso.

— Homem Forte? — perguntou ela ao passarem pela caverna onde sua filha dormia. — Você gostava da gralha, aquela que voou para o Lagartixa?

— Não era uma gralha — respondeu ele. — Ela tinha a voz de uma mulher. Mas eu não disse nada porque os outros mais uma vez pensariam que eu estou louco.



48. A espera



*Não cessaremos nunca de explorar
E o fim de toda a nossa exploração
Será chegar ao ponto de partida
E o lugar reconhecer ainda
Como da primeira vez que o vimos.*
T. S. Eliot



O Castelo no Lago era como uma ostra fechada diante do mundo. Nenhuma janela se abria para as montanhas em volta. Nenhuma delas tinha vista para o lago cujas águas batiam no muro escurecido. Ao passar pelo portão, havia apenas o castelo: seus pátios estreitos e escuros, as pontes que ligavam as torres, e as paredes cobertas com desenhos que não tinham nenhuma relação com o mundo que se mostrava do outro lado dos muros sem janelas. Viam-se jardins e morros povoados de unicórnios, dragões e faisões, sobre eles um céu eternamente azul e nuvens brancas. Os desenhos estavam por todas as partes, nas câmaras, nos corredores, nos muros dos pátios. De cada janela era possível vê-los (e no interior do castelo havia muitas janelas). Paisagens desenhadas de um mundo que não existia. Mas a respiração úmida do lago fazia com que a tinta se apagasse das pedras e em muitas partes era como se alguém tivesse tentado limpar das paredes as mentiras desenhadas.

Somente das torres era possível, sem que se interpusessem muros, pontes, e telhados, contemplar o mundo que realmente rodeava o castelo, o imenso lago e as montanhas em volta, e Mo foi imediatamente para as ameias onde podia sentir o céu sobre si e olhar para o mundo que tanto o impressionava, a ponto de entregar-se a ele cada vez mais profundamente, mesmo não sendo

este mundo talvez senão as imagens nas paredes. Violante, ao contrário, se interessava apenas pelos aposentos onde alguma vez a sua mãe havia brincado.

Ela se movimentava pelo Castelo no Lago como se estivesse em casa, passava a mão cheia de lembranças sobre os móveis cobertos de pó, examinava cada peça da louça de barro coberta por teias de aranha e os desenhos nas paredes, estes tão minuciosamente como se falassem sobre sua mãe. — Esta era a câmara onde ela e sua irmã tinham aulas. Você está vendo? Aquelas eram suas escrivatinhas. O professor era horrível! Aqui dormia minha avó. Aqui eles mantinham os cachorros e ali os pombos que levavam mensagens para eles.

Quanto mais Mo a acompanhava mais lhe parecia que aquele mundo desenhado era exatamente aquilo que os olhos fracos de Violante queriam ver. Talvez ela se sentisse mais segura em um mundo parecido com os livros de Balbulus, inventado e controlável, atemporal e imutável, familiar em cada canto.

Teria Meggie gostado, ele se perguntava, de ver unicórnios desenhados da sua janela, morros sempre verdes e sempre as mesmas nuvens? Não, ele mesmo sabia a resposta. Meggie teria subido na torre assim como ele.

— Vossa mãe lhe contou alguma vez se ela realmente foi feliz aqui? — Mo não conseguiu evitar que Violante percebesse a dúvida em sua voz, rapidamente desapareceu a suavidade de menina, que tornava o seu rosto tão diferente, e surgiu novamente a filha do Cabeça de Víbora.

— Certamente. Ela foi muito feliz. Até que meu pai obrigasse o meu avô a dá-la como esposa e ele levá-la consigo para o Castelo da Noite! — Ela lhe lançou um olhar desafiante, como se com isto apenas pudesse obrigá-lo a acreditar nela e amar aquele castelo. Havia um lugar ali dentro que não deixava que o mundo por trás dos muros caísse em esquecimento. Mo o encontrou quando passeava sozinho, procurando por algum canto onde não se sentisse novamente como um prisioneiro, mesmo que dessa vez o calabouço tivesse belas pinturas. A luz do dia o cegou momentaneamente ao entrar num salão da asa ocidental do

castelo, com tantas janelas que transformavam o muro num encaixe de pedra. No teto dançava a luz refletida pela água do lago, e as montanhas pareciam enfileirar-se lá fora, como se não quisessem nada além de ser contempladas através de todas aquelas janelas. A beleza daquela visão deixou Mo sem ar, apesar de que era uma beleza sombria e os seus olhos procurassem automaticamente pistas humanas nas montanhas. Ele encheu os pulmões com o ar frio que o vento trazia para dentro, e só percebeu que não estava sozinho ao ir na direção sul, ali, onde em algum lugar atrás das montanhas ficava Ombra. Dedo Empoeirado estava sentado em uma das janelas, o vento nos cabelos, o rosto virado para o sol frio.

— Os menestréis o chamam de salão das mil janelas — disse ele sem virar-se, e Mo se perguntou havia quanto tempo estaria ele ali sentado. — Dizem que a mãe de Violante e sua irmã acabaram com a vista ruim porque o pai delas não as deixava olhar para longe, por medo do que as esperava por lá. A luz do dia começou a causar-lhes dor. Elas não conseguiam reconhecer nem mesmo os desenhos das paredes de seus aposentos, e um curandeiro que chegou com alguns menestréis explicou ao avô de Violante que suas filhas ficariam cegas se ele não lhes permitisse ver o mundo de verdade de vez em quando. Então o Príncipe de Sal — era assim que o chamavam porque ele enriquecera com o comércio de sal — mandou abrir janelas nestes muros e ordenou às filhas que olhassem através delas durante uma hora ao dia. Mas enquanto elas o faziam, um menestrel devia falar-lhes dos horrores do mundo, da falta de coração dos homens e sua crueldade, das pragas e da fome dos lobos, para que elas nunca desejassem ir para fora e abandonar o seu pai.

— Que história estranha — disse Mo. Ao se aproximar de Dedo Empoeirado percebeu a saudade que este sentia de Roxane, com tanta força como se fosse a sua própria saudade.

— Agora é apenas uma história — disse Dedo Empoeirado. — Mas tudo isso aconteceu realmente, aqui, neste lugar. — Ele soprou no ar frio e ao seu lado surgiram três jovens de fogo. Bem juntas

umas das outras elas olhavam para longe, onde as montanhas eram azuis como a própria saudade.

— Dizem que elas tentaram fugir várias vezes com os menestréis que o seu pai só tolerava no castelo porque lhe traziam novidades de outras cortes. Mas nem as jovens nem os menestréis jamais chegaram mais além das primeiras árvores. Seu pai os capturava e trazia as filhas de volta ao castelo. Os menestréis, porém, ele mandava amarrar ali — Dedo Empoeirado apontou os rochedos na margem do rio —, e as jovens tinham que ficar nas janelas — as criaturas de fogo faziam exatamente o que Dedo Empoeirado descrevia —, tremendo de frio e de medo, até que os gigantes aparecessem e levassem embora os menestréis.

Mo não conseguia desviar o olhar das garotas de fogo. As chamas desenhavam o seu medo e a sua solidão de forma tão impressionante como os pincéis de Balbulus. Não, a mãe de Violante não havia sido feliz naquele castelo, seja lá o que ela houvesse dito à sua filha.

— O que ele está fazendo aí?

Violante apareceu de repente atrás dele. Brianna e Tullio estavam com ela.

Dedo Empoeirado estalou os dedos e as chamas perderam a sua forma humana e se enroscaram em volta das janelas como uma planta de fogo. — Não tenham medo. Vai ficar apenas um pouco de fuligem nas pedras, e por enquanto — acrescentou com um olhar para Brianna, que olhava enfeitiçada para as chamas — é um belo espetáculo, não é?

Sim, era. O fogo cobriu as janelas como folhas vermelhas e flores douradas. Tullio deu automaticamente um passo na direção delas, mas Violante o puxou rudemente para o seu lado. — Apague isso, Dançarino de Fogo! — disse ela para Dedo Empoeirado. — Agora mesmo.

Dedo Empoeirado levantou os ombros e obedeceu. Um sussurro, e o fogo se apagou. A fúria de Violante não impressionava Dedo Empoeirado, e a filha do Cabeça de Víbora tinha medo daquilo. Mo podia ver isso nos olhos dela.

— Era realmente bonito, vocês não acham? — perguntou ele e passou o dedo pelo batente escurecido de fuligem. Imaginava poder ver ainda as três jovens na janela.

— O fogo nunca é bonito — respondeu Violante com desprezo. — Você nunca viu alguém morrer queimado? Eles queimam por muito tempo.

Aparentemente ela sabia do que estava falando. Quantos anos ela teria quando viu a primeira pessoa na fogueira? Quantos anos quando viu o primeiro homem enforcado? Quanta escuridão uma criança podia suportar até que essa escuridão se tornasse para sempre parte dela?

— Venha, Gaio! — Violante virou-se abruptamente. — Eu quero te mostrar uma coisa. Só a você! Brianna, pegue água e limpe a fuligem.

Brianna se afastou rapidamente sem dizer uma palavra, mas não sem antes lançar um rápido olhar ao seu pai. Dedo Empoeirado, porém, deteve Mo quando ele quis ir atrás da Feia.

— Tenha cuidado com ela! — sussurrou ele. — As filhas de príncipes têm uma queda por malabaristas e ladrões.

— Gaio! — a voz de Violante soou seca e impaciente. — Onde você está?

Dedo Empoeirado desenhou um coração de fogo no chão sujo.

Violante esperava na escada escura da torre como se tivesse voado da janela. Talvez ela amasse as sombras por continuar sentindo em seu rosto o sinal que lhe dera o terrível apelido. Tão diferentes soavam os apelidos com os quais Meggie havia crescido: bela, doce, querida... Meggie crescera com a certeza que a mera visão dela já o enchia de amor. A mãe de Violante, provavelmente, mostrara a sua filha o mesmo tipo de amor, mas todos os outros a trataram com pavor ou, no melhor dos casos, com pena. Onde se escondera a criança que ela fora um dia de todos os olhares de reprovação, onde ela se escondera de toda a dor? Teria ela ensinado seu coração a desprezar todos aqueles que podiam mostrar ao mundo um belo rosto? Pobre filha do Víbora, pensou Mo ao vê-la parada na escada escura, tão sozinha com seu coração

sombrio... Não. Dedo Empoeirado estava enganado. Violante não amava nada e ninguém, nem a si mesma.

Desceu correndo as escadas, como se quisesse fugir da própria sombra. Ela caminhava sempre assim, rápido, cheia de impaciência, levantando a borda dos longos vestidos como se amaldiçoasse a cada passo as roupas que as mulheres usavam naquele mundo.

— Venha, eu tenho que te mostrar uma coisa. Minha mãe sempre me disse que a biblioteca deste castelo ficava na asa norte, onde estão os desenhos de unicórnios. Eu não sei quando e por que ela foi construída, mas veja você mesmo... O quarto dos guardas da torre, o quarto do escrivão, o quarto das mulheres — ela sussurrava ao andar. — A ponte para a torre norte, a ponte para a torre sul, o pátio dos pássaros, o pátio dos cães... — Ela realmente se movimentava pelo castelo como se morasse nele havia anos.

Quantas vezes ela teria estudado os livros que descrevem este castelo? Mo ouviu o lago quando ela o guiou por um pátio com jaulas vazias, jaulas enormes, enfeitadas com tanta arte como se as grades pudessem substituir as árvores para os pássaros. Ele ouviu a água bater nas pedras, mas os muros que contornavam o pátio estavam desenhados com faias e carvalhos em cujos galhos havia bandos de pássaros: pardais, cotovias, pombos selvagens, rouxinóis ao lado de falcões, periquitos, e piscos de peito ruivo, pica-paus e colibris afundando o bico nas flores vermelhas. O Gaio estava ao lado de uma andorinha.

— Minha mãe e a sua irmã adoravam os pássaros. Por isso o meu avô mandou não somente desenhá-los nas paredes, ele mandou trazer pássaros vivos dos lugares mais distantes e encheu as gaiolas com eles. No inverno mandava colocar cobertores sobre elas, mas a minha mãe se esgueirava por baixo dos cobertores. Às vezes ela ficava por horas numa gaiola, até que a babá a encontrasse e tirasse do seu cabelo as plumas de pássaros.

Ela continuou andando rapidamente. Um portal de uma passagem, outro pátio. Canis, cenas de caça nos muros e sobretudo o bater das ondas do lago, tão distante e tão perto. É claro que a mãe de Violante amava os pássaros, pensou Mo. Ela queria ter asas como eles. Provavelmente ela e suas irmãs sonhavam em poder

voar para longe quando entravam nas gaiolas esperando que suas finas roupas se cobrissem de penas.

Doía-lhe o coração pensar nas três meninas solitárias, e mesmo assim ele teria gostado de mostrar a Meggie as gaiolas e os pássaros desenhados, os unicórnios e os dragões e a sala das mil janelas, sim, até mesmo a ponte impenetrável, que ao vê-la de cima parecia flutuar sobre o lago. Você vai falar sobre tudo isso para Meggie, disse a si mesmo, como se as palavras pudessem transformar-se em realidade, se ao menos ele as pensasse sem duvidar.

Mais uma escada, mais uma ponte, como um túnel flutuante entre as torres. A porta diante da qual Violante parou era negra como todas as portas do castelo. A madeira havia cedido e ela teve que empurrar com o ombro para abri-la.

— Que horror! — disse ela, e tinha razão. Mo não conseguiu ver muita coisa na longa sala. Apenas duas pequenas janelas permitiam que entrasse um pouco de luz e de ar, mas mesmo que não pudesse ver, ele teria sentido o cheiro. Os livros se empilhavam nas paredes úmidas como lenha para fogueira, e o ar frio tinha um cheiro tão forte que ele colocou a mão sobre o nariz e a boca.

— Olhe só isso! — Violante pegou o livro mais próximo e mostrou-o a ele, lágrimas nos olhos. — Estão todos assim!

Mo pegou o livro da sua mão e tentou abri-lo, mas as páginas estavam grudadas, formando uma massa negra e apodrecida. O mofo cobria o corpo como uma espuma. A capa estava comida. Não era mais um livro o que ele tinha em mãos, era o cadáver de um livro, e, por um momento, Mo pensou com enjoo que amaldiçoara o livro que havia encadernado para o Cabeça de Víbora com o mesmo destino. Será que ele já estava num estado tão horrível como aquele? Provavelmente não, senão o Cabeça de Víbora já estaria morto há muito tempo, e as Damas Brancas não estenderiam suas mãos em direção a Meggie.

— Eu já vi vários deles. Nenhum parece em melhor estado. Como é possível?

Mo colocou o livro destruído junto com os outros.

— Bom, independentemente do lugar onde era a biblioteca a princípio, temo que neste castelo não haja nenhum lugar seguro para livros. Mesmo que o seu avô tenha tentado esquecer o lago lá fora, ele continua lá. O ar é tão úmido que os livros começaram a apodrecer, e como ninguém sabia como salvá-los os trouxeram para esta sala, na esperança que aqui fosse mais seco que na biblioteca. Um terrível engano. Eles devem ter sido muito valiosos.

Violante apertou os lábios e passou a mão sobre a capa como se acariciasse a pele de um animal morto pela última vez. — Minha mãe os descreveu para mim mais minuciosamente do que todo o resto neste castelo! Por sorte ela levou muitos deles para o Castelo da Noite. A maioria deles eu levei comigo para Ombra. Assim que cheguei ofereci ao meu sogro buscar os outros também. Afinal este castelo estava abandonado havia anos já naquela época. Mas quem ouviu falar dos peixes que o seu avô mandou criar no lago, ou da névoa eterna? Sem falar nos gigantes. Como se os gigantes não houvessem desaparecido destas montanhas havia anos já naquela época! Ele era um idiota! Um idiota ignorante e comilão! — A raiva tomou o lugar da tristeza em sua voz.

Mo olhou em volta. A ideia das preciosidades que haviam se escondido entre as capas destruídas causava-lhe mais enjoos do que o cheiro de mofo.

— Você não pode fazer nada pelos livros, não é?

Ele balançou a cabeça. — Não. Não há solução para o mofo. Apesar de que você disse que o seu pai encontrou uma. Você não sabe o que é, ou sabe?

— Ah, sim. Mas você não vai gostar. Violante pegou um dos livros destruídos. Esse era possível abrir, mas as páginas despencavam pelos seus dedos. — Ele mergulhou o livro em branco em sangue de fada. Dizem que se isso não tivesse funcionado ele teria tentado com sangue humano.

Mo imaginava poder ver como as páginas em branco que ele cortara no Castelo da Noite sugavam o sangue. — Isso é horrível! — disse ele.

Violante achou engraçado que crueldades tão ridículas pudessem impressioná-lo. — Dizem que o meu pai misturou o sangue de fadas com o sangue de elfos de fogo, para que secasse mais rápido — continuou ela impassível. — O sangue delas é muito quente, você sabia? Quente como fogo líquido.

— É mesmo? — a voz de Mo soou tomada pela náusea. — Eu espero que vocês não estejam pretendendo tentar a mesma receita com estes livros. No caso deles, não ajudaria, acredite em mim.

— Se você o diz.

Haveria em sua voz uma certa decepção?

Ele se virou. Não queria mais olhar para os livros mortos. Da mesma forma como não queria pensar nas páginas embebidas em sangue.

Ao sair pela porta, Dedo Empoeirado apareceu de uma das paredes desenhadas do corredor. Era como se novamente tivesse saído de um livro. — Nós temos visita, Língua Encantada — disse. — Porém, não aquela que estávamos esperando.

— Língua Encantada? — Violante apareceu pela porta aberta. — Por que você o chama assim?

— Ah, é uma longa história. — Dedo Empoeirado lançou-lhe um sorriso não correspondido. — Acredite em mim, esse nome combina tanto com ele quanto o que você lhe deu. E ele o usa há muito tempo.

— É mesmo? — Violante o examinou quase sem disfarçar o desprezo. — Os mortos o chamam assim também?

Dedo Empoeirado virou-se e passou o dedo pelo desenho de uma felosa dourada pousada no galho desenhado de uma roseira. — Não. No mundo dos mortos não temos nome. Lá são todos iguais. Malabaristas e príncipes. Um dia você também vai saber disso.

O rosto de Violante ficou imóvel, tornando-se mais uma vez parecido ao de seu pai. — Meu marido também já voltou uma vez da morte. Mas ele não contou nada sobre malabaristas terem tanta importância.

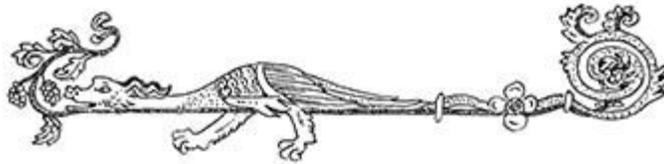
— Ele lhe contou seja lá o que fosse? — respondeu Dedo Empoeirado, e olhou tão fixamente para Violante que ela empalideceu. — Eu poderia contar-lhe uma longa história sobre o seu marido. Eu poderia lhe dizer que o vi duas vezes no mundo dos mortos. Mas acho que Vossa Alteza deveria primeiramente receber a sua visita. Ele não está se sentindo nada bem.

— Quem é?

Dedo Empoeirado pegou um pincel de fogo no ar.

— Balbulus? — Violante olhou para ele incrédula.

— Sim — respondeu Dedo Empoeirado. — E o Pífaru escreveu-lhe no corpo a fúria do seu pai.



49. *Novos e antigos senhores*



"Sem problemas!"; exclamou Aber, a poupa. "Toda história que tenha algum valor pode suportar um pouco de embate."

Salman Rushdie, *Haroun e o mar de histórias*



Oh, como o seu traseiro doía! Como se nunca mais fosse poder sentar-se novamente. Maldita cavalgada. Uma coisa era passar pelas ruas de Ombra, a cabeça erguida colhendo olhares de inveja. Mas não era nem um pouco divertido seguir durante horas a carruagem do Cabeça de Víbora pela noite escura, por trilhas acidentadas nas quais a qualquer momento era possível quebrar o pescoço. Sim, o novo senhor de Orfeu viajava somente à noite. Assim que amanhecia ele mandava armar a tenda negra onde se escondia durante o dia, e somente quando o sol se punha carregava o seu corpo apodrecido de volta para a carruagem que o aguardava. Dois cavalos a puxavam, negros como o tecido que cobria a carruagem. Orfeu dera uma olhada para o seu interior quando saíram a primeira vez. Nas almofadas, o brasão do Víbora era bordado com fios de prata, e elas pareciam bem mais macias do que a cela que o carregava havia dias. Sim, ele também teria gostado de uma carruagem daquelas, mas ele tinha que viajar atrás dela, junto com Jacopo, o moleque insuportável de Violante que a cada instante exigia algo para comer ou beber e que admirava o Pífaru tão caninamente que usava um nariz de latão sobre o próprio nariz. Orfeu continuava achando surpreendente que o Pífaru não fosse com eles. Bom, ele deixara o Gaio fugir. Provavelmente como punição, o Cabeça de Víbora o mandara de volta para o Castelo da

Noite. Mas por que, por tudo neste mundo, o seu senhor não tinha como proteção nada mais do que quatro dúzias de encouraçados? Orfeu os contara duas vezes, mas eles não aumentavam em número. Será que o Cabeça de Víbora achava que eles seriam suficientes para as crianças-soldados de Violante, ou será que ele ainda confiava na sua filha? Se confiasse, então o Príncipe de Prata era bem mais burro do que diziam, ou talvez a podridão já alcançara o seu cérebro, o que facilmente poderia significar que Mortimer novamente seria o herói, e Orfeu estava apostando no cavalo errado. Um pensamento horrível, por isso ele se esforçava para não pensar naquilo com muita frequência.

Por causa da pesada carruagem eles avançavam tão torturantemente devagar que Oss caminhava no mesmo passo dos cavalos. Cérbero, ele tivera que deixar em Ombra. Também o Cabeça de Víbora achava que os cães eram um privilégio dos nobres... Sim, era realmente hora de reescrever as regras deste mundo!

— Como lesmas! — rosou um dos encouraçados atrás dele. Pro inferno, eles fediam como se quisessem concorrer com o apodrecimento do seu senhor. — Vocês vão ver, quando chegarmos nesse maldito castelo, o Gaio já vai ter voado para longe novamente. — Encouraçados cabeças-duras! Eles ainda não haviam entendido que o Gaio fora com um plano para o castelo de Ombra, e que esse plano ainda não havia sido posto em prática.

Ali. Finalmente se detiveram. Oh, que alívio para os seus pobres ossos! O céu ainda estava negro como um corvo, mas provavelmente o Polegar encontrara uma fada que apesar do frio já dançava pela manhã.

O Polegar...

O novo guarda-costas do Cabeça de Víbora era capaz de ensinar o medo a qualquer um. Ele era tão magro como se a morte já o houvesse buscado, e sobre o seu pomo de adão trazia uma tatuagem com o braço de seu senhor, que se movia quando ele falava, como se criasse vida em sua pele. Uma visão muito inquietante, mas por sorte o Polegar não falava muito. O seu nome não era por causa do seu tamanho. O Polegar era inclusive um

pouco mais alto que Orfeu, mas naquele mundo provavelmente ninguém conhecia o conto de fadas com aquele mesmo nome. Não. Aquele Polegar ganhara o seu nome aparentemente por causa das crueldades que fizera utilizando o seu dedo.

Orfeu não lera nada sobre ele no livro de Fenoglio, então provavelmente ele era um desses personagens que, se fosse para acreditar em Fenoglio, haviam sido criados pela própria história, como larvas de mosquito em um açude pantanoso. O Polegar se vestia como um camponês, mas a sua espada era melhor que a do Pífaru, e diziam que o seu olfato estava tão morto como o do Nariz de Prata, por isso os dois, ao contrário de todos os outros, podiam ficar perto do Cabeça de Víbora sem sofrer crises de náuseas.

“Invejável!”, pensou Orfeu enquanto descia com um gemido de alívio do cavalo.

— Seque-o! — ordenou a Oss de mau humor. — E depois monte a minha tenda, mas rápido. — Seu guarda-costas parecia a Orfeu infinitamente desengonçado desde que vira o Polegar.

A tenda de Orfeu não era especialmente grande. Mal era possível ficar em pé e era tão estreita que ele quase caía quando se virava, mas tão rapidamente ele não conseguira ler algo melhor, mesmo que tivesse procurado em seus livros por uma versão mais elegante. Seus livros... Bom, seus fazia pouco tempo. Antes haviam pertencido à biblioteca do castelo de Ombra, mas ninguém impedira Orfeu de levá-los consigo.

Livros.

Ele ficara tão entusiasmado ao entrar na biblioteca do Príncipe Porcino, tão certo estava de encontrar ao menos um livro com as palavras de Fenoglio. E já no primeiro púlpito realmente encontrou um livro com as canções do Gaio. Seus dedos tremeram ao soltar o livro de sua corrente (os cadeados eram fáceis de abrir, ele entendia bem disso). “Agora eu te peguei, Mortimer”, pensara. “Eu vou te amassar feito massa de pão. Você não vai mais saber quem é e onde está assim que eu tiver o seu nome de ladrão em minha língua!” Mas a decepção fora por isso ainda mais dolorosa quando leu as primeiras frases! Oh, estes sons argilosos, estes versos mal rimados! Não, Fenoglio não escrevera nenhuma das canções que

estavam naquele livro. Onde estavam as suas canções? “Violante as havia levado com ela, seu idiota!”, ele amaldiçoou a si mesmo. “Como você não pensou nisso antes?”

A decepção ainda lhe doía. Mas quem disse que neste mundo realmente apenas as palavras do velho idiota podiam adquirir vida? Não eram afinal todos os livros aparentados? Afinal, preenchiam-nos as mesmas letras, apenas numa sequência diferente, o que significava que de certa forma cada livro existia também em todos os outros!

Bom, seja como for. O que Orfeu até então havia lido durante as horas intermináveis sobre a cela era infelizmente nada animador. Aparentemente não havia naquele mundo um único narrador que entendesse algo de sua arte, ao menos, não na biblioteca do Príncipe Porcino. Que sofrível reunião de entediadas escritas, que palavreado entediante! E os personagens! Nem mesmo a sua voz poderia dar-lhes vida.

Originalmente, Orfeu planejara já na parada seguinte impressionar o Cabeça de Víbora com uma demonstração da sua arte, mas ainda não conseguira encontrar nada que em sua língua tivesse o gosto de algo melhor do que papel seco. Maldição!

A tenda para o Cabeça de Víbora naturalmente já estava montada. O Polegar sempre mandava alguns serviços se adiantarem para que o seu senhor pudesse pular diretamente da carruagem. Era um palácio de tecido, as faixas negras bordadas com serpentes prateadas que brilhavam sob a luz da lua como se centenas de lesmas houvessem subido pelo tecido.

E se ele mandar te chamar agora, Orfeu! Você não lhe prometeu entretenimento? Ele tinha as maliciosas palavras do Pardal ainda muito claras em seu ouvido. Meu cunhado não gosta nem um pouco quando decepcionam suas expectativas.

Orfeu sentiu um arrepio. Mal-humorado, ele se agachou debaixo de uma árvore e tirou um novo livro dos alforjes, enquanto Oss lutava com a tenda.

Histórias infantis? Mais essa agora. Maldito, maldito, maldito! Mas... espere um momento! Aquilo soava conhecido! O coração de

Orfeu se acelerou. Fenoglio, sim! Eram as palavras dele. Sem dúvida.

— Este livro é meu! — Dedos curtos tiraram o livro das mãos de Orfeu. Jacopo estava diante dele, os lábios contraídos, as sobrancelhas franzidas sobre os olhos, como certamente havia visto no seu avô. Não estava usando o nariz de prata. Provavelmente, havia se tornado um pouco incômodo.

Orfeu controlou com muita dificuldade o impulso de tirar-lhe o livro das pequenas mãos na mesma hora. Nada inteligente. Seja simpático com o pequeno demônio, Orfeu!

— Jacopo! — Ele abriu um largo sorriso, levemente submisso, algo a que o filho de um príncipe sabia dar valor, mesmo que se tratasse de um príncipe morto. — É o vosso livro? Então você sabe com certeza quem escreveu as histórias, não sabe?

Jacopo olhou para ele sombrio. — O Cara de Tartaruga.

O Cara de Tartaruga? Aquele era um nome maravilhoso para Fenoglio. — Você gosta de suas histórias?

Jacopo levantou os ombros. — Eu prefiro as canções do Gaio, mas a minha mãe não as dá para mim.

— Aha. Não é muito legal. — Orfeu olhava fixamente para o livro que Jacopo pressionava tão possessivamente contra o peito. Ele sentiu como as suas mãos ficavam úmidas de avidez. As palavras de Fenoglio — e se essas ali fossem tão efetivas como as do próprio *Coração de tinta*?

— Que tal, Príncipe... — Ah, ele teria adorado torcer o pescoço daquele moleque principesco idiota. — Que tal se eu lhe contar algumas histórias de ladrão, e em troca disso você me emprestar o livro?

— Você sabe contar histórias? Eu pensei que você vendesse unicórnios e anões!

— Isso também! — E você, eu vou mandar que um unicórnio te fure ao meio se não me entregar imediatamente esse livro, pensou Orfeu, escondendo os seus pensamentos escuros atrás de um sorriso maior ainda.

— Para que você quer o livro? É para crianças. Só para crianças. Maldito pequeno sabe-tudo. — Eu quero ver os desenhos.

Jacopo abriu o livro e folheou as páginas de pergaminho. — Eles são chatos. Nada além de animais e fadas e duendes. Eu não suporto duendes. Eles fedem e são parecidos com Tullio. — Ele olhou para Orfeu. — O que você me dá em troca se eu te emprestar o livro? Você tem prata?

Prata. Quem sai aos seus não degenera — mesmo que agora ele se parecesse mais com o seu pai morto do que com o avô.

— Naturalmente. — Orfeu pegou a bolsa em seu cinto. Mas espere, Príncipezinho, pensou ele. Se este livro for capaz de fazer o que estou pensando, então eu vou pensar numas surpresas bem malvadas para você.

Jacopo estendeu a mão em sua direção e Orfeu deixou cair uma moeda com o retrato de seu avô.

A pequena mão permaneceu aberta e exigente. — Eu quero três.

Orfeu soltou um grunhido de raiva, e Jacopo apertou o livro com mais força ainda contra o peito.

Pequeno bastardo voraz. Orfeu deixou cair mais duas moedas na mão infantil e Jacopo fechou rapidamente os dedos. — Isto é por um dia.

— Um dia?

Oss se aproximou deles. Os dedos saíam para fora das botas. Ele sempre precisava de novas botas para seus pés de elefante. Que importa! Ele que andasse por um tempo descalço.

— Senhor? A sua tenda está pronta.

Jacopo colocou as moedas na bolsa em seu cinto e estendeu o livro para Orfeu com expressão de generosidade.

— Três moedas, três dias! — disse Orfeu enquanto pegava o livro. — E agora suma. Antes que eu mude de ideia.

Jacopo abaixou a cabeça, mas no momento seguinte lembrou-se de quem ele era neto.

— Isso é jeito de falar comigo, Olho Duplo? — gritou ele com voz aguda e pisou com tanta força o pé de Orfeu que este deu um grito. Os soldados sentados debaixo das árvores morrendo de frio riram sarcásticos, e Jacopo foi embora como uma imitação encolhida do Cabeça de Víbora.

Orfeu sentiu o sangue em sua cabeça. — Que tipo de guarda-costas é você? — disse ele para Oss. — Você não consegue me proteger nem mesmo de um garoto de seis anos? — E foi então mancando até a sua tenda.

Oss havia acendido as lâmpadas de óleo e colocado uma pele de urso sobre o chão frio da floresta, mas Orfeu sentiu falta da sua casa assim que passou pela estreita entrada. — Tudo por causa de Mortimer e seus jogos de ladrão idiotas! — praguejou, enquanto se deitava mal-humorado sobre a pele. — Eu vou mandá-lo para o inferno e Dedo Empoeirado junto com ele. Os dois, aliás, pelo que dizem, parecem ter se tornado inseparáveis. E se não houver neste mundo um inferno você vai escrever um para eles, Orfeu. Nem mesmo Dedo Empoeirado vai gostar deste tipo de fogo!

Escrever. Com pressa, ele abriu com avidez o livro que negociara com o pequeno demônio ambicioso. Ursos, duendes, fadas... o pequeno tinha razão, eram histórias para crianças. Não seria fácil tirar dali algo interessante para o Cabeça de Víbora, e com certeza ele o chamaria em breve. Quem mais espantaria para ele as noites de insônia?

Ali, mais duendes. O velho parecia ter uma queda por eles. Uma história bem sentimental sobre uma mulher de vidro apaixonada... uma ninfa que se entusiasmou por um príncipe, que diabos, isso não deve interessar nem mesmo a Jacopo. Não se falava nem ao menos de um ladrão? Não aparecia ao menos em algum lugar um Gaio? Sim, isso seria: poder entrar na tenda do Cabeça de Víbora e com algumas palavras ler o inimigo até ele, o inimigo que ele havia tanto tempo caçava em vão. Mas em vez disso: pica-paus, rouxinóis, até mesmo um pardal falante, mas nenhum Gaio. Maldito, três vezes maldito! Tomara que as moedas de prata tenham sido bem investidas. Um *belisca-narizes*... hum, aquela ao menos parecia uma criatura que serviria para se vingar do garoto. Espere um momento! *Ali, onde a floresta era mais escura*, Orfeu formou as palavras com os lábios sem som, e nem mesmo os duendes se atreviam a procurar por cogumelos...

— Este lugar realmente não é uma parada agradável, mestre! — Brilho de Ferro apareceu ao seu lado de repente. Ele tinha uma expressão sombria. — Por quanto tempo ainda estaremos viajando?

O homem de vidro se tornava cada dia mais cinza. Talvez sentisse falta das brigas com seu irmão traidor. Talvez fosse por caçar insetos e vermes o tempo todo e comê-los com visível prazer.

— Não me perturbe! — disse Orfeu. — Não vê que estou lendo? E que perna é essa grudada no seu casaco? Eu já não te proibi de comer insetos? Você quer que eu te mande para a floresta junto com os seus congêneres selvagens?

— Não. Não, não mesmo! Meus lábios não pronunciarão nem mais uma palavra, Vossa Excelência, e não comerei insetos! — Brilho de Ferro se inclinou três vezes seguidas (ah, Orfeu adorava a sua submissão). — Só mais uma pergunta. É esse o livro que lhe roubaram?

— Não, infelizmente este é apenas o seu irmão menor! — respondeu Orfeu sem levantar o olhar. — E agora fique quieto!

... E nem mesmo os duendes se atreviam a procurar por cogumelos, continuou a leitura. Ali morava a mais negra de todas as sombras, o mais inominável de todos os fantasmas. Seus iguais o chamavam de íncubo, mas uma vez ele tivera um nome humano, os íncubos são almas humanas às quais as Damas Brancas não conseguiram lavar a maldade de seus corações, e por isso os mandam de volta...

Orfeu levantou a cabeça. — Veja só, veja só, que história mais tenebrosa! — murmurou ele. — O que o velho estava pensando quando escreveu isso? Será que o pequeno demônio o havia perturbado tanto que ele resolveu cantar-lhe uma canção especial de boa-noite? Parecia até que aquilo poderia agradar ao avô de Jacopo. Sim. — Novamente ele se inclinou sobre as páginas nas quais Balbulus havia desenhado uma sombra que com seus dedos negros se esgueirava entre as letras. — Oh sim, isso é maravilhoso! — murmurou. — Brilho de Ferro, traga-me pena e papel, mas rápido, ou darei você como alimento para os cavalos.

O homem de vidro obedeceu imediatamente e Orfeu começou a trabalhar. Meia frase roubada daqui, algumas palavras de lá, um

pedaço de frase colhida da página seguinte como aglutinante... as palavras de Fenoglio. Um pouco mais leve do que em *Coração de tinta* — parecia-lhe ouvir o velho rindo —, mas a música era a mesma. Então por que essas palavras não teriam o mesmo sabor que a do outro livro, o que fora indignamente roubado?

— Sim. Sim, é bem no seu estilo! — sussurrou Orfeu enquanto o papel bebia a tinta. — Mas precisa de um pouco mais de cor...

Mais uma vez ele folheou as páginas ilustradas em busca das palavras certas, quando de repente o homem de vidro soltou um grito agudo e se escondeu atrás da sua mão.

Havia uma gralha na entrada da tenda.

Brilho de Ferro enfiava os dedos na manga de Orfeu preocupado (ele na realidade era corajoso somente quando se tratava de seus congêneres mais fracos!), e a esperança de Orfeu de que fosse talvez apenas uma gralha comum desapareceu assim que ela abriu o bico.

— Suma! — sussurrou ela para o homem de vidro, e Brilho de Ferro correu com suas pernas de aranha de vidro para fora, mesmo sabendo que os homens do Cabeça de Víbora jogavam castanhas e nozes de fada nele.

Mortola. É claro que Orfeu sabia que mais cedo ou mais tarde ela apareceria novamente. Mas não poderia ser mais tarde? “Uma gralha!”, pensou ele enquanto ela pulava em sua direção. Se eu pudesse me transformar em um animal então pensaria em algo bem mais imponente. Ela parecia tão desmilinguida! Provavelmente uma marta a havia espantado, ou uma raposa. Pena que não a houvesse comido.

— O que você está fazendo aqui? — repreendeu-o. — Eu te disse alguma coisa sobre oferecer os seus serviços ao Cabeça de Víbora?

Ela parecia totalmente louca, sem falar que a sua voz insossa perdia qualquer horror ao sair de um bico amarelo. “A sua história acabou, Mortola!”, pensou Orfeu. “Acabou. Enquanto a minha está apenas começando...”

— Não fique aí sentado me olhando! Ele acreditou no que você lhe contou sobre a sua filha e o Gaio? Anda, fale logo! — Rapidamente ela pegou com o bico um besouro que havia se

perdido na tenda, e o esfaqueou fazendo tanto barulho que Orfeu sentiu náuseas.

— Oh sim. Sim! — disse ele com voz irritada. — É claro que ele acreditou. Eu fui muito convincente.

— Bom. — A gralha sobrevoou os livros que Orfeu havia roubado da biblioteca do castelo e do alto da pilha espiou aquilo que ele tinha escrito.

— O que é isso? Por acaso o Cabeça de Víbora também encomendou um unicórnio?

— Oh. Não, não. Não é nada. Apenas uma... hmm... história, que eu tenho que escrever para o seu maldito neto. — Orfeu colocou como que por acaso sua mão sobre as palavras.

— E o que aconteceu com o livro em branco? — Mortola passou o bico sobre suas penas desarrumadas. — Você já descobriu onde o Cabeça de Víbora o esconde? Deve estar com ele!

— Por todos os demônios, é claro que não! Você acha que o Cabeça de Víbora anda com ele abertamente por aí? — desta vez Orfeu não se esforçou para esconder o desprezo em sua voz e Mortola bicou com tanta força a sua mão que ele deu um grito.

— Não gosto nada do seu tom, Cara de Lua! Ele tem que estar em algum lugar, então procure-o já que você está aqui. Eu não posso cuidar de tudo sozinha.

— Ah é, e do que você cuidou até agora? — “Torça o seu pescoço magro, Orfeu!”, pensou ele enquanto limpava o sangue das costas da mão. Assim como fazia o seu pai antigamente com as galinhas e os pombos.

— Como você se atreve a falar assim comigo? — A gralha tentou bicar novamente a sua mão, mas desta vez Orfeu a tirou a tempo. — Você acha que fiquei pousada num galho sem fazer nada? Eu tirei o Príncipe Negro do caminho e cuidei para que a partir de agora os seus homens ajudassem a mim e não mais ao Gaio.

— Ah, é mesmo? O Príncipe está morto? — Orfeu se esforçou para soar desinteressado. Fenoglio deveria estar sofrendo com isso. O velho tinha um orgulho ridículo desse personagem. — E as crianças que ele roubou? Onde estão elas?

— Numa caverna, ao norte de Ombra. As mulheres do musgo a chamam de câmara do gigante. Alguns ladrões ainda estão com eles, e algumas mulheres. É um esconderijo idiota, mas como o Cabeça de Víbora achou muito inteligente mandar o seu cunhado procurá-las, apesar de que, pelo que dizem, até os coelhos o fazem de idiota, então provavelmente as crianças estarão seguras por um bom tempo.

Interessante! Se não era aquela uma novidade com a qual poderia convencer o Cabeça de Víbora da sua serventia!

— E a mulher e a filha do Gaio? Também estão lá?

— Sim. — Mortola assoviava como se tivesse um grão na garganta. — Eu pretendia mandar a pequena bruxa logo atrás do Príncipe Negro, mas a sua mãe me expulsou. Ela sabe coisas demais sobre mim, coisas demais!

Aquilo estava ficando cada vez melhor!

Mas Mortola leu os pensamentos na sua testa. — Não fique me olhando assim com essa cara idiota de contentamento! Você não vai dizer nenhuma palavra sobre isso para o Cabeça de Víbora! As duas me pertencem. Eu não vou entregá-las novamente ao Príncipe de Prata, apenas para que ele as deixe fugir. Você entendeu?

— Naturalmente! Minha boca é um túmulo! — Orfeu fez cara de inocente. — E os outros, os ladrões que querem te ajudar?

— Eles estão seguindo vocês. Eles vão fazer uma armadilha para o Víbora, já amanhã à noite. Eles acham que é ideia deles, mas eu a plantei em suas cabeças idiotas! Onde é mais fácil que o livro caia em suas mãos do que no meio da floresta? O Afanador já fez centenas de ataques como esse e não terá que lidar com o Pífaró. Víbora idiota, deixou o seu melhor cão de guarda para trás, quer com isso puni-lo por ter deixado o Gaio fugir. Mas assim ele vai apenas cortar a própria pele podre, e talvez amanhã mesmo Mortola resgate o filho da morte entregando em troca o seu cadáver. Pena somente que assim não vou ver quando as Damas Brancas vierem buscar o Encadernador, mas que importa. Elas virão buscá-lo e desta vez não o deixarão ir embora. Quem sabe. Pode ser que a morte fique tão feliz de receber o Cabeça de Víbora e o

Gaio que talvez esqueça o livro em branco e Mortola possa escrever ali o nome do seu filho e ele nunca mais precise ter medo dela.

Ela falava como se tivesse febre, mais rápido a cada frase como se fosse sufocar com as palavras se não as pronunciasse rápido o suficiente.

— Esconda-se nos arbustos quando eles atacarem! — disse ela.
— Não quero que o Afanador acabe com você também sem querer. Talvez eu ainda venha precisar de você, caso o idiota fracasse!

Orfeu, ela realmente ainda confia em você! Ele teve vontade de dar uma gargalhada. O que havia acontecido com a razão de Mortola? Será que agora ela só pensava em minhocas e besouros? Pior para ela, pensou Orfeu, e muito bom para mim.

— Ótimo. Muito bom mesmo — disse ele, enquanto seu cérebro pensava na melhor forma de utilizar todas aquelas informações. Mas uma coisa estava muito clara: se Mortola colocasse as mãos no livro em branco, o jogo estaria perdido para ele. A morte viria buscar o Cabeça de Víbora, Mortola escreveria o nome do seu filho no livro em branco e ele nem mesmo receberia de volta o livro que Dedo Empoeirado lhe roubara, sem falar que com a eternidade não teria a menor chance. Só lhe restariam as histórias de Fenoglio para uma criança malcriada. Não! Não serviria. Ele tinha que continuar apostando no Cabeça de Víbora.

— O que você está fazendo aí parado, olhando para o nada feito um abestalhado? — A voz de Mortola soava a cada palavra mais parecida com um grasnido.

— Senhor! — Oss colocou a cabeça preocupado dentro da tenda.
— O Cabeça de Víbora quer lhe falar. Ele parece estar terrivelmente mal-humorado.

— Estou indo. — Orfeu quase pisou nas penas da cauda da gralha ao sair da tenda. Com um grasnido de raiva, ela pulou para o lado.

— Bicho horroroso! — rosnou Oss e tentou atingi-la com a bota.
— O senhor deve mandá-la embora, senhor. Minha mãe diz que as galhas são ladrões que voltam à vida.

— Sim, eu também não gosto delas! — sussurrou Orfeu para ele.
— Sabe o que mais? Torça o pescoço dela quando eu tiver ido embora.

Oss torceu a boca num sorriso malvado. Ele adorava esse tipo de tarefa. No final das contas, ele não era um guarda-costas tão ruim. Não, realmente não.

Orfeu passou os dedos pelo cabelo (cabelo de ancião, era como o chamava, ninguém mais em Ombra era tão louro como ele) e caminhou em direção à tenda do Cabeça de Víbora. Ele não poderia ler o Gaio para lá, e o que mais se escondesse no livro de Jacopo teria que esperar até que a sua audiência com o Príncipe de Prata tivesse terminado, mas graças a Mortola ele tinha agora outra coisa a oferecer.

A tenda do Cabeça de Víbora parecia tão negra entre as árvores como se a noite tivesse deixado um pedaço de si para trás. “E daí? A noite sempre foi mais amigável com você do que o dia, Orfeu”, pensou enquanto o Polegar abria passagem no pano negro com seu rosto inexpressivo. Não tornariam a escuridão e o silêncio muito mais fácil criar um mundo de acordo com o próprio gosto? Sim. Talvez naquele mundo devesse ser sempre noite, assim que ele tivesse o *Coração de tinta* de volta...

— Vossa Alteza! — Orfeu fez uma profunda reverência quando o rosto do Cabeça de Víbora surgiu da escuridão como uma lua artificial. — Trago novidades, que acabo de ouvir do vento. Eu acho que Vossa Alteza gostará delas...



50. Velho preguiçoso



Um dia Deus pensou que poderia conceder à sua oficina uma limpeza de primavera. [...] Era assombrosa a quantidade de despojos que apareceram debaixo do banco de trabalho quando varreu o chão. Inícios de criaturas; partes que pareciam úteis, mas que deveriam ter se mostrado um engano; ideias que ele tinha deixado de lado e depois esquecido. [...] Apareceu, inclusive, um pedaço de sol.

Deus coçou a cabeça. O que fazer com todo aquele entulho?

Ted Hughes, *Leftovers*



Lá vinha ela novamente! Elinor Loredan. Um nome que parecia ter sido por ele inventado. Praguejando, Fenoglio puxou o cobertor sobre o rosto. Não era suficiente que ela fosse uma sabe-tudo, cabeça-dura e teimosa como um burro? Além de tudo isso ainda tinha que madrugar? Provavelmente mal começara a amanhecer o dia.

— Hum, isto aqui não parece muito inspirador! — Seus olhos fixaram-se no papel em branco que estava ao seu lado sobre o chão.

E ela parecia já desagradavelmente acordada. — Não dizem que é bem cedo de manhã que as musas beijam mais docemente? Acho que li algo assim! — Bah! Como se ela entendesse algo de beijos! E ele, não tinha direito a algumas horas de sono (já que não havia mesmo nenhum vinho decente naquela maldita caverna)? Não acabara de salvar o Príncipe Negro? Bom, ele ainda estava um pouco fraco e não comia muito, como comentava Minerva todas as vezes preocupada, mas estava vivo.

Ele até havia voltado a caçar, apesar de Roxane ter lhe proibido, mas afinal, as crianças tinham que ser alimentadas, coisa que não

era fácil naquela época do ano, e os pequenos estavam sempre com fome — quando não pediam a ele ou a Darius que lhes contassem uma história, algumas brincadeiras com fogo para Farid, ou que Meggie lhes cantasse algumas canções sobre o Gaio, o que ela agora fazia melhor que Baptista.

Sim, talvez eu devesse fazer isso primeiro, pensou Fenoglio enquanto virava as costas demonstrativamente para a senhora Loredan. Escrever um pouco mais sobre animais silvestres, fáceis de caçar, carnudos e suculentos...

— Fenoglio! — Ela realmente puxou o seu cobertor! Era inacreditável!

Quartzo Rosa esticou a cabeça para fora da bolsa onde passara a dormir ultimamente, e esfregou os olhos adormecidos.

— Bom dia, Quartzo Rosa. Prepare o papel e apronte as penas.

Esse tom! Parecia uma enfermeira. Fenoglio deu um suspiro e sentou-se. Ele realmente era muito velho para dormir no chão de uma caverna úmida. — Esse é o *meu* homem de vidro, e ele faz apenas o que eu digo! — rosnou ele, mas antes que se recompusesse, Quartzo Rosa passou apressado por ele, nos lábios rosa o mais doce sorriso.

O que pelo diabo da tinta significava aquilo? Esse traidor cabeça de vidro! Mostrava-se tão servil obedecendo às ordens dela. Mas quando era ele quem lhe pedia alguma coisa, não era nem um pouco tão eficiente.

— Maravilha! — murmurou a senhora Loredan. — Muito obrigada, Quartzo Rosa.

Elinor. Eu teria lhe dado um outro nome, pensou Fenoglio enquanto calçava seus pés congelados nas botas. Algo mais belicoso... Pentésileia ou Boadiceia, ou seja lá como for que se chamavam as amazonas... Céus, como fazia frio naquela caverna, mais isso ainda. Você não poderia mudar um pouco o clima, Fenoglio? Será que ele podia?

Ao soprar entre suas mãos frias, a visita indesejada lhe estendeu um caneco fumegante. — Aqui. O gosto não é nenhuma maravilha, mas está quente. Café de casca de árvore. Ah, Quartzo Rosa é realmente um homem de vidro adorável! — sussurrou-lhe ela com

confiança. — Jaspis é também muito simpático, mas ele é tão tímido. E esse cabelo cor-de-rosa! — Quartzo Rosa passou os dedos pelos cabelos com vaidade. Ah sim, os ouvidos dos homens de vidro eram afiados como os de uma coruja (por isso eram ideais para espionar, apesar dos seus membros frágeis), e Fenoglio teve vontade de enfiar aquele baixote vaidoso em seu odre de vinho vazio.

Ele bebeu um gole da bebida quente — bah, o gosto era realmente horrível —, levantou-se e mergulhou o rosto na vasilha com água que Minerva lhe trouxera à noite. Estaria vendo coisas ou havia se formado realmente uma camada de gelo?

— Você realmente não entende nada de escrita, Loredan! — disse ele. Sim, Loredan — de agora em diante ele a chamaria assim! Combinava muito melhor do que o florido “Elinor”. — Em primeiro lugar, a manhã é o pior de todos os momentos, porque o cérebro parece uma esponja molhada. Em segundo lugar, a verdadeira escrita surge somente depois de olhar para o nada e esperar pelas ideias corretas.

— Sim, isso com certeza você faz extremamente bem! — Ah sim, aquela língua era ferina. — A seguir você vai me dizer que se entupir de aguardente e hidromel incentiva o fluxo de ideias.

Havia Quartzo Rosa balançado a cabeça concordando com ela? Ele o expulsaria para a floresta onde poderia aprender com seus primos selvagens a comer caracóis e besouros.

— Bom, Loredan, com certeza você sabe faz tempo como esta história deve acabar! Deixe-me adivinhar: provavelmente um pardal morto de frio te grasnou o final ontem, quando você, sentada diante da caverna, contemplava minha floresta e minhas fadas! — Maldição, suas calças haviam rasgado novamente!, e Baptista quase não tinha mais linha para remendar.

— Tecelão de Tinta? — Despina apareceu por trás do muro e por alguns maravilhosos momentos o fez esquecer onde ele estava. — Você quer tomar café da manhã?

Ah, a boa Minerva. Ela continuava cuidando dele como se ainda estivessem em sua casa em Ombra. Fenoglio suspirou. Belos tempos, bons tempos...

— Não, obrigado, Despina — respondeu ele com um olhar de soslaio para sua outra visita. — Diga a sua mãe que acabaram com o meu apetite logo cedo de manhã.

Despina trocou um olhar com Elinor, cuja única interpretação era a de que se tratava de um mudo e unânime escárnio contra a sua pessoa. Céus! Estariam os filhos de Minerva agora também do lado de Loredan?

— Agora são dois dias desde que Resa partiu, sem falar do Afanador, mas para que ela deixou o livro com você se você passa o dia inteiro dormindo ou bebendo vinho ruim com Baptista?

Deus, como era belo o mundo quando ele ainda não tinha aquela voz o tempo todo em seus ouvidos!

— Você deve isso a Mortimer, separar algumas palavras para ele! Quem mais poderia ajudá-lo? O Príncipe Negro está muito fraco, e a pobre filha de Mortimer só faz esperar que você finalmente lhe dê algo para ler. Mas não. *Está muito frio, o vinho é ruim, as crianças fazem muito barulho. Como é possível escrever desse jeito?* Quando se trata de reclamar, nunca te faltam palavras!

Ali! Quartzo Rosa concordando com a cabeça novamente! Vou misturar sopa na sua areia, pensou Fenoglio, tanta sopa que ele vai se dobrar em cãibras assim como o Príncipe Negro — mas para ele não vou escrever nenhuma maldita palavra de salvação!

— Fenoglio! Você está me ouvindo? — Como ela o olhava, feito uma professora que repreende o aluno por não ter feito o dever de casa!

O livro, sim. Resa o deixara com ele. E daí? De que iria ajudar? Apenas o lembrava como era fácil para ele contar histórias antes que ele começasse a colocar cada palavra no papel com a certeza de que ela poderia se tornar realidade!

— Não pode ser tão difícil! Mortimer já fez quase todo o trabalho pra você! Ele vai fingir para o Cabeça de Víbora que é capaz de curar o livro, Violante vai distrair o seu pai e Mortimer escreverá as três palavras nele. Talvez ainda haja um duelo com o Pífaros — essas coisas ficam muito bem numa história —, o Dançarino de Fogo provavelmente fará também a sua apresentação (apesar de eu continuar não gostando dele) e, sim!, você poderia dar um papel

também para Resa. Ela poderia deter esse horrível Afanador, eu não sei como, mas você vai pensar em alguma coisa...

— Quieta! — trovejou Fenoglio, tão alto que Quartzoso Rosa se escondeu assustado atrás do tinteiro. — Mas que monte de bobagens! Mas isso é típico. Os leitores e as suas ideias! Ah sim, o plano de Mortimer parece realmente bom, simples e direto, mas bom. Ele engana o Cabeça de Víbora com a ajuda de Violante, escreve as suas palavras, Cabeça de Víbora morto, Gaio salvo, Violante, a senhora de Ombra — maravilha. Eu tentei escrevê-la ontem à noite. Não funciona. Palavras mortas! Esta história não gosta dos caminhos mais fáceis. Ela está planejando outra coisa, eu posso sentir. Mas o quê? Eu incluí o Pífaros, dei um papel maior a Dedo Empoeirado, mas então... falta alguma coisa! Falta alguém! Alguém que sabote totalmente o belo plano de Mortimer. O Afanador? Não, ele é muito burro para isso. Mas quem então? O Pássaro Tisnado?

Ela o olhava tão assustada. Melhor assim. Finalmente ela entendia. Mas já no momento seguinte a sua resistência estava de volta. Era um milagre que ela não se jogasse no chão feito uma criança e tivesse um ataque. Ela era uma criança, fantasiada de mulher um pouco gorda da Idade Média.

— Mas isso é um monte de absurdos! Você é o autor. Ninguém mais!

— Ah é? Então por que é que Cosme está morto? Eu por acaso escrevi que Mortimer encaderna o livro que faz o Cabeça de Víbora apodrecer em vida? Não. Foi ideia minha que o Afanador tivesse inveja dele e que a Feia de repente resolvesse matar o seu pai? De jeito nenhum. Eu apenas plantei essa história, mas ela cresce do jeito que ela quer, e todos exigem que eu preveja as flores que vão surgir dela!

Meu Deus. Aquele olhar de descrédito como se ele estivesse lhe falando do Papai Noel. Mas enfim ela levantou o queixo (um queixo bastante proeminente, deve-se dizer), e aquilo nunca significava algo bom.

— Desculpas! Nada além de desculpas! Você não consegue pensar em nada, e Resa está a caminho do castelo. E se o Cabeça

de Víbora chegar muito antes dela? E se ele desconfiar de sua filha e Mortimer estiver morto antes mesmo...

— E se Mortola estiver de volta, como diz Resa? — interrompeu-a Fenoglio rudemente. — E se o Afanador matar Mortimer porque está com inveja do Gaio? E se Violante entregar Mortimer a seu pai porque ela não suporta ser rejeitada mais uma vez por um homem? E se o Pífaró, e se o filho malcriado de Violante, e se, e se, e se...? — Sua voz ficou tão alta que Quartzó Rosa se escondeu debaixo do cobertor.

— Quer parar de gritar desse jeito! — A senhora Loredan soou estranhamente contida. — A cabeça do pobre Quartzó Rosa vai acabar explodindo.

— Não, não vai não, porque a sua cabeça é que nem uma casa de caracol vazia. A minha, ao contrário dela, tem que pensar em coisas muito complicadas, questões relativas a vida e morte, mas as pessoas têm compaixão com o meu homem de vidro e eu sou jogado para fora da cama apesar de ter passado metade da noite acordado tentando ouvir para onde esta história vai!

Ela ficou em silêncio. Ela realmente ficou em silêncio. Mordia o lábio inferior de modo surpreendentemente feminino e, perdida em pensamentos, tirava algumas folhas do vestido que Minerva lhe dera. Seu vestido estava sempre coberto de folhas, bardanas e titica de coelho, não era de se espantar, já que ela passeava o tempo todo pelo bosque, Elinor Loredan amava o seu mundo, sim, ela o amava, mesmo que obviamente jamais o confessasse — e ela o compreendia tão bem quanto ele.

— E se, como seria se ao menos você fizesse com que ganhássemos um pouco de tempo? — a sua voz soou menos segura do que de costume. — Tempo para pensar, tempo para escrever! Tempo para que Resa talvez tenha realmente uma chance de avisar Mortimer sobre a gralha e o Afanador. Talvez podia quebrar-se uma das rodas da carruagem do Cabeça de Víbora. Ele viaja numa carruagem, não é? — Caramba. A ideia não era ruim. Por que ele não pensara nisso antes?

— Eu posso tentar — resmungou ele.

— Maravilha. — Ela sorriu aliviada, e o seu olhar tornou-se novamente seguro. — Vou pedir a Minerva para lhe fazer um chá de gosto mais agradável — disse ela olhando para trás. — Chá ajuda a pensar muito mais do que o vinho. E seja simpático com Quartzo Rosa.

O homem de vidro sorriu da forma mais repugnante para ela e Fenoglio deu-lhe um chute que o fez cair de costas.

— Misture a tinta, seu traidor puxa-saco! — disse ele enquanto o homem de vidro se levantava com expressão magoada.

Minerva realmente trouxe o chá. Havia inclusive um pouco de limão nele, e no lado de fora da caverna as crianças riam, como se o mundo estivesse em ordem.

“Ponha-o em ordem, Fenoglio!”, pensou ele. “Loredan está certa. Você ainda é o autor desta história. O Cabeça de Víbora está a caminho do Castelo no Lago e Mortimer está esperando lá por ele. O Gaio se prepara para a sua mais bela canção. Escreva-a para ele! Escreva até o final o papel de Mortimer, o papel que ele interpreta tão convincentemente como se houvesse nascido com o nome que você lhe deu. As palavras te obedecem novamente. Você tem o livro. Orfeu está esquecido. Continua sendo a sua história. Dê-lhe um final feliz!”

Sim. Ele iria conseguir. E a senhora Loredan ficaria finalmente sem palavras e lhe concederia o respeito que lhe deve. Mas primeiro ele deveria deter o Cabeça de Víbora (e esquecer que aquela havia sido ideia dela).

Lá fora as crianças faziam barulho. Quartzo Rosa conversava com Jaspis que estava sentado entre as penas recém-apontadas, e o olhava com olhos enormes. Minerva trouxe sopa e Elinor espiava sobre o muro como se ele não pudesse vê-la. Mas rapidamente Fenoglio deixou de perceber todas essas coisas. As palavras tomaram conta dele assim como faziam antigamente, deixaram-no cavalgar em suas costas negras de tinta, tornaram-no cego e surdo para aquilo que o rodeava, até que ele ouvisse apenas o chiado das rodas da carruagem sobre a terra congelada e o estalo da madeira pintada de negro. Os dois homens de vidro mergulhavam as penas na tinta, tão rápido vinham as palavras. Grandes palavras. Palavras

de Fenoglio. Ah, ele tinha esquecido completamente como as palavras podiam embriagar. Nenhum vinho era comparável...

— Tecelão de Tinta! — Fenoglio levantou a cabeça irritado. Ele já estava dentro das montanhas, a caminho do Castelo no Lago, sentindo a carne apodrecida do Cabeça de Víbora como se fosse a própria...

Baptista surgiu diante dele, o rosto preocupado, e as montanhas sumiram. Fenoglio estava de volta à caverna rodeada de ladrões e crianças esfomeadas. O que tinha acontecido? O Príncipe Negro havia piorado novamente?

— Doria voltou de uma de suas excursões. O garoto está quase morto, ele teve que correr quase a noite toda. Ele disse que o Pardal está vindo para cá e que ele sabe desta caverna. Ninguém sabe dizer quem lhe contou.— Baptista coçou a face com cicatrizes de varíola. — Eles trazem cães consigo. Doria diz que hoje à noite eles estarão aqui. Isto significa que temos que partir

— Partir? Mas para onde?

Para onde com todas aquelas crianças das quais algumas já estavam quase loucas de saudade? Fenoglio viu no rosto de Baptista que os ladrões também não tinham uma resposta.

Maravilha! E o que diz a nossa esperta madame Loredan agora? Como é possível escrever nestas condições? — Diga ao Príncipe que já vou falar com ele.

Baptista concordou. Quando se virou, Despina se aproximou dele. Seu pequeno rosto estava preocupado. As crianças percebem imediatamente quando há algo errado. Elas estão acostumadas a adivinhar aquilo que não lhes contamos.

— Venha aqui! — Fenoglio chamou-a para si enquanto Quartzo Rosa secava com uma folha de bordo as palavras recém-escritas. Fenoglio colocou Despina no seu colo e passou os dedos pelos seus cabelos claros. Crianças... ele perdoava muita coisa dos seus vilões, mas desde que o Píforo resolvera caçar as crianças queria apenas escrever-lhe um final, um final sangrento. Se ao menos ele já tivesse escrito alguma coisa! Mas agora isso teria que esperar, assim como a canção do Gaio. Para onde com as crianças? Pense, Fenoglio. Pense!

Desesperado ele passou a mão pela testa enrugada. Céus, não era de surpreender que de tanto pensar surgissem aquelas rugas no rosto.

— Quartzo Rosa! — disse para o homem de vidro. — Chame Meggie. Diga-lhe que deve ler o que eu escrevi mesmo que ainda não esteja pronto. Tem que ser suficiente!

O homem de vidro saiu com tanta pressa que tropeçou no vinho que Baptista lhe trouxera, e o cobertor de Fenoglio se tingiu como se nadasse em sangue. O livro! Preocupado ele o puxou para fora do cobertor úmido. *Coração de tinta*. Ele continuava gostando do título. O que aconteceria se as suas páginas ficassem molhadas? Será que o seu mundo começaria a apodrecer? Mas o papel estava seco. Somente um canto da encadernação estava úmido. Fenoglio limpou-o com a manga.

— O que é isso? — Despina tirou-lhe o livro das mãos. É claro! Onde é que ela poderia ter visto um livro antes? Ela não crescera num castelo ou na casa de um comerciante rico.

— Isso é uma coisa que guarda histórias em seu interior — disse Fenoglio.

Ele ouviu o Espanta-elfos chamar as crianças, ouviu as vozes nervosas das mulheres, os primeiros choros. Despina prestava atenção preocupada, mas depois voltou a olhar para o livro.

— Histórias? — Ela folheou as páginas como se esperasse que as palavras caíssem de dentro delas. — Que histórias? Você já nos contou alguma delas?

— Não esta. — Fenoglio tirou delicadamente o livro de suas mãos e olhou para a página que ela abria. Suas próprias palavras o olhavam de volta, escritas havia tanto tempo que soavam como as palavras de uma outra pessoa.

— Que história é essa? Você conta pra mim?

Fenoglio olhou para suas velhas palavras, escritas por um Fenoglio que não era mais ele, um Fenoglio cujo coração era tão mais jovem, tão mais despreocupado — tão menos vaidoso, diria a senhora Loredan provavelmente: *Havia grandes maravilhas ao norte de Ombra. Quase nenhum de seus habitantes as haviam visto alguma vez. Mas as canções dos menestréis falavam delas, e*

quando os camponeses conseguiam fugir por alguns momentos do trabalho nos campos, eles imaginavam estar na margem do lago do qual se dizia que os gigantes usavam como espelho e imaginavam como as ninfas que moravam dentro dele surgiam das águas e os levavam consigo para castelos feitos de pérolas e madrepérolas. Quando o suor lhes escorria pelo rosto, eles cantavam em voz baixa essas canções que falavam de montanhas brancas de neve e dos ninhos que os humanos haviam construído em suas imensas árvores, quando os gigantes começaram a roubar suas crianças.

Ninhos... imensas árvores... roubar suas crianças... céus, era isso!

Fenoglio pegou Jaspis e colocou-o sobre o ombro de Despina. — Jaspis vai te levar para sua mãe — disse ele antes de passar por ela. — Eu tenho que falar com Príncipe.

“A senhora Loredan está certa, Fenoglio!”, pensou ele enquanto abria caminho rapidamente pelas crianças inquietas, as mães chorosas, os ladrões sem saber o que fazer. “Você é um velho cabeça-dura, que por causa do seu cérebro enevoado pelo vinho não conhece nem mais a própria história! Provavelmente Orfeu sabe mais sobre o seu mundo do que você.”

Mas o seu eu vaidoso, que ficava entre a testa e o peito, discordou na mesma hora. Como você poderia se lembrar de tudo, Fenoglio?, murmurou ele. São simplesmente muitas histórias! A sua capacidade imaginativa é inesgotável.

Sim. Sim, ele era um velho vaidoso. Ele confessava. Mas tinha todos os motivos para sê-lo.



51. Os falsos ajudantes



*Nunca sabemos que vamos embora
Fazemos piadas e fechamos a porta;
O destino desce o ferrolho
No silêncio afundamos*
Emily Dickinson, XCIX



Mortola estava em cima de um teixo rodeada de folhas quase tão negras como as suas penas. Sua asa esquerda estava doendo. Os dedos carnudos do empregado de Orfeu quase a haviam quebrado, somente o seu bico a salvara. Ela bicara o seu nariz horroroso até sangrar, mas ainda não sabia como havia conseguido voar para fora da tenda. Desde então ela só conseguia voar curtas distâncias. E o que era pior, ela não conseguia mais se separar do pássaro apesar de não ter engolido mais nenhuma semente fazia tempo. Quanto tempo fazia desde que ela fora um ser humano pela última vez? Dois, três dias? A gralha não conta os dias, ela só pensava em besouros e minhocas (oh, minhocas carnudas e brancas!), no inverno e no vento e nas pulgas em suas penas.

O último que ela havia visto como gente havia sido o Afanador, e sim, ele faria o que ela lhe sussurrara e atacaria o Cabeça de Víbora no bosque, mas em agradecimento pelo bom conselho ele a chamara de bruxa maldita e tentara agarrá-la para que seus homens a matassem a golpes. Ela mordera a sua mão, lhes lançara faíscas até que eles se afastassem e nos arbustos engolira novamente as sementes para voar até Orfeu — apenas para que seu empregado quase lhe quebrasse as asas — arranque os seus olhos! Arranque os olhos de todos eles! Enterre suas garras em seus rostos idiotas!

Mortola soltou um grasnido lamurioso, e os ladrões olharam em sua direção como se ela anunciasse a morte. Eles não compreendiam que a gralha era a velha mulher que haviam tentado matar fazia alguns dias. Eles não entendiam nada. O que eles iriam fazer com o livro sem a sua ajuda caso realmente ele viesse parar em suas mãos sujas? Eles eram tão burros como as minhocas que ela arrancava da terra. Será que eles pensavam que bastava sacudir o livro ou abrir suas páginas apodrecidas para que chovesse o ouro que ela havia lhes prometido? Não, provavelmente eles não pensavam nada enquanto estavam ali sentados entre as árvores esperando que anoitecesse e pudessem se esgueirar até a trilha por onde passaria a carruagem negra. Em poucas horas eles iriam enfrentar o Víbora. E o que faziam? Bebiam aguardente que roubaram de algum carvoeiro, sonhavam com a riqueza futura e gabavam-se de como iriam matar primeiro o Víbora e depois o Gaio. E as três palavras?, a gralha queria grasnar para eles lá embaixo. Qual de vocês idiotas pode escrever no livro em branco?

Mas teria o Afanador por acaso pensado nisso?

— E quando tivermos o livro — disse ele enrolando a língua — então prenderemos o Gaio e o obrigaremos a escrever ali as três palavras e, quando o Víbora for morto e estivermos nadando em ouro, nós o matamos, já que eu estou totalmente cansado de ouvir essas canções idiotas sobre ele.

— Sim, no futuro eles cantarão sobre nós! — tartareou o Lagartixa enquanto dava ao corvo sobre o seu ombro um pedaço de pão embebido em aguardente. O corvo era o único que sempre voltava a olhar para Mortola. — Seremos mais famosos que todos eles! Mais famosos que o Gaio, mais famosos que o Príncipe Negro, mais famosos que o Raposa Vermelha e seus incendiários, mais famosos que... como se chamava mesmo seu antigo senhor?

— Capricórnio.

Aquele nome entrou no coração de Mortola como uma agulha em chamas, e ela se encolheu sobre o galho onde estava enquanto pensava saudosa em seu filho. Ver seu rosto apenas mais uma vez, trazer-lhe a comida apenas mais uma vez, cortar-lhe o cabelo claro...

Ela soltou outra vez um grito estridente, e a sua dor e o seu ódio ecoaram pelo vale escuro onde os ladrões pretendiam atacar o senhor do Castelo da Noite.

Seu filho. Seu filho. Seu maravilhoso cruel filho. Mortola arrancou as penas do peito como se pudesse diminuir a dor em seu coração.

Morto. Perdido. E o seu assassino fazia o papel de ladrão nobre, exaltado por esse bando de imbecis que antes tremera diante do seu filho! Sua camisa havia se tingido de vermelho, a vida escorrera para fora dele, mas a pequena bruxa o salvara. Será que ela sussurrava agora também alguma coisa? Eu vou bicar o rosto dos dois, com tanta eficiência que a criada traidora não vai mais reconhecê-la... Resa... ela te viu, Mortola, sim ela te viu, mas o que ela pode fazer?

Ele foi sozinho, e ela joga o jogo que todas as mulheres neste mundo jogam, o jogo da espera... Lagarta!

Mortola bicou com pressa o corpo peludo. Lagarta, lagarta, gritava uma voz dentro dela. Maldito cérebro de pássaro. No que ela estava pensando agora há pouco? No assassinato. Sim. Na vingança. O pássaro também conhecia essa sensação. Ela sentia como as penas se eriçavam e o bico afundava na madeira onde ela estava pousada como se fosse a carne de Gaio.

Um vento frio soprou pela árvore e balançou os galhos sempre verdes. A chuva começou a cair nas penas de Mortola. Hora de voar para baixo. Debaixo dos teixos negros onde ela se esconderia dos ladrões para tentar novamente livrar-se do pássaro e sentir-se enfim outra vez na carne humana.

Mas o pássaro pensava: Não! Hora de enfiar o bico entre as plumas, hora de adormecer no vaivém dos galhos. Bobagem! Ela se incorporou, balançou a pequena cabeça idiota, chamou seu próprio nome em pensamentos. Mortola. Mortola. A mãe de Capricórnio...

Mas o que era aquilo? O corvo sobre o ombro do Lagartixa colocava a cabeça para trás e abria as asas. O Afanador levantou-se, mal conseguia se manter em suas pernas, desembainhou sua espada e gritou para que os outros o seguissem. Mas os homens do Víbora já estavam entre as árvores. O líder, um homem magro com rosto de gavião, olhos inexpressivos como os de um morto. Quase

casualmente, enfiou a espada no peito do primeiro ladrão. Três soldados atacaram o Afanador ao mesmo tempo e ele os atingiu, apesar de sua mão certamente ainda doer por causa da bicada de Mortola, mas, à sua volta, seus homens morriam como moscas.

Oh sim, iriam cantar canções sobre eles, mas seriam canções sarcásticas, sobre os idiotas que acharam que poderiam atacar o Cabeça de Víbora como a um comerciante rico qualquer.

Mortola soltou um grasnido lamurioso, enquanto debaixo dela as espadas perfuravam os corpos. Não, esses ajudantes não serviam. Agora sobrava apenas Orfeu com sua mágica de tinta e sua voz aveludada.

O rosto de gavião limpou sua espada no casaco de um morto e olhou em volta. Mortola se encolheu automaticamente, mas a gralha olhava ansiosa para baixo, para as armas brilhantes, anéis e fivelas de cinto. Elas ficariam tão bem em seu ninho, e à noite trariam o brilho das estrelas do céu. Não restava um único ladrão em pé. Até mesmo o Afanador estava de joelhos. O cara de gavião deu um sinal aos seus homens e eles o arrastaram até ele. “Agora você vai morrer, seu idiota!”, pensou Mortola com amargura. “E a velha que você queria assassinar vai presenciar a tua morte.”

O cara de gavião fez algumas perguntas ao Afanador, bateu-lhe no rosto e interrogou-o novamente. Mortola inclinou a cabeça para ouvir melhor. Voou até os galhos mais baixos, protegida pelas folhas.

— Ele estava morrendo quando partimos — a voz do Afanador ainda denotava obstinação, mas estava rouca de medo. O Príncipe Negro. Eles falavam dele. Fui eu, quis dizer Mortola. Eu, Mortola, o envenenei. Perguntem ao Cabeça de Víbora se ele se lembra de mim.

Ela voou um pouco mais para baixo. O assassino esquelético estava ali falando das crianças? Sabia ele da caverna? Mas como? Oh, se a cabeça idiota ao menos pudesse pensar!

Um dos soldados puxou a espada, mas o Gavião mandou em tom rude que a guardasse novamente. Ele deu um passo para trás e indicou aos seus homens que fizessem o mesmo. O Afanador, ainda de joelhos entre seus homens mortos, levantou a cabeça surpreso.

Mas a gralha, que ainda havia pouco quisera descer voando para tirar os anéis dos dedos sem vida e arrancar botões de prata, olhava agora imóvel do seu galho e tremia de medo enquanto na cabeça idiota de pássaro uma voz gritava: Morte, morte, morte! E então surgiu ele, negro-mofo, entre as árvores, a respiração arfante como a de um cão grande, sem formas e mesmo assim parecendo humano — um íncubo. E o Afanador começou a implorar em vez de amaldiçoar e o cara de gavião o observou com seus olhos mortos enquanto seus homens se escondiam entre as árvores. O íncubo, porém, se aproximou do Afanador como se a noite abrisse uma boca com mil dentes, e trouxesse a ele a pior de todas as mortes.

O que importa? Acabe com ele!, pensou Mortola enquanto seu corpo emplumado tremia como folhas de álamo. Acabe com o idiota! Ele não me serviu de nada! Orfeu terá que ajudar agora. Sim. Orfeu...

Orfeu... Pareceu-lhe como se o seu nome adquirisse corpo ao pensar nele.

Não, não podia ser. Não podia ser Orfeu aquele que aparecera ali de repente, sob as árvores e diante de cujo sorriso idiota o íncubo se encolheu como um cão.

Mas quem contara ao Cabeça de Víbora sobre os ladrões, Mortola? Quem?

Orfeu examinava as árvores com seus olhos de vidro. Então levantou a mão pálida e gorda, e indicou a gralha, que se encolheu quando o seu dedo apontou para ela.

Voe, Mortola! Voe! A flecha a atingiu no ar, e a dor mandou o pássaro embora. Ela já não tinha mais asas ao cair, cair e cair pelo ar frio. Eram ossos humanos o que se quebrou quando ela chegou ao chão. E a última coisa que ela viu foi o sorriso de Orfeu.



52. Os mortos na floresta



*A tarde inteira anoitecia,
Nevava
E havia ainda mais neve no ar
O melro pousou
Nos braços de um cedro.
Wallace Stevens, *Thirteen
ways of looking at a Blackbird**



Adiante, adiante, sempre adiante. Resa sentia-se mal novamente, mas não disse nada. E todas as vezes que Homem Forte se virava preocupado para ela, lançava-lhe um sorriso para que ele não fosse mais devagar por sua causa. O Afanador levava mais de meio dia de vantagem, e ela tentava não mais pensar na gralha.

Anda, Resa. Anda. É só um pouco de enjoo. Mastigue as folhas que Roxane te deu e ande. A floresta que eles atravessavam havia dias era mais escura que a Floresta sem Caminhos. Ela nunca havia estado nessa parte do Mundo de Tinta. Parecia-lhe como se houvesse começado um novo capítulo, nunca antes lido. — Os menestréis a chamam de a floresta onde dorme a noite — explicara-lhe o Homem Forte quando atravessaram um vale que mesmo de dia era tão escuro que ela mal podia ver sua mão diante dos olhos —, mas as mulheres do musgo a batizaram de Floresta Barbuda, por causa dos líquens curativos que crescem nas árvores. — Sim, ela preferia aquele nome. Por causa do gelo muitas árvores realmente pareciam gigantes barbados.

O Homem Forte era um bom reconhecedor de pistas, mas até mesmo Resa teria podido seguir a pista que o Afanador e seus homens haviam deixado atrás de si. Em alguns lugares as marcas

dos passos haviam congelado como se o tempo tivesse parado, em outros elas haviam sido apagadas pela chuva como se esta, junto com as pegadas, tivesse apagado os homens também. Os ladrões não se preocupavam em permanecer incógnitos. Por que também? Eles eram os perseguidores.

Chovia forte. Durante as noites, muitas vezes a chuva se transformava em granizo, mas por sorte havia árvores sempre verdes suficientes debaixo das quais permanecia-se relativamente seco. O frio era extremo quando o sol se punha e Resa estava muito agradecida pela capa de pele que o Homem Forte havia lhe dado. Graças a ele conseguia dormir à noite apesar do frio, a capa e os cobertores de musgo que o Homem Forte criava para eles com restos de árvores.

Continue, Resa, sempre em frente. A gralha voa rápido e o Afanador é ágil com a faca. Um pássaro grasnou na árvore sobre ela, e ela olhou preocupada para cima, mas era apenas um corvo, e não uma gralha que a olhava lá do alto.

— Hac! — O Homem Forte respondeu ao Pássaro Tisnado com um grasnido (até mesmo as corujas falavam com ele) e parou de repente. — Que diabos está acontecendo? — murmurou, e coçou a cabeça tosada.

Resa parou preocupada ao seu lado. — O que foi? Você se enganou de caminho?

— Eu? Nem em mil anos e em nenhuma floresta deste mundo! Muito menos nesta aqui. — O Homem Forte se agachou e examinou as pegadas sobre as folhas congeladas. — Meu primo me ensinou a caçar aqui. Foi ele quem me mostrou como conversar com os pássaros e fazer cobertores a partir das barbas das árvores. Foi ele também quem me mostrou o Castelo no Lago. Não, é o Afanador quem está se distanciando do caminho, não eu. Ele está indo muito a oeste!

— Seu primo? — Resa olhou para ele curiosa. — Ele também é um ladrão?

O Homem Forte balançou a cabeça. — Ele faz parte dos incendiários — disse ele sem olhar para Resa. — Desapareceu junto com Capricórnio e nunca mais voltou. Era um cara grande e feio,

mas eu sempre fui mais forte, mesmo quando éramos crianças. Com frequência me pergunto por onde ele anda. Ele era um maldito incendiário, mas era o meu primo, se você entende o que quero dizer.

Grande e feio... Resa evocou os homens de Capricórnio à memória. Nariz Chato? A voz de Mo trouxera-lhe a morte, Homem Forte, pensou ela. Você continuaria protegendo-o se soubesse disso? Sim, provavelmente você o faria.

— Vamos ver por que ele está desviando do caminho — disse ela.
— Vamos atrás do Afanador.

Não demorou para que o encontrassem, a ele e seus homens, num clarão, escuro por causa das folhas secas. Os mortos estavam ali como se as árvores os houvessem expulsado junto com suas folhas, e os corvos já bicavam em sua carne. Resa deu um passo para trás assustada ao ver o cadáver do Afanador.

— O que foi isso?

— Um íncubo! — a resposta do Homem Forte era quase inaudível.

— Um íncubo? Mas eles matam de medo, nada além disso. Eu já vi!

— Só se os incomodarem. Se permitirem, eles devoram também.

Uma vez Mo lhe dera de presente um casulo do qual havia saído uma libélula, por baixo da pele vazia ainda era possível distinguir cada membro. Não havia sobrado muito mais do que aquilo do Afanador, e Resa vomitou ao lado do morto.

— Não estou gostando nada disso. — O Homem Forte observou as folhas secas cheias de sangue. — Chega a parecer que os homens que os mataram assistiram ao íncubo enquanto devorava, como se o tivessem trazido consigo como o Príncipe ao seu urso! — Ele olhou em volta, mas nada se movia. Somente os corvos esperavam nas árvores.

O Homem Forte puxou o casaco sobre o rosto morto do Lagartixa.
— Vou seguir as pistas. Descobrir de onde vêm os assassinos.

— Não vai ser necessário. — Resa se inclinou sobre um dos ladrões mortos e levantou sua mão esquerda. Faltava o polegar. — O seu irmão menor me contou que o Cabeça de Víbora tem um novo guarda-costas. Eles o chamam o Polegar. Dizem que ele era

um dos torturadores do Castelo da Noite até que o seu senhor o chamasse. Doria disse que ele é conhecido por cortar o polegar de cada homem que mata e com os ossos manda fazer pequenos apitos para ridicularizar com isso o Pífaros... Dizem que a sua coleção é muito grande.

Resa começou a tremer mesmo que não precisasse mais se preocupar com o Afanador. — Ela não vai poder protegê-lo — sussurrou. — Não, Violante não tem como proteger Mo. Eles vão matá-lo!

O Homem Forte a puxou para si e a abraçou. — O que vamos fazer? — perguntou ele. — Voltar?

Mas Resa balançou a cabeça negativamente. Eles tinham um íncubo com eles. Um íncubo... Ela olhou em volta.

— A gralha — disse ela. — Onde está a gralha? Chame por ela.

— Eu já te disse: ela não fala como um pássaro — disse o Homem Forte, mas mesmo assim imitou a voz de uma gralha. Não houve resposta, mas quando o Homem Forte ia tentar mais uma vez, Resa viu a morta.

Mortola estava um pouco afastada dos outros. Uma flecha atravessava o seu peito. Resa imaginara tantas vezes o que sentiria quando visse morta a mulher a quem ela tivera que servir por tanto tempo. Inúmeras vezes desejara matar ela mesma Mortola, mas agora ela não sentia nada. Havia algumas penas na neve ao lado da morta, e as unhas da mão esquerda ainda se pareciam com as garras de um pássaro. Resa se inclinou e pegou a bolsa no cinto de Mortola. Havia pequenas sementes ali dentro, as mesmas sementes que Mortola tinha ainda nos lábios pálidos.

— Quem é ela? — O Homem Forte olhava incrédulo para a velha mulher.

— A envenenadora de Capricórnio. Você com certeza já ouviu falar dela.

Homem Forte concordou com a cabeça e automaticamente deu um passo para trás. Resa amarrou a bolsa de Mortola em seu cinto. — Quando eu era uma das criadas — ela teve que rir ao ver o olhar estupefato do Homem Forte —, quando eu era uma de suas criadas diziam que Mortola descobrira uma planta cujas sementes podiam

mudar as formas. A pequena morte, chamavam-na as outras criadas e sussurravam que ela podia provocar a loucura se fosse usada em demasia. Elas me mostraram a planta, que também pode matar, mas o outro efeito sempre considerei uma história fantástica. Claramente eu estava errada. — Resa pegou uma das penas negras e colocou-a sobre o peito ferido de Mortola. — Na época diziam que Mortola desistira de usar a pequena morte, porque no corpo de um pássaro ela quase havia sido comida por uma raposa. Mas quando eu vi a gralha na caverna pensei imediatamente que era ela. — Ela levantou-se.

O Homem Forte apontou para a bolsa em seu cinto. — Parece que seria melhor se você deixasse as sementes aqui.

— Você acha que eu deveria? — respondeu Resa. — Sim, talvez. Venha, vamos embora. Em breve vai escurecer.



53. *Ninhos de humanos*



Repara:

ermas de melodia e conceito

elas se refugiaram na noite, as palavras.

Ainda úmidas e impregnadas de sono,

rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

Carlos Drummond de Andrade, *Procura da poesia*



Os pés de Meggie estavam tão frios que ela mal conseguia sentir seus dedos, apesar de estar usando as botas que trouxera do outro mundo. Somente na caminhada interminável dos últimos dias é que todos perceberam como a caverna os havia protegido bem do inverno que se aproximava, e como suas roupas eram finas. Apenas a chuva era pior do que o frio. Ela caía das árvores e transformava a terra em lama, que a noite congelava. Uma menina torcera o pé, Elinor a carregava agora. Todos eles carregavam alguma das crianças menores, mas eles não eram suficientes. O Afanador levara muitos homens consigo e Resa e o Homem Forte também estavam longe.

O Príncipe Negro carregava três crianças de uma vez. Duas nos braços e uma nas costas, apesar de que ele mal comia e que Roxane continuava obrigando-o a descansar. Meggie encostou o rosto no cabelo do garoto que se agarrava em seu pescoço. Beppe, ele a fazia lembrar do neto de Fenoglio. Beppe não pesava muito. Havia dias que as crianças não comiam o suficiente, mas depois de todas as horas em que Meggie caminhara com o pequeno pelo lamaçal, ele parecia-lhe tão pesado como um adulto. — Meggie, cante outra canção! — dizia ele sempre, e ela cantava, a voz baixa, fina do cansaço, sobre o Gaio, é claro. Às vezes esquecia que se tratava também do seu pai. E ao fechar os olhos de vez em quando,

por causa do cansaço, via o castelo que Farid lhe mostrara no fogo: uma construção de pedra sombria sobre a água espelhada. Desesperada ela tentara encontrar Mo entre os muros escuros, mas não o vira.

Ela estava sozinha. Desde que Resa partira, ainda mais. Apesar de Elinor, apesar de Fenoglio, apesar de todas as crianças e, com certeza, apesar de Farid. Desse sentimento de abandono que somente Doria conseguia espantar às vezes, crescera um outro — a sensação de ter que proteger aqueles que estavam tão abandonados como ela, sem pai nem mãe, fugindo no mundo que era para eles tão desconhecido quanto para ela, apesar de que as crianças nunca haviam conhecido outro mundo.

Mesmo Fenoglio, ele apenas havia escrito sobre esse mundo, mas suas palavras eram agora o único mapa que eles podiam seguir.

Ele ia na frente junto com o Príncipe Negro. Despina pendurada em suas costas, mesmo sendo ela mais velha do que algumas das crianças que tinham que andar sozinhas. Seu irmão caminhava com os garotos maiores na frente. Eles pulavam entre as árvores como se seus membros não sentissem cansaço. O Príncipe Negro o chamava sempre de volta e mandou que carregasse os menores assim como as garotas mais velhas o faziam. Farid ia tão na frente com Doria que Meggie não o via tinha mais de uma hora, ele procurava a árvore que Fenoglio descrevera com tanto detalhe e persuasão para o Príncipe Negro que este havia dado ordem de partir. Mas por outro lado, que outra esperança lhes restaria?

— Quanto tempo falta? — Meggie ouviu Despina perguntar, não pela primeira vez.

— Não é longe, não mesmo — respondeu Fenoglio; mas será que ele realmente sabia?

Meggie estava junto quando Fenoglio contou ao Príncipe Negro sobre os ninhos. *Eles parecem ninhos de fadas gigantes, mas foram humanos os que moraram ali dentro, Príncipe! Muitas pessoas. Eles construíram os ninhos quando os gigantes começaram a roubar seus filhos cada vez com mais frequência, e o fizeram em árvores tão altas que nem mesmo os maiores gigantes os alcançavam.*

— O que prova que é muito prático não fazer os gigantes altos demais quando os colocamos numa história! — sussurrara ele para Meggie.

— Ninhos de humanos? — sussurrara ela de volta. — Você pensou nisso agora?

— Bobagem. De onde você tirou isso? — respondera Fenoglio com voz magoada. — Eu por acaso te pedi para lê-los para cá? Não. Este mundo está tão bem fornido que é possível andar muito bem por ele sem ter que inventar alguma coisa o tempo todo — mesmo que Orfeu, aquele idiota, tenha outra opinião. Espero que ele esteja mendigando nas ruas de Ombra como punição por ter colorido as minhas fadas!

— Beppe, ande um pouco agora, sim? — Meggie colocou o garoto que resistia no chão e pegou nos braços uma menina que, de cansaço, já quase não conseguia ficar em pé.

— Falta muito ainda? — Quantas vezes ela fizera essa pergunta a Mo durante as intermináveis viagens de carro ao fim das quais os aguardavam alguns livros doentes. — Falta pouco, Meggie! — ela imaginou poder ouvir a sua voz, e por um momento o cansaço fez com que sentisse que ele colocava seu casaco sobre seus ombros frios, mas era só um galho que roçava em suas costas. Ela escorregou nas folhas caídas úmidas da chuva que cobriam o chão como um tapete, mas a mão de Roxane evitou que ela caísse.

— Cuidado, Meggie — disse ela, e por um momento o seu rosto lhe pareceu mais familiar que o de sua mãe.

— Encontramos a árvore! — Doria surgiu tão de repente diante deles que alguns dos pequenos se assustaram. Ele estava molhado de chuva e tremendo de frio, mas parecia feliz, tão feliz como havia muitos dias não se sentia.

— Farid ficou lá. Ele quer subir e olhar se os ninhos podem ser habitados. — Doria abriu os braços. — Eles são enormes! Vamos ter que construir alguma coisa para levar os pequenos lá pra cima, mas eu já tenho uma ideia!

Meggie nunca o ouvira falar tão rápido. Uma das meninas foi em sua direção e Doria a pegou nos braços e girou em círculos com ela sorrindo. — O Pardal jamais vai nos encontrar lá em cima! — disse

ele. — Agora temos apenas que aprender a voar e poderemos viver tão livres como os pássaros!

As crianças começaram a falar todas ao mesmo tempo, entusiasmadas, até que o Príncipe Negro levantasse a mão. — Onde está a árvore? — disse ele. Sua voz soava pesada de cansaço. Às vezes Meggie tinha medo que o veneno tivesse quebrado algo dentro dele, que tivesse lançado uma sombra na luz que sempre o acompanhara.

— Lá na frente! — Doria apontou entre as árvores molhadas de chuva. De repente até mesmo os pés mais cansados podiam andar novamente.

— Silêncio! — avisou o Príncipe Negro quando as crianças começaram a falar cada vez mais rápido, mas elas estavam entusiasmadas demais para obedecer e a floresta ecoava novamente suas vozes agudas.

— Então, eu não te disse? — Fenoglio apareceu de repente ao lado de Meggie, nos olhos o orgulho do seu mundo, orgulho fácil de despertar.

— Sim, você disse — Elinor se adiantou a Meggie com a resposta, claramente mal-humorada em suas roupas úmidas. — Mas eu ainda não vi como são esses fantásticos ninhos e tenho que confessar que a ideia de ficar em cima de uma árvore com um tempo desses não soa muito atraente.

Fenoglio puniu Elinor com desprezo. — Meggie — murmurou ele. — Como se chama mesmo aquele rapaz? Você sabe, o irmão do Homem Forte.

— Doria?

Doria se virou quando ela pronunciou seu nome e Meggie sorriu para ele. Ela adorava como ele olhava para ela. Seu olhar esquentava seu coração de uma forma muito diferente de como fazia Farid. Tão diferente!

— Doria, murmurou Fenoglio. — Doria. Me parece um nome conhecido.

— Claro, não é de se espantar — disse Elinor sarcástica. — Os Doria eram uma família de nobres italianos muito conhecida.

Fenoglio lançou-lhe um olhar que era tudo menos amigável, mas não chegou a pronunciar a resposta que com certeza tinha na ponta da língua.

— Ali estão eles!

A voz de Ivo soou tão alta na incipiente penumbra que Minerva, num gesto automático, colocou a mão sobre sua boca. Eles estavam lá realmente.

Ninhos de humanos.

E eles eram exatamente como Fenoglio os havia descrito em seu livro. Ele lera as linhas para Meggie. *Ninhos gigantes na copa de uma árvore enorme, cujos galhos sempre verdes chegavam tão alto no céu que suas pontas pareciam se perder entre as nuvens.* Os ninhos eram redondos como os das fadas, mas entre eles pareceu a Meggie ver pontes, redes feitas com cipó, escadas. As crianças se agruparam em volta do Príncipe Negro olhando tão impressionadas para cima como se ele as houvesse levado para um castelo entre as nuvens. O mais feliz de todos, porém, era Fenoglio.

— Eles não são maravilhosos? — disse.

— Eles estão muito lá em cima, isso é certo! — a voz de Elinor não parecia nem um pouco entusiasmada.

— Claro, essa é a ideia! — respondeu Fenoglio rudemente.

Mas também Minerva e as outras mulheres olhavam nem um pouco contentes para eles.

— Onde estão aqueles que moravam antes lá em cima? — perguntou Despina. — Eles caíram lá de cima?

— É claro que não! — respondeu Fenoglio rapidamente, mas Meggie percebeu que ele não tinha a menor ideia do que acontecera com os moradores originais.

— Oh não, eu acho que eles simplesmente ficaram com saudade do solo! — disse Jaspis com sua voz fina de vidro.

Os dois homens de vidro estavam dentro dos bolsos do casaco de Darius. Era o único relativamente vestido para o inverno, mas ele dividia seu casaco generosamente com algumas crianças. Como pintinhos debaixo das asas de uma galinha, ele permitia que elas entrassem debaixo do pano aquecido.

O Príncipe Negro olhou para a estranha moradia, examinou a árvore e ficou em silêncio.

— Podemos subir as crianças em redes — disse Doria. — Podemos usar os cipós como cordas. Farid e eu já tentamos. Eles aguentam.

— Este é o melhor de todos os esconderijos!

Era a voz de Farid lá de cima. Rápido como um esquilo, ele desceu pelo tronco — como se antes, em vez de morar num deserto, houvesse morado em cima das árvores. — Mesmo que os cães do Pardal nos encontrem aqui, lá de cima podemos nos defender!

— Bom, espero que eles não nos encontrem lá em cima — disse o Príncipe Negro. — Mas não há tempo para construir alguma coisa debaixo da terra, e lá em cima espero que consigamos nos manter protegidos, até...

Todos olhavam para ele. Até — sim, até quando?

— Até que o Gaio tenha matado o Cabeça de Víbora! — disse uma das crianças com tanta certeza que o Príncipe sorriu.

— Sim, exatamente. Até que o Gaio tenha matado o Cabeça de Víbora.

— E o Pífaró! — acrescentou um dos garotos.

— Oh sim, ele também, naturalmente. — O olhar que Baptista e o Príncipe Negro trocaram era um equilíbrio entre preocupação e esperança.

— Sim, ele vai matar os dois e aí casar com a Feia e eles vão reinar felizes até o fim da vida! — Despina sorriu tão contente como se visse o casamento diante dela.

— Oh não, não! — Fenoglio olhou para ela consternado. Como se suas palavras pudessem se tornar realidade a qualquer momento. — O Gaio já tem uma esposa, Despina. Você esqueceu a mãe de Meggie?

Despina olhou assustada para Meggie e colocou a mão sobre a boca, mas Meggie passou os dedos sobre o seu cabelo liso. — Parece uma boa história mesmo assim — sussurrou para ela.

— Podem começar a esticar as cordas — disse o Príncipe Negro para Baptista. — E pergunte a Doria como ele quer içar as redes. E

os outros subam nas copas das árvores e verifiquem quais ninhos estão podres.

Meggie olhou para a espessura dos galhos. Ela nunca vira uma árvore como aquela. A casca era de um marrom-avermelhado, mas riscada como a de um carvalho, e o tronco começava a se ramificar já bem lá no alto, mas crescia tão largo para cima que oferecia inúmeros apoios para mãos e pés. Em alguns lugares os cogumelos que brotavam do tronco formavam grandes plataformas. No tronco de altura interminável, fendas cobertas com penas denunciavam que não somente pessoas haviam se aninhado ali. Talvez eu devesse pedir a Doria se ele não gostaria de construir asas para mim, pensou Meggie, e de repente lembrou-se da gralha que tanto medo causara à sua mãe.

“Por que Resa não te levou com ela? Porque ela ainda acha que você é uma criancinha, Meggie!”, pensou ela.

— Meggie? — Uma das crianças colocou os dedos frios em sua mão. Elinor batizara a pequena de Elfa de fogo, por causa dos seus cabelos ruivos, tão vermelhos como se Dedo Empoeirado tivesse semeado chispas dentro dele. Quantos anos teria ela? Quatro? Cinco? Muitas das crianças não sabiam a própria idade.

— Beppe disse que lá em cima há pássaros que comem crianças.

— Bobagem, como é que ele pode saber? Você acha que Beppe já esteve lá em cima? — A elfa sorriu aliviada e lançou um olhar sério para Beppe. Mas o seu rosto tornou-se novamente preocupado quando, os dedos ainda agarrados à mão de Meggie, ouviu junto a ela o relatório que Farid fez para o Príncipe Negro.

— Os ninhos são tão grandes que em cada um podem dormir cinco, talvez até seis de nós! — Ele parecia tão entusiasmado. Como se tivesse realmente esquecido por um momento que Dedo Empoeirado estava de volta e ele mesmo assim continuava sozinho.

— Muitas pontes estão podres, mas lá em cima há cipós e madeira suficientes para consertá-las.

— Nós quase não temos ferramentas — disse Doria. — Primeiro temos que fazer algumas com nossas facas e espadas.

Os ladrões olharam preocupados para as armas em seus cintos.

— A copa é tão fechada que protege bem do vento, mas há brechas em alguns lugares — continuou Farid. — Bons pontos de observação para os sentinelas. Vamos ter que forrar os ninhos como fazem as fadas.

— Talvez fosse melhor que alguns de nós ficassem aqui embaixo — disse o Espanta-elfos. — Nós temos que caçar e...

— Vocês podem caçar lá em cima — interrompeu-o Farid. — Não há apenas bandos de pássaros, eu vi também grandes esquilos e animais com garras, como coelhos. Além do mais, há gatos selvagens lá em cima...

As mulheres se entreolharam preocupadas.

— ... e morcegos e duendes com rabos longuíssimos — prosseguiu Farid. — Há todo mundo lá em cima! Há buracos, e muitos galhos tão espessos que é possível caminhar sobre eles. Crescem flores e cogumelos! É fantástico. Maravilhoso!

Fenoglio riu com seu rosto enrugado feito um rei cujo reino houvesse sido elogiado, e até mesmo Elinor olhou pela primeira vez com vontade para o tronco retorcido. Algumas crianças queriam subir na mesma hora, mas as mulheres as detiveram. — Vocês vão juntar folhas — lhes ordenaram — e musgo e penas de pássaros e o que mais possam encontrar que sirva de forro.

O sol já estava baixo quando os ladrões começaram a estender cordas, tecer redes e construir plataformas de madeira que pudessem ser içadas pelo tronco alto.

Baptista retrocedeu com alguns de seus homens para apagar novamente as pegadas, e Meggie viu como o Príncipe Negro olhava sem saber o que fazer para o seu urso. Como ele iria colocá-lo lá em cima da árvore? E o que fariam com os cavalos? Eram tantas perguntas e ainda não tinham certeza se realmente haviam conseguido se livrar do Pardal.

— Meggie? — Ela estava ajudando Minerva a tecer uma rede com cipós para os mantimentos quando Fenoglio a puxou com ar conspirador.

— Você não vai acreditar! — sussurrou para ela quando pararam no meio das grandes raízes da árvore. — Mas não pense em contar a Loredan. Ela diria mais uma vez que sou um megalomaníaco!

— E o que é que eu não posso contar a ela? — Meggie o olhava sem entender nada.

— Bom, esse rapaz, você sabe quem, aquele, aquele que fica olhando para você e te traz flores e que faz com que Farid fique roxo de ciúmes. Doria...

Acima deles a copa da árvore se tingiu de vermelho sob a luz do sol que se punha, e os ninhos pendurados entre os galhos pareciam frutas negras.

Meggie virou o rosto sem graça. — O que é que tem ele?

Fenoglio olhou em volta como se temesse que Elinor pudesse aparecer atrás dele a qualquer momento. — Meggie, eu acho — disse em voz baixa —, eu acho que o inventei assim como a Dedo Empoeirado e o Príncipe Negro!!

— Bobagem. Do que você está falando? — sussurrou Meggie de volta. — Provavelmente Doria nem havia nascido quando você escreveu o seu livro!

— Sim, sim, eu sei! É isso o que me deixa confuso! Todas essas crianças — Fenoglio mostrou com um gesto as crianças que procuravam entusiasmadas musgo e penas debaixo da árvore —, minha história se põe como ovos, totalmente sem a minha ajuda. Ela é fértil. Mas esse rapaz... — Fenoglio abaixou a voz como se Doria pudesse ouvi-lo, apesar de que ele estava longe, ajoelhado no chão da floresta com Baptista, transformando facas em machado e serras. — Meggie, agora é que vai parecer loucura: eu escrevi uma história sobre ele, mas o personagem com seu nome era adulto! E o que é mais estranho, essa história nunca foi impressa! Provavelmente ela ainda está numa gaveta da minha antiga escrivaninha, ou os meus netos fizeram bolinhas de papel com ela para jogar nos gatos!

— Mas isso é impossível. Não pode ser a mesma pessoa!

Meggie olhou discretamente para Doria do outro lado. Ela gostava de olhar para ele, gostava muito. — E sobre o que é essa história? — perguntou ela. — O que faz esse Doria adulto?

— Ele constrói castelos e muros de cidades. Ele constrói inclusive uma máquina de voar, um relógio que mede o tempo e — ele olha para Meggie — uma prensa para um famoso encadernador.

— É mesmo?— Meggie sentiu-se aquecida de repente, como antes, quando Mo lhe contava uma história especialmente bonita. Para um famoso encadernador. Por um momento ela esqueceu Doria e pensou apenas em seu pai. Talvez Fenoglio já tivesse escrito havia muito tempo as palavras que manteriam Mo vivo. Oh, por favor, ela implorou para a história de Fenoglio. Não deixe morrer o encadernador.

— Doria, o mágico, eu o chamei — sussurrou Fenoglio para ela. — Mas suas mágicas não são com as mãos, como seu pai. E ouça só, vai ficar ainda melhor! Esse Doria tem uma esposa que aparentemente veio de um país distante e, dizem, muitas vezes foi ela quem lhe sugeriu essas ideias. Não é estranho?

— O que há de estranho nisso? — Meggie sentiu-se enrubescer. E justamente naquele momento Farid olhou para ela do outro lado. — E você deu um nome a ela? — perguntou Meggie.

Fenoglio pigarreou sem graça. — Bom, você sabe que às vezes eu sou um pouco negligente com minhas personagens femininas, mas como não consegui encontrar o nome correto para ela simplesmente a chamei sua mulher.

Meggie teve que rir. Sim, era bem típico de Fenoglio. — Mas Doria tem dois dedos paralisados na mão esquerda. Como é que ele vai fazer tudo isso que você diz?

— Mas eu escrevi esses dedos paralisados dele! — disse Fenoglio, esquecendo todo o cuidado. Doria levantou a cabeça e olhou para ela, mas por sorte o Príncipe Negro se aproximou dele naquele momento.

— Seu pai os quebrou — continuou Fenoglio em voz baixa. — Ele estava bêbado. Ele queria bater na irmã de Doria, e Doria tentou protegê-la.

Meggie se encostou contra o tronco da árvore. Sentia como se ouvisse o seu coração bater atrás dela, um coração enorme, de madeira. Era tudo um sonho, apenas um sonho. — E como é que era o nome dessa irmã? — perguntou ela. — Susa?

— E como eu vou saber? — respondeu Fenoglio. — Eu não posso me lembrar de tudo, talvez ela também não tenha um nome, assim como a mulher dele. De qualquer forma, isso vai torná-lo depois

ainda mais famoso, o fato de ter construído essas maravilhas apesar dos seus dedos imobilizados!

— Entendo — murmurou Meggie, e percebeu que tentava imaginar como seria Doria quando fosse adulto. — É uma bela história — disse ela.

— Eu sei — disse Fenoglio, e se apoiou com um suspiro de autossatisfação no tronco da árvore que descrevera havia tantos anos em um livro. — Mas é claro, você não deve falar nem uma palavra sobre isso ao garoto.

— É claro que não. Você tem mais dessas histórias na sua gaveta? Você sabe também o que vai acontecer com os filhos de Minerva ou com Beppe ou com Elfa de fogo?

Fenoglio não chegou a responder.

— Ah, que maravilha! — Elinor apareceu diante deles, os braços cheios de musgo. — Meggie, diga você mesma! Não é este ao seu lado o homem mais preguiçoso deste e de todos os outros mundos? Todos trabalhando e ele aqui parado olhando para o ar!

— Ah é? E Meggie? — respondeu Fenoglio furioso. — Sem falar que vocês não teriam nada pra fazer se o mais preguiçoso de todos os homens não tivesse inventado esta árvore e os ninhos em sua copa!

Elinor não se deixou impressionar nem um pouco com aquele argumento. — Esses malditos ninhos, provavelmente vamos quebrar todos o pescoço — se limitou a dizer. — E eu não tenho certeza se isso é muito melhor do que nas minas.

— Agora, fique calma, Loredan. O Pífaros com certeza não te levaria para as minas! — respondeu Fenoglio. — Porque você provavelmente ficaria entalada no primeiro túnel!

Meggie deixou os dois brigando. Entre as árvores começaram a dançar luzes. Primeiro Meggie pensou que fossem vaga-lumes, mas quando alguns pousaram em sua manga percebeu que eram pequenas mariposas que brilhavam como se a luz da lua estivesse presa nelas.

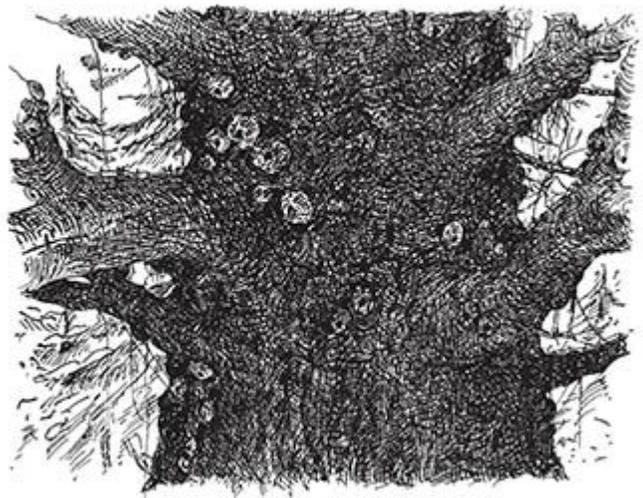
Um novo capítulo, pensou ela e olhou para os ninhos lá em cima. Um novo lugar. Fenoglio pode me contar um pouco sobre o futuro

de Doria, mas o que a sua história pode dizer sobre meu pai, eu não sei. Por que será que Resa não a havia levado consigo?

“Por que sua mãe é esperta!”, dissera-lhe Fenoglio. “Quem além de você poderia ler minhas palavras caso eu encontre as palavras certas? Darius? Não, Meggie, você é a narradora desta história. Se você realmente quer ajudar seu pai, então está ao meu lado, no lugar certo. E Mortimer pensaria com certeza exatamente a mesma coisa!”

Sim, ele pensaria.

Uma das mariposas pousou na sua mão, brilhante como um anel em seu dedo. *Esse Doria tem uma esposa que aparentemente veio de um país distante.* Sim. Era estranho, muito estranho.



54. Um sussurro branco



*Fossem meus os tecidos bordados do céu
ornamentados com luz dourada e prateada
os azuis e negros e pálidos tecidos
da noite, da luz e da meia-luz
os estenderia a teus pés.
Mas eu sendo pobre, tenho apenas os meus sonhos
Eu estendi meus sonhos a teus pés
caminha suavemente, pois caminha sobre meus sonhos.
William Butler Yeats, Aedh deseja os tecidos dos céus*



Das ameias da torre, Dedo Empoeirado contemplou o lago negro noturno onde flutuava a imagem do castelo entre as estrelas. O vento que soprava em seu rosto sem cicatrizes era frio por causa da neve das montanhas em volta, e Dedo Empoeirado sentiu o gosto da vida, como se a saboreasse pela primeira vez. A saudade que ela trazia, e a alegria. Todo o amargo, todo o doce, tudo, mesmo que fosse apenas por um tempo limitado, sempre apenas um tempo limitado, ganhando e perdendo, perdendo e novamente ganhando.

Até mesmo o negro das árvores o embriagava de alegria. A noite se tingira tão negra como se quisesse provar de uma vez por todas que esse mundo era feito somente de tinta. A neve sobre o cume das montanhas não parecia papel?

E se fosse...

Sobre ele a lua queimava como um buraco prateado no meio da noite, e as estrelas a rodeavam como elfos de fogo. Dedo Empoeirado tentava se lembrar se havia visto a lua no reino dos mortos também. Talvez. Por que será que a vida tinha um gosto muito mais doce através da morte? Por que será que o coração só conseguia amar aquilo que podia perder? Por quê? Por que...

As Damas Brancas sabiam de algumas respostas, mas elas não lhes disseram todas. “Mais tarde”, sussurraram elas quando o deixaram partir. “Numa outra vez. Você virá muitas vezes. E partirá muitas vezes.”

Gwin estava ao seu lado sobre as ameias e ouvia inquieta o vaivém das águas. A marta não gostava do castelo. Atrás deles, o Língua Encantada dormia. Os dois haviam decidido, sem dizer uma palavra, dormir ali em cima atrás das ameias da torre, mesmo que fizesse frio. Dedo Empoeirado não gostava de dormir em lugares fechados, e Língua Encantada parecia sentir-se assim também. Talvez, porém, ele quisesse dormir ali em cima porque Violante o levava dia e noite pelos aposentos cheios de desenhos — sem descanso como se procurasse por sua mãe morta ou pudesse assim apressar a chegada do seu pai. Teria alguma filha esperado com tanta impaciência o momento de matar o seu pai?

Violante não era a única que não conseguia dormir. O Ilustrador de Livros estava na câmara com os livros mortos e tentava ensinar a sua mão esquerda o que a direita dominara tão magistralmente. Hora após hora ficava ele ali sentado num púlpito que Brianna havia limpado para ele, e obrigava os dedos sem experiência a desenhar folhas e ramos, pássaros e pequenos rostos, enquanto o toco inútil de braço segurava o pergaminho que ele cuidadosamente trouxera consigo. — Você quer que eu procure um homem de vidro na floresta para você? — perguntara-lhe Dedo Empoeirado, mas Balbulus apenas balançara a cabeça. — Eu não gosto de trabalhar com homens de vidro — respondera ele mal-humorado. — Eles costumam deixar as suas pegadas em meus desenhos!

Língua Encantada dormia inquieto. O sono não lhe trazia paz e naquela noite pareceu ainda pior do que nas noites anteriores. Talvez elas estivessem novamente ao seu lado. Quando as Damas Brancas se esgueiravam nos sonhos não era possível vê-las. Elas visitavam Língua Encantada com mais frequência que ele — como se quisessem ter certeza que o Gaio não as havia esquecido, a elas e ao acordo que ele fizera com sua senhora, a grande Mutaçãõ.

Oh sim, elas estão ao seu lado, passam os dedos frios pelo seu coração. Dedo Empoeirado sentia como se fosse o seu próprio. “Gaio!”, imaginou poder ouvi-las, e tremeu e sentiu saudades ao mesmo tempo. Deixem-no dormir, pensou ele. Deixem-no descansar do medo que o dia lhe traz, medo por si mesmo, medo por sua filha, medo de fazer a coisa errada... deixem-no.

Ele se aproximou de Língua Encantada e colocou a mão sobre o seu coração. Com o rosto pálido ele despertou do sono. Sim, elas haviam estado com ele.

Dedo Empoeirado fez com que o fogo dançasse em seus dedos. Ele conhecia o frio que essas visitas deixavam atrás de si. Fresco e claro, puro como neve, mas o coração congelava. E queimava ao mesmo tempo.

— O que elas sussurravam desta vez? Gaio, a imortalidade está muito perto?

Língua Encantada empurrou para o lado a pele sob a qual ele dormia. Suas mãos tremiam como se houvessem estado por muito tempo imersas em água fria.

Dedo Empoeirado deixou que o fogo crescesse e pressionou novamente a mão sobre o seu coração. — Melhor?

Língua Encantada assentiu com a cabeça. Ele não empurrou sua mão para o lado, mesmo que ela ainda estivesse mais quente do que a pele humana. — Elas jogaram fogo em suas veias para te trazer à vida novamente? — perguntara Farid a Dedo Empoeirado. — Talvez — respondera ele. Ele gostara da ideia.

— Céus, elas devem mesmo te amar — disse ele quando Língua Encantada se levantou bêbado de sono. — Infelizmente, às vezes elas esquecem que o seu amor leva sempre à morte.

— Oh sim, elas esquecem isso. Obrigado por me acordar. — Língua Encantada se aproximou das ameias e contemplou a noite. — Ele está vindo, Gaio. Foi o que elas sussurraram desta vez. Ele está vindo. Sim — ele se virou e olhou para Dedo Empoeirado —, o Pífaros está abrindo caminho. O que elas querem dizer com isso?

— Bom, seja lá o que for — Dedo Empoeirado deixou o fogo se apagar e deu um passo em sua direção —, o Pífaros, do mesmo jeito que o seu senhor, tem que passar pela ponte, sendo assim, vamos

vê-los chegar. — Parecia ainda estranho a Dedo Empoeirado que ele pudesse pronunciar o nome do Píforo sem que isso lhe causasse medo. Mas ele realmente o deixara com os mortos para sempre.

O vento ondulava as águas do lago. Os soldados de Violante recorriam a ponte de lá para cá, Dedo Empoeirado imaginou poder ouvir os passos incansáveis de sua senhora até as ameias, os passos de Violante e o riscar da pluma de Balbulus.

Língua Encantada olhou para ele. — Mostre-me Resa. Assim como você fez com que a mãe de Violante e suas irmãs surgissem do fogo.

Dedo Empoeirado vacilou.

— Vamos lá — disse Língua Encantada. — Eu sei que você conhece o seu rosto quase tão bem quanto eu.

Eu contei tudo a Mo. Resa lhe sussurrara no calabouço do Castelo da Noite. Aparentemente ela não havia mentido. É claro que não, Dedo Empoeirado. Ela entende tão pouco de mentiras como o homem que ela ama.

Ele desenhava uma figura na noite e deixou que as chamas a preenchessem.

Língua Encantada esticou automaticamente a mão, mas seus dedos retrocederam quando o fogo os mordeu.

— E Meggie? — Era tão claro como o amor se mostrava em seu rosto. Não, ele não havia mudado, fosse lá o que os outros diziam. Ele era como um livro aberto com seu coração em chamas e sua voz que poderia acalmar qualquer coisa que ele quisesse, assim como o fogo fazia para Dedo Empoeirado.

As chamas desenharam Meggie na noite e se encheram de vida, tão real que o seu pai se virou bruscamente porque suas mãos se estendiam novamente em direção ao fogo.

— Agora você. — Dedo Empoeirado deixou as figuras de fogo atrás das ameias.

— Eu?

— Sim. Fale-me de Roxane. Faça jus ao seu nome, Língua Encantada.

O Gaio riu e encostou-se nas ameias.

— Roxane? Isso é fácil — disse ele em voz baixa. — Fenoglio escreveu coisas maravilhosas sobre ela.

Sua voz tocou o coração de Dedo Empoeirado quando ele começou a falar. Ele sentia as palavras na pele como se fossem as mãos de Roxane: *Nunca antes Dedo Empoeirado vira uma mulher tão bela. O seu cabelo era negro como a noite que ele tanto amava. Seus olhos guardavam a escuridão debaixo das árvores, as penas dos corvos, a respiração do fogo. Sua pele lhe lembrava a luz da lua sobre as asas das fadas...*

Dedo Empoeirado fechou os olhos e ouviu Roxane respirar ao seu lado. Ele queria que Língua Encantada continuasse falando até que as palavras se transformassem em carne e sangue, mas rapidamente as palavras de Fenoglio haviam terminado e Roxane desapareceu.

— E Brianna? — Língua Encantada pronunciou seu nome e imediatamente Dedo Empoeirado imaginou poder ver sua filha no meio da noite, o rosto distante como ela fazia sempre quando ele se aproximava. — Sua filha está aqui, mas você mal se atreve a olhar para ela. Você quer que eu te mostre Brianna também?

— Sim — disse Dedo Empoeirado em voz baixa. — Sim, mostre-me.

Língua Encantada pigarreou como se quisesse ter certeza que sua voz teria toda sua força. — Sobre sua filha não há nada no livro de Fenoglio, além do seu nome e de algumas palavras sobre uma criança que ela há muito tempo deixou de ser. Então eu só posso falar sobre ela o que todo mundo pode ver.

O coração de Dedo Empoeirado se encolheu como se temesse as palavras que viriam. Sua filha, sua filha distante.

— Brianna herdou a beleza de sua mãe, mas todos que a veem pensam imediatamente em você também — Língua Encantada pronunciava as palavras com cuidado, como se colhesse cada uma delas da noite, como se criasse o rosto de Brianna a partir das estrelas. — O fogo está em seu cabelo e em seu coração, e quando ela se olha no espelho, pensa em seu pai.

Aquele a quem ela não perdoa ter voltado do mundo dos mortos sem trazer Cosme com ele, pensou Dedo Empoeirado. Pare, teve

vontade de dizer para Língua Encantada, esqueça minha filha. Melhor, fale de Roxane novamente. Mas ele se calou e Língua Encantada continuou falando.

— Brianna é muito mais adulta do que Meggie, mas às vezes o seu olhar é o de uma criança perdida cuja própria beleza lhe é assombrosa. Ela tem a altivez da mãe e a sua bela voz — até mesmo o urso do Príncipe presta atenção quando Brianna canta —, mas todas as suas canções são tristes e falam de que em algum momento perdemos aqueles a quem amamos.

Dedo Empoeirado sentiu lágrimas em seu rosto. Ele tinha esquecido como era a sensação, tão fria sobre a própria pele. Ele a secou com os seus dedos quentes.

Língua Encantada, porém, continuou falando, a voz tão suave como se falasse da própria filha. — Ela olha para você quando acha que você não está percebendo. Ela te segue com os olhos como se buscasse a si mesma em seu rosto. E provavelmente ela quer saber de nós dois como é no mundo dos mortos e se nós vimos Cosme por lá.

— Eu o vi duas vezes — disse Dedo Empoeirado em voz baixa. — E provavelmente ela gostaria de poder me trocar por qualquer uma delas.

Ele se virou e olhou para o lago lá embaixo.

— O que foi? — perguntou Língua Encantada.

Dedo Empoeirado apontou para baixo sem dizer uma palavra. Uma serpente de fogo se arrastava pela noite. Tochas. A espera chegava ao fim.

Os guardas sobre a ponte começaram a se mexer. Um deles voltou para o castelo trazendo a notícia para Violante.

O Cabeça de Víbora estava chegando.

55. Na hora errada



"É o último?"; perguntou o homem.

"Difícil dizer"; Deus respondeu, examinando os olhos do tritão.

"Ele pode ter passado por aqui um pouco. Tem coisas que dão um bocado de trabalho. Outras, porém, de alguma forma parecem acontecer. Todas já prontas. Muito estranho."

Ted Hughes, *The playmate*



Dedo Empoeirado viu as tochas lá embaixo na floresta. É claro. O Cabeça de Víbora tinha medo do dia. Maldição, a tinta estava novamente grossa demais.

— Quartzo Rosa! — Fenoglio limpou a pluma em sua manga e olhou em volta procurando por ele. Paredes de ramos artisticamente entrelaçados, sua tábua para escrever que havia sido feita sob medida por Doria, sua cama de folhas secas e musgo, as velas que Farid sempre voltava para acender quando o vento as apagava — mas nada de Quartzo Rosa.

Provavelmente ele e Jaspis não haviam perdido a esperança de encontrar também ali em cima alguma mulher de vidro. Afinal, Farid fora tão burro em lhes contar que vira ao menos duas delas. "Belas como fadas", acrescentara ainda o idiota! E desde então os dois homens de vidro subiam tão entusiasmados pelos galhos que era só uma questão de tempo para que quebrassem o magro pescoço. Criaturas idiotas.

Bom, não importa. Fenoglio mergulhou a pena novamente na tinta espessa demais. Então teria que funcionar assim mesmo. Ele gostava do seu novo lugar para escrever, tão alto que poderia se dizer sem faltar com a verdade que tinha o mundo a seus pés, mesmo que ali o homem de vidro desaparecesse o tempo todo e a

noite fosse terrivelmente fria. Nunca antes ele tivera a sensação tão intensa de que as palavras chegavam quase que espontaneamente.

Sim. Ali em cima ele escreveria a melhor das canções do Gaio, exatamente ali, na copa de uma árvore. Poderia haver lugar melhor? A última imagem que as chamas de Farid lhe mostraram o havia deixado mais tranquilo: Dedo Empoeirado atrás das ameias do castelo, Mortimer dormindo... isso significava que o Cabeça de Víbora ainda não chegara ao castelo. “Bom, também como, Fenoglio?”, pensou ele contente. Você quebrou uma roda da sua carruagem no mais sombrio da floresta. Isso atrasaria o Príncipe de Prata ao menos por dois dias, se não fosse mais. Tempo suficiente para escrever, agora que as palavras gostavam dele novamente!

— Quartzo Rosa!

Se eu tiver que chamá-lo mais uma vez, pensou Fenoglio, vou jogá-lo pessoalmente daqui de cima desta árvore.

— Eu não sou surdo, ao contrário, ouço melhor do que você. — O homem de vidro apareceu tão de repente na escuridão que Fenoglio fez um borrão de tinta sobre o papel, exatamente sobre o nome do Cabeça de Víbora. Bom, tomara que aquilo fosse um bom sinal. Quartzo Rosa mergulhou um fino galho na tinta e começou a mexê-la sem dar uma única palavra de desculpas, uma única palavra de explicação, onde ele estivera. Concentre-se, Fenoglio. Esqueça o homem de vidro. Escreva.

E as palavras vieram. Vieram muito facilmente. O Cabeça de Víbora voltou para o castelo onde uma vez pedira a mão da mãe de Violante, e sofria com a sua imortalidade. Com suas mãos inchadas, segurou o livro em branco que o torturava tanto, que nem mesmo os seus carrascos o fariam melhor. Mas em breve aquilo terminaria, porque a sua filha lhe entregaria o homem que lhe fizera tudo aquilo. Ah, a vingança seria tão doce, quando o Gaio tivesse curado o livro que fazia com que sua carne apodrecesse... “Sim, sonhe com sua vingança, Príncipe de Prata!”, pensou Fenoglio enquanto escrevia os pensamentos sombrios do Cabeça de Víbora. “Pense apenas na sua vingança — e esqueça que você nunca confiou em sua filha!”

— Bom, ao menos ele está escrevendo! — Fora apenas um sussurro, mas o rosto do Cabeça de Víbora que havia pouco parecera tão vivo que Fenoglio poderia tocá-lo, desapareceu e transformou-se no rosto da senhora Loredan. Meggie estava com ela. Por que ela não estava dormindo? Não surpreendia Fenoglio que a sua tia maluca pulasse pelos galhos no meio da noite e provavelmente atrás de alguma mariposa brilhante, mas Meggie — ela estava morta de cansaço, depois de ter insistido em subir com Doria pelo tronco em vez de deixar que a puxassem como haviam feito com as crianças!

— Sim, ele está escrevendo — rosnou. — E estaria pronto faz tempo se não o perturbassem a cada minuto!

— O que você quer dizer com a cada minuto? — respondeu Loredan. Ela parecia louca para atacá-lo novamente, e ridícula com aqueles três vestidos que usava um em cima do outro. Era um milagre que tivesse encontrado tantas roupas para o seu tamanho enorme. Da monstruosidade que havia sido o vestido com o qual ela chegara a esse mundo, Baptista já fizera casacos para as crianças.

— Elinor — Meggie tentou interrompê-la, mas ninguém conseguia parar aquela falastrona. Disso, Fenoglio já sabia.

— A cada minuto, diz ele! — Agora ela deixava pingar sua vela de cera em cima do seu papel! — Por acaso ele faz alguma coisa para que as crianças não caiam destes malditos ninhos? Tropa para cima e para baixo por esta maldita árvore trazendo alguma coisa para comer? Ele está melhorando as paredes para que o vento não nos mate, ou fazendo guarda! Não, mas alguém vem perturbá-lo *a cada minuto*.

Ploc. Mais uma gota de cera. E a intimidade com que ela se curvava sobre suas palavras recém-escritas! — Não parece uma má ideia — disse ela para Meggie, como se diante dos seus olhos ele tivesse se tornado invisível no vento frio da floresta. — Não, realmente não.

Era inacreditável.

E agora Quartzo Rosa se inclinava também sobre suas linhas, e franzindo tanto a sua testa de vidro que parecia que a água havia

talhado rugas nela.

— Ah! Você quer emitir o seu veredicto antes que eu continue escrevendo? — grunhiu Fenoglio. — Mais algum desejo? Que eu invente algum homem de vidro heroico ou uma mulher gorda sabendo que enlouqueça tanto o Cabeça de Víbora até ele não aguentar mais e se entregar espontaneamente às Damas Brancas? Seria uma solução, você não acha?

Meggie se aproximou dele e colocou a mão sobre seu ombro. — Você não sabe quanto tempo ainda vai precisar, é isso? — A sua voz soava tão derrotista. Não parecia nem um pouco a voz que já transformara aquele mundo algumas vezes.

— Não falta muito! — Fenoglio se esforçou para soar convincente. — As palavras estão vindo. Elas...

Ele se calou.

Lá de fora veio o grito rouco e prolongado de um falcão. De novo e de novo. O sinal de alarme dos guardas. Oh não.

O ninho onde Fenoglio se aconchegara estava pendurado sobre um galho que parecia mais largo que a maioria das ruas de Ombra. Mesmo assim, sentia náuseas todas as vezes em que descia as escadas que Doria construía para ele, para que ele não tivesse que se pendurar numa corda ao descer. O Príncipe Negro mandara colocar cordas em todos os lugares, feitas com cipó e casca de árvore, além disso a árvore tinha tantas raízes de superfície e galhos que as mãos tinham sempre onde se segurar. Mas nada disso podia fazê-lo esquecer o abismo que se abria por baixo dos galhos escorregadios. “Bom, você não é nenhum esquilo, Fenoglio!”, pensou ele enquanto se segurava a um dos cipós misturados com madeira e olhava para baixo, “mas para um velho até que não está assim tão mal.”

— Estão recolhendo as cordas! — Ao contrário dele, a senhora Loredan se movimentava com surpreendente facilidade pelos caminhos aéreos de madeira.

— Estou vendo! — grunhiu Fenoglio. Eles estavam recolhendo todas as cordas que levavam até o pé da árvore. Aquilo não poderia ser nada bom.

Farid foi até eles. Ele passava longo tempo com os sentinelas que o Príncipe Negro colocara nos galhos mais altos da árvore. Céus, como é que um ser humano podia subir com tanta facilidade numa árvore? O garoto era quase tão bom como a sua marta. — São tochas. Elas se aproximam! — balbuciou quase sem ar. — E vocês estão ouvindo o latido dos cães? — Olhou acusador para Fenoglio. — Você não disse que ninguém conhecia esta árvore? Que ela e os ninhos haviam sido esquecidos?

Acusações. É claro. Se algo dá errado, ponha a culpa em Fenoglio!

— E daí? Os cães também encontram lugares esquecidos! — disse ao rapaz. — É melhor você perguntar a quem apagou nossos rastros! Onde está o Príncipe Negro?

— Lá embaixo. Com o seu urso. Ele quer escondê-lo. A besta idiota não se deixa içar até aqui!

Fenoglio ouviu com atenção. Realmente. Ele ouvia os cães. Malditos, três vezes malditos!

— Tudo bem! — A senhora Loredan, claro, agia como se aquilo não pudesse atingi-la em nada. — Eles não podem nos puxar para baixo, ou podem? Uma árvore como esta deve ser fácil de defender!

— Mas eles podem matar-nos de fome.

Farid entendia mais de situações como aquela, e Elinor Loredan pareceu de repente um pouco inquieta. Para quem ela estava olhando tão fixamente?

— Ah, agora sou eu mais uma vez a última salvação, não é verdade? — Fenoglio imitou a voz dela: — Agora escreva alguma coisa, Fenoglio! Não pode ser tão difícil assim!

As crianças saíram dos ninhos onde dormiam. Elas andavam pelos galhos como se fossem trilhas na floresta e espiavam assustadas para baixo. Elas pareciam belos besouros na árvore imensa. Pobres criancinhas.

Despina se aproximou de Fenoglio. — Eles não podem subir aqui em cima, não é?

Seu irmão se limitou a olhá-lo.

— É claro que não — disse Fenoglio mesmo que os olhos de Ivo percebessem a mentira. Ivo passava cada vez mais tempo com

Jehan, filho de Roxane, os dois se entendiam bem. Ambos sabiam coisas demais sobre o mundo para sua idade.

Farid segurou o braço de Meggie. — Baptista disse que devemos levar as crianças para o ninho mais alto. Você me ajuda?

É claro, assentiu ela, que ainda gostava muito do rapaz, mas Fenoglio a segurou. — Meggie fica aqui. Pode ser que eu venha a precisar dela.

Farid soube imediatamente do que ele estava falando. Fenoglio viu, com seus olhos negros, Cosme, ressuscitado a cavalgar pelas ruas de Ombra, e os mortos entre as árvores na Floresta sem Caminhos.

— Nós não precisamos das suas palavras — disse o rapaz. — Eu vou fazer com que chova fogo em cima deles se tentarem vir até aqui!

Fogo? Aquela era uma palavra muito tranquilizadora no meio de uma floresta.

— Bom, talvez eu tenha uma ideia melhor. Uma ideia melhor — disse Fenoglio, e sentiu o olhar desesperado de Meggie. “E o meu pai?”, perguntavam os seus olhos. Sim, e ele? Que palavras eram as mais urgentes agora? Maldição, maldição, maldição!

Algumas crianças começaram a chorar e Fenoglio viu lá embaixo as tochas das quais Farid havia falado. Elas brilhavam na noite como elfos de fogo, mas muito mais ameaçadoras.

Farid puxou Despina e Ivo consigo. As outras crianças o seguiram. Darius foi até eles, o cabelo fino bagunçado do sono, e segurou as pequenas mãos que se estendiam em busca de ajuda. Preocupado, olhou para Elinor do outro lado, mas ela estava ali parada, olhando para baixo com expressão sombria e os punhos fechados.

— Eles que venham! — disse ela com voz trêmula. — Espero que o urso coma todos eles. Espero que os cortem em pedacinhos, esses caçadores de crianças!

Mulher maluca. Mas ela falou o que Fenoglio sentia em sua alma.

Meggie continuava olhando para ele.

— Por que você está me olhando assim? O que é que eu posso fazer, Meggie? — perguntou ele. — A história está acontecendo em

três lugares diferentes. Qual deles precisa das palavras com mais urgência? Deveria deixar crescer uma segunda cabeça...

Ele calou-se de repente.

A senhora Loredan continuava mandando uma torrente de maldições para baixo. — Assassinos de crianças! Insetos! Baratas encouraçadas!!! Vamos pisotear vocês todos!

— O que você acabou de dizer? — Fenoglio souou mais rude do que fora a sua intenção.

Elinor olhou para ele sem entender. Pisotear...!

Pisotear...! Fenoglio olhou fixamente para as tochas ao longe. — Sim! — sussurrou ele. — Sim. Um pouco perigoso. Mas que importa...

Ele se virou e subiu novamente a escada até o seu ninho. O ninho de onde nasciam as palavras. Sim, agora era ali o seu lugar.

Mas, é claro que Loredan foi atrás dele.

— Você teve uma ideia?

Sim. E ele com certeza não lhe diria que mais uma vez fora ela quem lhe dera essa ideia. — Sim, tenho uma. Meggie, prepare-se.

Quartzo Rosa estendeu a pluma. Ele tinha medo. Fenoglio via em seu rosto de vidro. Estava mais vermelho do que o normal. Ou será que ele bebera novamente do seu vinho? Os dois homens de vidro estavam se alimentando momentaneamente de cascas de árvore ralada, como os seus congêneres selvagens, e ao tom rosa-claro de Quartzo Rosa se misturara um pouco de verde. Uma combinação não muito feliz.

Fenoglio colocou uma página em branco sobre a tábua que Doria lhe construía tão magistralmente. Diabos, ele nunca havia gostado de trabalhar em duas histórias ao mesmo tempo!

— Fenoglio! E o meu pai? — Meggie se ajoelhou ao seu lado. Ela parecia tão desesperada!

— Ele ainda tem tempo. — Fenoglio mergulhou a pena. — Deixe Farid ver no fogo, se você está tão preocupada, mas acredite em mim: a roda de uma carruagem não é tão fácil de consertar. O Cabeça de Víbora não vai chegar ao castelo antes de um ou dois dias! E prometo a você, assim que eu terminar aqui volto a procurar palavras para o Gaio. E agora, não faça essa cara de preocupação!

Como você quer ajudá-lo se o Pardal atirar em nós todos nesta árvore! E agora, me dê o livro, você sabe qual!

Ele sabia muito bem onde procurar. Bem no início ele as descrevera. No terceiro ou quarto capítulo.

— Agora comece logo a escrever! — a voz de Loredan tremia de impaciência. — O que você está planejando? — Ela se aproximou para dar uma olhada no livro, mas ele o fechou diante do seu nariz.

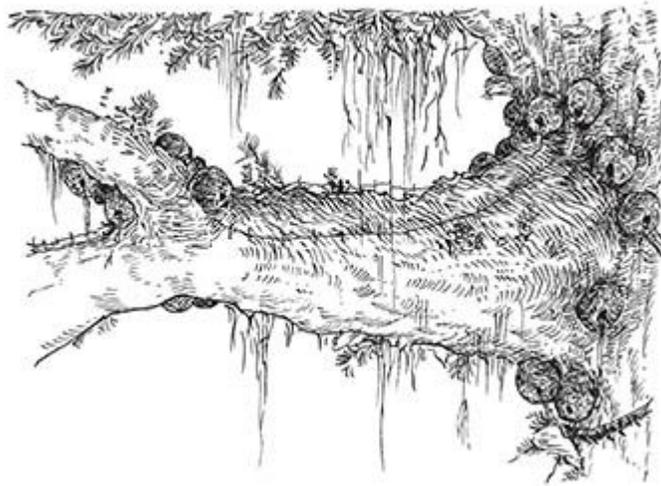
— Silêncio! — trovejou ele, mesmo que aquilo não mudasse nada no barulho que vinha de fora. Será que o Pardal já havia chegado?

Escreva, Fenoglio.

Ele fechou os olhos. Ele o via diante de si. Detalhadamente. Que emocionante. Com uma tarefa dessas, a escrita era muito mais divertida!

— Então, o...

— Elinor, fique quieta! — Ele ouviu Meggie dizer. E então vieram as palavras. Oh sim, aquele ninho era um bom lugar para escrever.



56. Fogo e escuridão



O que era justo, o que era injusto? O que diferenciava o fazer do não fazer? "Se eu pudesse viver novamente", pensou o velho rei, "entraria para um monastério — por medo de uma ação que pudesse levar à dor e ao sofrimento."

T. H. White, *The once and future king*, livro IV



— Quantos vocês contaram?

— Quase cinquenta.— Eles se esforçavam em soar tranquilos, mas as crianças-soldados de Violante tinham medo e Mo se perguntava, não pela primeira vez, se elas realmente já haviam lutado antes ou se só conheciam a guerra em consequência da morte de seus pais e irmãos.

— Só cinquenta? Então ele realmente confia em mim! — Era impossível não perceber o triunfo na voz de Violante. A filha do Cabeça de Víbora desprezava o medo. Era um dos sentimentos que ela melhor escondia, um de muitos, e Mo viu o desprezo em seus olhos quando ela se deu conta do medo de seus jovens soldados. Mas era possível vê-lo também no rosto de Brianna. E até mesmo nos traços peludos de Tullio.

— O Pardal está com eles?

Os rapazes balançaram negativamente a cabeça. Mo ainda não conseguia chamá-los de outra forma.

— E o Pífaró? Com certeza ele veio junto, não é?

Novo balançar de cabeça. Mo trocou um olhar de surpresa com Dedo Empoeirado.

— Nos seus lugares! — mandou Violante. — Já falamos vezes suficientes sobre isso. Vocês não deixem o meu pai nem sequer pisar na ponte. Ele pode mandar um mensageiro, nada mais.

Vamos deixá-lo esperando, dois, talvez três dias. É assim que ele faz com seus inimigos.

— Ele não vai gostar nada disso! — Dedo Empoeirado falou em voz baixa, quase com indiferença.

— É para ele não gostar mesmo. E agora vão todos. Eu quero falar sozinha com o Gaio. — Violante lançou um olhar decidido para Dedo Empoeirado. — Só com ele.

Dedo Empoeirado não se mexeu.

Somente depois de Mo lhe acenar, ele se virou e foi embora tão silencioso como se realmente fosse a sombra do Gaio.

Violante foi até a janela. Eles estavam na câmara onde sua mãe vivera. Nas paredes, unicórnios pastavam tranquilamente entre gatos malhados, que Mo vira muitas vezes na Floresta Selvagem, e pela janela avistava-se o pátio dos pássaros, as gaiolas vazias, os rouxinóis pintados, desbotados pela luz do dia. O Cabeça de Víbora parecia longe, muito longe em um outro mundo.

— Então ele não trouxe o Pífaros consigo — disse Violante. — Bom, melhor assim. Provavelmente ele o mandou de volta para o Castelo da Noite como castigo por ter te deixado fugir.

— Você acha isso mesmo? — Mo examinou o unicórnio que pastava tranquilamente na parede. Ele o lembrava de outras imagens, imagens de caça nas quais o seu pelo branco era atravessado por uma lança. — As Damas Brancas me contaram algo bem diferente.

Ele ainda as ouvia sussurrar: *O Pífaros abre o caminho para ele.*

— É mesmo? Bom, seja como for... se ele estiver aqui, vamos matá-lo também. Os outros podemos deixar que vão embora, mas não o Pífaros.

Estaria ela tão segura daquilo tudo?

Violante continuava de costas para ele. — Eu vou ter que mandar te amarrar. Senão, o meu pai nunca vai acreditar que você é realmente o meu prisioneiro.

— Eu sei. Deixe que Dedo Empoeirado o faça. Ele sabe amarrar de modo a que seja fácil soltar-se. — Ele aprendeu isso de um rapaz por quem minha filha está apaixonada, acrescentou Mo em

pensamentos. Onde estaria Meggie agora? Com sua mãe, respondeu para si mesmo. E com o Príncipe Negro. A salvo.

— Quando meu pai estiver morto — Violante pronunciou a palavra com cuidado, talvez ela não estivesse tão segura como pensava — o Pardal não vai me entregar o trono de Ombra sem lutar. Talvez ele vá buscar no Castelo da Noite o apoio de sua irmã. Espero que então nós ainda sejamos aliados? — Ela olhou para ele pela primeira vez.

O que ele deveria responder? Não. Quando o seu pai estiver morto eu vou embora? Iria ele realmente embora?

Violante virou de costas novamente antes de fazer a pergunta seguinte: — Você tem mesmo uma mulher?

— Sim.

Filhas de Príncipe têm uma queda por ladrões e malabaristas.

— Mande-a embora. Eu farei de você o Príncipe de Ombra.

Mo imaginou poder ouvir Dedo Empoeirado rindo. — Eu não sou nenhum príncipe, Vossa Alteza — respondeu ele. — Sou um ladrão e um encadernador. Dois papéis já são mais do que suficientes para um único homem.

Ela se virou e olhou para ele como se não pudesse acreditar que estava falando sério. Se ao menos ele pudesse ler melhor o seu rosto. Mas a máscara que Violante usava era ainda mais impenetrável do que as máscaras que Baptista fazia para suas apresentações.

— Você ao menos não quer pensar na minha oferta?

— Como eu disse: dois papéis são suficientes — repetiu Mo, e por um momento o rosto de Violante se pareceu tanto com o de seu pai que o coração de Mo se encolheu.

— Está bem. Como quiser — disse ela. — Mas eu vou te fazer esta pergunta novamente. Quando tudo isto estiver terminado.

Ela voltou a olhar pela janela. — Mande os meus soldados te prenderem na torre chamada A Agulha. Não quero que você tenha que suportar os buracos que o meu avô usava como calabouço. Eles foram construídos de modo a que o lago os encha de água, o suficiente para que o preso não morra afogado. — Ela olhou para

ele como se quisesse ver se a ideia lhe dava medo. Sim, ela o atemorizava, pensou Mo. E daí?

— Eu vou receber o meu pai na sala das mil janelas — continuou Violante. — Ali foi onde ele pediu a minha mãe em casamento. Vou mandar te buscar assim que eu tiver certeza que ele está com o livro em branco.

Como ela gesticulava! Como uma colegial fazendo uma promessa. Ele continuava gostando dela. Ela o sensibilizava. Queria protegê-la de toda a dor do passado e da escuridão em seu coração, mesmo que ele soubesse que ninguém o conseguiria. O coração de Violante era uma câmara fechada com desenhos sombrios em suas paredes.

— Você alegará ser capaz de curar o livro em branco, como nós combinamos. Eu vou mandar preparar tudo para isso. Balbulus me disse do que você precisa, e quando você fingir começar a trabalhar eu vou distrair o meu pai para que você possa escrever as três palavras. Eu vou irritá-lo. Normalmente é o que melhor funciona como distração. Ele tem um péssimo temperamento. Se tivermos sorte ele nem vai perceber que você está colocando a pluma sobre o papel. Dizem que ele tem um novo guarda-costas, isso pode ser um problema. Mas os meus homens vão cuidar dele.

Meus homens. São crianças, pensou Mo, mas por sorte Dedo Empoeirado também estava lá. Ele mal havia pensado em seu nome quando Dedo Empoeirado apareceu pela porta.

— O que você quer? — disse Violante para ele.

Dedo Empoeirado a ignorou. — Está tranquilo demais lá fora — sussurrou ele para Mo. — O Cabeça de Víbora parece ter recebido com surpreendente tranquilidade a notícia de que vamos fazê-lo esperar. Não estou gostando nada disso. — Ele caminhou até a porta novamente e olhou para o corredor. — Onde estão os guardas? — perguntou ele para Violante.

— Onde eles poderiam estar? Eu os mandei para a ponte lá embaixo. Mais dois dos meus homens estão lá embaixo no pátio. É hora de começar a assumir o seu papel de prisioneiro, Gaio. Mais um papel. Você está vendo? Às vezes são mais de dois. — Ela foi

até a janela e chamou pelos guardas, mas o silêncio foi a única resposta.

Mo sentiu na mesma hora. Ele sentiu como a história tomava um outro caminho. O tempo parecia mais pesado de repente, e uma estranha inquietude tomou conta dele. Como se estivesse num palco e tivesse perdido a hora de entrar em cena.

— Onde estão eles? — Violante se virou, e por um momento pareceu quase tão jovem e amedrontada como seus soldados. Ela foi até a porta e chamou por eles mais uma vez. Mas ninguém respondeu. Apenas o silêncio.

— Fique perto de mim! — sussurrou Dedo Empoeirado para Mo. — Aconteça o que acontecer. Às vezes o fogo é melhor protetor do que a espada.

Violante continuava esperando por uma resposta lá de fora. Aproximaram-se passos, passos tropeçantes, irregulares. Violante se afastou da porta como se tivesse medo daquilo que se aproximava. O soldado que caiu diante dos seus pés estava coberto de sangue, do seu próprio sangue. Era o garoto que tirara Mo do sarcófago. Saberá ele agora mais sobre a morte?

Ele gaguejou palavras que Mo só entendeu ao se inclinar sobre ele: — O Pífaró... eles estão por todos os lados. — O garoto continuou sussurrando, mas Mo não o entendeu. Ele morreu, as palavras ininteligíveis ainda em seus lábios, misturadas ao próprio sangue.

— Há uma outra entrada da qual você não tenha nos contado? — Dedo Empoeirado segurou com força o braço de Violante.

— Não! — gaguejou ela. — Não! — E se soltou de Dedo Empoeirado como se ele tivesse matado o rapaz aos seus pés.

Mo segurou a mão dela e a puxou consigo para fora, pelo corredor, longe das vozes que de repente de todos os lugares ressoavam pelo silêncio do castelo. Mas já na primeira escada a fuga deles havia acabado. Dedo Empoeirado mandou a marta embora quando os soldados surgiram em seu caminho, cobertos de sangue, estes havia tempo não eram mais garotos. Eles apontaram suas balistas e os conduziram para a sala onde a mãe de Violante e

suas irmãs haviam aprendido a dançar diante de uma dúzia de espelhos de prata. Agora quem se refletia neles era o Pífaros.

— Veja só, o prisioneiro não está amarrado? Que inconsequente da vossa parte, Vossa Feiura. — O Nariz de Prata mantinha-se ereto como um galo, mas a visão dele surpreendeu muito menos Mo do que a do homem ao seu lado. Orfeu. Com ele, Mo não contara. Esquecera-o assim que Dedo Empoeirado lhe contara que lhe roubara o livro com todas as suas palavras. Você é um idiota, Mortimer. Seu rosto aparentemente entregava, como em tantas vezes, os seus pensamentos, e Orfeu se alegrava em ver sua surpresa.

— Como você entrou neste castelo? — Violante empurrou os homens que a seguravam e foi até o Pífaros como se ele não fosse mais do que um visitante indesejável, seus soldados se afastaram como se tivessem esquecido quem era seu senhor. A filha do Cabeça de Víbora — um título poderoso, mesmo que fosse a filha feia.

O Pífaros porém não se deixava impressionar. — O seu pai conhece um caminho mais confortável do que a ponte — respondeu ele com voz entediada. — Ele imaginou que você não o conhecia e que por isso estaria livre. Aparentemente era o segredo mais bem guardado do seu avô, mas a sua mãe mostrou-o ao seu pai quando os dois saíram em segredo deste castelo. Uma história romântica, não é verdade?

— Você está mentindo! — Violante olhou em volta como um animal acochado, mas tudo o que ela viu foi a sua própria imagem ao lado da do Pífaros.

— Ah é? Os seus homens sabem bem disso. Eu não mandei matar todos. Jovens como eles dão ótimos soldados, já que ainda se acham imortais. — Ele deu um passo em direção a Mo.

— Eu mal podia esperar para te ver novamente, Gaio. “Mande-me na frente”, pedi ao Cabeça de Víbora, “para que eu possa capturar o pássaro que deixei escapar. Como um gato, vou me aproximar dele por caminhos obscuros, vou pegá-lo enquanto ele vos espera”.

Mo não ouviu o que ele disse. Ele lia os pensamentos de Dedo Empoeirado em seu coração. Agora, Gaio!, sussurravam eles, e

quando uma serpente de fogo subiu pela perna do soldado à sua direita, ele lhe deu uma cotovelada no peito. O fogo saía do chão. Adquiria dentes e incendiava as roupas dos guardas. Eles se afastavam gritando enquanto o fogo fazia um círculo protetor em volta dos dois prisioneiros. Dois soldados levantaram as balistas, mas o Pífaros os impediu, ele sabia que o seu senhor não o perdoaria se lhe trouxesse o Gaio morto. O seu rosto estava pálido de raiva. Mas Orfeu sorria.

— Muito impressionante! Sim, realmente! — Ele deu um passo em direção ao fogo e observou as chamas tão detalhadamente como se quisesse descobrir por qual nome Dedo Empoeirado as chamava. E então o seu olhar se fixou no próprio Dedo Empoeirado.

— Provavelmente você poderia mesmo salvar o Encadernador sozinho — disse ele com voz suave. — Mas para o seu azar, você fez de mim um inimigo. Um grande erro. Eu não vim com o Pífaros. Sirvo agora ao seu senhor. Ele está esperando que chegue a noite para vir cumprimentar o Gaio e me mandou antes para preparar tudo para a sua chegada. Ao que pertence, entre outras, a triste tarefa de mandar o Dançarino de Fogo definitivamente para a morte.

A tristeza em sua voz parecia quase verdadeira, e Mo se lembrou do dia na biblioteca de Elinor quando Orfeu negociara com Mortola pela vida de Dedo Empoeirado.

— Pare de falar. Tire-o logo do caminho, Olho Duplo! — disse o Pífaros impaciente, enquanto os seus homens continuavam arrancando as roupas em chamas do corpo. — Eu quero finalmente agarrar o Gaio!

— Sim, sim, você já vai tê-lo! — respondeu Orfeu com voz irritada. — Mas antes eu quero a minha parte!

Ele chegou tão perto do fogo que seu brilho deu um tom avermelhado ao rosto pálido de Orfeu.

— A quem você entregou o livro de Fenoglio? — perguntou ele para Dedo Empoeirado através das chamas. — Para ele? — e indicou com a cabeça na direção de Mo.

— Talvez — respondeu Dedo Empoeirado, e sorriu.

Orfeu mordeu os lábios como uma criança que tem que conter as lágrimas. — Sim, pode rir! — disse ele com voz magoada. — Pode

rir de mim! Mas muito em breve você vai se arrepender do que me fez.

— E como? — respondeu Dedo Empoeirado, tão inexpressivo como se não existissem os soldados que continuavam apontando suas lanças para ele. — Você quer assustar um homem que já esteve morto?

Desta vez foi Orfeu quem riu, e Mo desejou ter uma espada mesmo sentindo que não seria de grande ajuda.

— Pífaros, o que faz este homem aqui? Desde quando ele serve ao meu pai... — A voz de Violante desapareceu quando a sombra de Orfeu se moveu como um animal que houvesse despertado.

Uma figura arfante surgiu dali, como um cão enorme. Não era possível distinguir um rosto naquela escuridão que pulsava e se esfumava, apenas olhos, insensíveis e furiosos. Mo sentiu o medo de Dedo Empoeirado, e o fogo se encolheu como se a criatura sombria lhe tirasse a respiração.

— Eu não tenho que te explicar o que é um íncubo — disse Orfeu com voz suave. — Os menestréis dizem que são mortos que as Damas Brancas mandam de volta porque não conseguem limpar de suas almas as manchas sombrias. E assim, eles são condenados a vagar sem corpo, levados pela própria escuridão pelo mundo que não é mais o deles, até que finalmente desapareçam, devorados pelo ar que não podem mais respirar, queimados pelo sol do qual não há mais corpo que os proteja. Mas até que isso aconteça, eles têm fome, muita fome.

Ele deu um passo para trás. — Pegue-o para você! — disse para a sombra. — Pegue-o, meu cão fiel. Pegue o Dançarino de Fogo, que ele partiu meu coração.

Mo se aproximou ainda mais de Dedo Empoeirado, mas ele o empurrou para longe. — Afaste-se, Gaios! — disse para ele. — Isto aqui é muito pior do que a morte! — As chamas ao redor deles morreram, e o íncubo, com sua respiração pesada, entrou no círculo de fuligem. Dedo Empoeirado não se afastou, ficou parado, simplesmente, quando as mãos sem formas se aproximaram dele, e se extinguiu. Como as chamas.

Foi o coração de Mo que parou, quando o outro caiu. O íncubo, porém, se inclinou sobre o corpo imóvel de Dedo Empoeirado, como um cão decepcionado, e Mo se lembrou de uma coisa que Baptista lhe dissera uma vez: que os íncubos só tinham interesse na carne viva e que evitavam os mortos como se temessem ser carregados por eles para o mundo de onde por um curto espaço de tempo haviam fugido.

— Oh, o que foi isso? — disse Orfeu. Ele soou como uma criança decepcionada. — Como assim acabou tão rápido? Eu queria poder vê-lo morrer por mais tempo!

— Peguem o Gaio! — Mo ouviu o Pífaros gritar. — Andem logo! — Mas seus soldados olhavam imóveis para o íncubo, ele se virara e direcionara o seu olhar apagado para Mo.

— Orfeu! Chame-o de volta! — o Pífaros quase chegou a gritar. — Ainda precisamos do Gaio!

O íncubo gemeu como se sua boca procurasse por palavras — se ele tivesse uma boca. Por um momento Mo imaginou poder reconhecer um rosto na escuridão. A maldade atravessou a sua pele e cobria o seu coração como mofo. Suas pernas fraquejaram e ele tentava desesperadamente respirar. Sim, Dedo Empoeirado tinha razão, aquilo era pior do que a morte.

— Volte, cão! — a voz de Orfeu fez com que o íncubo parasse. — Esse aí vai ter que ficar para depois.

Mo caiu de joelhos ao lado do corpo imóvel de Dedo Empoeirado. Ele queria se deitar ao seu lado, como ele, parar de respirar, parar de sentir, mas os soldados o puxaram e amarraram as suas mãos. Ele quase não sentiu. Ele ainda mal conseguia respirar.

Quando o Pífaros se aproximou dele, Mo o viu como atrás de um véu. — Em algum lugar neste castelo deve haver um pátio com gaiolas de pássaros. Coloquem-no em uma delas. — Ele enterrou o cotovelo em seu estômago, mas Mo sentiu apenas uma coisa: que podia respirar novamente quando o íncubo se fundiu com a sombra de Orfeu.

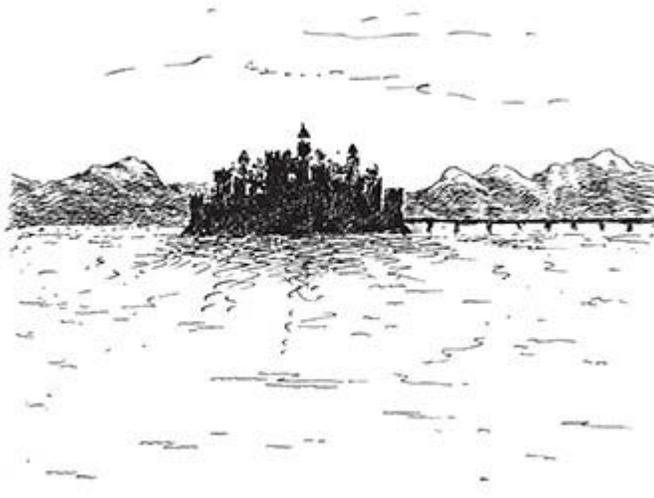
— Parem! O Gaio ainda é o meu prisioneiro! — Violante se colocou no caminho dos soldados enquanto estes puxavam Mo consigo.

Mas o Pífaros a puxou rudemente para o lado. — Ele nunca foi o seu prisioneiro — disse. — Você acha que o seu pai é idiota?

— Levem-na para a sua câmara! — ordenou a um dos soldados. — E joguem o Dançarino de Fogo diante da gaiola do Gaio. Afinal, não se deve separar a sombra do seu senhor, não é?

Diante da porta havia um dos soldados de Violante, o rosto jovem tão apavorado diante da visão da morte. Eles estavam em todos os lugares. O Castelo no Lago pertencia ao Cabeça de Víbora e, com ele, o Gaio. Então era assim que terminava a canção.

— Que final horrível! — Mo imaginou poder ouvir a voz de Meggie. — Não gosto deste livro, Mo. Você não tem outro?



57. Tarde demais?



"Quanto a mim", protestou a toupeira, "não posso simplesmente ir dormir e não fazer nada, apesar de não saber o que é para ser feito."

Kenneth Grahame, *The wind in the willows*



O lago. Resa quis partir assim que viu a água brilhar entre as árvores ao pé da encosta, mas o Homem Forte a deteve e apontou em silêncio para as tendas ao redor da margem. A tenda negra só poderia pertencer a uma pessoa, e Resa se apoiou numa das árvores que povoavam as íngremes encostas e sentiu como toda a sua força se extinguia. Eles haviam chegado tarde demais. O Cabeça de Víbora havia sido mais rápido. E agora?

Ela olhou para o castelo que ficava no meio do lago como uma fruta negra que o Príncipe de Prata queria colher. Os muros negros pareciam ameaçadores — e inalcançáveis. Estaria Mo realmente ali dentro? E se estivesse, o Cabeça de Víbora também estava lá. E a ponte que levava até lá por cima do lago estava vigiada por um monte de soldados. E agora, Resa?

— Pela ponte não podemos ir, isso é certo — disse o Homem Forte a ela. — Vou olhar em volta, você espera aqui. Talvez haja um barco em algum lugar.

Mas Resa não viera até ali para esperar. Era difícil encontrar o caminho pelas encostas íngremes, e por todos os lados entre as árvores havia soldados olhando em direção ao castelo. O Homem Forte a levou para longe das tendas, para a margem oeste do lago, onde as árvores cresciam até a margem. Talvez protegidos pela

escuridão eles pudessem atravessar o lago nadando? Mas seria frio, tão frio, e havia sombrias histórias sobre a água daquele lago e seus habitantes. A mão de Resa tateou pela criança em seu ventre enquanto seguia o Homem Forte. Tinha a sensação de que ela havia se escondido o mais fundo possível dentro dela.

De repente, o Homem Forte segurou seu braço e apontou para algumas rochas que acabavam no lago. Dois soldados apareceram entre elas tão de repente como se houvessem saído da água. Quando subiram à margem Resa viu que, a apenas alguns passos de distância das rochas, cavalos esperavam debaixo dos pinheiros.

— Que significa isso? — sussurrou o Homem Forte quando surgiram ainda mais soldados entre as rochas. — Há um outro caminho para o castelo? Vou dar uma olhada. Mas desta vez você não vem junto. Por favor! Eu prometi ao Gaio. Já agora, ele me daria um soco no nariz se soubesse que você está aqui.

— Não, ele não o faria — sussurrou Resa de volta, mas ela ficou, e o Homem Forte se esgueirou para longe enquanto ela ficava debaixo de uma árvore encarando-o e tremendo de frio. A água do lago chegava até quase suas botas, e debaixo da superfície espelhada, ela imaginou poder ver rostos impressos como moldes nas costas de uma raia, assustada, ela retrocedeu — e ouviu passos atrás de si.

— Ei, você aí.

Ela se virou. Um soldado estava entre as árvores, a espada na mão. Corra, Resa!

Ela era mais rápida do que ele com sua arma e a pesada cota de malha, mas ele chamou por outro e aquele tinha uma balista. Rápido, Resa! Esconder-se de árvore em árvore e correr, como fazem as crianças. Como ela teria brincado com Meggie se tivesse estado com ela quando ela era pequena. Todos os anos perdidos...

Uma flecha atingiu uma árvore ao seu lado. Outra se enterrou diante dela na terra. Não me siga, Resa! Por favor! Tenho que ter certeza que você estará aqui quando eu voltar. Ah, Mo. É tão mais difícil esperar, sempre apenas esperar.

Ela se escondeu atrás de uma árvore e tirou sua faca. Estariam eles se aproximando ou não? Continue correndo, Resa. Mas as

pernas não obedeciam de medo. Com a respiração acelerada ela caiu atrás da próxima árvore e sentiu uma mão enorme em sua boca.

— Chame-os, diga que você se entrega! — sussurrou o Homem Forte. — Mas não vá na direção deles, deixe que eles venham até você. — Resa concordou e guardou a faca.

Dois soldados gritaram algo entre si. Ela estava apavorada quando esticou o braço de trás da árvore e com voz trêmula pediu que não atirassem. Resa esperou até que o Homem Forte tivesse se esgueirado para longe, com surpreendente agilidade para o seu tamanho, antes que ela saísse detrás da árvore, os braços levantados. Os olhos debaixo dos elmos se abriram surpresos ao perceber que ela era uma mulher. Seus sorrisos não significavam nada bom. Mesmo que abajassem as armas. Mas antes que um dos dois pudesse pegá-la, o Homem Forte surgiu por sua retaguarda e colocou seu braço em volta do pescoço de cada um. Resa se afastou quando ele os matou, e vomitou na grama úmida, a mão sobre a barriga, cheia de medo que a criança pudesse sentir o seu temor.

— Eles estão por todos os lados! — O Homem Forte os puxou pelos pés. Ele sangrava tão forte no ombro que a sua camisa se tingiu de vermelho. — Um deles tem uma faca. “Presta atenção quando eles tiverem uma faca, Lázaro!”, dizia Doria sempre. O mais novo é muito mais esperto do que eu. — Ele cambaleava tanto que Resa teve que ajudá-lo. Juntos continuaram andando, embrenhando-se entre as árvores.

— O Pífaros também está aqui — sussurrou o Homem Forte para ela. — São os homens dele que vimos nas rochas. Parece que ali há uma passagem para o castelo que passa por baixo do lago. E infelizmente tenho ainda outras más notícias.

Ele olhou em volta. Vozes saíam da margem do rio. E se eles encontrassem os mortos? O Homem Forte a puxou para mais longe, para um buraco na terra que cheirava a duende.

Resa ouviu os soluços assim que entrou. O Homem Forte suspirava ao se arrastar atrás dela. Algo peludo estava ali na escuridão. Primeiramente Resa pensou que era mesmo um duende,

mas depois lembrou-se da descrição que Meggie lhe dera do empregado de Violante. Como é que ele se chamava? Tullio.

Ela pegou a mão peluda. O empregado de Violante olhava para ela com olhos enormes de medo.

— O que aconteceu? Eu sou a mulher do Gaio! Por favor! Ele ainda está vivo?

Ele olhou para ela com seus olhos negros, redondos como os de um animal. — Eles estão todos mortos — sussurrou ele. O coração de Resa começou a tropeçar como se tivesse esquecido que tinha que bater. — Está tudo coberto de sangue! Eles trancaram Violante em sua câmara, e o Gaio...

O que aconteceu com ele? Não, ela não queria ouvir. Resa fechou os olhos, como se dessa forma pudesse voltar para a casa de Elinor, para o seu jardim tranquilo, caminhar até a oficina de Mo...

— O Pífaró o prendeu numa gaiola.

— Quer dizer que ele ainda está vivo?

Ele balançou a cabeça positivamente, e o seu coração voltou a bater um pouco mais devagar.

— Eles ainda precisam dele!

É claro, como ela podia ter esquecido?

— Mas o Dançarino de Fogo foi devorado pelo íncubo!

Não. Não podia ser. Resa colocou as mãos diante do rosto.

— O Cabeça de Víbora já está no castelo? — perguntou o Homem Forte.

Tullio balançou a cabeça negativamente e começou novamente a soluçar.

O Homem Forte olhou para Resa. — Então ele entrará hoje à noite no castelo. E o Gaio vai matá-lo. — Soou como um conjuro.

— Como? — Resa cortou com a faca um pedaço do pano da sua saia e amarrou com ele a ferida que sangrava. — Como ele vai escrever as palavras se Violante não pode mais ajudá-lo e Dedo Empoeirado... — ela não pronunciou a palavra "morto", como se assim pudesse evitar que ela fosse realidade.

Do lado de fora, ouviram-se passos. Mas eles se distanciaram novamente. Resa desamarrou a bolsa de Mortola do seu cinto.

— Não, Lázaro! — disse ela em voz baixa. Era a primeira vez que ela falava o seu nome. — O Gaio não vai matar o Cabeça de Víbora. Eles vão matá-lo assim que o Cabeça de Víbora descobrir que Mo não pode curar o livro em branco. E isso vai ser muito em breve.

Ela espalhou algumas pequenas sementes em suas mãos. Sementes que ensinavam à alma aquilo que apenas a morte sabia: assumir uma outra forma.

— O que você está fazendo aí? — O Homem Forte tentou tirar-lhe a bolsa, mas Resa a protegeu com as duas mãos.

— É necessário colocá-las debaixo da língua — sussurrou ela. — E tomar cuidado para não engoli-las, se isso acontecer com muita frequência o animal torna-se forte demais e esquecemos quem éramos anteriormente. Capricórnio tinha um cão que, dizem, fora um dos seus homens, até que Mortola experimentasse nele o efeito dessa semente. Em algum momento o cão a atacou e eles o mataram. Na época eu pensei que era apenas uma história para colocar medo nas criadas.

Ela devolveu as sementes de volta à bolsa, com exceção de quatro. Quatro pequenas sementes quase redondas como sementes de papoula, mas mais claras. — Leve Tullio e volte para a caverna! — disse ela para o Homem Forte. — Informe ao Príncipe Negro o que vimos aqui, conte-lhe também sobre o Afanador. E cuide de Meggie!

Ele olhava para ela com tanta tristeza.

— Você não pode me ajudar aqui, Lázaro! — sussurrou ela. — Nem a mim, nem ao Gaio. Vá e proteja nossa filha. E console Roxane. Ou melhor, não lhe diga nada ainda. Eu o farei.

Ela lambeu as sementes da mão. — Nunca sabemos em que animal vamos nos transformar — sussurrou ela. — Mas eu espero que ele tenha asas.

58. Ajuda das distantes montanhas



Ele pensa nos velhos tempos, quando tudo foi criado. Faz uma ternidade! Naquela época, ele e seu irmão haviam matado o monstruoso gigante, Ymer, e do corpo criaram o mundo inteiro. Do seu sangue surgiu o mar; da sua carne a terra, dos seus ossos montanhas e recifes, e de seus cabelos cresceram as árvores e a grama.

Tor Age Bringsværd, Os deuses selvagens



Meggie esperava... Enquanto os gritos enchiam seus ouvidos. Enquanto Farid apagava as chamas brancas do fogo escuro do Pássaro Tisnado. Enquanto Darius acalmava as crianças com histórias, a voz suave mais alta do que o normal para sobrepor-se ao barulho da luta, e Elinor ajudava a cortar as cordas que permitiriam atacar o Pardal com lanças.

Sim, Meggie esperava e cantava em voz baixa as canções que Baptista lhe ensinara, todas elas cheias de esperança e luz, constância e coragem, enquanto ao pé da árvore os ladrões lutavam pelas suas vidas e pelas das crianças, e cada grito fazia com que Meggie se lembrasse da luta na floresta na qual Farid havia morrido. Desta vez ela tinha medo por dois garotos.

Seus olhos não sabiam por quem procurar primeiro, Farid ou Doria, o de cabelo preto ou o de cabelo castanho. Às vezes ela não achava nenhum dos dois, tão rápido eles se movimentavam entre os galhos, os dois seguindo o fogo que o Pássaro Tisnado cuspiam na árvore enorme feito carvão incandescente. Doria apagava o fogo com panos e mantas, enquanto, lá de cima, Farid zombava do Pássaro Tisnado, fazendo que suas chamas pousassem feito pombos sobre seu fogo assassino até asfixiá-lo com suas penas de fogo. Tanta coisa ele havia aprendido de Dedo Empoeirado. Havia

muito tempo que Farid não era mais um aprendiz, e Meggie via que a inveja transformava o rosto do Pássaro Tisnado, enquanto Pardal, sentado sobre o seu cavalo entre as árvores, observava os que lutavam com um rosto tão inexpressivo como se olhasse para seus cães destroçando um alce.

Os ladrões continuavam defendendo a árvore, mesmo estando em menor número. Mas por quanto tempo ainda?

Onde estava ele? Onde estava aquele para quem ela e Fenoglio haviam pedido ajuda? Com Cosme fora tão mais rápido!

Ninguém sabia o que Meggie lera havia algumas horas, com exceção de Fenoglio e dos dois homens de vidro que a ouviram de boca aberta. Eles nem ao menos haviam tido a oportunidade de contar a Elinor, tão forte havia sido o ataque do Pardal.

— Você tem que lhe dar algum tempo! — disse Fenoglio para Meggie quando ela colocou a folha com suas palavras de lado. — Ele vem de muito longe. Não era possível fazê-lo de outra forma!

Bom, desde que ele não chegasse somente quando já estivessem todos mortos...

O Príncipe Negro já sangrava em seu ombro. Quase todos os ladrões estavam feridos. Seria tarde demais. Tarde demais.

Meggie viu como uma flecha quase acertou Doria, como Roxane consolava as crianças que choravam, e como Elinor tentava, juntamente com Minerva, desesperadamente cortar mais uma corda antes que os homens do Pardal subissem por elas. Quando ele viria? Quando?

E de repente sentiu-se, exatamente como Fenoglio descrevera: um tremor, sentido até o galho mais alto da árvore. Todos perceberam. Aqueles que lutavam pararam de repente e olharam assustados ao redor. *A terra tremia sob seus passos.* Era como Fenoglio havia escrito.

— E você tem certeza de que ele é pacífico? — perguntara Meggie preocupada.

— É claro! — respondera Fenoglio irritado. Mas Meggie tivera que pensar em Cosme, que não havia funcionado como Fenoglio imaginara. Ou talvez sim? Quem poderia dizer exatamente o que se

passava na cabeça do velho homem? Elinor talvez fosse quem o compreendesse melhor.

Os tremores ficaram mais fortes. Galhos se quebraram, árvores tombaram, bandos de pássaros voaram para longe e os gritos ao pé da árvore se transformaram em gritos de terror quando o gigante surgiu do meio do mato.

Não, ele não era tão grande como a árvore.

— É claro que não! — dissera Fenoglio. — É claro que eles não eram tão grandes! Seria horrível, não? E além disso, eu não contei a vocês que os ninhos foram construídos justamente para colocar seus moradores a salvo dos gigantes? Então! Ele não vai alcançar nenhum deles, mas o Pardal irá correr assim que o vir, isso é certo. Tão rápido quanto conseguirem as suas pernas finas!

Sim, foi o que o Pardal fez. Mesmo que na verdade quem corresse fosse seu cavalo. Ele foi o primeiro a fugir. O Pássaro Tisnado do susto queimou-se em sua própria chama, e também os ladrões que só ficaram ali porque o Príncipe Negro lhes ordenou. Foi Elinor quem jogou para os homens a primeira corda e gritou às outras mulheres que estavam paralisadas diante do gigante. — Joguem cordas! — Meggie ouviu-a gritar. — Vamos logo. Ou vocês querem que ele os pisoteie?

A corajosa Elinor.

Os ladrões começaram a subir pelas cordas enquanto os gritos de soldados ecoavam cada vez mais distantes pela floresta. O gigante, porém, ficara ali parado olhando as crianças que o contemplavam lá de cima, assustadas e entusiasmadas ao mesmo tempo.

— Eles amam crianças humanas, esse é o problema — sussurrara Fenoglio para Meggie antes que ela começasse a ler. Em algum momento eles começaram a caçá-las como borboletas ou hamsters. Mas eu tentei escrever um que seja muito preguiçoso para fazer algo desse tipo. Mesmo que, provavelmente, por causa disso ele não seja um exemplar dos mais inteligentes!

Será que o gigante parecia inteligente? Meggie não sabia dizer. Ela o imaginara muito diferente. Seus membros não eram toscos. Não. Ele se movimentava apenas um pouco mais devagar do que o Homem Forte, e por um momento, olhando entre as árvores,

pareceu a Meggie que ele, e não os ladrões, tinha o tamanho ideal para aquela floresta. Seus olhos eram assustadores. Eles eram mais redondos do que olhos humanos e lembravam os de um camaleão. O mesmo valia para a sua pele. O gigante não tinha pelos, assim como as fadas e os elfos, e a sua pele mudava de cor a cada movimento que fazia. No início ela era marrom-clara como a casca de uma árvore, mas agora adquirira um tom avermelhado, como o das últimas frutas vermelhas. Até mesmo o seu cabelo mudava de cor, às vezes era verde, de repente tornava-se azul como o céu. Dessa forma ele era quase invisível entre as árvores. Como se o ar se movimentasse. Como se o vento tivesse adquirido forma, ou o espírito daquela floresta.

— Ah! Lá está ele finalmente! Fantástico!— Fenoglio apareceu tão de repente atrás de Meggie que ela quase tropeçou no galho da árvore onde ela estava. — Sim, nós dois sabemos fazer nosso trabalho! Nada contra o seu pai, mas eu acho que você é a verdadeira mestre. Você ainda é criança o suficiente para ver detalhadamente as imagens por trás das palavras, como só as crianças conseguem. O que também é um motivo para que esse gigante seja muito diferente daquele que eu imaginei.

— Mas eu também imaginei ele bem diferente — sussurrou Meggie, como se cada palavra pudesse chamar a atenção do gigante.

— É mesmo? Hum. — Fenoglio deu um passo cuidadoso para a frente. — Bom, seja como for. Quero saber o que a senhora Loredan achou dele. Sim, realmente.

Meggie via o que Doria achava do gigante. Ele estava sentado na copa da árvore e não podia desviar o olhar dele. Farid olhava tão fascinado, como só fazia quando Dedo Empoeirado lhe mostrava um novo truque, com Sorrteiro em seu colo mostrando os dentes preocupado.

— Você já terminou as palavras para o meu pai também? — Ela o fizera novamente! Com a sua voz e as palavras de Fenoglio ela continuara a contar a história. E como todas as outras vezes ela estava cansada e orgulhosa ao mesmo tempo — tinha medo daquilo que havia chamado à vida.

— As palavras para o seu pai? Não. Mas estou trabalhando nisso!
— Fenoglio coçou a testa enrugada como se tivesse que despertar alguns pensamentos primeiro. — Infelizmente, um gigante não seria de muita ajuda para o seu pai. Mas confie em mim. Hoje à noite eu vou resolver isso também. Quando o Cabeça de Víbora alcançar o castelo, Violante vai recebê-lo com as minhas palavras, e nós dois vamos finalmente dar um final feliz para esta história. Sim, ele é realmente uma criatura incrível! — Fenoglio se inclinou para a frente para ter uma visão melhor da sua criatura. — Mesmo que eu me pergunte de onde ele tirou esses olhos de camaleão. Eu realmente não escrevi nenhuma palavra sobre isso! Bom, mas o que importa. Ele parece... interessante. Sim, isso. Talvez eu devesse escrever mais alguns de seus iguais para cá. É uma pena que eles se escondam todos nas montanhas!

Os ladrões não pareciam concordar com ele. Eles continuavam subindo rapidamente pelas cordas como se estivessem sendo perseguidos pelos homens do Pardal. Somente o Príncipe Negro continuava com o seu urso ao pé da árvore.

— O que o Príncipe está fazendo ainda lá embaixo? — Fenoglio se inclinou tanto que Meggie automaticamente o segurou pela camisa. — Pelo amor de Deus, ele tem que largar esse maldito urso. Esses gigantes não enxergam muito bem. Ele vai destruí-lo mesmo se tropeçar uma única vez!

Meggie tentou puxar o ancião de volta. — O Príncipe Negro nunca vai deixar o urso sozinho! Você sabe disso!

— Mas ele tem que fazê-lo! — Poucas vezes ela vira Fenoglio tão preocupado. Claramente, ele gostava mais do Príncipe do que da maioria dos seus personagens.

— Vamos, ande logo! — gritou para ele lá embaixo. — Príncipe!

Mas o Príncipe Negro continuava conversando com o urso como se ele fosse uma criança teimosa, enquanto o gigante estava ali olhando para as crianças. Algumas mulheres gritaram quando ele estendeu a mão. Elas puxaram as crianças para trás, mas os dedos enormes não alcançaram os ninhos, como Fenoglio já havia dito. Não importava o quanto o gigante os estendesse.

— Trabalho sob medida! — sussurrou Fenoglio. — Você está vendo, Meggie? — Sim. Desta vez ele realmente havia pensado em tudo.

O gigante parecia decepcionado. Ele se esticou mais uma vez e deu um passo para o lado. Seu calcanhar não atingiu o Príncipe Negro apenas por um galho. O urso urrou e se levantou nas patas traseiras, e o gigante direcionou surpreso o seu olhar para aquilo que se movia entre os seus pés.

— Oh não! — gaguejou Fenoglio. — Não! Não! não! — gritou ele para a sua criatura lá embaixo. — Ele não! Deixe o Príncipe em paz. Você não está aqui para isso! Vá atrás do Pardal! Pegue os homens dele. Vai, anda logo!

O gigante levantou a cabeça e procurou pelo causador da gritaria, mas logo a seguir ele se abaixou e pegou o Príncipe e o urso com tão pouca delicadeza como fazia Elinor com os vermes que comiam as suas rosas.

— Não! — gaguejou Fenoglio. — E agora? O que estava errado desta vez? Ele vai quebrar todos os seus ossos!

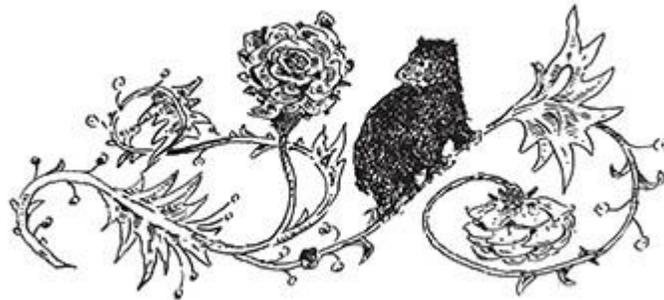
Os ladrões ficaram pendurados em suas cordas como se estivessem paralisados. Um deles lançou a sua faca na mão do gigante. Ele a arrancou com os lábios como se fosse um espinho e deixou o Príncipe Negro cair como um brinquedo esquecido. Meggie se encolheu quando ele chegou ao chão e permaneceu ali deitado sem se mexer. Ela ouviu Elinor gritar. O gigante, porém, bateu nos homens nas cordas como se fossem vespas querendo picá-lo.

Todos gritavam ao mesmo tempo. Baptista correu até uma das cordas para ajudar o Príncipe. Farid e Doria o seguiram, até mesmo Elinor foi atrás dele. Enquanto Roxane permaneceu ali parada, o rosto cheio de pavor abraçando duas crianças que choravam. Fenoglio, porém, ficou ali sacudindo as cordas com fúria desamparada.

— Não! — gritou ele mais uma vez. — Não, não pode ser!

De repente, uma das cordas se soltou e ele caiu lá embaixo. Meggie tentou segurá-lo, mas chegou tarde demais. Fenoglio caiu, a surpresa em seu rosto enrugado, e o gigante o pegou no ar como a uma fruta madura. As crianças não gritaram mais. As mulheres e

os ladrões também ficaram mudos quando o gigante se sentou ao pé da árvore e observou o que era aquilo que agarrara. O urso, ele colocou desinteressado no chão, mas quando o seu olhar caiu sobre o Príncipe desmaiado, pegou-o novamente. O urso, urrando, foi ajudar o seu senhor, mas o gigante se limitou a afastá-lo com um empurrão. Então ele se levantou, olhou pela última vez para as crianças lá em cima e foi embora, Fenoglio na mão direita, o Príncipe Negro na mão esquerda.



59. O anjo do Gaio



Agora eu pergunto:

"O que você faria no meu lugar? Me diga. Por favor, me diga."

Mas você está longe disso. Seus dedos estão virando a esquisitice destas páginas, que de certa forma ligam a minha vida com a sua. Seus olhos estão seguros. A história para você não passa de mais um capítulo em sua mente. Para mim está aqui. E agora.

Markus Zusak, *Eu sou o mensageiro*



Orfeu vira Violante pela primeira vez numa festa do Pardal, e já daquela vez havia imaginado como seria reinar sobre Ombra ao seu lado. Todas as suas criadas eram mais bonitas que a filha do Cabeça de Víbora, mas Violante tinha algo que as outras não tinham: orgulho, ambição, fome de poder. Tudo aquilo agradava a Orfeu, e quando o Pífaros a levou para a sala das mil janelas, o coração de Orfeu bateu mais forte ao ver que Violante ainda trazia a cabeça erguida apesar de ela haver apostado tudo numa única carta e ter perdido.

O seu olhar se dirigia a todos como se fossem eles os perdedores — seu pai, o Polegar, o Pífaros. Para Orfeu ela dedicara apenas um rápido olhar. Também, como ela poderia saber o papel decisivo que ele tinha agora? O Cabeça de Víbora ainda estaria com a roda quebrada no meio da lama se ele não tivesse imediatamente lido quatro rodas novas. Todos haviam olhado para ele. Até mesmo ao Polegar ele mostrara respeito.

A sala das mil janelas não tinha mais janelas. O Polegar mandara colocar panos negros sobre todas elas, e apenas algumas tochas iluminavam a escuridão, apenas o suficiente para mostrar-lhe o rosto do seu pior inimigo.

Quando trouxeram Mortimer, a máscara de orgulho de Violante rasgou-se. Mas ela se recuperou rapidamente. Orfeu percebeu satisfeito que não haviam tratado especialmente bem o Gaio, mas ele ainda conseguia ficar em pé, e o Pífaros havia certamente cuidado para que suas mãos permanecessem intocadas. Eles poderiam muito bem ter cortado fora sua língua, pensou Orfeu, para que finalmente terminassem todos aqueles hinos sobre a sua voz. Até que ele se lembrou que Mortimer ainda teria que lhe dizer onde estava o livro de Fenoglio já que Dedo Empoeirado não lhe havia dito.

A luz das tochas iluminava somente a Mortimer. O Cabeça de Víbora estava sentado na escuridão. Aparentemente, ele não queria dar ao seu prisioneiro o prazer de ver seu corpo inchado. Mas o cheiro ele poderia sentir.

— Então, Gaio? A minha filha deu a você uma ideia diferente do nosso segundo encontro? Provavelmente. — A respiração do Cabeça de Víbora era arquejante como de um homem velho. — Fiquei muito contente quando Violante sugeriu este castelo como ponto de encontro, apesar de o caminho até aqui ser realmente difícil. Este castelo já me trouxe sorte uma vez, mesmo que por pouco tempo. Além disso, eu tinha certeza que a sua mãe não lhe dissera nada sobre a passagem secreta. Ela lhe contou muitas coisas sobre este castelo, mas quase nada tinha relação com a realidade.

O rosto de Violante permaneceu inexpressivo. — Eu não sei do que você está falando, pai — disse ela. Ela fazia um enorme esforço para não olhar pra Mortimer. Emocionante.

— Não, você não sabe de nada. É justamente isso. — O Cabeça de Víbora riu. — Eu mandei ouvir muitas vezes o que a sua mãe te contava na antiga câmara. Todas essas histórias sobre a sua infância feliz, todas as belas mentiras para que sua filhinha feia pudesse sonhar com o lugar tão diferente do castelo onde ela crescia. A realidade quase sempre é diferente do que contamos sobre ela, mas você sempre trocou as palavras e o mundo real. Exatamente como a sua mãe, você nunca soube diferenciar o seu desejo da realidade, não é?

Violante não respondeu. Ela ficou ali, a cabeça erguida como sempre, olhando para a escuridão onde seu pai se escondia.

— Quando encontrei a sua mãe pela primeira vez, nesta sala — continuou o Cabeça de Víbora com voz rouca —, tudo que ela queria era ir embora daqui. Ela teria tentado voar para longe se o seu pai houvesse lhe dado chance. Ela te contou que uma das suas irmãs morreu ao cair de uma dessas janelas? Não? Ou que as ninfas quase a afogaram quando ela tentou atravessar o lago nadando? Provavelmente não. Em vez disso ela inventou que eu obriguei o seu pai a entregá-la como esposa, e que a levei embora daqui contra sua vontade. Quem sabe, talvez no final ela tenha acreditado mesmo nessa história.

— Você está mentindo. — Violante se esforçava para parecer controlada. — Eu não quero ouvir mais nada.

— Mas você vai ouvir — disse o Cabeça de Víbora insensível. — Já é hora para que você deixe de se esconder da realidade atrás de belas histórias. O seu avô mandava desaparecer com os pretendentes de suas filhas. Por isso a sua mãe me mostrou o túnel, pelo qual o Pífaros pôde alcançar imperceptivelmente o castelo. Na época ela estava muito apaixonada por mim, mesmo que ela tenha te contado outra história.

— Para que você está me contando essas mentiras? — Violante manteve a cabeça erguida, mas a sua voz tremia. — Não foi minha mãe que te mostrou o túnel. Deve ter sido um de seus espiões. E ela nunca te amou.

— Acredite no que você quiser. Imagino que você não sabe muita coisa sobre o amor. — O Cabeça de Víbora tossiu e se levantou gemendo da cadeira onde estava sentado. Violante deu um passo para trás quando ele apareceu na luz das tochas.

— Sim, veja bem o que o seu nobre ladrão fez comigo — disse o Cabeça de Víbora enquanto caminhava lentamente na direção de Mortimer. Cada vez mais ele sentia dor ao andar. Orfeu o comprovava por vezes suficientes na viagem interminável até aquele desgraçado castelo, mas o Príncipe de Prata continuava mantendo-se erguido, assim como sua filha.

— Mas não falemos mais do passado — disse ele, chegando tão perto de Mortimer que seu prisioneiro teve o prazer de sentir suas emanções —, ou sobre como a minha filha imaginou que poderia ser esse acordo. Convença-me que realmente faz sentido não te arrancar agora mesmo a pele do corpo e fazer o mesmo com a sua mulher e a sua filha. Provavelmente você acha que desta vez elas estão fora do meu alcance. Afinal, você as deixou com o Príncipe Negro, mas eu sei da caverna onde elas estão escondidas. Meu cunhado inútil provavelmente já as capturou e as está levando para Ombra.

Oh sim, aquilo atingiu Mortimer. “Adivinhe quem contou ao Cabeça de Víbora sobre a caverna, nobre ladrão?”, pensou Orfeu e torceu a boca num largo sorriso quando Mortimer olhou para ele.

— Então? — O Cabeça de Víbora enterrou o punho enluvado no peito do seu prisioneiro, exatamente ali onde Mortimer o ferira. — Então? Você pode anular a sua própria traição? Você pode curar o livro com o qual você me enganou tão sordidamente?

Mortimer relutou apenas por um momento. — Claro — respondeu. — Se você me entregá-lo.

Muito bem. Sua voz ainda soava impressionante, mesmo naquela situação desesperadora, Orfeu tinha que concordar (mesmo que a sua soasse muito melhor). Mas o Cabeça de Víbora não se deixou enfeitiçar novamente. Ele bateu com tanta força no rosto de Mortimer que este caiu de joelhos.

— Você realmente acha que pode me fazer de idiota outra vez! — gritou. — Que tipo de idiota você pensa que eu sou? Ninguém pode curar esse livro! Por essa informação morreram dúzias dos seus colegas. Está perdido, o que significa que a minha carne vai continuar apodrecendo por toda eternidade e eu mesmo sentirei todos os dias a tentação de escrever as três palavras e dar um fim a tudo. Mas eu tive uma ideia melhor, e para ela precisarei dos seus serviços, sendo assim sou muito agradecido a minha filha por ter cuidado tão bem de você. Afinal, eu sei — ele lançou um olhar em direção ao Pífaru — o sangue quente que tem o meu heraldo.

O Pífaru quis responder alguma coisa, mas o Cabeça de Víbora fez um gesto impaciente com a mão e dirigiu-se novamente a

Mortimer.

— Que tipo de solução? — a famosa voz soou rouca.

Será que o Gaio começava a sentir medo agora? Orfeu se sentia como um garoto que com um grande prazer estivesse lendo uma passagem especialmente emocionante em um livro. Espero que ele sinta medo, pensou ele. Espero também que este seja um dos últimos capítulos onde ele aparece.

Mortimer fez uma careta quando o Pífaru pressionou a faca do seu lado. Sim, claramente você fez os inimigos errados nesta história, pensou Orfeu. E os amigos errados. Mas assim eram eles, os bons heróis. Burros.

— Que tipo de solução? — O Cabeça de Víbora coçava a pele irritada. — Você vai encadernar para mim um novo livro, o que mais seria? Mas desta vez você não vai ficar um segundo sem vigilância. E quando esse livro me proteger novamente da morte com suas páginas brancas imaculadas, vamos escrever o seu nome no outro — para que por um tempo você sinta como é apodrecer em vida. Depois eu vou rasgá-lo em pedaços, página por página, e ver como a sua carne sente cada rasgão e implora às Damas Brancas que venham te buscar. Não te parece que é uma solução boa para todo mundo?

Aha. Um novo livro. Nada bobo, pensou Orfeu. Mas o meu nome ficaria muito melhor em suas páginas brancas e novas! Pare de sonhar, Orfeu!

O Pífaru colocou a faca no pescoço de Mortimer. — E agora, cadê a sua resposta, Gaio? Vou ter que soletrá-la para você com a faca?

Mortimer ficou em silêncio.

— Responda! — gritou o Pífaru para ele. — Ou vou ter que fazê-lo para você? De qualquer forma há apenas uma resposta.

Mortimer continuou em silêncio, mas Violante falou por ele. — Por que ele te ajudaria se de qualquer forma você vai matá-lo? — perguntou ela para seu pai.

O Cabeça de Víbora levantou os pesados ombros. — Eu poderia fazer com que sua morte fosse um pouco menos dolorosa, ou mandar a sua mulher e a sua filha para as minas em vez de matá-las. Afinal, já negociamos uma vez pelas duas.

— Mas desta vez você não as tem sob seu poder. — A voz de Mortimer soava como se ele estivesse longe, muito longe. “Ele vai dizer que não!”, pensou Orfeu surpreso. “Que idiota.”

— Ainda não, mas em breve. — O Pífaru deslizou a faca até o peito de Mortimer e desenhou com a ponta um coração ali onde seu coração batia. — Orfeu nos descreveu exatamente onde elas estão escondidas. Você já ouviu. Provavelmente o Pardal as está levando agora mesmo para Ombra.

Era a segunda vez que Mortimer olhava para Orfeu, e o ódio em seus olhos tinha um gosto ainda mais doce do que as pequenas tortas que mandava Oss comprar para ele no mercado de Ombra todas as sextas. Bom, no futuro não seria Oss. Já que ele infelizmente havia sido devorado pelo íncubo assim que este surgiu das palavras de Fenoglio — havia demorado um pouco até que ele conseguisse controlá-lo —, mas sempre se poderia encontrar um novo guarda-costas.

— Você pode começar a trabalhar agora mesmo. A sua nobre protetora já trouxe praticamente tudo o que você precisa! — disse o Pífaru, e desta vez o sangue correu quando ele pressionou a faca contra o pescoço de Mortimer. — Aparentemente, ela queria fingir nos mínimos detalhes que você realmente só continua vivo para curar o livro. Que piada! Bom, ela sempre teve uma queda por menestréis.

Mortimer ignorou o Pífaru como se ele fosse invisível. Ele olhava somente para o Cabeça de Víbora. — Não — disse ele. A palavra pesou na sala escura. — Eu não vou encadernar um segundo livro para você. A morte não me perdoaria se eu o fizesse novamente.

Violante deu automaticamente um passo em direção a Mortimer, mas ele não olhou para ela.

— Não ouça o que ele diz! — disse ela para seu pai. — Ele o fará! Dê-lhe apenas um pouco de tempo.

Oh, então ela realmente se importava com o Gaio. Orfeu franziu a testa. Mais um motivo para desejar-lhe a morte.

O Cabeça de Víbora olhou pensativo para sua filha. — E que importância tem para você que ele o faça?

— Bom, você. — Pela primeira vez a voz de Violante mostrou insegurança. — Ele vai te curar.

— E daí? — O Príncipe de Prata respirava com dificuldade. — Você quer me ver morto. Não negue. Eu gosto disso! Prova que o meu sangue corre nas suas veias. Às vezes eu penso que eu realmente deveria te colocar no trono de Ombra. Você faria as coisas com certeza muito melhor do que o meu cunhado coberto de pó prateado.

— É claro que eu faria melhor! Eu mandaria seis vezes a quantidade de prata para o Castelo da Noite, porque não a dilapidaria com festas e caçadas. Mas para isso você tem que me entregar o Gaio — depois de ele ter feito o que você quer dele.

Impressionante. Ela realmente ainda estava estabelecendo condições. Oh sim, eu gosto dela, pensou Orfeu. Eu gosto muito dela. Será preciso apenas lhe arrancar a sua queda por encadernadores sem lei. Mas feito isso... seriam tantas as possibilidades!

Também o Cabeça de Víbora parecia gostar cada vez mais da filha. Ele riu tão alto como Orfeu nunca ouvira. — Vejam só! — gritou ele. — Ela está negociando comigo apesar de estar aí de mãos vazias! Levem-na para sua câmara — mandou ele a um dos seus soldados. — Mas cuidem bem dela. E levem Jacopo com ela. Um filho deve ficar com sua mãe. Mas você — disse ele para Mortimer —, aceite a minha oferta, ou eu vou fazer com que os meus guarda-costas te torturem até você mudar de ideia.

Pífaru abaixou a faca irritado quando Polegar surgiu da escuridão. Violante lançou-lhe um olhar inquieto, resistindo quando um soldado a puxou consigo — mas Mortimer continuou em silêncio.

— Vossa Alteza! — Orfeu se aproximou de forma respeitosa (ao menos ele esperava que parecesse assim). — Deixe-me arrancar o sim dele!

Um sussurro, um nome (era necessário apenas chamar pelo nome certo, como um cão), e o íncubo se separou da sombra de Orfeu.

— Bobagem! — disse-lhe o Pífaru. — Para que o Gaio morra da mesma forma que o Dançarino de Fogo? Não.

Ele fez com que levantassem Mortimer.

— Você não ouviu? A partir de agora é o meu trabalho, Pífaros. — Polegar tirou a luva negra.

Orfeu sentiu a decepção como uma amêndoa amarga em sua língua. Teria sido uma oportunidade de se mostrar necessário para o Cabeça de Víbora. Se ao menos ele tivesse o livro para poder escrever o Pífaros para fora daquele mundo! E esse Polegar junto.

— Senhor, por favor, ouça-me! — Ele se colocou no caminho do Cabeça de Víbora. — Seria possível pedir que no correr desse procedimento que não será agradável para o prisioneiro lhe seja tirada uma outra resposta? Vossa Alteza se lembra do livro do qual vos falei, o livro capaz de alterar este mundo da forma que Vossa Alteza desejar? Arranque dele, por favor, onde ele está?

Mas o Cabeça de Víbora virou-lhe as costas. — Depois — disse ele, e deixou-se novamente cair com um gemido na cadeira, onde as sombras o escondiam. — Agora trata-se de um único livro, e ele tem as páginas em branco. Pode começar, Polegar! — sua voz soou arfante na escuridão. — Mas tenha cuidado com as mãos dele.

Quando Orfeu sentiu um frio repentino no rosto, pensou primeiro que o vento da noite entrava pelas janelas com cortinas. Mas lá estavam elas bem ao lado do Gaio, tão brancas e assustadoras como no cemitério dos menestréis. Elas envolviam Mortimer como anjos sem asas, os membros de névoa, os rostos brancos como alvos ossos. O Pífaros tropeçou tão nervoso para trás que caiu e se cortou com a própria faca. Até mesmo o rosto do Polegar perdeu a sua indiferença. E os soldados que estavam ao lado de Mortimer se afastaram como crianças assustadas.

Não podia ser! Por que elas o estavam protegendo? Em agradecimento por tê-las feito várias vezes de idiota? Por ter-lhes arrancado Dedo Empoeirado? Orfeu sentiu o íncubo atrás dele se encolher como um cão assustado. O quê? Ele também as temia? Não. Não, maldito seja. Esse mundo tinha realmente que ser reescrito! E ele o faria. Oh sim. Ele encontraria um jeito.

O que elas estavam sussurrando?

A luz pálida que as filhas da morte emanavam afastou as sombras nas quais o Cabeça de Víbora se escondia, e Orfeu

percebeu que o Príncipe de Prata, em seu canto escuro, mal respirava e colocava as mãos trêmulas sobre os olhos. Então ele ainda temia as Damas Brancas, mesmo que para provar o contrário ele tivesse matado tantos homens no Castelo da Noite. Nada além de mentiras. O Cabeça de Víbora tremia de medo em sua carne imortal. Mortimer, porém, estava entre os anjos da morte de Fenoglio como se fossem parte dele, e sorria.



60. Mãe e filho



O cheiro de terra úmida e vegetação nova se apodera de mim, aquosa, escorregadia, com um gosto que lembra o ácido, como casca de árvore. Tem cheiro de juventude; tem cheiro de coração partido.

Margaret Atwood, *O assassino cego*



É claro que o Cabeça de Víbora mandara prender Violante na antiga câmara de sua mãe. Ele sabia muito bem que ali ela ouviria ainda mais alto todas as mentiras que a mãe lhe contara. Não podia ser. Sua mãe nunca mentira. Mãe e pai — sempre haviam significado o bem e o mal, verdade e mentira, amor e ódio. Era tão mais fácil! Mas agora o seu pai lhe tirara isso também. Violante procurava dentro dela pelo orgulho e pela força que sempre a haviam mantido em pé. Mas tudo que encontrou foi uma pequena menina feia, no meio da sua esperança feita pó, no coração a imagem quebrada de sua mãe.

Ela encostou a testa na porta trancada na tentativa de ouvir os gritos do Gaio, mas tudo o que ouvia eram as vozes dos guardas diante da sua porta. Por que ele não dissera sim? Por que ele achava que ela ainda poderia protegê-lo? O Polegar lhe ensinaria o contrário. Ela tinha que pensar no menestrel que seu pai mandara esquarterar por ter cantado para sua mãe, no criado que lhes trouxera livros e por isso fora trancado numa gaiola diante da sua janela até morrer de fome. Pergaminho é o que lhe davam para comer. Como ela poderia prometer proteção ao Gaio se até agora estar ao seu lado só trouxera para todos a morte?

— O Polegar vai cortar sua pele em tirinhas! — A voz de Jacopo mal a alcançava. — Dizem que ele é tão bom nisso que a pessoa não morre, dizem que ele treinou com os mortos!

— Fique quieto! — Ela queria bater nele, no meio do seu rosto pálido. A cada dia ele parecia mais com Cosme, mas ele teria preferido muito mais parecer com seu avô.

— Você não vai conseguir ouvir nada daqui. Eles vão levá-lo para o porão, onde estão os buracos. Eu estive lá. Está tudo ainda lá, totalmente enferrujado, mas ainda serve: correntes, facas, parafusos e pregos de ferro.

Violante olhou para o filho e este emudeceu. Ela foi até a janela, mas a jaula onde o Gaio estivera preso estava vazia. Apenas o Dançarino de Fogo jazia ali morto diante dela. Estranho que os corvos não o toquem. Como se tivessem medo dele.

Jacopo pegou o prato que uma das criadas lhe trouxera e revolveu a comida. Quantos anos ele tinha? Ela havia esquecido. Ao menos já não usava o nariz de prata, desde que o Píforo rira dele por causa disso.

— Você gosta dele.

— De quem?

— Do Gaio.

— Ele é melhor do que todos eles. — Mais uma vez ela procurou ouvir através da porta. Por que ele não disse sim? Talvez ela pudesse salvá-lo depois.

— Se o Gaio fizer mais um livro o avô vai continuar fedendo tanto mesmo assim? Eu acho que sim. Eu acho que em algum momento ele vai simplesmente cair morto. Aliás, ele parece bastante morto agora. — Ele soava tão desinteressado. Havia alguns meses Jacopo reverenciava seu pai. Seriam todas as crianças assim? Como ela poderia saber a resposta? Ela só tinha aquela. Crianças... Violante ainda podia vê-las caminhando pelo portal do castelo de Ombra para os braços de suas mães. Valeria a pena o Gaio morrer por elas?

— Eu não quero mais olhar para o avô! — Jacopo colocou as mãos sobre os olhos. — Quando ele morrer eu serei rei, ou não? — a frieza em sua voz fina impressionou Violante, e a deixou com medo também.

— Não, você não vai. Não depois de o seu pai tê-lo atacado. Seu próprio filho será o rei. O rei do castelo de Ombra.

— Mas ele é só um bebê.

— E daí? Então a sua mãe vai reger por ele. E o Pardal. — Além do mais, o seu avô continua imortal, acrescentou Violante em pensamentos, e parece que ninguém é capaz de mudar isso. Nunca, por toda eternidade.

Jacopo empurrou o prato para o lado e olhou para Brianna. Ela bordava a imagem de um cavaleiro suspeitosamente parecido com Cosme, mesmo que Brianna dissesse que se tratava do herói de uma antiga lenda. Era bom tê-la novamente ao seu lado, mesmo que depois de o íncubo ter matado seu pai ela tivesse se tornado ainda mais quieta do que o normal. Talvez ela o tenha amado. A maioria das filhas ama o seu pai.

— Brianna! — Jacopo puxou o seu lindo cabelo. — Leia para mim. Anda. Estou entediado.

— Você sabe ler, muito bem, aliás. — Brianna tirou os dedos do seu cabelo e continuou bordando.

— Eu vou trazer o íncubo para cá! — A voz de Jacopo ficou aguda como sempre que algo contrariava o seu desejo. — Para que ele te devore como ao teu pai. Ah não, ele não o devorou. Ele está morto lá fora no pátio e os corvos o estão comendo.

Brianna não levantou a cabeça nenhuma vez, mas Violante viu que as suas mãos tremiam tanto que ela espetou um dedo.

— Jacopo!

Seu filho se virou para ela, e por um instante pareceu a Violante que os seus olhos imploravam que dissesse algo mais. “Me sacuda!”, “Me bata!”, “Me puna!”, diziam eles. Ou: “Me abrace”. “Eu tenho medo.” “Eu odeio este castelo.” “Eu quero ir embora.”

Ela não quisera uma criança. Ela não sabia o que fazer com elas. Mas o pai de Cosme implorara por um neto. Para que ela iria querer uma criança? Ela já tinha trabalho suficiente em cuidar do seu próprio coração dolorido. Se ao menos tivesse sido uma menina. O Gaio tinha uma filha. Todos diziam que ele a amava muito. Por ela talvez ele aceitasse fazer um segundo livro para seu pai. Caso o Pardal realmente capturasse a sua filha. E então? Ela não queria pensar na mulher dele. Talvez ela morresse. O Pardal gostava de ser cruel com aquilo que caçava.

— Leia! Leia para mim! — Jacopo continuava diante de Brianna. Com um rápido movimento ele arrancou o bordado do seu colo, tão rudemente que ela quase furara novamente a mão.

— Parece com meu pai.

— Não parece não! — Brianna lançou a Violante um rápido olhar.

— Parece sim! Por que você não pede ao Gaio para trazê-lo de volta da morte? Assim como ele fez com o seu pai?

Antigamente Brianna teria batido nele, mas a morte de Cosme quebrara alguma coisa dentro dela. Ela se tornara mole como o interior de uma concha, mole e cheia de dor. Mesmo assim a sua companhia era melhor do que nada, e Violante adormecia muito mais facilmente quando Brianna cantava para ela.

Lá fora alguém levantou o ferrolho.

O que significava aquilo? Estariam vindo para dizer-lhe que o Pífaru havia matado o Gaio? Que o Polegar o quebrara assim como a tantos homens antes dele? E se for, Violante?, pensou ela. Que diferença faria? O seu coração está em cacos de qualquer forma.

Mas era o Olho Duplo quem entrava. Orfeu ou Cara de Lua, como o Pífaru o chamava com desprezo. Violante ainda não conseguia acreditar na rapidez com que ele conseguira um lugar ao lado do seu pai. Talvez fosse a sua voz. Ela era quase tão bonita como a do Gaio, mas alguma coisa nela fazia com que Violante se arrepiasse.

— Vossa Alteza! — O visitante fez uma reverência tão profunda que beirava a ironia.

— O Gaio deu enfim a resposta certa ao meu pai?

— Não, infelizmente não. Mas ele ainda está vivo, caso Vossa Alteza queira saber. — Seus olhos pareciam tão inocentes atrás dos vidros redondos, vidros que ela copiara, só que, ao contrário dele, Violante não os usava sempre. Às vezes ela preferia ver o mundo através de um véu.

— Onde ele está?

— Ah, Vossa Alteza viu a gaiola vazia. Bom, eu sugeri ao Cabeça de Víbora um outro alojamento para o Gaio. Vossa Alteza provavelmente sabe dos buracos onde vosso avô costumava jogar os prisioneiros. Eu tenho certeza que lá embaixo nosso nobre ladrão

vai abrir mão da sua resistência contra a vontade do vosso pai muito em breve. Mas agora, falemos do motivo da minha visita.

Seu sorriso era doce como xarope. O que ele queria dela?

— Vossa Alteza. — Sua voz acariciava a pele de Violante como uma das patas de coelho com as quais Balbulus alisava os pergaminhos. — Como Vossa Alteza, eu sou também um grande amigo dos livros. Infelizmente eu soube que a biblioteca deste castelo está em péssimo estado, mas veio aos meus ouvidos que Vossa Alteza sempre tem alguns livros convosco. Seria possível me emprestar um ou talvez dois destes livros? Eu mostraria o meu agradecimento por isso de todas as formas possíveis, é claro.

— E o que aconteceu com o meu livro? — Jacopo se colocou na frente de Violante, os braços cruzados, como seu avô gostava de fazer antes que seus braços inchados não permitissem mais esse gesto sem dor. — Você ainda não me devolveu. Você me deve — ele contou em seus pequenos dedos — doze moedas de prata.

O olhar que Orfeu lançou para Jacopo não era nem cálido nem doce. Mas a sua voz ainda era. — Mas é claro! Bom você ter me lembrado, Príncipe. Venha até a minha câmara que eu lhe darei as moedas e o livro. Agora deixe-me falar com a sua mãe, sim? — Com um sorriso de desculpas ele se voltou novamente para Violante.

— Então? — perguntou ele com voz baixa e em tom confidencial. — Vossa Alteza me emprestaria um deles? Eu ouvi falar maravilhas sobre vossos livros, e acredite em mim, eu terei o maior dos cuidados com eles.

— Ela só tem dois com ela. — Jacopo apontou para a arca ao lado da cama. — E os dois são sobre o Ga...

Violante colocou a mão sobre sua boca, mas Orfeu já havia dado um passo em direção à arca.

— Sinto muito — disse ela, e colocou-se no seu caminho. — Eu gosto demais destes livros para emprestá-los. E como você provavelmente já sabe, o meu pai cuidou para que Balbulus não fizesse mais nenhum para mim.

Orfeu parecia nem ouvir. Ele olhava como que hipnotizado para a arca. — Posso ao menos dar uma olhada neles?

— Não lhe dê os livros!

Orfeu aparentemente não percebera a presença de Brianna. Seu rosto ficou paralisado ao ouvir a voz atrás de si, e seus dedos grossos se fecharam.

Brianna se levantou e respondeu ao seu olhar belicoso com indiferença. — Ele faz coisas estranhas com os livros — disse ela. — Com os livros e as palavras dentro deles. E ele odeia o Gaio. Meu pai contou que ele tentou vendê-lo para a morte.

— Sua louca! — gaguejou Orfeu, e ajeitou com claro nervosismo os óculos. — Ela foi a minha criada, como você provavelmente sabe, e eu a peguei roubando. Provavelmente por causa disso ela fala essas coisas de mim.

Brianna ficou vermelha como se ele tivesse jogado água quente em seu rosto, mas Violante se aproximou dela protetoramente. — Brianna jamais roubaria nada — disse ela. — E agora vá. Eu não posso dar-lhe os livros.

— Ah, ela nunca roubaria? — Orfeu se esforçava claramente para dar a sua voz o mesmo tom suave de antes. — Bom, que eu saiba, ela lhe roubou o marido, não foi?

— Aqui!

Antes que Violante pudesse reagir, Jacopo já estava diante de Orfeu com os livros na mão. — Qual deles você quer? O mais grosso é o melhor. Mas desta vez você vai ter que pagar mais do que pagou pelo meu livro!

Violante tentou arrancar os livros dos seus dedos, mas Jacopo era surpreendentemente forte, e Orfeu abriu rapidamente a porta.

— Rápido. Pegue estes livros! — ordenou a um dos soldados que fazia guarda lá fora.

O soldado não teve nenhuma dificuldade em tirar os livros de Jacopo. Orfeu os abriu, leu algumas linhas, primeiro num depois no outro — e lançou a Violante um sorriso de triunfo.

— Sim, é exatamente a leitura de que preciso — disse ele. — Você receberá os livros de volta assim que eles tiverem servido ao meu propósito. Mas este — sussurrou ele para Jacopo dando-lhe um beliscão no rosto —, este será de graça, seu filhote avarento de um Príncipe morto! E o pagamento pelo seu outro livro, é melhor

esquecer, ou você quer que eu te apresente o meu íncubo? Com certeza você já ouviu falar dele.

Jacopo o olhava fixamente com uma mistura de medo e ódio em seu pequeno rosto.

Orfeu, porém, fez uma reverência da porta. — Eu realmente não tenho palavras para agradecer a Vossa Alteza — disse ele como despedida. — Vossa Alteza não imagina a alegria que esses livros me trazem. Agora o Gaio dará muito em breve o sim ao seu pai.

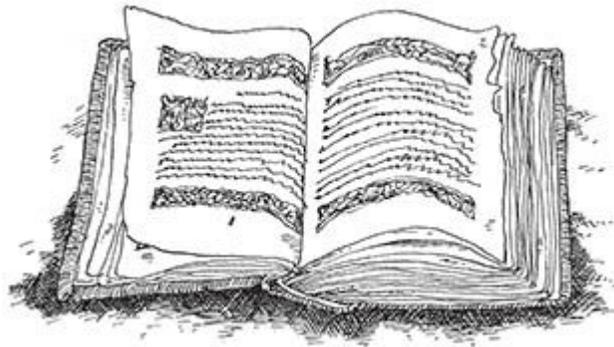
Jacopo mordeu nervoso os lábios quando o guarda lá fora fechou novamente o ferrolho, como sempre quando as coisas não corriam da forma como ele planejara. Violante deu-lhe um tapa tão forte no rosto, que ele tropeçou na cama e caiu e começou a chorar, em silêncio, os olhos presos nela como um cão que fora punido.

Brianna o ajudou a se levantar e limpou as lágrimas em suas roupas.

— O que o Olho Duplo pretende com os livros? — Violante tremia. Todo o seu corpo tremia. Ela tinha um novo inimigo. — Eu não sei — respondeu Brianna. — Eu sei apenas que meu pai roubou um livro dele por ter feito coisas terríveis com esse livro.

Coisas terríveis.

Agora o Gaio dará muito em breve o sim ao seu pai.



61. Trocando de roupa



Arquimedes devorou um pardal, limpou o bico educadamente nas ramagens e levantou os olhos em direção a Wart. Esses olhos grandes e redondos tinham, segundo um escritor famoso, uma flor-de-luz, uma mancha brilhante, parecido com o alento púrpura de uma uva.

"Agora que você aprendeu a voar", disse ele, "Merlin acha que você deveria tentar com os gansos selvagens."

T. H. White, *The once and future king*, livro I



Era fácil voar, tão fácil. O conhecimento veio junto com o corpo, com cada pena e cada ossinho. Sim, após terríveis câibras que haviam assustado mortalmente o Homem Forte, as sementes haviam transformado Resa em pássaro, mas não numa gralha como Mortola. — Uma andorinha! — sussurrou Lázaro quando ela pousou em sua mão, um pouco tonta ao perceber de repente que tudo aumentara de tamanho.

— Andorinhas são pássaros simpáticos, muito simpáticos. Combina com você. — Ele acariciara as suas asas com o dedo indicador, ela se sentira tão estranha ao não conseguir mais continuar sorrindo para ele com o seu bico. Mas falar ela conseguia, com sua voz humana, o que deixou o pobre Tullio ainda mais assustado.

As penas aqueciam bastante, e os guardas na margem do lago nem levantaram a vista quando ela passou voando sobre suas cabeças. Aparentemente eles ainda não haviam descoberto os homens que Lázaro matara. O brasão em suas capas de cor cinza lembrou Resa dos calabouços do Castelo da Noite. Esqueça-os, pensou ela, batendo suas asas ao vento. Isso é passado. Mas aquilo que está por vir talvez você possa mudar. Ou seria a vida, no final

de tudo, apenas uma rede feita de linhas do destino, da qual não havia escapatória? Não pense, Resa, voe!

Onde ele estava? Onde estava Mo?!

O Pífaro o prendera numa gaiola. Tullio não soubera lhe descrever onde estava essa gaiola. Num pátio, gaguejara ele, num pátio com pássaros desenhados. Resa ouvira falar dos muros desenhados do castelo. Do lado de fora eles eram quase negros, feitos com as pedras escuras que havia ao redor do lago. Ela estava feliz em não ter que atravessar a ponte. Lá estava cheio de soldados. Chovia, e debaixo deles os pingos de chuva formavam círculos infinitos na água. Mas o seu corpo pesava pouco, e voar era uma sensação maravilhosa. Ela viu o seu reflexo lá embaixo. Como uma flecha sobre as águas, e finalmente surgiram diante dela as torres, os muros reforçados, os telhados de ardósia acinzentada, e, entre eles, pátios escuros como buracos num desenho de pedras. Árvores nuas, canis, um poço, um jardim congelado, e soldados por todas as partes. Gaiolas...

Ela as encontrou rapidamente. Mas primeiro viu Dedo Empoeirado caído sobre os paralelepípedos cinzentos como uma trouxa de roupas velhas. Oh, Deus! Ela teria preferido jamais voltar a vê-lo daquela forma. Uma criança estava ao seu lado, olhando para o corpo imóvel como se esperasse que ele fosse se mexer novamente assim como já o fizera uma vez, caso as canções dos menestréis não mentissem. Elas não mentem, teve vontade de dizer. Eu senti a sua mão quente. Eu o vi sorrir novamente e beijar a sua mulher. Mas ao vê-lo ali caído era como se ele nunca tivesse se mexido desde que morrera na mina. A gaiola ela só viu ao voar mais baixo e pousar num dos telhados cobertos com ardósia. Elas estavam todas vazias. Nada de Mo. Gaiolas vazias e um corpo vazio... Ela queria deixar-se cair como uma pedra sobre o chão de pedras e ficar ali imóvel, assim como Dedo Empoeirado.

A criança se virou. Era o garoto que ela vira da última vez atrás das ameias em Ombra. O filho de Violante. Até mesmo Meggie, que normalmente pegava no colo com carinho qualquer criança, falava cheia de horror sobre ele. Jacopo. Por um momento ele olhou fixamente para Resa lá em cima, como se visse a mulher por trás

das penas, mas logo a seguir ele se inclinou novamente sobre o morto, tocou o rosto imóvel — e se levantou novamente quando alguém chamou seu nome.

A voz era inconfundível.

O Pífaru.

Resa voou até um telhado.

— Vamos, seu avô quer falar com você! — O Pífaru pegou o garoto pelo pescoço e o empurrou rudemente para a escada mais próxima.

— Por quê? — a voz de Jacopo soou como uma ridícula imitação da do seu avô, mas ao mesmo tempo era a voz de um garotinho, perdido entre os adultos, sem pai — e sem mãe conforme o que Roxane lhe contara sobre o desamor de Violante.

— E para que seria? Com certeza não é por morrer de vontade de se deleitar com a sua lamuriosa companhia.— O Pífaru afundou o punho nas costas de Jacopo. — Ele quer saber o que a sua mãe te conta quando você fica sozinho com ela em sua câmara.

— Ela não fala comigo.

— Oh, isso não é bom. O que faremos com você se você não servir de espião? Talvez possa servir de comida para o íncubo! Faz tempo que ele não come, e se depender do seu avô, ele não vai sentir o gosto do Gaió tão cedo.

O íncubo.

Então Tullio não havia mentido. Assim que as vozes desapareceram, Resa voou até Dedo Empoeirado. Mas a andorinha não podia sorrir ou chorar. “Voe atrás do Pífaru, Resa”, pensou ela, parada sobre a pedra molhada de chuva, “procure por Mo. Você já não pode fazer nada pelo Dançarino de Fogo, assim como antes.” Ela agradeceu que o íncubo não o houvesse devorado como fizera com o Afanador. O seu rosto estava tão frio, sentiu ao encostar a sua cabeça emplumada sobre ele.

— Como é que você foi parar nesse belo vestido de plumas, Resa?

O sussurro veio do nada, da chuva, do ar úmido, da pedra desenhada, não dos lábios frios. Mas era a voz de Dedo Empoeirado, rouca e suave ao mesmo tempo, para sempre familiar.

Resa virou rapidamente a cabeça de pássaro — e ouviu-o rir baixinho.

— Você já não procurou por mim uma vez, nos calabouços do Castelo da Noite? Lá eu estava invisível também, mas que eu me lembre, é muito mais divertido sem o corpo. Mesmo que essa diversão não possa durar por muito tempo. Temo que se o deixar mais tempo ali, desabitado, em breve ele não vai mais me servir e aí nem mesmo a voz do seu marido poderá me trazer de volta. Sem falar que sem a ajuda da carne esquecemos rapidamente quem somos. Confesso que eu já estava quase esquecendo — até olhar pra você.

Parecia que um sonâmbulo havia despertado quando o morto se mexeu. Dedo Empoeirado afastou o cabelo úmido do rosto e olhou em volta como se quisesse ter certeza que seu corpo ainda lhe servia. Exatamente como sonhara Resa na noite após a sua morte, mas naquela ocasião ele não acordara novamente. Até que Mo o despertasse.

Mo. Ela voou até o ombro de Dedo Empoeirado, mas ele colocou os dedos sobre os lábios num aviso quando o bico se abriu. Com um leve assobio chamou Gwin até ele, depois olhou para a escada pela qual o Pífaró subira com Jacopo, para as janelas a sua esquerda e para a torre do mirante que projetava sua sombra sobre eles. — As fadas contam de uma planta que transforma as pessoas em animais e os animais em pessoas! — sussurrou ele. — Mas elas dizem também que é muito perigoso utilizá-la. Há quanto tempo você está vestindo as suas penas?

— Duas horas talvez.

— Então já é hora que você se desfaça delas. Por sorte este castelo tem muitas câmaras esquecidas, e eu inspecionei todas antes que o Pífaró chegasse. — Ele estendeu a mão e Resa colocou seus pés em sua pele novamente quente. Ele estava vivo! Não estava?

— Eu trouxe algumas qualidades muito práticas da morte! — sussurrou Dedo Empoeirado enquanto a levava por um corredor desenhado com peixes e ninfas, como se o lago o tivesse engolido. — Eu posso me desfazer deste corpo como de uma roupa, dar uma

alma ao fogo e ler o coração do seu marido com mais facilidade do que as letras que você tanto trabalho teve em me ensinar.

Ele abriu uma porta. Não havia nenhuma janela que iluminasse a câmara lá embaixo, mas Dedo Empoeirado sussurrou e as paredes se cobriram com faíscas como se crescesse nela uma pele de fogo.

Quando Resa cuspiu as sementes que trazia debaixo da língua, faltaram duas, e por um terrível momento temeu que a partir de então continuasse sendo um pássaro para sempre, mas o seu corpo ainda se lembrava. Quando os seus membros humanos voltaram a surgir ela apalpou automaticamente o corpo se perguntando se a criança dentro dela havia se transformado também por causa das sementes. O pensamento lhe causou um pavor tão grande que ela quase vomitou.

Dedo Empoeirado pegou uma pena de andorinha que ficara a seus pés e examinou-a pensativo.

— Roxane está bem — disse Resa.

Ele sorriu. — Eu sei.

Ele parecia saber tudo. Sendo assim, ela não contou nem do Afanador nem de Mortola ou sobre como o Príncipe Negro quase morrera. E Dedo Empoeirado não lhe perguntou por que ela viera atrás de Mo.

— E o que aconteceu com o íncubo? — Somente o pronunciar da palavra lhe causava medo.

— Eu escapuli a tempo dos seus dedos negros. — Ele passou a mão pelo rosto como se quisesse espantar uma sombra. — Por sorte os da sua espécie não se interessam pelos mortos.

— De onde ele veio?

— Orfeu o trouxe até aqui. Ele o segue como um cão.

— Orfeu? — Mas não podia ser! Orfeu estava em Ombra se afogando em vinho e autocomiseração desde que Dedo Empoeirado lhe roubara o livro!

— Sim, Orfeu. Eu não sei como ele fez, mas agora ele serve ao Víbora. E conseguiu que jogassem o seu marido num buraco nas masmorras lá embaixo do castelo.

Ouviram passos sobre eles, que logo a seguir se afastaram novamente.

— Leve-me até ele!

— Você não pode ir até ele. Os buracos são fundos e muito bem guardados. Talvez eu consiga sozinho, mas nós dois chamaríamos facilmente a atenção. O castelo estará cheio de soldados assim que descobrirem que o Dançarino de Fogo voltou da morte mais uma vez.

Você não pode ir até ele... Espere aqui, Resa... É perigoso demais. Ela não podia mais ouvir. — Como ele está? — perguntou ela. — Você disse que pode ler o seu coração.

Ela leu a resposta nos olhos de Dedo Empoeirado.

— Um pássaro chama menos atenção do que você — disse ela e colocou as sementes na boca antes que ele pudesse detê-la.



62. Negro



*Você é o pássaro, cujas asas vieram,
Quando eu despertei durante a noite e chamei.
Chamei apenas com os braços, pois teu nome
É como um abismo, com mil noites de profundidade.
Rainer Maria Rilke, O anjo da guarda*



O buraco onde haviam jogado Mo era pior do que a torre do Castelo da Noite e o calabouço de Ombra. Eles o haviam descido preso numa corrente, as mãos amarradas, cada vez mais fundo, até que a escuridão pousasse em seus olhos feito cegueira. E o Píforo ficara lá em cima dizendo com sua voz anasalada que traria Meggie e Resa para lá e as mataria diante dos seus olhos. Como se fizesse muita diferença. Meggie estava perdida. A morte a levaria assim como a ele. Mas talvez a Grande Mutação salvasse ao menos Resa e a criança que ainda não nascera se ele se recusasse a encadernar um novo livro para o Cabeça de Víbora. Tinta, Mortimer, tinta negra é o que te envolve. Sentia dificuldade em respirar naquele vazio cheio de umidade. Mas o enchia de uma estranha tranquilidade saber que não dependia mais dele continuar contando aquela história, novos e novos capítulos. Estava tão cansado disso...

Ele deixou-se cair de joelhos. A pedra úmida parecia o fundo de um poço. Quando criança sempre tivera medo de cair num poço e de morrer de fome lá embaixo, desvalido sozinho. Ele sentiu um arrepio e desejou a presença do fogo de Dedo Empoeirado, da sua luz e do seu calor. Mas Dedo Empoeirado estava morto. Extinguido pelo íncubo de Orfeu. Mo imaginou poder ouvi-lo respirar ao seu lado, tão claramente que procurou naquela escuridão por seus olhos vermelhos. Mas ali não havia nada, ou havia?

Ele ouviu passos e olhou para cima.

— Então? Está gostando aí debaixo?

Orfeu estava parado na beira do buraco. A luz de sua tocha não chegava até o fundo, para isso o buraco era fundo demais, e Mo deu automaticamente um passo para trás, para que a escuridão o escondesse. Como um animal encarcerado, Mortimer.

— Oh, você não fala mais comigo? Compreensível. — Orfeu sorriu feliz consigo mesmo, e a mão de Mo se dirigiu até onde costumava levar a faca, a faca que Baptista tão bem escondera, e que o Polegar havia encontrado. Ele imaginava como seria poder esfaquear o corpo gelatinoso de Orfeu. As imagens criadas pelo seu ódio indefeso eram tão sangrentas que ele sentiu náuseas.

— Eu estou aqui para te contar como continua essa história. Já que provavelmente você ainda acredita ter nela um dos papéis principais.

Mo fechou os olhos e encostou-se contra a parede úmida. Deixe-o falar, Mortimer. Pense em Resa, pense em Meggie. Ou melhor não? Como é que Orfeu ficara sabendo da caverna?

Está tudo perdido, sussurrou uma voz dentro dele. Tudo. A tranquilidade que o acompanhara desde a aparição das Damas Brancas havia desaparecido. Voltem, queria sussurrar. Por favor! Protejam-me! Mas elas não vieram. Em vez disso, as palavras devoravam o seu coração como vermes brancos. De onde elas viriam? Estava tudo perdido. Pare, Mortimer! Mas as palavras continuavam devorando-o e ele se encolheu de dor.

— Você está tão quieto! Já está sentindo a sua presença? — Orfeu riu contente como uma criança. — Eu sabia que iria funcionar. Eu soube quando li a primeira canção. Sim, eu tenho um livro novamente, Mortimer. Tenho três, inclusive, todos transbordando com palavras de Fenoglio, e dois deles falam apenas do Gaio. Violante os trouxe com ela para este castelo. Não foi simpático da sua parte? Obviamente, eu tive que fazer algumas mudanças, algumas palavras para cá, outras para lá. Fenoglio é muito bonzinho com o Gaio, mas eu fiz algumas correções.

As canções do Gaio de Fenoglio. Todas elas copiadas cuidadosamente por Balbulus. Mo fechou os olhos.

— A água, porém, não é responsabilidade minha! — gritou Orfeu lá de cima. — O Cabeça de Víbora mandou abrir as comportas do lago. Você não vai se afogar, a água não subirá tanto, mas não será nada agradável.

Mo sentiu a água naquele mesmo momento. Ela subia pelas suas pernas como se a escuridão tivesse se liquefeito, tão fria e negra que ele mal conseguia respirar.

— Não, a água não foi ideia minha — continuou Orfeu com voz entediada. — Eu já te conheço bem demais para acreditar que este tipo de medo poderia te atingir. Provavelmente você espera com a sua tenacidade acalmar novamente a morte, agora, que você não conseguiu cumprir o acordo que fez com ela. Sim, eu sei do acordo, eu sei de tudo... seja como for — eu vou tirar de você a tenacidade. Vou fazer com que você esqueça a sua nobreza e as suas virtudes. Eu vou fazer com que você esqueça tudo, menos o medo, e as Damas Brancas não poderão te proteger das minhas palavras.

Mo quis matá-lo. Com suas próprias mãos. Mas as suas mãos estão amarradas, Mortimer.

— Primeiro eu pensei em escrever alguma coisa sobre sua mulher e sua filha, mas depois disse a mim mesmo: “Não, Orfeu, assim ele não sentirá as palavras na própria pele!”.

O Cara de Lua se deliciava com cada palavra. Como se houvesse sonhado com aquele momento. Ele lá em cima e eu num buraco negro, pensou Mo, tão desvalido como uma ratazana, que ele poderia matar a qualquer momento.

— Não! — continuou Orfeu. — Não, eu disse a mim mesmo. Deixe-o sentir no próprio corpo a força das suas palavras. Mostre-lhe que de agora em diante você pode brincar com o Gaio feito um gato com um rato. Só que as suas garras são feitas de letras!

E Mo sentiu as garras. Sentia como se a água de repente entrasse em sua pele e alcançasse seu coração. Tão negra. Então veio a dor. Tão forte, como se Mortola tivesse atirado novamente, tão verdadeira que ele colocou as mãos sobre o peito e imaginou sentir o próprio sangue em seus dedos. Ele via, apesar de a escuridão deixá-lo cego, o vermelho em sua camisa e em suas mãos, e sentia que lhe fugiam as forças como da outra vez. Ele mal

conseguia manter-se em pé, teve que se apoiar na parede para não deslizar para dentro da água que já lhe alcançava a cintura. “Resa. Oh, Deus! Resa, me ajude.”

O desespero o fazia tremer como uma criança. Desespero e fúria impotente.

— No início eu não sabia o que funcionaria melhor. — A voz de Orfeu entrava no meio da dor como uma faca cega. — Deveria eu te mandar algumas vistas desagradáveis para água? Eu tenho esse livro, que Fenoglio escreveu para Jacopo. Ali há algumas criaturas bastante assustadoras. Entretanto eu me decidi por um outro caminho, infinitamente mais interessante! Eu decidi levar você à loucura, com criaturas da sua própria cabeça, antigos medos, raivas e dores antigas, guardadas em seu coração de herói, aprisionadas, mas não esquecidas. “Traga tudo de volta, Orfeu!”, eu disse a mim mesmo, “enriquecido com as imagens que ele sempre temeu: uma esposa morta, um filho morto. Mande tudo isso para ele lá embaixo na escuridão, mande-lhe o silêncio. Mande-lhe a raiva, deixe-o sonhar com os mortos, deixe-o afogar-se em sua própria raiva. Como se sente um herói que treme de medo sabendo que esse medo vem de dentro dele? Como se sente o Gaio ao sonhar com batalhas sangrentas? Como é a sensação de duvidar da própria razão? Sim, Orfeu”, eu disse a mim mesmo, “se você quiser destruí-lo, então que seja assim. Deixe-o perder-se em si mesmo, deixe que o Gaio grite como um cão raivoso, deixe-o perder-se em seu próprio medo. Liberte as fúrias que o transformam num assassino tão magistral.”

Mo sentia o que Orfeu descrevia na medida em que ele falava, e percebeu que todas aquelas palavras tinham sido lidas havia muito tempo, com a língua de Orfeu, tão poderosa como a sua.

Oh sim, havia uma nova canção sobre o Gaio: como ele perdeu a razão num buraco negro e úmido e quase se afogou em seu desespero, como ele finalmente implorou por clemência e encadernou para o Cabeça de Víbora um novo livro em branco, as mãos ainda trêmulas das horas na escuridão.

A água não subiu mais, mas Mo sentiu algo passar por suas pernas. Respire, Mortimer, respire devagar. Deixe as palavras do

lado de fora, não permita que elas entrem. Você consegue. Mas como, se o seu peito fora atingido novamente, se o seu sangue se misturava na água e tudo nele gritava por vingança? Sentiu calor, como da outra vez, calor e tanto frio. Ele mordeu os lábios para que Orfeu não o ouvisse gemer, colocou a mão sobre o peito. Sinta, não há sangue. E Meggie não está morta, mesmo que você o veja tão claramente como Orfeu é capaz de descrever. Não, não, não! Mas as palavras sussurravam: sim! E sentia como se se partisse em mil cacos.

— Guarda, jogue a sua tocha lá embaixo! Eu quero vê-lo.

A tocha caiu. Ela cegou Mo e flutuou por um momento diante dele na água escura até se apagar.

— Então, você as sente! Você sente cada palavra, não é? — Orfeu olhou para ele lá embaixo como uma criança para uma minhoca num anzol, observando fascinada ela se contorcer. Oh, ele queria submergir sua cabeça na água por tanto tempo até deixar de respirar. Pare com isso, Mortimer. O que ele está fazendo com você? Defenda-se. Mas como? Ele queria deixar-se afundar na água apenas para livrar-se das palavras, mas sabia que até mesmo lá elas o esperariam.

— Eu volto em uma hora! — gritou Orfeu lá de cima. — É claro que não pude resistir a ler para você algumas criaturas horrendas na água, mas elas não vão te matar, não se preocupe. Quem sabe talvez você as veja como uma distração agradável daquilo que a sua razão tentará te fazer acreditar. Gaio... sim, é necessário escolher com cuidado o papel que se pretende interpretar. Mande me chamar assim que você perceber que a sua nobreza não serve para nada. Na mesma hora escreverei para você algumas palavras de redenção. Algo como... *Então amanheceu, e a loucura abandonou o Gaio...*

Orfeu riu. E foi embora. Deixando-o sozinho com a água e a escuridão e as palavras.

Encaderne o livro para o Cabeça de Víbora. A frase se formou na mente de Mo como se estivesse escrita com caligrafia. Encaderne para ele mais um livro em branco e tudo ficará bem.

Novamente a dor lhe destroçava o peito, com tanta força que ele gritou. Ele viu o Polegar apertando alicates em seus dedos, viu o Pardal puxando Meggie pelos cabelos para fora da caverna, viu os cães atrás de Resa, ele tremia de febre — ou seria de frio? Está tudo apenas na sua cabeça, Mortimer! Ele bateu a testa na pedra. Se ao menos pudesse ver alguma coisa além das imagens de Orfeu. Se ao menos pudesse sentir alguma coisa além das suas palavras. Coloque as mãos sobre a pedra, anda, mergulhe o rosto na água, bata com os punhos na própria carne, somente isso é verdadeiro, nada mais. Ah é?

Mo soluçou e pressionou a testa com as mãos atadas. Ele ouviu um voejar acima dele. Faíscas surgiam na escuridão. A escuridão desapareceu como se alguém lhe tirasse uma venda dos olhos. Dedo Empoeirado? Não. Dedo Empoeirado estava morto. Mesmo que o seu coração não quisesse acreditar nisso.

O Gaio morre, sussurrava uma voz dentro dele, o Gaio enlouquece. E novamente ele ouviu o voejar. É claro. A morte vinha visitá-lo, e desta vez não mandava as Damas Brancas para protegê-lo. Desta vez vinha ela mesma para buscá-lo, porque ele fracassara. Primeiro ele e depois Meggie... Mas talvez até mesmo isso fosse melhor do que as palavras de Orfeu.

Tudo estava negro, tão negro, apesar das faíscas. Sim, ainda as via. De onde elas vinham? Novamente ele ouviu o voejar, e de repente sentiu alguém ao seu lado. Sentiu uma mão sobre a testa acariciando-lhe o rosto. Tão conhecida.

— O que está acontecendo com você, Mo!

Resa. Não poderia ser. Estaria Orfeu colocando o seu rosto em frente a ele para depois fazê-la afogar-se diante dos seus olhos? Ela parecia tão real! Ele não sabia que Orfeu podia escrever tão bem. E como eram quentes as suas mãos.

— O que ele tem?

A voz de Dedo Empoeirado. Mo olhou para cima e o viu no mesmo lugar onde estivera Orfeu. Era loucura. Ele ficaria preso num sonho até que Orfeu o tirasse de lá.

— Mo! — Resa segurou o seu rosto em suas mãos. Nada além de um sonho. Mas de que importava? Era tão bom vê-la. Ele suspirou

de alívio e ela o abraçou. — Você tem que sair daqui!

Ela não podia ser real.

— Mo, preste atenção! Você tem que sair daqui.

— Você não pode estar aqui. — Sua língua parecia tão pesada. Como então, com a febre.

— Sim, eu posso.

— Dedo Empoeirado está morto. — Resa... ela parecia tão diferente com o cabelo preso.

Alguma coisa nadava entre eles. Espinhos saíram para fora d'água e Resa se afastou assustada. Ele a puxou para si e bateu naquilo que nadava. Como num sonho. Dedo Empoeirado jogou uma corda. Não chegava até lá embaixo, mas com um sussurro ela começou a crescer estendida com fios de fogo.

Mo segurou a corda e a soltou novamente.

— Eu não posso. — A água que enchia o buraco parecia vermelha como sangue desde que as faíscas a iluminavam. — Eu não consigo.

— Do que você está falando? — Resa colocou a corda de fogo em suas mãos úmidas.

— A morte. Meggie. — As palavras também haviam se perdido no meio de toda aquela escuridão. — Eu tenho que encontrar o livro, Resa.

Ela colocou novamente a corda em sua mão. Ela era quente. Teriam que subir rapidamente para que não lhes queimasse a pele. Ele começou a subir, mas sentia como se a escuridão o envolvesse como um pano negro. Dedo Empoeirado o ajudou ao chegar na borda do buraco. Dois guardas estavam caídos ao lado, mortos ou inconscientes.

Dedo Empoeirado olhou para ele. Ele viu seu coração, viu tudo dentro dele.

— São imagens ruins — disse.

— Negras como tinta. — Sua voz soou rouca. — Lembranças de Orfeu.

As palavras continuavam ali. Dor. Desespero. Ódio. Raiva. Seu coração parecia se encher daquilo a cada respiração. Como se o buraco escuro estivesse dentro dele.

Ele tirou a espada de um dos guardas e puxou Resa para si. Sentiu como ela tremia por baixo daquelas roupas desconhecidas. Talvez ela realmente tivesse vindo. Mas como? E por que Dedo Empoeirado não estava mais morto diante da gaiola? E se tudo aquilo fossem apenas as imagens de Orfeu?, pensou ele enquanto seguia Dedo Empoeirado. E se ele as tivesse criado para puxá-lo ainda mais fundo na escuridão? Orfeu. Mate-o, Mortimer. A ele e às suas palavras. O próprio ódio lhe dava quase mais medo do que a escuridão, tão descontrolado ele surgira, tão sangrento.

Dedo Empoeirado ia na frente, tão rápido como se os guiasse por caminhos conhecidos. Escadas, passagens, corredores eternos, sem relutar, como se as palavras indicassem o caminho, e por onde ele passava, faíscas saíam dos muros, aumentavam e tingiam a escuridão em tons dourados. Três vezes surgiram soldados em seu caminho. Mo os matou com tanta vontade como se matasse Orfeu. Dedo Empoeirado teve que puxá-lo para que continuasse correndo, e ele viu o medo no rosto de Resa. Ele pegou a mão dela como alguém que se afogava. E sentiu dentro de si a escuridão.



63. Ah, Fenoglio!



*Aqui termina enfim o testamento do poeta,
E assim como ele se separa do mundo,
Separem-se dele dando graças a Deus,
Pois estamos livres dele, o próximo, por favor,
Para que a dezena no banco volte a estar completa
Conforme costume ancestral.
Tanto na vida como na morte;
Por causa de um inútil não se faz escândalo.
Francois Villon, Balada com a qual
Villon conclui o testamento*



Na mão de um gigante. Do seu gigante! Nada mal, não. Não era um motivo para sentir-se infeliz. Se ao menos o Príncipe Negro parecesse um pouco mais vivo! Se, se, se, Fenoglio!, pensou ele. Se ao menos você tivesse terminado de escrever as palavras para Mortimer! Se você ao menos tivesse uma ideia de como esta história vai continuar a partir de agora...

Os dedos gigantes o mantinham preso e ao mesmo tempo a salvo, como se estivessem acostumados a carregar pequenos humanos. O que não necessariamente era um pensamento que o tranquilizasse. Obviamente, Fenoglio não queria acabar como brinquedo de alguma criança gigante. Sem dúvida aquele seria o pior dos finais. Mas alguém lhe pediria sua opinião? Não.

O que nos leva novamente à velha pergunta, pensou Fenoglio, enquanto seu estômago, de tanto balançar, aos poucos, mas sem dúvida, começava a se sentir como das vezes em que se entupia com aquelas patas de porco recheadas de Minerva. Sim, a velha pergunta.

Haveria alguém mais escrevendo essa história?

Haveria em algum lugar entre os morros, que ele mesmo descrevera tão claramente, um escrevinhador que o tivesse colocado nas mãos daquele gigante? Ou estaria o malfeitor no outro mundo, no mundo não escrito, assim como ele mesmo o fizera uma vez ao colocar *Coração de tinta* no papel?

Ah, que ideia! No que isso te transformaria, Fenoglio?, pensou ele irritado e ao mesmo tempo inseguro, como todas as vezes em que pensava naquela pergunta. Não, ele não era manejado por fios como essa marionete idiota com o qual Baptista se apresentava às vezes no mercado (embora se parecesse um pouco com ele). Não, não, não. Nada de fios para Fenoglio, fossem fios de palavras ou do destino. Ele gostava de ter a sua vida nas próprias mãos e se defendia de qualquer tipo de influência — mesmo que fosse obrigado a reconhecer que ele mesmo gostava muito de manejar as marionetes. A questão era: a sua história simplesmente havia saído um pouco dos eixos. Ninguém a estava escrevendo. Ela se escrevia sozinha! E agora ela tivera essa ideia idiota com o gigante!

Fenoglio olhou para baixo novamente, mesmo que o seu estômago se embrulhasse. Era uma altura considerável, mas como isso poderia assustá-lo depois de ter caído da árvore feito fruta madura? A visão do Príncipe Negro dava muito mais motivos de preocupação. Ele parecia assustadoramente sem vida do jeito que ia pendurado na outra mão do gigante.

Que vergonha. Tanto esforço que ele tivera para mantê-lo vivo, todas as palavras, as ervas na neve, os cuidados de Roxane, tudo em vão. Maldição! Fenoglio amaldiçoou em voz tão alta que o gigante o ergueu na altura dos olhos. Era o que faltava!

Será que sorrir para ele ajudava? Seria possível falar com ele? Bom, se você não sabe a resposta, Fenoglio, quem mais vai saber, seu velho cabeça oca.

O gigante ficou parado. Continuava olhando para ele. Ele abriu um pouco os dedos, e Fenoglio aproveitou a oportunidade para esticar seus velhos membros.

Palavras, mais uma vez precisava de palavras, e claro, como sempre as palavras corretas. Talvez fosse mesmo uma sorte simplesmente ser surdo e não se preocupar com as palavras!

— ãh — que início mais vergonhoso, Fenoglio. — ãh. Como você se chama?— Oh, céus!

O gigante soprou em seu rosto e disse algo. Eram sem dúvida palavras o que saíram dos seus lábios, mas Fenoglio não as entendeu. Também, como poderia?

Como o gigante olhava para ele! Era o mesmo olhar do seu neto mais velho quando encontrara um besouro preto e enorme em sua cozinha. Fascinado e inquieto ao mesmo tempo. Então o besouro começara a se debater e Pippo, assustado, o deixara cair e o pisara. Por isso, Fenoglio, fique quieto! Nada de se debater, nem ao menos o menor movimento, mesmo que os seus velhos ossos doam muito. Deus, esses dedos. Cada um deles era tão longo como seu braço!

Mas aparentemente, por um momento o gigante perdera o interesse por ele. Estudava com visível preocupação a sua outra presa. E finalmente, balançou o Príncipe Negro como um relógio que houvesse parado de funcionar e suspirou ao ver que ele continuava não se mexendo. Com um novo profundo suspiro deixou-se cair de joelhos — com surpreendente delicadeza para o seu tamanho —, examinou com expressão preocupada o rosto negro e colocou o Príncipe com cuidado sobre o musgo espesso que crescia sob as árvores. Exatamente como faziam os netos de Fenoglio com os pássaros mortos que tiravam do seu gato. Eles também olhavam daquele jeito ao colocar cuidadosamente o pequeno corpo entre suas rosas.

O gigante não construiu para o Príncipe uma cruz com galhos, como Pippo fazia para cada animal morto. Também não o enterrou. Ele apenas o cobriu com folhas secas, cuidadosamente, como se não quisesse perturbar o seu sono. Então se levantou novamente e olhou para Fenoglio como se quisesse ter certeza que ao menos esse ainda respirava, e continuou andando, cada passo correspondendo a uma dúzia de passos humanos, talvez mais. Para onde? Para longe de tudo, Fenoglio, bem longe!

Ele sentiu os dedos enormes se fecharem novamente sobre si e então — mal podia acreditar no que ouvia! — o gigante começou a cantarolar a mesma canção que Roxane cantava à noite para as crianças. Desde quando os gigantes cantavam canções humanas?

Seja como for... aparentemente ele estava muito contente consigo mesmo e com o mundo, apesar do brinquedo quebrado de rosto negro. Provavelmente ele imaginava como seria entregar para o seu filho aquela estranha criatura que havia caído em suas mãos. Ai ai. Fenoglio sentiu um arrepio. E se o pequeno o desmembrasse como faziam às vezes as crianças com os insetos?

“Seu idiota!”, pensou ele. “Seu velho idiota! Loredan tem razão. A megalomania é sua qualidade principal! Como você pode acreditar que existem palavras capazes de controlar um gigante?” Mais um passo e mais um... Adeus, Ombra. Provavelmente ele jamais saberia o que aconteceu com as crianças, ou com Mortimer.

Fenoglio fechou os olhos. E de repente imaginou poder ouvir as vozes finas, mas insistentes, dos seus netos: avô, se faz de morto para nós. É claro! Nada mais fácil do que isso. Quantas vezes ele não havia se deitado no sofá, imóvel, mesmo que os pequenos dedos apertassem sua barriga e as rugas em seu rosto. Homem morto.

Fenoglio gemeu alto, relaxou os membros e olhou fixamente para a frente.

Pronto. O gigante se deteve. Olhou consternado para ele. Respire muito levemente, Fenoglio, melhor, não respire. Mas neste caso provavelmente a sua velha cabeça-dura vai explodir!

O gigante soprou em seu rosto. Ele quase espirrou. Mas os seus netos também teriam soprado em seu rosto, porém com bocas bem menores e com um bafo menos forte. Fique quieto, Fenoglio!

Quieto.

O enorme rosto tornou-se uma máscara de decepção. Novamente saiu um suspiro do peito largo. Tocou cuidadosamente com o indicador, falou algumas palavras incompreensíveis e se ajoelhou. Fenoglio sentiu-se tonto com a descida, mas continuou fingindo-se de morto. O gigante olhou em volta em busca de ajuda como se alguém pudesse descer das árvores e trazer de volta à vida o seu brinquedo. Alguns flocos de neve caíram do céu cinza — esfriara novamente — e pousaram sobre o braço enorme. Eles eram verdes como o musgo em volta, cinzas como as cascas das árvores e brancos como a neve que começara a cair com mais força. O

gigante suspirou e murmurou alguma coisa. Aparentemente ele estava muito decepcionado mesmo. Então deitou Fenoglio com o mesmo cuidado como fizera com o Príncipe Negro. Empurrou-o uma última vez com o dedo — nenhum movimento, Fenoglio! — e colocou um punhado de folhas secas em seu rosto, misturado com alguns insetos e outros moradores de muitas patas daquela floresta, que assustados procuravam um novo esconderijo na roupa de Fenoglio. Homem morto, Fenoglio! Uma vez Pippo não colocou uma minhoca no seu rosto e você não se mexeu mesmo assim — para grande decepção dele?

Não, ele não se mexeu, nem mesmo quando algo muito peludo se arrastou pelo seu nariz. Ele esperou até que os passos se afastassem, até que a terra debaixo dele deixasse de tremer como um tambor. O ajudante que chamara foi embora e o deixou ali sozinho com todas as outras criaturas. E agora?

Tudo silenciou. O tremer da terra mal se percebia, e Fenoglio tirou as folhas mortas do rosto e do peito e levantou-se dolorido. Ele não sentia mais as suas pernas, como se alguém tivesse sentado sobre elas, mas ainda conseguia andar. Mas para onde? Bom, obviamente atrás das pegadas do gigante! Eles devem te levar diretamente de volta para os ninhos. Não deve ser difícil seguir as pegadas.

Ali. Ali estava a última pegada. Como doíam as suas costelas! Teria quebrado alguma? Bom, nesse caso teria que aceitar o cuidado de Roxane. Não era um futuro ruim, não é? Outra coisa porém o esperava na sua volta. A língua afiada da senhora Loredan. Oh sim, certamente ela teria muito a dizer sobre a sua experiência com o gigante. E o Pardal...

Fenoglio caminhou automaticamente mais rápido, apesar das suas costelas doloridas. E se eles tivessem voltado e tirado todos há muito tempo de cima da árvore, Loredan e as crianças, Meggie e Minerva, Roxane e todos os outros... Ah, por que ele simplesmente não escrevera uma peste para o Pardal e seus homens? Essa era a cruz ao escrever — é que havia infinitos caminhos. Como saber qual deles era o correto? Bom, confesse, Fenoglio, um gigante pareceu

simplesmente fantástico! Sem falar que a peste não teria ficado parada diante da árvore.

Por um momento ele se deteve, prestando atenção à sua volta, apavorado com um possível regresso do monstro. Monstro, Fenoglio? O que de tão terrível foi que esse gigante fez? Ele comeu a sua cabeça ou arrancou a sua perna? Então, por favor!

Até mesmo o que acontecera com o Príncipe Negro fora um acidente. Onde estava mesmo o lugar onde ele o deixara? Tudo parecia tão igual debaixo das árvores, e os passos dos gigantes eram tão grandes que era fácil perder-se entre suas pegadas. Fenoglio olhou para o céu.

Flocos de neve caíram sobre sua testa. Já estava anoitecendo! Mais isso agora! Na mesma hora ele se lembrou de cada criatura que povoava a noite daquele mundo. E não queria encontrar nenhuma delas.

Ali! O que fora aquilo? Passos! Ele retrocedeu aos tropeções até a árvore mais próxima.

— Tecelão de Tinta!

Um homem foi em sua direção. Baptista? Fenoglio estava tão feliz de ver novamente o seu rosto com marcas de varíola! Pareceu que não havia rosto mais bonito no mundo.

— Você ainda está vivo? — disse Baptista para ele. — Nós já estávamos pensando que o gigante tinha te comido!

— O Príncipe Negro... — Fenoglio estava realmente surpreso o quanto seu coração doía por causa dele.

Baptista o puxou para si. — Eu sei. O urso o encontrou.

— Ele está...?

Baptista sorriu. — Não, ele está tão vivo como você. Apesar de que eu não estou seguro se os seus ossos estão todos inteiros. Pelo jeito a morte não o achou muito apetitoso! Primeiro o veneno, agora um gigante — talvez as Damas Brancas achem o seu rosto negro demais! Mas agora temos que nos apressar para chegarmos novamente aos ninhos. Temo que o Pardal vá voltar. Ele tem tanto medo do seu cunhado quanto tem do gigante!

O Príncipe Negro estava debaixo da árvore, entre cujas raízes o gigante o enterrara, encostado no tronco, enquanto o urso lambia o

seu rosto carinhosamente. Em suas roupas e em seus cabelos ainda havia algumas folhas que o gigante usara para cobri-lo. Ele estava vivo! Fenoglio sentiu, irritado, uma lágrima que caía pelo seu nariz. A verdade é que por muito pouco não se pendurou no seu pescoço!

— Tecelão de Tinta! Como você conseguiu fugir? — Havia dor em sua voz e Baptista o deteve com um gesto suave quando ele tentou se levantar.

— Oh, você me deu a ideia, Príncipe! — respondeu Fenoglio com voz rouca. — Aquele gigante pelo jeito só tinha interesse em brinquedos vivos.

— Bom para nós, você não acha? — respondeu o Príncipe, e fechou os olhos. Ele teria merecido algo melhor, pensou Fenoglio. Algo melhor do que a dor e tantas lutas.

Alguma coisa se movia no meio do mato. Fenoglio olhou em volta assustado, mas eram apenas dois outros ladrões e Farid com um punhado de galhos. O rapaz acenou com a cabeça para ele, mas claramente ele não parecia nem um pouco tão contente como os outros em vê-lo. Como aqueles olhos negros o examinavam. Sim, Farid sabia coisas demais sobre Fenoglio e sobre o papel que ele tinha naquele mundo. “Não me olhe de forma tão acusadora!”, teve vontade de dizer-lhe. “O que mais poderíamos ter feito? Meggie também achou que era uma boa ideia” (bom, sim, se ele fosse sincero — ela expressara algumas dúvidas).

— Eu não entendo de onde veio aquele gigante assim tão de repente! — disse Baptista. — Quando eu era criança os gigantes não eram mais do que uma lenda. Eu não conheço um único menestrel que tenha visto algum com exceção de Dedo Empoeirado, mas ele se embrenhava muito mais longe do que nós todos nas montanhas!

Farid virou-se de costas para Fenoglio sem dizer uma palavra, e cortou mais alguns galhos para a maca. O urso provavelmente teria gostado de poder carregar o seu senhor em suas costas peludas. Baptista tivera dificuldade em convencê-lo a sair do caminho quando colocaram o Príncipe Negro na maca, e somente quando o seu dono falou com ele em voz baixa é que ele se acalmou e caminhou entristecido ao seu lado.

Bom! O que você está esperando, Fenoglio? Vá atrás deles, pensou, enquanto seguia Baptista com suas pernas doloridas. A você ninguém vai carregar. E reze, seja lá para quem for, para que o Pardal não esteja de volta!

64. Luz



Porém, tudo aquilo era apenas o espanto da noite, fantasmas do espírito caminhando na escuridão.

Washington Irving, *The legend of Sleepy Hollow*



O fogo estava em todos os lugares. Ele devorava as paredes, lambia o teto, saía das pedras, trazendo tanta luz como se o próprio sol tivesse nascido dentro do castelo, com as janelas cobertas, para abrasar a sua carne inchada.

O Cabeça de Víbora gritou com o Píforo até ficar rouco. Deu-lhe socos no peito ossudo e queria afundar em seu rosto o nariz de prata, bem fundo naquela carne saudável que ele tanto invejava.

O Dançarino de Fogo voltara pela segunda vez do mundo dos mortos e o Gaio havia fugido de um dos buracos sobre os quais o seu sogro sempre dissera que nenhum prisioneiro saía de lá vivo. — Fugiu! — sussurraram seus soldados. — Ele saiu voando de lá, e agora recorre o castelo feito um lobo faminto e vai matar-nos a todos!

Os dois que cuidavam do buraco, ele mandou para o Polegar como punição, mas o Gaio havia matado outros seis, e os sussurros tornavam-se mais fortes a cada morto que encontravam! Eles correram para fora, seus soldados, pela ponte, através da passagem debaixo do lago, para fora do castelo amaldiçoado que agora pertencia ao Gaio e ao Dançarino de Fogo. Alguns haviam inclusive pulado no lago e desaparecido dentro dele. O restante tremia como um bando de crianças assustadas, enquanto as paredes desenhadas queimavam e a luz torrava o seu cérebro e a sua pele.

— Traga-me o Olho Duplo! — gritou ele, e o Polegar arrastou Orfeu para sua câmara. Jacopo se esgueirou pela porta como um verme que tivesse aberto um caminho para fora da terra úmida.

— Apague o fogo! — Como doía a sua garganta! Como se as chispas estivessem também ali dentro. — Apague-o imediatamente e traga-me o Gaio de volta, ou eu vou cortar fora a sua língua gosmenta! Foi para isso que você me convenceu a jogá-lo naquele buraco? Para que ele pudesse fugir?

Os olhos azul-claros nadavam por trás dos vidros — vidros como os que usava a sua filha também — e a voz bajuladora soou como se tivesse sido banhada em óleo. Mesmo que fosse impossível não ouvir o medo que havia nela.

— Eu disse ao Pífaros que ele deveria colocar mais de dois guardas diante do buraco. — Pequena cobra velhaca, tão mais esperta do que o Nariz de Prata, com sua inocência fingida, imperceptível inclusive para ele... — Apenas mais algumas horas e o Gaio teria lhe implorado para deixá-lo encadernar o livro. Pergunte aos guardas. Eles ouviram como ele se contorcia lá embaixo como uma minhoca num anzol, como ele gemeu e gritou...

— Os guardas estão mortos. Eu os entreguei ao Polegar e lhe disse que os seus gritos deveriam ser ouvidos por todo o castelo.

Polegar arrumou a sua luva negra. — O Olho Duplo diz a verdade. Os guardas não cansaram de gaguejar que o Gaio passou péssimos momentos dentro daquele buraco. Eles o ouviram gritar e gemer e algumas vezes foram ter certeza se ele ainda estava vivo. Eu gostaria de saber como você fez isso.— Por um momento o seu olhar de gavião fixou-se em Orfeu. — Seja como for, parece que o Gaio sussurrou um nome várias vezes...

O Cabeça de Víbora colocou as mãos sobre os olhos ardidos. — Que nome? Por acaso o da minha filha?

— Não. Era outro nome — respondeu o Polegar.

— Resa. A sua mulher, Vossa Alteza. — Orfeu lançou-lhe um sorriso. Cabeça de Víbora não tinha certeza se era de submissão ou de autossatisfação.

O Pífaros lançou a Orfeu um olhar cheio de ódio. — Os meus homens vão prender a mulher dele em breve. E também a sua filha!

— E de que isso vai me servir agora? — O Cabeça de Víbora colocou os punhos sobre os olhos, mas o fogo continuava ali. A dor o cortava em fatias, em fatias fedorentas, e o culpado por tudo isso o havia feito de idiota pela segunda vez. Ele precisava do livro! Um novo livro, que curasse a sua carne. A carne que se agarrava em seus ossos como lama. Lama pesada, úmida e fedorenta.

Gaio.

— Leve dois desses que tentaram fugir até ponte, onde todos possam vê-los — disse. — E você, vá buscar o seu cão! — ordenou a Orfeu. — Ele deve estar faminto.

Os homens gritaram como bestas quando a sombra negra os devorou, e o Cabeça de Víbora imaginou que aqueles gritos que ressoavam até a sua câmara eram os do Gaio. Ele lhe devia muitos gritos.

Orfeu ouviu com um sorriso, e o íncubo voltou para ele como um cão fiel depois da refeição. Arfando, ele se misturou com a sombra de Orfeu, e sua escuridão fez com que até mesmo o Cabeça de Víbora se arrepiasse. Orfeu, porém, ajeitou os seus óculos com expressão satisfeita. Os vidros arredondados brilhavam amarelos sobre a luz das chamas. Olho Duplo.

— Eu vou trazer-lhe o Gaio de volta — disse, e o Cabeça de Víbora sentiu como a segurança naquela voz sedosa o acalmava mesmo contra a sua vontade. — Ele não fugiu de Vossa Alteza, mesmo que assim o pareça. Eu o amarrei com correntes invisíveis. Eu mesmo as forjei com minha arte negra, e seja lá onde ele estiver se escondendo, essas correntes o puxam e lhe trazem antigas dores. Ele sabe que sou eu quem lhe manda a dor, e que elas não vão terminar enquanto eu viver. Por isso ele vai tentar me matar. Coloque o Polegar de guarda diante da minha câmara, e o Gaio vai tropeçar e cair em seus braços. Ele não é mais um problema para nós. Dançarino de Fogo, porém, é!

O Cabeça de Víbora se surpreendeu com o ódio naquele rosto pálido. Ódio que para ser tão forte costumava vir somente depois do amor.

— Bom. Ele voltou novamente do mundo dos mortos! — O ódio de Orfeu grudava-se em cada palavra e tornava pesada a sua

língua flexível. — E ele se comporta como o senhor deste castelo, mas siga o meu conselho e o seu fogo vai se extinguir em breve!

— E que conselho seria esse?

O Cabeça de Víbora sentia o olhar daqueles olhos envidraçados como moedas sobre o rosto.

— Mande o Polegar até sua filha. Mande jogá-la em um daqueles buracos e espalhe por aí que ela ajudou o Gaio a fugir, para que parem de falar todas essas bobagens sobre ele, o que faz com que os seus soldados fujam de medo. Sua bela criada, porém, mande-a prender na gaiola, onde o Gaio também já esteve. Diga ao Polegar que ele não precisa ser tão suave com ela.

O fogo se espelhava nos vidros diante dos olhos de Orfeu, e por um momento o Cabeça de Víbora sentiu algo que nunca antes havia sentido — medo de outro homem. Era uma sensação interessante. Como um arrepio na nuca, uma leve pressão no estômago...

— Era exatamente o que eu pretendia — disse ele, e leu naqueles olhos pálidos que Orfeu sabia que era mentira. “Terei que matá-lo”, pensou o Cabeça de Víbora. Assim que o novo livro estiver encadernado.

Nenhum homem deveria ser mais esperto que o seu senhor. Menos ainda quando dava ordens a um cão tão perigoso.



65. Visível



Era inútil. O cérebro tinha alimento próprio que o sustentava, e a imaginação, que o terror tornava grotesca, enroscada e distorcida como ser vivo em sofrimento, dançava como uma marionete imunda sobre um estrado e arreganhava os dentes através de máscaras móveis.

Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*



— Você tem que sair daqui! Neste castelo você não está seguro em nenhum lugar! — Dedo Empoeirado dizia isso o tempo todo, e Mo balançava negativamente a cabeça todas as vezes.

— Eu tenho que achar o livro em branco.

— Deixe que eu o procure. Eu escrevo as três palavras nele. Eu entendo o suficiente de escrita para isso!

— Não! Não foi assim o acordo. E se ela levar Meggie mesmo assim? Eu encadernei o livro, então sou eu que tem que mandá-lo embora deste mundo. Além disso, o Víbora quer te ver morto tanto quanto a mim.

— Eu posso simplesmente largar a minha pele mais uma vez.

— Já da última vez você mal conseguiu voltar para dentro dela.

— De repente os dois pareciam tão íntimos. Como dois lados de uma moeda, dois rostos de um mesmo homem.

— De que acordo vocês estão falando?

Eles olharam para Resa como se ambos desejassem vê-la longe, muito longe.

Mo estava tão pálido, mas seus olhos estavam escuros de raiva, e todas as vezes ele voltava a colocar a mão sobre sua velha ferida. O que haviam feito com ele lá embaixo naquele horrível buraco?

Na câmara onde eles se escondiam, havia pó como se fosse neve. O reboco do teto estava tão úmido que havia caído em alguns

lugares. O Castelo no Lago estava doente. Talvez ele estivesse morrendo, porém, nas paredes continuavam dormindo os carneiros ao lado dos lobos, sonhando com um mundo que não existia. A câmara tinha duas pequenas janelas. No pátio lá embaixo havia uma árvore morta.

Muros, passagens, torres, pontes... uma armadilha feita de pedras — e Resa desejou ter suas asas novamente. A sua pele coçava tanto. Como se as penas esperassem para sair pelos poros.

— Mo, que acordo foi esse? — Ela se colocou entre os dois homens, exigindo uma entrada para aquela intimidade.

Ela começou a chorar quando ele lhe contou. Só então ela entendeu. Ele pertencia à morte, ficasse ele ou fugisse. Preso numa armadilha de pedra e tinta. E a sua filha do mesmo modo.

Ele a abraçou, mas não estava com ela realmente. Ele continuava naquele buraco, afogando-se em ódio e medo. O coração dele batia tão forte que ela tinha medo que ele pudesse pular para fora do peito.

— Eu vou matá-lo. — Ela o ouviu dizer enquanto chorava em seu ombro. — Eu devia tê-lo matado há tempo. E por isso estou procurando o livro.

Ela sabia bem demais de quem ele estava falando. Orfeu. Ele a empurrou para o lado e pegou a sua espada. Estava cheia de sangue, mas ele limpou a lâmina com a manga. Ainda vestia as roupas negras de encadernador, mesmo que havia muito tempo aquela tenha deixado de ser a sua profissão. Decidido, foi até a porta, mas Dedo Empoeirado colocou-se no seu caminho.

— Para que isso? — disse ele. — Está certo. Orfeu leu as palavras, mas é você quem as torna realidade! — Ele ergueu as mãos e o fogo escreveu as palavras no ar, palavras terríveis, que falavam de uma única pessoa. Do Gaio.

Mo esticou a mão como se quisesse apagá-las, mas elas lhe queimavam os dedos assim como o faziam com seu coração.

— Orfeu está esperando que você vá até ele! — disse Dedo Empoeirado. — Ele quer te servir numa bandeja de tinta para o Cabeça de Víbora. Proteja-se! Não é nada bom quando lemos as palavras que nos dirigem. Ninguém sabe disso melhor do que eu,

mas comigo elas também não se tornaram realidade. Elas têm apenas o poder que você lhes dá. Eu vou até Orfeu, não você. Eu não entendo nada de assassinatos. Nem mesmo a morte me ensinou isso, mas posso roubar-lhe os livros dos quais ele tira as palavras. E quando você puder pensar claramente outra vez, procuraremos juntos pelo livro em branco.

— E se os soldados encontrarem Mo aqui antes? — Resa continuava olhando fixamente para as palavras que queimavam. Ela as lia de novo e de novo.

Dedo Empoeirado passou os dedos pelo desenho que se desbotava nas paredes da câmara, e o lobo desenhado começou a se mexer. — Vou deixar um cão de guarda para você aqui, não tão feroz como o de Orfeu, mas ele vai uivar quando os soldados aparecerem e espero segurá-los o suficiente para que vocês tenham tempo de procurar um novo esconderijo. O fogo vai ensinar aos homens do Víbora a temer cada sombra.— O lobo pulou da parede com seu pelo de fogo, e seguiu Dedo Empoeirado até lá fora. Mas as palavras ficaram, e Resa as leu mais uma vez:

Mas quando o Gaio não quis se curvar diante do Cabeça de Víbora, somente uma pessoa soube o que fazer, um estrangeiro, vindo de muito longe. Ele sabia que o Gaio só podia ser destruído por um único homem, e esse homem era ele mesmo. Então, ele despertou tudo aquilo que o Gaio escondia de si mesmo: o medo que o tornava destemido e a raiva que o tornava invencível. Ele o jogou na escuridão, para que lutasse consigo mesmo — com a dor que continuava viva dentro dele, inesquecível, incurável, com todo o medo, as amarras e as correntes que haviam crescido dentro dele e a raiva que o medo semeara. Ela criava terríveis imagens em seu coração, imagens de...

Resa não quis continuar lendo. As palavras eram horríveis demais. Mas o fogo havia marcado as últimas frases em sua lembrança:

E o Gaio foi vencido pela própria escuridão, e implorou ao Cabeça de Víbora para encadernar-lhe um segundo livro, ainda mais belo que o primeiro. O Príncipe de Prata, porém, assim que teve o livro

nas mãos, deu-lhe a mais lenta de todas as mortes, e os menestréis cantaram a última canção do Gaio.

Mo virara as costas para as palavras. Ele estava lá, a poeira de incontáveis anos a sua volta como neve cinza, olhando para as suas mãos como se não estivesse seguro se elas ainda faziam o que ele lhes ordenava ou se obedeciam às palavras que queimavam as suas costas.

— Mo? — Resa deu-lhe um beijo. Ela sabia que ele não iria gostar do que pretendia fazer. Ele olhou ausente, os olhos cheios de escuridão.

— Eu vou procurar o livro em branco. Vou encontrá-lo e escrever para você as três palavras. — Para que o Cabeça de Víbora morra antes que as palavras de Orfeu se tornem realidade, acrescentou ela em pensamentos, e antes que o nome que Fenoglio te deu, te mate.

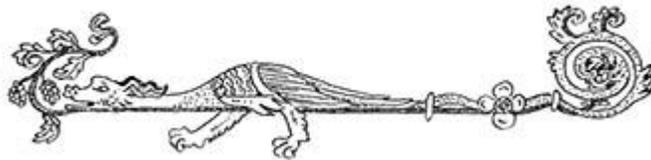
Quando ele percebeu o que ela dissera, ela já havia colocado as sementes na boca. Mo quis arrancá-las da sua mão, mas ela já as tinha debaixo da língua.

— Não, Resa!

Ela voou através das letras de fogo. O calor chamuscou o seu peito.

— Resa!

Não. Desta vez seria ele quem teria que esperar. Fique onde você está, pensou ela. Por favor, Mo.



66. Amor vestido de ódio



De onde vem este amor? Eu não sei. Ele veio a mim como um ladrão no meio da noite. [...] Eu apenas pude esperar que os meus crimes fossem tão monstruosos de modo que o amor permanecesse oculto em suas sombras como um grão de mostarda. Mas o grão de mostarda criou raízes e cresceu e o broto verde partiu meu coração ao meio.

Philip Pullman, *A luneta âmbar*



O Cabeça de Víbora queria sangue de fadas, uma banheira cheia, para banhar ali as comichões da sua pele. Orfeu estava escrevendo ninhos de fada nas cerejeiras sem folhas que cresciam debaixo da sua janela, quando ouviu leves passos atrás de si. Ele soltou tão rapidamente a pena que encharcou os pés cinzentos de Brilho de Ferro na tinta. O Gaió!

Orfeu imaginou já poder sentir a espada em suas costas: afinal ele mesmo havia atizado a sua sede de sangue e sua fúria desamparada. Como ele passara pelos guardas? Havia três deles diante da porta e ao lado estava o Polegar. Mas quando Orfeu se virou, quem estava ali não era Mortimer, mas Dedo Empoeirado.

O que ele estava fazendo ali? Por que não estava diante da jaula onde sua filha soluçava, prestes a ser devorada pelo íncubo?

Dedo Empoeirado. A pouco menos de um ano apenas o pensamento de tê-lo diante de si já enchia Orfeu de alegria — no quarto desamparado onde vivia então, rodeado de livros que falavam do desejo em seu coração, sem poder acalmá-lo, desejo por um mundo que lhe dava as costas, desejo de fugir finalmente daquela falsa vida cinzenta, de se tornar o Orfeu que dormia dentro dele, aquele Orfeu que os que riam dele não enxergavam... Provavelmente desejo era a palavra errada. Soava macio demais,

suave demais, e determinado pelo destino. Tratava-se de avidez o que o impulsionava, avidez por tudo aquilo que ele não tinha.

Oh, sim. Naquela época a aparição de Dedo Empoeirado o teria feito muito feliz. Mas agora o seu coração batia mais rápido por outros motivos. O ódio que ele sentia ainda tinha gosto de amor, mas isso não o amansava. E de repente Orfeu viu naquele livro a oportunidade de uma vingança tão completa, que sorriu sem querer.

— Veja só, meu amigo de infância. Meu amigo desleal. — Orfeu empurrou o livro de Violante sobre o Gaio para baixo do pergaminho no qual ele escrevia. Brilho de Ferro se escondeu assustado atrás do tinteiro. Medo. Não necessariamente uma sensação ruim. Às vezes podia ser muito emocionante. — Imagino que você está aqui para me roubar mais alguns livros? — continuou ele. — Isso não vai ajudar o Gaio. As palavras já foram lidas, e ele vai segui-las. Esse é o preço que se paga ao se apoderar de uma história. Mas o que há com você? Você tem visto a sua filha ultimamente?

Ele realmente ainda não sabia! Ah. O amor. Sim, contra ele era impotente até mesmo o coração destemido que trouxera Dedo Empoeirado da morte.

— Você deveria ir vê-la. O seu choro é de cortar o coração e desarruma seu bonito cabelo.

Como ele o olhava. Sim! Eu te peguei!, pensou Orfeu. Eu tenho vocês dois no anzol, você e o Gaio.

— O meu cão negro está cuidando da sua filha — continuou ele, e cada palavra tinha gosto de vinho temperado. — Provavelmente isso a faz morrer de medo. Mas ordenei que por enquanto ele não devorasse sua doce carne e sua alma.

Ali — então o medo ainda era capaz de morder Dedo Empoeirado. Seu rosto sem cicatrizes tornara-se de repente tão pálido. Ele olhava para a sombra de Orfeu, mas o íncubo não apareceu. Não, ele estava diante da gaiola onde Brianna chorava e chamava pelo seu pai. — Eu mato você se ele encostar um único dedo nela. Eu não entendo nada de assassinatos, mas por você eu

vou aprender! — O rosto de Dedo Empoeirado parecia tão mais fácil de ferir sem as cicatrizes. Chispas cobriam sua roupa e seu cabelo.

Orfeu tinha que confessar — ele continuava sendo seu personagem preferido. Independentemente do que ele lhe fizesse, de quantas vezes o traísse, isso não mudaria nada. Seu coração o amava caninamente. Mais uma razão para apagar definitivamente o Dançarino de Fogo daquela história — mesmo que isso continuasse sendo doloroso para ele. Mal podia acreditar que ele tivesse ido vê-lo apenas para proteger o Gaio. Tanta nobreza não combinava com ele! Não. Já era hora de o Dançarino de Fogo interpretar seu outro papel. Um papel que tivesse mais a ver com ele.

— Você pode comprar a liberdade da sua filha! — Orfeu saboreava cada palavra.

Oh, como era doce a vingança. A marta sobre o ombro de Dedo Empoeirado mostrava os dentes. Besta horrorosa.

Dedo Empoeirado acariciava-lhe o pelo marrom. — E como?

Orfeu se levantou. — Bom... em primeiro lugar você deve apagar a iluminação que tão artisticamente planejou para este castelo, e isso imediatamente.

As chispas nas paredes tornaram-se chamas como se quisessem atacá-lo, mas logo em seguida se apagaram. Somente no cabelo e nas roupas de Dedo Empoeirado elas continuavam vivas. Que arma terrível o amor podia ser. Haveria uma faca mais afiada? Hora de atingi-lo mais profundamente ainda em seu coração infiel.

— A sua filha chora na mesma gaiola onde esteve o Gaio — continuou Orfeu. — É claro que ela fica muito mais bonita lá dentro, com seus cabelos de fogo. Como um pássaro valioso...

As chamas envolviam Dedo Empoeirado como uma névoa vermelha.

— Traga-nos o pássaro que realmente pertence àquela gaiola. Traga-nos o Gaio e a sua bela filha está livre. Se você não o fizer, alimentarei o meu cão negro com a carne e a alma dela. Não me olhe desse jeito! Que eu saiba não seria a primeira vez que você interpreta o papel do traidor. Eu quis escrever um papel muito melhor para você, mas você não quis nem saber!

Dedo Empoeirado se limitou a olhar para ele em silêncio.

— Você roubou o livro de mim! — Orfeu quase perdeu a voz. As palavras ainda tinham um sabor tão amargo. — Você preferiu ficar ao lado do Encadernador apesar de ele ter te arrancado da tua história, em vez de ficar ao meu lado, ao lado do homem que te trouxe de volta para casa! Foi horrível, muito horrível. — As lágrimas surgiam em seus olhos. — O que você pensou? Que eu iria simplesmente aceitar essa traição? Não. Na realidade o meu único plano era te mandar de volta para os mortos, sem a alma, oco como a casca de um inseto, mas esta vingança é muito melhor. Eu vou transformar você num traidor. Como ele vai quebrar o nobre coração do Encadernador!

As chamas surgiram novamente das paredes. Elas lambiam o chão e queimavam as botas de Orfeu. Brilho de Ferro gemeu de medo e escondeu a cabeça nos braços de vidro. A fúria de Dedo Empoeirado estava nas chamas, ela queimava em seu rosto e chovia em forma de chispas do teto.

— Mantenha o seu fogo longe de mim! — ordenou-lhe Orfeu. — Eu sou o único que pode dar ordens ao íncubo, e a sua filha será a primeira a quem ele vai devorar quando sentir fome. O que acontecerá em breve. Eu quero um caminho de fogo até o lugar onde o Gaio se esconde, e serei o homem que o mostrará ao Cabeça de Víbora. Entendido?

As chamas das paredes se apagaram pela segunda vez. Até mesmo as velas sobre a escrivaninha se extinguíram, e a câmara de Orfeu ficou no escuro. Só o próprio Dedo Empoeirado ainda estava envolto pelas chispas, como se o fogo estivesse nele.

Por que o seu olhar o enchia com aquela vergonha? Por que o seu coração ainda sentia amor? Orfeu fechou os olhos, e quando os abriu novamente, Dedo Empoeirado havia desaparecido.

Quando Orfeu abriu a sua porta, vieram os guardas que deveriam estar guardando sua câmara, tropeçando pelo corredor com os rostos desfigurados pelo medo. — O Gaio esteve aqui! — gaguejaram eles. — Ele era feito de fogo e de repente virou fumaça e sumiu. O Polegar foi avisar o Cabeça de Víbora.

Idiotas. Ele daria todos eles como comida para o íncubo.

Não se irrite, Orfeu. Em breve você entregará ao Cabeça de Víbora o verdadeiro Gaio. E o Dançarino de Fogo também será devorado pelo ícubo.

— Digam ao Príncipe de Prata que mande alguns homens para o pátio debaixo da minha janela — ordenou aos guardas. — Lá eles vão encontrar ninhos de fada suficientes para encher uma banheira de sangue.

Então ele voltou a sua câmara e começou a ler os ninhos. Mas entre as letras via o rosto de Dedo Empoeirado como se morasse atrás de cada letra. Como se elas só falassem dele.



67. O outro nome



Escrevo teu nome. Duas sílabas. Duas vogais. Teu nome te faz crescer, é maior do que você. Você descansa num canto, dorme; teu nome te acorda. Eu o escrevo. Você não poderia chamar-se de outra forma. Teu nome é todo você, é assim o teu gosto, o teu cheiro. Chamado por outro nome, você desaparece. Eu o escrevo. O teu nome.

Susan Sontag, *A cena da carta*



O Castelo no Lago havia sido construído para proteger do mundo algumas crianças infelizes, mas quanto mais Mo caminhava pelos corredores, mais tinha impressão de que o castelo estava apenas esperando para afogá-lo em sua própria escuridão, entre suas paredes desenhadas. O lobo de fogo de Dedo Empoeirado ia na frente como se soubesse o caminho, e Mo o seguia. Ele matou mais quatro soldados. O castelo pertencia ao Dançarino de Fogo e ao Gaio, é o que ele lia em seus rostos, e a fúria que Orfeu aticava dentro dele o fazia atacar com tanta frequência que suas roupas negras estavam banhadas em sangue. Negro. Seu coração se tornara negro com as palavras de Orfeu.

“Você poderia ter perguntado o caminho a eles em vez de matá-los!”, pensou com amargura ao se esconder debaixo de uma porta em arco. Um bando de pombos saiu em debandada. Nenhuma andorinha. Nem mesmo uma. Onde estaria Resa? Bom, onde mais ela poderia estar? Na câmara do Cabeça de Víbora, procurando o livro que uma vez ele encadernara para salvá-la. Uma andorinha voava rápido, muito rápido, e seus passos eram pesados como chumbo por causa das palavras de Orfeu.

Ali. Não era aquela a torre onde o Víbora se escondia? Dedo Empoeirado a descrevera para ele. Mais dois soldados...

Apavorados, eles tropeçaram para trás ao vê-lo. Mate-os rápido, Mo, antes que gritem. Sangue. Sangue, vermelho como fogo. Não era o vermelho antes a sua cor preferida? Agora ele se sentia mal diante daquela visão. Ele passou por cima dos mortos, roubou de um deles a sua capa cinza-prateada, colocou o elmo do outro. Talvez daquela forma pudesse desviar da morte quando encontrasse outros deles.

O corredor seguinte lhe pareceu conhecido, mas não viu nenhum guarda. O lobo continuou andando, mas Mo parou diante de uma porta e a abriu.

Os livros mortos. A biblioteca perdida.

Ele abaixou a espada e entrou. As chispas de Dedo Empoeirado brilhavam ali também. Elas haviam queimado o cheiro de mofo e podridão do ar.

Livros. Ele apoiou a espada ensanguentada na parede, passou os dedos pelas capas cheias de manchas e sentiu como o peso das palavras em seus ombros se tornava mais leve. Nada de Gaio, nada de Língua Encantada, apenas Mortimer. Sobre ele Orfeu não escrevera nada. Mortimer Folchart. Encadernador.

Mo pegou um livro em suas mãos. Coitado. Não servia para nada. Pegou outro, mais um outro — e ouviu um barulho. Imediatamente a sua mão procurou pela espada, e as palavras de Orfeu agarraram novamente o seu coração.

Algumas pilhas de livros caíram. Um braço se levantou entre os cadáveres impressos. Outro braço apareceu, sem mão. Balbulus. — Então, eles estão procurando por você! — Ele se levantou, os dedos da mão direita sujos de tinta. — Desde que eu me escondi aqui do Pífaros, não apareceu nenhum soldado por essa porta. Provavelmente o cheiro os mantém afastados. Mas hoje já foram dois. Como você conseguiu fugir deles? Eles com certeza prestaram muito mais atenção em você do que em mim!

— Com fogo e plumas — respondeu Mo, e encostou a espada na parede. Ele não queria se lembrar. Ele queria esquecer o Gaio, apenas por alguns momentos, e encontrar entre os pergaminhos e as capas de couro felicidade no lugar de tristeza.

Balbulus seguiu seu olhar. Provavelmente via a nostalgia nele. — Eu encontrei alguns livros que ainda servem. Você quer vê-los?

Mo ouviu com atenção se passava alguém do lado de fora. O lobo estava quieto, mas ele imaginou poder ouvir vozes. Não. Elas sumiram novamente.

Somente alguns instantes.

Balbulus entregou-lhe um livro, pouco maior que a sua mão. Ele tinha alguns buracos, mas aparentemente não fora atingido pelo mofo. A encadernação era muito benfeita. Seus dedos haviam sentido tanto falta de folhear páginas escritas. Seus olhos estavam famintos por palavras que o levassem para longe em vez de aprisioná-lo e manipulá-lo. Sua mão sentia tanto a falta de uma faca que cortasse papel em vez de carne.

— O que foi? — sussurrou Balbulus.

A escuridão voltara. O fogo das paredes se apagara e Mo já não podia ver o livro em suas mãos.

— Língua Encantada?

Ele se virou.

Dedo Empoeirado estava na porta, uma sombra envolta em fogo.

— Eu estive com Orfeu. — A sua voz soava diferente, a tranquilidade que a morte lhe deixara havia desaparecido. O velho desespero estava de volta, o desespero que os dois haviam quase esquecido. Dedo Empoeirado, o perdido...

— O que aconteceu?

Dedo Empoeirado resgatou o fogo da escuridão e o colocou em uma jaula entre os livros, uma jaula com uma moça que chorava.

Brianna. Mo viu no rosto de Dedo Empoeirado o mesmo medo que ele também tantas vezes sentira. Carne da sua carne. Filho. Uma palavra tão poderosa. A mais poderosa de todas. Bastou que Dedo Empoeirado olhasse para ele, e Mo leu em seus olhos sobre o íncubo que vigiava a sua filha, e o preço necessário para que ele comprasse a sua liberdade.

— E aí? — Mo tentava ouvir o que acontecia lá fora. — Os soldados já estão lá fora?

— Eu ainda não indiquei o caminho.

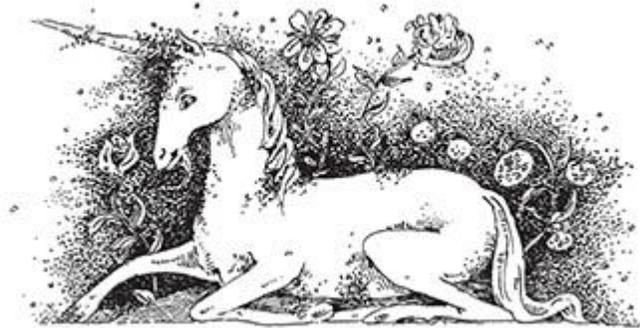
Mo sentiu o medo de Dedo Empoeirado como se fosse Meggie a menina na jaula, como se fosse o seu choro que vinha do fogo.

— O que você está esperando? Traga-os para cá! — disse ele. — Já é hora de as minhas mãos encadernarem novamente um livro — mesmo que ele jamais deva ficar pronto. Deixe que prendam o Encadernador. Não o Gaio. Eles não vão perceber a diferença. E eu vou mandar o Gaio embora, para muito longe, deixá-lo dormir lá embaixo no buraco do calabouço, acompanhado das palavras de Orfeu.

Dedo Empoeirado soprou na escuridão, e no lugar da gaiola, o fogo desenhou o sinal que Mo gravara em tantos livros: cabeça de unicórnio. — Se você quer assim — disse ele em voz baixa. — Mas se você quiser voltar a assumir o papel do Encadernador, qual seria o meu então?

— O de salvador da sua filha — respondeu Mo. — Protetor da minha mulher. Resa está procurando pelo livro em branco. Ajude-a a encontrá-lo e traga-o para mim.

Para que eu possa escrever nele o final, pensou. São necessárias apenas três palavras. De repente veio-lhe um pensamento que o fez sorrir no meio de toda aquela escuridão. Sobre Resa, Orfeu não escrevera nada, nenhuma palavra. De quem mais ele teria esquecido?



68. De volta



Seja você quem for, por mais solitário, o mundo se oferece à tua fantasia, e te chama com o grito de um ganso selvagem, excitante e estridente — proclamando todas as vezes o teu lugar na família das coisas.

Mary Oliver, *Wild Geese*



Roxane voltou a cantar. Para as crianças, que o medo do Pardal não deixava dormir. E era tudo verdade o que Meggie ouvira falar sobre sua voz. Até mesmo as árvores pareciam ouvi-la, os pássaros em seus galhos mais distantes, os animais que moravam entre as raízes, e as estrelas no céu escuro. Havia tanto consolo na voz de Roxane, apesar de que muitas vezes aquilo que ela cantava era triste, e Meggie percebia em cada palavra a saudade de Dedo Empoeirado.

Consolava-a ouvir sobre a saudade quando ela enchia o seu coração até a borda. Saudade de um sono livre de medo, de dias despreocupados, de um chão seguro sob os pés, a barriga cheia, as ruas de Ombra com mães... e pais.

Meggie estava sentada lá em cima, diante do ninho onde Fenoglio escrevera, e não sabia com quem preocupar-se primeiro: com Fenoglio e o Príncipe Negro; com Farid, que fora atrás do gigante junto com Baptista; ou com Doria, que descera novamente da árvore, apesar de os ladrões terem proibido, para descobrir se o Pardal realmente havia ido embora. Nos seus pais ela tentava nem pensar, mas de repente soava na voz de Roxane a canção que de todas as canções do Gaio era a que Meggie mais amava, porque falava de quando ele estivera preso com sua filha no Castelo da Noite. Havia canções muito mais heroicas, mas somente essa falava também do seu pai, e era do seu pai que ela sentia falta. — Mo? —

ela teria gostado tanto de dizer e encostar a cabeça em seu ombro. — Você acha que o gigante vai levar Fenoglio para as suas crianças? Você acha que ele vai pisar em Farid e Baptista quando eles tentarem salvar o Príncipe? Você acha que é possível amar dois rapazes com um único coração? Você viu Resa? E você, Mo, como você está? Como você está?

— O Gaio já matou o Cabeça de Víbora? — perguntara ontem mesmo uma das crianças para Elinor. — Ele vem logo para salvar-nos do Pardal?

— Com certeza! — respondera Elinor lançando um rápido olhar para Meggie. Com certeza...

— O garoto ainda não voltou! — ela ouviu o Espanta-elfos dizer ao Perna de Pau logo abaixo dela. — Devo procurar por ele?

— Para quê? — respondeu Perna de Pau em voz baixa. — Ele vai voltar se puder. E se não voltar é porque o pegaram. Eu tenho certeza que estão em algum lugar lá embaixo. Espero apenas que Baptista tenha cuidado com eles quando voltar.

— Como é que ele vai ter cuidado? — perguntou o Espanta-elfos, e riu mal-humorado. — O gigante atrás dele, o Pardal na frente dele e o Príncipe provavelmente morto. Em breve vamos ter que entoar a nossa última canção e não vai soar nem um pouco tão bonita como essa que Roxane está cantando.

Meggie afundou o rosto entre os braços. Não pense, Meggie. Não pense em nada, simples assim. Escute o canto de Roxane. Sonhe que tudo vai ficar bem. Que todos vão voltar sãos e salvos: Mo, Resa, Fenoglio, o Príncipe Negro, Farid — e Doria. O que fazia o Pardal com seus prisioneiros? Não, Meggie, não pense, não faça perguntas.

Lá de baixo vinham vozes. Ela se agachou e tentou reconhecer alguma coisa na escuridão. Era aquela a voz de Baptista? Ela viu fogo, apenas uma pequena chama, mas iluminava bastante. Lá estava Fenoglio! E ao seu lado o Príncipe Negro em uma maca.

— Farid? — gritou ela lá de cima.

— Silêncio! — sussurrou Espanta-elfos, e Meggie colocou a mão sobre a boca. Os ladrões jogaram as cordas e uma rede para o Príncipe.

— Rápido! Baptista! — a voz de Roxane soava tão diferente quando ela não estava cantando. — Eles estão vindo!

Ela não precisou dizer mais nada. Cavalos arfavam entre as árvores, galhos se partiam debaixo de numerosas botas. Os ladrões jogaram mais cordas ainda, e alguns deslizaram pelo tronco. Flechas surgiam da escuridão. Estava cheio de homens entre as árvores como besouros prateados. — Vocês vão ver, eles estão esperando que Baptista volte! Com o Príncipe! — Não fora isso o que Doria lhes dissera? Não fora por isso que ele descera novamente? E não voltara.

Farid deixou que o fogo crescesse. Ele e Baptista colocaram-se protetoramente na frente do Príncipe Negro. O urso também estava com ele.

— O que foi? O que foi desta vez? — Elinor se ajoelhou ao lado de Meggie, o cabelo embaraçado, como se o medo se concentrasse ali. — Eu realmente adormeci, dá para acreditar?

Meggie não respondeu. O que ela poderia fazer? O que é que ela poderia fazer? Ela se levantou, e foi se equilibrando até a bifurcação do galho onde Roxane e as outras mulheres se ajoelhavam. Apenas dois ladrões estavam com elas. Todos os outros haviam descido pelo tronco, mas o tronco era alto, tão alto que as flechas vinham lá de baixo como uma chuva que caísse para cima. Dois homens despencaram gritando, e as mulheres fecharam os olhos e os ouvidos das crianças.

— Onde ele está? — Elinor se inclinou tanto para a frente que Roxane a puxou rudemente para trás. — Onde ele está? — disse ela novamente. — Ande, diga logo. O velho idiota ainda está vivo?

Fenoglio olhou para elas lá de baixo como se tivesse ouvido a sua voz, o rosto enrugado cheio de medo, ao seu redor os homens lutavam. Um morto caiu diante dos seus pés e Fenoglio pegou-lhe a espada.

— Veja só isso! — gritou Elinor. — O que ele está pensando? Que pode brincar de herói na própria maldita história?

Eu tenho que ir lá embaixo, pensou Meggie, ajudar Farid e procurar por Doria! Onde estaria ele? Em algum lugar, morto entre as árvores? Não, Meggie. Fenoglio escreveu sobre ele! Coisas

maravilhosas. Ele não pode estar morto. Mesmo assim. Ela foi em direção às cordas, mas o Espanta-elfos a deteve.

— Pode voltar imediatamente! — ordenou-lhe ele. — Todas as mulheres e crianças para cima, o mais para o alto possível!

— Ah é, e o que nós vamos fazer lá em cima? — disse Elinor com raiva. — Ficar esperando que eles nos puxem para baixo?

Não houve resposta para essa pergunta.

— Eles estão com o Príncipe! — a voz de Minerva soou tão desesperada que todos se viraram. Algumas mulheres começaram a soluçar. Sim, eles estavam com o Príncipe Negro. Eles o haviam puxado para fora da maca onde ele estava. O urso estava imóvel ao seu lado, uma lança enfiada em seu pelo. Baptista também fora pego. Onde estava Farid?

Onde estava o fogo.

Farid fazia com que ele mordesse e queimasse, mas o Pássaro Tisnado também estava lá, o seu rosto de couro, uma mancha clara sobre as roupas negras e vermelhas. O fogo devorava o fogo, as chamas subiam pelo tronco. Meggie imaginou poder ouvir a árvore gemer. Algumas árvores menores já haviam pegado fogo. As crianças choravam, elas choravam tanto que era de cortar o coração.

Ah, Fenoglio, pensou Meggie, não temos tido sorte com nossos salvadores. Primeiro Cosme, agora o gigante.

O gigante.

Seu rosto surgiu de repente entre as árvores, como se a palavra o houvesse chamado. Sua pele se tornara escura como a noite, e sobre a testa havia o reflexo das estrelas. Um dos seus pés apagou o fogo que crescia entre as raízes da árvore com os ninhos. O outro pé quase atingiu Farid e o Pássaro Tisnado e Meggie ouviu ressoar nos ouvidos o seu próprio grito.

— Sim, sim! Ele voltou! — Ele ouviu Fenoglio gritar. Ele tropeçou nos pés enormes e subiu em um dos seus dedos como se fosse um barco salva-vidas.

O gigante, porém, olhava para as crianças que choravam, procurando, como se houvesse voltado por alguma coisa que ele não conseguia encontrar agora.

Os homens do Pardal deixaram seus prisioneiros para trás e correram novamente feito coelhos, na frente, o seu senhor em seu cavalo branco como a neve. Somente o Pássaro Tisnado ficou lá parado com um pequeno grupo, jogando seu fogo em direção ao gigante. Este olhava confuso para as chamas e deu um passo para trás quando elas alcançaram os seus dedos.

— Não, por favor! — gritou Meggie. — Por favor, não vá embora novamente. Ajude-nos!

E de repente lá estava Farid em pé no ombro do gigante fazendo com que chovessem flocos de fogo na noite, e nas roupas do Pássaro Tisnado e dos seus homens, até que esses se jogassem no chão da floresta, se contorcendo nas folhas secas. O gigante, porém, lançou um olhar de espanto para Farid, tirou-o do seu ombro como se ele fosse uma mariposa e colocou-o sobre sua mão estendida. Seus dedos eram enormes. Terrivelmente grandes. E Farid parecia tão pequeno entre eles.

O Pássaro Tisnado e seus homens ainda tentavam apagar o fogo de suas roupas. O gigante olhava irritado para eles lá embaixo. Ele coçou a orelha como se os gritos lhe causassem dor, fechou a mão em volta de Farid como se ele fosse uma valiosa presa e com a outra varreu os homens que gritavam para a floresta, assim como faz uma criança com uma aranha em suas roupas. Então coçou a orelha novamente e olhou para a árvore. Como se de repente se lembrasse de por que havia voltado.

— Roxane!

Era a voz de Darius que Meggie ouviu ressoar pela árvore, vacilante e decidida ao mesmo tempo. — Roxane! Eu acho que ele voltou por sua causa! Cante!

69. Na câmara do Cabeça de Víbora



E são tantas as histórias para contar, tantas, até demais, um excesso de vidas, acontecimentos, milagres, lugares e boatos entrelaçados, uma mistura tão densa do improvável e do mundano!

Salman Rushdie, *Os filhos da meia-noite*



Resa voou atrás de um dos empregados que carregavam baldes com água sangrenta para a câmara do Cabeça de Víbora. Ele estava ali sentado na banheira de prata, vermelho até o pescoço, gemendo e praguejando e tinha um aspecto tão pavoroso que Resa teve ainda mais medo por Mo. Que tipo de vingança provocaria um sofrimento desses?

O Polegar olhou em volta quando ela voou até o armário ao lado da porta, mas ela se escondeu a tempo. Podia ser muito prático ser pequena. As chispas de Dedo Empoeirado queimavam nas paredes. Três soldados tentavam apagá-las com panos úmidos, enquanto o Cabeça de Víbora cobria os olhos doloridos com sua mão coberta de sangue. Ao lado da banheira estava o seu neto, os braços cruzados sobre o peito como se dessa forma pudesse se proteger do péssimo humor do seu avô. Ele era um rapazinho magro e pequeno, belo como seu pai e esbelto como a mãe. Mas ao contrário de Violante, Jacopo não tinha nenhum tipo de semelhança com seu avô, mesmo que ele imitasse os seus gestos.

— Não foi ela. — Ele ergueu o queixo. Isso ele copiava da sua mãe, mesmo que provavelmente ele não percebesse.

— Ah é? Então quem mais poderia ter ajudado o Gaio se não a sua mãe? — Um criado jogou um balde de sangue nas costas do Cabeça de Víbora. Resa sentiu um enjoo ao ver o sangue escorrendo pela sua nuca branca. Jacopo também observava o seu

avô com uma mistura de horror e nojo — e desviava rapidamente o olhar quando o Cabeça de Víbora percebia.

— Sim. Olhe para mim! — ordenou ele ao seu neto. — A sua mãe ajudou o homem que fez isso comigo.

— Não foi ela. O Gaio fugiu voando! Todos dizem que ele pode voar. E que ele é inatingível.

O Cabeça de Víbora riu. A sua respiração soava como um apito. — Inatingível? Eu vou te mostrar o quanto ele é inatingível assim que o agarrar novamente. Eu vou te dar uma faca e pode experimentar você mesmo.

— Mas você não vai conseguir agarrá-lo.

O Cabeça de Víbora bateu com a mão na água ensanguentada, e a roupa clara de Jacopo se tingiu de vermelho. — Cuidado. Você está cada vez mais parecido com a sua mãe!

Jacopo parecia pensar se aquilo era bom ou ruim.

Onde estaria o livro em branco? Resa olhou em volta. Arcas, roupas jogadas em uma cadeira, a cama desarrumada. O Cabeça de Víbora tinha dificuldades para dormir. Onde ele o escondia? Sua vida dependia de um livro, sua vida imortal. Resa procurou por um cofre, talvez um pano valioso que o envolvesse, mesmo que cheirasse mal e estivesse podre... mas de repente a câmara ficou escura, tão escura que ficaram apenas os ruídos: o barulho na água sangrenta, a respiração dos soldados, a voz assustada de Jacopo.

— O que aconteceu? — As chispas de Dedo Empoeirado haviam se apagado tão repentinamente como haviam brotado das paredes quando ela e Mo fugiram do buraco no calabouço. Resa sentiu seu coração de pássaro bater mais rápido que o normal em seu peito. O que havia acontecido? Algo que não podia ser nada bom.

Um dos soldados acendeu uma tocha e colocou a mão protetoramente diante da chama para que o seu senhor não fosse ofuscado.

— Até que enfim! — a voz do Cabeça de Víbora soou aliviada e surpresa ao mesmo tempo. Ele acenou para os serviçais e eles voltaram a regar a pele inflamada. Onde eles teriam pegado todas aquelas fadas? Afinal elas dormiam.

A porta se abriu como se a história quisesse dar sua própria resposta, e Orfeu entrou. — Então? — perguntou ele fazendo uma profunda reverência. — Foram fadas suficientes, Vossa Alteza? Ou devo conseguir-lhe mais algumas?

— Por agora é suficiente. — O Cabeça de Víbora encheu as mãos com água vermelha e afundou o rosto nela. — Foi obra sua, o fogo ter se apagado?

— Se foi obra minha? — Orfeu sorriu tão satisfeito consigo mesmo que Resa teve vontade de voar até ele e furar o seu rosto pálido com o bico. — Falando nisso — continuou ele —, eu convenci o Dançarino de Fogo a mudar de lado.

Não. Não podia ser. Ele estava mentindo. O pássaro dentro dela tentou caçar uma mosca, e Jacopo olhou para ela lá em cima. Esconda a cabeça, Resa, mesmo que esteja escuro. Se ao menos as penas no seu peito e pescoço não fossem tão brancas!

— Bom. Mas espero que você não lhe tenha prometido nenhuma recompensa! — O Cabeça de Víbora afundou o corpo na água sangrenta. — Ele me transformou em motivo de piada para os meus homens. Quero vê-lo morto e desta vez sem volta. Mas para isso há tempo. E o Gaio, onde está?

— O Dançarino de Fogo vai levar-nos até ele. Sem nenhuma recompensa. — As palavras já eram horríveis o suficiente, mas a beleza da voz de Orfeu as tornava ainda piores. — Ele vai deixar um rastro de fogo. Os soldados têm apenas que segui-lo.

Não. Não. Resa começou a tremer. Ele não tinha traído Mo novamente. Não. Um grito contido escapou do seu peito de pássaro, e Jacopo olhou novamente para ela. Mas mesmo que ele a visse — ele veria apenas uma andorinha tremendo que se perdera no sombrio mundo dos homens. — Já está tudo pronto para que o Gaio possa começar a trabalhar imediatamente? — perguntou Orfeu. — Quanto antes ele terminar, mais cedo Vossa Alteza poderá matá-lo.

“Oh, Meggie, quem foi que você leu para cá?”, pensou Resa desesperada. Orfeu pareceu-lhe como um demônio, apesar de seus óculos brilhantes e a voz bela e bajuladora.

O Cabeça de Víbora saiu gemendo do seu banho. Ensanguentado como uma criança recém-nascida. Jacopo se afastou automaticamente, mas seu avô o chamou.

— Senhor, o banho tem que ser mais demorado para que o sangue faça efeito! — disse um dos serviçais.

— Depois! — respondeu impaciente o Cabeça de Víbora. — Por acaso você acha que eu quero estar sentado na banheira quando me trouxerem o meu pior inimigo? Dê-me uma toalha! — ordenou a Jacopo. — Agora ande logo, ou você prefere que eu mande te jogar no buraco escuro junto com a sua mãe? Eu disse que você estava parecido com ela? Não. É com o seu pai que você se parece cada vez mais.

Jacopo entregou-lhe as toalhas que esperavam prontas ao lado da banheira com olhar sombrio.

— As roupas!

Os criados correram até a arca, e Resa se escondeu atrás na escuridão, mas a voz de Orfeu a perseguia como um aroma mortífero.

— Vossa Alteza, eu, ãhh — pigarreou ele —, eu mantive a minha promessa. Em breve o Gaio será vosso prisioneiro e vos encadernará um novo livro. Penso que mereço uma recompensa.

— Ah é? — Os criados colocavam as roupas negras do Cabeça de Víbora sobre a pele ainda vermelha do sangue. — E no que você pensou?

— Bom. Vossa Alteza se lembra do livro do qual eu vos falei? Eu gostaria muito de tê-lo de volta, e eu tenho certeza que Vossa Alteza pode encontrá-lo para mim. Caso não seja possível consegui-lo imediatamente — ele passava os dedos narcisisticamente pelo cabelo louro-pálido —, bom, nesse caso eu aceitaria a mão da vossa filha como recompensa.

Orfeu.

Resa pensou no dia em que o vira pela primeira vez, na casa de Elinor, com Mortola e Basta. Na época a única coisa que lhe chamou a atenção foi que ele era muito diferente dos homens que costumavam rodear Mortola. Estranhamente inócuo, quase ingênuo

com seu rosto infantil. Como ela havia sido burra. Ele era muito pior do que todos os outros, muitíssimo pior.

— Vossa Alteza. — Era a voz do Pífaru. Resa não o havia ouvido entrar. — Pegamos o Gaio. Ele é o ilustrador de livros. Devemos trazer o Gaio a vossa presença imediatamente?

— Você não quer nos contar como foi que o prenderam? — ronronou Orfeu. — Você o farejou com o seu nariz de prata?

O Pífaru respondeu com uma voz entrecortada, como se cada palavra lhe mordesse a língua: — O Dançarino de Fogo o entregou. Com um rastro de fogo.

Resa teve vontade de cuspir as sementes para que os seus olhos pudessem chorar.

Mas Orfeu riu, contente como uma criança. — E quem foi que te falou desse rastro? Vamos, diga logo!

O Pífaru demorou a responder. — Você, quem mais? — disse ele finalmente com voz rouca. — E em algum momento eu vou descobrir que acordo diabólico você fez para conseguir isso.

— Bom, ele conseguiu! — disse o Cabeça de Víbora. — Depois de você ter deixado o Gaio fugir duas vezes. Leve-o para a sala das mil janelas. Mande que o acorrentem ao pé da mesa onde ele deve encadernar o livro e vigiem cada movimento dele. Se este novo livro me deixar doente também, vou mandar arrancar o seu coração, Pífaru, e acredite em mim, não é tão fácil de substituir como um nariz.

Pensamentos de pássaro enevoavam a razão de Resa. Ela estava com medo, mas como poderia ir até Mo sem asas? E mesmo que você voe até ele, Resa, e então? Você pretende arrancar os olhos do Pífaru a bicadas para que ele não veja o Gaio fugir? Voe para longe, Resa, está tudo perdido. Salve o seu filho que ainda não nasceu, já que você não pode mais salvar o pai. Volte para Meggie. O medo do pássaro tomava conta dela, medo de pássaro e dor humana — ou seria ao contrário? Estaria ela enlouquecendo? Louca como Mortola?

Ela ficou ali tremendo, à espera que a câmara ficasse vazia, que o Cabeça de Víbora fosse embora para ver o seu prisioneiro. “Por que ele o havia entregado?”, pensou ela. “Por quê? O que será que

Orfeu lhe prometera? O que poderia ser mais valioso do que a vida que Mo lhe devolvera?”

O Cabeça de Víbora, Orfeu, o Pífaru, os soldados, dois serviçais com as almofadas que serviam para proteger a carne dolorida do seu senhor — Resa viu todos saírem, mas ao esticar a cabeça para fora do armário, achando que estava sozinha, viu Jacopo ali parado olhando para ela.

Um dos criados voltou pra buscar a capa do Cabeça de Víbora.

— Você está vendo o pássaro lá em cima? — perguntou Jacopo.
— Pegue-o para mim!

Mas o criado o puxou rudemente em direção à porta. — Aqui você não manda nada! Vá visitar a sua mãe. Lá onde ela está certamente vai precisar de companhia!

Jacopo resistiu, mas o empregado o empurrou porta afora. Depois fechou a porta e foi até o armário. Resa se escondeu. Ela ouviu como ele empurrava algo para o armário. Voe em seu rosto, Resa! Mas depois para onde? A porta estava fechada, as janelas cobertas. O empregado jogou a capa negra em sua direção. Ela voou contra a porta, contra a parede, ouviu-o amaldiçoar. Para onde? Ela voou para uma lâmpada no teto, mas algo atingiu a sua asa. Um sapato. Doía, doía tanto, e ela caiu.

— Espere só, vou torcer o seu pescoço! Quem sabe, talvez você seja até saboroso. Com certeza melhor do que a comida que o nosso elegante senhor nos dá. — As mãos se estenderam na sua direção. Ela tentou fugir, mas a sua asa doía e os dedos a seguraram com força. Desesperada, ela lhe deu uma bicada.

— Solte-a.

O serviçal se virou desconcertado. Dedo Empoeirado o derrubou no chão, o fogo atrás dele. Fogo traidor. Gwin olhava esfomeada para a andorinha, mas Dedo Empoeirado a espantou para longe. Resa teve vontade de bicar as suas mãos quando ele a pegou, mas ela já não tinha mais força, e ele a levantou cuidadosamente do chão e acariciou suas penas.

— O que aconteceu com a sua asa? Você consegue movê-la?

O pássaro dentro dela confiava nele, como todas as criaturas selvagens, mas seu coração humano se lembrava das palavras do

Píparo. — Por que você traiu Mo?

— Porque ele quis assim. Cuspa as sementes, Resa — ou você já esqueceu que é um ser humano?

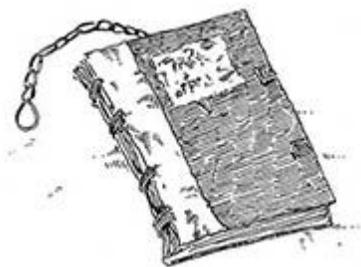
“Talvez eu queira esquecer”, pensou ela, mas cuspiu as sementes, obediente, em sua mão. Desta vez não faltava nenhuma, mas ela sentia mesmo assim o pássaro cada vez mais forte dentro dela. Pequeno e grande, grande e pequeno, pele e plumas, pele sem plumas... Ela passou os dedos sobre o braço, sentiu novamente os dedos, sem garras, sentiu as lágrimas nos olhos, lágrimas humanas. — Você viu onde o livro em branco está escondido?

Ela balançou a cabeça negativamente. Seu coração estava tão alegre por poder continuar amando-o.

— Temos que encontrá-lo, Resa — sussurrou Dedo Empoeirado. — O seu marido vai encadernar um novo livro para o Víbora para que ele possa esquecer o Gaio e assim as palavras de Orfeu não possam mais atingi-lo, mas esse livro não pode ficar pronto nunca, você está entendendo?

Sim, ela entendia. Eles procuraram por todos os lugares, sob a luz do fogo, tatearam por panos úmidos, roupas e botas, espadas, canecas, pratos de prata e almofadas bordadas. Até mesmo na água sangrenta. Quando ouviram passos do lado de fora, Dedo Empoeirado puxou o servente desmaiado consigo, e eles se esconderam atrás do armário onde Resa estivera anteriormente. Para o pássaro, a câmara parecia grande como um mundo, mas agora lhe parecia estreita demais para respirar. Dedo Empoeirado colocou-se protetoramente diante de Resa, mas os criados que entraram estavam ocupados demais esvaziando a banheira ensanguentada do seu senhor. Soltavam maldições enquanto arrumavam as toalhas molhadas e afogavam com nojo a carne apodrecida de seu senhor em sarcasmo. E então levaram a banheira para fora e os deixaram sozinhos novamente.

Procurando... Em cada canto, em cada arca, na cama desarrumada e debaixo dela. Procurando.



70. Palavras em chamas



Fermentava dentro dela, enquanto a menina olhava as páginas com suas panças cheias até o gorgomilo de parágrafos e palavras.

Seus cretinos, pensou.

Seus cretinos encantadores.

Não me façam feliz. Por favor, não me saciem nem me deixem pensar que alguma coisa boa pode sair disso.

Markus Zusak, *A menina que roubava livros*



Farid encontrou Doria. Quando o subiram na árvore, a primeira coisa que Meggie pensou foi que o gigante o tinha pisado, assim como fizera com os homens do Pardal que estavam lá embaixo sobre a grama congelada como bonecos quebrados.

— Não, não foi obra do gigante — disse Roxane quando colocaram Doria junto com os outros feridos, o Príncipe Negro e o Perna de Pau, o Bicho-da-Seda e o Ouriço. — Isso é obra humana.

Roxane transformara um dos ninhos mais baixos em hospital. Por sorte, entre os ladrões havia apenas dois mortos. O Pardal, em comparação, perdera muitos homens. Uma segunda vez, nem mesmo o medo do seu cunhado o traria de volta.

O Pássaro Tisnado também estava morto. Ele estava lá embaixo, sobre a grama, com o pescoço quebrado e olhos vazios para o céu. Entre as árvores haviam surgido os lobos atraídos pelo cheiro de sangue. Mas eles não se atreviam a chegar muito perto porque o gigante dormia debaixo da árvore dos ninhos, encolhido como uma criança, dormia tão profundamente como se o canto de Roxane o tivesse mandado para sempre para o mundo dos sonhos.

Doria não acordou quando Minerva colocou uma atadura em sua cabeça que sangrava, e Meggie se sentou ao seu lado enquanto Roxane cuidava dos outros feridos. O Ouriço estava muito mal, mas

as feridas dos outros sarariam. O Príncipe Negro, por sorte, tinha apenas algumas costelas quebradas. Ele queria descer e ver como estava o seu urso, mas Roxane o proibira, e Baptista tinha que lhe assegurar o tempo todo que o urso já corria atrás dos coelhos na neve, depois de Roxane haver lhe tirado a lança que o atingira em suas costas peludas. Doria, porém, não se mexia. Ele permanecia ali deitado, o cabelo castanho cheio de sangue.

— O que você acha? Será que ele vai acordar novamente? — perguntou Meggie quando Roxane se inclinou sobre ele.

— Eu não sei — respondeu Roxane. — Fale com ele. Às vezes isso o chama de volta.

“Fale com ele.” O que ela devia dizer a Doria? *Farid diz que lá há carruagens que andam sem cavalos, e música que sai de uma pequena caixa mágica pintada de preto.* Ele sempre lhe perguntara como era o outro mundo, então Meggie começou a contar em voz baixa das carruagens sem cavalos e das máquinas que voavam, dos barcos sem velas e de instrumentos que transportavam as vozes de um lugar da terra para o outro. Elinor veio ver como ela estava, Fenoglio sentou-se por um tempo ao seu lado, até mesmo Farid veio e segurou sua mão, enquanto ela segurava a de Doria, e pela primeira vez Meggie sentiu-se novamente tão próxima dele como antes, quando junto com Dedo Empoeirado haviam ido atrás dos seus pais prisioneiros. Era possível que um coração amasse dois rapazes?

— Farid — disse Fenoglio em algum momento —, deixe-nos ver o que o fogo pode nos dizer sobre o Gaio e quando esta história vai chegar ao fim, a um final feliz.

— Talvez nós devêssemos mandar o gigante ajudar o Gaio! — disse o Bicho-da-Seda. Roxane tinha tirado uma flecha do seu braço, e a sua língua pesava do vinho que ela lhe dera para beber e diminuir a dor. O Pardal deixara numerosos odres de vinho, mantimentos e cobertores, armas e cavalos sem cavaleiros.

— Você esqueceu onde está o Gaio? — perguntou o Príncipe Negro. Meggie estava tão feliz em vê-lo vivo. — Nenhum gigante consegue atravessar o lago negro. Mesmo que antigamente eles gostassem de ver o seu reflexo nele.

Não, tão fácil não seria.

— Venha, Meggie, vamos perguntar ao fogo — disse Farid, mas Meggie relutou em soltar a mão de Doria.

— Pode ir. Eu fico com ele — disse Minerva, e Fenoglio sussurrou: — Vamos, não faça essa cara tão preocupada. É claro que o rapaz vai acordar novamente. Você já esqueceu o que eu te contei? A história dele está começando agora!

Mas olhando o rosto pálido de Doria, era difícil acreditar.

O galho onde Farid estava ajoelhado para chamar o fogo era tão largo como a rua diante do jardim de Elinor. Enquanto Meggie se agachava ao seu lado, Fenoglio lançou um olhar desconfiado para as crianças lá em cima, que sentadas nos galhos observavam o gigante que dormia.

— Não se atrevam! — gritou ele apontando para os pinhões em suas mãozinhas. — O primeiro que jogar um pinhão no gigante vai voar longe. Eu juro a vocês!

— Em algum momento eles vão jogar, e então? — perguntou Farid enquanto colocava com cuidado um pouco de cinzas na pele de madeira da árvore. Já não sobrava muito, mesmo que ele tivesse usado cuidadosamente. — O que o gigante vai fazer quando acordar?

— E eu sei lá? — grunhiu Fenoglio e lançou um olhar preocupado para baixo. — Espero que a pobre Roxane não tenha que cantar para o gigante dormir o resto da vida.

O Príncipe Negro aproximou-se deles. Baptista tinha que ajudá-lo. Sem dizer uma palavra, eles se sentaram ao lado de Meggie. O fogo parecia sonolento aquele dia. Mesmo que Farid o atraísse e o agradasse demorou infinitamente até que as chamas surgissem das cinzas. O gigante começou a cantarolar no sono. Sorrateiro pulou nos joelhos de Farid com um pássaro morto na boca e de repente vieram as imagens: Dedo Empoeirado num pátio, rodeado de grandes gaiolas. Numa delas uma garota chorava. Brianna. Um ser negro estava entre ela e o seu pai.

— Um ícubo! — sussurrou Baptista. Meggie olhou para ele assustada. A imagem se desfez na fumaça acinzentada e surgiu outra no coração das chamas. Farid segurou a mão de Meggie e

Baptista praguejou em voz baixa. Mo. Ele estava acorrentado a uma mesa. O Píforo estava com ele. E o Cabeça de Víbora. Seu rosto inchado parecia ainda mais assustador do que Meggie imaginara nos seus piores pesadelos. Sobre a mesa havia couro e papel em branco.

— Ele vai encadernar outro livro em branco! — sussurrou Meggie.

— O que isso significa? — Apavorada, olhou para Fenoglio.

— Meggie! — Farid chamou sua atenção novamente para o fogo.

Das chamas surgiam... letras, letras que queimavam, que formavam palavras.

— Que diabos é isso? — disse Fenoglio — Quem as escreveu?

As palavras se afastaram flutuando e desapareceram entre os galhos antes que qualquer um deles pudesse lê-las. Mas o fogo deu a resposta para a pergunta de Fenoglio. Um rosto redondo e pálido surgiu entre as chamas, os óculos redondos como um segundo par de olhos.

— Orfeu! — sussurrou Farid.

As chamas se encolheram. Elas voltaram para as cinzas como se fossem seu ninho, mas algumas palavras de fogo continuavam no ar. *Gaio... Medo... Destruiu... Morte...*

— O que significa isso? — perguntou o Príncipe Negro.

— Essa é uma longa história, Príncipe — respondeu Fenoglio com voz cansada. — E temo que o homem errado escreveu o seu final.



71. O Encadernador



Nenhuma de nós era a verdadeira autora: seu punho é mais do que a soma de seus dedos.

Margaret Atwood, *O assassino cego*



Dobrar. Cortar. O papel era bom, melhor que o da última vez. As pontas dos dedos de Mo tateavam as fibras no branco-pálido, contornavam as beiradas procurando por lembranças. E elas vinham, enchendo seu coração e sua mente com mil imagens, mais de mil dias esquecidos. O cheiro da cola o levava de volta a todos os lugares onde ele estivera sozinho com um livro doente, e os movimentos conhecidos da sua mão faziam com que sentisse novamente a alegria que todas as vezes havia sentido quando dera nova vida a um livro e salvara mesmo que por pouco tempo a sua beleza dos pontudos dentes do tempo. Ele realmente esquecera a paz que sentia quando as mãos faziam seu trabalho. Dobrar, cortar, puxar a linha pelo papel. Mortimer. Ali estava ele novamente: Mortimer, o Encadernador, para quem uma faca não tinha que ser afiada porque assim era mais fácil matar, e a quem as palavras não ameaçavam, porque o que fazia era apenas costurar-lhe novas roupas.

— Você parece não ter pressa, Gaio.

A voz do Píforo o trouxe de volta para a sala das mil janelas.

Não permita, Mortimer. Imagine que o Nariz de Prata continua dentro do seu livro. Que ele não passa de uma voz que surge através das letras. O Gaio não está aqui. As palavras de Orfeu terão que procurá-lo em outro lugar.

— Você sabe que vai morrer assim que terminar. Isso te deixa lento assim, não é? — O Pífaru bateu seu punho enluvado com tanta força nas costas do Gaio que ele quase fez um corte nas mãos, e o Gaio voltou e imaginou a lâmina que cortava o papel entrando no peito do Pífaru.

Mo se obrigou a colocar a faca de lado e pegar mais uma dobra de papel à procura de paz em meio àquele branco colado.

O Pífaru tinha razão. Ele trabalhava devagar, não porém porque tivesse medo da morte, mas porque aquele livro não podia ficar pronto jamais, e cada movimento servia apenas para trazer de volta aquele a quem as palavras de Orfeu não podiam amarrar. Mo já quase não as sentia mais. Todo o desespero que se havia penetrado em seu coração enquanto estivera no buraco escuro, toda a raiva e a desesperança... Elas haviam empalidecido como se suas mãos as tivessem lavado do seu coração.

Mas o que aconteceria se Dedo Empoeirado e Resa não encontrassem o livro em branco? O que aconteceria se o íncubo engolissem Brianna e o seu pai? Ficaria então para sempre naquela sala costurando páginas em branco? Não para sempre, Mo. Você não é imortal. Ainda bem.

O Pífaru o mataria. Ele espera por isso desde a primeira vez quando se encontraram no Castelo da Noite. E os menestréis cantariam a morte do Gaio, não a de Mortimer Folchart. Mas o que aconteceria com Resa e a criança que ainda não nascera? E com Meggie? Não pense, Mortimer. Corte, dobre, encadernerne, crie tempo — mesmo que você ainda não saiba para que ele pode servir. Resa pode voar para longe quando você estiver morto, e encontrar Meggie. Meggie...

“Por favor! Deixe a minha filha viver!”, implorava seu coração às Damas Brancas. “Eu vou com vocês, mas deixem Meggie aqui. A sua vida está apenas começando, mesmo que ela ainda não saiba em que mundo quer vivê-la.”

Cortar, dobrar, encadernar — ele imaginava poder ver o rosto de Meggie num papel em branco. Quase podia senti-la ao seu lado, como então na câmara do Castelo da Noite, a mesma câmara onde vivera a mãe de Violante. Violante... eles a haviam jogado num dos

buracos. Mo sabia exatamente o que lhe daria mais medo lá embaixo: que a escuridão lhe tirasse o pouco que ela podia enxergar. Ela ainda o tocava, a filha do Víbora, e ele teria gostado tanto de ajudá-la, mas o Gaio tinha que adormecer.

Eles haviam acendido quatro tochas. Não era muita luz, mas melhor do que nada. As correntes também não facilitavam a tarefa. O barulho que elas faziam lhe lembrava a cada movimento que ele não estava em sua oficina no jardim de Elinor.

A porta se abriu.

— Então — a voz de Orfeu ressoou pela sala vazia. — Este papel tem muito mais a ver com você! Como é que aquele idiota do Fenoglio foi ter a ideia de transformar o Encadernador num ladrão?

Com um sorriso de triunfo ele se deteve diante de Mo, distante o suficiente para que a faca não pudesse atingi-lo. Oh sim, Orfeu pensava nisso. Seu hálito tinha um cheiro adocicado como sempre.

— Você deveria saber que Dedo Empoeirado iria te entregar em algum momento. Ele entrega todo mundo. Acredite em mim, eu sei do que estou falando. É o seu melhor papel. Mas imagino que você não tinha como escolher o seu ajudante.

Mo pegou o couro destinado à encadernação. Era levemente avermelhado, como o do primeiro livro.

— Oh, você não fala mais comigo! Bom, é compreensível. — Orfeu nunca parecera tão feliz.

— Deixe-o trabalhar, Olho Duplo! Ou devo dizer ao Cabeça de Víbora que ele vai ter que ficar mais tempo em sua pele ardida porque você gosta de jogar conversa fora? — A voz do Pífaros soava mais tensa do que de costume. Orfeu não fizera amigos.

— Não esqueça que o seu senhor abandonará em breve essa pele graças a mim, Pífaros! — respondeu ele com voz entediada. — Se bem me lembro, as suas artes de convencimento impressionaram muito pouco o nosso amigo Encadernador.

Ah, os dois brigavam pelo melhor lugar ao lado do Víbora. Por enquanto era Orfeu quem tinha as melhores cartas, mas talvez isso pudesse mudar.

— Do que você está falando, Orfeu? — disse Mo sem tirar os olhos do seu trabalho. Ele sentia o sabor da vingança doce em sua

boca. — O Cabeça de Víbora deve agradecer apenas ao Pífaros. Foram os seus homens que me prenderam. Eu fui descuidado. Caí diretamente em suas mãos. Você não teve absolutamente nada a ver com isso.

— O quê? — Os dedos de Orfeu seguraram irritados os seus óculos.

— Exatamente isso é o que eu vou contar ao Cabeça de Víbora. Assim que ele acordar. — Mo cortava o couro e imaginava que cortava a teia que Orfeu havia tecido ao seu redor.

O Pífaros entrefechou os olhos como se pudesse enxergar melhor que jogo o Gaio estava jogando. O Gaio não está aqui, Pífaros, pensou Mo. Mas como você pode saber?

— Cuidado, Encadernador! — Orfeu deu um passo desengonçado na direção dele. Sua voz quase se precipitou. — Se você usar a sua língua encantada para espalhar mentiras a meu respeito, mando cortá-la na mesma hora!

— Ah é? E quem vai cortá-la?

Mo olhou para o Pífaros.

— Eu não quero ver a minha filha neste castelo — disse ele em voz baixa. — Não quero que ninguém procure por ela quando o Gaio estiver morto.

O Pífaros respondeu ao seu olhar — e sorriu. — Prometido. O Gaio nunca teve uma filha — disse ele. — E a sua língua vai permanecer com ele. Desde que fale as palavras certas.

Orfeu mordeu os lábios com tanta força que eles ficaram pálidos como sua pele. Então deu um passo na direção de Mo.

— Vou escrever novas palavras! — sussurrou em seu ouvido. — Palavras que farão você se contorcer como um verme num anzol!

— Escreva o que você quiser! — respondeu Mo, e cortou novamente o couro.

O Encadernador não sentiria as palavras.

72. *Tantas lágrimas*



[...] *desde o início dos tempos,
criança, eu pensava
que a dor significava
não ser amado.
A dor significava que eu estava amando.*
Louise Glück, *First memory*



Ela estava chorando! Jacopo nunca havia ouvido a sua mãe chorar. Nem mesmo quando trouxeram o seu pai morto da floresta. Ele mesmo também não havia chorado naquela ocasião, mas agora era diferente.

Deveria chamar por ela? Ele se ajoelhou na beira do buraco e olhou para a escuridão lá embaixo. Não conseguia vê-la, apenas ouvi-la. O choro era horrível. Dava-lhe medo. Sua mãe não chorava. Sua mãe era sempre forte, sempre orgulhosa. Ela não o pegava no colo, como Brianna. Brianna o abraçava até quando ele era cruel com ela. “Por que você se parece com o seu pai!”, dizia a criada na cozinha. Brianna estava apaixonada pelo seu pai! Ainda é apaixonada por ele. Ela carregava uma moeda com o seu retrato na bolsa do seu cinto, e às vezes a beijava em segredo, e escrevia o seu nome nos muros. Ela o escrevia no ar e no pó. Como era burra. Os soluços lá debaixo tornaram-se mais fortes, e Jacopo colocou a mão sobre os ouvidos. Parecia que a sua mãe se quebrava em mil pedaços lá embaixo. Pedaços tão pequenos, que não seria mais possível juntá-los novamente. Mas ele a queria ao seu lado.

— O teu avô vai te levar com ele — diziam os criados. — Para o Castelo da Noite. Para que você brinque com o seu filho. — Mas Jacopo não queria ir para o Castelo da Noite. Ele queria voltar para Ombra. Ali era o seu castelo. Além disso, o seu avô lhe dava medo.

Ele fedia e arfava e a sua pele era tão esponjosa que dava a impressão de poder furá-la com os dedos.

Lá embaixo estava tudo certamente molhado de lágrimas. A impressão era que em breve ela iria se afogar nelas! Era de esperar que ela estivesse tão triste lá embaixo, pois ali não havia livro algum para ler, e sua mãe era infeliz sem livros. Não havia nada que ela amasse tanto. Ela os amava muito mais que a ele, mas não importava. Mesmo assim, o Olho Duplo não podia casar com ela. Jacopo odiava o Olho Duplo. A sua voz parecia açúcar derretido sobre a pele.

Do Gaio ele gostava. E do Dançarino de Fogo. Mas em breve os dois estariam mortos. Orfeu daria o Dançarino de Fogo como comida para o íncubo, e do Gaio, arrancariam a sua pele assim que ele terminasse o novo livro. Seu avô o fizera presenciar uma vez como tiraram a pele de um homem. Jacopo se escondera dos seus gritos no canto mais escuro do seu coração, mas até lá ele os ouvira.

Silêncio. Sua mãe já não chorava. Teria ela morrido de tanto chorar?

Os guardas nem prestaram atenção quando ele se inclinou profundamente no buraco negro. — Mãe?

A palavra não sai facilmente dos seus lábios. Aliás, ele nunca a chamava assim. Ele a chamava de a Feia. Mas agora ela tinha chorado.

— Jacopo?

Ela ainda estava viva.

— O Gaio está morto?

— Ainda não. Está encadernando um livro.

— Onde está Brianna?

— Na gaiola. — Ele tinha ciúmes de Brianna. A mãe gostava mais dela do que dele. Brianna podia dormir no quarto com sua mãe, e ela falava muito mais com a criada do que com ele. Mas Brianna o consolava quando ele se machucava ou quando os homens do Pardal faziam piadas com seu pai morto. E ela era muito bonita.

— Você sabe o que eles querem fazer comigo? — a voz da sua mãe soava diferente. Ela tinha medo! Ele nunca havia presenciado

que ela tivesse medo.

Se ao menos pudesse ajudá-la a subir, como fizera o Dançarino de Fogo com o Gaio.

— Orfeu — ele começara a falar, mas um dos guardas o puxou pela nuca.

— Acabou o papo-furado! — disse ele. — Desapareça.

Jacopo tentou se libertar, mas sem sucesso.

— Deixe ela sair! — gritou para o soldado. Ele batia com os punhos contra o peito encouraçado. — Deixe ela sair. Imediatamente!

Mas o soldado se limitava a rir.

— Veja só esse aí! — disse para o outro guarda. — Tenha cuidado, senão em breve quem vai estar preso aí no buraco é você, seu anão. O seu avô tem um filho agora. E o neto não tem mais muita importância, na realidade nenhuma, já que se trata do garoto de Cosme, e sua mãe se amigou com o Gaio.

Ele empurrou Jacopo tão rudemente que o garoto caiu, e Jacopo desejou poder fazer sair chamas das suas mãos como o Dançarino de Fogo, ou poder matar a todos com uma espada, como fizera o Gaio com tantos deles.

— Jacopo? — ele ouviu sua mãe chamar lá debaixo, mas quando quis voltar para a beira do buraco, os soldados se colocaram em seu caminho.

— Suma de uma vez! — ordenou-lhe um dos soldados. — Ou direi ao Olho Duplo para que ele te dê de almoço ao íncubo. Você certamente não é nem de perto tão suculento como o Encadernador que está reservado para ele.

Jacopo deu um chute em seu joelho com toda a força, e fugiu antes que os outros guardas pudessem agarrá-lo.

Os corredores pelos quais ele corria aos tropeções eram tão escuros que enxergava mil monstros em suas sombras. Era muito melhor quando o fogo queimava em todas as paredes do castelo, tão melhor. Para onde? Para onde poderia ir? Para a câmara onde o haviam prendido com a sua mãe? Não, ali havia besouros que entravam nas narinas e nos ouvidos das pessoas. Orfeu os mandara para ele. Ele mesmo dissera e rira. Jacopo já mudara de roupa três

vezes para livrar-se deles, mas continuava sentindo-os, em todos os lugares.

Talvez devesse ir até a gaiola onde estava Brianna? Mas não, lá estava o incubo. Jacopo sentou no chão de pedra e escondeu o rosto entre as mãos. Ele queria que todos fossem pro inferno, Orfeu e o Pífaros e o seu avô. Ele queria ser como o Gaio ou como o Príncipe Negro — para poder matar todos eles. Todos eles. Para que perdessem o sorriso. Então ele sentaria no trono de Ombra e atacaria o Castelo da Noite, assim como fizera o seu pai. Sim, ele o conquistaria e mandaria toda prata para Ombra, e os menestrelis cantariam canções sobre ele. Ele mandaria que fizessem apresentações no castelo todos os dias, apenas para ele, e o Dançarino de Fogo escreveria o seu nome no céu, e sua mãe se curvaria diante dele e ele casaria com uma mulher tão bonita como Brianna...

E ele via tudo muito claramente diante de si, enquanto estava ali sentado na escuridão que protegia os olhos do seu avô, ele via tudo tão claramente como as ilustrações que Balbulus fizera para ele.

Um livro sobre ele. Jacopo. Um livro tão rico como aquele sobre o Gaio. Não vazio ou podre como...

Jacopo levantou a cabeça.

... o livro em branco.

Sim. Por que não? Assim ele perderia rapidamente o sorriso do seu rosto.

Jacopo se levantou. Seria muito fácil. Seu avô apenas não poderia perceber imediatamente que ele havia desaparecido. Melhor, ele o trocava por outro. Mas por qual?

Ele abraçou seus joelhos trêmulos.

Orfeu mandara levar embora os seus livros, e os de sua mãe haviam desaparecido também. Mas havia mais livros naquele castelo, livros doentes, doentes como o livro do seu avô, na câmara onde haviam prendido o Gaio.

Era um longo caminho até lá, e Jacopo perdeu-se algumas vezes, mas no final, o cheiro de mofo lhe indicou o caminho — o mesmo cheiro que rodeava o seu avô — e o rastro de fuligem, quase invisível sob a luz da sua tocha, com o qual o Dançarino de Fogo

entregara o Gaio. Por que ele fizera aquilo? Em troca de prata, como o Pássaro Tisnado? O que ele queria comprar com aquilo? Um castelo? Uma mulher? Um cavalo?

— Confie nos seus amigos ainda menos do que nos seus inimigos, Jacopo! — Assim lhe ensinara o seu avô. — Não existem amigos. Não para um Príncipe. — Antes o seu avô costumava conversar com ele, mas isso fora havia muito tempo. *Agora ele tem um filho, Jacopo.*

Pegou um livro que não era grande demais — o livro em branco também não era muito grande — e escondeu debaixo da sua veste.

Havia dois guardas diante da câmara do seu avô. Ele voltara do seu encontro com o Gaio então. Será que ele já o matara? Não. O novo livro com certeza ainda não estava pronto. Algo assim levava tempo, ele sabia por causa de Balbulus. Mas quando estivesse pronto, o seu avô faria com que o Gaio gritasse e a sua mãe teria que casar com o Olho Duplo ou continuar ali no buraco até que se quebrasse em pedacinhos. E ele teria que ir junto para o Castelo da Noite.

Jacopo ajeitou suas roupas e limpou as lágrimas do rosto. Ele não as percebera. Elas faziam com que tudo parecesse desfocado, os guardas e o fogo de suas tochas. Burrice. As lágrimas eram uma burrice.

— Eu quero falar com o meu avô!

Eles trocaram um sorriso sarcástico. O Gaio mataria todos eles. Todos eles.

— Ele está dormindo. Suma.

— Ele não consegue dormir, seu idiota! — a voz de Jacopo tornou-se aguda. Alguns meses atrás ele teria chutado o chão, mas ele aprendera que não era algo muito eficiente. — Foi o Polegar que me mandou. Eu devo dar a ele o seu remédio para dormir.

Os guardas trocaram um olhar inseguro. Por sorte ele era mais esperto do que todos eles. Muito mais esperto.

— Está bem, pode entrar! — rosnou um deles. — Mas ai de você se estiver pensando em encher os ouvidos dele por causa da sua mãe. Eu vou te jogar com minhas próprias mãos lá no buraco com ela, entendeu?

“Você está morto”, pensou Jacopo ao passar por ele. Morto. Morto. Morto. Você ainda não sabe? Oh sim. Aquilo era muito bom.

— O que você quer? — Seu avô estava sentado na cama, dois criados ao seu lado lavando as suas pernas com sangue de fada. Seus olhos estavam pesados por causa do suco de papoula que ele bebia antes de dormir. E por que ele não poderia dormir? O Gaio estava preso e encadernava a morte novamente em um livro.

— O que você vai fazer com o Gaio quando ele terminar? — Jacopo sabia muito bem que histórias o seu avô gostava de contar.

O Cabeça de Víbora riu e mandou os criados embora com um aceno. Com mil reverências eles foram se afastando em direção da porta.

— Talvez você tenha puxado a mim, mesmo que você se pareça com o seu pai fisicamente. — O Cabeça de Víbora deitou-se de lado gemendo. — O que você faria com ele primeiro? — Sua língua já estava tão pesada como suas pálpebras.

— Eu não sei. Arrancar as suas unhas?

Jacopo sentou-se na cama. Ali estava a almofada que o Cabeça de Víbora sempre levava consigo. Para amparar a sua carne doente, diziam. Mas Jacopo sabia que não era isso. Ele já vira muitas vezes o seu avô colocar a mão debaixo do tecido pesado para sentir o couro com os dedos. Uma vez ele inclusive chegara a dar uma olhada na capa ensanguentada. Ninguém prestava atenção no que uma criança via. Nem mesmo o Cabeça de Víbora que não confiava em ninguém além dele mesmo.

— As unhas? Oh. Isso é bem doloroso, sim. Espero que o meu filho tenha ideias parecidas quando tiver a sua idade. Apesar de que — para que eu vou precisar de um filho se sou imortal? É o que eu me pergunto muitas vezes. Para que eu preciso de uma mulher? Ou filhas...

As palavras tornaram-se quase incompreensíveis. O Cabeça de Víbora abriu a boca e ouviu-se um ronco. Suas pálpebras de lagarto se fecharam, e a mão esquerda cravou suas garras na almofada onde a sua morte se escondia. Mas Jacopo tinha mãos pequenas e finas. Elas não pareciam com as mãos do seu avô. Com cuidado ele abriu as fitas que fechavam o pano, colocou os dedos no interior da

almofada e puxou o livro para fora, o livro em branco — apesar de que na verdade deveria ser chamado de o livro vermelho. Seu avô virou a cabeça e arfou adormecido. Jacopo tirou de debaixo da sua veste o livro que pegara da câmara dos livros doentes, e trocou-o com seu gêmeo avermelhado.

— O meu avô está dormindo — disse ele para os guardas ao sair da câmara. — E pobres de vocês se o acordarem, ele mandará arrancar as suas unhas.

73. O íncubo



O que pode temer aquele que não teme a morte?

Friedrich Schiller, *Os bandoleiros*



Resa fora embora voando, para a sala das mil janelas, para Língua Encantada. — Resa! O pássaro não vai te abandonar nunca mais! — avisara-lhe Dedo Empoeirado, mas mesmo assim ela colocara as sementes na boca.

Ele tivera dificuldade em tirá-la da câmara antes que o Príncipe de Prata voltasse. O desespero em seu rosto cortara o seu coração. Eles não haviam encontrado o livro em branco, e ambos sabiam o que isso significava: em vez do Cabeça de Víbora morreria o Gaio, pelas mãos do Pífaru ou do Polegar, ou pelas Damas Brancas, por ele não ter conseguido pagar o preço que a morte exigira em troca da sua vida.

Resa voara até ele apenas para que Língua Encantada não estivesse sozinho ao morrer. Ou será que ela ainda esperava que acontecesse um milagre? Talvez. Dedo Empoeirado não lhe contara que a morte iria buscá-lo também — e depois a filha dela.

— Se você não encontrar o livro — sussurra-lhe Língua Encantada antes de mandá-lo colocar um rastro de fogo para o Pífaru —, então tentemos ao menos salvar as nossas filhas.

Nossas filhas... Onde encontrar Brianna, Dedo Empoeirado sabia, mas como poderia proteger Meggie do Pífaru ou mesmo das Damas Brancas?

É claro que os homens do Pífaros tentaram prendê-lo, depois de haver-lhes indicado o caminho até o Gaio, mas era fácil enganá-los. Eles ainda estavam procurando por ele, mas a escuridão no castelo não fazia bem apenas para os olhos do Cabeça de Víbora, ela escondia os seus inimigos também.

Orfeu parecia muito seguro de que o seu cão negro seria suficiente para vigiar Brianna. Duas tochas queimavam ao lado da gaiola onde ela estava, tão encolhida que realmente parecia um pássaro preso. Mas não havia nenhum soldado tomando conta dela. O guardião verdadeiro se escondia em algum lugar nas sombras, ali onde a luz das tochas não alcançavam.

Como teria Orfeu conseguido amansá-lo?

— Não esqueça que ele o leu para fora de um livro — dissera Língua Encantada. — E era um livro infantil, apesar de que eu não tenho muita certeza se por causa disso Fenoglio fez com que o Íncubo fosse menos assustador. Mas ele é feito de palavras, e eu tenho certeza que foi também com palavras que Orfeu o domesticou. Apenas algumas palavras modificadas, algumas frases sutilmente retorcidas e o horror da noite se transforma num cão obediente.

“Mas Língua Encantada!”, pensara Dedo Empoeirado. Você esqueceu que aparentemente neste mundo tudo é feito de palavras? Ele tinha uma única certeza: aquele Íncubo não era menos perigoso. Ao contrário, ele era ainda mais sombrio do que o que haviam encontrado na Floresta sem Caminhos. Ele não conseguiria, como fizera com seus congêneres, espantá-lo com pó de fadas e fogo. O cão de Orfeu era feito com tecido muito mais negro. “Pena você não ter perguntado às Damas Brancas pelo seu nome, Dedo Empoeirado!”, pensou, enquanto se encaminhava devagar e furtivamente para a gaiola. “Não é o que dizem as canções, que essa é a única forma de matar um íncubo?” Então era isso o que ele tinha que fazer: deveria apagá-lo, para que Orfeu não pudesse chamá-lo de volta. “Esqueça as canções”, Dedo Empoeirado, pensou ele enquanto olhava em volta. “Escreva a sua própria canção, assim como o Gaio também tem que fazer agora.”

Seus sussurros despertaram as tochas, como se quisessem cumprimentá-lo, cansadas da escuridão que as rodeava. E Brianna levantou a cabeça.

Como ela era bonita, tão bonita como a sua mãe.

Dedo Empoeirado olhou em volta novamente, esperando que a escuridão começasse a se mexer. Onde estaria ele?

Ele ouviu um resfolegar, sentiu uma respiração fria, ofegante, como a de um enorme cão. À sua esquerda cresciam as sombras e se tornavam mais escuras que a escuridão. Seu coração começou a bater dolorosamente rápido. Ah! Então o medo ainda estava ali, mesmo que ele raramente o sentisse.

Brianna ficou em pé e deu um passo para trás até apoiar as costas na grade. No muro atrás dela, um pavão desenhado abria sua cauda. — Vá embora! — sussurrou ela. — Por favor! Ele vai te devorar!

Vá embora. Uma ideia atraente. Mas ele tivera duas filhas. E agora ele só tinha essa, e queria mantê-la com ele, não para sempre, mas talvez por alguns anos. Tempo precioso. Tempo — fosse lá o que significasse.

Sentiu o frio às suas costas, terrivelmente frio. Dedo Empoeirado chamou o fogo e se envolveu em seu calor, mas as chamas se encolheram assustadas, e se apagaram deixando-o sozinho com a sombra.

— Por favor! Por favor, vá embora! — implorava a voz de Brianna, e o amor que havia nela, e que normalmente ela escondia tão bem, o aquecia melhor do que poderia ter feito o fogo. Mais uma vez ele chamou o fogo, com mais força do que normalmente, lembrou-lhe que eram irmãos, inseparáveis.

As chamas lambiam reticentes o chão, trêmulas, como se soprasse um vento frio, mas elas queimavam, e o íncubo deu um passo para trás e olhou para ele.

Sim, era verdade o que diziam as canções sobre ele e sua espécie. Tinha que ser verdade. Que eles não eram feitos de nada além de escuridão, de maldade para a qual não havia esquecimento e perdão, até que eles se apagassem, consumindo-se a si mesmos, levando consigo tudo o que haviam sido um dia.

Os olhos se mantinham fixos nele, olhos vermelhos no meio da escuridão, selvagens e insensíveis ao mesmo tempo, perdidos em si mesmo, sem ontem ou amanhã, sem luz ou calor, presos na própria frieza, em sua fria maldade.

Dedo Empoeirado sentia o fogo a sua volta como uma pele que aquecia. Ele quase lhe queimava a pele, mas era sua única proteção contra os olhos sombrios e a boca esfomeada que se abria e gritava tanto que Brianna caiu de joelhos colocando as mãos sobre os ouvidos.

O íncubo esticou a sua mão escura em direção ao fogo, afundou-a dentro dele até que ela sibilou, e Dedo Empoeirado imaginou poder reconhecer em meio àquela escuridão um rosto. O rosto que ele nunca esquecerá.

Seria possível? Teria Orfeu visto a mesma coisa e domesticado seu cão sombrio — chamando-o pelo seu nome esquecido? Ou teria ele lhe dado esse nome, trazendo com o íncubo aquele a quem Língua Encantada enviara para a morte?

Brianna chorava atrás dele. Dedo Empoeirado a sentia tremer através das grades, mas ele mesmo não sentia mais o medo. Ele estava apenas agradecido. Agradecido por aquele momento. Agradecido por esse novo encontro. Tomara que fosse o último.

— Olhe só! Olhe quem está aí! — disse ele em voz baixa enquanto o choro de Brianna se extinguia atrás dele. — Você se lembra de si mesmo em meio a toda a sua escuridão? Você se lembra da faca e das costas do garoto, tão magro e tão desprotegido? Você se lembra do barulho que o meu coração fez ao se quebrar?

O íncubo olhava fixamente para ele, e Dedo Empoeirado deu um passo em sua direção, sempre vestido em suas chamas, chamas que queimavam cada vez mais forte, alimentadas por toda aquela dor que ele chamava de volta, todo aquele desespero.

— Fora daqui, Basta! — disse, e pronunciou o nome tão alto que ele penetrou até o coração de toda a escuridão. — Vá embora, por toda a eternidade.

O rosto tornou-se mais definido — o pequeno rosto de raposa que ele temera tanto em algum momento — e Dedo Empoeirado deixou

que as chamas mordessem o frio, deixou que elas entrassem na escuridão como espadas que escreviam o nome de Basta, e o íncubo gritou novamente, os olhos de repente cheios de lembranças. Ele gritava, gritava enquanto o seu corpo se desfazia feito tinta. Ele escorreu pelas sombras, desapareceu na fumaça. Ficou apenas o frio, mas este também foi comido pelo fogo e Dedo Empoeirado caiu de joelhos e sentiu que a dor o abandonava, a dor que havia sobrevivido até mesmo à morte, e desejou ter Farid ao seu lado. Ele desejou com tanta força que por alguns momentos esqueceu onde estava.

— Pai? — o sussurro de Brianna chegava até ele através do fogo.

Será que ela já o chamara assim alguma vez? Sim, antigamente. Mas teria sido ele então a mesma pessoa?

As grades da gaiola se abriram sobre a força das suas mãos quentes. Ele não se atrevia a tocar Brianna, tão forte sentia o poder do fogo dentro dele. Passos se aproximaram, passos pesados, com pressa. Os gritos do íncubo os haviam chamado até ali. Mas a escuridão engoliu Dedo Empoeirado e Brianna antes que os soldados pudessem chegar até as gaiolas — procurando em vão pelo guarda negro.



74. A outra página



Arrancou uma página do livro e a rasgou ao meio. Depois, um capítulo.

Em pouco tempo, não restava nada senão tiras de palavras, derramadas feito lixo entre suas pernas e em toda a sua volta...

De que adiantavam as palavras?

Dessa vez ela o disse em voz alta, para a sala iluminada de laranja.

— De que servem as palavras?

Markus Zusak, *A menina que roubava livros*



O Príncipe Negro continuava com Roxane. Ela teve que imobilizar sua perna ferida de modo a que ele pudesse andar. Andar até o Castelo no Lago. — Nós temos tempo — disse Meggie para ele, mesmo que o seu coração tivesse muita pressa. Certamente Mo precisaria de tanto tempo para esse livro em branco como precisara no Castelo da Noite.

O Príncipe Negro queria partir com quase todos os seus homens, para apoiar o Gaio. Mas sem Elinor e sem Meggie. — Eu tive que prometer ao seu pai que você e a sua mãe permaneceriam num lugar seguro — dissera para ela. — No caso da sua mãe eu já não tive como manter minha promessa. Então, quero fazê-lo ao menos com você. Você fez a ele a mesma promessa?

Não. Ela não fizera. E por isso ela queria ir junto. Mesmo que quase cortasse o seu coração deixar Doria ali sozinho. Ele ainda não despertara, mas Darius conversaria com ele. E Elinor. E ela voltaria. Ou não?

Farid iria com ela. Ele poderia chamar o fogo quando esfriasse no caminho, e ela roubara um pouco da carne-seca e enchera um dos odres de Baptista com água. Como o Príncipe Negro poderia pensar

que ela ficaria ali depois de haver visto as palavras do fogo? Como ele poderia pensar que ela deixaria seu pai morrer como se aquela fosse uma outra história?

— Mas Meggie! O Príncipe Negro não sabe nada das palavras! — Fenoglio dissera para ela. — E sabe muito menos ainda dos planos de Orfeu! — Mas Fenoglio sabia, e mesmo assim, da mesma forma que o Príncipe, ele não queria que ela fosse. — Você quer ficar na mesma situação que sua mãe? Ninguém sabe onde ela está! Não, você deve ficar, nós vamos ajudar o seu pai do nosso jeito. Eu escreverei dia e noite, eu prometo a você. Mas se você não estiver aqui para ler, então de que nos servirá tudo isso?

Ficar ali. Esperar. Não. Ela sentia muito. Ela iria escondida, como Resa, e não iria se perder... Já esperara tempo demais. Darius poderia ler caso Fenoglio escrevesse alguma coisa — ele teria lido sem problemas o gigante para lá também —, e as crianças tinham Baptista e Elinor, Roxane e Fenoglio para cuidar delas. Mas Mo estava sozinho, tão sozinho. Ele precisava dela. Ele sempre precisou dela.

Elinor roncava baixinho. Darius dormia ao seu lado, entre as crianças de Minerva. Meggie tentava se movimentar o mais silenciosamente possível, o mais silenciosamente que a estrutura do ninho permitia, pegou o seu casaco, seus sapatos, sua mochila que ainda lhe lembrava o outro mundo.

— Você está pronta? — Farid estava parado diante da porta redonda. — Vai amanhecer em breve!

Meggie concordou — e se virou, evitando o olhar de Farid, os olhos tão abertos como os de uma criança.

Uma Dama Branca, junto aos que dormiam, olhava para Meggie.

Ela tinha um giz na mão, um giz curto e gasto, e estendeu a Farid uma das velas que Elinor trouxera de Omra. Farid se aproximou feito um sonâmbulo e acendeu o pavio com um sussurro. A Dama Branca afundou o giz nas chamas e começou a escrever sobre a folha de papel onde Meggie, depois de o gigante ter levado Fenoglio com ele, tentara escrever em vão um final feliz para o seu pai... A Dama Branca escrevia e escrevia. Enquanto Minerva, em seu sono, sussurrava o nome de seu marido, e Elinor se virava para

o outro lado ao mesmo tempo que Despina colocava o braço sobre seu irmão, e o vento passava pelas paredes do ninho quase apagando a vela. Então ela se levantou, olhou mais uma vez para Meggie e desapareceu como se o vento a tivesse levado consigo.

Farid respirou aliviado quando ela foi embora e encostou seu rosto no cabelo de Meggie. Meggie, porém, o empurrou para o lado e se inclinou sobre a folha na qual a Dama Branca havia escrito.

— Você consegue ler? — sussurrou Farid.

Meggie assentiu com a cabeça.

— Vá até o Príncipe Negro e diga a ele que ele pode poupar a sua perna — disse ela em voz baixa. — Nós vamos ficar todos aqui. A canção sobre o Gaió já foi escrita.

75. O livro



"Está certo", disse milady e virou-se para Abby.

"Amanhã você traz o livro."

"Qual?"

"Como assim? Por acaso há mais de um?"

Ian Armstrong, *Whittington*



Não era fácil obrigar as próprias mãos a trabalhar mais devagar quando elas amavam tanto aquilo que faziam. Os olhos de Mo ardiam por causa da pouca luz. Seus tornozelos estavam feridos por causa das pesadas correntes, mas mesmo assim ele estava estranhamente alegre — como se não fosse a morte do Cabeça de Víbora o que estivesse encadernando, mas o próprio tempo, e com ele, todas as preocupações pelo futuro, toda dor do passado, até que restasse apenas o agora, este momento, no papel e no couro que suas mãos acariciavam.

— Assim que eu tiver libertado Brianna, virei com o fogo te ajudar — assim prometera Dedo Empoeirado antes de deixá-lo sozinho para assumir mais uma vez o papel de traidor. — E o livro em branco — acrescentara ele — eu trarei também!

Mas não fora Dedo Empoeirado, e sim Resa quem viera. O coração de Mo quase parara de bater ao ver a andorinha passar voando pela porta. Um dos guardas apontara a balista em sua direção, mas ela se esquivara da flecha e Mo tirou de seu ombro uma pena marrom. Eles não haviam encontrado o livro. Foi o seu primeiro pensamento quando a andorinha pousou numa viga acima dele. Seja como for — ele estava contente de tê-la ao seu lado.

O Pífaros se apoiava numa coluna e seguia cada movimento com os olhos. Ele pretendia ficar duas semanas sem dormir? Ou achava que aquele livro poderia ser encadernado em um dia?

Mo colocou a faca de lado e esfregou os olhos cansados. A andorinha abriu as asas como se acenasse para ele, e Mo abaixou rapidamente a cabeça para que o Pífaros não a percebesse. Mas ele levantou o olhar novamente quando o Nariz de Prata praguejou.

O fogo brotava das paredes.

Aquilo só poderia significar uma coisa: Brianna estava livre.

— Por que você está sorrindo, Gaio? — O Pífaros se aproximou e lhe deu um soco no estômago que fez com que ele se curvasse e com que a andorinha sobre eles soltasse um piado.

— Você acha que o seu amigo de fogo vai voltar e reparar a tua traição? — disse o Nariz de Prata para ele. — Não comemore cedo demais! Desta vez eu vou cortar a sua cabeça. Vamos ver se sem ela ele vai conseguir voltar dos mortos.

O Gaio tinha tanta vontade de enfiar a faca em seu peito sem coração, mas Mo o mandou embora novamente. — O que você está esperando? — perguntou o Gaio. — Pelo livro em branco? Vocês nunca vão encontrá-lo! — Bom, então por que eu tenho que continuar lutando? — perguntou Mo como resposta. Sem o livro eu estou morto e a minha filha também.

Meggie. Somente devido ao medo que sentia por ela é que o Encadernador e o Gaio eram um só. A porta se abriu e uma pequena figura entrou na sala iluminada pelo fogo. Jacopo.

Com passos curtos ele se aproximou de Mo. Será que ele queria contar ao Gaio algo sobre a sua mãe? Ou viria ele a mando de seu avô para ver a quantas andava o novo livro?

O filho de Violante parou bem perto de Mo, mas o seu olhar se dirigia ao Pífaros.

— Ele vai terminar logo? — perguntou.

— Se você não o distrair — respondeu o Nariz de Prata e foi até a mesa onde a criada lhe servira vinho e um prato com peixe frio.

Jacopo tirou um livro de dentro da sua veste. Ele estava envolto num pano colorido. — Eu quero que o Gaio cure este livro para mim. É o meu livro preferido.

Ele o abriu e Mo quase esqueceu de respirar. Páginas embebidas em sangue.

Jacopo olhou para ele.

— O seu livro preferido? Existe apenas um livro com o qual ele tem que se preocupar. E agora desapareça! — O Pífaru encheu a sua caneca de vinho. — Diga na cozinha que me tragam mais carne e vinho.

— Eu só quero que ele dê uma olhada! — a voz de Jacopo soou manhosa como sempre. — O meu avô deixou. Pergunte a ele se você quiser! — Ele empurrou para Mo um giz, um giz curto e gasto, fácil de se esconder na mão. Aquilo era muito melhor do que a faca, muito melhor.

O Pífaru enfiou um pedaço de carne na boca e a engoliu com ajuda do vinho. — Você está mentindo — disse ele. — O seu avô já te contou o que eu faço com os mentirosos?

— Não, o quê? — Jacopo levantou o queixo, assim como fazia a sua mãe, e deu um passo na direção do Nariz de Prata.

O Pífaru limpou com um lenço branco a gordura das mãos e sorriu.

Mo envolveu o giz com os dedos e abriu o livro em branco.

— Antes de qualquer coisa, eu corto fora a língua deles — disse o Pífaru.

Jacopo deu mais um passo na direção dele.

— Ah é?

Coração.

Os dedos de Mo tremiam a cada letra.

— É, sem língua é bem mais difícil mentir — disse o Pífaru. — Apesar de que... Espere, uma vez eu conheci um mendigo mudo que me enganou com suas mentiras. Ele falava com os dedos.

— E daí?

O Pífaru riu. — Eu cortei os seus dedos, um depois do outro.

Olhe para cima, Mo, senão ele vai perceber que você está escrevendo.

Sangue.

Apenas mais uma palavra. Uma única.

O Pífaru olhou para ele do outro lado. Ele olhou para o livro aberto. Mo escondeu o giz em sua mão.

A andorinha abriu as asas. Ela queria ajudá-lo. Não, Resa! Mas o pássaro voou sobre a cabeça do Pífaru.

— Eu já vi esse pássaro — disse Jacopo. — Na câmara do meu avô.

— É mesmo? — O Pífaru olhou para o friso onde a andorinha pousara, e pegou a balista de um dos soldados.

“Não! Resa, voe!”

Apenas mais uma palavra, mas Mo não conseguia enxergar nada além do pequeno pássaro.

O Pífaru atirou, e a andorinha saiu voando. A flecha passou por ela sem acertá-la, e ela voou bem na cara do Pífaru.

“Escreva, Mo!” Ele pressionou o giz no papel ensanguentado.

O Pífaru tentou apanhar a andorinha. O seu nariz de prata escorregou.

Morte.



76. A noite branca



O pobre imperador mal conseguia respirar; era como se algo estivesse oprimindo o seu peito; ele abriu os olhos e viu que era a morte. E ao redor das pregas das cortinas da cama surgiram estranhas cabeças, algumas horríveis, outras tão agradáveis e suaves: eram as boas e más ações do imperador que o contemplavam, agora que a morte jazia sobre o seu coração.
Hans Christian Andersen, *O rouxinol*



O Cabeça de Víbora sentia frio. Ele sentia frio mesmo dormindo, apesar de pressionar com força a almofada contra o peito ferido, a almofada onde estava o livro que o protegia do frio eterno. Nem mesmo os seus sonhos pesados de papoula podiam esquentá-lo agora, sonhos com as torturas que infligiria ao Gaio. No passado seus sonhos naquele castelo haviam sido de amor. Mas não era melhor assim? Não tinha o amor que ele encontrara naquele castelo o torturado afinal da mesma forma que a sua carne putrefata?

Oh, que frio. Até mesmo seus sonhos pareciam cobertos de gelo. Sonhos de tortura. Sonhos de amor. Ele abriu os olhos e as paredes com desenhos olhavam para ele com os olhos da mãe de Violante. Maldito suco de papoula. Maldito castelo. E por que o fogo havia voltado? O Cabeça de Víbora gemeu e esfregou os olhos com as mãos, mas as chamas pareciam queimar até mesmo sobre suas pálpebras.

Vermelho. Vermelho e dourado. A luz fina como lâminas, e do fogo vinham os sussurros, os sussurros que ele temera desde a primeira vez que os ouvira ao lado de um homem agonizante. Tremendo, ele olhou através dos seus dedos inchados. Não, não podia ser. Devia ser a papoula que provocava aquele espelhismo. Ele viu quatro delas ao redor da sua cama, brancas como a neve,

não, ainda mais brancas, e elas sussurravam o nome com o qual ele havia nascido. De novo e de novo, como se quisessem lembrar-lhe que nem sempre ele carregara a pele de uma víbora.

Era o suco de papoula, apenas o suco de papoula.

O Cabeça de Víbora colocou uma mão trêmula dentro da almofada, queria tirar o livro, mostrá-lo a elas, mas elas já afundavam seus dedos brancos em seu peito.

Como elas olhavam para ele! Com os olhos de todos os mortos que ele lhes mandara.

Então elas sussurraram mais uma vez o seu nome.

E o seu coração parou de bater.



77. Fim



"Consegui!", exclamou Deus. E olhando para o pardal apontou com o dedo para o milagre que desaparecia. "Consegui! Eu fiz uma andorinha!"

Ted Hughes, How Sparrow saved the birds



A Dama Branca apareceu assim que Mo fechou novamente o livro ensanguentado. Ao vê-la, o Pífaru esqueceu a andorinha, e o filho de Violante se escondeu atrás da mesa onde Mo estava acorrentado. Mas essa filha da morte não viera para buscar o Gaio. Ela viera para libertá-lo, e Resa viu o alívio no rosto de Mo.

Ele esqueceu tudo naquele momento. Resa viu isso também. Talvez ele esperasse por um instante que a história tivesse finalmente chegado ao fim. Mas o Pífaru não havia morrido juntamente com seu senhor. Por alguns momentos, o medo o paralisou, mas quando a Dama Branca desapareceu, ela levou o medo consigo e Resa abriu novamente as asas. Ela cuspiu as sementes enquanto voava em direção ao Pífaru, para ter novamente mãos que a ajudassem, pés que pudessem caminhar. Mas o pássaro não queria ir embora, e eram garras com as quais ela pousou sobre o chão de pedra, bem ao lado dos dois homens.

Mo olhou apavorado para ela, e antes que Resa pudesse perceber em que situação perigosa o colocara, o Pífaru já pegara as correntes que prendiam Mo à mesa. Ele caiu de joelhos quando o Pífaru as puxou, a faca na mão com a qual havia cortado o papel. Mas o que poderia fazer a faca de um encadernador contra uma espada ou uma balista?

Resa voou desesperada para cima da mesa. Ela tentava cuspir para fora uma possível semente que tivesse ficado debaixo de sua

língua, mas a sua prisão de penas não queria libertá-la, e o Pífaró puxou mais uma vez as correntes de Mo.

— O seu anjo pálido se despediu rapidamente desta vez — disse ele com sarcasmo. — Por que ele não te libertou das correntes? Mas não se preocupe. Vamos te dar tanto tempo para morrer que as suas amigas brancas voltarão muito em breve. E agora volte ao trabalho!

Mo se levantou com dificuldade. — E por que eu deveria? — perguntou ele e empurrou ao Pífaró o livro em branco. — O seu senhor não vai mais precisar de um segundo livro. Somente por isso é que a Dama Branca esteve aqui. Eu escrevi no livro as três palavras. Veja você mesmo. Cabeça de Víbora está morto.

O Pífaró olhou fixamente para a encadernação ensanguentada. Então lançou um olhar para debaixo da mesa, onde Jacopo se encolhia feito um animal assustado.

— É mesmo? — disse ele, e puxou a espada. — Bom, se é assim... eu não tenho nada contra a imortalidade! Então, como eu ia dizendo: volte ao trabalho!

Seus soldados começaram a murmurar.

— Fiquem quietos! — ordenou o Pífaró e fez um sinal com sua mão enluvada a um deles. — Você. Vá até o Cabeça de Víbora e diga a ele que o Gaio afirma que ele está morto.

O soldado saiu rapidamente, os outros olhavam para ele com olhos assustados. O Pífaró, porém, colocou a ponta da sua espada sobre o peito de Mo. — Não estou vendo você trabalhar!

Mo se afastou tanto quanto permitiam as correntes, a faca na mão. — Não haverá um segundo livro. Nenhum livro em branco mais. Jacopo! Dê um jeito de sair daqui. Vá embora daqui. Vá até sua mãe. Diga a ela que tudo vai ficar bem.

Jacopo saiu de debaixo da mesa e foi embora correndo. O Pífaró nem olhou para ele. — Quando o Cabeça de Víbora teve seu filho, eu lhe aconselhei que mandasse matar o pequeno bastardo de Cosme — disse ele olhando para o livro em branco. — Mas ele não quis me ouvir. Burrice dele.

O soldado que ele mandara até o Cabeça de Víbora voltou quase sem ar, tropeçando para dentro do salão escuro.

— O Gaio está dizendo a verdade! — sussurrou ele. — O Cabeça de Víbora está morto. As Damas Brancas estão em todos os lugares.

Os outros soldados deixaram cair as balistas.

— Deixe-nos voltar para Ombra, senhor! — gaguejou um deles.

— Este castelo está amaldiçoado. Nós podemos levar o Gaio junto!

— Uma boa ideia — disse o Pífaru. E sorriu.

Não.

Resa voejou novamente em direção ao seu rosto e arrancou com o bico o sorriso dos seus lábios. Era o pássaro quem o fazia? Ou era ela? Ela ouviu Mo gritar quando o Pífaru a atacou com a espada. A lâmina fez um corte profundo em sua asa. Ela caiu, e de repente tinha outra vez membros humanos, como se o Pífaru tivesse cortado o pássaro para fora dela. O Pífaru a olhava incrédulo, mas quando ele levantou a espada, Mo afundou a faca em seu peito, bem fundo, atravessando o valioso tecido com o qual o Nariz de Prata gostava de se vestir. Com que assombro ele olhava para Mo ao morrer.

Mas os seus soldados ainda estavam lá. Mo tirou do Pífaru a espada e os afastou para longe da andorinha. Mas eram muitos, e Mo ainda estava acorrentado à mesa. E rapidamente havia sangue por todos os lugares, em seu peito, em suas mãos e em seu braço. Era seu sangue?

Eles o matariam, e mais uma vez não lhe restaria nada além de olhar, como tantas vezes ela já fizera naquela história. Mas de repente o fogo devorou as correntes e Dedo Empoeirado surgiu protetoramente ao seu lado, a marta sobre o ombro. Ao seu lado estava Jacopo, cujo rosto lembrava tanto as estátuas do seu pai morto.

— Ela também está morta? — Ela ouviu Jacopo perguntar a ele, enquanto os soldados fugiam gritando do fogo.

— Não — ele ouviu Dedo Empoeirado responder. — Apenas o seu braço está ferido.

— Mas ela era um pássaro! — disse Jacopo.

— Sim — era a voz de Mo. — Não parece uma boa história?

De repente ficou tudo muito quieto na grande sala. Ninguém mais lutava, ninguém mais gritava, apenas o crepitar do fogo que falava com Dedo Empoeirado.

Mo se ajoelhou ao lado dela, havia sangue por todos os lados, mas ele estava vivo, e ela tinha novamente uma mão para poder segurar a sua. E tudo estava bem.

78. A carta errada



Assim como Orfeu

toco a morte nas cordas da vida.

Ingeborg Bachmann, *Dunkles zu sagen*



Orfeu lia como se tivesse febre. Ele ouvia a si mesmo. Ele lia alto e rápido demais. Como se sua língua quisesse enterrar as palavras feito lâminas no corpo do Encadernador. Torturas infernais escrevera para ele, como vingança pelo sorriso sarcástico do Pífaru, que ainda o perseguia. Ele o diminuía tanto, justamente quando se sentia tão grande! Mas ao menos o Gaio perderia em breve o seu sorriso.

Brilho de Ferro misturava a tinta e olhava para ele preocupado. Provavelmente via a raiva escrita em sua testa, em pequenas gotas de suor.

Orfeu, concentre-se! Ele tentou mais uma vez. Algumas palavras eram quase indecifráveis, tanto cambaleavam as letras, bêbadas com a sua raiva. Por que tinha a impressão de estar falando as palavras para o nada? Por que elas pareciam pedregulhos que ele jogava num poço, o seu eco se perdendo na escuridão? Alguma coisa estava errada. Ele nunca se sentira assim ao ler.

— Brilho de Ferro! — disse ao homem de vidro. — Vá até a sala das mil janelas e veja como está o Gaio. Ele deve estar se contorcendo feito um cão envenenado!

O homem de vidro abaixou o galho que usava para misturar a tinta e olhou para ele apavorado. — Mas, mas... mestre! Eu não sei

o caminho até lá.

— Não se faça de idiota, ou devo perguntar ao íncubo se ele não prefere comer um homem de vidro para variar? Primeiro você vira à direita e depois segue sempre em frente. Pergunte aos guardas no caminho!

Brilho de Ferro obedeceu Orfeu com expressão infeliz. Que criatura horrorosa! Fenoglio deveria ter pensado num ajudante um pouco menos ridículo para o escritor. Mas esse era o problema deste mundo — que na realidade tinha um coração infantil. Por que será que ele amara tanto esse livro quando criança? Exatamente por isso! Só que agora ele era um adulto, e já era hora para que este mundo amadurecesse também.

Mais uma frase — e novamente essa sensação estranha de que as palavras se extinguíam antes mesmo de serem pronunciadas. Maldição!

Tonto de raiva, pegou o tinteiro para jogá-lo contra a parede, quando de repente ouviu uma gritaria que entrava em sua câmara. Orfeu colocou o tinteiro de volta sobre a mesa e ouviu com atenção. O que era aquilo? Ele abriu a porta e olhou pelo corredor. Não havia mais guardas diante da câmara do Cabeça de Víbora, e dois criados passaram por ele tão agitados como galinhas sem cabeça! Por todos os diabos, que significava isso agora? E por que o fogo de Dedo Empoeirado estava queimando novamente nas paredes?

Orfeu caminhou apressado pelo corredor e parou em frente à câmara do Cabeça de Víbora.

A porta estava aberta e o Príncipe de Prata morto em cima da cama, os olhos tão abertos que não era difícil adivinhar quem ele vira por último.

Orfeu olhou em volta antes de aproximar-se da câmara, mas claro, as Damas Brancas já haviam ido embora. Elas haviam recebido aquilo pelo que tanto esperavam. Mas como? Como?

— Sim. Você vai ter que procurar por um novo senhor, Olho Duplo! — O Polegar surgiu por trás da cortina da cama e lançou-lhe um sorriso de gavião. Em sua mão ossuda Orfeu viu o anel com o qual o Cabeça de Víbora carimbava suas sentenças de morte. Polegar estava também com a sua espada.

— Espero que lavando, este fedor desapareça! — sussurrou ele para Orfeu com intimidade, enquanto colocava sobre os ombros o pesado casaco de veludo do seu senhor. Então ele foi embora pelo corredor em cujas paredes sussurrava o fogo de Dedo Empoeirado.

Orfeu, porém, ficou ali, e sentiu como as lágrimas escorriam pelo seu nariz. Tudo perdido! Ele apostara na carta errada, suportara em vão o fedor do Príncipe putrefato, inclinara em vão o pescoço diante dele e perdera o seu tempo naquele castelo escuro! Não fora ele, mas Fenoglio quem escrevera a última canção. Quem mais poderia ter sido? E provavelmente mais uma vez o Gaio era o herói e ele o canalha. Não, pior ainda! Ele era o perdedor, o personagem ridículo!

Ele cuspiu no rosto imóvel do Cabeça de Víbora e foi embora tropeçando de volta para sua câmara, onde as palavras imprestáveis ainda estavam sobre sua mesa. Tremendo de ódio, pegou o tinteiro e o derramou sobre aquilo que havia escrito.

Mestre! Mestre! O senhor já soube? O homem de vidro estava quase sem ar diante da porta. Ele era rápido com suas pernas de aranha. Não se podia negar.

— Sim, o Cabeça de Víbora está morto, eu já sei! E o Gaio, o que aconteceu com ele?

— Eles estão lutando! O Pífaros e ele!

— Aha. Bom, talvez o Nariz de Prata consiga furá-lo com a espada, seria ao menos alguma coisa. — Orfeu juntou suas coisas e as enfiou nas elegantes bolsas de couro que trouxera de Ombras: penas, pergaminho, até mesmo o tinteiro vazio, o candelabro de prata que o Cabeça de Víbora lhe dera e, claro, os três livros. O livro de Jacopo e os outros dois sobre o Gaio. Ele ainda não havia desistido. Ah, não.

Pegou o homem de vidro e colocou-o na bolsa em seu cinto.

— O que o senhor está planejando, mestre? — perguntou Brilho de Ferro preocupado.

— Vamos chamar o íncubo e desaparecer deste castelo!

— O íncubo desapareceu, mestre! Dizem que o Dançarino de Fogo fez com que ele virasse fumaça!

Maldito. Maldito. Maldito. É claro. Por isso é que o fogo queimava novamente nas paredes! Dedo Empoeirado reconheceu o íncubo.

Ele descobriu quem é que respirava no coração daquelas trevas! E daí, Orfeu? Você pode ler outro íncubo do livro de Jacopo. Não é nada muito difícil. Desta vez o que você tem que fazer é dar a ele um nome que Dedo Empoeirado não conheça!

Ele prestou atenção se vinha alguém pelo corredor. Nada. Os ratos abandonavam o navio. O Cabeça de Víbora estava sozinho em sua morte. Orfeu foi mais uma vez até a câmara onde o cadáver inchado estava e roubou o que havia de prata ali. Não era muito o que passara despercebido aos olhos do Polegar. Então dirigiu-se rapidamente com o homem de vidro lamuriendo para o túnel pelo qual havia entrado com o Pífaró no castelo. A água corria pelas paredes de pedra como se a passagem fosse um espinho na carne úmida do lago.

Os guardas que vigiavam a saída na margem do lago haviam desaparecido, mas entre as rochas jaziam alguns soldados mortos. Provavelmente no final, em pânico, haviam se matado uns aos outros. Orfeu pegou a espada de um dos mortos, mas ao perceber como era pesada, jogou-a fora. Em vez disso, puxou a faca do cinto de um dos cadáveres e colocou a sua capa tosca sobre os próprios ombros. Aquele negócio era horrível, mas ao menos aquecia.

— Para onde estamos indo, mestre? — perguntou Brilho de Ferro com voz derrotada. — De volta para Ombra?

— O que iríamos fazer lá? — foi a resposta de Orfeu, enquanto olhava para as escuras encostas que indicavam o caminho para o norte.

Para o norte... Ele não tinha a menor ideia do que havia lá. Fenoglio calara-se sobre isso, como sobre tantas outras coisas em seu mundo, e justamente por isso ele iria para o norte. As montanhas pareciam pouco atraentes com seus cumes nevados e suas encostas despovoadas. Mas era o melhor caminho, agora que Ombra pertenceria em breve à Violante e ao Gaio. O maldito Encadernador, que fosse para o inferno, para o pior inferno que um ser humano pudesse vivenciar. E Dedo Empoeirado que congelasse no gelo eterno, até que os seus dedos traidores quebrassem!

Orfeu olhou uma última vez para a ponte antes de virar-se em direção às árvores. Lá vinham correndo os soldados do Príncipe de

Prata. E do que corriam? De dois homens e seus anjos da guarda brancos. E do cadáver inchado do seu senhor.

— Mestre, mestre, o senhor não pode me colocar sobre o seu ombro? E se eu cair da sua bolsa? — resmungou o homem de vidro.

— Se você cair, então vou precisar de um novo homem de vidro! — respondeu Orfeu.

Para o norte. Para a terra inescrita. “Sim!”, pensou ele enquanto os seus pés procuravam com dificuldade um caminho pela subida íngreme. “Talvez seja esse o lugar neste mundo que vai obedecer as minhas palavras.”



79. Partida



Me conte uma história”, disse Alba, “que grude em mim feito uma montanha de macarrão frio.”

Coloco o braço em volta dela. “Que tipo de história?”

“Uma que seja bonita. Uma história tua e da mamãe, quando ela ainda era pequena.”

“Humm, Está certo. Era uma vez...”

“Quando foi isso?”

“Todos os tempos de uma vez. Há muito tempo e neste exato instante.”

Audrey Niffenegger, A mulher do viajante do tempo



A espada do Pífaros fizera um corte profundo no braço de Resa, mas Brianna aprendera muito com sua mãe, mesmo que ela preferisse cantar para a Feia em vez de plantar ervas medicinais nos campos pedregosos. — Seu braço vai sarar — disse ela enquanto enfaixava a ferida. Mas o pássaro nunca mais abandonaria Resa. Língua Encantada sabia disso assim como Dedo Empoeirado.

O Pífaros se esforçara ao máximo para mandar o Gaio para a morte logo atrás do seu senhor. Ele o ferira no ombro e no braço esquerdo, mas no final fora ele mesmo quem seguira o Cabeça de Víbora, e Dedo Empoeirado deixou que o seu cadáver fosse devorado pelo fogo assim como o do seu senhor.

Violante ficou ao lado de Língua Encantada, o rosto pálido, enquanto o Cabeça de Víbora e o Pífaros viravam cinzas. Ela parecia tão jovem, como se tivesse perdido alguns anos dentro daquele buraco onde o seu pai a mandara jogar, desamparada como uma criança, e quando ela finalmente deu as costas ao fogo que devorava seu pai, Dedo Empoeirado viu-a pela primeira vez colocar

o braço em volta do seu filho — o seu estranho filho, de quem ninguém gostava, apesar de ter sido ele quem salvara a todos. Nem mesmo Língua Encantada, com seu coração mole, sentia diferente (Dedo Empoeirado leu em seu rosto), mesmo que ele se envergonhasse disso.

Das crianças-soldados de Violante haviam sobrevivido algumas. Eles as haviam encontrado nos buracos dos calabouços, mas os soldados do Cabeça de Víbora haviam ido todos embora, assim como as Damas Brancas. Somente as tendas abandonadas continuavam ainda na margem do lago, a carruagem negra e alguns cavalos sem cavaleiro. Jacopo afirmava que os peixes comedores de gente do seu bisavô haviam saído do lago e devorado alguns dos homens que tentavam fugir pela ponte. Nem Língua Encantada, nem Violante acreditaram nele, mas Dedo Empoeirado foi até a ponte e encontrou lá algumas escamas brilhantes sobre as pedras úmidas, grandes como as folhas de uma árvore. Então, eles decidiram abandonar o castelo pelo túnel através do qual o Pífaru havia entrado.

Estava nevando quando eles saíram ao ar livre na margem do lago, e atrás deles, o castelo desaparecia entre os flocos espiralados, como se se desfizesse naquela brancura. O mundo em torno estava tão quieto como se todas as palavras tivessem sido usadas, como se tudo o que havia para contar naquele mundo tivesse sido dito. Dedo Empoeirado encontrou as pegadas de Orfeu na lama gelada da margem, e Língua Encantada olhou para as árvores entre as quais elas desapareciam, como se ainda ouvisse a voz de Orfeu dentro dele.

— Gostaria que ele estivesse morto — disse ele em voz baixa.

— Um desejo muito inteligente — respondeu Dedo Empoeirado.

— Mas infelizmente é tarde demais para transformá-lo em realidade. — Ele procurara por Orfeu depois da morte do Pífaru, mas a sua câmara estava vazia, assim como a do Polegar. O mundo parecia tão claro naquela manhã fria. O coração de todos eles estava alegre. Mas a escuridão permanecia, e continuaria tendo sua parte naquela história.

Eles pegaram alguns dos cavalos que os homens do Cabeça de Víbora haviam deixado para trás. Língua Encantada tinha pressa, mesmo que os seus ferimentos o enfraquecessem. *Vamos ao menos salvar nossas filhas.*

— O Príncipe Negro deve ter tomado conta de Meggie — disse Dedo Empoeirado, mas a preocupação não desapareceu de seu rosto durante todo o caminho em que cavalgaram, cada vez mais para o sul.

Eles eram um grupo silencioso, cada um preso em seus próprios pensamentos e lembranças. Somente Jacopo que levantava a voz de vez em quando, exigindo, como sempre: “Eu estou com fome”. “Eu estou com sede.” “Falta muito?” “Você acha que o Pardal matou as crianças e os ladrões?” — Sua mãe lhe respondia todas as vezes, mesmo que com voz ausente. O Castelo no Lago havia criado um laço entre eles, feito de medo e escuras lembranças em comum, e o que tornava esse vínculo ainda mais forte era talvez o fato de Jacopo ter feito aquilo para o que sua mãe havia cavalgado até o castelo. O Cabeça de Víbora estava morto. Mas Dedo Empoeirado tinha certeza que, mesmo assim, Violante continuaria sentindo a presença de seu pai por toda a vida, como uma sombra às suas costas — e provavelmente a Feia sabia disso também.

Também Língua Encantada levava o Gaio consigo. Era como se cavalgasse ao seu lado, e Dedo Empoeirado se perguntou, não pela primeira vez, se não eram os dois apenas dois lados do mesmo homem. Seja lá qual fosse a resposta, o Encadernador amava este mundo tanto quanto o ladrão.

A primeira noite em que eles pararam para descansar, debaixo de uma árvore, que fazia chover peludas flores amarelas, a andorinha voltou, apesar de Resa haver jogado no lago as últimas sementes. Ela se transformou durante o sono, e voou até os galhos floridos, onde a luz da lua tingia de prata as suas penas. Dedo Empoeirado acordou Língua Encantada ao vê-la lá em cima, e os dois esperaram juntos debaixo da árvore até que ao amanhecer a andorinha desceu voando, e entre eles se transformou novamente numa mulher.

— E o que vai acontecer com a criança? — perguntou ela com medo.

E Língua Encantada respondeu: — Ele vai sonhar que está voando.

Assim como o Encadernador continuaria sonhando com o ladrão e o ladrão com o Encadernador, e o Dançarino de Fogo para todo o sempre com as chamas e com a menestrel que sabia dançar como elas. Talvez, no final, este mundo fosse feito de sonhos, e um velho homem apenas havia encontrado as palavras para eles.

Resa chorou quando chegaram na caverna e a encontraram vazia, mas Dedo Empoeirado encontrou do lado de fora, na entrada, o sinal do Homem Forte, um pássaro, desenhado com fuligem sobre as rochas, e ali embaixo, escondida, uma mensagem que certamente Doria havia deixado para o seu irmão mais velho. Dedo Empoeirado já havia ouvido falar da árvore dos ninhos que Doria descrevia em sua mensagem, mas nunca a vira com os próprios olhos.

Eles demoraram dois dias até encontrar a árvore, e Dedo Empoeirado foi quem viu primeiro o gigante. Ele segurou as rédeas de Língua Encantada, e Resa colocou as mãos sobre os lábios, apavorada, Violante, porém, olhava para o gigante como uma criança enfeitiçada.

Ele tinha Roxane em sua mão como se ela também tivesse se transformado num pássaro. Brianna ficou pálida ao ver sua mãe entre aqueles dedos enormes, mas Dedo Empoeirado desceu do cavalo e foi em direção ao gigante.

O Príncipe Negro estava entre as enormes pernas, o urso ao seu lado. Ele mancava ao ir em direção a Dedo Empoeirado, mas parecia muito feliz como havia muito tempo não se sentia.

— Onde está Meggie? — perguntou Língua Encantada quando o Príncipe abraçou a ele também, e Baptista apontou para a árvore. Dedo Empoeirado nunca havia visto uma árvore assim, nem mesmo no coração selvagem da Floresta sem Caminhos, e na mesma hora quis subir até os ninhos, até os galhos cobertos de gelo, com mulheres e crianças ali sentadas feito pássaros.

A voz de Meggie gritou o nome do seu pai, e Língua Encantada correu em sua direção, quando ela desceu por uma corda junto ao tronco com tanta naturalidade como se houvesse vivido na árvore

desde sempre. Dedo Empoeirado, porém, virou-se e olhou na direção de Roxane. Ela sussurrou algo para o gigante e ele a colocou com tanto cuidado no chão, como se ela pudesse quebrar. Ele nunca mais queria esquecer o seu nome. Ele pediria ao fogo que lhe marcasse as letras em seu coração, para que nem mesmo as Damas Brancas pudessem apagá-lo. Roxane. Dedo Empoeirado a abraçou, e o gigante olhou para os dois com olhos que pareciam refletir todas as cores do mundo.

— Olhe em volta — sussurrou Roxane para ele, e Dedo Empoeirado viu como Língua Encantada abraçava sua filha secando as lágrimas do seu rosto. Ele viu a Devoradora de Livros correndo em direção a Resa — Por todas as fadas, de onde havia surgido ela? —, Tullio, que afundava o rosto peludo na saia de Violante, o Homem Forte, que quase asfixiou Língua Encantada com seu abraço... e...

Farid.

Lá estava ele, e afundava os dedos dos pés na neve que acabara de cair. Ele continuava andando descalço, e havia crescido, ou não?

Dedo Empoeirado foi até ele. — Estou vendo que você cuidou bem de Roxane — disse. — O fogo te obedeceu enquanto eu estive fora?

— Ele me obedece sempre! — Sim, ele havia envelhecido. — Eu lutei com o Pássaro Tisnado.

— Veja só.

— O meu fogo devorou o fogo dele.

— É mesmo?

— Sim! Eu subi no gigante e fiz com que o fogo chovesse em cima dele, então o gigante quebrou o seu pescoço.

Dedo Empoeirado sorriu, e Farid lhe devolveu um sorriso. — Você tem... você tem que ir embora novamente? — Ele parecia tão preocupado, como se temesse que as Damas Brancas estivessem já a sua espera.

— Não — respondeu Dedo Empoeirado e sorriu novamente. — Não, não por enquanto.

Farid. Ele pediria ao fogo que escrevesse também o seu nome em seu coração. Roxane. Brianna. Farid. E Gwin, naturalmente.



80. Ombra



*O que aconteceria se o caminho que não escondeu surpresas
Durante tantos anos decidisse não
Nos levar para casa, mas andar em zigue-zague
Como o rabo de uma pipa, tão simples
E sem cerimônias! Se a sua pele de akatrão
Fosse apenas uma longa bola de tecido
Que se desenrola e se adapta à forma
Do que está enterrado sob ele?
Se ele mesmo se propusesse novos caminhos
Por cantos desconhecidos, pelas montanhas,
Que depois se escalam ao azar;
Quem não desejaria ir para lá, de qualquer jeito?
Quem não gostaria de saber como termina uma história
Ou para onde se dirige afinal um caminho?
Sheenagh Pugh, *What if this road**



Quando o Príncipe Negro levou as crianças de volta para Ombra, as ameias do muro da cidade estavam cobertas de neve, mas as mulheres espalharam sobre elas flores que haviam feito com o tecido de velhas roupas. O brasão do leão voltara a tremular diante das torres da cidade, mas agora ele pousava sua pata sobre um livro com folhas brancas, e a sua juba era feita de fogo. O Pardal havia ido embora. Ao fugir do gigante ele não fora para Ombra, mas diretamente para o Castelo da Noite, para os braços de sua irmã, e Violante, protegida pela noite, pôde voltar ao castelo para tomar posse da cidade e prepará-la para a volta das crianças.

Meggie estava com Elinor, Darius e Fenoglio na praça diante do portal do castelo, quando as mães puderam finalmente abraçar

seus filhos e filhas, e Violante, lá em cima nas ameias, agradecia ao Príncipe Negro e ao Gaio por terem-na salvado.

— Sabe de uma coisa, Meggie? — sussurrou Fenoglio para ela enquanto Violante mandava distribuir as provisões da cozinha do castelo entre as mulheres. — Quem sabe algum dia Violante acabe se apaixonando pelo Príncipe Negro? Afinal, antes do seu pai, era ele o Gaio, e Violante sempre esteve mais apaixonada pelo personagem do que pelo homem!

Ah, Fenoglio. Ele voltara a ser o mesmo de sempre. O gigante lhe devolvera totalmente a sua autoconfiança, mesmo que este tivesse voltado para as montanhas fazia tempo.

O Gaio não fora com eles para Ombra. Mo ficara com Resa no sítio onde eles haviam vivido uma vez. — O Gaio vai voltar para o lugar de onde veio — dissera ele ao Príncipe. — Para as canções dos menestréis. — Eles já as cantavam por todos os lugares: como o Gaio e o Dançarino de Fogo, sozinhos, haviam vencido o Cabeça de Víbora e o Píforo com todos os seus homens...

— Por favor, Baptista — dissera Mo. — Escreva você ao menos uma canção, uma que conte a história verdadeira. Uma que fale dos ajudantes que o Gaio e o Dançarino de Fogo tiveram. Da andorinha — e do garoto!

Baptista prometera a Mo escrever uma canção assim, mas Fenoglio se limitara a balançar a cabeça negativamente. — Não, Meggie, ninguém vai cantar essa canção. As pessoas não gostam quando seus heróis precisam de ajuda, e mulheres e crianças são especialmente malvistas nestes papéis.

Provavelmente ele tinha razão. Talvez também Violante tivesse dificuldades no trono de Ombra, mesmo que naquele dia todos os seus habitantes a aplaudissem. Jacopo estava ao lado de sua mãe. A cada dia ele se assemelhava mais a uma cópia reduzida de seu pai, mas para Meggie, mesmo assim, ele continuava lembrando mais o seu terrível avô. Seu coração se arrepiava ao pensar com que facilidade ele o mandara para a morte — mesmo que isso significasse a salvação de Mo.

Do outro lado da floresta reinava também uma viúva, e ela também tinha um filho para quem guardava o trono. Meggie sabia

que Violante esperava por uma guerra, mas ninguém queria pensar nesse dia. Esse dia pertenceria às crianças que haviam voltado para casa. Não faltava nenhuma, e os menestréis cantavam sobre o fogo de Farid, a árvore dos ninhos e o gigante que de forma tão misteriosa aparecera na hora certa das montanhas.

— Eu vou sentir falta dele — sussurrara Elinor quando ele desapareceu entre as árvores, e Meggie sentira a mesma coisa. Ela jamais esqueceria como o Mundo de Tinta se refletira em sua pele, e a rapidez com que ele se afastara, tanta delicadeza em um corpo tão grande.

— Meggie! — Farid abriu caminho entre as mulheres e crianças. — Onde está Língua Encantada?

— Com a minha mãe — respondeu ela, e sentiu, surpresa, que ao vê-lo seu coração já não batia mais rápido. Quando é que isso acontecera?

Farid franziu a testa. — Sim, sim — disse ele. — Dedo Empoeirado também está com a sua mulher. Ele a beija tanto que seria possível pensar que seus lábios têm gosto de mel. — Ah, Farid. Ele ainda tinha ciúmes de Roxane.

— Acho que vou embora por um tempo — disse ele.

— Embora? Para onde?

Atrás de Meggie, Elinor e Fenoglio começaram a brigar sobre alguma coisa que Elinor achara ruim no castelo. Os dois adoravam discutir, e tinham oportunidades suficientes para isso já que eram vizinhos agora. A bolsa que Elinor preparara com todo tipo de coisas úteis para o Mundo de Tinta, incluindo os seus talheres de prata, ainda estava em sua casa no outro mundo (“Bom, eu estava muito nervosa, nesses casos a gente sempre esquece alguma coisa!”), mas por sorte ela usava as joias da família Loredan quando Darius leu os dois para lá, e Quartzo Rosa as vendera com muito talento para ela (“Meggie, você não imagina que homem de negócios incrível é esse homem de vidro!”), e agora ela era a orgulhosa dona de uma casa na mesma rua onde morava Minerva.

— Para onde? — Farid fez crescer uma flor de fogo entre os seus dedos e colocou-a no vestido de Meggie. — Eu acho que vou andar

de vilarejo em vilarejo, assim como fazia Dedo Empoeirado antigamente.

Meggie olhou para a flor que queimava. As chamas murcharam como se fossem pétalas de flores de verdade, e apenas um pequeno punhado de cinzas permaneceu em seu vestido. Farid. O seu nome já fizera com que seu coração batesse mais forte, mas agora ela mal ouvia quando ele falava dos seus planos, de todas as praças de mercado onde ele queria se apresentar, os vilarejos nas montanhas atrás da Floresta sem Caminhos. Seu coração só se manifestou ao ver o Homem Forte entre as mulheres. Algumas crianças haviam subido em seus ombros, como costumavam fazer na caverna, mas o rosto pelo qual ela procurava não estava perto dele. Decepcionada, deixou que o olhar se afastasse e enrubesceu quando Doria surgiu bem diante dela. Farid calou-se de repente e examinou o outro rapaz do mesmo modo como costumava fazer com Roxane.

A cicatriz na testa de Doria era tão longa como o dedo médio de Meggie. “Um golpe com um cajado”, dissera Roxane. Como feridas na cabeça sangram muito, pensaram que ele estava morto. Roxane cuidara dele durante muitas noites, mas Fenoglio era da opinião de que Doria continuava vivo graças à história que, havia muito tempo, ele escrevera sobre seu futuro. “Independentemente disso, mesmo que você queira atribuir a sua cura a Roxane, quem foi que a inventou, hein?”, acrescentara ele. Sim, realmente ele voltara a ser o mesmo de antes.

— Doria! Como você está? — Meggie esticou automaticamente a mão e passou os dedos sobre a cicatriz em sua testa. Farid lançou-lhe um olhar estranho.

— Bem. Minha cabeça está nova em folha. — Doria puxou algo que levava atrás das costas. — É assim que elas são?

Meggie olhou para o minúsculo avião de madeira que ele construía.

— Foi assim que você as descreveu, não foi? As máquinas voadoras.

— Mas você estava inconsciente!

Ele sorriu e colocou a mão sobre a testa. — Mesmo assim as palavras estão todas aqui. Eu ainda posso ouvi-las. Mas não sei como poderia funcionar aquilo com a música. Você sabe, essa caixinha de onde sai música...

Meggie teve que sorrir. — Ah, sim, o rádio. Não, isso não pode funcionar aqui. Não sei, como eu poderia te explicar...

Farid continuava olhando para ela. Então, de repente ele pegou a sua mão. — Nós já voltamos — disse ele para Doria, e puxou Meggie consigo até a entrada da casa mais próxima. — Língua Encantada sabe como você olha pra ele?

— Para quem?

— Quem! — Ele passou o dedo pela sua testa como se desenhasse a cicatriz de Doria. — Olha só! — disse ele acariciando o seu cabelo. — Que tal se você fosse comigo? A gente podia ir junto de vilarejo em vilarejo. Assim como antes, quando seguíamos Dedo Empoeirado, o seu pai e a sua mãe. Você ainda se lembra?

Como ele podia perguntar uma coisa dessas?

Meggie olhou por cima do seu ombro. Doria estava lá ao lado de Fenoglio e Elinor. Fenoglio examinava o avião.

— Eu sinto muito, Farid — disse ela, e tirou suavemente a mão dele do seu ombro. — Eu não quero sair daqui.

— Como não? — Ele tentou beijá-la, mas Meggie virou o rosto. Mesmo sentindo que surgiam lágrimas em seus olhos. *Você ainda se lembra?*

— Te desejo sorte! — disse ela dando-lhe um beijo no rosto. Ele ainda tinha os olhos mais bonitos que ela já vira num garoto. Mas o seu coração agora batia muito mais forte por outro.

81. Mais tarde



Quase cinco meses depois nascerá uma criança no sítio isolado onde uma vez o Príncipe Negro escondera o Gaio. Será um menino, o cabelo escuro como o do pai, mas os olhos da mãe e da irmã. Ele vai achar que todas as florestas são cheias de fadas, que sobre cada mesa dorme um homem de vidro — mesmo que ali haja apenas alguns pergaminhos —, que os livros são escritos à mão e que o famoso Iluminador faz os seus desenhos com a mão esquerda porque a direita é feita de couro. Ele vai achar que em todas as praças de mercado menestréis cospem fogo e contam piadas grosseiras, que as mulheres usam longos vestidos e que há soldados diante de cada portal de cidade.

E ele terá uma tia chamada Elinor que irá lhe contar que existe um mundo onde as coisas não são assim. Um mundo onde não há fadas nem homens de vidro, mas animais que carregam os seus filhotes em uma bolsa em sua barriga, e pássaros cujas asas batem tão forte que lembram o zumbido de um zangão, carruagens que andam sem cavalos e desenhos que se movimentam. Elinor vai contar-lhe que muito tempo atrás um homem terrível chamado Orfeu trouxe com um feitiço os seus pais daquele mundo para este, e que esse Orfeu foi mandado por seu pai e pelo Dançarino de Fogo para as montanhas do norte, onde tomara tenha morrido congelado. Ela vai lhe contar que no outro mundo nem mesmo os

homens mais poderosos carregam uma espada, mas que lá há armas muito, muito mais assustadoras. (Seu pai possuiu uma espada muito bonita, que está em sua oficina envolta num pano. Ele a esconde dele, mas às vezes, em segredo, o garoto a desenrolava do pano e acariciava a sua lâmina com os dedos.) Sim, Elinor vai contar-lhe coisas incríveis desse outro mundo, ela vai inclusive afirmar que lá as pessoas construíram carruagens que podem voar, mas isso ele não acredita mesmo, apesar de Doria ter construído asas para sua irmã, com as quais Meggie realmente desceu voando do muro da cidade até o rio.

Mesmo assim ele riu dela, já que ele entende muito mais de voar do que Meggie. Porque às vezes, à noite, crescem asas nele e ele voa com sua mãe para o topo das árvores. Mas talvez seja apenas um sonho. Ele sonha quase todas as noites, mesmo assim adoraria ver a carruagem voadora, e os animais com as bolsas, os desenhos que se mexem e a casa, da qual Elinor sempre falava, cheia de livros que mão nenhuma havia escrito, e que estão tristes esperando por Elinor.

— Algum dia vamos juntos visitá-los — diz Elinor com frequência, e Darius balança a cabeça concordando, Darius que também sabe contar histórias maravilhosas, de tapetes voadores e gênios dentro de garrafas. — Um dia vamos nós três até lá, e eu vou te mostrar tudo.

E o garoto corre pela oficina onde seu pai costura roupas de couro para os livros, livros para os quais muitas vezes o famoso Balbulus em pessoa faz os desenhos, e diz: — Mo! — Ele sempre chama o seu pai de Mo, ele não sabe por que, talvez porque a sua irmã o chame assim. — Quando é que a gente vai para o outro mundo, esse de onde você vem?

E o seu pai o põe no colo, acaricia o seu cabelo escuro e diz, como Elinor: — Um dia, com certeza. Mas para isso precisamos de palavras, as palavras certas, por que só elas podem abrir as portas entre os mundos, e aquele que poderia escrevê-las para nós é um homem velho e preguiçoso. Além disso, infelizmente, a cada dia ele vai ficando mais esquecido.

Então ele lhe conta do Príncipe Negro e o seu urso, do gigante que eles ainda querem ver, e dos novos truques que o Dançarino de Fogo ensinou às chamas. E o garoto lerá nos olhos do seu pai que ele é muito feliz ali e que não tem saudades do outro mundo. Da mesma forma que sua irmã. Ou que sua mãe.

E ele vai pensar que algum dia talvez tenha que ir sozinho, se quiser ver esse outro mundo. Ou com Elinor. E que ele vai ter que descobrir de que velho o seu pai está falando, por que há muitos deles em Ombra. Talvez ele se refira àquele que possui dois homens de vidro e que escreve canções para os menestréis e para Violante, que todos chamam de a Boa, e gostam muito mais do que do seu filho. Baptista o chama também de Tecelão de Tinta, e Meggie vai visitá-lo às vezes. Talvez da próxima vez ele vá com ela para que possa perguntar-lhe sobre as palavras que abrem as portas. Porque deve ser muito emocionante o outro mundo, tão mais emocionante do que o seu...



Quem é quem



Todos os nomes e lugares da trilogia do Mundo de Tinta.

| | |
|------------------------------|--|
| <i>Acampamento secreto</i> | acampamento dos ladrões, onde Mo é curado |
| <i>Açúcar</i> | serviçal de Mortola, serviçal de Orfeu |
| <i>Afanador</i> | ladrão |
| <i>Aldeia de Capricórnio</i> | lugar perdido na Ligúria, lugar das primeiras decisões |
| <i>Anselmo</i> | guarda do Castelo de Ombra |
| <i>Armário</i> | ver <i>Açúcar</i> |
| <i>Árvore oca</i> | onde descansa Dedo Empoeirado |
| <i>Asilo de Moribundos</i> | asilo de doentes e velhos do Coruja Mascarada à sombra do Castelo da Noite, lugar de refúgio |
| <i>Balbulus</i> | iluminador do Castelo de Ombra |
| <i>Baptista</i> | menestrel, ator, fabricante de máscaras |
| <i>Barba Preta</i> | ladrão |
| <i>Basta</i> | assassino e capanga de Capricórnio |
| <i>Bella</i> | curandeira do asilo de moribundos de Coruja Mascarada |
| <i>Benedicta</i> | menestrel |
| <i>Bicho-da-Seda</i> | ladrão |
| <i>Brianna</i> | filha de Dedo Empoeirado e Roxane, criada de Violante, criada de Orfeu |
| <i>Brilho de Ferro</i> | homem de vidro de Orfeu |

| | |
|---------------------------------|--|
| <i>Cabeça de Bezerro</i> | ver <i>Orfeu</i> |
| <i>Cabeça de Queijo</i> | ver <i>Orfeu</i> |
| <i>Cabeça de Víbora</i> | o mais terrível dos príncipes do Mundo de Tinta, pai de Violante |
| <i>Capricórnio</i> | chefe de um bando de incendiários e chantagistas, destruidor de todos os exemplares de <i>Coração de tinta</i> |
| <i>Cara de Lua</i> | ver <i>Orfeu</i> |
| <i>Carla</i> | ajudante no asilo de moribundos de Coruja Mascarada |
| <i>Carvoeiro</i> | ladrão |
| <i>Castelo da Noite</i> | Castelo do Cabeça de Víbora |
| <i>Castelo no Lago</i> | lar da mãe de Violante, lugar das últimas grandes decisões |
| <i>Cemitério dos menestréis</i> | onde Mo chama as Damas Brancas |
| <i>Cérbero</i> | cachorro de Orfeu |
| <i>Cockerell</i> | um dos homens de Capricórnio |
| <i>Coração de tinta</i> | livro de Fenoglio, os últimos exemplares são a caça desejada de Capricórnio e Orfeu |
| <i>Coruja Mascarada</i> | curandeiro, fundador do asilo de moribundos à sombra do Castelo da Noite e depois em Ombra |
| <i>Cosme</i> | Cosme, o Belo: filho do Príncipe Porcino, marido de Violante |
| <i>Damas Brancas</i> | serventes da morte |
| <i>Dançarino das nuvens</i> | menestrel, ex-acrobata, amigo de Dedo Empoeirado |
| <i>Dançarino de Fogo</i> | ver <i>Dedo Empoeirado</i> |

| | |
|---------------------------------|---|
| <i>Darius</i> | antigo leitor de Capricórnio, bibliotecário de Elinor |
| <i>Dedo Empoeirado</i> | menestrel, cuspidor de fogo, andarilho entre os mundos |
| <i>Despina</i> | filha de Minerva |
| <i>Dois-dedos</i> | ladrão |
| <i>Doria</i> | ladrão, irmão mais novo do Homem Forte, amigo de Luc |
| <i>Elinor</i> | Elinor Loredan: tia de Resa, tia-avó de Meggie |
| <i>Enganador</i> | ladrão |
| <i>Espanta-elfos</i> | ladrão |
| <i>Estripador</i> | cúmplice de Capricórnio e do Cabeça de Víbora |
| <i>Farid</i> | lido por engano para fora de <i>As mil e uma noites</i> , aprendiz de Dedo Empoeirado |
| <i>A Feia</i> | ver <i>Violante</i> |
| <i>Fenoglio</i> | criador do Mundo de Tinta, autor do livro <i>Coração de tinta</i> |
| <i>Floresta sem Caminhos</i> | Floresta ao sul de Ombra, local de chegada de Meggie e Farid no Mundo de Tinta |
| <i>Folchart</i> | sobrenome de Mo, Meggie e Resa |
| <i>Fortaleza de Capricórnio</i> | esconderijo dos ladrões e incendiários de Capricórnio na Floresta sem Caminhos, onde Mo e Resa entram no Mundo de Tinta; onde Mortola fere Mo |
| <i>Fulvio</i> | ajudante de Capricórnio |
| <i>Gaio</i> | ladrão legendário, criado por Fenoglio, nome e papel de Mo |
| <i>Gralha</i> | ver <i>Mortola</i> |
| <i>Gwin</i> | marta com chifres de Dedo Empoeirado |
| <i>Homem Forte</i> | menestrel e ladrão, um dos mais fiéis acompanhantes do Príncipe Negro |
| <i>Ivo</i> | filho de Minerva |

| | |
|--------------------------|---|
| <i>Jacopo</i> | filho de Violante e Cosme, neto do Cabeça de Víbora |
| <i>Jaspis</i> | homem de vidro de Orfeu |
| <i>Jehan</i> | filho de Roxane |
| <i>Lagartixa</i> | ladrão |
| <i>Lázaro</i> | nome do Homem Forte |
| <i>Língua Encantada</i> | ver <i>Mo</i> |
| <i>Língua Travada</i> | ver <i>Darius</i> |
| <i>Livro em branco</i> | foi encadernado por Mo para o Cabeça de Víbora, promete a imortalidade |
| <i>Loredan</i> | ver <i>Elinor</i> |
| <i>Luc</i> | ladrão, amigo de Doria |
| <i>Meggie</i> | Filha de Mo e Resa, leitora |
| <i>Mina</i> | menestrel |
| <i>Minerva</i> | senhoria de Fenoglio, mãe de Despina e Ivo |
| <i>Mo</i> | Mortimer Folchart: encadernador, marido de Resa, pai de Meggie, também chamado de Língua Encantada, durante algum tempo, "O Gaio" |
| <i>Moinho do Rato</i> | lugar onde as palavras de Fenoglio sobre a morte de Dedo Empoeirado quase se tornam realidade |
| <i>Montanha de Carne</i> | ver <i>Oss</i> |
| <i>Mortimer</i> | ver <i>Mo</i> |
| <i>Mortola</i> | mãe de Capricórnio, por algum tempo, a senhora de Resa |
| <i>Mulheres do Musgo</i> | curandeiras |
| <i>Nariz Chato</i> | ajudante de Capricórnio |
| <i>Nariz de Prata</i> | ver <i>Pífaros</i> |
| <i>Olho Duplo</i> | ver <i>Orfeu</i> |

| | |
|-----------------------------|---|
| <i>Ombra</i> | Castelo e cidade: um dos lugares principais onde se passa a história |
| <i>Orfeu</i> | escritor e leitor |
| <i>Oss</i> | guarda-costas de Orfeu |
| <i>Ouriço</i> | ladrão |
| <i>Pardal</i> | cunhado do Cabeça de Víbora, governador de Ombra |
| <i>Pássaro Tisnado</i> | menestrel, cuspidor de fogo |
| <i>Paula</i> | neta de Fenoglio |
| <i>Perna de Pau</i> | ladrão |
| <i>Pífaró</i> | menestrel de Capricórnio, heraldo do Cabeça de Víbora |
| <i>Pippo</i> | neto de Fenoglio |
| <i>Polegar</i> | guarda-costas do Cabeça de Víbora |
| <i>Povo Colorido</i> | menestréis do Mundo de Tinta: malabaristas, mágicos, dançarinos de corda bamba, cuspidores de fogo, atiradores de faca... |
| <i>Príncipe</i> | ver <i>Príncipe Negro</i> |
| <i>Príncipe de Prata</i> | ver <i>Cabeça de Víbora</i> |
| <i>Príncipe de Sal</i> | avô de Violante por parte de mãe |
| <i>Príncipe dos Bêbados</i> | ver <i>Príncipe Porcino</i> |
| <i>Príncipe Negro</i> | rei dos menestréis, chefe dos ladrões, dono do urso |
| <i>Príncipe Porcino</i> | senhor do castelo e das terras de Ombra, pai de Cosme, o Belo, sogro de Violante |
| <i>Quartzo Rosa</i> | homem de vidro de Fenoglio |
| <i>Raposa Vermelha</i> | um dos homens de Capricórnio, sucessor de Capricórnio, heraldo do Cabeça de Víbora |
| <i>Resa</i> | Theresa Folchart: mulher de Mo, mãe de Meggie |
| <i>Rico</i> | neto de Fenoglio |
| <i>Rosanna</i> | filha mais nova de Dedo Empoeirado e Roxane |

| | |
|-------------------------|--|
| <i>Roxane</i> | mulher de Dedo Empoeirado, antes menestrel, curandeira |
| <i>Taddeo</i> | bibliotecário no Castelo da Noite |
| <i>Tecelão de Tinta</i> | ver <i>Fenoglio</i> |
| <i>Theresa</i> | ver <i>Resa</i> |
| <i>Toca do Texugo</i> | esconderijo dos ladrões |
| <i>Tullio</i> | pajem do Príncipe Porcino e de Violante |
| <i>Urso</i> | companheiro fiel do Príncipe Negro |
| <i>Urtiga</i> | curandeira |
| <i>Vagabundo</i> | ladrão |
| <i>Víbora</i> | ver <i>Cabeça de Víbora</i> |
| <i>Sorrateiro</i> | marta com chifres de Dedo Empoeirado e Farid |
| <i>Violante</i> | Violante, a Feia: filha do Cabeça de Víbora, viúva de Cosme, mãe de Jacopo |
| <i>Vito</i> | um dos soldados de Violante |

Referências bibliográficas



- Andrade, Carlos Drummond de: "Procura da poesia". In: *A rosa do povo*. Record, 2001.
- Anônimo: "I shall not pass this way again". In: *A child's anthology of poetry*, Nova York, 1995.
- Armstrong, Alan: "Whittington". In: *ibidem*, *Whittington*, Random House, Nova York, 2005.
- Atwood, Margaret: *O assassino cego*. Editora Rocco, 2001.
- Bachmann, Ingeborg: "Dunkles zu sagen". In: *ibidem*, *Dass noch tausend und ein Morgen wird*. Piper Verlag GmbH, München, 1983.
- Bellow, Saul: *O rei da chuva*. Nova Fronteira, 1978.
- Berry, Wendell: "The peace of wild things". In: *Selected poems of Wendell Berry*, Counterpoint, EUA, 1998.
- Bradbury, Ray: *The martian chronicles*.
- Brecht, Bertold: "Die Maske des Bösen". In: Bertold Brecht, *Werke. Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausgabe*, Volume 12: poema 2., Surkamp Verlag Frankfurt am Main, 1988.
- Bringsværd, Tor Age: "Die wilden Götter". Eichborn AG, Frankfurt am Main, 2001.
- Causley, Charles: "I Am the song". In: *Staying alive — Real poems for unreal times*, Nova York, 2003.
- Chaucer Geoffrey: *Contos da Cantuária*. TA Queiroz, 1991.

- Collins, Billy: "On turning ten". In: *The art of drowning by Billy Collins*, 1995.
- Dickinson, Emily: "Lost". In: *Collected poems*, Nova York, 1982.
- Eliot, Thomas S.: "Little gidding". In: *The complete poems and plays 1909 — 1950*, Nova York, 1971.
- Ende, Michael: *Jim Knopf e os treze piratas*. Martins Editora, 1993.
- Fenoglio: "As canções do Gaio". In: *As canções do Gaio*, ilustrado por Balbulus, Ombra, 2007.
- Glück, Louise: "Lament". In: *ibidem, Vida nova*, Nova York, 2001.
- Glück, Louise: "Child crying out e first memory". In: *ibidem, Ararat*, Nova York, 1992.
- Goldman, William: "The princess bride". In: *The princess bride*, 1973. *Ver o clássico conto de Morgenstern sobre amor verdadeiro e aventuras edificantes*.
- Gowdy, Barbara: *O osso branco*. Rocco, 2004.
- Grahame, Kenneth: *The wind in the willows*.
- Greene, Graham: "Advice to writers". In: *Advice to writers*. (Org.) John Winokur, Nova York, 1999.
- Haavikko, Paavo: *Nur leicht atem die Bäume*. In: *ibidem, Nur leicht atem die Bäume*. Volk + Welt, Berlim, 1991.
- Hughes, Ted: "The secret of man's wife, leftovers, the playmate, how sparrow saved the birds". In: *Dreamfighter*. Faber & Faber, London, 2003.
- Irving, John: *The cider house rule*.
- Irving, Washington: "The legend of sleepy hollow". In: *The legend of sleepy hollow*, Nova York, 1990.
- Lalić, Ivan V.: "Places We Love". In: *Staying alive — Real poems for unreal times*, Nova York, 2004.
- Lanagan, Margo: *Black juice*. © 2004 by Margo Lanagan.
- Mahon, Derek: "Lives". In: *Staying alive — Real poems for unreal times*, Nova York, 2004.
- Molina, Antonio Muñoz: "El poder de la pluma". In: *PEN America — World Voices*, Nova York, 2006.

- Niffenegger, Audrey: *A mulher do viajante do tempo*. Objetiva, Rio de Janeiro, 2009.
- Nix, Garth: *Sabriel*.
- Noyce, Alfred: "The highwayman". In: *Once upon a poem, Frome/Somerset*, 2004.
- Oliver, Marx: "Wild geese". In: *Staying alive — Real poems for unreal times*, Nova York, 2004.
- Peake, Mervyn: *Gormenghast*. Klett-Cotta, Stuttgart, 1982.
- Pugh, Sheenagh: "What if this road". In: *ibidem, Id's Hospit*, Bridgend/Wales, 1997.
- Pullman, Philip: *A luneta âmbar*. Objetiva, 2007.
- Rilke, Rainer Maria: "Larenopfer". In: *ibidem, Erste Gedichte (Vigilien III)*, Frankfurt am Main, 1955.
- Rilke, Rainer Maria: "Improvisationen aus dem Capreser Winter (III)". In: *ibidem, Werke in drei Bänden, Band II: Gedichte, Übertragungen*, Frankfurt am Main, 1966.
- Rilke, Rainer Maria: "Schlussstück". In: *ibidem, Werke in drei Bänden, Band I: Gedicht-Zyklen*, Frankfurt am Main, 1966.
- Rilke, Rainer Maria: "Schutzengel". In: *ibidem, Werke in drei Bänden, Band I: Gedicht-Zyklen*, Frankfurt am Main, 1966.
- Rimbaud, Arthur: "Os poetas de sete anos". In: *ibidem, Poesia completa*, Topbooks 2007.
- Rowling, J. K.: *Harry Potter e o cálice de fogo*. Rocco, 2001.
- Rushdie, Salman: *Os filhos da meia-noite*. Companhia das Letras, 2006.
- Rushdie, Salman: *Haroun e o mar de histórias*. Companhia das Letras, 1998.
- Russell, Norman H.: "The message of the rain". In: *A child's anthology of poetry*.
- Singer, Isaac Bashevis: In: *Advice to writers*, (org.) John Winokur, Nova York, 1999.
- Sontag, Susan: "A cena da carta". In: *Telling tales*, (org.) Nadine Gordimer.
- Steinbeck, John: *Travels with Charley*.

- Stevens, Wallace: "Thirteen ways of looking at a blackbird". In: *A child's anthology of poetry*, Nova York, 1995.
- Stevenson, Robert Louis: "The land of story books". In: *A child's anthology of poetry*, Nova York, 1995.
- Stewart, Paul: *O caçador de tormentas*. Companhia das Letras, 2008.
- Villon, François: "Balada com a qual Villon conclui o testamento". In: *ibidem*, *Testamento*. Itatiaia Editora, 1987.
- Werfel, Franz: "Beschwörungen 1918-1921". In: *ibidem*, *Gedichte aus den Jahren 1918-1945*. Fischer Verlag, Frankfurt am Main, 1953.
- White, T.H.: "Único e eterno rei". Livros 1, 2 e 4. In: *ibidem*, *Único e eterno rei*. Francis, 2005.
- William Butler Yeats: "Er wünscht sich die Kleider des Himmels". In: *ibidem*, *Die Gedichte*. Luchterhand Literaturverlag, 2006.
- Zusak, Markus: *A menina que roubava livros*. Intrínseca, 2007.
- Zusak, Markus: *Eu sou o mensageiro*. Intrínseca, 2007.

Cornelia Funke nasceu em 1958, em Dorsten, na Alemanha. Escritora e ilustradora especializada em literatura infantojuvenil, já publicou mais de cinquenta livros para esse público, traduzidos para cerca de quarenta línguas, e pelos quais recebeu diversos prêmios literários. Dela, a Seguinte publicou *O senhor dos ladrões*, *O cavaleiro do dragão*, *A maldição da pedra* e a trilogia Mundo de Tinta — cujo primeiro volume, *Coração de tinta*, adaptado para o cinema, tornou-se um best-seller mundial, com milhões de exemplares vendidos.

Copyright © 2007 by Cecile Dressler Verlag
GmbH & Co. KG, Hamburgo, Alemanha

A publicação desta obra recebeu
o apoio do Instituto Goethe.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Tintentod

Capa

Cornelia Funke

Preparação

Carlos Alberto Bárbaro

Revisão

Carmen S. da Costa

Márcia Moura

ISBN 978-85-8086-972-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Table of Contents

Rosto

Agradecimentos

Sumário

1. Nada além de um cachorro e uma folha de papel

2. Somente um vilarejo

3. Prata escrita

4. Roupas de tinta

5. Fenoglio tem pena de si mesmo

6. Triste Ombra

7. Uma visita perigosa

8. A dor de Roxane

9. Artimanha

10. Como se nada tivesse acontecido

11. Doente de saudade

12. Novamente a serviço de Orfeu

13. No meio do coração

14. Notícia de Ombra

15. Palavras em voz alta, palavras em voz baixa

16. A oferta do Pífaru

17. O falso medo

18. Um ajudante perigoso

19. Mãos de soldado

20. Uma noite insone

21. Palavras más

22. Mordendo a isca

23. O cemitério dos menestréis

24. Culpa

25. Fim e começo

26. Uma voz conhecida

27. Perdido e de volta

28. Uma nova canção

29. Visita no porão de Orfeu

- [30. O fogo do Pássaro Tisnado](#)
- [31. A resposta do Gaio](#)
- [32. Finalmente](#)
- [33. Ervas para a Feia](#)
- [34. Queimadas](#)
- [35. A próxima estrofe](#)
- [36. A visita surpresa](#)
- [37. Apenas uma gralha](#)
- [38. Lembranças ao Pífaró](#)
- [39. Crianças roubadas](#)
- [40. Uma nova gaiola](#)
- [41. Imagens feitas de cinzas](#)
- [42. A audiência com o Cabeça de Víbora](#)
- [43. Quatro frutas vermelhas](#)
- [44. A mão da morte](#)
- [45. Escrito e não escrito](#)
- [46. O Castelo no Lago](#)
- [47. O papel das mulheres](#)
- [48. A espera](#)
- [49. Novos e antigos senhores](#)
- [50. Velho preguiçoso](#)
- [51. Os falsos ajudantes](#)
- [52. Os mortos na floresta](#)
- [53. Ninhos de humanos](#)
- [54. Um sussurro branco](#)
- [55. Na hora errada](#)
- [56. Fogo e escuridão](#)
- [57. Tarde demais?](#)
- [58. Ajuda das distantes montanhas](#)
- [59. O anjo do Gaio](#)
- [60. Mãe e filho](#)
- [61. Trocando de roupa](#)
- [62. Negro](#)
- [63. Ah, Fenoglio!](#)
- [64. Luz](#)
- [65. Visível](#)

[66. Amor vestido de ódio](#)
[67. O outro nome](#)
[68. De volta](#)
[69. Na câmara do Cabeça de Víbora](#)
[70. Palavras em chamas](#)
[71. O Encadernador](#)
[72. Tantas lágrimas](#)
[73. O íncubo](#)
[74. A outra página](#)
[75. O livro](#)
[76. A noite branca](#)
[77. Fim](#)
[78. A carta errada](#)
[79. Partida](#)
[80. Ombra](#)
[81. Mais tarde](#)
[Quem é quem](#)
[Referências bibliográficas](#)
[Sobre a autora](#)
[Créditos](#)